

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**O ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA NOS
CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA – ESTUDO DE CASO REALIZADO NA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Doutorado em Ensino de Ciências, Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação

Márcia Regina Pfuetzenreiter

Orientador: Prof. Dr. Arden Zylbersztajn

Co-orientador: Prof. Dr. Fernando Dias de Avila-Pires

FLORIANÓPOLIS

2003



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

“O ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA NOS
CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA - ESTUDO DE CASO REALIZADO NA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA”

Tese submetida ao Colegiado do Curso de Pós-
Graduação em Educação do Centro de Ciências
da Educação em cumprimento parcial para a
obtenção do título de Doutora em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 12/12/2003

Dr. Arden Zylbersztajn (CFM/UFSC-Orientador)

Dr. Fernando Dias de Ávila-Pires (UFSC/FIOCRUZ-Co-orientador)

Dr. Demétrio Delizoicov Neto (CED/UFSC-Examinador)

Dr. Hermann Gonçalves Schatzmayr (FIOCRUZ/RJ-Examinador)

Dr. José Maria Wiest (UFRGS/RS-Examinador)

Dra. Nadir Ferrari (CCB/UFSC-Examinadora)

Dra. Edel Ern (CED/UFSC-Suplente)

Dr. Edmundo Carlos de Moraes (CCB/UFSC-Suplente)

Diana Carvalho de Carvalho
Profª Diana Carvalho de Carvalho
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação

Márcia Regina Pfuetzenreiter
MÁRCIA REGINA PFUETZENREITER

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/DEZEMBRO/2003

Aos garotos da minha vida:
Fritz, Élio e Felipe.

Eu te amo porque te amo.
(...)
Amor foge a dicionários
E a regulamentos vários.

Carlos Drummond de Andrade

AGRADECIMENTOS

Foram quatro anos como aluna regular e um ano como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação. Neste período, entrei em contato com uma área diferente da minha formação como médica veterinária e aprendi muito. Presto uma homenagem a cada um que foi especial e que de alguma forma contribuiu para a realização deste trabalho.

Aos meus orientadores: Prof. Dr. Arden Zylbersztajn por ter aceitado o desafio desta orientação e com sua paciência e generosidade me proporcionado liberdade para realizar a tese e permitido que eu desenvolvesse autonomia. Como excelente orientador e ótimo leitor, conduziu o trabalho de maneira serena e segura. Ao Prof. Dr. Fernando Dias de Avila-Pires, que como co-orientador forneceu valiosas sugestões e com sua experiência apresentou argumentos ponderados às minhas preocupações.

Ao Prof. Dr. Demétrio Delizoicov pelos debates em torno do pensamento de Fleck, e também a Marco Aurélio da Ros e Luiz Roberto Agea Cutolo pelo estímulo para utilizar este referencial.

À Profa. Dra. Edel Ern pelas observações e comentários feitos durante o Exame de Qualificação, que foram muito importantes para a continuação e conclusão do trabalho.

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Educação pelos ensinamentos.

Ao Prof. Dr. José Maria Wiest, por ter lido o texto de qualificação, ter se colocado à disposição para discutir comigo durante algumas horas, mas, sobretudo por ter mostrado a importância da finalização deste trabalho de forma consistente.

Aos professores: Aloísio Marcondes César e Cristiane Pelizzaro Batalha, que num gesto de coleguismo ministraram as aulas que estavam sob minha responsabilidade.

À Universidade do Estado de Santa Catarina, por ter propiciado minha saída para a realização do curso.

À CAPES pelo suporte financeiro.

À Direção do Centro de Ciências Agroveterinárias representado pelos Profs. Drs. Paulo César Cassol, André Thaler Neto e Luiz Sangoi pelo apoio na realização

do estudo de caso no curso de Medicina Veterinária da Universidade do Estado de Santa Catarina e pela confiança no trabalho que desenvolvo em educação veterinária.

Aos funcionários da Secretaria do CAV, na pessoa de Adair Walter Antunes, pelo rápido atendimento às minhas solicitações.

Ao Prof. David J. Miquelluti e a Valmir E. Paes que na época em que estavam no Setor de Coordenação de Estágios, forneceram dados sobre os estágios realizados pelos alunos do curso de Medicina Veterinária.

Ao Prof. Jari Lima, que enquanto Coordenador do Curso de Medicina Veterinária cedeu espaço físico para a realização de muitas entrevistas.

Aos colegas de profissão: Prof. Eduardo de Bastos Santos (UFRGS), Prof. Dr. César Augusto Avancini (UFRGS), Médico Veterinário Jorge Garcia (Epagri), que forneceram textos importantes para o trabalho.

Ao amigo Prof. Huldo Cabral Cony, pelo acolhimento e pela estada em Porto Alegre.

À Prof. Dra. Clotilde L. Branco Germiniani pela leitura do projeto, pelos comentários e encaminhamento de bibliografia.

Ao Presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária, Médico Veterinário Alaor Corrêa da Silva Filho, pelo apoio ao meu trabalho.

Aos coordenadores/diretores e secretaria dos cursos de Medicina Veterinária da UFBA, UFF, UFMG, UFPR, UFRGS, EFRPE, UFRRJ e USP por terem encaminhado o material solicitado para a análise documental.

A todos os entrevistados que despenderam seu tempo e prestaram valiosas contribuições para que este trabalho pudesse ser realizado.

A Luiz Roberto Borba pelo auxílio prestado.

A Maria Cristina Arruda que de maneira sutil me indicou muitos caminhos e soube ouvir minhas inquietações.

E por último, mas mais importante, à minha família que com carinho me incentivou e me compreendeu nos momentos difíceis, e aos “bichinhos da casa”, que transmitiram muita doçura e tranquilidade.

The final objective of veterinary medicine does not lie... in the animal species that the veterinarian commonly treats. It lies very definitely in man, and above all in humanity.

M. Martinez Baez

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS.....	x
LISTA DE QUADROS.....	xi
LISTA DE TABELAS.....	xii
LISTA DE SIGLAS.....	xx
RESUMO.....	xxi
ABSTRACT.....	xxiii
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 A EPISTEMOLOGIA DE LUDWIK FLECK COMO REFERENCIAL PARA A PESQUISA NO ENSINO NA ÁREA DE SAÚDE.....	10
2.1 AS CATEGORIAS EPISTEMOLÓGICAS DE LUDWIK FLECK – IDÉIAS CENTRAIS DO AUTOR.....	11
2.2 UTILIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE FLECK COMO REFERENCIAL PARA A PESQUISA NO ENSINO NA ÁREA DE SAÚDE.....	22
2.3 A ATIVIDADE PRÁTICA COMO NORTEADORA PARA A CONSTITUIÇÃO DE UM ESTILO DE PENSAMENTO.....	28
2.4 POR QUE O REFERENCIAL DE FLECK TEM SIDO UTILIZADO EM PESQUISAS NO ENSINO DAS CIÊNCIAS APLICADAS?.....	30
2.5 O PENSAMENTO FLECKIANO COMO EIXO ORIENTADOR DESTES TRABALHOS.....	32
3 PRINCIPAIS CAMPOS DE ATUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA – OS ESTILOS DE PENSAMENTO.....	36
3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS CAMPOS DE ATIVIDADE DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA.....	42
3.1.1 A Vinculação entre os Três Campos.....	43
3.1.2 Aspectos do Estilo de Pensamento Denominado de Clínica Veterinária (CV).....	46
3.1.3 Aspectos do Estilo de Pensamento Denominado de Zootecnia e Produção Animal (ZPA).....	47
3.1.4 Aspectos do Estilo de Pensamento Denominado de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (MVPSP).....	47
3.2 A MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA.....	48
3.2.1 As Protoidéias – O Surgimento das Atividades de Medicina Veterinária Preventiva.....	49
3.2.2 A Instalação do Estilo de Pensamento – A Saúde Pública Veterinária.....	53
3.2.3 A Extensão do Estilo de Pensamento – Cenário Atual e Tendências para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.....	61
4 ALGUMAS ANOTAÇÕES SOBRE PESQUISA EM EDUCAÇÃO.....	66
4.1 MATERIAL E MÉTODOS EMPREGADOS NA PESQUISA.....	75
4.1.1 Primeira Parte do Estudo de Caso: Análise Documental.....	76
4.1.2 Segunda Parte do Estudo de Caso: Estudo das Percepções de Estudantes, Professores e Profissionais da Medicina Veterinária.....	77
4.2 ALCANCES E LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO.....	79
5 O ENSINO DE MEDICINA VETERINÁRIA NO BRASIL.....	81
5.1 ANTECEDENTES.....	81
5.2 ORIGENS DOS CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA NO BRASIL.....	83
5.3 ESCOLAS PIONEIRAS EM FUNCIONAMENTO.....	85

5.4	SITUAÇÃO ATUAL DOS CURSOS NO PAÍS.....	86
5.5	EVOLUÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA.....	88
5.5.1	Os Currículos Mínimos.....	89
5.5.2	As Diretrizes Curriculares.....	93
5.6	A MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA NAS DIRETRIZES CURRICULARES (LEI 9.394/96).....	97
5.7	OS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA DAS ESCOLAS PIONEIRAS, DE ACORDO COM OS ESTILOS DE PENSAMENTO.....	99
5.7.1	Universidade Federal da Bahia (UFBA).....	100
5.7.2	Universidade Federal Fluminense (UFF).....	102
5.7.3	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).....	104
5.7.4	Universidade Federal do Paraná (UFPR).....	106
5.7.5	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).....	108
5.7.6	Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).....	110
5.7.7	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).....	113
5.7.8	Universidade de São Paulo (USP).....	114
5.8	OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE OS CURRÍCULOS DAS ESCOLAS PIONEIRAS.....	116
6	O CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC) – ANÁLISE DOCUMENTAL	118
6.1	BREVE DESCRIÇÃO SOBRE O CURSO.....	118
6.2	EVOLUÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC.....	123
6.3	EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC.....	139
6.4	ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE A EVOLUÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC.....	140
6.5	OS ESTILOS DE PENSAMENTO NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DAS ESCOLAS PIONEIRAS E NO CURSO DA UDESC.....	146
7	O CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES, PROFESSORES E MÉDICOS VETERINÁRIOS	151
7.1	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM CALOUROS DO CURSO.....	151
7.1.1	Dados Gerais dos Calouros.....	152
7.1.2	Motivos da Escolha do Curso de Medicina Veterinária pelos Calouros e Expectativas.....	153
7.1.3	Percepções dos Calouros sobre a Profissão.....	159
7.1.4	Percepções dos Calouros sobre o Trabalho do Médico Veterinário no Campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.....	169
7.1.5	Comentários Gerais dos Calouros.....	173
7.2	ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS FORMANDOS DO CURSO.....	176
7.2.1	Características Gerais dos Formandos.....	176
7.2.2	Percepções dos Formandos sobre o Curso.....	178
7.2.3	Percepções dos Formandos sobre a Profissão.....	194
7.2.4	Percepções dos Formandos sobre o Trabalho do Médico Veterinário em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.....	206

7.2.5	Comentários Adicionais dos Formandos.....	218
7.2.6	Áreas Frequentadas no Estágio Obrigatório pelos Formandos no Período de 1992 a 2001.....	219
7.3	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM PROFESSORES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC.....	227
7.3.1	Dados Gerais dos Professores do Curso.....	227
7.3.2	Percepções dos Professores sobre o Curso.....	229
7.3.3	Percepções dos Professores sobre a Profissão.....	251
7.3.4	Percepções dos Professores sobre o Estilo de Pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.....	265
7.3.5	Comentários Adicionais dos Professores.....	277
7.4	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM MÉDICOS VETERINÁRIOS DA REGIÃO SERRANA DE SANTA CATARINA.....	279
7.4.1	Forma de Seleção dos Médicos Veterinários Entrevistados.....	279
7.4.2	Dados Gerais dos Médicos Veterinários Entrevistados.....	281
7.4.3	Percepções dos Veterinários sobre os Cursos de Medicina Veterinária....	283
7.4.4	Percepções dos Médicos Veterinários sobre a Profissão.....	295
7.4.5	Percepções dos Veterinários sobre a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.....	303
7.4.6	Comentários Adicionais dos Médicos Veterinários.....	319
8	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	322
8.1	PRINCIPAIS PONTOS OBSERVADOS NA PESQUISA DOCUMENTAL E NAS ENTREVISTAS.....	322
8.2	NOVOS RUMOS PARA A EDUCAÇÃO VETERINÁRIA: REFORMA OU MUDANÇA?.....	341
8.2.1	Os Desafios para o Ensino da Medicina Veterinária.....	342
8.2.2	As Transformações no Âmbito da Composição Curricular.....	346
8.2.3	Proposições para o Ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.....	358
8.2.4	Perspectivas para o Ensino da Medicina Veterinária.....	361
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	363
	ANEXOS	375

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

GRÁFICO 1	– PERCENTAGEM DE CADA ESTILO DE PENSAMENTO DENTRO DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS NOS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC.....	145
GRÁFICO 2	– PERCENTAGEM DE FORMANDOS DE ACORDO COM O GÊNERO NO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – 1992-2001.....	221
GRAFICO 3	– ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS REALIZADOS PELOS FORMANDOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC NOS DIVERSOS CAMPOS DE ATUAÇÃO DA MEDICINA VETERINÁRIA – 1992-2001.....	223
GRÁFICO 4	– ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS REALIZADOS EM CLÍNICA E/OU CIRURGIA PELOS FORMANDOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – 1992-2001.....	224
FIGURA 1	– REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA COMPOSIÇÃO CURRICULAR PARA O CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DISPOSTA SOB A FORMA DE UM SISTEMA ABERTO.....	352

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	– CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS CAMPOS DE ATUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	44
QUADRO 2	– CURRÍCULO MÍNIMO PARA O CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA APROVADO EM 1962 (PARECER Nº 256/62)	89
QUADRO 3	– CURRÍCULO MÍNIMO PARA O CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA APROVADO EM 1984 (RESOLUÇÃO Nº 10/84).....	91
QUADRO 4	– CONTEÚDOS CURRICULARES ESSENCIAIS PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA, DE ACORDO COM AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS.....	96
QUADRO 5	– DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DAS CIÊNCIAS DA MEDICINA VETERINÁRIA DE ACORDO COM AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS.....	96
QUADRO 6	– DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFBA.	102
QUADRO 7	– DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFF...	104
QUADRO 8	– DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFMG	106
QUADRO 9	– DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFPR	108
QUADRO 10	– DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFRGS.....	110
QUADRO 11	– DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFRPE.....	112
QUADRO 12	– DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFRRJ.....	114
QUADRO 13	DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA USP...	116
QUADRO 14	– DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UDESC.....	139
QUADRO 15	– PRÉ-REQUISITOS DAS DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA NOS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC.....	141

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	– CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA EXISTENTES NO BRASIL – 2003.....	87
TABELA 2	– CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFBA.....	101
TABELA 3	– CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFF.....	103
TABELA 4	– CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFMG.....	105
TABELA 5	– CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFPR.....	107
TABELA 6	– CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRGS.....	109
TABELA 7	– CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRPE.....	111
TABELA 8	– CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRRJ.....	113
TABELA 9	– CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA USP.....	115
TABELA 10	– COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS BÁSICAS.....	127
TABELA 11	– COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS DO ESTILO DE PENSAMENTO DA CLÍNICA VETERINÁRIA.....	128
TABELA 12	– COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS DO ESTILO DE PENSAMENTO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA.....	129

TABELA 13	– COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS DO ESTILO DE PENSAMENTO DA ZOOTECNIA E PRODUÇÃO ANIMAL.....	129
TABELA 14	– COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS DE MESCLAS DE ESTILOS DE PENSAMENTO.....	130
TABELA 15	– COMPARAÇÃO DOS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC - MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS DE OUTROS ESTILOS DE PENSAMENTO	130
TABELA 16	– CARGA HORÁRIA DOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO ATUAL CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO CONSEPE 030/99) – 1999.....	143
TABELA 17	– CARGA HORÁRIA MÉDIA DOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC.....	143
TABELA 18	– CARGA HORÁRIA RELATIVA AOS ESTILOS DE PENSAMENTO DOS CURSOS DAS ESCOLAS PIONEIRAS E DO CURSO DA UDESC.....	147
TABELA 19	– CARGA HORÁRIA RELATIVA ÀS ATIVIDADES DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA NOS CURSOS DAS ESCOLAS PIONEIRAS E NO CURSO DA UDESC.....	148
TABELA 20	– CURSOS PARA OS QUAIS OS CALOUROS JÁ PRESTARAM VESTIBULAR, ALÉM DE MEDICINA VETERINÁRIA.....	414
TABELA 21	– MOTIVOS DA ESCOLHA DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA PELOS CALOUROS.....	414
TABELA 22	– DISCIPLINAS OU ASSUNTOS QUE OS CALOUROS JULGAM QUE TERIAM MAIOR PREFERÊNCIA DURANTE O CURSO.....	415
TABELA 23	– DISPOSIÇÃO DAS DISCIPLINAS OU ASSUNTOS QUE OS CALOUROS JULGAM QUE TERIAM MAIOR PREFERÊNCIA, DENTRO DOS ESTILOS PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	415
TABELA 24	– EXPECTATIVAS DOS CALOUROS COM RELAÇÃO AOS ASSUNTOS OU DISCIPLINAS QUE ELES SUPÕEM QUE MAIS IRIAM LHESS INTERESSAR.....	416
TABELA 25	– NOTÍCIAS RELACIONADAS À MEDICINA VETERINÁRIA QUE MAIS CHAMARAM A ATENÇÃO DOS CALOUROS.....	416
TABELA 26	– DISPOSIÇÃO DOS ASSUNTOS VEICULADOS PELA IMPRENSA QUE CHAMARAM A ATENÇÃO DOS ALUNOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA.....	417
TABELA 27	– ATIVIDADES DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA QUE DESPERTARAM MAIOR INTERESSE PELOS CALOUROS..	417

TABELA 28	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES CITADAS PELOS CALOUROS COMO AS MAIS INTERESSANTES DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	418
TABELA 29	– ATIVIDADES QUE OS CALOUROS PRETENDIAM ACOMPANHAR DURANTE O CURSO.....	418
TABELA 30	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES QUE OS CALOUROS PRETENDIAM ACOMPANHAR, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	418
TABELA 31	– ATIVIDADES NAS QUAIS OS CALOUROS PRETENDIAM SE ESPECIALIZAR DEPOIS DE FORMADOS.....	419
TABELA 32	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES NAS QUAIS OS CALOUROS PRETENDIAM SE ESPECIALIZAR DEPOIS DE FORMADOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	419
TABELA 33	– ATIVIDADES QUE PODEM SER DESEMPENHADAS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS, NA OPINIÃO DOS CALOUROS.....	420
TABELA 34	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES APONTADAS PELOS CALOUROS QUE PODEM SER DESEMPENHADAS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	420
TABELA 35	– OPORTUNIDADES DE TRABALHO RECONHECIDAS PELOS CALOUROS DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA.....	421
TABELA 36	– DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS IDENTIFICADAS COMO OPORTUNIDADES DE TRABALHO PELOS CALOUROS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	421
TABELA 37	– ÁREAS CONSIDERADAS PELOS CALOUROS COMO MAIS PROMISSORAS EM TERMOS DE MERCADO DE TRABALHO, DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA.....	422
TABELA 38	– DISPOSIÇÃO DAS ÁREAS CITADAS PELOS CALOUROS COMO MAIS PROMISSORAS NO MERCADO DE TRABALHO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	422
TABELA 39	– CONHECIMENTOS DOS CALOUROS SOBRE AS ATIVIDADES DESEMPENHADAS PELO MÉDICO VETERINÁRIO EM MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA.....	423
TABELA 40	– PERÍODO DE INGRESSO DOS FORMANDOS SUBMETIDOS A SORTEIO PARA ENTREVISTA DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC.....	423
TABELA 41	– PERÍODO DE INGRESSO DOS FORMANDOS ENTREVISTADOS NO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC.....	424
TABELA 42	– DISCIPLINAS QUE OS FORMANDOS MAIS GOSTARAM DE CURSAR.....	424

TABELA 43	– DISPOSIÇÃO DAS DISCIPLINAS CITADAS COMO AS PREFERIDAS PELOS FORMANDOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.	425
TABELA 44	– MOTIVOS DA PREDILEÇÃO DOS FORMANDOS PELAS DISCIPLINAS CITADAS COMO PREFERIDAS.....	425
TABELA 45	– CONTEÚDOS QUE MAIS FORAM ENFATIZADOS DURANTE O CURSO, NA OPINIÃO DOS FORMANDOS.....	425
TABELA 46	– DISPOSIÇÃO DAS DISCIPLINAS MAIS ENFATIZADAS NA OPINIÃO DOS FORMANDOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	426
TABELA 47	– CONTEÚDOS QUE RECEBERAM UM APROFUNDAMENTO EXCESSIVO DURANTE O CURSO, NA OPINIÃO DOS FORMANDOS.....	426
TABELA 48	– DISPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS CITADOS PELOS FORMANDOS COMO EXCESSIVAMENTE APROFUNDADOS DURANTE O CURSO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.	426
TABELA 49	– CONHECIMENTOS CONSIDERADOS PELOS FORMANDOS COMO MAIS DEFICIENTES DENTRO DO CURSO.....	427
TABELA 50	– DISPOSIÇÃO DOS CONHECIMENTOS CONSIDERADOS PELOS FORMANDOS COMO MAIS DEFICIENTES NO CURSO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	427
TABELA 51	– ATIVIDADES QUE OS FORMANDOS ACOMPANHARAM OU FIZERAM ESTÁGIO DURANTE O CURSO.....	428
TABELA 52	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES QUE OS FORMANDOS ACOMPANHARAM DURANTE O CURSO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.	428
TABELA 53	– ATIVIDADES ESCOLHIDAS PELOS FORMANDOS PARA REALIZAREM O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO.....	429
TABELA 54	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES ESCOLHIDAS PELOS FORMANDOS PARA CURSAR ESTÁGIO OBRIGATÓRIO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	429
TABELA 55	– ATIVIDADES CONSIDERADAS MAIS INTERESSANTES PELOS FORMANDOS DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA.....	430
TABELA 56	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES CONSIDERADAS MAIS INTERESSANTES PELOS FORMANDOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.	430
TABELA 57	– ATIVIDADES CONSIDERADAS MAIS PROMISSORAS DENTRO DO MERCADO DE TRABALHO PELOS FORMANDOS.....	431
TABELA 58	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES CONSIDERADAS MAIS PROMISSORAS NO MERCADO DE TRABALHO PELOS FORMANDOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	431

TABELA 59	– ATIVIDADES NAS QUAIS OS FORMANDOS PRETENDEM SE ESPECIALIZAR NA PROFISSÃO.....	432
TABELA 60	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES NAS QUAIS OS ENTREVISTADOS PRETENDEM SE ESPECIALIZAR DEPOIS DE FORMADOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	432
TABELA 61	– PRINCIPAIS ATIVIDADES DO MÉDICO VETERINÁRIO EM MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA CITADAS PELOS FORMANDOS.....	433
TABELA 62	– SUGESTÕES APRESENTADAS PELOS FORMANDOS EM RELAÇÃO AO ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA.....	433
TABELA 63	– NÚMERO DE FORMANDOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – 1992 – 2001.....	220
TABELA 64	– ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS REALIZADOS PELOS FORMANDOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA – 1992 – 2001.....	222
TABELA 65	– ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS REALIZADOS NAS ATIVIDADES DO ESTILO DE PENSAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA PELOS ALUNOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – 1992 – 2001.....	226
TABELA 66	– PROFESSORES DOS DEPARTAMENTOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC.....	434
TABELA 67	– NÚMERO DE PROFESSORES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC SORTEADOS.....	434
TABELA 68	– ESTILOS DE PENSAMENTO NOS QUAIS OS PROFESSORES ENTREVISTADOS CONCLUÍRAM SEU GRAU MÁXIMO DE TITULAÇÃO ACADÊMICA.....	435
TABELA 69	– DEFICIÊNCIAS APONTADAS PELOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC.....	435
TABELA 70	– CONTEÚDOS NÃO ABORDADOS OU ABORDADOS DE MANEIRA INSUFICIENTE PELO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC, DE ACORDO COM OS PROFESSORES.....	436
TABELA 71	– DISPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS CITADOS COMO INSUFICIENTES NO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC PELOS PROFESSORES, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	436
TABELA 72	– CONTEÚDOS ABORDADOS DE FORMA EXCESSIVA PELO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC, NA OPINIÃO DOS PROFESSORES.....	437
TABELA 73	– DISPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS ABORDADOS DE FORMA EXCESSIVA PELO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC NA OPINIÃO DOS PROFESSORES, DENTRO DOS CAMPOS DE ATUAÇÃO DA MEDICINA VETERINÁRIA.....	437

TABELA 74	– IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA PELOS PROFESSORES.....	438
TABELA 75	– ÁREAS QUE MAIS SE DESTACAM NA PROFISSÃO, SEGUNDO OS PROFESSORES.....	438
TABELA 76	– DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS QUE MAIS SE DESTACAM NA PROFISSÃO CONFORME OS PROFESSORES, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	439
TABELA 77	– ATIVIDADES MAIS PROMISSORAS COMO OPORTUNIDADE DE TRABALHO DENTRO DA PROFISSÃO, DE ACORDO COM OS PROFESSORES.....	439
TABELA 78	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES MAIS PROMISSORAS COMO OPORTUNIDADE DE TRABALHO NA OPINIÃO DOS PROFESSORES, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	440
TABELA 79	– CONHECIMENTOS QUE OS PROFESSORES CONSIDERAM IMPORTANTES PARA O MÉDICO VETERINÁRIO.....	440
TABELA 80	– ATIVIDADES DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA ABORDADAS NOS CONTEÚDOS MINISTRADOS PELOS PROFESSORES.....	440
TABELA 81	– DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES ABORDADAS PELOS PROFESSORES DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	441
TABELA 82	– ATIVIDADES DO MÉDICO VETERINÁRIO EM MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA LEMBRADAS PELOS PROFESSORES.....	441
TABELA 83	– SUGESTÕES APRESENTADAS PELOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA.....	441
TABELA 84	– SUGESTÕES DOS PROFESSORES QUANTO À DISCIPLINA DE MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA.....	442
TABELA 85	– MÉDICOS VETERINÁRIOS INSCRITOS NA ASSESSORIA DA DELEGACIA REGIONAL DE LAGES DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA DE SANTA CATARINA – 2001.....	442
TABELA 86	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES DOS MÉDICOS VETERINÁRIOS DE LAGES NOS ESTILOS E PENSAMENTO NA MEDICINA VETERINÁRIA – 2001.....	443
TABELA 87	– MÉDICOS VETERINÁRIOS QUE FORAM SORTEADOS E SUBMETIDOS À ENTREVISTA.....	444
TABELA 88	– ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO FREQUENTADOS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS.....	444
TABELA 89	– DISPOSIÇÃO DAS ÁREAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DOS VETERINÁRIOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	445

TABELA 90	– ATIVIDADES EXERCIDAS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS.....	445
TABELA 91	– DISPOSIÇÃO DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES EXERCIDAS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	445
TABELA 92	– ATIVIDADES MAIS ENFATIZADAS NO CURSO FREQUENTADO PELO MÉDICO VETERINÁRIO.....	446
TABELA 93	– DISPOSIÇÃO DAS ÁREAS MAIS ENFATIZADAS QUANDO O VETERINÁRIO FREQUENTOU A GRADUAÇÃO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	446
TABELA 94	– CONTEÚDOS QUE PODERIAM TER SIDO MAIS APROFUNDADOS NO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA FREQUENTADO PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS.....	447
TABELA 95	– DISPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS QUE PODERIAM TER SIDO MAIS APROFUNDADOS NO CURSO FREQUENTADO PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	447
TABELA 96	– CONHECIMENTOS QUE RECEBERAM UM APROFUNDAMENTO EXCESSIVO DURANTE O CURSO FREQUENTADO PELOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS.....	448
TABELA 97	– DISPOSIÇÃO DOS CONHECIMENTOS QUE RECEBERAM UM APROFUNDAMENTO EXCESSIVO DURANTE O CURSO FREQUENTADO PELOS VETERINÁRIOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	448
TABELA 98	– CLASSIFICAÇÃO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA, CONFORME OS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS.....	449
TABELA 99	– ATIVIDADES QUE OFERECEM MELHORES OPORTUNIDADES DE TRABALHO, DE ACORDO COM OS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS.....	450
TABELA 100	– DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES QUE OFERECEM MELHORES OPORTUNIDADES DE TRABALHO SEGUNDO OS MÉDICOS VETERINÁRIOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	450
TABELA 101	– CONHECIMENTOS QUE OS MÉDICOS VETERINÁRIOS JULGAM SER IMPORTANTES PARA O PROFISSIONAL.....	451
TABELA 102	– DISPOSIÇÃO DOS CONHECIMENTOS QUE OS MÉDICOS VETERINÁRIOS JULGAM SER IMPORTANTES PARA O PROFISSIONAL, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	451
TABELA 103	– CONHECIMENTOS CONSIDERADOS IMPORTANTES DENTRO DO ESTILO DE PENSAMENTO DO MÉDICO VETERINÁRIO ENTREVISTADO.....	452

TABELA 104	– DISPOSIÇÃO DOS CONHECIMENTOS CONSIDERADOS IMPORTANTES NO ESTILO DE PENSAMENTO DO MÉDICO VETERINÁRIO ENTREVISTADO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA.	453
TABELA 105	– CONHECIMENTOS DE MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA UTILIZADOS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS.....	453
TABELA 106	– ATIVIDADES QUE PODEM SER DESEMPENHADAS PELO VETERINÁRIO EM MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA, DE ACORDO COM OS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS.....	453
TABELA 107	– SUGESTÕES APRESENTADAS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS EM RELAÇÃO AO ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA.....	454

LISTA DE SIGLAS

CAV	– Centro de Ciências Agroveterinárias
CIDASC	– Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina
CV	– Clínica Veterinária
EPAGRI	– Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
MVPSP	– Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública
UDESC	– Universidade do Estado de Santa Catarina
UFBA	– Universidade Federal da Bahia
UFF	– Universidade Federal Fluminense
UFMG	– Universidade Federal de Minas Gerais
UFPR	– Universidade Federal do Paraná
UFRGS	– Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRPE	– Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRRJ	– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
USP	– Universidade de São Paulo
ZPA	– Zootecnia e Produção Animal

RESUMO

O ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA NOS CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA – ESTUDO DE CASO REALIZADO NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

É apresentado um estudo de caso realizado no curso de Medicina Veterinária da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O trabalho tem como propósito analisar o ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Identificou-se três campos principais dentro da Medicina Veterinária relacionados com as atividades práticas realizadas na profissão: Clínica Veterinária, Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, e, Zootecnia e Produção Animal. A epistemologia de L. Fleck foi utilizada como fundamento do trabalho, estabelecendo-se relação entre a categoria epistemológica estilo de pensamento e os campos de atuação dos profissionais. O estudo de caso contou com a análise documental dos currículos do curso da UDESC e a comparação das grades curriculares atualmente seguidas por este curso e pelos cursos das escolas pioneiras de Medicina Veterinária. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas aplicadas individualmente em estudantes e professores do curso e em médicos veterinários da região Serrana de Santa Catarina, para obter as percepções e expectativas desses segmentos com relação à Medicina Veterinária. A análise dos dados obtidos no estudo documental e nas entrevistas indicou que as concepções de natureza social e preventiva recebem pouco destaque dentro do curso, o que faz com que o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública seja pouco enfatizado em relação aos outros estilos presentes na profissão. Para reverter esse quadro é necessário que se instaure um processo de transformação na estrutura do pensamento coletivo que deve se iniciar por uma atitude reflexiva sobre a índole da profissão. Também é necessário estimular a circulação inter e intra-coletiva de idéias para favorecer o aparecimento de novas formas de pensamento. Os círculos esotéricos dos vários estilos de pensamento precisam esclarecer os segmentos da população (círculos exotéricos) sobre as atividades realizadas pelo médico veterinário para que adotem uma concepção mais ampla sobre a profissão e possam legitimar e fortalecer os estilos de pensamento a que estão ligados, além de exercer influências sobre a educação veterinária. Sugere-se modificação no âmbito da composição curricular baseada na Teoria Geral dos Sistemas, dispondo-se de núcleos correspondentes aos três campos de atuação – que abordariam os conteúdos fundamentais de cada estilo de pensamento – e um núcleo básico, todos permeados pelos conhecimentos das ciências humanas e sociais. A integração entre os diversos níveis da organização curricular seria feita por meio de atividades complementares e a ligação desse sistema aberto com o meio exterior ocorreria por meio de projetos

interdisciplinares. As proposições para o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública incluem o aumento da participação da área nas atividades de saúde, meio ambiente e agricultura; a conscientização dos profissionais de saúde e da população sobre as atividades do veterinário no âmbito da saúde; e, a ampliação da área nos cursos com o estabelecimento dos objetivos de ensino. O panorama apresentado no estudo de caso sofrerá modificações se os vários segmentos da Universidade se conscientizarem da importância de proporcionar uma formação integral ao estudante, que atenda de maneira equilibrada todos os estilos de pensamento presentes na profissão.

Palavras-chave: Medicina Veterinária; Saúde Pública; Educação Veterinária; Currículo; Fleck

ABSTRACT

THE TEACHING OF PREVENTIVE VETERINARY MEDICINE AND PUBLIC HEALTH IN PROGRAMS OF VETERINARY MEDICINE – CASE STUDY CONDUCTED IN SANTA CATARINA STATE UNIVERSITY

A case study, carried out in Veterinary Medicine School of Santa Catarina State University (UDESC), is presented in this thesis. The purpose of this work is to analyze the teaching of Preventive Veterinary Medicine and Public Health. Three main fields of activity have been identified within Veterinary Medicine related to the practical activities performed in the profession: Clinical Veterinary Practice, Preventive Veterinary Medicine and Public Health, and Animal Husbandry and Animal Production. The epistemology of L. Fleck was utilized as basis for work, establishing a relation between the epistemological category, the style of thought and the fields of professional activity. The case study was based on document analysis of the curricula of the program at UDESC and a comparison of curricula currently followed by this program with those of the programs of the most advanced schools of Veterinary Medicine. Semi-structured interviews were held individually for students and professors in the program as well as for veterinary doctors in the Mountain region of Santa Catarina, in order to ascertain the perceptions and expectations of those segments in regard to Veterinary Medicine. The data analysis obtained in the document study and the interviews indicated that the conceptions of a social and preventive nature receive little emphasis in the program, which causes the style of thought of Preventive Veterinary Medicine and Public Health to be given slight attention compared with the other styles present in the profession. To reverse this picture it is necessary to begin a transformation process in the structure of collective thought that will give rise to a reflective attitude regarding the role of the profession. It is also necessary to stimulate the inter-intra-collective circulation of ideas to favor the appearance of new forms of thought. Esoteric circles of the various styles of thought must clarify the general segments of the population (exoteric circles) regarding the activities carried out by the veterinary doctor so that they may have a broader conception concerning the profession and may legitimate and strengthen the styles of thought to which they are linked, besides exerting influence on veterinary education. A modification could be suggested within the scope of the curricular composition based on the General Theory of Systems, utilizing the nuclei corresponding to the three fields of activity – which would approach the fundamental contents of each style of thought – and a basic nucleus, all permeated with the knowledge of human and social science. The integration between the various levels of curricular organization is done by means of complementary activities and the link between the open system and the outer environment takes place by means of

interdisciplinary projects. The propositions for the style of thought of Preventive Veterinary Medicine and Public Health include the increase in participation of the area in health, environment and agricultural activities, creating an awareness on the part of health professionals and of the population as a whole, in regard to the activities of the veterinarian within the scope of health; and, the broadening of the area in the courses offered with the establishment of teaching objectives. The panorama presented in the case study will undergo modifications if the various segments of the University become fully aware of the importance of providing the student with an integrated formation, which includes, in a balanced way, all the styles of thought present in the profession.

Key words: Veterinary Medicine; Public Health; Veterinary Education; Curriculum; Fleck

1 INTRODUÇÃO

Em 1972, A Organização Panamericana da Saúde promoveu, na Universidade Federal de Minas Gerais, a realização do 2º Seminário sobre Educação em Medicina Veterinária na América Latina. A finalidade do evento era realizar uma avaliação da situação e do progresso alcançado pelo ensino, com o propósito de determinar em que medida a Medicina Veterinária estaria em condições de atender às demandas sócio-econômicas e de bem-estar das populações. Foram selecionados para discussão os temas relacionados com os problemas mais significativos nas escolas, dentre eles as atividades de planificação e organização de programas em saúde animal e saúde pública. Uma das recomendações do evento foi a de aumentar a participação do médico veterinário nas equipes de saúde para cumprir o objetivo final da profissão veterinária que é o bem-estar humano (Educación Médica y Salud, 1972).

Cruz & Acha (1972), em texto relativo ao mencionado evento, apresentam uma síntese das atividades do médico veterinário na América Latina e enumeram as responsabilidades do médico veterinário na comunidade: a) higiene dos alimentos (inspeção e controle dos alimentos de origem animal); b) saneamento ambiental (atuação no planejamento e instalação de indústrias pecuárias e de processamento de alimentos de origem animal com relação ao tratamento e destino de dejetos); c) promoção da saúde animal (produção de proteína animal e planificação de programas de profilaxia de enfermidades em animais); d) controle de zoonoses (responsabilidade compartilhada entre os organismos governamentais ligados à agricultura e saúde).

Para os autores o médico veterinário é um profissional a serviço dos seres humanos, tanto por suas ações relacionadas à transmissão das enfermidades dos animais como por seus trabalhos de promoção da produção pecuária destinadas à maior disponibilidade de proteínas de origem animal¹. Além do que foi descrito, podem ser mencionadas outras atribuições para a Medicina Veterinária como as pesquisas básicas e aplicadas em virologia, parasitologia, bacteriologia, genética, engenharia genética e biotecnologia.

¹ As atividades desempenhadas pelo médico veterinário na saúde pública estão descritas com maiores detalhes no capítulo 3, seção 3.2.

Nielsen (1997) cita praticamente as mesmas atribuições para a profissão veterinária para o século XXI que foram descritas por Cruz & Acha (1972) e acrescenta que estas questões deveriam ser mais enfatizadas na formação veterinária. O profissional de Medicina Veterinária deve ter um nível de competência consistente com as demandas da sociedade, visto que o reconhecimento da importância da profissão está na dependência de sua relevância social. O artigo destaca que a preparação de profissionais em saúde pública é crucial para a sociedade que deseja minimizar o risco de problemas sérios devidos às zoonoses.

A saúde pública veterinária² é resultado da aplicação do conhecimento profissional do médico veterinário para a proteção e promoção da saúde humana e também para a economia. Esta atividade reflete os interesses comuns e indica oportunidades de interações proveitosas entre as medicinas veterinária e humana. Pela utilização dos conhecimentos biomédicos básicos e pela natureza de profissão cruzada, o sanitarista veterinário realiza uma função única na equipe de saúde pública (World Health Organization, 1975), sendo difícil separar as atividades de saúde pública veterinária da saúde humana (Boletim de la Oficina Sanitaria Panamericana, 1992).

As atividades orientadas pela saúde pública se unem à profissão veterinária pela saúde pública veterinária, que atua como um componente das atividades de saúde pública devotadas à aplicação das habilidades e conhecimentos da profissão médico veterinária na proteção da saúde humana (Bögel, 1992).

São inúmeras as contribuições da Medicina Veterinária para a saúde humana. A primeira e mais básica função do sanitarista veterinário está fundamentada no contexto puramente veterinário por suas conexões com os animais não humanos e suas doenças, e a saúde e o bem-estar humano (World Health Organization, 1975). Este encargo relacionado diretamente com os animais inclui algumas atividades como: zoonoses; estudos epidemiológicos em doenças não infecciosas dos animais que possam ser influenciadas pelo ambiente; troca de informações entre a pesquisa médica veterinária e a pesquisa médica humana; estudos sobre animais peçonhentos; aspectos relacionados a alimentos de origem

² Neste texto o termo Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública será utilizado como sinônimo de Saúde Pública Veterinária, por ambos tratarem das mesmas questões, ou seja, das atividades da medicina veterinária voltadas para a saúde da comunidade.

animal; problemas relativos a indústrias animais incluindo o destino de dejetos; e supervisão dos animais de laboratório.

Outros contextos das atividades desempenhadas pelo sanitarista veterinário são o biomédico e o generalista. Ainda que o médico veterinário exerça atividades puramente veterinárias como as acima mencionadas, seu amplo treinamento básico nas ciências biomédicas o qualifica para desempenhar muitos papéis adicionais na saúde pública, que são comuns aos médicos e a outros membros da equipe de saúde pública como: epidemiologia geral; serviços de laboratório de saúde pública; produção e controle de produtos biológicos; proteção dos alimentos; avaliação e controle de medicamentos; pesquisa; e saneamento ambiental em geral. As funções generalistas, que podem também ser executadas por outros membros da equipe de saúde pública incluem aspectos relativos à administração, planejamento e coordenação de programas de saúde pública (World Health Organization, 1975).

Tem sido sustentado (World Health Organization, 1975) que o programa de educação universitária exigido para os veterinários com a tradicional ênfase sobre a prevenção, a economia e o destaque nos aspectos populacionais em relação à doença e saúde, aliados à ampla sobreposição entre a Medicina Veterinária e a Medicina Humana com aquisição de conhecimentos e habilidades comuns, habilita o médico veterinário às atribuições acima descritas. Por outro lado, apesar da recomendação pelos organismos ligados à área (World Health Organization, 1975) de participação desse profissional nas atividades de saúde relacionadas aos seres humanos, no Brasil a atuação desta categoria profissional ainda é muito restrita. Isso talvez ocorra por omissão da própria categoria (Germano, 1983).

Ainda que a Medicina Veterinária tenha um papel fundamental a desempenhar no campo da saúde pública – havendo, portanto, necessidade de profissionais veterinários especializados nesta área –, tem sido sustentado (Boletim de la Oficina Sanitaria Panamericana, 1992) que as escolas de veterinária não têm enfatizado a capacitação neste setor.

Schwabe (1984) declara que após a Segunda Guerra Mundial o papel do médico veterinário na saúde pública se tornou mais amplo, com a introdução do termo saúde pública veterinária. Como a medicina veterinária é direcionada para a solução de problemas em populações, a atuação deste profissional seria útil para a equipe de saúde pública. O autor adverte que, ironicamente, embora a medicina

veterinária seja tão amplamente envolvida nas necessidades básicas de saúde relacionadas ao ser humano, seus objetivos se tornam difusos, tendo como consequência a incompatibilidade entre o papel social potencial da profissão e a educação veterinária, que não acompanha essa tendência.

A Medicina Veterinária, por ser responsável pela saúde animal, também desempenha responsabilidade na saúde, bem-estar e qualidade de vida, o que reforça sua ligação com a medicina humana. Osburn (1996) comenta que as zoonoses emergentes, como a encefalite espongiforme bovina (mal da vaca louca), hantavirose e ebola estão tomando proporções alarmantes. Diante disso, a profissão veterinária deve se preparar para responder a estas ameaças, direcionando seus cursos para o ensino de princípios de epidemiologia, saúde pública e medicina populacional.

Contudo, Palermo-Neto (1995) chama a atenção para o fato de que as instituições de ensino médico veterinário não estão acompanhando o passo das mudanças que estão ocorrendo no mundo tecnológico, o que Blenden et al. (1971) já haviam previsto em um artigo em que fazem algumas reflexões sobre a educação veterinária, especialmente em relação ao ensino de saúde pública. Os objetivos do ensino deste domínio, tanto na graduação quanto na pós-graduação, devem ser formulados tendo presente o papel deste profissional nas atividades de saúde pública. Já naquela época, os autores formularam uma crítica ao ensino da Medicina Veterinária por não assumir a dianteira dos avanços e se submeter às orientações do serviço veterinário. Os cursos apenas acompanham as tendências e as iniciativas a novas orientações não surgem dos cursos, mas dos médicos veterinários que atuam, e também de outras profissões.

Uma das estratégias para articular a profissão com as necessidades da sociedade tecnológica estaria na atualização dos currículos dos cursos. Os procedimentos sugeridos para alcançar tal intento seriam a utilização efetiva e eficiente dos recursos disponíveis e a aplicação dos novos conhecimentos e sua integração aos diversos níveis econômicos de produção já existentes no país. A profissão veterinária deve mudar seu enfoque do estreito ponto de vista do indivíduo enfermo para uma ênfase maior na saúde populacional e para a atenção voltada para programas de prevenção, controle e erradicação de doenças. Para o fortalecimento do ensino da Medicina Veterinária seria necessária a revisão dos

currículos pelas escolas com os ajustes correspondentes para uma educação geral que proporcionasse ao estudante a capacidade para análise e solução dos problemas em saúde animal e pública (Arámbulo & Ruíz, 1992).

Palermo-Neto (1995) comenta que o currículo em nosso país ainda segue as linhas básicas de cinquenta anos atrás e, embora não tenha sido deflagrada uma crise, a profissão não tem se adaptado a mudanças substanciais. Os esforços nesta direção têm se mostrado lentos e infrutíferos. Por este motivo, a educação veterinária, tanto no Brasil quanto no restante do mundo, deve ser redirecionada para as necessidades da sociedade.

O ensino tradicional da medicina veterinária contribui muito pouco para a solução dos problemas de saúde pública nos países menos desenvolvidos e que possuem recursos bastante limitados neste setor. Quando bem orientado, o ensino da medicina veterinária capacita os profissionais para a aquisição de uma visão populacional, constituindo-se em excelentes epidemiologistas se comparados a outros profissionais do campo da saúde. Lamentavelmente, o ensino dessa área não é feito de maneira adequada nas escolas de medicina veterinária e nos cursos ligados à medicina humana. Em alguns cursos tem-se a impressão de que as matérias deste campo de ação não são importantes ou pertinentes (o que não é verdade!); outras vezes, as escolas dão a entender que as ensinam, mas limitam-se a aspectos superficiais (Blenden, 1980). Em um trabalho anterior, Blenden et al. (1971) apontam falhas no ensino da saúde pública veterinária relacionadas a problemas nos objetivos e métodos didáticos aliados à falta de preparo dos professores para a docência.

No Brasil, não há uma tradição de ensino no campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Poderiam existir fatores que dificultariam a formação de profissionais com visão mais global, impedindo que o segmento seja valorizado e abordado com mais ênfase, prejudicando o ensino nessa área. A forma como os docentes em um curso encaram a atuação do médico veterinário em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública poderá interferir no ensino e exercer influências sobre as impressões que os alunos poderão adquirir sobre o assunto.

A desvalorização na formação de sanitaristas pode ser atribuída à desorganização do sistema público de saúde no Brasil. Isto seria devido, em parte, à valorização da formação de especialistas em detrimento de características de cunho

generalista (Barata, 1997). A mudança do enfoque estreito da profissão médico-veterinária do ponto de vista do animal individual e enfermo, da terapia e cirurgia, para uma ênfase maior na saúde populacional e na produtividade por meio de programas preventivos faria com que o olhar fosse desviado das doenças para a saúde dos animais e dos seres humanos em todas as suas dimensões, promovendo a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública como uma área significativa e emergente.

O Conselho Federal de Medicina Veterinária – CFMV (1992), preocupado com a qualidade do ensino superior que vem sendo ministrado no país, criou a Comissão Nacional de Ensino de Medicina Veterinária (CNEMV), pela Portaria nº 15, de 12 de julho de 1990. Esta Comissão teve a incumbência de avaliar as condições em que esse ensino se desenvolve. Muitas discussões têm girado em torno da formação do médico veterinário, da estrutura curricular e da qualidade do ensino (Seminário Nacional do Ensino da Medicina Veterinária, 1996; Seminário Nacional do Ensino da Medicina Veterinária, 1997).

Os trabalhos realizados pela Comissão Nacional de Ensino de Medicina Veterinária abordam o ensino da Medicina Veterinária como um todo. Apesar de normalmente ser mencionado que o ensino de Higiene e Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública deve merecer atenção especial (Seminário Nacional do Ensino da Medicina Veterinária, 1996), não há propostas concretas para a área. É, portanto, necessária a realização de um estudo mais profundo sobre o ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública nas escolas de Medicina Veterinária, dado que, segundo o próprio Conselho Federal de Medicina Veterinária (1996), esta área é encarada como prioritária.

Poderiam ser enumerados alguns motivos pelos quais a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ocupa um espaço restrito no ensino da Medicina Veterinária: a) a baixa valorização dos profissionais ligados à área poderia exercer influência negativa no momento da escolha do campo de atuação profissional; b) o médico veterinário, por não possuir consciência de seu potencial nas atividades relacionadas à saúde da população, não conquistaria estes espaços, não sendo, portanto, dada a devida atenção para o campo de atividade dentro dos próprios cursos de formação; c) a associação da Medicina Veterinária com as ciências agrárias facilita o distanciamento com as atividades ligadas à saúde.

Os primeiros cursos de Medicina Veterinária surgiram no Brasil na primeira década do século XX. Apesar destes cursos terem sido fundados em função da necessidade de resolução de problemas de saúde dos rebanhos – na área de medicina preventiva e de zoonoses – causando problemas econômicos, os currículos ainda não contemplavam o ensino desse conteúdo. A inclusão das disciplinas de Higiene e Saúde Pública somente ocorreu com a aprovação do currículo mínimo para o curso de Medicina Veterinária em 1962, como pode ser observado pelos estudos de Capdeville (1991) e também de Silva (1982). Atualmente, mesmo constando dos currículos dos cursos, não há uma orientação significativa para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Como consequência, a área não desperta maior interesse por parte dos estudantes. Possivelmente com a importância adquirida pelas zoonoses emergentes e o aumento de demanda de proteína de origem animal possa haver uma reversão neste quadro.

Embora seja reconhecida a importância do médico veterinário para a saúde da população e de todas as recomendações para integrar a carreira nas equipes de saúde, o ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública nos cursos de Medicina Veterinária continua à margem em relação aos outros campos de atividade na profissão, observação que motivou este trabalho. A partir das atribuições do médico veterinário e da importância das atividades desse profissional para a saúde pública, é necessário questionar se a formação atual dos médicos veterinários permite que ele desempenhe bem as atividades voltadas para a proteção e promoção da saúde humana.

A tese tem como propósito discutir a educação veterinária pela verificação da situação atual do ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública nos cursos por meio de um estudo de caso. O problema de pesquisa consistiu em conhecer a maneira como o ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública se apresenta nos cursos, verificando se essa área é pouco enfatizada na educação veterinária e, conseqüentemente, compreender os motivos pelos quais isso acontece.

Partiu-se da hipótese de que existem diferentes pontos de vista nos cursos de Medicina Veterinária, que dificultam a manifestação de um pensamento associado à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Isso se reflete nas

grades curriculares mais voltadas para a medicina curativa em detrimento de conteúdos com características preventivas e populacionais, o que faz com que a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública seja menos enfatizada em relação às outras áreas.

Para se estabelecer uma meta para o ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública para o futuro, é necessário que haja um conhecimento mais aprofundado e adequado da situação. Para tanto, é preciso conhecer os fatores que determinam a maneira como a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública é vista dentro do contexto do curso e da profissão, e esclarecer os motivos que levam à sua desatenção nos cursos. A compreensão desses aspectos torna possível traçar estratégias para a melhoria do ensino dos conteúdos ligados à área que sejam coerentes com a realidade atual e que possam trazer benefícios para a sociedade.

Este trabalho pretendeu contribuir para o conhecimento da situação atual do ensino de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública nos cursos de Medicina Veterinária, bem como compreender as impressões de alunos e profissionais sobre a área. O objetivo foi investigar a forma como as disciplinas ligadas à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública estão inseridas nos cursos de Medicina Veterinária e identificar as percepções e expectativas das pessoas ligadas à área.

Foi realizado um estudo documental dos currículos dos principais cursos de Medicina Veterinária do país e um estudo de caso do curso de Medicina Veterinária da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O estudo de caso compreendeu a realização de entrevistas e a análise de todos os currículos implantados pelo curso. As entrevistas foram realizadas com docentes do curso, com alunos (calouros e formandos) e profissionais veterinários que atuam na região objetivando a verificação das concepções e percepções com relação aos diversos campos de atuação em Medicina Veterinária, especialmente com relação à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

A investigação realizada forneceu indicações que auxiliaram a responder a questão de pesquisa – pela observação da existência de um retraimento na área com indícios dos motivos pelos quais isso poderia estar ocorrendo – e a sugerir mudanças para a melhoria do ensino no âmbito da Medicina Veterinária.

A fundamentação teórica deste trabalho seguiu o pensamento de Ludwik Fleck. As categorias fleckianas estilo de pensamento e coletivo de pensamento foram instrumentos de grande valia para a compreensão mais ampla do pensamento em medicina veterinária pelo fato do autor ter trabalhado com questões referentes ao campo médico, em sintonia com a questão proposta. Como os princípios fundamentais de Fleck foram formulados sob condições próprias, diferentes daquelas presentes nesta investigação, as categorias de Fleck foram adaptadas para a elaboração desse estudo.

A tese está dividida em oito capítulos. Neste primeiro, foi exposto um panorama do tema a ser estudado, com a formulação do problema e colocação do contexto, ressaltando sua utilidade, viabilidade e importância. Foi também apresentada a questão de pesquisa, juntamente com os objetivos e pressupostos, bem como colocados de modo conciso os aspectos metodológicos da investigação.

O segundo capítulo aborda a utilização do pensamento de Ludwik Fleck como referencial para o trabalho. Essa abordagem prepara o leitor para apreender o teor do capítulo seguinte que explora as diversas esferas de ação da profissão médico veterinária. A seguir, utilizando como ponto de partida alguns comentários sobre pesquisa em educação, é elucidada a metodologia a ser empregada na investigação, bem como os limites e alcances da proposta apresentada. A este capítulo se segue a descrição e discussão sobre o ensino da medicina veterinária e uma pesquisa documental sobre os currículos das escolas pioneiras.

O estudo de caso do curso da UDESC é apresentado em três capítulos distintos. O capítulo seis consta do exame da evolução curricular do curso e a comparação do currículo atualmente seguido com aqueles praticados pelos cursos das escolas pioneiras. Logo em seguida, são apresentadas as análises das entrevistas realizadas entre os diversos segmentos de entrevistados. O capítulo oito consta de uma discussão baseada na análise dos dados obtidos com a pesquisa documental e as entrevistas – com as conclusões obtidas no estudo – e, encerra com as proposições feitas a partir da investigação realizada.

2 A EPISTEMOLOGIA DE LUDWIK FLECK COMO REFERENCIAL PARA A PESQUISA NO ENSINO NA ÁREA DE SAÚDE

Para a construção de uma imagem mais elaborada da ciência e sua compreensão numa dimensão mais ampla do que apenas como produto da ação de um investigador, é preciso levar em consideração o pesquisador, a comunidade científica e o processo de investigação. Desta perspectiva surgiu a historiografia como tema central de alguns epistemólogos. Uma das primeiras manifestações em direção aos aspectos sócio-históricos do conhecimento foi dada por Fleck e mais tarde, foi resgatada por Kuhn (Bombassaro, 1992). A obra de L. Fleck prenuncia muitas das idéias de Kuhn, conforme este indica em seu livro e em seu prefácio da tradução do livro de Fleck para a língua inglesa (Kuhn, 1979; Kuhn, 1998).

Ludwik Fleck (1896-1961) teve formação médica e se dedicou a estudos no campo da microbiologia. Interessou-se pela filosofia, sociologia e história da ciência (Schäfer & Schnelle, 1986). Seu pioneirismo manifesta-se pelo fato de sua obra epistemológica ser voltada para o campo da medicina, que possui particularidades não presentes em outros âmbitos. Nas ciências médicas, o conhecimento não é dirigido à regularidade e à normalidade voltando-se principalmente aos estados patológicos. Canguilhem (1990) em seu ensaio de 1943, citando Bichat, discutiu a peculiaridade das ciências da saúde. O autor comenta que existe uma patologia biológica, mas em contrapartida, não há uma patologia da física, ou da química. Há dois estados opostos: o estado de saúde e o estado de doença, que permitem a existência de um lado da fisiologia, e de outro da patologia, que tratam respectivamente dos fenômenos da saúde e da doença. Schäfer & Schnelle (1986), ao examinarem o trabalho de Fleck, assinalam que essa singularidade – de que na medicina o conhecimento não está dirigido à regularidade, às manifestações “normais”, mas ao domínio dos estados patológicos – iria ser responsável por certas características do modo de pensar médico, o que determinaria a linha de trabalho do autor baseada no caráter interdisciplinar e coletivo do pensamento.

Para melhor compreensão do uso da concepção teórica de Fleck como referencial, primeiramente é exposto de modo sucinto seu pensamento. As duas seções seguintes são dedicadas à análise da utilização do pensamento do autor

como fundamento teórico. É apresentado um indicativo para a caracterização de um estilo de pensamento – uma das principais categorias epistemológicas de Fleck. Para que este assunto seja colocado com maior precisão, é examinada a maneira pela qual o epistemólogo trabalhou a relação entre a atividade prática e a constituição de um estilo de pensamento ao longo de seus textos, após serem apresentados trabalhos na área do ensino da saúde nos quais as idéias do epistemólogo são utilizadas como fundamento teórico. Cada trabalho foi descrito individualmente com respeito às categorias epistemológicas utilizadas por cada autor, ao objetivo de cada trabalho, aos aspectos metodológicos relativos aos instrumentos de pesquisa utilizados e aos principais resultados e conclusões. Ao final, é elaborada a justificativa sobre a aplicação do referencial em pesquisa no ensino das ciências aplicadas e sobre a utilização como eixo orientador para a tese.

2.1 AS CATEGORIAS EPISTEMOLÓGICAS DE LUDWIK FLECK – IDÉIAS CENTRAIS DO AUTOR³

As circunstâncias sob as quais Ludwik Fleck teve oportunidade de completar sua formação e exercer sua profissão, dedicando-se a estudos sobre a teoria da ciência, foram favoráveis ao desenvolvimento de seu pensamento, especialmente o clima de interdisciplinaridade dos vários círculos científicos com os quais conviveu. Apesar da relativa autonomia cultural conferida pelo império austro-húngaro à Polônia, houve forte influência da cultura germânica fazendo com que a ciência e a cultura de Lwów, cidade onde Fleck nasceu e atuou profissionalmente, estivessem ligadas às de Viena. Fleck manteve contato intenso com a escola filosófica de Lwów, além de outros círculos científicos ativos, como de biologia, bioquímica, matemática e medicina, sendo considerado prosseguidor da Escola Polonesa de Filosofia da Medicina. Esta Escola foi constituída por três gerações de médicos-filósofos e teve como fundador Tytus Chalubinski, que desenvolveu suas atividades entre 1860 e 1914. Apesar de Fleck não citar a Escola Polonesa de Filosofia em seus escritos, recebeu forte influência da mesma, partilhando suas premissas teóricas (Delizoicov et al., 1999; Löwy, 1994a; Schäfer & Schnelle, 1986).

³ As seções 2.1 e 2.2 foram publicadas em Pfuetzenreiter (2002).

Seu trabalho mais importante e mais citado é o livro “A gênese e o desenvolvimento de um fato científico” (*Entstehung und Entwicklung einer wissenschaftlichen Tatsache: Einführung in die Lehre vom Denkstil und Denkkollektiv*), editado em 1935. É considerado não como uma obra acabada, mas apontado como um “ensaio fascinante” dirigido não só aos especialistas na teoria da ciência, mas a um público mais amplo (Schäfer & Schnelle, 1986). Fleck “percebe a ciência como uma atividade coletiva complexa, que deve ser estudada por filósofos, historiadores, sociólogos, antropólogos e lingüistas (...)” (Löwy, 1994b, p. 12).

Ao longo do livro, Fleck (1986a) descreve a progressão do conceito de sífilis até culminar com o desenvolvimento da reação de Wassermann, utilizada para o diagnóstico sorológico desta enfermidade. Por meio de uma incursão na história – utilizada como apoio metodológico – introduz elementos de sociologia à epistemologia e conduz o leitor à compreensão de suas principais categorias: estilo de pensamento, coletivo de pensamento, círculo esotérico e exotérico e formação de pré-idéias ou proto-idéias. Schäfer & Schnelle (1986, p. 21) asseveram que “o livro de Fleck trata dois grupos de temas: o estudo de um caso da história da medicina – o desenvolvimento do conceito de sífilis – e a investigação das conseqüências epistemológicas deste estudo.”

Dentro do contexto da época, Fleck (1986a) argumentava que a falha fundamental da teoria do conhecimento residia quase que exclusivamente na investigação e avaliação de fatos da vida cotidiana ou da física clássica. Os primeiros seriam pouco apropriados para uma abordagem epistemológica, enquanto que os últimos, além de terem excessivo aproveitamento teórico, conservariam o inconveniente de tratar com acontecimentos nos quais as pessoas se habituariam com eles na prática. Desta forma, o fato médico da reação de Wassermann para o diagnóstico da sífilis seria apropriado para reflexões epistemológicas na área da biologia e da saúde, por serem abordados com menor frequência e despertarem novas opiniões, além de apresentarem riqueza histórica.

O pioneirismo de Fleck se manifesta quando ele sustenta que a epistemologia não deve apenas considerar a relação bilateral entre o sujeito e objeto para a construção do conhecimento, mas deve considerar o estado de conhecimento como um terceiro componente desta relação, para ligar o conhecimento ao conhecer. O conhecimento não seria um processo individual, mas uma atividade

social, o que poderia indicar a presença de diversos níveis. É muito difícil considerar à parte as contribuições individuais. Conseqüentemente os pensamentos transitam livremente de um indivíduo a outro dentro de uma comunidade, sofrendo pequenas modificações até transformar-se no pensamento do coletivo. No conceito de coletivo de pensamento está impregnado o estado de conhecimento e o meio cultural em que se encontra o sujeito cognoscente. O estilo de pensamento somente permite a utilização de determinado método e por conseqüência a interpretação dos fatos de uma maneira dirigida – a harmonia das ilusões – que impede a percepção de outras formas e de outros fatos (Fleck, 1986a).

Na monografia, o autor traça a evolução histórica do que denomina de “pensamento sifilidológico”. O desenvolvimento desse pensamento é descrito desde suas origens em três vertentes principais provenientes de diferentes estratos sociais e diferentes épocas que desempenharam importante função para fundamentar o pensamento sobre a sífilis. O primeiro desdobramento representava a enfermidade como uma entidade nosológica ético-mística. O nascimento deste pensamento de fundo místico teve suas origens nos séculos XV e XVI e a doença foi relacionada a aspectos astrológicos, quando a astrologia contribuiu para explicar o caráter venéreo da sífilis. Acreditava-se que a conjunção entre Saturno e Júpiter sob o signo de Escorpião na casa de Marte, ocorrida em 25 de novembro de 1484, era a causa do mal. Segundo essa crença, o signo de Escorpião estaria relacionado às partes sexuais. A forma de transmissão sexual, portanto, fez com que a enfermidade se tornasse estigmatizada, sendo vista como um castigo pelos religiosos, que lhe conferiram um significado ético especial (Fleck, 1986a).

A segunda orientação descrevia a moléstia sob a perspectiva empírico-terapêutica com o uso do mercúrio como forma de cura. Esta idéia provinha de médicos empiristas que tentavam empregar diversos preparados farmacológicos para o tratamento da enfermidade. Há relatos do uso de mercúrio em pacientes sifilíticos desde o século XIV. Porém, até o século XIX não foi possível estabelecer um conceito da doença baseado neste procedimento por existirem outras enfermidades classificadas como sífilis, nas quais o tratamento por mercúrio não produzia efeito. Isto levou alguns cientistas a duvidarem da existência da doença (Fleck, 1986a).

Como havia o problema de diversas enfermidades com apresentação semelhante serem confundidas com a sífilis, com o tempo tornou-se necessário diferenciar e reclassificar estas doenças venéreas, o que se constituiu em um outro segmento de idéias. Nesta terceira corrente, que surgiu entre os séculos XVIII e XIX, a doença foi tratada como um conceito experimental da patologia, na qual se procurava distinguir o mal venéreo em várias entidades nosológicas como a gonorréia, a sífilis e o cancro mole (Fleck, 1986a). A noção popular do sangue como um humor com propriedades especiais levou ao pensamento do sangue sífilítico. Essas vertentes contribuíram para o conceito de sífilis para a época, utilizado como base para o desenvolvimento da reação de Wassermann.

A gênese e o desenvolvimento de um fato científico, segundo Fleck, são explicados pelas idéias iniciais relativas ao fato, surgidas no passado, e que, apesar das modificações, continuam existindo. Essas idéias vão sendo pouco a pouco modificadas, sofrendo re-interpretações de acordo com o pensamento em evidência. Assim, o pensamento vai se modificando e se adaptando ao meio e em consonância com o sistema. O observar é dirigido, por meio de um condicionamento histórico-cultural, sempre levando em consideração um conceito pré-formado. Schäfer & Schnelle (1986) comentam que a inovação de Fleck, é que esse conceito pré-formado não é de origem individual, mas se origina na coletividade.

Em seu primeiro estudo epistemológico, Fleck (1986b) indica que as enfermidades são entidades nosológicas em grande parte fictícias. O que se procura é explicar da melhor forma possível como se apresentam e são percebidas no momento. O conhecimento sobre elas evolui de tal modo, que obriga a constantes atualizações e modificações das concepções vigentes, e até de novas definições, de acordo com novas observações realizadas. Isso leva o autor a questionar, em seu livro, o conceito de “fato” como normalmente é concebido.

Fleck (1986a) examina a conexão entre o modo de pensar de uma época e os conceitos que são considerados pertinentes para este mesmo período por meio de um condicionamento histórico-cultural. A partir dessas constatações, ele conclui que o pensamento seria formado a partir de uma rede intrincada de idéias estruturadas. Essas conexões de idéias, ricas em detalhes, garantem a natureza homogênea das opiniões. Observa-se que há uma certa regularidade histórica no desenvolvimento do pensamento. Primeiramente é notada uma época clássica na

qual todas as idéias são concordantes entre si. Depois de certo período de tempo, começam a se estabelecer algumas exceções. O autor conclui que a persistência dos sistemas de idéias é uma estrutura condicionada por um **estilo de pensamento** que explica como sendo a disposição para o perceber orientado.

Toda teoria abarcante atravessa primeiro uma época de classicismo, em que só se vêem fatos que encaixam perfeitamente nela, e outra de complicações, em que começam a apresentar-se as exceções (...) Ao final, as exceções superam, freqüentemente, o número de casos regulares. (Fleck 1986a, p.76)

A descrição da evolução histórica de um campo do saber se torna extremamente complexa, à medida que a estrutura do desenvolvimento das idéias é composta por várias linhas que se entrecruzam, às vezes convergindo e formando novas linhas, estabelecendo diversas conexões.

É importante enfatizar que Fleck considerava que o conceito epistemológico de sífilis não é definitivo, mas dependente dos avanços científicos do campo do conhecimento médico. No que diz respeito aos conceitos científicos, eles seriam construídos historicamente e “não há nenhum erro absoluto, como tampouco há verdades absolutas” (Fleck, 1986a, p. 67). Portanto, o que é entendido atualmente como sífilis é fruto de todo um processo histórico-social do conhecimento. Como já foi mencionado, uma enfermidade não pode ser definida somente com base nos conhecimentos atuais, já que eles são dependentes da evolução de idéias antigas que foram se transformando ao longo do tempo.

O autor sugere uma epistemologia comparada, com um princípio de pensamento que permite estabelecer relações entre as idéias atuais e as idéias do passado, traçando linhas de conexão sócio-cognoscitivas entre ambas para compreender o estágio presente do conhecimento. Para explicar a existência da sífilis é necessário levar em consideração além das relações históricas, as conexões sócio-cognoscitivas que influenciaram ao longo do tempo a conceituação de enfermidade.

O conhecimento de sífilis tem que ser investigado como qualquer outro sucesso da história das idéias, como um resultado do desenvolvimento e da coincidência de algumas linhas coletivas de pensamento. (Fleck, 1986a, p.69)

As idéias iniciais, que são mal delineadas, vinculadas aos fatos científicos, são chamadas por Fleck (1986a) de **protoidéias** ou **pré-idéias**. Por exemplo, a idéia de sangue sífilítico emergiu de vários conceitos obscuros, até tomar corpo e ser

finalmente demonstrada pela reação de Wassermann. Porém, o autor deixa claro que nem sempre os fatos científicos emergem de protoidéias, podendo, muitas vezes, não serem encontradas conexões históricas entre concepções antigas e modernas.

As protoidéias devem ser vistas como esboços histórico-evolutivos das teorias atuais e seu surgimento tem que ser compreendido sócio-cognoscitivamente.

A pretensão de que na história surgem muitas idéias mais ou menos obscuras, das que a ciência adota as “corretas” e desfaz as “incorretas” é insustentável. (Fleck, 1986a, p.72)

As protoidéias não podem ser classificadas como corretas ou incorretas, mas devem ser analisadas dentro do contexto sócio-histórico e cultural em que estavam inseridas no momento de seu surgimento. Haveria uma tendência à persistência de idéias que já estão infiltradas dentro de um estilo de pensamento.

Em seu livro Fleck faz uma crítica ao Círculo de Viena e o próprio título pode ter sido uma provocação, porque indica que um fato é algo dinâmico e mutável. Ele inicia o prólogo aludindo uma crítica à visão de fato como algo fixo, permanente e independente da opinião subjetiva do cientista e faz o contraponto com a transitoriedade das idéias e das teorias, relacionando o fato científico ao estilo de pensamento. Este mesmo fato científico pode ser analisado sob o ponto de vista da história e da psicologia tanto individual como coletiva. De acordo com a compreensão de Fleck, tanto o pensar como os fatos seriam mutáveis. As mudanças de pensamento resultam em fatos novos e fatos novos resultam em novos pensamentos. Somente é possível compreender o estágio de desenvolvimento da ciência atual, se for observado o que historicamente condicionou e a levou a esse estado:

Falar do condicionamento social do saber não exclui, mas, ao contrário, inclui, o condicionamento histórico. Fleck se mostra frente à concepção ahistórica da ciência dos empiristas lógicos, como um defensor veemente da idéia de desenvolvimento (...) Por meio de sua investigação da gênese do conceito de sífilis, Fleck demonstra que as concepções da ciência moderna são também produtos surgidos historicamente e que não podem ser entendidos sem recorrer a seu desenvolvimento histórico. (Schäfer & Schnelle, 1986a, p. 27)

Fleck argumenta que a epistemologia não deve apenas considerar a relação bilateral entre o sujeito e o objeto para a construção do conhecimento, mas deve considerar o estado de conhecimento como um terceiro componente desta relação, para unir o conhecido ao conhecer (Fleck, 1986a).

A frase “alguém conhece algo” exige um suplemento análogo, por exemplo: “sobre a base de um estado determinado de conhecimento”; ou melhor, “como membro de um meio cultural determinado”; ou melhor de tudo, “em um estilo de pensamento determinado, em um determinado coletivo de pensamento”. (Fleck, 1986a, p. 86)

No conceito de coletivo de pensamento está impregnado o estado de conhecimento e o meio cultural em que se encontra o sujeito cognoscente. Quando formula essa noção em relação à sífilis, Fleck reconhece que o agente causal da sífilis só pode ser atribuído à *Spirochaeta pallida* dentro de uma estrutura conceitual com base em todo o desenvolvimento da concepção de sífilis. Fora desse contexto, a idéia tanto do agente etiológico quanto da enfermidade não adquirem sentido. “Portanto, conhecer quer dizer principalmente constatar os resultados impostos por certas pressuposições dadas.” (Fleck, 1986a, p. 87). O conhecer é uma atividade condicionada socialmente, com ênfase na importância dos esforços coletivos na conquista do conhecimento científico. É muito difícil a observação das contribuições individuais. As idéias compartilhadas por um determinado grupo (**coletivo de pensamento**) formariam o estilo de pensamento.

Quando se dirige a atenção ao aspecto formal das atividades científicas, não se pode deixar de observar sua estrutura social (...) Um coletivo bem organizado é o portador de um saber que supera em muito a capacidade de qualquer indivíduo. (Fleck, 1986a, p. 88-89)

O autor considera a existência de três fatores que participam no processo do conhecimento: o indivíduo, o coletivo e a realidade objetiva (o que está por ser conhecido). Tais elementos são investigáveis e estão relacionados entre si de diversas maneiras:

Estas outras relações consistem em que, por uma parte, o coletivo se forma de indivíduos e, por outra, em que a realidade objetiva pode se decompor em seqüências históricas de idéias pertencentes ao coletivo. (...)

Embora o coletivo se componha de indivíduos, não é sua simples soma. O indivíduo não tem nunca, ou quase nunca, consciência do estilo de pensamento coletivo, que quase sempre exerce sobre seu pensamento uma coerção absoluta e contra o que é simplesmente impensável uma oposição.

A existência de um estilo de pensamento faz necessária, e inclusive imprescindível, a construção do conceito de “coletivo de pensamento”. (Fleck, 1986a, p. 87-88)

O conhecimento, para Fleck (1986a), evolui por intermédio de um coletivo construído pelas concepções dos cientistas, que interpretam os dados empíricos e moldam a realidade de acordo com a visão do momento, a fim de explicá-la. O conhecimento é vinculado e está na dependência de fatores sócio-culturais e

empíricos, exercendo influências sobre a realidade social. Portanto, o conhecimento é o resultado sócio-histórico de um coletivo. O epistemólogo leva em consideração as diversas visões e interpretações de um mesmo fenômeno por diferentes grupos de indivíduos, o que resulta em vários estilos de pensamento. Para exemplificar a forma como se estabelecem estas “maneiras próprias” de encarar o mundo, ele recorre à Gestalt⁴.

Os tipos de observar são ilustrados em uma passagem do texto na qual o autor relata que a bacteriologia viveu um período durante o qual se estabeleceu um estilo de pensamento rígido. As técnicas de cultivo de bactérias seguiam normas estritas que tinham como consequência a obtenção de resultados uniformes. Os cultivos eram inoculados sempre a cada 24 horas, sendo que aqueles muito frescos (de 2 ou 3 horas) ou muito velhos (de seis meses) não eram considerados para investigação. Este perceber dirigido (denominado pelo epistemólogo de “harmonia das ilusões”) permitiu o reconhecimento de muitos microrganismos. Por outro lado, impediu o reconhecimento de outras formas (variabilidade), que eram desconsideradas ou vistas como falhas técnicas. Apenas a partir das investigações de dois pesquisadores - Neisser e Massini - sobre uma bactéria denominada *Coli mutabile* utilizando o método clássico com uma pequena modificação, houve uma transformação do estilo de pensamento.

Nesse episódio, Fleck ilustra pela Gestalt os tipos de observar: o ver confuso inicial e o observar como ver formativo direto e desenvolvido. O ver formativo direto exige um treinamento prévio no campo científico em questão. Esta preparação desperta a capacidade para uma visão direcionada para determinada perspectiva, ao mesmo tempo em que anula a habilidade para outras formas de percepção. Esta disposição para o perceber dirigido constitui o componente principal do estilo de pensamento. Ao contrário, o ver confuso inicial não está impregnado pela visão direcionada do estilo (Fleck, 1986a).

Com o objetivo de destacar o trabalho coletivo na ciência, Fleck (1986a, p. 125) afirma que “(...) a autoria propriamente dita corresponde ao coletivo, à prática

⁴ Lindenmann (2001) é de opinião de que somente as forças sociais não poderiam desempenhar um papel decisivo na aceitação de determinadas idéias como dominantes dentro de um grupo. O autor analisou a descrição de Fleck sobre a receptividade pelo coletivo dos agentes etiológicos propostos por dois grupos de cientistas para a sífilis. Lindenmann (2001) observa que a influência e uma certa publicidade em torno do coletivo não teriam sido suficientes para a aprovação da idéia da *Spirochaeta pallida* como agente causal da enfermidade.

da cooperação e ao trabalho em equipe.” Todo descobrimento científico deve ser considerado um sucesso social. Fleck descreve que a tuberculose, que causava muito mais danos à saúde da população, não teve um impulso tão acentuado em suas pesquisas, pela pouca importância social atribuída à mesma. Enquanto a sífilis possuía o estigma de enfermidade “vergonhosa”, a tuberculose era rotulada como enfermidade “romântica”. O desenvolvimento da prova sorológica para o diagnóstico da sífilis só se tornou possível pelo significado social da doença e pela insistência da opinião pública em favor de uma prova sangüínea. Analogamente ao que ocorreu com a sífilis e a tuberculose, atualmente sucede com relação a Hepatite B e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). As pesquisas voltadas para o campo da AIDS recebem muito mais apoio por parte da população e dos grandes laboratórios, e em consequência muito mais verbas dos órgãos governamentais do que para a Hepatite B.

Quanto mais desenvolvido um campo do conhecimento, menores divergências de opinião irão ocorrer. O conhecimento vai se tornando uma estrutura rígida, com muitos pontos de confluência, deixando, portanto, pouco espaço para o desenvolvimento de outras formas de pensamento. De acordo com Fleck (1986a) em um determinado estilo de pensamento, a tradição dá origem a uma disposição para perceber e atuar de forma dirigida e restringida conforme a um estilo. O autor explica um fato da seguinte maneira:

Assim é como surge o fato: primeiramente há um sinal de resistência no pensar caótico inicial, depois uma determinada coerção de pensamento e, finalmente, uma forma diretamente perceptível. O fato sempre ocorre no contexto da história do pensamento e é o resultado de um estilo de pensamento determinado. (Fleck, 1986a, p. 141)

O termo estilo de pensamento é definido por Fleck (1986a, p. 145) “(...) como um perceber dirigido com a correspondente elaboração intelectual e objetiva do percebido.” Por outro lado,

Ao portador comunitário do estilo de pensamento, o chamamos coletivo de pensamento. Este conceito (...) não deve ser entendido como um grupo fixo ou uma classe social. É por assim dizê-lo, um conceito mais funcional que substancial (...) Um coletivo de pensamento existe sempre que duas ou mais pessoas trocam idéias. (Fleck, 1986a, p. 149-150)

Dentro da estrutura geral do coletivo de pensamento, o autor identifica a formação de dois círculos formados pelos integrantes do coletivo de pensamento. Há um pequeno **círculo esotérico**, formado por uma minoria de maior domínio

intelectual no campo de conhecimento em questão, envolvido por um grande **círculo exotérico**, formado pelos indivíduos não especialistas na área. A partir do saber especializado (esotérico) surge o saber exotérico caracterizado pela simplificação da ciência nas publicações de divulgação popular. Um indivíduo poderia pertencer simultaneamente a diversos coletivos de pensamento, transitando livremente entre eles e garantindo a circulação inter e intracoletiva de idéias (Fleck, 1986a).

Para Fleck (1986a., p. 90) “(...) a palavra ‘conhecer’ só tem significado em relação com um coletivo de pensamento”, por isso considera o “(...) pensamento como uma atividade social por excelência, que não pode localizar-se completamente dentro dos limites do indivíduo.” (Fleck, 1986a, p.145). Assim, “um indivíduo pertence a vários coletivos ao mesmo tempo.” (Fleck, 1986a, p. 91). Porém, mais à frente, afirma que “quanto maior é a diferença entre dois estilos de pensamento menor é a circulação intercoletiva de idéias.” (Fleck, 1986a, p. 155), ao mesmo tempo em que atribui as transformações de um estilo de pensamento à circulação intercoletiva, afirmando que o indivíduo “(...) ao pertencer a várias comunidades de pensamento simultaneamente, atua como um veículo no tráfego de pensamento” (Fleck, 1986a, p. 157). “Quando o estilo de pensamento está muito afastado do nosso, já não é possível sua compreensão, pois as palavras não podem traduzir-se e os conceitos não têm nada em comum (...)” (Fleck, 1986a, p. 190).

As concepções seriam moldadas para se adaptarem à realidade e não se poderia cogitar o surgimento de idéias contrárias. As exceções procurariam ser dissimuladas para acomodarem as idéias à teoria vigente. Se uma nova concepção persistir, com o tempo, é transformada, acomodada e ajustada para que combine com a “realidade” do estilo de pensamento dominante. O autor exemplifica ilustrando as transcrições do aparelho reprodutor feminino feito em obras de diversas épocas, em que as figuras são visivelmente retocadas e adaptadas à teoria. “A sua maneira, cada uma destas épocas utilizou conceitos adequados ao estilo. Apesar desta clareza, um entendimento imediato entre os defensores dos distintos estilos de pensamento é impossível.” (Fleck, 1986a, p. 83).

O autor notou, comparando entre si vários estilos de pensamento, que as diferenças entre eles podem ser maiores ou menores. Ele concluiu que a diferença entre o estilo de pensamento dos físicos e dos biólogos não é muito grande. A diferença entre os físicos e os filólogos é grande, mas a diferença é ainda maior se

forem comparados os estilos de um físico europeu moderno, um médico chinês ou um místico cabalista. Nesse caso, a divergência entre os estilos de pensamento é tão grande, que, comparativamente, a que existe entre o físico e o biólogo desaparece. Neste ponto o autor cita, de passagem, que se poderia falar em matizes de estilo, variedades de estilo e estilos diferentes, mas não se aprofunda no tema (Fleck, 1986a, p. 155).

Com relação à aquisição do conhecimento pelas novas gerações, Fleck assinala que a aprendizagem está relacionada com a estrutura sócio-cultural de uma comunidade e o conhecimento possui a finalidade de reforçar o vínculo social. O ver formativo é alcançado após a aquisição de experiência, obtida mediante treinamento preliminar. A função do estilo de pensamento seria justamente a de proporcionar o ver formativo. Ao contrário deste último, o ver confuso inicial não estaria “contaminado” pelo estilo. Como o próprio nome anuncia, trata-se de um ver caótico, com uma mescla de vários estilos de pensamento, sem coesão e consolidação de idéias. Fleck (1986a, p. 139) conclui afirmando: “Portanto, todo descobrimento empírico só pode ser concebido como um complemento, como um desenvolvimento ou como uma transformação do estilo de pensamento.”

O coletivo de pensamento é o portador comunitário do estilo de pensamento e determina quais os problemas que podem ser considerados pertinentes para resolução. Assim sendo, o estilo de pensamento corresponde a uma aplicação prática. A importância da prática para o estabelecimento de um estilo de pensamento será pormenorizada ao longo deste texto.

A todo estilo de pensamento lhe corresponde um efeito prático. Todo pensar é aplicável, posto que a convicção exige, seja a conjuntura certa ou não, uma confirmação prática. A verificação de eficiência prática está, portanto, tão unida ao estilo de pensamento como a pressuposição. (Fleck, 1986a, p. 151).

Em relação à admissão de um indivíduo em um coletivo e por extensão à educação, Fleck (1986a) afirma que a introdução em um campo de conhecimento é uma espécie de iniciação, mas a experiência, que só é adquirível pessoalmente, é o que de fato capacita para o conhecer ativo e independente. É a experiência, a atividade prática, que realmente condiciona alguém para fazer parte de um determinado coletivo. Contudo, o processo que conduz o aprendiz a pertencer a determinado coletivo é puramente autoritário.

Para cada profissão, para cada atividade artística, para cada comunidade religiosa, para cada campo de saber há um tempo de aprendizagem, durante o qual tem lugar uma sugestão de idéias puramente autoritária, que não pode substituir-se, por exemplo, por uma construção intelectual “racional geral”. Este sistema ótimo de uma ciência, a organização última de seus princípios, lhe serve de norma legitimadora, mas para o aprendiz resulta totalmente inteligível. Já temos exposto esta situação no caso do isolamento de pensamento dentro da sorologia, na qual há uma iniciação meramente tradicional (e não “racional”). Toda introdução didática é, portanto, literalmente, um “conduzir-dentro” ou uma suave coerção. (Fleck, 1986a, p. 150-151)

Uma maneira de circulação e divulgação intra e inter-coletiva de idéias pode ser feita mediante sua publicação na ciência de revista, ciência de manual e ciência popular. A ciência especializada é constituída pela ciência de revista e pela ciência de manuais. A ciência de revista representa a vanguarda, tem muito de fragmentário e provisório e mantém um vínculo com a ciência de manual na esperança de ser incorporada pela mesma. O manual não se reduz a uma simples coletânea de vários trabalhos de revista; os trabalhos são selecionados com o objetivo de formar uma combinação ordenada para traçar os rumos a serem seguidos pela pesquisa. O saber popular, exotérico, surge a partir do saber especializado, esotérico, divulgado por meio de livros de texto que simplificam artificialmente os conceitos e omitem detalhes e, especialmente, os pontos obscuros e discutíveis (Fleck, 1986a).

2.2 UTILIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE FLECK COMO REFERENCIAL PARA A PESQUISA NO ENSINO NA ÁREA DE SAÚDE

A epistemologia baseada no pensamento de Fleck está norteando alguns grupos de pesquisadores no ensino de ciências (Delizoicov, 1995; Castilho & Delizoicov, 1999; Delizoicov, 2002; Lima, L. C., 1999), especialmente na área da saúde e do ensino de saúde (Backes, 2000; Cutolo & Delizoicov, 1999; Cutolo, 2001; Da Ros & Delizoicov, 1999; Da Ros, 2000; Delizoicov et al., 1999; Delizoicov et al., 2002; Koifman, 2001; Lima, A. M. C., 1999). O interesse na proposta de Fleck, é que a mesma pode ser empregada para o estudo de vários tipos de comunidades e suas interações para a produção do conhecimento científico (Delizoicov et al., 1999), sendo, por isso, perfeitamente adaptável para investigações na área de saúde e em consequência para o ensino de profissionais dessa área.

A seguir, será apresentada uma panorâmica dos trabalhos que utilizam as idéias de Fleck produzidos no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Ciências da Educação (CED) e também do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde (CCS), ambos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e também na Universidade Federal Fluminense (UFF). Devido ao fato de Fleck pertencer ao campo da medicina, suas idéias relativas ao estilo de pensamento e coletivo de pensamento possibilitam a utilização de sua epistemologia como fundamento para a pesquisa no ensino na área da saúde. Assim, serão examinadas as contribuições ligadas mais especificamente à área da saúde representadas por Backes (2000), Cutolo & Delizoicov (1999), Cutolo (2001), Da Ros & Delizoicov (1999), Da Ros (2000) e Koifman (2001).

Os estilos de pensamento presentes na formação profissional do enfermeiro foram o objeto de estudo de Backes (2000), que também utilizou, além das categorias de estilo de pensamento de Fleck, os níveis de “práxis” de Vázquez (1990). Segundo a autora, a “práxis” é uma atividade humana que constitui uma relação da teoria com a prática. Vázquez (1990) apresenta vários níveis de “práxis” e de acordo com o grau de atividade do sujeito no processo prático ela pode ser criadora ou inovadora/transformadora, e reiterativa ou imitativa. Quanto ao nível de consciência, a “práxis” pode assumir uma posição espontânea ou reflexiva. Na prática reflexiva, a consciência do sujeito exerce uma posição central e encontra-se aumentada em relação à espontânea.

Na prática criadora é produzido algo novo a partir de uma realidade ou elementos pré-existentes, caracterizando-se por permitir o confronto de novas situações por meio de uma atividade consciente. Esta “práxis” se dá no plano reflexivo, pelo elevado grau de consciência prática. Já a prática reiterativa, um nível inferior à anterior, não produz mudança qualitativa na realidade presente por executar a repetição de outra ação. Trata-se, por isso, de uma atividade espontânea.

Backes (2000) relacionou os níveis de “práxis” na enfermagem com o estudo do estágio pré-profissional nesta área. O estilo de pensamento na enfermagem foi detectado por meio de entrevistas semi-estruturadas com alunos desenvolvendo estágio, alunos egressos e profissionais ligados ao estágio pré-profissional na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Para a autora, o universo pesquisado

corresponde ao estilo de pensamento da enfermagem. Paralelamente, foram revisitadas, em diferentes momentos históricos, as mudanças de estilos de pensamento da enfermagem, iniciando por Florence Nightingale, que marcou o advento da enfermagem moderna.

A autora utilizou os níveis de “práxis”, cruzando-os com o estudo dos estilos de pensamento em enfermagem. O trabalho é concluído com a evidência de um estilo de pensamento em transição na enfermagem, designado pela autora como uma “zona fronteira”, com uma tentativa de superação do modelo tradicional em direção a uma prática mais flexível e contextualizada. Esta passagem para uma “práxis” transformadora, que ainda não se consolidou, mescla a regularidade e a flexibilidade, ou seja, um pensamento regular/inflexível cedendo lugar para um pensamento flexível/transformador em concordância com o desenvolvimento de uma “práxis” reflexiva.

Em seu artigo, Koifman (2001) faz um estudo da construção do modelo a partir do qual as faculdades de medicina das Américas e da maior parte dos países europeus vem sendo baseado. O documento de reformulação curricular da Universidade Federal Fluminense, de 1992, é analisado à luz da história do modelo biomédico, da teoria curricular e da epistemologia de L. Fleck. A autora conclui que houve avanços importantes no sentido de questionar o modelo biomédico de formação (no que se refere ao reducionismo do ser humano ao organismo biológico) contribuindo para a melhor qualificação do profissional para enfrentar as dificuldades cotidianas da profissão.

A utilização do referencial fleckiano no texto de Koifman (2001) se limita a relacionar os departamentos que representam as especialidades médicas a diferentes coletivos de pensamento, que corresponderiam por sua vez, a distintos estilos de pensamento oriundos das diferenças entre as concepções de medicina. Essa discussão não é aprofundada, não sendo fornecidos maiores detalhes sobre quais seriam essas concepções, nem como elas poderiam ser identificadas.

A epistemologia de Fleck foi utilizada por Cutolo & Delizoicov (1999) e por Cutolo (2001) como referencial para análise do currículo do curso de medicina da UFSC, por meio da categoria estilo de pensamento. A maioria dos trabalhos publicados em educação médica no Brasil trata de questões relacionadas à carga horária, alteração curricular e experiência de disciplina. “A questão epistemológica

relacionada com a didática e a pedagogia histórico-crítica não figuram como temas de relevância na bibliografia até o momento pesquisado.” (Cutolo & Delizoicov, 1999, p. 1). Os autores ainda expressam a preocupação em relação à formação médica ser consonante com as necessidades sociais, e como o currículo poderia ser um instrumento para promoção de mudança de estilo de pensamento que atendesse a esses propósitos.

Por intermédio de pesquisa em fonte histórica secundária, embasada em Rosen (1994) que situa a evolução histórica da saúde pública, Cutolo & Delizoicov (1999) procedem à caracterização dos estilos de pensamento em medicina. Neste trabalho preliminar, foram identificados três estilos: o higienista/preventivista, o social e o biologicista. O estilo de pensamento higienista/preventivista teve sua origem na Polícia Médica na Alemanha e se caracterizava por forte intervenção do Estado com atuação sob a forma de medidas locais. De acordo com o estilo de pensamento social, a doença é mediada e determinada socialmente. Os autores apontam como uma característica do estilo de pensamento biologicista, a desconsideração da determinação social na causação das doenças.

Os conteúdos programáticos e a bibliografia básica das disciplinas do ciclo clínico do curso de medicina foram examinados por Cutolo & Delizoicov (1999) à luz dos estilos de pensamento descritos anteriormente, para compreensão da forma como estes estilos se expressam. O trabalho encerra concluindo que o estilo de pensamento dominante é o biologicista, considerado um modelo biomédico ultrapassado. Nas disciplinas de saúde pública foi observada a convivência dos três estilos, com marcado viés higienista e biologicista, mas com hegemonia do último.

Por meio da análise histórica das visões de saúde e doença, Cutolo (2001) descreveu três concepções – a visão higienista, a social e a biológica – que se constituem em elementos dos estilos de pensamento em medicina. A pesquisa documental efetuada pelo exame das grades curriculares e dos planos de ensino juntamente com a realização de entrevistas com docentes, permitiu a análise das práticas curriculares de um curso de medicina. Os resultados possibilitaram encontrar as concepções higienista/preventivista, médico-social e biologicista/organicista como elementos constituintes da base estrutural dos estilos de pensamento. Os estilos de pensamento com características biologicistas

mostraram-se hegemônicos e apresentaram marcada influência na prática curricular do curso.

Para efeitos de categorização, dado o recorte da pesquisa, considere-se como biologicista o professor superespecialista, que dá suas aulas no hospital, que fundamenta seus conteúdos numa visão mecanicista e biológica, que atende a demanda individual, tem uma visão fragmentada do ser humano, enfatiza a doença e mobiliza sua atenção às práticas curativas.

Caracterizei o professor higienista preventivista como aquele que se sustenta teoricamente em conceitos multicausais, trabalha com variáveis, tem uma noção importante de meio na gênese da doença e na manutenção da saúde e concentra sua prática na prevenção e higiene.

O médico-social sustenta sua prática no entendimento da doença e saúde enquanto processo, determinado socialmente, produto da estrutura econômica e sua atenção não é individual, mas junto a comunidades. (Cutolo, 2001, p. 182)

Na leitura dos trabalhos de Cutolo & Delizoicov (1999) e de Cutolo (2001), percebe-se que no segundo texto houve uma reelaboração do artigo anterior, pela incorporação de dados como a análise de currículo e de entrevistas. No primeiro artigo foram identificados três estilos de pensamento em medicina, que no trabalho posterior passaram a se constituir em três grandes categorias ou elementos que permeiam os estilos de pensamento, a partir das visões de saúde e doença. O autor explica que pelo fato do conceito de saúde ser uma construção ligada à cultura, os estilos de pensamento seriam vinculados a valores e práticas sociais.

Da Ros & Delizoicov (1999) escolheram o caminho da análise da produção acadêmica para caracterização dos estilos de pensamento em saúde pública. Esta caracterização foi dada pela detecção dos estilos de pensamento presentes na formação de profissionais e pesquisadores na área. Os autores, neste trabalho preliminar, identificaram doze estilos de pensamento.

Em Da Ros (2000), o objetivo do trabalho era detectar os tipos de estilo de pensamento presentes no campo da saúde pública. Neste texto, as categorias epistemológicas estilo de pensamento e coletivo de pensamento propostas por Fleck são utilizadas como referencial. Para tanto, foram analisadas as produções acadêmicas da área em duas instituições de referência no país (Faculdade de Saúde Pública – FSP – da Universidade de São Paulo – USP, e Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP, FIOCRUZ), pelo exame das teses de doutorado, livre-docência, cátedra e dissertações de mestrado entre os anos 1948 a 1994.

Da Ros (2000) identificou a existência de onze estilos diferentes. A hipótese de trabalho é que existem estilos de pensamento distintos e incongruentes entre si

na área da saúde pública. Há dois estilos que são comuns tanto à FSP quanto à ENSP: epidemiologia clássica e estatística, e planejamento normativo e administração de serviços de saúde. Os estilos biologia de vetores, medicina preventiva, e educação sanitária estão presentes apenas na FSP. Os seis estilos próprios da ENSP são: planejamento estratégico em saúde, epidemiologia crítica, epidemiologia e saúde, saúde e segmentos sociais discriminados, educação em saúde, e atores sociais em saúde.

Nestes trabalhos que utilizaram as idéias de Fleck relacionando-as ao ensino na área de saúde, percebe-se que o trabalho de Backes (2000) segue uma linha diferenciada dos trabalhos de Cutolo & Delizoicov (1999), Cutolo (2001), Da Ros & Delizoicov (1999) e Da Ros (2000). Enquanto Backes relacionou os níveis de “práxis” ao estilo de pensamento em enfermagem e evidenciou a existência de um estilo de pensamento em transição, os outros autores procuraram identificar os estilos de pensamento presentes na área da saúde ou identificar categorias dentro dos estilos de pensamento.

Para a caracterização das categorias descritas por Fleck pelos diferentes autores, especialmente referentes ao estilo de pensamento, foram utilizadas abordagens variadas tais como: entrevistas semi-estruturadas (Backes, 2000), análise histórica (Cutolo & Delizoicov, 1999), exame da produção científica (Da Ros & Delizoicov, 1999; Da Ros, 2000), e utilização de estudo documental associado a entrevistas (Cutolo, 2001; Koifman, 2001).

Da Ros & Delizoicov (1999) apontam que Fleck, além de dar vários sentidos ao termo estilo de pensamento, não elucida que instrumentos poderiam ser utilizados para a determinação de um estilo de pensamento. Por outro lado, com relação às afirmações que o estilo de pensamento é mais bem entendido dentro do contexto do objeto de estudo e sua estrutura deve ser construída junto com a construção do objeto, Cutolo (2001) considera que a categoria estilo de pensamento existe enquanto estrutura que possui elementos constituintes que podem não ser específicos para cada objeto a ser estudado. Ele argumenta que a utilização de certos elementos ou propriedades da categoria é que podem auxiliar para a definição do objeto.

Cutolo (2001) destaca pelo menos quinze elementos caracterizadores ou propriedades num total de quarenta e os reagrupa, para fins de sua própria

compreensão, em cinco grandes classes que foram tomadas genericamente como elementos fundamentais constituintes do estilo de pensamento. O estilo de pensamento seria, portanto (Cutolo, 2001, p. 55): a) uma maneira de percepção e compreensão; b) um ato de proceder de modo dinâmico, sujeito a mecanismos de regulação; c) demarcado psicologicamente, socialmente, historicamente e culturalmente; d) dirigido a um corpo de conhecimentos e práticas; e) partilhado por um coletivo dotado de formação específica. Pelo exame das propriedades descritas, pode ser notado que a atividade prática desempenha um papel essencial como elemento constituinte de um estilo de pensamento.

O enfoque centrado no eixo referencial teórico e na metodologia dos trabalhos apresentados permitiu analisar diversos aspectos que moldam a utilização do pensamento de Fleck como referencial. Ao mesmo tempo estimula a procurar compreender a extensão de suas idéias para a construção teórica em pesquisas no ensino de ciências, com especial atenção para a área da saúde. No entanto, pode ser observado que é preciso que o conceito de estilo de pensamento seja formulado com maior clareza, para que, a partir daí, possam ser delimitados critérios que permitam o reconhecimento desta categoria epistemológica que garantam consonância entre as pesquisas.

Um importante parâmetro para compor um estilo de pensamento indicado nesse trabalho – com base nos escritos do autor ao longo de sua vida – é a atividade prática. O pressuposto de que a atividade prática de um determinado agrupamento social está associada a um estilo de pensamento será aqui utilizado para o estabelecimento de critérios para a análise e interpretação dos dados obtidos nessa pesquisa.

2.3 A ATIVIDADE PRÁTICA COMO NORTEADORA PARA A CONSTITUIÇÃO DE UM ESTILO DE PENSAMENTO

Como portador comunitário do estilo de pensamento, o coletivo de pensamento determina quais os problemas que podem ser considerados pertinentes para resolução. Assim sendo, o estilo de pensamento corresponde a uma aplicação prática. Sobre esse assunto, Fleck afirma que:

A todo estilo de pensamento lhe corresponde um efeito prático. Todo pensar é aplicável, posto que a convicção exige, seja a conjuntura certa ou não, uma confirmação prática. A verificação de eficiência prática está, portanto, tão unida ao estilo de pensamento como a pressuposição. (Fleck, 1986a, p, 151)

Fleck baseou a categoria que denominou de “estilo de pensamento” essencialmente na atividade prática. Por sinal, a aplicação prática foi alvo de intensa preocupação, revisitado constantemente em seus escritos⁵. Este tema foi discutido em vários de seus textos relacionados com aspectos sociais como a utilização de instrumentos por determinado coletivo, com o emprego de uma linguagem própria, com o ensino e com a percepção direcionada para a aquisição de habilidades, de prática e de experiência pelos indivíduos para tomarem parte de um grupo.

O exame da obra de Fleck evidencia que o termo estilo de pensamento tem uma conotação bastante ampla. Apesar dele ter lançado mão dos recursos históricos e do papel desempenhado pelo conhecimento, conjugando ambas as dimensões em suas incursões teóricas, não há indicações diretas em seus escritos sobre os meios a serem utilizados para a identificação de um estilo de pensamento, além da observação de aparelhos e instrumentos utilizados por um coletivo e a investigação da utilização de uma linguagem própria entre os integrantes do mesmo grupo. O que se evidencia é que estes aspectos influenciam as atitudes e atividades de uma coletividade (pontos destacados como componentes do estilo de pensamento por Bombassaro, 1995). A atividade pressupõe uma prática que orienta o coletivo para um determinado tipo de atitude.

Sobre a associação entre teoria e prática, Fleck (1986c) comenta que no caso particular das ciências naturais há paralelamente a uma prática, uma teoria dirigida, que o autor denomina de “Gestalt oficial da ciência”. A prática das ciências naturais não pode ser aprendida nos livros, que mantêm silêncio sobre as mesmas. O que não é revelado – que só pode ser aprendido na prática – são as pequenas divergências, as exceções que confirmam a regra e os erros acidentais e inevitáveis. Tudo isso forma o estilo de pensamento da prática científica, que nasce da tradição e deve preservar as regularidades. O estilo de pensamento marca cada época e imprime na personalidade dos cientistas o método e o estilo para as soluções dos problemas.

⁵ O desenvolvimento da teoria fleckiana é abordado em Pfuetzenreiter (2003).

2.4 POR QUE O REFERENCIAL DE FLECK TEM SIDO UTILIZADO EM PESQUISAS NO ENSINO DAS CIÊNCIAS APLICADAS?⁶

É essencial depreender que Fleck acentua que a ciência deve ser entendida como uma atividade historicamente construída por coletivos. Mas essas questões de fundo sociológico e psicológico não eram consideradas importantes em seu tempo (Bombassaro, 1995). Fleck parte do pressuposto que o conhecimento é uma construção sócio-histórica e lançou como pontos centrais dois conceitos inter-relacionados que são o de estilo de pensamento e coletivo de pensamento, como foi detalhado anteriormente. Contudo, o autor evidenciou muitas facetas em seu conceito de estilo de pensamento, o que poderia levar a uma multiplicidade de acepções, a exemplo do que ocorreu com o conceito de paradigma utilizado por Kuhn (Masterman, 1979). No entanto, Bombassaro (1995, p. 14) identifica os dois componentes do estilo de pensamento: as atitudes e as atividades desempenhadas pelo coletivo.

E é isto que interessa a Fleck explorar, deixando claro como se caracterizam as atividades através das quais se efetivam as atitudes do investigador. No entender de Fleck, os dois componentes principais dessas atividades, quais sejam, a disposição para um perceber orientado e para uma ação dirigida, tornam manifesto o caráter essencial do estilo do pensamento. O estilo de pensamento é caracterizado, então, como sendo um conjunto de pressuposições básicas, tácitas ou não, conscientes ou inconscientes, a partir das quais, em qualquer área ou disciplina, o conhecimento é construído. Um perceber orientado e a correspondente elaboração intelectual e objetiva do percebido, constituem, assim, o núcleo duro do estilo de pensamento. (Bombassaro, 1995, p. 14-15)

Apesar de serem feitas inúmeras comparações entre Kuhn e Fleck, a diferença fundamental entre ambos os autores é que o primeiro lança os alicerces de seu sistema de idéias na estrutura teórica que rege as comunidades científicas – o paradigma. Já o segundo mantém, na prática desempenhada por um coletivo, a base de suas categorias epistemológicas. A aplicação do conhecimento como experiência e prática é a pedra angular do pensamento de Fleck. Para estabelecer seu modelo teórico, Fleck se baseou tanto nos recursos fornecidos pela história

⁶ Chauí (2000) descreve a classificação sistemática das ciências como: ciências matemáticas ou lógico matemáticas (aritmética, geometria, álgebra, trigonometria, lógica, física pura, astronomia pura, etc.); ciências naturais (física, química, biologia, geologia, astronomia, geografia física, paleontologia, etc.); ciências humanas ou sociais (psicologia, sociologia, antropologia, geografia humana, economia, lingüística, arqueologia, história, etc); ciências aplicadas (todas as ciências que conduzem ao desenvolvimento de tecnologias para intervir na natureza, na vida humana ou na sociedade, como o direito, as engenharias, medicina, arquitetura, informática, etc.).

quanto na natureza do conhecimento configurado nas transformações sofridas pelo pensamento de uma coletividade ao longo do tempo.

Ainda que o conhecimento científico não seja certo e definitivo e esteja em contínuo desenvolvimento, o paradigma está calcado em uma estrutura regular e estável, com a finalidade de preservar uma determinada estrutura teórica. Essa estrutura é regida pelos princípios fixados pela ciência e caracteriza o que Kuhn denominou de períodos de “ciência normal”. Portanto, quando ocorre alguma perturbação na ordem estabelecida, a mudança gerada nesse sistema tem como resultado uma revolução.

À medida que o paradigma estabelecido para cada ciência básica constitui-se em um modelo particular, os estilos de pensamento são múltiplos e têm como suporte uma atividade prática. Seu ponto de apoio se estabelece principalmente na aplicação sob a forma de tecnologia. Por este motivo, um estilo de pensamento sofre freqüentes transformações e influências de outros estilos. Por exemplo, a noção de que alguns microrganismos estão associados a algumas enfermidades permanece inalterada, enquanto que as aplicações desse conhecimento sofrem constante desenvolvimento relacionado às concepções sobre as enfermidades, aos conhecimentos de epidemiologia e às técnicas empregadas para o diagnóstico, tratamento e profilaxia das doenças transmissíveis.

Conseqüentemente, ao contrário do paradigma, o estilo de pensamento está sujeito a pequenas e freqüentes modificações. A mudança de paradigma ocorre de maneira drástica, por rupturas, enquanto um estilo de pensamento se modifica sutilmente, de maneira lenta e gradual. Entretanto, essas mudanças em doses homeopáticas, ao final de um longo período se transformarão em mudanças tão significativas quanto uma mudança de paradigma em uma revolução científica.

Um estilo de pensamento é pautado por um coletivo de pensamento. Portanto, o estilo de pensamento é vivo, dotado de uma plasticidade que permite que se adapte às mudanças e se submeta às constantes transformações desencadeadas pelo ritmo dos avanços tecnológicos. Como conseqüência, é admitida a convivência de inúmeros estilos de pensamento simultaneamente, que trazem como marca a participação de diversos grupos de indivíduos que se relacionam mutuamente, permitindo o livre trânsito de idéias inter-coletivas. A imagem evocada a partir desta propriedade de interação de grupos de indivíduos é a

de um sistema composto por vários níveis que se intercomunicam, à semelhança do que foi descrito por Bertalanffy (1975) em sua “Teoria Geral dos Sistemas”.

Schäfer & Schnelle (1986) ponderam que a medicina, a exemplo de outras disciplinas, também procura estabelecer relações causais. Entretanto, ao contrário da química e da física, não é possível haver um único princípio que envolva a totalidade da disciplina. Como as enfermidades podem ser estudadas sob diversos ângulos, sem uma unificação teórica, pode haver uma multiplicidade de concepções, pela coexistência de distintos critérios conceituais. Dentro desta diversidade de pensamentos, certas idéias diretrizes se tornariam dominantes, mas sempre com um caráter temporário baseado na evolução dos conhecimentos.

Canguilhem (1990, p. 16) considera a medicina como “(...) uma técnica ou uma arte situada na confluência de várias ciências, mais do que uma ciência propriamente dita.” A medicina veterinária, a exemplo da medicina humana, também é um campo de aplicação e um ponto de convergência de várias ciências. Pelo exposto acima, torna-se consistente a utilização do referencial de Fleck em pesquisas em ensino nas áreas relacionadas a estas ciências aplicadas, como a Enfermagem (Backes, 2000), a Medicina (Cutolo & Delizoicov, 1999; Cutolo, 2001; Da Ros, 2000; Da Ros & Delizoicov, 1999; Delizoicov et al., 1999; Lima, A. M. C., 1999) e a Medicina Veterinária.

2.5 O PENSAMENTO FLECKIANO COMO EIXO ORIENTADOR DESTE TRABALHO

Pelo exposto acima, a ancoragem teórica desta tese não poderia estar baseada em epistemólogos que discutem unicamente a filosofia das ciências naturais, mas, antes, em autores que procurassem focalizar em seus escritos o conhecimento proveniente das aplicações e tecnologias. O pensamento de Fleck é adequado por favorecer a abordagem e o esclarecimento do problema da relação entre os diversos campos de ação da medicina veterinária e o ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública nos cursos de graduação em Medicina Veterinária. Desta forma, as categorias epistemológicas de Fleck serão utilizadas neste texto como instrumento para o estabelecimento de critérios para a análise do problema colocado.

A intenção desse trabalho é privilegiar o papel da prática e apresentá-la como um importante parâmetro para estabelecer a correspondência com um estilo de pensamento por meio da observação, dentre outros aspectos, da linguagem e dos instrumentos utilizados por um grupo. O sentido da palavra **instrumento** aqui aplicada será amplo, incluindo não apenas o uso de aparelhos mecânicos, mas os recursos e ferramentas empregados na tarefa de atingir um objetivo e conseguir um resultado – o que indica os procedimentos utilizados que conseqüentemente balizam as atitudes e atividades do grupo. Portanto, tanto um microscópio (que é um aparelho) quanto a estatística (que é um método), serão considerados instrumentos de trabalho.

A utilização desse referencial será feita mediante algumas adaptações, uma vez que Fleck formulou seu pensamento em um contexto diferente do que será utilizado nesta tese. Como observa Harwood (1986), a discussão de Fleck sobre a estrutura social é um tanto abstrata. Para o crítico, o epistemólogo relata com riqueza de detalhes a observação, classificação e emergência de um fato na bacteriologia igualmente como faz uma análise minuciosa da respectiva organização das comunidades científicas (coletivos). Porém, faltam elementos para melhor fundamentação quando o epistemólogo aplica os termos “coletivo de pensamento” e “estilo de pensamento” à ciência concreta.

O crítico de Fleck cita algumas passagens da monografia do epistemólogo traduzidas para o inglês para argumentar sua afirmação. Em um dos trechos Fleck (1979, p. 103-105⁷) argumenta que a ciência moderna é constituída por um único coletivo de pensamento, fazendo freqüentemente alusão “ao” estilo de pensamento da ciência moderna, em oposição à religião, arte, moda, esporte ou política. Por outro lado, o epistemólogo também se refere de passagem aos distintos estilos de pensamento nas diferentes disciplinas coletivas e mesmo de diferentes cientistas (Fleck, 1979, p. 108⁸). Nesse segmento do texto, são feitos comentários sobre os estilos de pensamento existentes entre os físicos e os biólogos e citados rapidamente os termos matizes de estilo, variedades de estilo e estilos diferentes, mas sem conciliar o uso dado à expressão “estilo de pensamento” nos dois trechos

⁷ Trecho correspondente às páginas 150 a 152 da edição em espanhol (Fleck, 1986a).

⁸ Correspondente à página 155 da edição em espanhol (Fleck, 1986a).

mencionados anteriormente, ou seja, na ciência moderna como um todo e nas ciências naturais.

Harwood (1986) notou que mais adiante, no final da monografia (seções 4 e 5) Fleck começa a aplicar o termo estilo de pensamento de uma forma mais promissora, discutindo diferentes estilos dentro de uma dada disciplina, mas o faz valendo-se de períodos históricos bem distantes e distintos. O crítico prossegue mostrando que, pela falta de melhor elaboração conceitual, a análise do epistemólogo não é tão útil quanto poderia ser para sociólogos contemporâneos e historiadores interessados em contrapor estilos dentro de uma dada disciplina em um período particular.

Como se pode perceber, alguns aspectos do pensamento de Fleck não ficam muito evidenciados. No entanto, o próprio autor assinala que não tinha a intenção de esgotar o assunto, mas apenas de indicar novos caminhos:

Contudo, não pode ser a missão do presente trabalho elaborar uma teoria completa dos estilos de pensamento. Só pretendemos assinalar certas propriedades da circulação do pensamento inter-coletiva. (Fleck, 1986a, p. 155)

A limitação apontada acima pelo crítico é um tanto radical. O referencial de Fleck pode ser utilizado, mas guardando determinadas precauções. A grande contribuição de Fleck consiste em mostrar que há diferentes formas de pensar que constituem diferentes pontos de vista e que são compartilhados e defendidos por grupos distintos. É esta propriedade que será utilizada como instrumento de análise para o estudo de caso desta tese.

Haveria uma certa dificuldade, como foi explicado acima pelas advertências de Harwood, em delimitar os estilos de pensamento presentes dentro de um determinado âmbito em um período restrito de tempo – como por exemplo em Medicina Veterinária na atualidade. Por esse motivo as idéias principais ligadas às noções de “estilo de pensamento” e “coletivo de pensamento” serão utilizadas de maneira ampla, com o objetivo de fornecer explicações de natureza sociológica sobre o comportamento dos agrupamentos (coletivos) estudados.

As possibilidades do uso do referencial fleckiano não se esgotam na aplicação de suas categorias em situações pontuais. O marco teórico utilizado serviu de inspiração para este trabalho, mas sem ser utilizado de maneira rígida e restrita. A partir das idéias de Fleck foi elaborada uma forma particular de abordagem que

abre caminhos para que sejam feitos avanços, à medida que são criadas novas compreensões e explicações sobre as idéias do autor. A trajetória própria da qual se optou por dispor permite conceber outras leituras e distinguir novas feições acerca do referencial – mas sempre tomando o cuidado de não perder a essência do autor.

A forma de sistematização do pensamento de Fleck na tese será feita estabelecendo um paralelo entre a categoria epistemológica de estilo de pensamento estabelecida pelo autor e os campos de atuação dos profissionais de Medicina Veterinária. Esses campos de atuação consistem de agrupamentos sociais que reúnem profissionais que possuem determinadas concepções de saúde e doença, partilham certas práticas, utilizam linguagem e instrumentos de trabalho próprios e, conseqüentemente, formam coletivos.

O ponto de vista assumido neste texto é de que cada campo de atuação da profissão está associado a um estilo de pensamento. Os três campos principais de atuação seriam: Clínica Veterinária, Zootecnia e Produção Animal, e Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública⁹.

Um problema a ser enfrentado seria a dificuldade em se delimitar esses estilos de pensamento, já que existem campos de atuação que pertencem a várias áreas simultaneamente. Por exemplo, o campo da Zootecnia e Produção Animal é compartilhado nas ciências agrárias tanto pela Medicina Veterinária, quanto pela Agronomia, além da própria área de Zootecnia¹⁰.

Por este motivo, será resguardada a denominação de estilo de pensamento, mas tendo em mente que o estilo está associado aos campos de atuação da Medicina Veterinária. Não se tratam de estilos de pensamento **da** Medicina Veterinária, mas de estilos de pensamento **na** Medicina Veterinária, ou seja, não são estilos exclusivos da profissão, mas são formas de pensar que estão presentes dentro da Medicina Veterinária e que permeiam outros âmbitos profissionais, mantendo ligações com eles.

⁹ Essa categorização será detalhada no próximo capítulo da tese.

¹⁰ Essa questão será explicada no próximo capítulo da tese.

3 PRINCIPAIS CAMPOS DE ATUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA – OS ESTILOS DE PENSAMENTO

O ensino de Medicina Veterinária no Brasil esteve pautado no modelo francês – origem das escolas de veterinária – e os currículos dos cursos seguiram, durante décadas, os moldes da Escola de Alfort com o ensino de disciplinas do ciclo básico e do ciclo profissionalizante (Branco Germiniani, 1992).

Em um estudo sobre o ensino da Medicina Veterinária no Brasil, Branco (1972) descreve a organização dos cursos no país tomando como base a Faculdade de Veterinária da Universidade Federal do Paraná. A autora assegura a existência de uma uniformidade nos cursos, com apenas pequenas diferenças entre eles. Os cursos eram divididos em duas partes: a primeira correspondendo ao ensino básico e a segunda ao ciclo profissional. O ciclo básico, formado pelo Departamento de Ciências Básicas, era comum aos estudantes de Medicina Veterinária, Medicina, Odontologia, Farmácia e Biologia e compreendia conteúdos como Anatomia, Fisiologia, Histologia, Bioquímica, Genética, Parasitologia, Microbiologia, Imunologia e Estatística.

O setor profissionalizante era formado por três Departamentos: de Higiene e Saúde Pública, de Medicina Veterinária, e de Zootecnia. O Departamento de Higiene e Saúde Pública tinha como conteúdos a Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal, Doenças Infecciosas, Doenças Parasitárias, Epidemiologia, Higiene e Saúde. O Departamento de Medicina Veterinária englobava os conteúdos de Clínica, Cirurgia e Patologia; e o Departamento de Zootecnia abordava conteúdos relacionados à Produção Animal, Economia e Administração Rural e Nutrição (Branco, 1972).

Essa forma de organização continua acompanhando a estrutura departamental de alguns cursos, havendo uma certa tendência em distribuir as disciplinas em quatro grupos principais, que podem estar ligados a departamentos do próprio curso ou de outros cursos: a) Disciplinas Básicas; b) Clínica e Patologia; c) Zootecnia e Produção Animal; d) Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Esse tipo de agrupamento entra em sintonia com os setores de atividades desempenhadas dentro da Medicina Veterinária, como será exposto em seguida.

Em 1993, os Diretores das Faculdades de Ciências Veterinárias dos países membros do MERCOSUL resolveram convocar reuniões regulares de integração sob a coordenação da Faculdade de Veterinária da República do Uruguai (Rista et al., 1998; Rista & Bastos Santos, 2001). Como resultado dessas reuniões, foi destacada, dentre outros itens, a necessidade de analisar os programas de graduação com o objetivo de adoção de critérios comuns nos cursos da região. Na necessidade de fixar pautas comuns para as futuras tarefas de análises curriculares, foram estabelecidas as seguintes definições com relação à formação dos profissionais:

- a) **CIÊNCIAS BÁSICAS:** foram designadas aquelas que aportem conhecimentos relativos:
 - às bases fundamentais da ciência biológica;
 - às bases estruturais e funcionais dos animais que são objeto de estudos nas Ciências Veterinárias.
- b) **CIÊNCIAS DE FORMAÇÃO GERAL:** são aquelas que fornecem conhecimentos referentes:
 - às bases fundamentais das ciências humanas;
 - às bases estruturais e de funcionamento da empresa agropecuária.
- c) **CIÊNCIAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL:** são aquelas que proporcionam conhecimentos que serão aplicados nas diferentes atividades para o desempenho profissional, representadas pelos seguintes segmentos: **Saúde Animal, Saúde Pública Veterinária e Produção Animal.**

Foram consideradas como **conteúdos de formação básica:**

- a) Morfologia (Anatomia, Histologia, Embriologia);
- b) Bioquímica;
- c) Biofísica;
- d) Fisiologia;
- e) Genética;
- f) Microbiologia;
- g) Imunologia;
- h) Bioestatística.

No estudo realizado durante as reuniões considerou-se que o conteúdo pré-profissional seria um conjunto de conhecimentos necessários que fornecem

instrumentos para os conhecimentos básicos, as habilidades e atitudes que auxiliarão na sustentação à formação profissional em suas diversas áreas. Os seguintes **conteúdos pré-profissionais** foram listados:

- a) Administração;
- b) Economia;
- c) Ecologia;
- d) Epidemiologia;
- e) Farmacologia;
- f) Genética Pecuária / Bases Genéticas do Melhoramento Animal;
- g) Nutrição;
- h) Parasitologia;
- i) Patologia geral;
- j) Semiologia;
- k) Sociologia Rural e Urbana;
- l) Toxicologia;
- m) Zootecnia Geral.

Foram classificadas as seguintes grandes áreas de formação do profissional:

a) Medicina Veterinária, b) Produção Animal, c) Medicina Veterinária Preventiva, Saúde Pública e Ambiental, e d) Tecnologia de Produtos de Origem Animal. É importante assinalar que estas áreas estabelecidas para o segmento profissionalizante correspondem aos campos de atividade prática desempenhadas pelo profissional médico veterinário. Esse será um importante critério de análise para esse trabalho, como será esclarecido mais adiante.

Para cada área foram especificados os conteúdos constituintes do bloco **profissional**:

- a) **Medicina Veterinária**, que compreende os seguintes conteúdos:
 - Patologia e Clínica Médica (incluindo Endocrinologia, Enfermidades Nutricionais e Metabólicas);
 - Patologia e Clínica Cirúrgica;
 - Patologia e Clínica das Enfermidades Infecciosas e Parasitárias;
 - Patologia e Clínica da Reprodução (incluindo Ginecologia, Obstetrícia e Andrologia).
- b) **Produção Animal**, que compreende os seguintes conteúdos:

- Biotecnologia da Reprodução (Inseminação Artificial e Transferência de Embriões);
- Criação, Manejo, Exteriores e Exploração Econômica e Sustentável de Animais.
- c) **Medicina Veterinária Preventiva, Saúde Pública e Ambiental**, que compreende os seguintes conteúdos:
 - Epidemiologia aplicada;
 - Zoonoses;
 - Higiene e Inspeção de Produtos de Origem Animal;
 - Saneamento Ambiental;
 - Bromatologia.
- d) **Tecnologia de Produtos de Origem Animal**, que compreende os seguintes conteúdos:
 - Tecnologia Aplicada e Controle da Qualidade de Produtos de Origem Animal.

Algumas observações sobre a área de Medicina Veterinária Preventiva, Saúde Pública e Ambiental parecem pertinentes: Não ficaram contemplados nessa área os conteúdos relacionados à administração e planejamento em saúde animal e saúde pública, e também os conteúdos pertinentes à educação em saúde. A inserção da Bromatologia na área é bastante discutível, visto que ela deveria estar incluída na Produção Animal por estar mais ligada à parte de alimentação e nutrição.

Praticamente os mesmos campos de ação estabelecidos acima também são citados nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária Resolução 01/2003 – (Ministério da Educação, 2003). Quando o documento cita os conteúdos específicos relativos à Medicina Veterinária são indicadas as seguintes áreas¹¹:

- a) Zootecnia e Produção Animal.
- b) Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal.
- c) Clínica Veterinária.
- d) Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Rosenberg & Olascoaga (1991) em uma reflexão sistemática sobre a profissão veterinária propõem uma avaliação das principais áreas de ação do veterinário. Os autores sustentam que há três linhas principais de ação do

¹¹ Os conteúdos relativos a cada área estão detalhados no quadro 5 (capítulo 5).

veterinário: a clínica, o sanitarismo e a produção animal. A área de clínica presta serviços de diagnóstico e tratamento aos animais produtivos, de trabalho, além de atendimento aos pequenos animais. A prática sanitarista está relacionada aos programas de saúde animal e saúde pública veterinária e inclui responsabilidades de planejamento e administração de projetos e serviços, atenção nas enfermidades transmissíveis, controle higiênico dos alimentos, além de outras tarefas relacionadas. A produção animal engloba as atividades inerentes ao processo produtivo de sanidade, genética, manejo, nutrição, sendo importante também para a organização e gerenciamento das empresas agrícolas.

Em comparação com as esferas de ação em Medicina Veterinária citadas pelas atas da Associação de Faculdades e Escolas de Ciências Veterinárias do MERCOSUL e com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina Veterinária (Ministério da Educação, 2003), o texto de Rosenberg & Olascoaga (1991) apresenta algumas alterações com relação à nomenclatura das áreas e disposição de determinados conteúdos. Porém, a essência permanece a mesma, ou seja, os conhecimentos obtidos dão suporte para a aquisição de habilidades para exercício da profissão. Pode ser observado que é a atividade prática que dá sustentação à categorização das áreas dentro da Medicina Veterinária.

Ao utilizar como amparo as três classificações expostas acima para as atividades exercidas pelo médico veterinário, está sendo proposta neste trabalho a seguinte maneira de disposição dos grupos de atuação para a profissão:

- a) Clínica Veterinária (CV)
- b) Zootecnia e Produção Animal (ZPA)
- c) Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública¹² (MVPSP)

Os campos de atuação apresentados representam os pilares fundamentais do currículo dos cursos de Medicina Veterinária que estão assentados sobre os princípios das ciências básicas. Cada um desses três agrupamentos se constitui em grandes áreas que se refletem na atuação profissional veterinária, reúnem grupos de pessoas que compartilham a mesma linguagem, os mesmos conceitos, instrumentos

¹² Inclui a Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal e Ecologia e Proteção ao Meio Ambiente.

de trabalho e procedimentos, formando modos de pensar distintos¹³. A inclusão da Inspeção e Tecnologia de Produtos e Origem Animal dentro da última área citada se justifica pela afinidade e vinculação com as atividades de saúde pública, como será mostrado na seção referente às atividades desempenhadas em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (seção 3.2 deste capítulo).

Desta forma, poderia ser feito um paralelo entre as práticas desenvolvidas em Medicina Veterinária e as categorias epistemológicas estabelecidas por Fleck. Assim, as atividades práticas exercidas pelos diversos segmentos da profissão poderiam ser adaptadas ao sistema de pensamento do epistemólogo. Conseqüentemente, neste trabalho, os diferentes campos de atividade descritos para a Medicina Veterinária foram relacionados à categoria “estilo de pensamento” e os grupos de profissionais que desempenham as respectivas aplicações correspondem aos “coletivos de pensamento”.

Apesar de Löwy (1994b) apontar a coexistência de vários estilos de pensamento entre os profissionais da saúde, particularmente entre as diversas especialidades médicas que mediam as atividades dos profissionais da área, esse raciocínio não pode ser transposto para a Medicina Veterinária. Os campos de atividade aqui identificados não poderiam ser considerados estilos de pensamento peculiares à Medicina Veterinária, mas compreenderiam estilos de pensamento associados a esses campos de atuação. Esse entendimento foi adotado porque, por exemplo, dentro da área de Zootecnia e Produção Animal também atuam outros profissionais como Engenheiros Agrônomos e Zootecnistas. Essa esfera de atuação não pode ser, portanto, considerada um estilo de pensamento restrito à Medicina Veterinária, mas antes, como um campo de atividade que estabelece correspondência com um estilo de pensamento do qual compartilham profissionais de diversos âmbitos.

Um outro exemplo pode ser encontrado dentro do campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública que estabelece ligações simultaneamente

¹³ As matérias básicas constituem uma forma de pensamento própria compartilhada com os cursos da área das ciências da saúde. É formado pelos seguintes conteúdos: Anatomia, Histologia, Embriologia, Bioquímica, Biofísica, Fisiologia, Microbiologia, Imunologia e Estatística (ou Bioestatística). Apesar de fornecer conhecimentos para os campos de atuação profissional, a área básica foi considerada uma forma de pensamento à parte porque isoladamente não toma parte da prática profissional cotidiana. O trabalho relacionado com animais silvestres também foi considerado separadamente, por não formar um estilo de pensamento totalmente desenvolvido na profissão.

com a Medicina Veterinária nas **ciências agrárias** e com a Saúde Coletiva nas **ciências da saúde**. Como será visto na última seção deste capítulo, há atividades que não são exclusivas do médico veterinário e que podem ser desempenhadas por outros profissionais – como no caso do saneamento ambiental (controle de artrópodes e roedores) e vigilância sanitária. As pessoas que compartilham as atividades dessas áreas formam coletivos, e por isso podem ser aplicadas as noções de coletivo de pensamento. As atividades desse campo têm ampla penetração em outros meios e por isso não seria um estilo de pensamento específico da Medicina Veterinária, mas haveria uma forma de pensamento (estilo) que manteria uma relação, uma identificação com um coletivo.

Para a composição das características de cada campo de atuação – correspondentes a estilos de pensamento que guardam relação com um coletivo – serão analisados os instrumentos utilizados, a linguagem empregada e o objetivo pretendido por cada segmento. A integração destes elementos por determinado grupo irá constituir a prática desenvolvida pelo mesmo (composta pelas atitudes e atividades do coletivo).

3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS CAMPOS DE ATIVIDADE DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA

Para melhor compreensão dos diversos ramos de atividade da profissão médico veterinária, é importante lembrar que a Medicina Veterinária tem um amplo campo de atuação reunindo elementos oriundos do conhecimento das ciências da saúde e do conhecimento das ciências agrárias¹⁴. Essa mescla auxiliou a formação e o estabelecimento dos vários segmentos de ação do profissional, conferindo particularidades e propósitos específicos para cada uma dessas vertentes que foram relacionadas a distintas formas de pensar.

¹⁴ Esse aspecto será mais bem discutido na seção 5.4 da tese.

3.1.1 A Vinculação entre os Três Campos

O quadro 1 descreve as características dos três campos de atividade da Medicina Veterinária (estilos de pensamento) – Clínica Veterinária, Zootecnia e Produção Animal, e Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Esses campos de ação possuem particularidades próprias, ao mesmo tempo em que também apresentam alguns aspectos comuns.

A característica mais importante e que determina todos os outros aspectos de cada campo é a concepção de saúde e doença. Foram tomadas como base as concepções sobre saúde e doença identificadas por Cutolo (2001) e que permeiam os estilos de pensamento na Medicina, havendo concepções que seriam mais predominantes em cada coletivo.

Essas concepções já foram detalhadas anteriormente no capítulo referente à utilização do pensamento de Fleck como referencial para a pesquisa no ensino de saúde (seção 2.2). A título de sumarização, pode ser comentado que a concepção **biologicista** se fundamenta em uma visão reducionista, enfatizando a doença e o atendimento individual. A visão **higienista preventivista** se sustenta na multicausalidade e concentra sua prática na prevenção e higiene. Finalmente, a atitude **médico-social** entende a saúde enquanto processo determinado socialmente e concentra sua atenção na coletividade. Cutolo (2001) identificou essas categorias utilizando recursos históricos.

Segundo Mohr (2002) o termo **biologicista** empregado com um sentido pejorativo de crítica deveria ser evitado e denota um desconhecimento do escopo e da abrangência da área de conhecimento delimitada pela biologia. A abordagem biológica de uma situação de saúde pública considera as relações dinâmicas entre os vários fatores envolvidos. Por esse motivo, o termo **biologicista** utilizado por Cutolo (2001) será aqui substituído por **reducionista**, para indicar uma forma de pensamento que, ao se defrontar com um problema de saúde, considera em menor grau aspectos principalmente relacionados com as ciências humanas ou sociais.

**QUADRO 1 – CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS ESTILOS DE PENSAMENTO
(CAMPOS DE ATUAÇÃO) EM MEDICINA VETERINÁRIA¹⁵.**

ASPECTOS	CLÍNICA VETERINÁRIA (CV)	ZOOTECNIA E PRODUÇÃO ANIMAL (ZPA)	MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA (MVPSP)
Concepções predominantes sobre saúde e doença	Reducionista e Higienista/Preventivista	Higienista/Preventivista e Reducionista	Higienista/Preventivista e Social
Enfoque	Indivíduo Atendimento ao indivíduo como paciente.	População Aplicação de medidas que visam o aumento da produção de alimentos, o melhoramento genético, a reprodução e a nutrição dos rebanhos. Ênfase na economia.	População – animal (rebanho) e/ou humana (comunidade). Estabelecimento de medidas de aplicação geral, procurando atingir grande número de indivíduos.
Propósito	Cura de doenças. Restauração e recuperação da saúde animal.	Produção de alimentos e produtos de origem animal.	Promoção da saúde humana por meio da proteção da saúde animal.
Linguagem (termos específicos utilizados)	Doença Cura Diagnóstico, Terapêutica, Caso clínico	Alimentos, Produção, Produtividade, Conversão alimentar, Agronegócio, Agroindústria, Custo de produção, Mercado	Saúde, Medidas profiláticas, Defesa sanitária animal, Vigilância sanitária, Vigilância epidemiológica
Instrumentos de trabalho	Procedimentos e técnicas de diagnóstico e tratamento de enfermidades (utilização de instrumentos mecânicos e aparelhos).	Uso de procedimentos e tecnologia para aumentar a produtividade, fertilidade, índice de natalidade dos rebanhos Melhoramento genético.	Indicadores e estatísticas de saúde para o estabelecimento de diagnóstico populacional e execução de ações preventivas e de controle.
Modo de execução do trabalho/ Prestação de serviços	Prestador individual de serviços.	Atuação em empresas agropecuárias e institutos de pesquisa.	Vinculado a organismos públicos.

A seguir, será estabelecido um paralelo entre as concepções prescritas por Cutolo e as noções presentes em Medicina Veterinária, procurando firmar relações com cada estilo de pensamento¹⁶.

¹⁵ Um aspecto que poderia ser investigado seria com relação à análise das publicações pertinentes a cada campo de atuação. Trata-se de uma pesquisa bastante ampla, que não pôde ser efetuada por se desviar do âmbito da tese.

¹⁶ Todas as concepções identificadas por Cutolo (2001) estariam presentes em cada um dos campos de atuação da Medicina Veterinária (estilos de pensamento), porém com predominância de um ou mais tipos.

A **Clínica Veterinária** apresenta uma acentuada concepção de saúde e doença de teor reducionista, mas, ao mesmo tempo, mantém uma concepção higienista/preventivista. Esta última se revela mais intensamente quando o profissional exerce atividades de promoção da saúde (como a orientação para prática de medidas profiláticas pelos proprietários de animais), de proteção específica (como as vacinações) e também de diagnóstico precoce e notificação de zoonoses.

A **Zootecnia e Produção Animal** se lança em direção a uma prática de cunho mais econômico. Por este motivo a concepção higienista/preventivista se mostra mais presente e orienta as atividades de prevenção de enfermidades para garantir a produção, produtividade e qualidade dos rebanhos e produtos.

A **Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública** apresenta a concepção social além da concepção higienista/preventivista. Mesmo que o enfoque dado seja para as ações estritamente ligadas aos animais pela prática da Medicina Veterinária Preventiva, prevalece, além da prática de prevenção e higiene, também uma preocupação com a coletividade, com o rebanho. Por outro lado, se as atenções estão voltadas mais para a saúde humana por meio das ações de Saúde Pública, permanece uma preocupação marcadamente social.

A intensa circulação de idéias, pela grande proximidade entre os grupos, conduz à manifestação de concepções semelhantes em alguns momentos, quando da execução de determinadas atividades específicas. Pela grande capacidade de se infiltrar nos outros campos, a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública fornece elementos teóricos e práticos importantes para a execução das outras atividades dentro da Medicina Veterinária. Este segmento teria a função de elo de ligação, como se fosse um braço estendido das outras duas áreas. O principal ponto de contato entre os três segmentos é a concepção de saúde e doença de caráter preventivista/higienista, originário das atividades de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Esse campo de atuação ocuparia uma interface entre os outros dois segmentos, perfazendo a articulação entre ambos e promovendo a unidade, a identidade e a uniformidade da Medicina Veterinária.

As concepções de saúde e doença acima analisadas orientam os outros aspectos que irão caracterizar cada campo. Desta forma, cada um deles irá desenvolver uma forma própria de atuação com um determinado enfoque –

individual ou coletivo – e a formulação de um propósito específico. Os conhecimentos utilizados nos estilos de pensamento determinam o uso de uma linguagem peculiar para cada um e a utilização de instrumentos de trabalho adaptados para as tarefas a serem executadas em cada campo de atuação.

É importante esclarecer que existem modulações individuais de pensamento de acordo com os atributos de cada pessoa que faz parte do coletivo. No entanto, as propriedades gerais do grupo se sobrepõem a isso, sem alterações significativas de comportamento, atitudes e valores do coletivo. As características individuais não exercem uma influência tão marcante que possa chegar a interferir de maneira decisiva sobre fatores como linguagem, procedimentos técnicos e instrumentos do agrupamento.

3.1.2 Aspectos do Estilo de Pensamento Denominado de Clínica Veterinária (CV)

Esta atividade é a que mais se aproxima da medicina humana e traz como fundamento prático a clínica, que está pautada pelo conhecimento dos processos mórbidos nos organismos animais. Essa área tem como objetivo a proteção individual da saúde dos animais de estimação, e também dos animais produtivos e de trabalho. O campo de ação da clínica se apóia principalmente nas diversas técnicas diagnósticas para o tratamento das enfermidades.

Os conhecimentos pertinentes a esta área são ligados à:

- a) Farmacologia;
- b) Terapêutica;
- c) Toxicologia;
- d) Patologia Geral;
- e) Parasitologia Animal e Doenças Parasitárias;
- f) Semiologia/Propedêutica;
- g) Patologia e Clínica Médica Veterinária (incluindo Endocrinologia, Enfermidades Nutricionais e Metabólicas);
- h) Patologia e Clínica Cirúrgica Veterinária;
- i) Patologia e Clínica das Enfermidades Infecciosas e Parasitárias dos Animais;
- j) Patologia e Clínica da Reprodução Animal (incluindo Ginecologia, Obstetrícia e Andrologia).

3.1.3 Aspectos do Estilo de Pensamento Denominado de Zootecnia e Produção Animal (ZPA)

Nesse setor de atividade, o médico veterinário trabalha na criação e aperfeiçoamento dos animais domésticos, procurando obter a maior produção com o menor custo, ou seja, buscando a melhor relação entre a quantidade ou valor de produtos de origem animal e o valor dos insumos aplicados à produção. Para o aumento da produção e melhoria da qualidade dos alimentos concorrem tecnologias aplicadas à sanidade, manejo, nutrição, reprodução, melhoramento genético dos rebanhos e utilização dos conhecimentos da engenharia genética. A produção animal é um dos mais importantes segmentos econômicos e contribui para a produção de proteína de alto valor nutricional. É um âmbito que pode ser ocupado por outros profissionais como o Engenheiro Agrônomo e Zootecnista, porém, compete apenas ao médico veterinário o cuidado pela sanidade dos rebanhos. Os seguintes conteúdos seriam incluídos neste grupo:

- a) Biotecnologia da Reprodução (Inseminação Artificial e Transferência de Embriões);
- b) Genética;
- c) Criação, Manejo, Exteriores e Exploração Econômica e Sustentável de Animais;
- d) Nutrição animal;
- e) Forragicultura e Bromatologia;
- f) Melhoramento Animal;
- g) Bioclimatologia;
- h) Administração e Economia Rural;
- i) Extensão Rural;
- j) Sociologia Rural.

3.1.4 Aspectos do Estilo de Pensamento Denominado de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (MVPSP)

O conjunto de atividades desenvolvidas pelos profissionais que trabalham nessa área envolve conhecimentos que orientam medidas específicas para a

proteção, manutenção e recuperação da saúde animal em prol da saúde humana por meio da monitoração, prevenção, controle e erradicação de enfermidades animais, especialmente as zoonoses. A defesa da saúde animal exerce ação sobre a produtividade e a qualidade sanitária dos rebanhos e dos produtos e alimentos de origem animal, incluindo também a produção e o controle de produtos biológicos. Este estilo de pensamento será mais detalhado na próxima seção deste capítulo. Como conteúdos relacionados a esta área, podem ser citados:

- a) Epidemiologia Geral e Aplicada;
- b) Zoonoses;
- c) Administração em Saúde;
- d) Planejamento em Saúde Animal e Saúde Pública;
- e) Educação em Saúde;
- f) Saneamento Ambiental;
- g) Ecologia e Proteção ao Meio Ambiente;
- h) Higiene, Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal.

Os ramos ou campos de atividade da Medicina Veterinária acima descritos foram associados ao pensamento de L. Fleck e servirão de base para o estabelecimento de critérios para analisar o ensino em Medicina Veterinária. Não é intenção deste trabalho detalhar a evolução histórica de cada um destes campos de atuação da Medicina Veterinária – tarefa que merece maiores investigações – mas delinear o caminho percorrido apenas pela Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, por ser o objeto de estudo específico dessa tese, o que será mostrado a seguir.

3.2 A MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA

Esse tópico aborda com mais profundidade a evolução histórica da participação da medicina veterinária na saúde pública e as atividades desempenhadas pelo médico veterinário nesse campo de atuação. São descritas as etapas do desenvolvimento coletivo do estilo de pensamento denominado de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública tomando como base a análise efetuada por Schäfer & Schnelle (1986) das idéias contidas no livro de Fleck. Os

autores sistematizam o desenvolvimento coletivo do estilo de pensamento em três etapas: instauração, extensão e transformação.

3.2.1 As Protoidéias – O Surgimento das Atividades de Medicina Veterinária Preventiva

Há dois tipos de prática da Medicina Veterinária que estão direcionadas para a medicina populacional. Uma delas é a Medicina Veterinária Preventiva que está ligada à saúde humana por aplicar conhecimentos da epidemiologia para prevenir as enfermidades animais e melhorar a produção de alimentos. O segundo tipo de prática veterinária voltada para a medicina populacional é a saúde pública, primeiramente desenvolvida por meio da higiene de alimentos.

No primeiro tipo de prática, Schwabe (1984) descreve as atividades relacionadas à “doença animal” por considerá-las aparentadas com a Medicina Veterinária Preventiva e as divide em cinco fases¹⁷:

a) Fase de ações locais

Este período tem seu princípio na pré-história e continua até o primeiro século da era cristã. Os primeiros esforços dirigidos contra a doença animal que se tem conhecimento foram descritos nas antigas civilizações da Suméria, Egito e Grécia, com referências a curandeiros de animais antes da era cristã. Esse tipo de ocupação acompanhou o surgimento da civilização urbana, desenvolvimento que dependeu da habilidade das populações rurais em produzir alimentos em quantidade suficiente para sua subsistência, fazendo uso da força animal. Ao lado do tratamento médico, cirúrgico e obstétrico individual, duas outras táticas eram aplicadas localmente para o controle das enfermidades animais, antes ainda que tivesse sido desenvolvida a teoria do contágio: o emprego da quarentena (segregação dos animais doentes dos sadios) e o sacrifício de animais enfermos.

¹⁷ Pela observação da evolução das fases descritas a seguir se pode notar que a Medicina Veterinária tem suas origens marcadas por um pensamento curativo e que a Medicina Veterinária Preventiva vai trilhando seu caminho em direção a uma concepção populacional e preventiva que pouco a pouco sofre transformações e se distancia das idéias curativas iniciais.

b) Fase militar

Essa fase tem seu início no primeiro século da era cristã. A expansão das nações levou aos esforços no controle de doenças animais em larga escala. Houve a criação de estruturas organizadas de pessoas que curavam os animais dentro dos exércitos, pela importância militar que o cavalo assumia. Durante esse longo período de serviços veterinários que abrangeu a Idade Média e o Renascimento, os avanços no controle de doenças se limitaram ao aperfeiçoamento das técnicas básicas do diagnóstico clínico com o desenvolvimento da habilidade de diferenciar as combinações dos sinais de doenças específicas. Essa quarta tática para o controle das enfermidades dos animais estava associada à melhoria na organização de infraestrutura dos serviços.

c) Fase da polícia sanitária animal

A terceira fase começa em 1762 – com a criação da primeira escola de veterinária. O início dessa fase se precipitou pelos problemas econômicos ocasionados pelo irrompimento de enfermidades atingindo um grande número de animais na Europa. Essa crise foi germinal para o estabelecimento da primeira escola de medicina veterinária separada da medicina humana. Os líderes militares reconheceram o potencial de tais esforços educacionais organizados e muitos estudantes das primeiras escolas eram oficiais militares. Nessa fase houve o estabelecimento de centros organizados de tratamento veterinário, primeiramente como parte das escolas de veterinária e mais tarde como serviços separados.

Duas novas táticas para o controle de enfermidades animais foram adotadas: a higiene (quinta tática) e o controle sobre o abate de animais (sexta tática). O controle sanitário incluía os locais de produção de animais e os matadouros, com o objetivo de combater as doenças animais e também as enfermidades humanas que estavam sendo associadas a alimentos de origem animal. Essas ações forneceram diretamente a base para os primeiros esforços direcionados à saúde pública. A aplicação dessas táticas representou uma oportunidade para o trabalho educacional dos proprietários de animais. Observou-se que uma das principais falhas dos programas veterinários para o controle de

enfermidades não estaria nas deficiências técnicas dos programas, mas nas deficiências da comunicação com o público.

d) Fase das campanhas ou ações coletivas

Os anos 80 do século XIX inauguram essa fase, com as observações e experimentos sobre o anthrax por Delafond – diretor da Escola de Veterinária de Alfort – e pelos conhecidos trabalhos de Pasteur, Chauveau, Koch e Salmon. Esses nomes e outros conduziram à “revolução microbiológica” como resultado da compreensão das formas de contágio, que forneceu a base para uma nova abordagem para a investigação de doenças na busca e identificação de seus agentes etiológicos. Foram iniciados programas de ações governamentais no combate às infecções dos animais de fazenda. Durante essa fase houve grande sucesso no controle de doenças, o que abriu a possibilidade para a criação de animais em produção intensiva.

Nessa fase foi introduzida uma outra tática para a prevenção e controle de enfermidades que consiste em ações populacionais como o diagnóstico, a imunização e a terapia em escala populacional, além de alguns procedimentos em ecologia aplicada como o controle de vetores. Muitas dessas medidas, primeiramente visualizadas e praticadas pelos veterinários, foram posteriormente extrapoladas e se mostraram bem sucedidas para problemas similares em saúde pública. A aplicação dessas medidas permitiu o uso rápido e sistemático de outros procedimentos como a quarentena, sacrifício de animais reagentes e desinfecção local.

O controle de vetores surgiu como uma medida preventiva única, sem precedentes como resultado dos estudos epidemiológicos de Salmon juntamente com Kilborne, Smith e Curtice. Esses pesquisadores foram os primeiros a demonstrar a transmissão de um microrganismo por meio de artrópodes na babesiose bovina. Ao lado das táticas citadas anteriormente para essa fase, que durou até os anos de 1960, está a educação em saúde dos proprietários dos animais.

e) Fase de vigilância e ações coletivas

O surgimento da teoria sobre os agentes etiológicos de doença pela revolução microbiológica marcou, segundo Schwabe (1984) uma fase muito produtiva para a Medicina Veterinária Preventiva. No entanto, observou-se que outros fatores intervinham no aparecimento das enfermidades, sendo necessária uma abordagem mais ampla do problema. Muitas vezes a presença do agente etiológico é necessária, mas não suficiente para explicar o aparecimento das enfermidades. Essa constatação gerou uma crise na Medicina Veterinária Preventiva que se instalou no início dos anos de 1950 pela verificação de vários aspectos:

- a) apesar de serem efetuadas campanhas contra uma série de enfermidades, houve uma redução das mesmas, mas sem produzir sua eliminação;
- b) o custo para o controle de muitas enfermidades era muito grande;
- c) ausência de conhecimentos para o controle de algumas doenças;
- d) incapacidade em lidar com novas situações práticas que surgiam na criação intensiva.

Em resposta a essa crise, surgiu a “revolução epidemiológica”, com a compreensão de que cada situação requer análise dos fatores que interagem para a ocorrência de doenças. A epidemiologia, que focaliza seus estudos sobre populações, foi introduzida na Medicina Veterinária Preventiva por meio da Saúde Pública para auxiliar sua prática. O diagnóstico epidemiológico passou a constituir uma nova tática para o controle de enfermidades. Essa fase teve seu início na década de 1960 e continua até os dias de hoje (Schwabe, 1984).

Neste período¹⁸, a epidemiologia começou a ser reconhecida como campo de estudo e muitos médicos e médicos veterinários se tornaram conscientes da aptidão destes últimos para trabalhar em saúde pública. O ingresso simultâneo dos profissionais da Medicina Veterinária no campo das doenças transmissíveis e nos serviços médicos preventivos foi permitido pelo reconhecimento dos seus conhecimentos e habilidades em medicina populacional e também pela importância

¹⁸ Nesse momento houve confluência da Medicina Veterinária Preventiva com a Saúde Pública para a formação do estilo de pensamento denominado neste trabalho de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Esse estilo de pensamento, recentemente constituído, reúne procedimentos ligados à profilaxia de doenças animais com outras ações voltadas para a proteção e promoção da saúde humana.

das zoonoses, que perfazem 80% das doenças infecciosas em humanos. Essas habilidades dos veterinários e esses atributos que eles podem levar para a saúde pública fazem desta profissão um elo de ligação entre o setor da agricultura e da saúde humana (Organización Panamericana de la Salud, 1975).

3.2.2 A Instalação do Estilo de Pensamento – A Saúde Pública Veterinária

A saúde pública é a segunda área da prática veterinária voltada para as populações. Rosen (1994) descreve algumas ações ligadas a essa área na idade média. Nessa época, não havia planejamento urbano e as moradias se apinhavam sob os muros de proteção das cidades onde os habitantes conservavam hábitos da vida no campo. Animais como porcos, gansos e patos eram criados nas casas, o que causava incômodo pelo acúmulo de excrementos. Para resolver o problema, os municípios criaram uma série de regulamentos, que incluía a construção de instalações para os animais e a criação de matadouros municipais. As medidas para o controle de alimentos já eram tomadas na época, porém em certas cidades a carne de animais doentes era enviada para hospitais.

Após a fundação das primeiras escolas de Medicina Veterinária, na segunda metade do século XVIII seguiram-se dois movimentos. O primeiro deles estava destinado a deter as epidemias que atingiam o gado naquela época e o segundo voltado para reduzir os riscos para a saúde humana ao abate indiscriminado de animais para comercialização (Schwabe, 1984).

O início das atividades da Medicina Veterinária em Saúde Pública ocorreu no século XIX, na indústria da carne. Robert von Ostertag na Alemanha e Daniel E. Salmon nos Estados Unidos da América deram início ao que se conhece atualmente como proteção dos alimentos (Organización Panamerica de la Salud, 1975).

A importância da Medicina Veterinária para a saúde humana coincidiu com o crescente reconhecimento entre os núcleos de estudiosos de médicos e veterinários europeus que desenvolviam pesquisas médicas comparadas em parceria nas áreas de anatomia e fisiologia. Esses estudos ocorreram particularmente nas escolas de veterinária francesas na primeira metade do século XIX e o prosseguimento dessas pesquisas forneceu os princípios para a elaboração da “revolução microbiológica”. O incremento da pesquisa médica comparada no final do século XIX propiciou uma

forte ligação entre a Medicina Veterinária e a Medicina Humana e influenciou o desenvolvimento de uma tradição educacional em algumas escolas de veterinária mais intimamente ligada aos interesses da medicina humana que da agricultura¹⁹ (Schwabe, 1984).

Schwabe (1984) descreve os períodos de atividade da saúde pública dentro da Medicina Veterinária. O primeiro período teve como alicerce a higiene de alimentos e foi a partir dessa base que alguns poucos veterinários assumiram posições administrativas nos programas de saúde pública de vários países, no final do século XIX e início do século XX. Seguiu-se um intervalo de relativa estabilidade da participação veterinária no trabalho de saúde pública que durou até a Segunda Guerra Mundial.

A segunda fase da Medicina Veterinária na saúde pública, que teve seu início após a Segunda Guerra, se caracterizou pelo trabalho voltado para a população com o uso da epidemiologia no desenvolvimento de programas de controle de zoonoses pelas agências de saúde pública. Como consequência da interação com profissionais da medicina humana, os médicos veterinários começaram a ocupar várias posições nas áreas técnicas e administrativas da saúde pública²⁰.

Em 1944, a Organização Panamericana de Saúde começou a contratar veterinários como consultores. Em 1946 a conferência de estruturação da Organização Mundial de Saúde recomendou a criação de uma seção de saúde veterinária, que foi estabelecida em 1949 (Vianna Paim & Cavalcante de Queiroz, 1970).

Devido à solicitação de muitos países membros da OMS (Organização Mundial da Saúde) e FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) para assistência no campo das zoonoses, um grupo de especialistas da OMS/FAO organizou um encontro em Genebra, em dezembro de 1950. Esse

¹⁹ Nesse ponto da evolução histórica da Medicina Veterinária se pode observar de que forma ela recebeu influências do pensamento médico humano e se aproximou de uma concepção mais reducionista. Essas idéias iniciais (pré-idéias) conseguiram perdurar até os dias de hoje.

²⁰ Apesar dessa recente história de uma expressiva atuação dentro da saúde pública, Schwabe (1984) ressalta que em alguns países não houve um desenvolvimento muito grande desse novo profissional que reúne características da Medicina Veterinária e da Saúde Pública. Um dos problemas estaria na falta de esclarecimento tanto dos médicos quanto da população em geral sobre o impacto predominantemente social da Medicina Veterinária.

grupo elaborou uma publicação que continha recomendações para esse campo formuladas por ambas as organizações (World Health Organization, 1951).

O termo saúde pública veterinária foi utilizado oficialmente pela primeira vez em 1946, durante um encontro que incumbia a OMS de fornecer uma estrutura conceitual e programática para aquelas atividades de saúde pública que envolvem a aplicação do conhecimento em Medicina Veterinária direcionado para a proteção e promoção da saúde humana. Na primeira reunião da OMS/FAO o termo foi assim definido:

A saúde pública veterinária compreende todos os esforços da comunidade que influenciam e são influenciados pela arte e ciência médica veterinária, aplicados à prevenção da doença, proteção da vida, e promoção do bem-estar e eficiência do ser humano²¹. (World Health Organization, 1951, p. 3)

O documento aponta que o termo saúde pública veterinária era relativamente novo na língua inglesa – *veterinary public health*, mas já havia ganho grande aceitação. Em nota de rodapé, o grupo recomenda as traduções para alguns idiomas: para o francês – *hygiène publique vétérinaire*; para o espanhol – *salud publica veterinária*; em italiano – *sanità pubblica veterinária*; e finalmente em português – *saúde pública veterinária*.

Em junho de 1955, a Oficina Regional para a Europa da OMS organizou em Genebra uma reunião com o Grupo consultivo sobre Saúde Pública Veterinária. Na reunião foram apresentadas as circunstâncias nas quais essas atividades vinham se desenvolvendo nos últimos anos. Também foram expostos os problemas de saúde que estavam ocorrendo para formular recomendações sobre as futuras atividades nessa esfera. O informe resultante da reunião (Organización Mundial de la Salud, 1957) aponta os principais problemas de caráter técnico administrativo que necessitam ser estudados para assegurar o bom desempenho do campo de atuação:

- a) A necessidade de definir claramente a esfera de atividades da veterinária de saúde pública e sua função nos serviços de saúde.
- b) A determinação dos métodos que sejam aplicados pelos organismos nacionais e locais para fomentar o progresso em questões relacionadas com as zoonoses, a

²¹ Pela definição pode-se notar a inter-relação que deve haver entre os círculos esotérico – formado pelos especialistas na área – e o exotérico – formado pela sociedade que faz uso dos serviços e dos conhecimentos do círculo interno para assegurar seu bem-estar.

higiene dos alimentos, os serviços de laboratório e as atividades afins de saúde pública.

- c) A falta de um registro adequado de morbidade e mortalidade causadas por zoonoses.
- d) A análise da situação atual e a necessidade de combater eficazmente as zoonoses mais importantes na Europa.
- e) O estabelecimento de uma verdadeira colaboração entre os organismos de saúde, os organismos agrícolas e também outros grupos.
- f) A participação de veterinários de saúde pública nos grupos de trabalho de saúde.
- g) O aumento da participação conjunta de médicos, médicos veterinários e outros profissionais da saúde na formação universitária com respeito a problemas de saúde de interesse mútuo.
- h) A determinação de métodos mais eficazes para conseguir a colaboração entre esses setores profissionais.

Sobre o ensino da saúde pública veterinária, o grupo afirma que ele “(...) tem a finalidade de difundir os conhecimentos necessários para que os veterinários possam colaborar inteiramente com o pessoal médico e de outras categorias nos serviços de saúde pública” (Organización Mundial de la Salud, 1957, p. 26). A profissão veterinária somente poderá satisfazer as exigências da saúde pública se o médico veterinário receber a formação adequada para trabalhar nessa área. Durante o curso o estudante de veterinária deverá familiarizar-se com o espírito e o conteúdo de um programa de saúde pública. Desde os primeiros anos de estudo deverá ser dada a ele a oportunidade de compreender a participação desse profissional na promoção da saúde da sociedade. As escolas de Medicina Veterinária teriam a responsabilidade da difusão desses conhecimentos.

O médico veterinário se incorpora muito facilmente ao grupo de profissionais de saúde por estar habituado a proteger a população contra as enfermidades coletivas. O documento reafirma que o tipo de formação recebida pelo veterinário está em harmonia com o conceito de saúde pública, que considera todos os fatores que determinam a saúde coletiva, sem limitar-se às necessidades do indivíduo. O informe complementa que em muitas escolas de veterinária, a medicina preventiva – que se ocupa em combater as enfermidades animais – forma uma parte tão importante do programa quanto a patologia, a clínica e a cirurgia veterinária.

As atividades da saúde pública veterinária citadas pelo documento são: as zoonoses, a higiene dos alimentos e os trabalhos de laboratório, de biologia e as atividades experimentais. O informe assinala que a luta contra as zoonoses se constitui em uma das principais atividades da saúde pública veterinária. Essas enfermidades constituem um importante fator de morbidade e pobreza, pelas infecções agudas e crônicas que causam aos seres humanos e pelas perdas econômicas ocasionadas na produção animal. A prevenção e a eliminação desse tipo de enfermidade no homem dependem, em grande parte, das medidas adotadas contra essas doenças nos animais. No texto, argumenta-se que as ações de combate não podem ser adotadas independentemente pelas autoridades sanitárias e agrícolas e a melhor maneira para enfrentar o problema seria coordenar os esforços dos serviços de saúde e de agricultura por meio da saúde pública veterinária (Organización Mundial de la Salud, 1957).

No Segundo Comunicado Técnico de Especialistas em Zoonoses (World Health Organization, 1959) foi reconhecida a existência de mais de cem zoonoses, o que fez com que aumentasse a importância dos programas de prevenção, controle e erradicação dessas enfermidades. A atenção às zoonoses deve se dar em todos os níveis governamentais: municipal, estadual e nacional e esses programas exigem, além de suporte financeiro, a colaboração entre os serviços médico e veterinário. Segundo o texto, a criação de comitês inter-ministeriais envolvendo a saúde e a agricultura provou ser um excelente meio de obtenção de esforços cooperativos entre as duas esferas. Essa colaboração encoraja a troca de informações nas situações que envolvem as doenças entre os animais e os seres humanos para o planejamento de atividades para seu controle.

Para atender às demandas dos países das Américas em relação ao combate a esse grupo de doenças, foi fundado o Centro Panamericano de Zoonoses em 1956, na Argentina. Trata-se de uma instituição internacional dedicada a promover e fortalecer as atividades para o controle das zoonoses nesses países (World Health Organization, 1959).

Dando seqüência à série de reuniões efetuadas para discutir temas ligados à saúde pública veterinária, especialistas do comitê da FAO/OMS em saúde pública veterinária se reuniram no final de 1974, em Genebra. O principal objetivo do encontro era reforçar a importância cada vez maior dos médicos veterinários no

trabalho de saúde pública e a conseqüente necessidade de fortalecer os serviços de saúde pública veterinária. Na reunião, foram definidos os propósitos do campo de atuação: “A saúde pública Veterinária (SPV) é um componente das atividades de saúde pública devotado à aplicação das habilidades, conhecimentos e recursos da profissão veterinária para a proteção e melhora da saúde humana.” (World Health Organization, 1975, p. 5).

No documento há uma nota explicativa afirmando que a medicina veterinária é um braço estendido da medicina, que se ocupa da saúde de outras espécies animais que não os seres humanos. A saúde pública veterinária desempenha diversas funções na saúde pública que obedecem à vasta comunhão de interesses existentes entre a medicina veterinária e a medicina humana e oferecem a oportunidade de uma proveitosa interação entre ambas.

Embora as atividades de saúde pública veterinária se manifestem em uma ampla diversidade de estruturas administrativas nos diversos países, foi observado que uma unidade dessa natureza dentro de um departamento ou ministério de saúde é de valor inestimável porque serve de foco para o trabalho e favorece o intercâmbio de informações entre os conhecimentos da Medicina Veterinária e da saúde humana²². Tais unidades fornecem um contínuo trabalho de ligação entre os serviços comumente administrados pelos departamentos de agricultura e de saúde pública (World Health Organization, 1975).

Para o grupo de especialistas, são considerados veterinários de saúde pública todos aqueles membros da profissão veterinária que trabalham no campo da saúde pública ou que se identificam profissionalmente com os objetivos e programas da área. Essas pessoas podem ser um instrumento pelo qual a profissão se conscientize das necessidades de saúde dos seres humanos e se transformem em um canal para auxiliar na resolução dos problemas dessa natureza. Pela dimensão de sua atuação, a saúde pública veterinária exerce uma importante e única função no escopo da saúde pública²³.

²² No Brasil, observa-se que alguns serviços de saúde pública veterinária estão mais ligados às Secretarias e Ministério da Agricultura – por causa das atividades de Medicina Veterinária Preventiva – enquanto que as atividades restritas à saúde pública estão ligadas aos organismos de saúde. Desta forma a saúde pública veterinária fica desarticulada das ações de saúde pública em geral.

²³ Como profissão cruzada, a saúde pública veterinária apresenta natureza interdisciplinar, se voltando simultaneamente para ambas as direções: os seres humanos e os animais.

A produção de proteínas de alto valor biológico para consumo humano em quantidade suficiente é resultado do sucesso da Medicina Veterinária em manter economicamente sob controle as doenças animais. Essas atividades são importantes benefícios adicionais na proteção da saúde humana, especialmente quando os esforços no controle de doenças se direcionam para o combate às zoonoses²⁴ (World Health Organization, 1975).

O Comitê de Especialistas (World Health Organization, 1975) assinalou que o médico veterinário e o médico recebem uma formação muito semelhante e dominam muitas habilidades e conhecimentos análogos em seus ramos complementares da medicina. Como os veterinários não se ocupam em atender pacientes humanos em hospitais ou clínicas, muitas pessoas que concebem as ciências da saúde funcionando quase exclusivamente neste cenário não compreendem o papel do médico veterinário. Mais tarde esse assunto voltará à tona nesse texto e será discutido novamente.

Os médicos veterinários podem desempenhar dois tipos de função dentro da saúde pública. O primeiro tipo estabelece as atividades para as quais o veterinário tem uma qualificação única. O outro abrange as atividades que podem ser desempenhadas igualmente pelos veterinários, pelos médicos e pelos demais profissionais do setor. A publicação da OMS resultante de uma reunião de especialistas em saúde pública veterinária (World Health Organization, 1975) procurou especificar essas contribuições da Medicina Veterinária para a Saúde Pública.

São inúmeras as contribuições da Medicina Veterinária para a saúde humana. A primeira e mais básica função do sanitarista veterinário está fundamentada no contexto puramente veterinário por sua conexão com os animais não humanos e suas doenças, relacionado à saúde e bem-estar humanos. Essas atividades refletem as qualificações específicas dos médicos veterinários e normalmente são a base da formação do veterinário de saúde pública dos organismos de saúde. O encargo relacionado diretamente com os animais inclui:

²⁴ Atualmente, as atividades básicas de proteção da saúde animal, com especial atenção para o combate às zoonoses fazem com que as concepções de saúde e doença da Medicina Veterinária Preventiva sejam as mesmas da saúde pública veterinária formando um modo único de pensar – a preocupação com a promoção da saúde na coletividade. Por esse motivo, esses dois tipos de atividade voltados para a medicina populacional formam o estilo de pensamento denominado neste trabalho de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

- a) diagnóstico, controle e vigilância em zoonoses;
- b) estudos comparativos da epidemiologia de enfermidades não infecciosas dos animais em relação aos seres humanos;
- c) intercâmbio de informações entre a pesquisa médica veterinária e a pesquisa médica humana para aplicações em relação às necessidades da saúde humana;
- d) estudo sobre substâncias tóxicas e venenos provenientes dos animais;
- e) inspeção de alimentos e vigilância sanitária;
- f) estudo de problemas de saúde relacionados às indústrias animais, incluindo o destino adequado de dejetos;
- g) supervisão da criação de animais de experimentação;
- h) estabelecimento de interligação e cooperação entre as organizações de saúde pública e veterinária com outras unidades relacionadas com animais;
- i) consulta técnica sobre assuntos de saúde humana relativos aos animais.

Outros contextos das atividades desempenhadas pelo sanitarista veterinário são o biomédico e o generalista. Ainda que o médico veterinário exerça atividades puramente veterinárias como as acima mencionadas, sua ampla formação básica nas ciências biomédicas o qualifica para desempenhar muitos papéis adicionais na saúde pública, que são comuns aos médicos e a outros membros da equipe como:

- a) epidemiologia em geral;
- b) laboratório de saúde pública;
- c) produção e controle de produtos biológicos;
- d) proteção dos alimentos;
- e) avaliação e controle de medicamentos;
- f) saneamento ambiental;
- g) pesquisa de saúde pública.

A formação conferida aos médicos veterinários os qualifica para desempenhar funções generalistas, que podem ser executadas por outros membros da equipe de saúde pública, como a administração, o planejamento e a coordenação de programas de saúde pública. Na publicação da OMS (World Health Organization, 1975) não foi citada a atuação do médico veterinário em relação à educação em saúde, mas essa função já havia sido lembrada no Segundo Comunicado Técnico do Grupo de Especialistas em Zoonoses (World Health Organization, 1959).

De acordo com o Comitê de Especialistas em Saúde Pública Veterinária (World Health Organization, 1975) o ponto crucial de implementar a ampliação da atuação do médico veterinário na saúde pública está não apenas em melhorar os canais de comunicação interprofissionais e em estabelecer uma infra-estrutura apropriada para a carreira, mas sobretudo, em assegurar uma boa formação aos profissionais na área. Deve haver um estímulo e fortalecimento da educação veterinária – que deveria receber apoio tanto por parte dos setores de saúde pública, quanto da agricultura – para o ensino de saúde pública. Todos os profissionais deveriam estar voltados para a importância da profissão veterinária para a saúde humana, sendo considerado lamentável quando um médico veterinário não está consciente disso.

3.2.3 A Extensão do Estilo de Pensamento – Cenário Atual e Tendências para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

A expressão saúde pública veterinária é utilizada para designar o marco conceitual e a estrutura de implementação das atividades de saúde pública que empregam conhecimentos e recursos da medicina veterinária para proteger e melhorar a saúde humana. A saúde pública veterinária vincula a agricultura, a saúde animal, a educação, o ambiente e a saúde humana. Seus princípios de base estão fortemente ligados nas ciências biológicas e sociais que se encontram amplamente difundidos na agricultura, na medicina e no meio ambiente (Arámbulo, 1991).

A proteção dos alimentos e o controle e erradicação de zoonoses permanecem as funções de maior interesse na área. Também ganham destaque outros três enfoques: os modelos biomédicos (pesquisas em animais para estudar os problemas de saúde dos seres humanos), o desenvolvimento dos serviços de saúde pública veterinária, e o ensino e formação em saúde pública. Em relação ao último tópico, recomenda-se a mudança de abordagem dos currículos – com concentração excessiva na clínica – para fornecer uma educação mais voltada para os aspectos de saúde pública (Arámbulo, 1991).

Bögel (1992) aponta para a importância da realização de pesquisas sobre as necessidades e tendências da educação veterinária e confirma a atenção que deve ser dispensada à formação veterinária enfatizando a saúde pública. O autor

argumenta que em um mundo com uma população cada vez mais numerosa, que recorre a novos sistemas de exploração do solo e a novas tecnologias, é importante o desenvolvimento de uma medicina veterinária populacional. A orientação dada à medicina veterinária dentro da tríade formada pelo meio ambiente, o animal e o homem deve ser acompanhada de uma importante expansão da saúde pública veterinária e de uma profunda modificação da formação veterinária, mais centrada na interdisciplinaridade. O autor aponta que os principais problemas enfrentados pela saúde pública veterinária são as novas biotecnologias, o controle das infecções de origem alimentar, os novos sistemas de exploração agrária e as questões éticas relativas a esses problemas.

Tradicionalmente dentro do âmbito da saúde pública, a medicina veterinária tem trabalhado no controle das zoonoses e na proteção sanitária dos alimentos. Além destes setores, situações específicas relacionadas com o meio ambiente têm chamado a atenção para a atuação da profissão veterinária. O trabalho interdisciplinar, a incorporação nos grupos inter-setoriais e inter-institucionais que planificam, executam e avaliam estudos e projetos de impacto ambiental, estão abrindo oportunidades para a presença do médico veterinário nesse segmento (Cifuentes, 1992).

Para realizar atividades ligadas à área ambiental, Cifuentes (1992) aponta que o médico veterinário deve ter conhecimentos gerais sobre as ciências do ambiente, além de conhecimentos sobre: as relações ambiente-enfermidade; as atividades agropecuárias e suas relações sobre o ambiente; modelos de avaliação de estudos de impacto ambiental; tecnologia básica para a proteção e saneamento ambiental. Na formação acadêmica dos médicos veterinários, o autor propõe que as escolas ofereçam conhecimentos aprofundados nas áreas de ciências ambientais, ecologia, biologia e saneamento ambiental para que os profissionais possam ser incorporados e oferecer sua contribuição a esses setores.

Nielsen (1997) declara que o profissional de Medicina Veterinária deve ter um nível de competência consistente com as demandas da sociedade. O reconhecimento da importância da profissão para a sociedade está na dependência de sua relevância social. As questões de maior relevância social apontadas para a profissão para este século são: produção de alimentos com utilização de métodos sustentáveis levando em consideração o crescimento populacional; proteção do

meio ambiente à degradação e perda da biodiversidade; e profilaxia das novas zoonoses com potencial epidêmico. Todas essas questões apontadas pelo autor estão ligadas à sustentabilidade.

A Agenda 21 é a principal base escrita resultante da Rio-92 (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano), que foi um importante encontro organizado pela ONU (Organização das Nações Unidas). É uma proposta que visa combinar crescimento econômico com equidade social e proteção ambiental nas comunidades por meio da sustentabilidade.

Em termos de desenvolvimento sustentável a sustentabilidade significa a preservação de processos ecológicos naturais com base na transferência de energia e aproveitamento de nutrientes. O planejamento dessas ações deve assegurar a intervenção nos sistemas naturais, sem levá-los à degradação. A idéia de desenvolvimento sustentável é viável em unidades geopolíticas limitadas no espaço e no tempo (Avila-Pires et al, 2000).

A redução da pobreza especialmente nas comunidades rurais, a produção de alimentos sem produzir desgaste ambiental e o controle de enfermidades relacionadas ao meio ambiente constituem alguns dos desafios para a população mundial atual. Nesse contexto cresce a importância participação do sanitário veterinário nessas questões ligadas à sustentabilidade, em que as populações devem examinar seus padrões de produção e consumo e se comprometer com um crescimento econômico responsável que respeite o meio ambiente. Todos esses tópicos ligados à sustentabilidade devem ser mais enfatizados na formação veterinária.

O problema das zoonoses é destacado por vários autores (Cripps, 2000; Osburn, 1996; Stöhr & Meslin, 1997). Esse grupo de enfermidades continua a representar um importante problema de saúde para grande parte do mundo, com elevadas perdas para os setores de saúde e de agricultura, principalmente nos países em desenvolvimento. O risco de infecções emergentes por novas entidades patológicas ou por agentes conhecidos aparecendo em novas áreas ou em novas condições vem aumentando nos últimos anos. O controle das enfermidades desta natureza requer uma cooperação inter-setorial e inter-institucional, reunindo segmentos ligados à saúde, finanças, planejamento, comércio, agricultura e indústria

de alimentos, consumidores e comunidade científica biomédica e agrária (Stöhr & Meslin, 1997).

Em março de 1999, reuniu-se na Itália um Grupo de Estudos para discutir as tendências da Saúde Pública Veterinária para o futuro. Na publicação resultante do encontro (World Health Organization, 2002) está contida uma revisão que se tornou uma oportunidade de reexame do papel e funções sobre a área.

A preocupação predominante da Saúde Pública Veterinária durante os anos de 1970 e 1980 estava voltada para os riscos da poluição química ao ambiente e aos alimentos (resultante de pesticidas, resíduos animais, e outras substâncias tóxicas). Entretanto, nas duas últimas décadas as zoonoses emergentes e re-emergentes têm adquirido significância global. Dentre outros, são citados os problemas relacionados à *Salmonella enteritidis* das aves, as febres hemorrágicas virais de Marburg e Ebola, a ligação entre a encefalite espongiforme bovina e a doença de Creutzfeldt-Jacob, as Hantavirose, a Síndrome Respiratória Aguda Severa, e vários outros exemplos de agentes zoonóticos que requerem o trabalho conjunto de médicos, veterinários e biólogos. Ao lado desses problemas estão as novas tendências na prática de produção, as interferências nas populações de animais silvestres, as mudanças demográficas, a mobilidade das populações, a urbanização e globalização da indústria de alimentos. Essas alterações devem estar acompanhadas de níveis aumentados de vigilância epidemiológica e de novas abordagens para o controle e prevenção de doenças (World Health Organization, 2002).

Em face dessa nova situação, as atividades da Saúde Pública Veterinária devem estar em consonância com outros esforços nas áreas da saúde, agricultura e ambiente. O Grupo de Estudos redefiniu a Saúde pública Veterinária e o escopo de seus esforços colaborativos, e a Saúde pública Veterinária passou a ser considerada como “a soma de todas as contribuições para o bem-estar físico, mental e social dos seres humanos mediante a compreensão e aplicação da ciência veterinária” (World Health Organization, 2002, p. 4). A ciência veterinária engloba todas as atividades veterinárias incluindo a produção animal e a saúde, cumprindo as funções essenciais na saúde pública e influenciando diretamente a saúde humana pelo seu conhecimento e experiência.

Pelo menos metade dos 1700 agentes conhecidos que infectam os seres humanos tem um reservatório animal ou inseto como vetor e muitas doenças emergentes são zoonoses. Em vista disso, há necessidade de expansão da ligação entre a medicina animal e a humana. Além das atividades habituais, os domínios específicos emergentes da Saúde Pública Veterinária que podem trazer contribuições significativas para a saúde pública são (World Health Organization, 2002, p. 4)²⁵:

- Investigação, epidemiologia e controle de doenças comunicáveis não zoonóticas.
- Aspectos sociais, comportamentais e mentais da relação entre seres humanos e animais.
- Epidemiologia e prevenção de doenças não infecciosas (incluindo a promoção de estilos de vida saudáveis).
- Análises e avaliações de serviços e programas de saúde pública.
- Atividades que envolvem o contexto social, especialmente naquelas em que há participação em programas de educação em saúde.

É importante ressaltar uma atribuição importante do médico veterinário dentro da saúde pública que é a educação em saúde. Esse profissional pode atuar na difusão de informações e na conscientização das pessoas sobre os temas ligados à saúde. A participação do sanitarista veterinário é fundamental nos programas de educação em saúde para a proteção e promoção da saúde humana em comunidades dentro dos princípios do desenvolvimento sustentável.

Esse importante tema, ao lado daqueles discutidos aqui anteriormente, deve ser trabalhado com atenção na formação veterinária para acompanhar as necessidades atuais da sociedade e antecipar as exigências para o futuro. O profissional formado em Medicina Veterinária que possuir sólidos fundamentos nos conteúdos pertinentes à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, além da habilidade para trabalhar de forma interdisciplinar estará preparado para auxiliar as populações humanas a enfrentarem seus principais desafios.

²⁵ Essas novas atividades envolvendo aspectos mais estreitamente relacionados aos seres humanos podem estar sinalizando uma intenção de transformação do estilo de pensamento para o futuro.

4 ALGUMAS ANOTAÇÕES SOBRE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Pela natureza e complexidade específicas dos fenômenos educacionais, situados em um espaço reservado às ciências humanas, ao lado da sociologia, a pesquisa em educação merece um tratamento especial. Para Cohen & Manion (1982) a pesquisa social supõe a aplicação sistemática de princípios da ciência do comportamento aos problemas dos indivíduos dentro de seu contexto social. Igualmente, o termo pesquisa educacional reflete a aplicação dos mesmos princípios aos problemas de ensino dentro da estrutura educacional e propõe o esclarecimento de questões direta ou indiretamente relacionadas a este segmento.

Os procedimentos para a descrição e explicação dos fenômenos em pesquisa podem ser classificados segundo dois grandes métodos: o quantitativo e o qualitativo. A diferença entre ambos se dá, não apenas pela sistemática pertinente a cada um, mas sobretudo, pela forma de abordagem do problema. A escolha do método é determinada de acordo com a natureza da questão formulada ou com o aprofundamento desejado, ou seja, o método adotado deve ser apropriado ao tipo de estudo a ser efetuado (Richardson et al., 1985).

Richardson et al. (1985) explicam que o método quantitativo se caracteriza pelo emprego da quantificação na coleta das informações e no tratamento das mesmas pelas técnicas estatísticas. Este método é amplamente utilizado na condução de pesquisas e representa uma intenção de garantir a precisão dos resultados por evitar distorções na análise e interpretação dos mesmos, possibilitando o emprego de inferências. Sua aplicação é direcionada aos estudos descritivos, às investigações que procuram determinar relações entre variáveis e às pesquisas relacionadas à causalidade entre fenômenos.

O método qualitativo difere do anterior por não empregar instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema e, portanto, não utiliza números, medidas de unidades, ou categorias homogêneas para explicação dos fenômenos. Segundo Richardson et al. (1985), as investigações que se voltam para esta modalidade de análise apresentam como objetivo situações complexas ou estritamente particulares. Os autores complementam que:

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (Richardson et al., 1985, p. 39)

Tanto os métodos quantitativos, quanto os qualitativos devem cumprir determinados critérios que garantam sua cientificidade. O primeiro deles é a **confiabilidade** que indica a capacidade dos instrumentos utilizados para produzirem medições constantes quando aplicados a um mesmo fenômeno. A **confiabilidade externa** diz respeito à possibilidade de outros pesquisadores serem capazes de observar os mesmos fatos com o uso dos mesmos instrumentos. A **confiabilidade interna** se refere à possibilidade de outros pesquisadores, com os instrumentos utilizados, identificarem as mesmas categorias e codificarem os mesmos dados estabelecendo as mesmas relações entre os conceitos e as informações coletadas (Richardson et al., 1985).

O critério de **validez** (ou **validade**) indica a capacidade que um instrumento possui de produzir medições adequadas e precisas para obtenção de conclusões corretas e também a possibilidade de aplicação dos resultados a grupos semelhantes. Enquanto a **validade interna** se refere à exatidão dos dados e adequação das conclusões, a **validade externa** diz respeito à possibilidade de generalização dos resultados encontrados a grupos semelhantes (Richardson et al., 1985). Este tema será retomado mais adiante.

A pesquisa qualitativa tem suas raízes nas práticas desenvolvidas pelos antropólogos, sendo utilizada posteriormente pela sociologia nos estudos sobre a vida das comunidades. Somente mais tarde é que esse tipo de investigação irrompeu na pesquisa educacional. O aparecimento da pesquisa qualitativa na antropologia surgiu porque os pesquisadores perceberam que muitas informações sobre a vida dos povos não poderiam ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma mais ampla. A tradição antropológica da pesquisa qualitativa faz com que ela seja conhecida como investigação etnográfica (Triviños, 1987). A etnometodologia estuda e analisa as atividades cotidianas de uma comunidade, procurando observar a forma como elas ocorrem. Os estudos sob o enfoque etnometodológico estão orientados para detectar a prática diária cotidiana que as pessoas usam na sua vida diária em sociedade. (Haguette, 1995).

Na prática etnográfica – entendida como o “estudo da cultura” – o pesquisador e os sujeitos da investigação participam de forma ativa no processo de investigação. O investigador compartilha os modos culturais, não ficando fora da realidade que estuda, à margem dela, ou dos fenômenos e significados que procura captar e compreender. A participação do investigador como etnógrafo envolve-o na vida própria da comunidade, mas sua ação é disciplinada (Triviños, 1987).

O enfoque etnográfico envolve dois conjuntos de pressupostos, os **pressupostos ecológico-naturalistas** e os **pressupostos fenomenológico-qualitativos**. O primeiro conjunto ressalta a influência do ambiente sobre os atores, o que indica a necessidade de compreender a conduta humana inserida no contexto no qual se manifesta. Os pressupostos fenomenológico-qualitativos são responsáveis por elaborar os significados e interpretações do fenômeno social, havendo necessidade de observar os sujeitos na perspectiva de um contexto social descobrindo as características culturais dos participantes da pesquisa (Triviños, 1987).

Lüdke & André (1986) entendem o fenômeno educacional como situado dentro de um contexto social, que por sua vez se encontra inserido em um arcabouço maior, a realidade histórica, que está submetida a uma série de determinações. O desafio lançado à pesquisa educacional é o de empenhar-se em captar essa realidade dinâmica e complexa de seu objeto de estudo em sua realização histórica. Os fenômenos educacionais nem sempre podem ser decompostos em suas variáveis básicas por meio de estudo analítico quantitativo. Aliás, poucos fenômenos nessa área podem ser submetidos a esse tipo de abordagem. A complexa realidade do fenômeno educacional não se submete a um esquema simplificador e redutor de análise, dentro de limites estreitos:

O conceito de causalidade, que apontava para a busca de um fluxo linear entre variáveis independentes de dependentes, também não responde mais à complexidade da teia quase inextricável de variáveis que agem no campo educacional. Em vez da ação de uma variável independente, produzindo um efeito sobre uma variável dependente, o que ocorre em educação é, em geral, a múltipla ação de inúmeras variáveis agindo e interagindo ao mesmo tempo. Ao tentar isolar algumas dessas variáveis está-se optando, necessariamente, por uma redução do enfoque do estudo a uma parte do fenômeno. Isso pode ser muito útil para fins de análises específicas, mas não resolve o problema da compreensão geral do fenômeno em sua dinâmica complexidade. (Lüdke & André, 1986)

As autoras complementam, afirmando que os estudos tipo levantamento, denominados como *survey* na literatura em língua inglesa, se limitam a fornecer uma

visão geral e instantânea de um determinado assunto. Esse tipo de investigação não oferece a oportunidade de uma percepção mais aprofundada. Apesar dessa modalidade de estudo ter validade para certos tipos de problemas, não permite a averiguação das diferenças que grupos e indivíduos apresentam dentro de conjuntos maiores, mas procuram obter um resultado médio que, ao mesmo tempo em que reúne, anula as diferenças porventura existentes.

Para responder às questões propostas pelos desafios da pesquisa educacional foram buscadas formas de investigação diferentes daquelas empregadas tradicionalmente, na tentativa de superação de algumas limitações que vinham sendo observadas. Por este motivo, muitos estudos em pesquisa educacional seguem os moldes, já amplamente empregados com êxito, da pesquisa qualitativa em sociologia. Este tipo de investigação (World Health Organization, 1994) é uma estratégia de pesquisa flexível e interativa que investiga para descrever e analisar a cultura e comportamentos humanos e seus grupos com a finalidade de proporcionar uma compreensão destes grupamentos sociais.

A pesquisa qualitativa responde a questões bastante particulares. Em ciências sociais, ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que correspondem a um espaço mais aprofundado das relações, processos e fenômenos e que não se reduzem à operacionalização de variáveis. A pesquisa qualitativa difere da quantitativa porque a natureza de ambas é diferente. A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável pela quantificação (Minayo, 1995).

Contudo, Triviños (1987) lembra que não há razão para existir e para ser mantida, no campo da educação, a dicotomia entre os pontos de vista qualitativo e quantitativo. Toda pesquisa pode ser, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa. As informações estatísticas devem ser aproveitadas para avançar numa interpretação mais ampla. E muitas pesquisas qualitativas podem estar apoiadas na informação estatística.

Para Powney & Watts (1987) uma pesquisa deve apresentar congruência metodológica, ou seja, a metodologia empregada e a análise dos dados obtidos devem ser consistentes e compatíveis com os fundamentos teóricos e os propósitos

da pesquisa que está sendo executada. Para cada tipo de questão a ser respondida, corresponde uma forma diferenciada de tratar o problema. “A existência de números em uma análise não garante – ou mesmo indica – rigor. Nem o contrário é verdadeiro – a ausência de números não denota falta de rigor ou qualidade.” (Powney & Watts, 1987, p. 159).

Um tipo de abordagem qualitativa é o estudo de caso. O estudo de caso, como a denominação apropriadamente já esclarece, é o estudo de um caso especificamente, com seus contornos claramente definidos. Permite a compreensão da multiplicidade de um caso, com todas as suas nuances, e também revela sua especificidade dentro de um contexto. Segundo Becker (1993), o termo “estudo de caso” vem de uma tradição na pesquisa médica e psicológica e se refere à análise detalhada de um caso individual pela explicação da patologia e dinâmica de uma certa enfermidade. O procedimento supõe que é possível o conhecimento do fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um único caso. Adaptado da experiência médica, o estudo de caso se tornou uma das principais modalidades de análise utilizada pelas ciências sociais e tem como principal propósito obter uma compreensão abrangente do grupo em estudo. O caso estudado pelas ciências sociais não é, tipicamente, o estudo de um indivíduo, mas de uma organização ou comunidade, apesar de haver também estudos individuais realizados sob a forma de história de vida.

Em educação, Cohen & Manion (1982) esclarecem que no estudo de caso, o pesquisador observa as características de uma unidade individual que pode ser um indivíduo, um grupo, uma sala de aula, uma escola, ou ainda uma comunidade. O propósito deste tipo de prática é investigar profundamente e analisar intensamente o fenômeno. O interesse nesta abordagem, segundo Lüdke & André (1986), está em sua singularidade, mesmo que haja semelhanças com outros casos ou situações. Tal tipo de pesquisa, de acordo com as autoras, é dotado das seguintes características:

- a) Permite a manifestação de novos elementos ou dimensões ao trabalho.
 - b) Enfatiza a interpretação em contexto, ou seja, a apreensão mais completa do objeto de investigação levando em consideração o cenário no qual está inserido.
- Desta forma, para a compreensão da manifestação de um problema são

examinados os comportamentos, as ações, percepções, e interações das pessoas relacionadas à situação específica.

- c) Empenha-se em retratar a realidade de forma completa e profunda, procurando revelar a multiplicidade de dimensões inerentes à determinada situação porque focaliza o problema como um todo.
- d) Utiliza ampla variedade de fontes de informação.
- e) É passível de generalização naturalística, isto é, o pesquisador procura relatar as suas experiências durante o estudo de modo que o leitor ou usuário possa fazer as suas generalizações particulares, procurando estabelecer o que ele poderia aplicar do caso relatado à sua situação particular.
- f) Desvenda variados e, às vezes, conflitantes pontos de vista por diferentes atores em determinada situação social.
- g) Utiliza linguagem acessível quando do relato da pesquisa.

Uma constante preocupação por parte dos pesquisadores é o problema da **validade externa**, ou seja, das inferências ou generalizações efetuadas a situações externas à população estudada. Sobre esta questão, já tangenciada anteriormente, as autoras explicam que como cada caso apresenta uma singularidade própria, o problema da generalização se dissolve e passa a ser minimamente relevante, pois o interesse da investigação se volta para uma instância específica.

A preocupação central ao desenvolver esse tipo de pesquisa é a compreensão de uma instância singular. Isso significa que o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada. Desse modo, a questão sobre o caso ser ou não “típico”, isto é, empiricamente representativo de uma população determinada, torna-se inadequada, já que cada caso é tratado como tendo um valor intrínseco. (Lüdke & André, 1986, p. 21)

A coleta sistemática de informações no estudo de caso é feita por intermédio de instrumentos mais ou menos estruturados e técnicas variadas balizados pelas características inerentes ao objeto de estudo (Lüdke & André, 1986). Um dos instrumentos mais utilizados em pesquisa sociológica é a entrevista, que tem sido definida por Cohen & Manion (1982) como uma conversação entre duas pessoas iniciada pelo entrevistador com o propósito específico de obtenção de informações relevantes de pesquisa. É um instrumento que envolve a obtenção de dados mediante interação verbal entre indivíduos. Trata-se de uma técnica de pesquisa

distinta que serve a três propósitos: Inicialmente pode ser utilizada como um meio de obtenção de elementos e informações sobre conhecimentos, valores e preferências, atitudes e crenças dos entrevistados. Em segundo lugar, pode testar hipóteses ou sugerir outras novas, bem como pode também servir como artifício explanatório no auxílio de identificação de variáveis e relações. Finalmente, esse enfoque pode participar em conjunto com outros métodos com a finalidade de acompanhamento ou validação de resultados.

Dos vários procedimentos que a pesquisa qualitativa pode assumir, cada uma serve para investigar diferentes facetas da vida comunitária e cada perspectiva tem suas vantagens e limitações quando aplicadas a circunstâncias particulares. As técnicas de entrevista podem ser **estruturadas**, **semi-estruturadas** e **não estruturadas**. A **entrevista estruturada** ou **padronizada** tem uma estrutura fixa, com categorias e códigos de respostas. É seguido um roteiro pré-estabelecido, com perguntas feitas ordenadamente e igualmente a todos os entrevistados. Esta situação se aproxima muito da aplicação de um questionário e visa a obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo comparações (Lüdke & André, 1986; World Health Organization, 1994).

A **entrevista não estruturada** ou **não padronizada** é mais aprofundada e não há influência da estrutura imposta pelo pesquisador. Esse tipo oferece maior liberdade de percurso e, por não haver imposição de uma ordem rígida nas questões, o entrevistado pode discorrer livremente sobre o tema proposto. Em um espaço intermediário entre as duas modalidades citadas está situada a **entrevista semi-estruturada** que apresenta uma estrutura para facilitar o pesquisador, mas é menos rígida e estruturada. Ela é desenvolvida a partir de um roteiro básico e sua maior flexibilidade permite ao entrevistador proceder a adaptações (Lüdke & André, 1986; World Health Organization, 1994).

Triviños (1987) privilegia a entrevista semi-estruturada por ser uma das principais formas de coleta de dados para alguns tipos de pesquisa qualitativa. Ao mesmo tempo em que ela valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e espontaneidade para se expressar, enriquecendo, dessa forma, a investigação. O autor explica como se dá a flexibilização desse processo:

Podemos entender por *entrevista semi-estruturada*, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (Triviños, 1987, p. 146)

Uma vantagem da entrevista em relação ao questionário, apontada por Cohen & Manion (1982), é que a primeira permite maior profundidade na coleta de informações. Lüdke & André (1986) assinalam que a entrevista permite correções e esclarecimentos das informações desejadas, que seriam impossíveis de serem feitos por outros instrumentos de pesquisa. Como desvantagem, Cohen & Manion (1982) indicam o problema relacionado à validade. A causa deste problema (baixa validade) é o viés, que é definido como uma tendência sistemática ou persistente à produção de erros na mesma direção e que atuam subestimando ou superestimando o verdadeiro valor do atributo estudado. No método qualitativo, Richardson et al. (1985) enfatizam que a validade interna é elevada porque as observações feitas pelo pesquisador permitem conhecer detalhes que os instrumentos estruturados (questionário) não podem obter. Entretanto, o pesquisador deve estar atento para evitar subjetividade nas conclusões.

A forma mais prática de obter maior validade é minimizar o viés tanto quanto possível. As fontes de viés podem ser oriundas do entrevistador, dos respondentes, ou mesmo das questões formuladas. Dentre os problemas mais freqüentemente relacionados (Powney & Watts, 1987) estão:

- a) **Características básicas do entrevistador** como idade, grau de escolaridade, nível sócio-econômico, raça, religião, sexo. Estes fatores, quando tomados dentro de certos contextos podem ser potentes fontes de viés.
- b) **Fatores psicológicos** como percepções, atitudes, expectativas e motivações do entrevistador. O entrevistador pode, não intencionalmente, demonstrar os valores e atitudes que gostaria de receber e os entrevistados podem querer corresponder ao que o entrevistador espera como resposta.
- c) **Fatores comportamentais** relacionados a formas inadequadas de condução da interação, seja por leitura não correta das questões - que levaria a um entendimento errôneo sobre o que está sendo perguntado - seja pela maneira

incorreta de registrar as respostas. Um outro fator é que o mesmo entrevistador pode apresentar diferentes percepções e reações frente a diferentes entrevistados. Estas características são dependentes da habilidade e confiabilidade do entrevistador.

Cohen & Manion (1982) advertem que as atitudes e opiniões do entrevistador podem fazer com que o estudo seja conduzido de maneira tendenciosa. O entrevistador pode procurar respostas que suportem suas noções pré-concebidas, ou pode ver o respondente como sua própria imagem. Outro problema anotado pelos autores seria a percepção errada do que o entrevistado responde. Para reduzir estas fontes de erros os autores sugerem que as questões sejam elaboradas de maneira clara, os entrevistadores sejam treinados adequadamente para que procedam de forma correta, e que sejam tomados cuidados em relação à amostragem dos respondentes.

A literatura apresenta fartos exemplos que mostram como a personalidade, viés e pré-concepções dos entrevistadores, inevitavelmente, afetam a condução e obtenção de dados nas entrevistas. Com frequência, o entrevistador também é o pesquisador e quando isso ocorre, ele deve estar atento e, continuamente, monitorar e revisar o trabalho com a finalidade de se precaver contra possíveis erros. Para manter a confiabilidade da pesquisa, é necessário verificar se há imposição das categorias do pesquisador aos entrevistados e avaliar o grau de influência que está sendo exercido sobre os resultados da pesquisa (Powney & Watts, 1987).

Pelas características apresentadas pela entrevista semi-estruturada, essa modalidade foi escolhida para a metodologia desse trabalho, com o registro dos dados mediante gravação em fita cassete. A gravação das entrevistas apresenta a vantagem de registrar todas as expressões orais e libera o entrevistador para prestar toda sua atenção ao entrevistado.

As entrevistas não se constituem na única fonte de coleta de dados em um delineamento de pesquisa. Elas podem ser a principal fonte de informações suplementada por documentos e notas observacionais de campo (Powney & Watts, 1987). Conforme asseguram Lüdke & André (1986), os dados fornecidos pela pesquisa documental proporcionam subsídios estáveis às informações anteriormente obtidas pelo pesquisador. Além disso, também se apresentam como um meio de

revelar novos aspectos a um tema ou problema. Assim, os documentos se constituem em fonte poderosa de fornecimento de dados e evidências que fundamentam os resultados já obtidos pelo pesquisador. Os registros escritos não representam fonte de informação contextualizada, mas surgem em determinado âmbito, do qual fornecem informações.

4.1 MATERIAL E MÉTODOS EMPREGADOS NA PESQUISA

No trabalho proposto, a abordagem que melhor contribui para a compreensão das questões pertinentes ao ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública nos cursos de Medicina Veterinária é o estudo qualitativo. Esse tipo de aplicação, que resulta do contato direto do pesquisador com a situação a ser estudada, se preocupa em captar a perspectiva dos participantes. Neste trabalho, ganha destaque o estudo de caso, pelo seu potencial para investigar as questões pertinentes à educação, o que permite o encaminhamento de soluções adequadas ao problema proposto. O trabalho foi concentrado em uma única instituição, o curso de Medicina Veterinária da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Optou-se pelo uso interposto de entrevistas com análise documental. Essa estratégia permite a percepção de sintonia e coerência dos discursos dos entrevistados com a prática demonstrada pelos currículos.

A pesquisa qualitativa efetuada nessa instituição de ensino superior procurou, de acordo com a orientação de Triviños (1987), descrever os fenômenos observados e captar sua aparência; buscou também apreender sua essência e profundidade, explicando sua origem, suas relações, e suas mudanças. O enfoque utilizado de observação participante, com a participação direta do pesquisador na vida cotidiana do grupo buscou identificar os fatores responsáveis pelo fenômeno observado e justificar seu desenrolar, pela verificação das contradições que possam existir. É necessário esclarecer que desempenhei o papel de observadora participante no estudo e sou professora da instituição de ensino superior pesquisada. Por esse motivo, estive em interação constante em várias situações, acompanhando as circunstâncias e as ações, e interrogando sobre seu significado. Por conseguinte, o trabalho exigiu um cuidadoso registro para garantir a

confiabilidade e pertinência dos dados, tomando precauções contra deformações subjetivas que poderiam ocorrer.

O campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública constitui o foco principal do estudo de caso no curso de Medicina Veterinária da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A pesquisa consta de duas partes, sendo a primeira delas destinada a uma análise documental com o exame do currículo do curso da UDESC e algumas comparações com a estrutura curricular dos cursos de Medicina Veterinária pioneiros no país²⁶. A segunda parte é dedicada a uma análise das percepções dos principais setores envolvidos na educação e na prática da Medicina Veterinária.

4.1.1 Primeira Parte do Estudo de Caso: Análise Documental

Antes da etapa documental do estudo de caso ser efetuada, houve necessidade de ser realizado um estudo exploratório sobre o ensino da Medicina Veterinária. Este estudo, descrito no próximo capítulo, buscou observar a evolução dos currículos deste curso, a inclusão da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública nos currículos e examinar a situação atual dos cursos no país.

Após o estudo preliminar, foi realizada a pesquisa documental com o estudo das grades curriculares dos cursos de Medicina Veterinária pioneiros, com especial atenção para o exame das disciplinas do campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Analisaram-se os programas e bibliografias das disciplinas deste campo de atividade (estilo de pensamento) seguidos pelas escolas pioneiras fazendo-se comparações com o curso da UDESC. O estudo desse item indicou a situação em que a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública se encontra a nos cursos e constou dos seguintes tópicos:

²⁶ Os primeiros cursos fundados e que mantiveram seu funcionamento são considerados pioneiros no ensino da medicina veterinária no Brasil de acordo com Branco Germiniani (1998). A escolha das escolas pioneiras em funcionamento no país se justifica por serem consideradas fonte de referência para as demais e oferecerem a possibilidade de fornecer informações úteis para uma visão mais completa do problema. Maiores detalhes sobre esses cursos podem ser vistos no capítulo 5 da tese.

- a) Identificação das disciplinas que ministram os conteúdos de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública com observação da fase ou período do curso em que estas disciplinas são ministradas, bem como as respectivas cargas horárias. Adicionalmente, confrontaram-se as cargas horárias dedicadas aos diversos campos de atuação da Medicina Veterinária.
- b) Observação geral dos programas das disciplinas (ementas e bibliografias utilizadas) ligadas ao campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.
- c) Estudo da evolução dos currículos que já foram utilizados pelo curso de Medicina Veterinária da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Essa tarefa foi complementar aos itens anteriores e possibilitou o estudo de comparações entre o currículo adotado pelo curso da UDESC e entre os currículos utilizados pelas escolas pioneiras.

4.1.2 Segunda Parte do Estudo de Caso: Estudo das Percepções de Estudantes, Professores e Profissionais da Medicina Veterinária

Essa etapa teve como propósito indicar, por meio de entrevistas semi-estruturadas, as percepções e expectativas dos vários segmentos ligados ao curso de Medicina Veterinária da UDESC de Lages. A análise do material permitiu identificar como se manifesta o pensamento médico veterinário nesses segmentos em relação às atividades da Medicina Veterinária, com especial atenção para o campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Foram realizadas entrevistas com os seguintes grupos:

- a) Alunos que ingressam no curso (calouros): Os dados coletados permitiram captar as impressões dos alunos frente à Medicina Veterinária. Como há o ingresso de 40 alunos para o curso de medicina veterinária em cada semestre letivo, foram previstas vinte entrevistas, sendo metade delas realizadas no segundo semestre de 2001 e metade no primeiro semestre de 2002. Os alunos foram sorteados a partir da lista de chamada fornecida pela secretaria do curso. As entrevistas ocorreram nas primeiras semanas de aula do semestre letivo para que fossem captadas as percepções dos alunos antes de serem “contaminados” pelo convívio com os outros grupos.

- b) Formandos: Os entrevistados deste segmento compreendem os alunos que estavam cursando a penúltima fase ou período do curso e que no semestre seguinte fossem encaminhados para cursar estágio obrigatório. A comparação dos dados obtidos deste segmento com o grupo anterior permitiu observar o desenvolvimento das concepções adquiridas ao longo do curso. Como há duas turmas que se formam durante o ano, as entrevistas foram previstas em duas etapas, sendo dez entrevistas realizadas no segundo semestre de 2001 e dez no primeiro semestre do ano seguinte. Da mesma forma que o grupo anterior, os entrevistados foram sorteados a partir da lista dos formandos fornecida pela secretaria do curso e as entrevistas foram realizadas aproximadamente na metade do semestre letivo.
- c) Professores do curso: O corpo docente do curso de Medicina Veterinária está distribuído em quatro Departamentos: Morfofisiologia, Clínica e Patologia, Zootecnia e, Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia. Vinte professores foram sorteados para entrevista, de acordo com a distribuição do número de integrantes de cada departamento²⁷. A finalidade das entrevistas foi observar as opiniões que eles apresentam sobre a Medicina Veterinária e que possivelmente transmitem aos alunos.
- d) Profissionais que atuam na área: Foram sorteados 20 médicos veterinários da região a partir de uma listagem fornecida pelo Conselho Regional de Medicina Veterinária. Os profissionais foram agrupados de acordo com os campos de atuação dentro da profissão, além de profissionais que atuam em mais de uma área simultaneamente e médicos veterinários que não estão exercendo a profissão. O número de entrevistados de cada campo de atuação foi definido de acordo com o número de profissionais que integram os grupos. As entrevistas forneceram subsídios para análise da compreensão e perspectivas da Medicina Veterinária no contexto da prática profissional.

A pré-testagem dos instrumentos de pesquisa (roteiros) foi realizada no primeiro semestre de 2001 com estudantes de fases diversas do curso, professores colaboradores e profissionais da região. Após verificação do instrumento procedeu-

²⁷ Somente professores efetivos e que estavam exercendo suas atividades no curso de Medicina Veterinária em Lages participaram do trabalho.

se às entrevistas gravadas em fitas cassete seguidas das transcrições integrais dos conteúdos das gravações. Importante assinalar que as entrevistas foram realizadas, transcritas e analisadas pela autora da tese. Os roteiros das entrevistas encontram-se nos anexos 1, 2, 3 e 4.

Todo o trabalho concernente às entrevistas foi executado em duas etapas. Na primeira etapa (segundo semestre de 2001) foi realizada metade das entrevistas de cada grupo, as transcrições e a análise prévia do material obtido. No semestre seguinte foram encerradas as entrevistas com o restante dos entrevistados, seguida das transcrições. Ao final, foram realizadas as análises de todas as entrevistas realizadas nas duas etapas. Esta forma de executar a investigação com uma análise inicial e outra completa possibilitou acompanhar o andamento do trabalho e confirmar os resultados obtidos na análise preliminar – inclusive com relação às proporções obtidas nas respostas dos entrevistados. O não aparecimento de discrepâncias nos resultados proporcionou garantias de que os dados obtidos na pesquisa são confiáveis.

4.2 ALCANCES E LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO

A maior limitação deste estudo está na não possibilidade de identificar se realmente existe coerência dos discursos com a prática. Os exames das grades curriculares e dos programas das disciplinas ligadas à Veterinária Preventiva e Saúde Pública dos cursos pioneiros do país fornecem apenas um indicativo da relevância que é destinada à área, mas não é possível precisar como o tema é tratado na sala de aula e como isto influenciará nas atitudes e compreensões dos alunos.

Por outro lado, o estudo de caso do curso de Medicina Veterinária da UDESC, apesar de esclarecer mais profundamente as indagações elaboradas, pode não ser representativo. Por este motivo, se procurou articular os dois tipos de abordagem – o estudo documental com o exame dos cursos pioneiros e o estudo de caso. Essa interação entre os dois enfoques se revela mais apropriada para o estudo das questões propostas, porque permite a aproximação entre o exame mais particularizado e a visão mais abrangente, concedendo melhor compreensão do problema.

As conclusões deste estudo particularizado não podem ser generalizadas diretamente para qualquer situação, pelo fato de ter uma realidade própria, e por isso não refletir exatamente o que ocorre nos outros cursos. Apesar de não ser representativo do todo, um estudo de caso produz significados históricos e é importante observar o que o diferencia e o que o aproxima de outras situações, transformando-o em algo mais amplo. Assim sendo, pode ser produzida uma generalização naturalística, na qual o leitor procura fazer suas próprias inferências a partir da experiência relatada no estudo para situações similares.

5 O ENSINO DE MEDICINA VETERINÁRIA NO BRASIL

Para que os dados coletados nessa investigação sejam mais bem compreendidos à luz do referencial fleckiano, é interessante que se faça uma breve incursão sobre o ensino da Medicina Veterinária desde suas origens até os dias atuais, com especial atenção ao ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública²⁸.

5.1 ANTECEDENTES

A criação da primeira Escola de Veterinária deveu-se a fatores econômicos, sociais e políticos. As precárias condições sanitárias e os métodos ineficazes para o controle de enfermidades dos rebanhos bovinos e eqüinos levaram ao aparecimento de graves enzootias e epizootias no decorrer do século XVIII, com alta mortalidade de animais e grandes perdas econômicas para a população rural e urbana (Hatschbach, 1999a). Havia, na época, total desconhecimento sobre as causas e as formas de combate a enfermidades importantes como raiva, mormo, carbúnculo hemático, febre aftosa, sarna e peste bovina (Branco Germiniani, 1999a; Hatschbach, 1999b). “Face à inexistência de medidas sanitárias coerentes, recorria-se aos métodos radicais de coerção (usados já na antiga Roma): abate compulsório dos animais doentes, seqüestro dos contaminados e isolamento dos locais ameaçados” (Hatschbach, 1999a, p. 36), práticas correntemente utilizadas ainda hoje para a profilaxia de doenças. Neste contexto, pode ser percebida uma forte concepção de saúde e doença de fundo higienista-preventivista dentro da Medicina Veterinária.

Os prejuízos decorrentes levaram o Rei Luiz XV a autorizar a fundação de uma escola de veterinária que foi criada em Lyon, na França, por Claude Bourgelat em 1762 (Branco Germiniani, 1999b). O objetivo da criação da escola era o estudo racional e científico dos animais (Branco Germiniani, 1999a). Claude Bourgelat era advogado, hipólogo e professor de equitação e estudou anatomia comparada sob a orientação de alguns médicos lioneses, fazendo dissecações em todas as espécies domésticas, mas sempre com o interesse voltado para os eqüinos. Ele acreditava

²⁸ Os itens 5.2 a 5.6 deste capítulo fazem parte de um artigo publicado por Pfuetzenreiter & Zylbersztajn, 2002.

que as pessoas que estivessem interessadas no exercício da arte veterinária somente poderiam adquirir nível de instrução suficiente quando houvessem escolas apropriadas para instruí-los, o que o levou a transformar sua Academia de Equitação de Lyon em uma escola destinada a este tipo de estudo (Hatschbach, 1999c).

O corpo docente da Escola era constituído pelo próprio Bourgelat, por Pons (médico cirurgião) e pelo abade Rozier que lecionava botânica e matéria médica (Hatschbach, 1999b). A segunda escola foi fundada também por Bourgelat em Paris (Alfort), em 1765 (Hatschbach, 1992). Nesta nova escola, Bourgelat convidou vários amigos e discípulos da Escola de Lyon, entre eles o clínico Chabert e o médico anatomista Jean-Honoré Fragonard (Hatschbach, 1999c). Tanto em Lyon como em Alfort o ensino veterinário, no ano de 1783, compreendia seis disciplinas ou cadeiras: anatomia comparada, economia rural, clínica veterinária, arte de ferrar, química e botânica.” (Hatschbach, 1999b).

A partir de então, inúmeras escolas de Veterinária foram criadas na Europa. Em Portugal, o ensino de Veterinária teve sua instalação tardia, ocorrendo apenas em 1830 (Branco Germiniani, 1998; Hatschbach, 1992), por três veterinários portugueses formados em Alfort e um veterinário espanhol, com o objetivo de formar veterinários para o exército (Branco Germiniani, 1998).

O corpo de professores dos cursos era formado por médicos, que baseados em seus conhecimentos procuravam construir teorias similares para a veterinária, além de outros profissionais ligados ao exercício da prática veterinária. Pela grande influência da medicina humana, percebe-se uma concepção reducionista acompanhando a prática veterinária, denunciada pela acentuada preocupação com a medicina curativa.

Como se pode notar, a Medicina Veterinária nasce da confluência da transposição dos conhecimentos da Medicina Humana com a prática no cuidado e cura de animais, especialmente os eqüinos. Entretanto, a medicina humana também se beneficiou dos conhecimentos da veterinária, quando, antes do século XVIII, não era permitida a dissecação de cadáveres humanos e a anatomia se valia da utilização de modelos animais.

5.2 ORIGENS DOS CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA NO BRASIL

O primeiro curso superior em Ciências Agrárias no país foi o da Escola Superior de Agricultura de São Bento das Lajes, instituído na Bahia, em 1877. A partir daí foram criadas várias escolas de nível primário e médio (Capdeville, 1991). A necessidade de formação de recursos humanos no campo da agropecuária e conseqüente criação de cursos de Medicina Veterinária se deveu a fatores relacionados ao crescimento demográfico aliado à expansão dos mercados nacional e internacional pelo aumento do número de animais (Brasil, 1996a).

Em 1910 foi elaborada a primeira regulamentação oficial do ensino agrícola no país, tornando obrigatório o ensino da Agronomia e da Medicina Veterinária. Na época, já estavam em funcionamento várias escolas agrícolas de primeiro grau, patronatos agrícolas e escolas superiores de agricultura que formavam agrônomos e engenheiros-agrônomos. A partir desse decreto surgiram os primeiros cursos de Medicina Veterinária (Capdeville, 1991). A primeira escola de ensino veterinário, a Escola de Agronomia e Veterinária de Pelotas, Rio Grande do Sul, data do tempo do Império e foi inaugurada em dezembro de 1883. Porém, em 1885 foi extinta, não chegando a ter alunos no curso de Veterinária (Branco Germiniani, 1998). No início do século seguinte foram criadas três escolas: duas no Rio de Janeiro e uma em Olinda.

A seguir, será feita uma breve descrição dos primeiros cursos de Medicina Veterinária fundados no país e das primeiras escolas que ainda continuam em funcionamento, denominadas de pioneiras. Na continuidade do texto, serão analisados, sob o ponto de vista do ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, os currículos utilizados pelos cursos de Medicina Veterinária, desde o primeiro currículo até as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina Veterinária estabelecidas de acordo com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996).

a) Escola de Veterinária do Exército

A **Escola de Veterinária do Exército**, com sede no Rio de Janeiro, foi criada por decreto em janeiro de 1910, com início de suas atividades em julho de 1914 (Branco Germiniani, 1999c). Em 1937 a Escola diplomou a última turma e

encerrou suas atividades, transferindo seus alunos para a Escola Nacional de Veterinária do Rio de Janeiro. A antiga Escola transformou-se em Escola de Aplicação do Serviço de Veterinária do Exército, oferecendo cursos de aperfeiçoamento com duração de um ano para os profissionais de outras escolas (Branco Germiniani, 1998).

Esta primeira escola foi importante porque os veterinários militares, distribuídos em distintos pontos do país, implantaram ou incentivaram a fundação de outras escolas de veterinária na primeira metade do século XX (Branco Germiniani, 1999c) como as do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e no Estado do Rio de Janeiro (Niterói), que marcaram o início do ensino veterinário (Branco Germiniani, 1998). É importante assinalar que os alicerces da Medicina Veterinária no Brasil remontam às primeiras escolas de veterinária do mundo, e, portanto, o pensamento médico veterinário brasileiro provém das origens da medicina veterinária.

b) Escola de Veterinária de Olinda

Em 1911 surge em Olinda, no Mosteiro de São Bento, a criação de uma escola destinada ao ensino superior de Agricultura e Veterinária (Hatschbach, 1993). Em 1912 foi fundado o **Curso de Veterinária das Escolas Superiores de Agricultura e Veterinária de São Bento em Olinda**, Pernambuco, com início das atividades em fevereiro de 1914 (Branco Germiniani, 1998). Algumas referências o consideram como o primeiro do país (Brasil, 1996a), contudo Branco Germiniani (1998) pondera que, pela comparação de datas, o início das aulas foi anterior ao da Escola de Veterinária do Exército, mas o decreto de criação da Escola do Exército antecede o da escola de Olinda. Qualquer das duas poderia ser apontada como a primeira, dependendo do critério a ser adotado para a classificação cronológica.

Os monges beneditinos moldaram o curso nos padrões das escolas alemãs. O corpo docente era constituído pelos monges e alguns leigos, além de professores alemães diplomados pela Universidade de Berlim. Foi registrada no Ministério da Agricultura em 1918 como estabelecimento de ensino particular não oficial, mantido pelos monges de São Bento. Em janeiro de 1926, a escola encerrou as atividades por falta de candidatos (Hatschbach, 1986).

c) Escola de Agronomia e Veterinária de Belo Horizonte

Em 1914, foi criada em Belo Horizonte uma instituição particular de ensino agrônomo e veterinário: a Escola Mineira de Agronomia e Veterinária, renomeada **Escola de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte**, sendo reconhecida em 1917. O corpo docente era constituído, além de veterinários formados no exterior, por professores egressos dos cursos de Medicina, Farmácia, Odontologia e até mesmo de Engenharia Civil e Direito, visto que o país ainda não tinha formado médicos veterinários. Após inspeção pela Diretoria de Ensino Agrícola, teve seu fechamento decretado em 1943, por não se enquadrar nos padrões oficiais de ensino (Hatschbach, 1995).

5.3 ESCOLAS PIONEIRAS EM FUNCIONAMENTO

Os primeiros cursos fundados e que mantiveram seu funcionamento são considerados pioneiros no ensino da medicina veterinária no Brasil (Branco Germiniani, 1998). Existem dificuldades em se fazer a ordenação cronológica do surgimento dos Cursos Superiores de Medicina Veterinária no país porque nem sempre a legislação implicou em imediato funcionamento dos cursos, havendo discrepâncias por confusão nas datas de fundação com as datas de efetivo de início de funcionamento das escolas (Branco Germiniani, 1998). Neste trabalho, para os cursos de graduação existentes atualmente, será considerada a ordem cronológica proposta pela Comissão Nacional de Ensino de Medicina Veterinária (Conselho Federal de Medicina Veterinária, 1992) listada abaixo. A seguir, após a denominação de cada curso está indicado o ano de criação:

- a) Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária (ESAMV) / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – 1910;
- b) Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – 1923;
- c) Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – 1931;
- d) Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – 1932;
- e) Curso de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo (USP) – 1935;

- f) Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal Fluminense (UFF) – 1936;
- g) Curso de Medicina Veterinária da Universidade Rural de Pernambuco (UFRPE) – 1950;
- h) Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – 1952.

5.4 SITUAÇÃO ATUAL DOS CURSOS NO PAÍS

O número de cursos de Medicina Veterinária atualmente oferecidos no país é de 104 (tabela 1). Apesar do então Conselho Federal de Educação²⁹, pela Resolução nº 10, de 11/04/1984 (Brasil, 1984), caracterizar o curso de Medicina Veterinária como integrante da área de Ciências Agrárias, algumas escolas de Medicina Veterinária estão inseridas fora desse âmbito. Alguns estabelecimentos estão localizados em centros de ciências da saúde, biológicas ou designações similares; outros se encontram ligados às ciências agrárias, rurais ou à zootecnia; outros ainda, apenas recebem denominações na forma escola, departamento, instituto, faculdade, unidade de estudos, ou simplesmente curso de Medicina Veterinária. A vinculação dos cursos de Medicina Veterinária a diferentes unidades das universidades denotando multiplicidade de enfoques já ocorre há muito tempo, como já havia sido descrito por Branco (1972) em relação ao ensino de Medicina Veterinária no país.

Segundo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 2003) a Medicina Veterinária está incluída na grande área de conhecimento das Ciências Agrárias. A classificação de um curso dentro da área de ciências agrárias nem sempre é uma questão tranqüila. Muitos cursos são incluídos por algumas pessoas e excluídos por outras. Entretanto, o curso de Medicina Veterinária parece não sofrer contestação dos demais integrantes da área (Capdeville, 1991). Nas propostas das Diretrizes Curriculares (MEC, 2002a) que consideram os critérios estabelecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), os cursos de graduação foram agrupados em blocos de carreira. A Medicina Veterinária compõe o bloco de carreira das ciências exatas e da terra,

²⁹ Atualmente denominado Conselho Nacional de Educação.

juntamente com as Ciências Agrárias, Estatística, Física, Geologia, Matemática, Oceanografia e Química. Porém, em algumas ocasiões, o médico veterinário é apontado como profissional da área da saúde (Blenden, 1980). No Brasil, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego (2003) – baseada no Parecer nº 397 de 09 de outubro de 2002 – classifica os veterinários e zootecnistas no subgrupo dos profissionais da medicina, saúde e afins, ao lado dos médicos, cirurgiões dentistas, farmacêuticos, enfermeiros, nutricionistas, e profissionais da fisioterapia, fonoaudiologia e afins³⁰.

TABELA 1 – CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA EXISTENTES NO BRASIL – 2003

ESTADO	FEDERAL	ESTADUAL	PARTICULAR	TOTAL
Região Norte				
Amazonas	-	-	02	02
Pará	02	-	-	02
Tocantins	-	01	-	01
Região Nordeste				
Alagoas	-	-	01	01
Bahia	01	01	01	03
Ceará	-	01	-	01
Maranhão	-	01	-	01
Paraíba	01	-	-	01
Pernambuco	01	-	-	01
Piauí	01	-	-	01
Rio Grande do Norte	01	-	-	01
Sergipe	-	-	01	01
Região Centro-Oeste				
Distrito Federal	01	-	02	03
Goiás	02	-	02	04
Mato Grosso	01	-	01	02
Mato Grosso do Sul	01	-	01	02
Região Sudeste				
Espírito Santo	01	-	02	03
Minas Gerais	04	-	07	11
Rio de Janeiro	02	01	07	10
São Paulo	-	04	27	31
Região Sul				
Paraná	02	01	08	11
Rio Grande do Sul	03	-	06	09
Santa Catarina	-	01	01	02
Total	24	11	69	104

FONTE: Conselho Federal de Medicina Veterinária (2003)

³⁰ O subgrupo dos profissionais da medicina, saúde e afins faz parte de um grupo mais amplo formado pelos profissionais das **ciências biológicas, da saúde e afins** do qual participam também os biólogos e afins, os agrônomos e afins e os profissionais da educação física.

5.5 EVOLUÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA

Em sua primeira fase, de 1877 a 1910, o ensino agrícola no país se restringia aos cursos de agronomia. Em 1875, foram aprovados os estatutos da Escola Agrícola de São Bento das Lajes, na Bahia. Este curso superior passou a formar apenas engenheiros-agrônomos e estabelecia o primeiro currículo oficial de um curso de agronomia. Os estatutos consideravam o ensino agrícola profissional em dois graus: o elementar, destinado a formar “operários e regentes agrícolas e florestais”, e o superior que habilitava agrônomos, engenheiros agrícolas, silvicultores e veterinários (Capdeville, 1991). Embora houvesse um currículo comum aos cursos, na prática foi utilizado apenas para a formação de engenheiros-agrônomos que era o único tipo de formação oferecida. Em 1910, o Decreto nº 8.319, de 20 de outubro estabeleceu o currículo a ser seguido pelos cursos da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária representando o primeiro currículo utilizado pelo curso de veterinária (Capdeville, 1991; Silva, 1982):

Curso Fundamental de Médicos Veterinários (Decreto nº 8.319, de 1910):

1ª Cadeira: Física Experimental, Meteorologia e Climatologia, principalmente do Brasil.

2ª Cadeira: Química Geral e Inorgânica. Análise Química.

3ª Cadeira: Botânica. Morfologia. Fisiologia Vegetal.

4ª Cadeira: Zoologia Geral e Sistemática.

5ª Cadeira: Noções de Química Orgânica.

Aula: Desenho à mão livre e geométrico.

Primeiro Ano do Curso Especial de Médicos Veterinários (Decreto nº 8.319, de 1910):

1ª Cadeira: Física e Química Biológica.

2ª Cadeira: Anatomia Comparada, principalmente dos pequenos animais domésticos. Sistemática.

3ª Cadeira: Anatomia descritiva do Boi e do Cavalo. Dissecção.

4ª Cadeira: Histologia e embriologia. (Capdeville, 1991, p. 136)

O disposto pelo Decreto nº 8.319, só era obrigatório para a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária do Rio de Janeiro (posteriormente pertencente à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) e para as escolas médias ou teórico-práticas criadas pelo Governo Federal. Porém, as outras escolas procuravam pautar-se pelo currículo da Escola Oficial. A Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiro de Olinda procurava seguir, além do previsto pelo Governo Federal, os programas da Universidade de Munique.

No Brasil, desde o princípio, o currículo dos cursos de veterinária era muito ligado ao dos cursos de agronomia. Ao mesmo tempo, havia forte relação com outros profissionais da área da saúde, principalmente médicos, que ministravam aulas nos cursos de veterinária pela carência de veterinários habilitados no país. Isto pode ter exercido marcante influência para a profissão e para a assimilação, fundamentação e estabilização do pensamento médico veterinário.

5.5.1 Os Currículos Mínimos

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4 024, de 20/12/1961) estabeleceu que o Conselho Federal de Educação fixaria o currículo mínimo para a formação profissional. Em outubro de 1962, o Conselho Federal de Educação aprovou os currículos mínimos dos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária. No Parecer nº 256/62 os cursos de Medicina Veterinária deveriam ter a duração mínima de quatro anos letivos (Capdeville, 1991) e foi inserida como matéria de formação profissional a Higiene e Saúde Pública juntamente com a matéria Tecnologia de Produtos Animais, o que não havia ocorrido com os currículos precedentes (quadro 2).

QUADRO 2 – CURRÍCULO MÍNIMO PARA O CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA APROVADO EM 1962 (PARECER Nº 256/62)

CURRÍCULO DE 1962
Anatomia, Histologia e Embriologia dos Animais Domésticos
Fisiologia, Biofísica e Bioquímica
Parasitologia, Microbiologia e Imunologia
Farmacologia, Terapêutica dos Animais Domésticos
Zootecnia, Bioestatística e Genética Animal (Fisiopatologia da Reprodução, Melhoramento dos Animais)
Clínica Médica dos Animais Domésticos (incluindo Doenças Infecciosas e Parasitárias. Nutrição Animal)
Clínica Cirúrgica dos Animais Domésticos (incluindo Técnica Cirúrgica e Obstetrícia)
Patologia Clínica e Anatomia Patológica
Higiene e Saúde Pública
Agrostologia e Plantas Tóxicas
Tecnologia de Produtos Animais
Economia Rural

FONTE: Conselho Federal de Educação, 1962.

No currículo mínimo para os cursos de Medicina Veterinária aprovado pela Resolução nº 10/84 (Brasil, 1984) a área da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública se distribui entre as matérias de formação profissional como um campo de conhecimento. A Inspeção e a Tecnologia de Produtos de Origem Animal constitui outro campo distinto (quadro 3).

Como foi visto na seção 3.2.2, a participação da Medicina Veterinária nas atividades de Saúde Pública começou no século XIX, quando foram direcionados esforços para o controle de enfermidades animais e com as preocupações em reduzir os riscos para a população humana associados ao abate indiscriminado. Estas atividades foram desenvolvidas em alguns países como França, Alemanha e Estados Unidos da América e persistiram por esforços de alguns poucos pioneiros. Por falta de direcionamento da profissão em encarar o papel global do médico veterinário na saúde ambiental e humana, somente no fim da Segunda Guerra Mundial houve participação ativa de médicos veterinários nos Departamentos de Saúde (Schwabe, 1984). A partir de então, a OMS e vários governos começaram a direcionar esforços para a melhor utilização dos recursos da profissão nas atividades voltadas para a saúde humana. A inserção de conteúdos relacionados à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública nos currículos dos cursos de Medicina Veterinária pode ser sido reflexo desse movimento instalado.

A comparação entre os dois currículos (quadros 2 e 3) revela que houve incorporação de matérias que contribuem para a formação geral do profissional, representado pelas ciências humanas e sociais e pelas ciências do ambiente. Estes elementos podem ser considerados auxiliares na formação de um pensamento mais voltado para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, o que demonstra um avanço em relação aos currículos anteriores. É importante salientar que não há indicação ou sugestão alguma sobre a carga horária a ser utilizada para cada uma das matérias ou para os campos do conhecimento que as compõem.

**QUADRO 3 – CURRÍCULO MÍNIMO PARA O CURSO DE MEDICINA
VETERINÁRIA APROVADO EM 1984 (RESOLUÇÃO Nº 10/84)**

CURRÍCULO DE 1984 – DURAÇÃO MÍNIMA: 3.600 HORAS	
<i>Campos de conhecimento</i>	<i>Matérias de formação básica</i>
1. Química	Química Orgânica, Bioquímica. Físicoquímica e Elementos de Química Analítica.
2. Morfologia dos Animais Domésticos	Citologia, Histologia. Embriologia e Anatomia dos Animais Domésticos.
3. Fisiologia dos Animais Domésticos	Fisiologia. Química Fisiológica. Farmacologia e Biofísica.
4. Genética Animal	Genética Mendeliana. Genética Molecular. Citogenética e Evolução. Genética de Microorganismos. Biotecnologia.
5. Microbiologia	Bacteriologia. Virologia. Micologia e Riquetsiologia.
6. Imunologia	Imunologia Geral. Imunoquímica e Imunopatologia.
7. Parasitologia	Protozoologia. Helmintologia e Entomologia Veterinária.
8. Matemática e Estatística:	Elementos de Matemática. Estatística Descritiva. Estatística Experimental. Estatística Inferencial e Bioestatística. Conceitos Básicos de Computação.
<i>Campos de conhecimento</i>	<i>Matérias de formação geral</i>
1. Ciência Humanas e Sociais	Filosofia da Ciência e Elementos de Sociologia. Antropologia. Sociologia Rural, Deontologia.
2. Ciências do Ambiente:	Biosfera e seu Equilíbrio. Efeitos da Tecnologia sobre o Equilíbrio Ecológico. Preservação dos Recursos Naturais. Manejo de Fauna Silvestre. Poluição.
<i>Campos de conhecimento</i>	<i>Matérias de formação profissional</i>
1. Anatomia Patológica dos Animais Domésticos	Geral e Especial. Técnicas de Necropsia. Medicina Veterinária Legal.
2. Clínica Médica dos Animais Domésticos	Semiologia. Patologia e Clínica Médicas. Toxicologia e Plantas Tóxicas. Terapêutica. Radiologia.
3. Cirurgia Médica dos Animais Domésticos	Patologia e Clínica Cirúrgica. Técnicas Cirúrgicas. Anestesiologia.
4. Fisiologia e Fisiopatologia da Reprodução dos Animais Domésticos	Fisiopatologia e Endocrinologia. Ginecologia e Obstetrícia. Andrologia. Inseminação Artificial e Tecnologia de Sêmen.
5. Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	Doenças Infectocontagiosas e Parasitárias. Zoonoses. Ornitopatologia. Epidemiologia e Saneamento: Administração e Educação Sanitárias. Planejamento de Saúde Animal e Saúde Pública.
6. Tecnologia de Produtos de Origem Animal	Processamento, Classificação, Padronização e Conservação de Produtos de Origem Animal.
7. Higiene e Inspeção de Produtos de Origem Animal	Higiene e Inspeção Industrial e Sanitária. Higiene e Inspeção Sanitária de Produtos de Origem Animal. Inspeção Industrial. Legislação.
8. Zootecnia	Criação e Exploração Econômica de Animais. Instalações. Nutrição Animal. Alimentos. Forragicultura. Bromatologia. Exterior e Julgamento dos Animais. Melhoramento Animal. Bioclimatologia.
9. Economia e Administração Rural	Teoria Econômica. Micro e Macroeconomia Aplicada. Cooperativismo. Crédito Rural. Comercialização, Administração e Planejamento. Legislação e Política Agrária.
10. Extensão Rural	Fundamentos da Extensão. Comunicação. Difusão e Inovações. Metodologia de Extensão. Desenvolvimento de Comunidades.

FONTE: Brasil (1984).

Silva (1982) traça a trajetória evolutiva dos currículos de ciências agrárias, de 1962 até as propostas de implantação para 1984, apoiado em consultas às entidades formadoras, associações de classe, profissionais engajados no mercado de trabalho, empregadores e professores. A apresentação da proposta de um novo currículo baseava-se na premissa que o Médico Veterinário deveria possuir sólida formação em Ciências Biológicas e conhecimentos aprofundados na área de Saúde, além da Produção Animal, para que estivesse habilitado para o exercício de Clínica Animal, Defesa Sanitária de Produtos de Origem Animal, Veterinária Preventiva e Fisiopatologia da Reprodução. O autor explica que ao estabelecer o conteúdo mínimo para a formação profissional, o Conselho Federal de Educação (CFE) optou pela utilização de “campos de conhecimento”. Um “campo de conhecimento” é formado por diversas “matérias”, como pode ser observado no quadro 3.

Um “currículo mínimo”, portanto, é uma listagem dos “campos de conhecimento” que um profissional deve, no mínimo, conhecer para que possa desempenhar-se bem no exercício de suas funções. Assim, o CFE, ao estabelecer um “currículo mínimo”, não quer dizer a uma universidade ou faculdade quais as disciplinas que deve oferecer. (...) O que um “currículo mínimo” diz é quais são os “campos de conhecimento” mínimos indispensáveis pelos quais determinado profissional deve passar.

Decisões quanto às ênfases a serem dadas, às “disciplinas” a serem oferecidas, os seus nomes, o seu número, a sua carga horária, tudo isto são liberdades que a instituição formadora tem e deve usar e sobre as quais o “currículo mínimo” não opina. (Silva, 1982, p. 87)

De acordo com o autor, cabe aos colegiados de cursos, a tarefa de operacionalização do currículo mínimo na forma de currículo pleno, estabelecendo os nomes das disciplinas, conteúdo, carga horária e ordem e seqüência de apresentação das disciplinas na grade curricular. Capdeville (1982) destaca que cada instituição, ao organizar seu currículo pleno, enfatizando determinados aspectos ou adicionando outros não previstos, define as características que deseja imprimir ao profissional por ela formado. O autor questiona, se no Brasil, existem mecanismos reais de controle dos conteúdos que efetivamente são ensinados na sala de aula, afirmando que a utilidade do currículo mínimo é somente a de indicar direções. Silva (1982) explica que procedimentos podem ser executados para satisfazer as exigências do currículo mínimo:

Sabe-se, por exemplo, que as “matérias” (campos de conhecimento) previstas no currículo mínimo podem ser “cumpridas” de diversas maneiras:

- 1 – um estabelecimento de ensino pode fazer corresponder a cada “matéria” (campo de conhecimento) uma única “disciplina” (forma didaticamente assimilável de uma matéria);
 - 2 – outro estabelecimento pode optar pelo desdobramento de cada “matéria” em duas, três ou mais “disciplinas”;
 - 3 – outro estabelecimento pode reunir duas ou mais “matérias” em uma única “disciplina”;
 - 4 – outro, ainda, pode constituir uma “disciplina” com partes colhidas em diversas matérias.
- (Silva, 1982, p. 88)

Cada “campo de conhecimento” do currículo mínimo aprovado em 1984 (quadro 3) é acompanhado de uma ementa explicativa contendo o conteúdo considerado mínimo para a formação do profissional (correspondente à segunda coluna do quadro). A flexibilização do currículo permite às instituições enfatizarem determinadas matérias ou a ampliação por acréscimo de outras matérias não previstas, na dependência de necessidades e interesses regionais, ao mesmo tempo em que para outros campos do conhecimento o cumprimento pode permanecer restrito ao mínimo necessário estabelecido. Esta prática poderia evidenciar determinadas matérias que estivessem em maior sintonia com certas formas de pensamento, enquanto outras que não apresentassem uma harmonia tão estreita com a percepção dominante poderiam ter sua importância reduzida³¹.

5.5.2 As Diretrizes Curriculares

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96 - (LDB) estabelece que, na educação superior, as universidades devem observar as diretrizes gerais pertinentes para fixar os currículos de seus cursos e programas (Brasil, 1996b). A Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CES/CNE) emitiu o Parecer nº 776/97 que trata das orientações gerais a serem observadas na formulação das Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação (Ministério da Educação e do Desporto, 1997). O documento lembra que a figura do currículo mínimo teve como objetivos iniciais garantir qualidade e

³¹ Uma explicação mais atualizada e detalhada sobre os conceitos de área, matéria e disciplina é dada no Manual de Avaliação do Curso de Medicina Veterinária (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2002) que indica que: uma área é um conjunto de matérias (grupos de conhecimentos temáticos comuns) que compõem os diferentes campos de saber de um curso; a matéria é um campo de conhecimento que agrega, de acordo com o conteúdo temático, duas ou mais disciplinas que compõem a estrutura curricular de um curso; e, uma disciplina forma um corte do conhecimento, caracterizado pelo alto nível de abstração e menor amplitude relativa.

uniformidade mínimas aos cursos que conduziam a um diploma profissional. Entretanto, a crítica feita a esse modelo aponta a excessiva rigidez com progressiva diminuição da margem de liberdade para as instituições organizarem suas atividades de ensino. Apesar de ter sido assegurada semelhança formal entre cursos de diferentes instituições, o texto aponta que o currículo mínimo vem se revelando ineficaz para garantir a qualidade desejada e desencoraja a inovação e diversificação da formação profissional.

As Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação (Lei 9.393/96) asseguram às instituições de ensino superior em um de seus princípios ampla liberdade na composição da carga horária a ser cumprida para a integralização dos currículos. Segundo o Parecer nº 776/97 (Ministério da Educação e do Desporto, 1997) os tópicos ou campos de estudo e demais experiências de ensino-aprendizagem que comporão os currículos serão indicados pelas diretrizes curriculares, evitando ao máximo a fixação de conteúdos específicos com cargas horárias pré-determinadas. Desta forma, são alcançados os objetivos de conferir maior autonomia às Instituições de Ensino Superior (IES) na definição dos currículos com a proposição de uma carga horária mínima em horas para seus cursos.

A Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação resolveu adotar uma orientação comum para as diretrizes que assegure a flexibilidade – de forma a melhor atender às necessidades e peculiaridades das regiões nas quais se inserem – e a responsabilidade das instituições ao elaborarem suas próprias propostas. Assim, as universidades deverão observar as diretrizes gerais pertinentes com os parâmetros curriculares, que são considerados referenciais detalhados e não obrigatórios. O modelo de enquadramento das propostas de diretrizes curriculares dos cursos de graduação deve contemplar: o perfil do formando/egresso/profissional; as competências/habilidades/attitudes; as habilitações e ênfases; os conteúdos curriculares; a organização do curso; os estágios e atividades complementares; e o acompanhamento e avaliação (Ministério da Educação, 2001).

Dentro do formato preconizado (Ministério da Educação, 2001), as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária – Resolução nº 01/2003 (Brasil, 2003) – baseadas na Lei 9.394/96, estabelecem que o formando/egresso/profissional deve apresentar uma formação generalista e

humanista, contemplando os aspectos ético e sócio-cultural. A Medicina Veterinária desenvolve ações voltadas para a área das ciências agrárias, mas firma relações também com a área da saúde. De acordo com as Diretrizes Curriculares estabelecidas para o curso (Brasil, 2003) a ligação da Medicina Veterinária com a saúde coloca em destaque as competências e habilidades do médico veterinário como profissional dessa área no planejamento e desenvolvimento de ações de promoção, proteção, prevenção e reabilitação tanto individuais como coletivas, e também no trabalho em equipe multiprofissional.

Os conteúdos curriculares essenciais devem levar em consideração a formação generalista, contemplando os conteúdos descritos no quadros 4 e 5. É importante apontar que na área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública não foram mencionados conteúdos relativos à administração em saúde e também à educação e saúde. O segmento de Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal continua sendo considerado separado e o segmento de Meio Ambiente não é citado.

Além dos conteúdos específicos ministrados, segundo os princípios estabelecidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária – Resolução 01/2003 –, um mínimo de 10% da carga horária total do curso deve ser dedicado ao cumprimento do estágio curricular sob supervisão docente. O restante da carga horária deverá ser completado na forma de atividades complementares como monitorias e estágios, programas de iniciação científica, programas de extensão, estudos complementares e disciplinas cursadas em outras áreas afins (Brasil, 2003).

Apesar de toda a fundamentação apresentada pelas propostas assegurando flexibilidade, não há indicação da forma como a teoria deve se traduzir em ação. Isso se transforma em um problema na medida em que os professores só poderão transformar as proposições em ação a partir do momento que as compreenderem completamente. Moreira (2002) adverte que o discurso elaborado, por seu caráter complexo e abstrato e pela escassez de sugestões fornecidas para a prática curricular, não tem sido suficientemente útil para nortear o trabalho docente e nem garantido a formulação de currículos em sintonia com as especificidades do contexto.

QUADRO 4 – CONTEÚDOS CURRICULARES ESSENCIAIS PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA, DE ACORDO COM AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS (LEI 9394/96)

CONTEÚDOS	DESCRIÇÃO
<i>Ciências Biológicas e da Saúde</i>	Incluem-se os conteúdos (teóricos e práticos) de base moleculares e celulares dos processos normais e alterados, da estrutura e função dos tecidos, órgãos, sistemas e aparelhos, bem como processos bioquímicos, biofísicos, microbiológicos, imunológicos, genética molecular e bioinformática em todo desenvolvimento do processo saúde-doença, inerentes à Medicina Veterinária.
<i>Ciências Humanas e Sociais</i>	Incluem-se os conteúdos referentes às diversas dimensões da relação indivíduo/sociedade, contribuindo para a compreensão dos determinantes sociais, culturais, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos e legais e conteúdos envolvendo a comunicação, a informática, a economia e gestão administrativa em nível individual e coletivo.
<i>Ciências da Medicina Veterinária</i>	Incluem-se os conteúdos teóricos e práticos relacionados com saúde-doença, produção animal e ambiente, com ênfase nas áreas de Saúde Animal, Clínica e Cirurgia Veterinárias, Medicina Veterinária Preventiva, Saúde Pública, Zootecnia, Produção Animal e Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal.

Fonte: Brasil (2003).

QUADRO 5 – DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DAS CIÊNCIAS DA MEDICINA VETERINÁRIA DE ACORDO COM AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS (LEI 9394/96)

CONTEÚDOS	DESCRIÇÃO
<i>Zootecnia e Produção Animal</i>	Envolve sistemas de criação, manejo, nutrição, biotécnicas da reprodução, exploração econômica e ecologicamente sustentável, incluindo agronegócios.
<i>Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal</i>	Inclui a classificação, processamento, padronização, conservação e inspeção higiênica e sanitária dos produtos de origem animal e dos seus derivados.
<i>Clínica Veterinária</i>	Incorpora conhecimentos de clínica, cirurgia e fisiopatologia da reprodução com ênfase nos aspectos semiológicos e laboratoriais, visando a determinação da etiopatogenia, do diagnóstico e dos tratamentos médico ou cirúrgico das enfermidades de diferentes naturezas.
<i>Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública</i>	Reúne conteúdos essenciais às atividades destinadas ao planejamento em saúde, a epidemiologia, controle e erradicação das enfermidades infecto-contagiosas, parasitárias e zoonoses, saneamento ambiental, produção e controle de produtos biológicos.

Fonte: Brasil (2003).

5.6 A MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA NAS DIRETRIZES CURRICULARES (LEI 9.394/96)

Uma grande melhoria em relação aos currículos anteriores (currículos mínimos de 1962 e 1984) foi dada pela maior projeção para a área de ciências humanas e sociais. Uma formação sólida nesse domínio do conhecimento torna-se benéfica porque favorece e fortalece o desenvolvimento de um pensamento mais voltado para a prática preventiva e social dentro da Medicina Veterinária, pela interface existente entre esses âmbitos.

A flexibilidade oferecida pelas diretrizes curriculares (Lei 9.394/96) está relacionada à autonomia proporcionada às coordenações dos cursos, o que possibilita inúmeras perspectivas, seja na oferta de atividades obedecendo às exigências legais da regulamentação do exercício profissional, seja nas metodologias empregadas e na gestão desses currículos. A plasticidade curricular apresentada não fornece um indicativo da carga horária a ser utilizada para cada conteúdo que poderá ser disposta livremente nos cursos.

A liberdade concedida às instituições pode fazer com que prevaleçam interesses de determinados grupos, favorecendo a ênfase em alguns conteúdos em detrimento de outros, ou seja, é facultada aos cursos a organização dos conteúdos curriculares essenciais de forma que os conhecimentos teóricos e práticos de certos campos tenham um número bem superior de atividades que outros. Isso poderá permitir a disposição de maior ou menor ênfase nos aspectos preventivos e de saúde pública dos currículos, que ficará na dependência dos interesses internos de cada curso e da preocupação dos professores em enfocar esses aspectos.

A avaliação dos cursos de Medicina Veterinária efetuada pelo Ministério da Educação, além do Exame Nacional de Certificação Profissional promovido pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária poderão contribuir para minimizar esse problema, se forem tomadas medidas para que todas as áreas sejam igualmente valorizadas no momento da análise. O sistema de avaliação da educação superior no país foi instituído para cumprir a determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Este sistema é composto pelo Exame Nacional de Cursos (provão), o Censo da Educação Superior, a Avaliação Institucional e a Avaliação das Condições de Ensino.

A Avaliação das Condições de Ensino é realizada periodicamente destinada a garantir a qualidade do ensino superior oferecido pelas instituições de Educação Superior. A finalidade é verificar as condições de funcionamento dos cursos de graduação levando em consideração três dimensões: a qualificação do corpo docente, a organização didático-pedagógica e as instalações físicas. O instrumento é utilizado não apenas para avaliar as instituições já em funcionamento como também para avaliar aquelas que estão em fase de reconhecimento.

Neste tipo de avaliação, a verificação *in loco* fornece dados relativos a inúmeros itens dentre os quais a análise da concepção do curso, que é realizada por meio do exame do projeto do curso e do currículo. Os aspectos avaliados em relação ao currículo dizem respeito à coerência com os objetivos do curso, com o perfil desejado do egresso, com as diretrizes curriculares nacionais, a inter-relação das disciplinas na concepção e execução do currículo, e o dimensionamento da carga horária das disciplinas. Além de todos esses itens também são observadas as instalações e os laboratórios destinados às diversas áreas, incluindo a Medicina Veterinária Preventiva. Como pode ser observado, a Avaliação das Condições de Ensino é um instrumento bastante útil para a verificação de distorções exibidas no currículo dos cursos, além de fornecer outras informações preciosas sobre os mesmos.

O Exame Nacional de Cursos (provão) é uma avaliação realizada pelos formandos dos cursos de graduação da Educação Superior e tem como objetivo traçar um diagnóstico dos cursos avaliados e servir como instrumento para a melhoria do ensino. De acordo com Silva (2001) este exame leva em conta o perfil do profissional a ser formado e prevê a distribuição das questões de acordo com as cargas horárias dos conteúdos ministrados nos cursos, a partir um estudo realizado pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária (1992), procurando atribuir às questões um caráter multidisciplinar. Esta forma de avaliação poderia contribuir para que os cursos se preocupem em distribuir o tempo dedicado aos diversos conteúdos de maneira equilibrada. No momento, este instrumento está sofrendo reavaliação e sua aplicação ainda não teve impacto sobre a formação dos estudantes.

Além do sistema acima citado, há ainda o Exame Nacional de Certificação Profissional que é um processo de avaliação sobre o diplomado e que visa comprovar a obtenção de conhecimentos consoante aos conteúdos programáticos

desenvolvidos no curso de Medicina Veterinária para o exercício da profissão. A prova contempla os conteúdos estabelecidos nas diretrizes curriculares subdivididos nas grandes áreas de concentração da Medicina Veterinária (quadro 5), sendo 30% das questões em Produção Animal e Agronegócio, 30% nas Ciências da Medicina Veterinária e 40% em Medicina Veterinária Preventiva, Saúde Pública e Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal (Conselho Federal de Medicina Veterinária, 2002). Essa distribuição das questões seria uma forma de assegurar que os cursos atendam igualmente a todas as áreas em seu programa curricular.

Aplicados de maneira adequada, todos os instrumentos acima mencionados podem contribuir para que as instituições ajustem seus programas curriculares e busquem a formação de um profissional generalista, com conhecimentos em todos os campos da Medicina Veterinária e com a atenção voltada para o seu papel social e para a melhoria da qualidade de vida e de saúde da população animal e humana. No entanto, Moreira (2002) observa que no ensino superior a substituição dos currículos mínimos pela formulação de diretrizes mais flexíveis contrapõem-se ao sistema de avaliação, que pretende classificar os cursos das diferentes instituições.

O documento das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina Veterinária (Brasil, 2003), com base na Lei 9.394/96, cita o trabalho em equipe multiprofissional, especialmente relacionado à área da saúde. Contudo, esta forma de abordagem pode conduzir a práticas individualizadas e fragmentadas dos membros de cada área isoladamente, sem interação dos membros da equipe de profissionais como um todo, e, portanto, sem visualização dos problemas de saúde de maneira globalizada. Uma forma de contornar esse problema seria a valorização do desenvolvimento do pensamento interdisciplinar. Esse assunto será aprofundado no último capítulo da tese.

5.7 OS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA DAS ESCOLAS PIONEIRAS, DE ACORDO COM OS ESTILOS DE PENSAMENTO

Nesta seção, são analisadas as grades curriculares dos cursos de Medicina Veterinária das Escolas Pioneiras. Os currículos estudados foram aqueles fornecidos pelas instituições ou disponibilizados pelos cursos na *internet*.

As categorias de análise utilizadas são os estilos de pensamento presentes dentro da Medicina Veterinária, já detalhados anteriormente no capítulo três correspondentes aos campos de atuação da profissão. Optou-se por examinar os conteúdos das disciplinas obrigatórias dos cursos e classificá-las dentro dos estilos de pensamento de Clínica Veterinária, Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, e Zootecnia e Produção Animal, observando a carga horária destinada a cada estilo dentro do curso. As disciplinas que tratam dos conteúdos do campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública foram identificadas, observando a carga horária, período em que se encontram no curso e tópicos ministrados, a partir dos programas das disciplinas enviados pelos cursos ou disponíveis pela *internet*.

Com base nas informações obtidas por este estudo e na análise do currículo do curso da UDESC, no capítulo seguinte será estabelecida uma comparação dos currículos seguidos pelas escolas pioneiras com o currículo da UDESC em relação aos estilos de pensamento.

5.7.1 Universidade Federal da Bahia (UFBA)

O curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia (2003) está inserido na área de Ciências Biológicas e Profissões da Saúde. O currículo está constituído por 49 disciplinas, sendo 42 obrigatórias (anexo 5), seis optativas e uma eletiva. Há obrigatoriedade da realização de um estágio supervisionado com 360 horas. Com duração média de cinco anos e a máxima de oito anos, o curso tem carga horária total de 3.630 horas distribuídas em nove semestres. O curso conta com os departamentos:

- Anatomia dos Animais Domésticos: que ministra as disciplinas de Anatomia;
- Medicina Veterinária Preventiva: responsável pelas disciplinas do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública além das disciplinas de Doenças das Aves, Doenças Infecciosas e Parasitárias (estilo de pensamento de Clínica Veterinária) e Deontologia;
- Patologia e Clínica: contém as disciplinas do estilo de pensamento de Clínica Veterinária e o estágio supervisionado;
- Produção Animal: compreende as disciplinas do estilo de pensamento da Zootecnia e Produção Animal.

A distribuição das disciplinas dentro dos estilos de pensamento está descrita na tabela 2. Pode-se notar que o estilo de pensamento de Clínica Veterinária é o que concentra a maior carga horária.

TABELA 2 – CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFBA

FASE	ESTILO DE PENSAMENTO										CH TOTAL
	CV		MVPSP		ZPA		MB ⁽¹⁾		Outros/ Mesclas ⁽²⁾		
	CH ⁽³⁾	%	CH	%	CH	%	CH	%	CH	%	
1 ^a	-	-	-	-	-	-	285	79,17	75	20,83	360
2 ^a	-	-	-	-	45	13,04	300	86,96	-	-	345
3 ^a	60	16,00	-	-	150	40,00	165	44,00	-	-	375
4 ^a	120	30,77	60	15,38	165	42,31	-	-	45	11,54	390
5 ^a	300	64,52	60	12,90	105	22,58	-	-	-	-	465
6 ^a	-	-	180	57,14	135	42,86	-	-	-	-	315
7 ^a	330	75,86	-	-	60	13,79	-	-	45	10,35	435
8 ^a	180	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	180
TOTAL	990	34,55	300	10,47	660	23,04	750	26,18	165	5,76	2865

NOTAS:

(1) MB: Matérias básicas.

(2) Outros/Mesclas: Outros estilos de pensamento e mesclas de estilos.

(3) CH: carga horária.

A observação dos programas das disciplinas do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (quadro 6) revelou haver pouca ênfase para a área de Administração e Planejamento em Saúde Animal e Saúde Pública. Os conteúdos relacionados à Educação e Saúde não são citados. O estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública apresenta 60% de sua carga horária voltada para as disciplinas de Inspeção e Tecnologia e não há disciplinas com conteúdos relacionados ao meio ambiente.

QUADRO 6 – DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFBA

DISCIPLINA	PERÍODO	CH ⁽¹⁾	CONTEÚDO
Epidemiologia e Administração Sanitária	4º semestre	60 h	Epidemiologia geral e profilaxia.
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	5º semestre	60 h	Epidemiologia e profilaxia de enfermidades; profilaxia das zoonoses; higiene e saneamento do meio.
Inspeção e Tecnologia de Leite e Derivados	6º semestre	90 h	Inspeção veterinária do leite; tecnologia do leite e derivados.
Inspeção e Tecnologia de Carne de Derivados	6º semestre	90	Inspeção de carnes e derivados; indústria de carnes; tecnologia dos derivados da carne; inspeção e tecnologia de mel e ovos.

Nota:

(1) CH: Carga horária (em número de horas).

5.7.2 Universidade Federal Fluminense (UFF)

A Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal Fluminense (2003) está localizada no Centro de Ciências Médicas. O curso tem uma duração mínima de oito e máxima de 16 semestres e conta com três departamentos:

- Departamento de Tecnologia dos Alimentos: responsável pelas disciplinas de Inspeção Sanitária de Produtos de Origem Animal e de Tecnologia de Alimentos.
- Departamento de Clínica e Patologia Veterinária: compreende as disciplinas do estilo de pensamento de Clínica Veterinária, além de Deontologia, Zoonoses e de Medicina Veterinária Preventiva.
- Departamento de Zootecnia: ministra as disciplinas do estilo de pensamento de Zootecnia e Produção Animal, além de Ecologia Animal.

A grade curricular das disciplinas obrigatórias pode ser conferida no anexo 6. A carga horária total do curso é de 4650 horas, sendo distribuída em 4110 horas em disciplinas obrigatórias, 450 horas em estágio obrigatório, 60 horas em disciplinas optativas e 30 em disciplinas eletivas. Entretanto, pela grade curricular fornecida pelo curso, a carga horária total indicada é de 4710, mas a soma das disciplinas totaliza 4650 horas. Esta discrepância será discutida ao final deste capítulo.

A tabela 3 descreve a distribuição das disciplinas obrigatórias dentro dos estilos de pensamento. A Clínica Veterinária ocupa a maior parte da carga horária do curso, seguida de perto pelas disciplinas básicas.

TABELA 3 – CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFF

FASE	ESTILO DE PENSAMENTO										CH TOTAL
	CV		MVPSP		ZPA		MB ⁽¹⁾		Outros/ Mesclas ⁽²⁾		
	CH ⁽³⁾	%	CH	%	CH	%	CH	%	CH	%	
1 ^a	-	-	-	-	-	-	300	64,52	165	35,48	465
2 ^a	-	-	-	-	-	-	480	100,00	-	-	480
3 ^a	120	21,62	-	-	30	5,40	315	56,76	90	16,22	555
4 ^a	120	33,33	-	-	30	8,33	210	58,33	-	-	360
5 ^a	30	6,67	45	10,00	375	83,33	-	-	-	-	450
6 ^a	285	65,52	-	-	150	34,48	-	-	-	-	435
7 ^a	450	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	450
8 ^a	435	93,55	30	6,45	-	-	-	-	-	-	465
9 ^a	-	-	450	100,00	-	-	-	-	-	-	450
TOTAL	1440	35,04	525	12,77	585	14,23	1305	31,75	255	6,20	4110

NOTAS:

(1) MB: Matérias básicas.

(2) Outros/Mesclas: Outros estilos de pensamento e mesclas de estilos.

(3) CH: carga horária.

O quadro 7 traz com detalhes das disciplinas ligadas à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. A disciplina de Zoonoses está localizada no oitavo período do curso e versa sobre transmissão e prevenção de doenças, sem que os alunos tenham elementos prévios de epidemiologia básica. O programa muito extenso comprimido em uma carga horária pequena faz com que a disciplina de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública só forneça noções muito genéricas e superficiais aos estudantes, sem contribuir para a formação de um pensamento preventivo e populacional. Dentro desta disciplina, conteúdos como administração e planejamento em saúde e de educação em saúde são muito pouco enfatizados. Chama a atenção o excessivo número de disciplinas e carga horária dedicada à Inspeção e Tecnologia de Produtos, com um detalhamento que vai além do nível de graduação.

**QUADRO 7 – DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA
VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFF**

DISCIPLINA	PERÍODO	CH ⁽¹⁾	CONTEÚDO
Ecologia Animal	5º período	45 h	Não enviado.
Zoonoses	8º período	30 h	Formas de transmissão e prevenção de zoonoses.
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	9º período	60 h	Epidemiologia geral e profilaxia; saneamento do meio.
Inspeção Sanitária de Produtos de Origem Animal	9º período	60 h	Introdução à inspeção sanitária; inspeção de carnes (bovinos, suínos, ovinos, caprinos, eqüídeos, aves, coelhos); inspeção de ovos, coelhos e pescado.
Controle Microbiológico de Produtos de Origem Animal	9º período	60 h	Microbiologia relacionada aos produtos de origem animal.
Tecnologia de Carnes e Derivados	9º período	60 h	Processamento Tecnológico das carnes desde o abate até a distribuição.
Tecnologia de Leite e Produtos Lácteos	9º período	60 h	Inspeção e processamento tecnológico de leite e produtos derivados.
Tecnologia de Aves, Coelhos, Ovos, Mel, Cera de Abelhas e Derivados	9º período	30 h	Processamento tecnológico das carnes e coelhos a partir do abate até a distribuição; inspeção de ovos; processos tecnológicos de beneficiamento do mel de abelhas e derivados.
Tecnologia de Pescado e Derivados	9º período	45 h	Processamento tecnológico de pescado e produtos derivados.
Controle Químico de Produtos de Origem Animal	9º período	45 h	Alterações bioquímicas dos alimentos e controle dos alimentos e derivados.

Nota:

(1) CH: Carga horária (em número de horas).

5.7.3 Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

A Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais está inserida na área de Ciências Agrárias e é formada pelos departamentos de Clínica e Cirurgia Veterinárias, de Medicina Veterinária Preventiva, de Tecnologia e Inspeção, e de Zootecnia. O tempo previsto para integralização curricular é de dez semestres, com um mínimo de oito e máximo de 17 semestres. A carga horária total do curso é de 3.870 horas sem exigência de estágio curricular (Universidade Federal de Minas Gerais, 2003).

A grade curricular das disciplinas obrigatórias do curso é apresentada no anexo 7. É o currículo que apresenta a maior percentagem de carga horária destinada à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. A grade curricular conta com uma disciplina de Sociologia e Antropologia, importante para fornecer ao aluno uma visão mais voltada para a sociedade, fortificando a compreensão da

importância do coletivo, que auxilia o estabelecimento do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

TABELA 4 – CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFMG

FASE	ESTILO DE PENSAMENTO										CH TOTAL
	CV		MVPSP		ZPA		MB ⁽¹⁾		Outros/ Mesclas ⁽²⁾		
	CH ⁽³⁾	%	CH	%	CH	%	CH	%	CH	%	
1 ^a	-	-	45	12,00	60	16,00	270	72,00	-	-	375
2 ^a	-	-	-	-	-	-	390	100,00	-	-	390
3 ^a	165	39,29	-	-	-	-	255	60,71	-	-	420
4 ^a	255	58,62	-	-	105	24,14	60	13,79	15	3,45	435
5 ^a	195	46,43	60	14,29	135	32,14	-	-	30	7,14	420
6 ^a	315	77,78	-	-	90	22,22	-	-	-	-	405
7 ^a	180	48,00	105	28,00	90	24,00	-	-	-	-	375
8 ^a	105	30,43	150	43,48	90	26,09	-	-	-	-	345
9 ^a	120	33,33	120	33,33	45	12,50	-	-	75	28,83	360
9 ^a	120	47,06	45	17,65	-	-	-	-	90	35,29	255
TOTAL	1455	38,49	525	13,89	615	16,27	975	25,79	210	5,56	3780

NOTAS:

(1) MB: Matérias básicas.

(2) Outros/Mesclas: Outros estilos de pensamento e mesclas de estilos.

(3) CH: carga horária.

As disciplinas do estilo de pensamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública são mostradas no quadro 8. As disciplinas ligadas à Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal ocupam mais da metade da carga horária desse estilo. O programa da disciplina de Planificação em Saúde Animal, como a própria denominação anuncia, trata apenas o tema sob o ponto de vista da medicina veterinária, sem uma abordagem mais ampla que envolva os aspectos relacionados à saúde pública. Esta lacuna dificulta a preparação do profissional para atuar em uma equipe de saúde no desenvolvimento de tarefas que extrapolem o âmbito da saúde animal e envolvam também a saúde pública.

QUADRO 8 – DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFMG

DISCIPLINA	PERÍODO	CH ⁽¹⁾	CONTEÚDO
Ecologia Geral	1º período	45 h	Noções sobre a estrutura e funcionamento dos ecossistemas; efeitos da tecnologia sobre o equilíbrio ecológico; preservação dos recursos naturais; manejo da fauna silvestre; poluição e conservação.
Epidemiologia	5º período	60 h	Epidemiologia geral; profilaxia de doenças; epidemiologia das zoonoses.
Saneamento	7º período	45 h	Saneamento básico com atenção especial para o meio rural.
Planificação em Saúde Animal	10º período	45 h	Metodologia de planificação em saúde animal; desenvolvimento de projetos em saúde animal.
Tecnologia de Leite e Produtos Derivados	7º período	60 h	Higiene e controle de qualidade do leite e derivados; análises físico-químicas.
Inspeção de Leite e Produtos Derivados	8º período	60 h	Microorganismos utilizados na indústria de laticínios; exames microbiológicos do leite e derivados; controle de qualidade.
Inspeção de Carnes e Produtos Derivados	8º período	90 h	Exame sanitário dos animais de abate; controle microbiológico, físico-químico e sanitário de carnes e derivados.
Tecnologia de Carnes e Produtos Derivados	9º período	90 h	Rotina e fiscalização industrial em matadouros frigoríficos.
Inspeção de Aves, Ovos, Pescado e Mel	9º período	30 h	Normas de fiscalização sanitária de aves, ovos, pescado e mel.

Nota:

(1) CH: Carga horária (em número de horas).

5.7.4 Universidade Federal do Paraná (UFPR)

O curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná (2003) está inserido no segmento de Ciências Agrárias. O curso tem duração média de cinco anos, podendo variar entre quatro e oito anos. A carga horária total do curso é de 4500 horas, sendo 3795 horas em disciplinas de formação básica e profissionalizante, 315 em estágio curricular obrigatório, 240 em disciplinas optativas e 150 em atividades complementares. Destas 150 horas, 20 delas deverão ser cumpridas na área de Ciências Humanas e Sociais. A grade curricular pode ser encontrada no anexo 8.

A tabela 5 mostra a forma como os estilos de pensamento estão distribuídos ao longo do curso. O estilo de pensamento de Clínica Veterinária se sobrepõe aos demais em termos de carga horária.

TABELA 5 – CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFPR

ANO	ESTILO DE PENSAMENTO										CH TOTAL
	CV		MVPSP		ZPA		MB ⁽¹⁾		Outros/ Mesclas ⁽²⁾		
	CH ⁽³⁾	%	CH	%	CH	%	CH	%	CH	%	
1º	-	-	45	5,77	90	11,54	630	80,77	15	1,92	780
2º	150	18,18	-	-	120	14,55	555	67,27	-	-	825
3º	450	49,18	120	13,11	345	37,70	-	-	-	-	915
4º	675	75,00	120	13,33	105	11,67	-	-	-	-	900
5º	60	16,00	210	56,00	90	24,00	-	-	-	-	375
TOTAL	1335	35.18	495	13.04	750	19.76	1185	31.23	30	0.79	3795

NOTAS:

(1) MB: Matérias básicas.

(2) Outros/Mesclas: Outros estilos de pensamento e mesclas de estilos.

(3) CH: carga horária.

Este currículo está em fase de implantação, tendo sido adotado no ano letivo de 2002. Algumas disciplinas do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (quadro 9) ainda não foram oferecidas e suas ementas ainda não estão disponíveis, como: Vigilância Sanitária e Higiene de Alimentos; Saneamento Ambiental e Desenvolvimento Sustentável; e, Zoonoses. Um ponto curioso é a obrigatoriedade para o aluno em cursar pelo menos 20 horas em atividades complementares na área de Ciências Humanas e Sociais. Entretanto, seria mais interessante se estes conteúdos estivessem compreendidos junto com os demais conteúdos do curso, de maneira integrada, para que o aluno perceba a área dentro da profissão.

As disciplinas ligadas à Inspeção e Tecnologia de Alimentos ocupam quase metade da carga horária total do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Ganham destaque as disciplinas relacionadas ao meio ambiente que, apesar de terem pequena representatividade dentro do estilo de pensamento em termos de carga horária, abordam importantes temas ligados à saúde.

**QUADRO 9 – DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA
VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFPR**

DISCIPLINA	PERÍODO	CH ⁽¹⁾	CONTEÚDO
Ciências do Ambiente	1º ano – 2º semestre	45 h	Desenvolvimento sustentável e as relações entre sociedade e a natureza; poluição, ecologia humana e conservação da natureza.
Saneamento Ambiental e Desenvolvimento Sustentável	5º ano – 1º semestre	30 h	Não disponível.
Epidemiologia Veterinária	3º ano – 1º semestre	60 h	Epidemiologia geral; método epidemiológico; profilaxia de doenças.
Vigilância Sanitária e Higiene de Alimentos	3º ano – 2º semestre	60 h	Não disponível.
Zoonoses	5º ano – 1º semestre	60 h	Não disponível.
Tecnologia de Produtos de Origem Animal	4º ano	120 h	Abate de animais de açougue; produção, industrialização, conservação e comercialização de carne de animais de açougue e produtos derivados; tecnologia de leite e produtos derivados.
Inspeção de Produtos de Origem Animal	5º ano – 1º semestre	120 h	Inspeção sanitária de bovinos, suínos, aves, peixes, leite e seus derivados.

Nota:

(1) CH: Carga horária (em número de horas).

5.7.5 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

O currículo do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003) está estruturado em 11 semestres e tem uma carga horária total de 5.070 horas (4470 horas em disciplinas obrigatórias e 600 horas em estágio curricular). Está constituído por quatro linhas curriculares que configuram campos de conhecimentos que são:

- Patologia Animal: tem por objetivo a identificação e avaliação dos estados de desequilíbrio de forma e função nos animais e de interação no ecossistema, a fim de indicar e aplicar medidas que visem a sua prevenção e a reabilitação ou a limitação da invalidez.
- Zootecnia: tem por objetivo a aplicação dos conhecimentos sobre a interação animal-meio para obter produtos com tecnologia adequada às condições sócio-econômicas e culturais do produtor e aos interesses da comunidade.
- Saúde Pública: tem por objetivo a aplicação das técnicas, dos conhecimentos e dos recursos da Medicina Veterinária para a proteção e melhoramento da saúde humana.

- Ciências Sociais: tem por objetivo a compreensão e análise dos problemas sociais, econômicos e políticos das comunidades, especialmente as comunidades rurais, com a finalidade de propor soluções adequadas às diferentes relações econômicas, sociais e físicas de produção.

A Faculdade de Veterinária é constituída pelos departamentos de Medicina Animal, de Medicina Veterinária Preventiva, e de Patologia Clínica Veterinária. As disciplinas da área de Zootecnia pertencem ao Departamento de Zootecnia da Faculdade de Agronomia. A grade curricular do curso encontra-se no anexo 9.

A representação dos estilos de pensamento nas disciplinas obrigatórias do curso está na tabela 6. Pode-se observar que o estilo de Clínica Veterinária retém a maior carga horária, com 42,62%.

TABELA 6 – CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRGS

FASE	ESTILO DE PENSAMENTO										CH TOTAL
	CV		MVPSP		ZPA		MB ⁽¹⁾		Outros/ Mesclas ⁽²⁾		
	CH ⁽³⁾	%	CH	%	CH	%	CH	%	CH	%	
1 ^a	-	-	-	-	-	-	330	78,57	90	21,43	420
2 ^a	-	-	30	8,33	-	-	270	75,00	60	16,67	360
3 ^a	90	20,00	-	-	105	23,33	255	56,67	-	-	450
4 ^a	60	16,00	90	24,00	105	28,00	90	24,00	30	8,00	375
5 ^a	405	90,00	-	-	45	10,00	-	-	-	-	450
6 ^a	435	90,63	-	-	45	9,37	-	-	-	-	480
7 ^a	495	94,29	-	-	30	5,71	-	-	-	-	525
8 ^a	180	34,28	120	22,86	225	42,86	-	-	-	-	525
9 ^a	210	50,00	-	-	210	50,00	-	-	-	-	420
10 ^a	30	6,45	210	45,16	195	41,94	-	-	30	6,45	465
TOTAL	1905	42,62	450	10,06	960	21,48	945	21,14	210	4,70	4.470

NOTAS:

(1) MB: Matérias básicas.

(2) Outros/Mesclas: Outros estilos de pensamento e mesclas de estilos.

(3) CH: carga horária.

No que diz respeito especificamente ao estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (quadro 10), existe uma interação entre as disciplinas e o cuidado em preparar o estudante para os conteúdos que serão vistos posteriormente. Chama a atenção a Disciplina de Ecologia Aplicada à Medicina Veterinária que trata de temas como a ecologia médica e oportuniza aos alunos a aquisição de uma visão voltada para a saúde dos animais e conseqüentemente para

a melhoria da saúde humana e da qualidade de vida. Como ela é ministrada nas primeiras fases do curso, fornece subsídios para as outras disciplinas desenvolverem e fortalecerem um pensamento preventivo e social. Outras disciplinas como a Medicina Veterinária Preventiva e a Veterinária em Saúde Pública enfatizam a promoção da saúde dando um enfoque populacional e preventivo, além de trazerem elementos das ciências sociais aplicadas à saúde. Mais da metade da carga horária destinada ao estilo de pensamento se concentra nas disciplinas de Inspeção e Tecnologia de Alimentos.

QUADRO 10 – DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFRGS

DISCIPLINA	PERÍODO	CH ⁽¹⁾	CONTEÚDO
Ecologia Aplicada à Veterinária	2ª etapa	30 h	Princípios de ecologia; ecologia urbana e rural; ecologia médica; ecologia dos animais domésticos.
Medicina Veterinária Preventiva	4ª etapa	90 h	Epidemiologia geral; saneamento aplicado à saúde e produção animal.
Veterinária em Saúde Pública	10ª etapa	90 h	Epidemiologia e profilaxia das zoonoses; administração e planejamento de sistemas de saúde; educação em saúde.
Inspeção e Tecnologia e Leite e Derivados, Ovos e Mel	8ª etapa	120 h	Processamento, seleção, inspeção de produtos na fonte de produção; armazenamento, consumo e legislação de leite, produtos derivados, ovos e mel.
Inspeção e Tecnologia de Carnes, Pescados e Produtos Derivados	10ª etapa	120 h	Processamento, seleção, inspeção de produtos na fonte de produção; armazenamento, consumo e legislação de carnes, pescados e produtos derivados.

Nota:

(1) CH: Carga horária (em número de horas).

5.7.6 Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

O curso da Universidade Federal Rural de Pernambuco (2003) tem a duração de 11 semestres, com uma carga horária de 4140 horas, incluindo o estágio supervisionado obrigatório com 360 horas, mais 30 horas referente à prática de educação Física. O anexo 10 traz as disciplinas obrigatórias do curso. Os Departamentos que atendem ao curso são:

- Departamento de Biologia: áreas de Microbiologia, Genética, Ecologia, Zoologia e Entomologia.
- Departamento de Educação: área de Educação Agrícola e Extensão Rural.
- Departamento de Física e Matemática: área de Estatística.

- Departamento de Letras e Ciências Humanas: área de Filosofia e Epistemologia e área de Economia.
- Departamento de Medicina Veterinária: que conta com as áreas de Reprodução, Patologia, e Clínica, além da área Médica Veterinária Preventiva.
- Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal: com as áreas de Fisiologia, Histologia e Anatomia.
- Departamento de Química.
- Departamento de Tecnologia Rural: com a área de Tecnologia de Alimentos.
- Departamento de Zootecnia: que contém as áreas de Forragicultura, Melhoramento Animal, Nutrição Animal, e Produção de Não Ruminantes.

Este currículo ocupa uma das maiores cargas horárias no estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, com 13,2% do total do curso (tabela 7). Chama a atenção a oferta de uma disciplina – a Filosofia da Ciência e Ética – na área de Filosofia e Epistemologia. É um dos poucos currículos que se preocupa explicitamente em fornecer ao aluno conhecimentos voltados para este campo e que são importantes para que ele tenha uma noção mais ampla sobre a natureza ciência (anexo 10).

TABELA 7 – CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRPE

FASE	ESTILO DE PENSAMENTO										CH TOTAL
	CV		MVPSP		ZPA		MB ⁽¹⁾		Outros/ Mesclas ⁽²⁾		
	CH ⁽³⁾	%	CH	%	CH	%	CH	%	CH	%	
1 ^a	-	-	-	-	-	-	210	56,00	165	44,00	375
2 ^a	-	-	-	-	45	12,00	330	88,00	-	-	375
3 ^a	60	16,00	-	-	120	32,00	195	52,00	-	-	375
4 ^a	-	-	-	-	195	52,00	180	48,00	-	-	375
5 ^a	315	84,00	-	-	60	16,00	-	-	-	-	375
6 ^a	255	68,00	60	16,00	60	16,00	-	-	-	-	375
7 ^a	135	36,00	60	16,00	180	48,00	-	-	-	-	375
8 ^a	315	84,00	60	16,00	-	-	-	-	-	-	375
9 ^a	195	52,00	180	48,00	-	-	-	-	-	-	375
10 ^a	120	32,00	135	36,00	75	20,00	-	-	45	12,00	375
TOTAL	1395	37,20	495	13,20	735	19,60	915	24,40	210	5,60	3750

NOTAS:

(1) MB: Matérias básicas.

(2) Outros/Mesclas: Outros estilos de pensamento e mesclas de estilos.

(3) CH: carga horária.

As disciplinas ligadas ao estilo de pensamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública encontram-se no quadro 11. Mais de 60% da carga horária dessas disciplinas é dedicada à Inspeção e Tecnologia de Alimentos. Somente no nono semestre do curso, na disciplina de Higiene Veterinária e Saúde Pública, é que são trabalhadas as concepções de saúde e doença – quando o aluno já teve contato com outros conteúdos de patologia. O que pode ocorrer é que o estudante não teve oportunidade de apreender de maneira correta essas concepções e pode formar noções equivocadas, como será visto mais adiante em relação aos alunos do curso da UDESC. Neste curso ocorre o mesmo que na Universidade Federal de Minas Gerais em que apenas é dado enfoque para o planejamento em saúde animal, sem preparar os alunos para efetuarem ações dentro da saúde pública.

QUADRO 11 – DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFRPE

DISCIPLINA	PERÍODO	CH ⁽¹⁾	CONTEÚDO
Ecologia Básica e Conservacionismo	6º semestre	60 h	Princípios fundamentais de ecologia; poluição do ar e solo.
Epidemiologia e Planejamento em Saúde Animal	7º semestre	60 h	Administração e planejamento em saúde; epidemiologia e profilaxia geral.
Higiene Veterinária e Saúde Pública	9º semestre	90 h	Epidemiologia e controle das principais zoonoses urbanas e rurais; saneamento do meio; educação em saúde.
Tecnologia de Leite e Produtos Derivados	9º semestre	60 h	Tecnologia de fabricação de produtos derivados do leite.
Tecnologia da Carne e Produtos Derivados	9º semestre	60 h	Abate de animais de açougue; obtenção de alimentos e subprodutos; conservação dos produtos e subprodutos de carne, pescado, ovos e de mel de abelhas.
Inspeção de Leite e Produtos Derivados	10º semestre	60 h	Inspeção sanitária e industrial do leite e derivados.
Inspeção de Carnes e Produtos Derivados	10º semestre	75 h	Inspeção industrial e sanitária na produção, elaboração e comercialização de carnes e produtos derivados.
Microbiologia dos Alimentos de Origem Animal	8º semestre	60 h	Microorganismos na higiene e tecnologia de produtos de origem animal. Intoxicações e toxi-infecções; exames microbiológicos.

Nota:

(1) CH: Carga horária (em número de horas).

5.7.7 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

O curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2003) tem a duração mínima de cinco anos e máxima de oito. A carga horária total do curso é de 4245 horas, sendo 4185 em disciplinas obrigatórias e 60 horas em optativas e não é exigido estágio curricular. A grade curricular do curso pode ser examinada no anexo 11. No Instituto de Veterinária estão localizados os seguintes departamentos de ensino:

- Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública;
- Departamento de Microbiologia e Imunologia;
- Departamento de Medicina e Cirurgia.

A seguir, a tabela 8 mostra os estilos de pensamento dentro da grade curricular. O curso da UFRRJ é o que apresenta a maior carga horária destinada ao estilo de pensamento da Clínica Veterinária (42,65%).

TABELA 8 – CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRRJ

FASE	ESTILO DE PENSAMENTO										CH TOTAL
	CV		MVPSP		ZPA		MB ⁽¹⁾		Outros/ Mesclas ⁽²⁾		
	CH ⁽³⁾	%	CH	%	CH	%	CH	%	CH	%	
1 ^a	-	-	-	-	-	-	300	66,67	150	33,33	450
2 ^a	-	-	-	-	30	6,45	435	93,55	-	-	465
3 ^a	90	20,00	30	6,66	120	26,66	210	46,66	-	-	450
4 ^a	150	37,04	30	7,41	45	11,11	180	44,44	-	-	405
5 ^a	240	59,26	-	-	105	25,93	60	14,81	-	-	405
6 ^a	345	85,19	-	-	60	14,81	-	-	-	-	405
7 ^a	390	86,67	60	13,33	-	-	-	-	-	-	450
8 ^a	240	51,61	120	25,81	105	22,58	-	-	-	-	465
9 ^a	180	42,86	120	28,57	120	28,57	-	-	-	-	420
10 ^a	150	55,56	60	22,22	30	11,11	-	-	30	11,11	270
TOTAL	1785	42,65	420	10,05	615	14,69	1185	28,31	180	4,30	4185

NOTAS:

(1) MB: Matérias básicas.

(2) Outros/Mesclas: Outros estilos de pensamento e mesclas de estilos.

(3) CH: carga horária.

Há uma grande vantagem de carga horária para as disciplinas do segmento de Inspeção e Tecnologia de Alimentos dentro da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (quadro 12). Mais de 70% da carga horária desse estilo de

pensamento é dedicada às disciplinas relacionadas à inspeção, o que prejudica outras sub-áreas dentro do estilo. Há somente uma disciplina que aborda conteúdos relacionados à epidemiologia e zoonoses (Higiene e Saúde Pública) que, pelo pouco tempo disponível, aborda de forma superficial esses temas. A parte de Administração e Planejamento em Saúde e também a parte de Educação em Saúde não são mencionadas no programa dessa disciplina. Como consequência, o aluno sentirá dificuldades para adotar um pensamento preventivo e social em sua prática profissional.

QUADRO 12 – DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UFRRJ

DISCIPLINA	PERÍODO	CH ⁽¹⁾	CONTEÚDO
Ecologia Geral	3º período	30 h	Princípios fundamentais de ecologia; ecossistemas; papel da ecologia na sociedade.
Conservação de Recursos Naturais	4º período	30 h	Conceitos básicos; relações entre a conservação, desenvolvimento e economia; conservação do ambiente natural; introdução ao estudo da poluição; princípios de política e legislação conservacionista.
Higiene e Saúde Pública	9º período	60 h	Saneamento rural; formas de transmissão de doenças; epidemiologia e profilaxia geral; zoonoses.
Tecnologia de Carnes, Óleos e Gorduras Animal	7º período	60 h	Obtenção e conservação de carnes, óleos e gorduras animais e produtos derivados; processamento dos produtos derivados da carne.
Tecnologia de Leite, Derivados, Mel e Cera de Abelha	8º período	60 h	Beneficiamento do leite; tecnologia de fabricação de produtos derivados; composição e beneficiamento do mel e cera de abelhas.
Tecnologia de Pescado, Ovos e Derivados	8º período	60 h	Métodos higiênico-sanitários e tecnológicos aplicados ao pescado, ovos e produtos derivados.
Inspeção Higiênica Sanitária e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	9º período	60 h	Métodos higiênico-sanitários aplicados à carne e derivados, e pescado e derivados; controle de riscos e pontos críticos no fluxograma de fabricação de produtos de origem animal.
Inspeção Higiênica Sanitária e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	10º período	60 h	Métodos higiênico-sanitários aplicados ao leite e derivados, ovos, mel e cera de abelhas; aplicação das análises físico-químicas e microbiológicas; controle de risco e pontos críticos.

Nota:

(1) CH: Carga horária (em número de horas).

5.7.8 Universidade de São Paulo (USP)

A Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (2003) mantém os seguintes departamentos:

- Departamento de Cirurgia;

- Departamento de Clínica Médica;
- Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal;
- Departamento de Nutrição e Produção Animal;
- Departamento de Patologia;
- Departamento de Reprodução Animal.

Além da carga horária de 4485 horas em disciplinas obrigatórias (anexo 12), são adicionados ao currículo 30 horas em disciplinas optativas e 480 horas de estágio. A duração ideal do curso é de 10 semestres, com máximo de 18. Na tabela 9 está indicada a distribuição dos estilos de pensamento dentro da grade. Este curso é o que apresenta uma das maiores cargas horárias destinadas ao estilo de pensamento da Clínica Veterinária (42,47%), ao mesmo tempo em que o estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública é o que recebe a menor percentagem de todos os cursos pioneiros analisados (9,7%).

TABELA 9 – CARGA HORÁRIA REFERENTE AOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA USP

FASE	ESTILO DE PENSAMENTO										CH TOTAL
	CV		MVPSP		ZPA		MB ⁽¹⁾		Outros/ Mesclas ⁽²⁾		
	CH ⁽³⁾	%	CH	%	CH	%	CH	%	CH	%	
1 ^a	-	-	-	-	60	11,43	420	80,00	45	8,57	525
2 ^a	-	-	-	-	-	-	540	100,00	-	-	540
3 ^a	210	42,42	-	-	-	-	285	57,58	-	-	495
4 ^a	-	-	75	15,15	420	84,85	-	-	-	-	495
5 ^a	180	36,36	60	12,12	120	24,24	135	27,27	-	-	495
6 ^a	420	82,35	-	-	90	17,65	-	-	-	-	510
7 ^a	405	81,82	60	12,12	-	-	-	-	30	6,06	495
8 ^a	345	69,70	150	30,30	-	-	-	-	-	-	495
9 ^a	345	79,31	90	20,68	-	-	-	-	-	-	555
TOTAL	1905	42,47	435	9,70	690	15,38	1380	30,77	75	1,67	4485

NOTAS:

(1) MB: Matérias básicas.

(2) Outros/Mesclas: Outros estilos de pensamento e mesclas de estilos.

(3) CH: carga horária.

Dentro do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, não há disciplinas específicas ligadas ao Meio Ambiente (quadro 13). Apesar da pequena carga horária destinada a esse estilo de pensamento, um ponto positivo observado neste currículo é que a epidemiologia começa a ser vista na

metade do curso, auxiliando a formação do pensamento preventivo e populacional. A disciplina de Gerenciamento em Saúde Animal e Saúde Pública presta ênfase a assuntos pouco tratados nas disciplinas do segmento de Saúde, mas importantes para consolidar a visão social, tratando não somente da planificação em programas de saúde animal, mas também de saúde pública.

QUADRO 13 – DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA USP

DISCIPLINA	PERÍODO	CH ⁽¹⁾	CONTEÚDO
Epidemiologia Geral e Proteção Ambiental	5º semestre	90 h	Conceitos básicos de epidemiologia e profilaxia das doenças.
Zoonoses (Saúde Pública Veterinária)	8º semestre	90 h	Epidemiologia e profilaxia das zoonoses.
Gerenciamento em Saúde Animal e Saúde Pública	8º semestre	60 h	Planejamento e Administração em saúde; educação em saúde.
Tecnologia de Produtos de Origem Animal	4º semestre	75 h	Técnicas aplicadas na obtenção, conservação, industrialização e controle de qualidade dos produtos de origem animal.
Higiene e Proteção Alimentar	9º semestre	120 h	Inspeção sanitária do abate de bovinos, suínos e aves; inspeção sanitária do mel, ovos, pescado; inspeção sanitária e tecnológica do leite.

Nota:

(1) CH: Carga horária (em número de horas).

5.8 OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE OS CURRÍCULOS DAS ESCOLAS PIONEIRAS

Pelo levantamento efetuado sobre os currículos que estão sendo praticados pelas instituições verificou-se que as grades curriculares estão em constante alteração dentro dos cursos. Entretanto, esse dinamismo se mostra muitas vezes aparente, porque são feitas apenas algumas adaptações. Talvez isso ocorra porque os cursos estão na expectativa de procederem a alterações significativas e aguardando as tendências de reforma de acordo com as Diretrizes Curriculares estabelecidas com base na LDB (Lei 9394/96).

Um comportamento observado nos cursos e que merece ser relatado é que em alguns casos, a carga horária das disciplinas que constam da grade curricular não era compatível com a carga total referida pelo curso. Isso foi detectado nos currículos da UFF, UFRPE e USP. No contato estabelecido com as secretarias dos cursos que constataram o equívoco, foram prestadas as informações das cargas

horárias “corretas”. As secretarias dos cursos não conseguem explicar como as grades foram aprovadas com os enganos observados. Causa estranheza esses acontecimentos, já que os currículos são submetidos a diversos organismos universitários para sua aprovação. Além do mais, essas informações devem constar nos históricos escolares dos profissionais formados.

Quando possível, foram confrontados os conteúdos programáticos e o cronograma de atividades de algumas disciplinas. Observou-se que, às vezes, as atividades de aula não correspondiam exatamente com a composição dos assuntos indicados na programação.

Com base nesses acontecimentos, não se pode ter certeza de que o que está registrado em relação aos programas de disciplina dos cursos é realmente o que é lecionado, ou de que forma o conteúdo indicado no programa é abordado com os alunos. Um estudo aprofundado sobre o assunto foge ao escopo desta tese, mas seria interessante que se fizesse uma investigação relacionando os conteúdos propostos pelos programas de disciplinas nos estabelecimentos de ensino médico veterinário com a matéria que efetivamente é ensinada nas salas de aula.

6 O CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC) – ANÁLISE DOCUMENTAL

6.1 BREVE DESCRIÇÃO SOBRE O CURSO

O curso de Medicina Veterinária da Universidade do Estado de Santa Catarina está localizado em Lages, município da microrregião geográfica dos Campos de Lages que faz parte da mesorregião Serrana. Na estrutura fundiária da Região Serrana há maior concentração de grandes propriedades como resultado da colonização portuguesa que iniciou a criação de bovinos de corte sob condições extensivas. A maioria das propriedades possui sistemas integrados de bovinos de corte e/ou leite com culturas diversas e as propriedades maiores exploram, principalmente, bovinos de corte em pastagem nativa. A exploração extensiva de gado de corte em campo nativo é uma importante atividade econômica, havendo uma pequena exploração de suínos e aves (Ritter & Sorrenson, 1985).

No início da década de 1960, o governo do Estado criou e instalou a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC), um sistema educacional com centros localizados em diferentes locais e voltados para as vocações regionais do Estado. O curso de Medicina Veterinária surgiu em 1965 como reivindicação do Planalto Serrano e como ação do Governo de Santa Catarina dentro do Plano de Metas do Estado – PLAMEG (Matos, 1991).

A Escola Superior de Medicina Veterinária foi criada pelo Decreto Estadual nº 2.802, de 20 de maio de 1965. Com quarenta alunos matriculados na primeira série, iniciou seu funcionamento em primeiro de março de 1973 (Costa, 1982). O Decreto Federal nº 79.851 de 23 de junho de 1977 (Brasil, 1977), a reconhece como unidade de Ensino Superior da então denominada Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC). A ESMEVE representou a primeira unidade instalada no Planalto Catarinense sob os auspícios da UDESC, com o Professor João Nicolau Carvalho ocupando o cargo de Magnífico Reitor. O primeiro diretor da ESMEVE foi o médico veterinário Paulo Londero Sperb (Costa, 1982).

No local de funcionamento do curso de Medicina Veterinária estava estabelecido o Colégio Agrícola Caetano Costa. O Colégio, que até 1978, esteve

instalado em sede própria à Avenida Luiz de Camões, cedeu o local para o Centro Agro-Veterinário e passou a funcionar em uma área de 198 hectares, no Município de S. José do Cerrito – área que compartilhava com a Escola de Medicina Veterinária. O escritor lageano Licurgo Ramos da Costa, assim descreve as condições de instalação do curso:

“A Faculdade foi instalada à Avenida Camões nº 2.090, em terreno de cem hectares, com área edificada de 3.000 metros quadrados, dispondo de um Campo Experimental de 198 hectares, em conjunto com o Colégio Agrícola Caetano Costa. Tal campo está situado no Município de São José do Cerrito, à margem da BR 282, a cerca de 30 quilômetros da sua sede.” (Costa, 1982, p. 1036)

Cópias de formulários preenchidos para serem encaminhados ao MEC (1974) pelo estabelecimento de ensino registram informações relativas aos primeiros professores do curso. Os dados revelados pelos documentos consultados foram confirmados pelos professores mais antigos. Quando autorizado, o curso previa uma duração de 3.500 a 3.600 horas.

O quadro inicial de docentes era formado por 14 professores, sendo oito titulares e seis assistentes, todos com tempo de dedicação parcial. Havia seis médicos veterinários, cinco profissionais da área da saúde (dois médicos, dois farmacêuticos/bioquímicos e um odontólogo), um que concluiu licenciatura em história natural, um que cursou educação física e um formado em ciências políticas e econômicas e também em ciências jurídicas e sociais.

Do total de professores, dois tinham curso de especialização (os dois médicos), sete freqüentaram cursos de aperfeiçoamento e cinco concluíram apenas a graduação. Apenas um dos especialistas e um dos professores com aperfeiçoamento fizeram seu curso em área correlata à disciplina na qual iriam ministrar aulas. A maior parte dos docentes (dez) desempenhava outras funções além do ensino e tinham outros vínculos empregatícios, sendo que dois eram oficiais do exército (um odontólogo e um farmacêutico/bioquímico). Apesar de não serem médicos veterinários, esses oficiais poderiam fazer a ponte de ligação entre a medicina veterinária e o exército confirmando no curso da UDESC a tradição de vinculação militar na Medicina Veterinária.

Pela análise dos registros consultados, os primeiros professores estavam destinados a atender as disciplinas básicas e também àquelas que seriam lecionadas nos primeiros períodos do curso. A seguir estão listados os embriões dos

futuros departamentos do curso e as respectivas disciplinas nas quais os primeiros professores iriam atuar³²:

- Departamento de Morfologia: Histologia e Embriologia; Anatomia dos Animais Domésticos;
- Departamento de Fisiologia: Bioquímica/Biofísica; Fisiologia I; Fisiologia II;
- Departamento de Microbiologia e Saúde Pública: Microbiologia e Imunologia; Parasitologia Veterinária;
- Patologia e Clínica: Patologia Geral e Semiologia; Patologia Clínica;
- Zootecnia: Genética Animal;
- Educação Física: Educação Física.

Lages vinha pleiteando há muitos anos, junto aos Governos do Estado e da União, a criação do curso de Agronomia. A Portaria nº 262 de 17 de abril de 1980 aprovou a transformação da Escola Superior de Medicina Veterinária em Centro Agro-Veterinário, com os cursos de Medicina Veterinária e Agronomia. A construção das instalações destinadas à Faculdade de Agronomia teve seu início em 19 de dezembro de 1980 (Costa, 1982).

A primeira turma de 24 Médicos Veterinários formados na Instituição colou grau em 18 de dezembro de 1976. É o primeiro estabelecimento de ensino superior em Medicina Veterinária do Estado de Santa Catarina e já graduou 1485 profissionais distribuídos em 53 turmas, tendo como compromisso fornecer ao aluno sólidos conhecimentos básicos para a formação de um Médico Veterinário generalista. Uma publicação da UDESC destinada aos alunos indica o seguinte objetivo e traça o perfil do aluno:

Objetivo do Curso:

formar técnicos para o desenvolvimento de atividades no setor primário da economia, exercer outras atividades nas áreas de Clínica Médica, Cirúrgica e Reprodução Animal e atuar também no Ensino, Pesquisa, Extensão, Planejamento e Saúde Pública.

Perfil Profissional do Aluno:

O Médico Veterinário formado pela UDESC será um profissional generalista com conhecimentos voltados para as áreas clínica, cirúrgica, produção animal, reprodução animal e defesa sanitária (Heizen & Rabelo, 1994, p. 34)

³² Apenas para a disciplina de Estudo dos Problemas Brasileiros não foi indicado nenhum departamento.

O Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária da UDESC³³ (Vaz et al., 1998) destina-se a servir de referência para a organização do currículo pleno em consonância com os objetivos e demandas da sociedade e com a formação de graduados aptos para se inserirem nos setores profissionais. Segundo o documento, o curso tem como objetivo formar profissionais médicos veterinários com conhecimento e experiência, preocupados com o modelo globalizado e regional de desenvolvimento, primando por um ensino de qualidade. O profissional formado deve ter formação generalista com sólido embasamento nas áreas que alicerçam o curso e com visão crítica da realidade nacional e regional, principalmente nos setores agrário e de saúde.

No item relativo ao perfil, habilidades e competências profissionais, o Projeto Pedagógico inclui uma sólida formação básica e a formação de um profissional generalista. O documento salienta que o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes a serem considerados no perfil do médico veterinário deve contemplar os seguintes aspectos:

- Formação básica sólida;
- Formação em informática e gerenciamento de dados;
- Formação humanística no contexto social;
- Desenvolvimento do espírito científico;
- Preservação da saúde pública e animal;
- Produção, nutrição e melhoramento animal;
- Planejamento, gerenciamento e educação em saúde;
- Inspeção e tecnologia de produtos de origem animal;
- Clínica médica, cirúrgica e reprodução animal;
- Planejamento, economia, administração e extensão rural;
- Deontologia e legislação;
- Responsabilidade com as vocações regionais;
- Compromisso com a elevação da qualidade de vida do homem e;
- Inserção na realidade política e social. (Vaz et al., 1998)

A maior parte das disciplinas do curso está atualmente disposta em quatro Departamentos do Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV): Clínica e Patologia; Morfofisiologia; Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia; e Zootecnia. Para integralização do curso os alunos devem freqüentar todas as disciplinas obrigatórias e algumas disciplinas eletivas como será visto na análise dos currículos.

O Departamento de Clínica e Patologia é restrito ao curso de graduação em Medicina Veterinária. Os Departamentos de Zootecnia e de Medicina Veterinária

³³ Nem a Coordenação do Curso de Medicina Veterinária, nem a Direção Assistente de Ensino do CAV dispunham de tal documento.

Preventiva e Tecnologia atendem aos dois cursos de graduação do CAV, oferecendo algumas disciplinas comuns aos cursos de Medicina Veterinária e Agronomia. A seguir estão listadas as disciplinas oferecidas para o curso de Medicina Veterinária pelos departamentos do Centro:

a) Departamento de Clínica e Patologia (CLP)³⁴:

- Disciplinas obrigatórias: Análises Clínicas; Anatomia Patológica I; Anatomia Patológica II; Anestesiologia; Clínica Médica I; Clínica Médica II; Clínica Médica III; Clínica Médica IV; Fisiopatologia da Reprodução I; Fisiopatologia da Reprodução II; Ginecologia e Obstetrícia; Patologia Aviária; Patologia e Clínica Cirúrgica; Patologia Clínica e Semiologia; Patologia Suína; Técnica Cirúrgica; Terapêutica; Toxicologia e Plantas Tóxicas.
- Disciplinas eletivas: Dermatologia Veterinária; Inseminação Artificial e Andrologia; Medicina de Animais Silvestres; Oftalmologia Veterinária; Patologia Equina e Podologia; Patologia Ovina; Radiologia.

b) Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia (MVT):

- Disciplinas obrigatórias: Doenças Infecto-contagiosas; Doenças Parasitárias; Imunologia; Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I; Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II; Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública; Metodologia Científica; Microbiologia I; Microbiologia II; Parasitologia I; Parasitologia II; Virologia e Micologia.
- Disciplinas eletivas: Imunologia Aplicada; Laticínios; Tecnologia de Alimentos.

c) Departamento de Morfofisiologia (MRF)

- Disciplinas obrigatórias: Anatomia I; Anatomia II; Anatomia Topográfica; Bioquímica I e Biofísica; Bioquímica II; Deontologia; Educação Física Curricular I; Educação Física Curricular II; Embriologia; Farmacologia Geral; Farmacodinâmica; Fisiologia I; Fisiologia II; Histologia I; Histologia II; Química Geral e Orgânica.

³⁴ Além das disciplinas está inserido neste departamento o Estágio Técnico-Profissional, sinal de que o campo da Clínica Veterinária tem presença marcante nos estágios dos alunos, como será visto no capítulo referente às percepções dos alunos do curso (capítulo 7).

- Disciplinas eletivas: Animais de Laboratório; Neurofisiologia do Comportamento Animal; Práticas Histológicas.

d) Departamento de Zootecnia (ZOO)

- Disciplinas obrigatórias: Agrostologia; Avicultura; Apicultura e Piscicultura; Bovinocultura de Corte; Bovinocultura de Leite; Genética; Ecologia; Eqüinocultura e Cunicultura; Melhoramento Animal; Nutrição Animal I; Nutrição Animal II; Ovinocultura; Suinocultura; Zootecnia Geral.
- Disciplinas eletivas: Aquacultura; Avicultura; Apicultura; Bovinocultura de Corte; Bovinocultura de Leite; Cunicultura; Eqüinocultura; Manejo de Pastagens; Nutrição de Não Ruminantes; Nutrição de Ruminantes; Ovinocultura; Suinocultura.

Algumas disciplinas do curso de Medicina Veterinária estão alocadas em outros departamentos com disciplinas do curso de Agronomia. As disciplinas de Realidade Brasileira, Economia e Administração Rural, e de Sociologia e Extensão Rural pertencem ao Departamento de Solos. As disciplinas de Estatística I e II estão no Departamento de Engenharia Rural.

Deve ser observado que a estrutura departamental apresentada não corresponde aos estilos de pensamento identificados na profissão descritos no capítulo 3. De acordo com a Ata da Reunião de Conselho de Centro ocorrida outubro de 1990, Processo nº 021/90-CAV (Universidade do Estado de Santa Catarina, 1990), a disciplina de Ecologia foi transferida do Departamento de Engenharia Rural para o Departamento de Zootecnia. O motivo alegado foi sua maior afinidade com as disciplinas lotadas do último Departamento. Isso mostra que o curso ainda não tem clareza dos campos de atuação dentro da profissão e das concepções que permeiam cada campo.

6.2 EVOLUÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC

Nesta seção é feito um estudo do currículo do curso de Medicina Veterinária da UDESC. A evolução das grades curriculares do curso é analisada utilizando como base as Resoluções do Conselho Estadual de Educação e do Conselho de Ensino,

Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da UDESC. O objetivo é observar a forma como os campos de atuação em Medicina Veterinária estão dispostos no currículo desde a implantação do curso e verificar o número e o nível das alterações sofridas pelo currículo. O acompanhamento do comportamento dos campos de atuação da Medicina Veterinária ao longo da evolução curricular do curso guardará as relações estabelecidas com o pensamento sistematizado por Fleck.

A seguir serão apresentados, em ordem cronológica, os currículos utilizados pelo curso, com a descrição de suas principais características:

a) Primeiro currículo utilizado no curso – 1973 (Universidade do Estado de Santa Catarina 1999)³⁵

Características:

- Duração: oito semestres.
- Carga horária total: 3930 horas (3600 em disciplinas obrigatórias e 330 em estágio técnico profissional).
- Comentários Gerais:

Primeiro currículo do curso e com a menor carga horária da história curricular (anexo 13). Não eram oferecidas disciplinas eletivas e o estágio obrigatório apresentou a menor carga horária registrada. A distribuição das disciplinas obrigatórias podem ser vistas nas tabelas 10 a 15. É o único currículo em que há disciplinas formadas por dois estilos de pensamento diferentes (tabela 14). A estrutura departamental na época era composta pelos seguintes departamentos: Departamentos de Morfologia; Ciências Fisiológicas; Microbiologia e Saúde Pública; Patologia Clínica; Tecnologia e Inspeção; Zootecnia (anexo 13).

b) Resolução CEE 49/80 - implantado no primeiro semestre de 1980 (Centro de Ciências Agroveterinárias, 2002).

Características:

- Duração: dez semestres.

³⁵ O Parecer do Conselho Estadual de Educação que aprova o primeiro currículo não foi encontrado. Realizou-se consulta aos arquivos da secretaria do curso, que contém os históricos escolares de alunos para obter informações sobre o currículo praticado pelo curso na época. Foram examinados os históricos escolares desde a primeira turma que ingressou no primeiro semestre de 1973 até a turma que ingressou no segundo semestre de 1979 – último grupo em que este currículo vigorou.

- Carga horária total: 5205 horas (4635 em disciplinas obrigatórias, 120 em disciplinas optativas e 450 horas para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

Houve remodelação do currículo com ampliação de oito para dez semestres e um aumento significativo da carga horária total do curso com inclusão de um ciclo básico (anexo 14). Também foram criadas algumas disciplinas obrigatórias e disciplinas optativas, além de acrescentar mais horas ao estágio técnico-profissional. É o currículo com maior carga horária já registrada. A criação de novas disciplinas obrigatórias relativas à formação profissional e pré-profissional se deu a partir de “disciplinas-mães” com manutenção de carga horária destas últimas e acréscimo de carga horária para as “disciplinas-filhas”.

Está enunciado no documento de alteração do currículo da Escola Superior de Medicina Veterinária (Estado de Santa Catarina, 1979) que certos setores vinham despertando interesse especial na região como a bovinocultura, eqüinocultura, cunicultura, apicultura e piscicultura. Por este motivo, houve necessidade do oferecimento de disciplinas que permitissem ao aluno se especializar nesses assuntos³⁶.

No histórico do processo de alteração do currículo da Escola Superior de Medicina Veterinária (Estado de Santa Catarina, 1979) a justificativa para ampliação do curso de oito para dez semestres visava, essencialmente, a inclusão de disciplinas relativas à educação geral com o objetivo de atender às demais disciplinas do curso, possibilitando melhor aproveitamento das mesmas. Pretendia-se, com a inclusão deste novo ciclo, diminuir o alto índice de reprovação verificado nas primeiras fases profissionalizantes, atribuído a deficiências na preparação do estudante.

As novas disciplinas incluídas foram: Português, Metodologia Científica, Inglês, Matemática, Química e Biologia (tabela 15). Pela minha experiência em ter feito parte da primeira turma em que este currículo passou a vigorar, as disciplinas com mesma designação daquelas estudadas no segundo grau pouco acrescentaram em relação à bagagem de conhecimentos que os alunos já traziam, apenas

³⁶ Não foi possível obter registros fidedignos do rol das disciplinas optativas oferecidas na época. As informações disponíveis são de que cada uma destas disciplinas tinha uma carga horária de 30 horas.

contribuindo para o inchamento do currículo. É importante o oferecimento de conhecimentos relativos à formação geral – uma tendência para os currículos na modernidade – e não de conteúdos que o aluno já estudou no ensino médio. Seria interessante proporcionar um aporte em matérias relacionadas às ciências humanas e sociais lançando discussões contemporâneas e contextuais à área de abrangência do curso.

– Matérias Básicas:

Houve ampliação de carga horária, com o surgimento de Anatomia Topográfica a partir de Anatomia e aumento da carga horária das disciplinas de Histologia (tabela 10).

– Estilo de pensamento de Clínica Veterinária:

O documento acima citado também apontou a necessidade de serem incluídas algumas disciplinas de grande importância na formação profissional do médico veterinário, bem como endossou o pedido de aumento de carga horária de outras disciplinas já existentes. Foram introduzidas as seguintes disciplinas relativas à formação profissional: Ornitopatologia; Anestesiologia; e, Patologia de Suínos (tabela 11).

Algumas disciplinas foram reestruturadas. A partir das disciplinas de Farmacodinâmica e Toxicologia e de Agrostologia e Plantas Tóxicas houve um desmembramento e ao mesmo tempo aglutinação de conteúdos com a criação das disciplinas de Farmacodinâmica; Toxicologia e Plantas Tóxicas; e de Agrostologia. Da disciplina de Fisiopatologia da Reprodução e Inseminação Artificial resultou somente a disciplina obrigatória de Fisiopatologia da Reprodução e a disciplina optativa de Inseminação Artificial. A disciplina de Fisiopatologia da Reprodução sofreu um incremento em sua carga horária.

– Estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública:

A denominação das disciplinas, bem como sua carga horária permaneceram inalteradas. A única modificação ocorrida foi a mudança de período de oferecimento acompanhando a ampliação do número de fases de oito para dez semestres (tabela 12).

– Estilo de pensamento da Zootecnia e Produção Animal:

Houve ampliação da carga horária total deste estilo de pensamento, com inclusão de mais uma disciplina de Zootecnia, acréscimo de carga horária da

Economia e Administração Rural e de Sociologia e Extensão Rural. A disciplina de Agrostologia foi criada e a Nutrição Animal sofreu incremento com a inserção de mais uma disciplina desta matéria (tabela 13).

TABELA 10 – COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS BÁSICAS

DISCIPLINA	CURRÍCULO				
	1973 Fase/CH ⁽¹⁾	49/80 Fase/CH	020/84 Fase/CH	047/86 Fase/CH	025/94 Fase/CH
Anatomia I	1/180	2/180	1/150	1/150	1/150
Anatomia II	2/180	3/180	2/150	2/150	2/150
Anatomia Topográfica	-	4/60	3/75	3/75	3/75
Histologia e Embriologia	1/60	2/90	-	-	-
Histologia	2/90	3/120	-	-	-
Histologia I	-	-	1/90	1/90	1/90
Histologia II	-	-	2/90	2/90	2/90
Embriologia	-	-	2/30	2/30	2/30
Biofísica/Bioquímica I	1/150	-	-	-	-
Biofísica/Bioquímica II	2/105	-	-	-	-
Bioquímica e Biofísica I	-	2/150	2/120	2/120	-
Bioquímica e Biofísica II	-	3/105	-	-	-
Bioquímica	-	-	3/90	-	-
Bioquímica I e Biofísica	-	-	-	-	2/120
Bioquímica II	-	-	-	3/90	3/90
Fisiologia I	1/90	4/90	-	3/60	3/60
Fisiologia II	2/90	5/90	-	4/90	4/90
Fisiologia	-	-	4/150	-	-
Microbiologia e Imunologia I	3/90	4/90	-	-	-
Microbiologia e Imunologia II	4/90	5/90	-	-	-
Microbiologia I	-	-	3/60	3/60	3/60
Microbiologia II	-	-	4/60	4/60	4/60
Imunologia	-	-	3/45	3/45	3/45
Micologia e Virologia	-	-	4/60	4/60	4/60
Bioestatística	2/60	3/60	-	-	-
Estatística I	-	-	1/45	1/45	1/45
Estatística II	-	-	2/30	2/30	2/30
CARGA HORÁRIA TOTAL	1185	1305	1245	1245	1245

NOTA:

(1) Fase/CH: Fase ou período do curso em que é oferecida e carga horária.

TABELA 11 – COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS DO ESTILO DE PENSAMENTO DE CLÍNICA VETERINÁRIA

DISCIPLINA	CURRÍCULO				
	1973	49/80	020/84	047/86	025/94
	Fase/CH ⁽¹⁾	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH
Patologia Clínica e Semiologia I	3/90	4/90	-	-	-
Patologia Clínica e Semiologia II	4/90	5/90	-	-	-
Patologia Clínica e Semiologia	-	-	5/120	5/120	5/120
Análises Clínicas	-	-	6/30	5/30	5/30
Parasitologia I	3/60	3/60	3/60	3/60	3/60
Parasitologia II	4/60	5/60	4/60	4/60	4/60
Doenças Parasitárias	5/60	6/75	5/75	6/75	6/75
Doenças Infecto-Contagiosas	6/120	7/120	6/120	6/120	6/120
Ornitopatologia	-	9/60	-	-	-
Patologia Aviária	-	-	9/60	9/60	9/60
Patologia de Suínos	-	9/60	-	-	-
Patologia Suína	-	-	9/60	9/60	9/60
Anatomia Patológica I	5/120	6/120	5/120	5/120	5/120
Anatomia Patológica II	6/60	7/105	6/120	6/120	6/120
Farmacologia Geral	4/60	5/60	4/60	4/60	4/60
Farmacodinâmica e Toxicologia	5/90	-	-	-	-
Farmacodinâmica	-	6/90	5/60	5/60	5/60
Toxicologia e Plantas Tóxicas	-	9/45	7/45	7/45	7/45
Anestesiologia	-	6/60	7/30	7/30	7/30
Técnica Cirúrgica 6/90	7/105	7/90	7/90	7/90	7/90
Patologia Clínica e Cirúrgica	7/120	8/120	8/105	8/105	8/105
Clínica Médica I	5/90	6/90	6/90	6/90	6/90
Clínica Médica II	6/90	7/90	7/90	7/90	7/90
Clínica Médica III	7/60	8/60	8/60	8/60	8/60
Clínica Médica IV	8/60	9/60	9/60	9/60	9/60
Terapêutica	7/30	8/30	7/30	7/30	7/30
Fisiopatologia da Reprodução	7/90	-	-	-	-
Fisiopatologia da Reprodução I	-	8/90	8/75	7/75	7/75
Fisiopatologia da Reprodução II	-	9/60	9/60	8/60	8/60
Obstetrícia e Ginecologia	8/45	-	-	-	-
Ginecologia e Obstetrícia	-	9/60	9/60	9/60	9/60
CARGA HORÁRIA TOTAL	1495	1860	1740	1740	1740

NOTA:

(1) Fase/CH: Fase ou período do curso em que é oferecida e carga horária.

TABELA 12 – COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS DO ESTILO DE PENSAMENTO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA

DISCIPLINA	CURRÍCULO				
	1973	49/80	020/84	047/86	025/94
	Fase/CH ⁽¹⁾	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH
Ecologia	-	-	3/30	4/30	4/30
Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	7/60	8/60	8/60	8/60	8/60
Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	8/90	9/90	9/90	9/90	9/90
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	8/60	9/60	8/60	9/60	9/60
CARGA HORÁRIA TOTAL	210	210	240	240	240

NOTA:

(1) Fase/CH: Fase ou período do curso em que é oferecida e carga horária.

TABELA 13 – COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS DO ESTILO DE PENSAMENTO DA ZOOTECNIA E PRODUÇÃO ANIMAL

DISCIPLINA	CURRÍCULO				
	1973	49/80	020/84	047/86	025/94
	Fase/CH ⁽¹⁾	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH
Genética	1/60	2/60	3/90	3/90	3/90
Zootecnia I	3/60	3/30	-	-	-
Zootecnia II	4/60	4/90	-	-	-
Zootecnia III	5/30	5/90	-	-	-
Zootecnia IV	-	6/90	-	-	-
Melhoramento Animal	5/60	7/90	-	4/30	4/30
Zootecnia Geral e Melhoramento Animal	-	-	4/60	-	-
Zootecnia Geral	-	-	-	4/30	4/30
Apicultura e Piscicultura	-	-	5/30	5/30	5/30
Eqüinocultura e Cunicultura	-	-	5/30	5/30	5/30
Ovinocultura	-	-	5/30	7/30	7/30
Bovinocultura de Leite	-	-	6/45	8/45	8/45
Bovinocultura de Corte	-	-	6/45	7/45	7/45
Avicultura	-	-	7/45	8/45	8/45
Suinocultura	-	-	7/45	8/45	8/45
Agrostologia	-	8/60	6/60	5/60	5/60
Economia e Administração Rural	6/30	7/60	7/60	7/60	7/60
Sociologia e Extensão Rural	6/30	8/60	8/60	8/60	8/60
Nutrição Animal	7/90	-	-	-	-
Nutrição Animal I	-	8/45	7/45	5/45	5/45
Nutrição Animal II	-	9/75	8/75	6/75	6/75
CARGA HORÁRIA TOTAL	420	750	720	720	720

NOTA:

(1) Fase/CH: Fase ou período do curso em que é oferecida e carga horária.

TABELA 14 – COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS DE MESCLAS DE ESTILOS DE PENSAMENTO

DISCIPLINA	CURRÍCULO				
	1973	49/80	020/84	047/86	025/94
	Fase/CH ⁽¹⁾	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH
Agrostologia e Plantas Tóxicas	6/60	-	-	-	-
Fisiopatologia da Reprodução e Inseminação Artificial	8/60	-	-	-	-
CARGA HORÁRIA TOTAL	120	-	-	-	-

NOTA:

(1) Fase/CH: Fase ou período do curso em que é oferecida e carga horária.

TABELA 15 – COMPARAÇÃO DOS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC - MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS DE OUTROS ESTILOS DE PENSAMENTO

DISCIPLINA	CURRÍCULO							
	1973	49/80	020/84	047/86	105/92	025/94	030/98	030/99
	Fase/CH ⁽¹⁾	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH	Fase/CH
Educação Física I	1/30	1/30	1/30	1/30	-	-	-	-
Educação Física II	2/30	2/30	2/30	2/30	-	-	-	-
Educação Física III	3/30	3/30	-	-	-	-	-	-
Educação Física Curricular. I	-	-	-	-	1/45	1/45	1/30	1/30
Educação Física Curricular II	-	-	-	-	2/45	2/45	2/30	2/30
EPB ⁽²⁾ I	1/30	1/30	1/30	1/30	1/30	-	-	-
EPB II	2/30	2/30	2/30	2/30	2/30	-	-	-
EPB III	3/30	-	-	-	-	-	-	-
Realidade Brasileira	-	-	-	-	-	1/45	1/45	1/45
Metodologia Científica	-	1/60	1/30	1/30	1/30	1/30	1/30	1/30
Português	-	1/60	1/30	1/30	1/30	1/30	1/30	-
Inglês	-	1/60	-	-	-	-	-	-
Matemática	-	1/60	-	-	-	-	-	-
Biologia	-	1/60	-	-	-	-	-	-
Química	-	1/60	-	-	-	-	-	-
Química Geral e Orgânica	-	-	1/60	1/60	1/60	1/60	1/60	1/60
Deontologia	-	-	3/15	4/15	4/15	4/30	4/30	4/30
CH TOTAL	180	510	255	255	285	285	255	225

NOTAS:

(1) Fase/CH: Fase ou período do curso em que é oferecida e carga horária.

(2) EPB: Estudos de Problemas Brasileiros.

- c) Resolução 020/84 - CONSEPE de 31/10/84 – Altera o Currículo do Curso de Medicina Veterinária do Centro de Ciências Agroveterinárias (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4920 horas (4200 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

Observaram-se discordâncias entre o documento referente à grade curricular Resolução 020/84 disponível pela internet na página do Centro de Ciências Agroveterinárias (2002) e a publicação da Universidade do Estado de Santa Catarina (2000) – anexo 15. O segundo texto fornece o registro oficial dos processos das modificações curriculares ocorridas nos cursos da UDESC. Em consulta feita aos arquivos que contêm os históricos escolares dos alunos (Universidade do Estado de Santa Catarina, 1999), constatou-se que as determinações contidas na Resolução 020/84 – CONSEPE foram modificadas na prática. Algumas disciplinas foram oferecidas em períodos diferentes do preconizado pela Resolução. Foram feitas indagações sobre esse acontecimento e obteve-se a informação de que apesar da aprovação de uma resolução, por um curto período tinha sido efetivamente executada uma outra grade curricular no curso, e por esse motivo era disponibilizado na internet o currículo aplicado na prática. Como consequência, dois anos depois foi aprovada nova resolução para reformulação do currículo (veja alínea d desta seção).

Para fins de análise, optou-se por considerar as informações contidas na publicação da Universidade do Estado de Santa Catarina (2000), por se tratar de um trabalho documental que fornece o registro dos processos de modificações curriculares aprovadas oficialmente nos cursos da UDESC. Esse material serviu de base para o exame dos currículos a partir de 1984 – período a partir do qual o texto disponibiliza informações curriculares. Esse critério foi adotado porque as alterações não oficiais que possam ter sido feitas ao longo dos currículos das inúmeras turmas que se formaram fogem ao controle dessa pesquisa. Contudo, é preciso ter sempre presente que há discrepâncias entre as informações contidas nos documentos e o

que é efetivamente praticado no curso. Situações semelhantes foram narradas no capítulo anterior em relação a outros cursos.

Praticamente é a base curricular que vem sendo utilizada até os dias de hoje, com pequenas modificações (anexo 15). Houve redução da carga horária do currículo anterior, principalmente pela supressão de algumas disciplinas relativas ao ciclo de formação geral, incluindo a Biologia. A Química mudou sua denominação para Química Geral e Orgânica. A exclusão da Biologia e manutenção da Química Geral e Orgânica – mesmo que as duas matérias tenham igual importância para as outras que se seguiriam – pode ter sido justificada porque o currículo mínimo de 1984 aponta a Química como um campo de conhecimento (veja o quadro 3 no capítulo 5).

Os conteúdos do campo da Química a que se refere este currículo mínimo estão relacionados principalmente ao ensino da Química Orgânica, Bioquímica, Fisicoquímica e Elementos de Química Analítica. No curso já existem duas disciplinas que lecionam Bioquímica e Biofísica, não havendo necessidade para a manutenção de uma disciplina específica de Química Geral e Orgânica, que repete a mesma matéria já vista no segundo grau pelos alunos – como indica a ementa da disciplina (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000). Os conteúdos de Química poderiam ser incorporados à Bioquímica com direcionamento maior para o curso.

A denominação de “disciplinas optativas” mudou para “disciplinas eletivas”, sendo oferecida a seguinte listagem: Bovinocultura de Leite, Bovinocultura de Corte; Suinocultura; Aquacultura; Cunicultura; Nutrição de Ruminantes; Nutrição de Não Ruminantes; Ovinocultura; Equinocultura; Avicultura; Apicultura; Patologia Ovina; Inseminação Artificial e Andrologia; Patologia Equina e Podologia; Tecnologia de Alimentos; Animais de Laboratório; Laticínios; Administração e Planejamento Agropecuário; Introdução à Computação; Radiologia; Cooperativismo, Comercialização e Crédito Rural. As disciplinas de Inglês I, II, III e IV e de Matemática ficaram sendo consideradas como optativas.

A estrutura departamental mantinha os seguintes departamentos: Clínica e Patologia, Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia, Morfofisiologia e Zootecnia, conforma a Resolução CONSEPE 009/84 de 31 de outubro de 1984 (Universidade

do Estado de Santa Catarina, 2002). Esta forma de distribuição irá se manter até os dias atuais.

– Matérias Básicas:

A pequena redução de carga horária do bloco das Matérias Básicas (tabela 10) se deu pela diminuição da carga horária de Anatomia, que ainda continuou elevada, passando de 8% do total do curso do currículo anterior (49/80) para 7,6% do total do curso para este currículo (020/84). Além disso, as disciplinas de Bioquímica também sofreram redução de 45 horas em sua carga horária e as disciplinas de Fisiologia foram compactadas, sofrendo perda de 30 horas.

Por outro lado, este currículo se caracteriza pela multiplicação de “disciplinas-filhas” como Estatística (a partir da Bioestatística), Embriologia (a partir da Histologia), Imunologia e também Micologia e Virologia (partir da Microbiologia). Com a criação destas duas últimas disciplinas, não haveria razão para continuar a denominar a “disciplina-mãe” de Microbiologia, já que está registrado na ementa desta última apenas o estudo das bactérias (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000). Outros assuntos pertinentes à área estão contemplados nas outras “disciplinas-filhas”.

– Estilo de pensamento de Clínica Veterinária:

O estilo de pensamento de Clínica também sofreu pequena redução em sua carga horária (tabela 11). Porém, a Anatomia Patológica teve um acréscimo e dobrou a quantidade de horas em relação ao primeiro currículo do curso (de 1973). Também houve criação de mais uma disciplina, a Análises Clínicas, a partir da Semiologia e Patologia Clínica, com 30 horas.

– Estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública:

Único estilo de pensamento que ampliou sua carga horária neste período – em 30 horas –, com a criação da disciplina de Ecologia para atender às exigências do currículo mínimo de 1984 (tabela 12).

– Estilo de pensamento da Zootecnia e Produção Animal:

As disciplinas de Zootecnia e de Melhoramento Animal desapareceram e houve a substituição por diversas outras disciplinas isoladas (tabela 13), muitas vezes com conteúdos sem muita afinidade dentro das próprias disciplinas. Um exemplo disso foi agrupar conhecimentos relativos à eqüinocultura e cunicultura em um mesmo espaço disciplinar. Apesar da criação de todas as disciplinas e ampliação

do número de horas de Genética, o estilo de pensamento experimentou uma diminuição em sua carga horária.

- d) Resolução 047/86 - CONSEPE de 22/12/86 – Aprova a reformulação do Currículo do Curso de Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Agro-Veterinárias de Lages (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4920 horas (4200 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

Houve consolidação das alterações efetuadas pela Resolução 020/84. A carga horária permaneceu a mesma, apenas havendo alteração de pré-requisitos e do período de oferecimento de algumas disciplinas dentro do curso (anexo 16). Dentro das matérias básicas, a Fisiologia voltou a se desdobrar em duas disciplinas e houve pouquíssimas modificações nos estilos de pensamento, como pode ser visto nas tabelas 10 a 15.

- e) Resolução 02/87 - CONSEPE de 11/05/87 – Altera a Resolução nº 47/86/CONSEPE, de 18 de dezembro de 1986, que a esta se incorpora, e que aprovou a reformulação do currículo do curso de Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Agro-Veterinárias (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4920 horas (4200 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

As únicas alterações observadas foram pequenos ajustes nos pré-requisitos para as disciplinas de Economia e Administração Rural, Sociologia e Extensão Rural e de Doenças Infecto-Contagiosas, que não comprometeu a estrutura curricular.

- f) Resolução 012/90 - CONSEPE de 29/06/90 – Aprova rol de disciplinas eletivas no Currículo do Curso de Medicina Veterinária (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4920 horas (4200 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

Ficou estabelecido o rol de disciplinas eletivas para o curso com seus correspondentes pré-requisitos. Esta listagem já foi descrita anteriormente, mas desta vez a disciplina de Manejo de Pastagens foi incluída. O restante do currículo permaneceu inalterado.

- g) Resolução 0105/92 - CONSEPE de 28/04/92 – Aprova os princípios e normas para a integralização da matéria educação física curricular (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4950 horas (4230 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

O aumento de 30 horas no currículo (anexo 17) se deveu ao acréscimo de 15 horas em cada uma das duas disciplinas de Educação Física (tabela 15).

- h) Resolução 025/94 - CONSEPE de 20/12/94 – Altera o Currículo do Curso de Medicina Veterinária do Centro de Ciências Agroveterinárias - CAV (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4950 horas (4230 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

Pelo título da Resolução deveria haver uma alteração curricular propriamente dita, sendo a primeira desde o currículo 047/86 (anexo 18). Entretanto, quando se examina mais cuidadosamente, as únicas modificações são a substituição das disciplinas de Estudos dos Problemas Brasileiros por Realidade Brasileira, com aumento de 15 horas-aula e aumento da mesma carga horária para a Deontologia (tabela 15). Na verdade, não se trata de uma alteração curricular, mas de pequenos ajustes efetuados. Este currículo constitui a base curricular seguida atualmente pelo curso, que se pautou pelas linhas preconizadas pelo currículo 047/86, e que por sua vez consolidou as alterações da Resolução 020/84.

- i) Resolução 048/95 - CONSEPE de 20/12/95 – Cria a disciplina eletiva “Imunologia Aplicada” no Curso de Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Agroveterinárias – CAV (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4950 horas (4230 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

Houve apenas a criação de uma nova disciplina eletiva com seus respectivos pré-requisitos.

- j) Resolução 009/96 - CONSEPE de 26/06/96 – Cria a disciplina de Animais Silvestres no Curso de Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Agroveterinárias – CAV (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4950 horas (4230 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

Idem ao currículo anterior.

- k) Resolução 036/97 - CONSEPE de 22/10/97 – Inclui a disciplinas Neurofisiologia do Comportamento Animal no rol de disciplinas eletivas do currículo do curso de Medicina Veterinária (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4950 horas (4230 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

Idem ao currículo anterior.

- l) Resolução 002/98 - CONSEPE de 22/04/98 – Estabelece nova exigência para o cumprimento da disciplina Técnica Cirúrgica do curso de Medicina Veterinária do Centro de Ciências Agroveterinárias – CAV (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4950 horas (4230 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

Estabelece como co-requisito da disciplina de Técnica Cirúrgica a Anestesiologia, ou seja, o aluno deverá ter cursado ou estar cursando Anestesiologia para poder frequentar Técnica Cirúrgica. Além deste pequeno detalhe, o restante do currículo permanece o mesmo (tabelas 10 a 15).

- m) Resolução 003/98 - CONSEPE de 24/06/98 – Cria a disciplina eletiva “Oftalmologia Veterinária” no Curso de Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Agroveterinárias – CAV (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4950 horas (4230 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

Idem aos itens j, k e l desta seção.

- n) Resolução 030/98 - CONSEPE de 16/12/98 Regulamenta a matéria de Educação Física Curricular nos cursos de graduação da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4920 horas (4200 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

A pequena redução no número de horas deste currículo (anexo 19) se deve à supressão de 15 horas-aula de cada uma das disciplinas de Educação Física Curricular (tabela 15).

- o) Resolução 025/99 - CONSEPE de 23/06/99 – Dá nova redação ao parágrafo único do artigo 5º da Resolução nº 030/98CONSEPE, de 16 de dezembro de 1998, que Regulamenta a matéria de Educação Física Curricular nos cursos de graduação da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.
- Carga horária total: 4920 horas (4200 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).
- Observações Gerais:

Houve apenas uma modificação em um dos parágrafos que concerne à dispensa do aluno à disciplina de Educação Física Curricular.

- p) Resolução 030/99 - CONSEPE de 25/08/99 – Exclui a disciplina Português do currículo do Curso de Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Agroveterinárias – CAV/UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000)

Características:

- Duração: dez semestres.

- Carga horária total: 4890 horas (4170 em disciplinas obrigatórias, sendo 120 em disciplinas optativas e 600 para o estágio profissional obrigatório).

- Observações Gerais:

Pequena redução da carga horária total do curso (anexo 20) pela eliminação da disciplina de Português (tabela 15).

6.3 EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC

A seguir (quadro 14), serão apresentadas as disciplinas do curso de Medicina Veterinária da UDESC pertencentes ao estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Observa-se que mais de 60% da carga horária deste estilo é destinada às disciplinas de Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal. Todas as disciplinas desse estilo de pensamento estão alocadas no Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia, com exceção de Ecologia que pertence ao Departamento de Zootecnia.

QUADRO 14 – DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA DA UDESC

DISCIPLINA	PERÍODO	CH ⁽¹⁾	CONTEÚDO
Ecologia	4º semestre	30 h	Princípios gerais de ecologia; poluição; relações entre ecossistema natural e agroecossistema.
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	9º semestre	60 h	Epidemiologia e profilaxia geral; epidemiologia e profilaxia aplicadas às zoonoses; saneamento do meio; administração e planejamento em saúde animal e saúde pública; educação em saúde.
Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	8º semestre	60 h	Inspeção sanitária de bovinos, eqüinos, ovinos, caprinos, aves e coelhos; processamento tecnológico dos produtos cárneos.
Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	9º semestre	90 h	Inspeção sanitária do leite e produtos lácteos, ovos, pescado e derivados, mel e produtos da abelha; processos tecnológicos relativos ao leite e derivados e pescado e derivados.

Nota:

(1) CH: Carga horária (em número de horas).

6.4 ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE A EVOLUÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC

A partir da análise precedente observa-se que os currículos em que realmente ocorreram modificações foram as Resoluções: 49/80; 020/84; 047/86. Desde então, não houve alteração significativa e os estilos de pensamento permaneceram congelados dentro da estrutura curricular. Também se pode perceber que as poucas alterações curriculares que aconteceram não foram feitas com base em estudos aprofundados e fundamentados em dados concretos. Haja vista a implantação no currículo 49/80 de um ciclo de disciplinas relativas à educação geral sem uma sólida justificativa, com sua supressão, logo em seguida, pela eliminação de grande parte das disciplinas.

Nas alterações curriculares não houve avanços em propostas que buscassem a integração entre as áreas e disciplinas, mas apenas a busca da conquista de maiores espaços por parte de alguns blocos isolados dentro dos estilos de pensamento, procurando torná-los mais prevalentes e aumentando sua força dentro do curso. Os pequenos ajustes curriculares foram fruto de iniciativas isoladas para atender aos interesses de determinados grupos.

Como a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública teve, desde o início do curso, pouca representatividade e reconhecimento, não foi contemplada nas modificações articuladas pelos membros pertencentes aos outros estilos de pensamento na disputa pelo espaço. O aumento de carga horária das disciplinas pertencentes aos outros estilos e a ramificação em “disciplinas-filhas” produziu um aumento do número de professores das áreas pertinentes e conseqüentemente maior representatividade, o que não ocorreu com a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

O estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública só sofreu uma modificação com a criação da disciplina de Ecologia – movida pelas exigências do currículo mínimo de 1984 – perfazendo um aumento pouco expressivo de 30 horas para a área. Afora esta oportunidade, as únicas alterações ocorreram relacionadas com os pré-requisitos das disciplinas que por sinal são todos do estilo de pensamento da Clínica Veterinária. A exigência desses pré-requisitos para as disciplinas do estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública demonstra

não haver uma preocupação explícita por parte do curso em fornecer aos alunos elementos na área de ciências humanas e sociais ligados à saúde para seu embasamento (quadro 15).

QUADRO 15 – PRÉ-REQUISITOS DAS DISCIPLINAS DO ESTILO DE PENSAMENTO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA NOS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC

CURRÍCULO	FASE	DISCIPLINA	CH ⁽¹⁾	PRÉ-REQUISITOS
1973	7ª	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal	60	Patologia Clínica e Semiologia II Doenças Infecto-Contagiosas Anatomia Patológica II
	8ª	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	90	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal
	9ª	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	60	Doenças Infecto-contagiosas
49/80 CEE	8ª	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	60	Doenças Infecto-Contagiosas Anatomia Patológica II
	9ª	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	90	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I
	9ª	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	60	Sem pré-requisitos
020/84 CONSEPE	3ª	Ecologia	30	50% dos créditos anteriores
	8ª	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	60	Doenças Infecto-Contagiosas; Doenças Parasitárias; Anatomia Patológica II
	8ª	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	60	Doenças Infecto-Contagiosas; Doenças Parasitárias; Anatomia Patológica II
	9ª	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	90	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I
047/86 CONSEPE	4ª	Ecologia	30	50% dos créditos anteriores
	8ª	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	60	Doenças Infecto-Contagiosas; Doenças Parasitárias; Anatomia Patológica II
	9ª	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	90	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I
	9ª	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	60	Doenças Infecto-Contagiosas; Doenças Parasitárias
025/94 CONSEPE	4ª	Ecologia	30	50% dos créditos anteriores
	8ª	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	60	Doenças Infecto-Contagiosas; Doenças Parasitárias; Anatomia Patológica II
	9ª	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	90	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I
	9ª	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	60	Doenças Infecto-Contagiosas; Doenças Parasitárias

NOTAS:

(1) CH: Carga horária

Na verdade, alguns conteúdos da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde é que deveriam ser preparatórios tanto para a Clínica Veterinária como para a Zootecnia e Produção Animal. Pode ser dado como exemplo a apreensão do conceito de saúde e doença como sendo indispensável para o entendimento mais amplo das patologias e de sua prevenção.

Outro dado a ser lembrado é a carga horária trabalhada com conteúdos da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, em comparação com o tempo dispensado aos outros dois estilos de pensamento. Há quatro disciplinas do estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública: Ecologia, Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I e II e a disciplina que recebe a mesma denominação do estilo, ou seja, Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Atualmente, 240 horas da grade curricular são destinadas ao estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Os conteúdos que se ocupam em fornecer uma visão de saúde coletiva são todos ministrados nesta última disciplina citada.

Causa inquietação o fato de que os estudantes começam a tomar contato com o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde a partir do quarto semestre do curso de maneira muito superficial. Nesta fase, a carga maior está concentrada sobre o estilo da Clínica Veterinária e também sobre as Matérias Básicas (tabelas 16 e 17).

TABELA 16 – CARGA HORÁRIA DOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO ATUAL CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO CONSEPE 030/99) - 1999

FASE	ESTILO DE PENSAMENTO										CH ⁽³⁾ TOTAL
	CV		MVPSP		ZPA		MB ⁽¹⁾		OUTROS ⁽²⁾		
	CH	%	CH	%	CH	%	CH	%	CH	%	
1 ^a	-	-	-	-	-	-	285	63,33	165	36,67	450
2 ^a	-	-	-	-	-	-	420	93	30	07	450
3 ^a	60	12,50	-	-	90	18,75	330	68,75	-	-	480
4 ^a	120	26,67	30	6,67	60	13,32	210	46,67	30	6,67	450
5 ^a	330	66,67	-	-	165	33,33	-	-	-	-	495
6 ^a	405	84,38	-	-	75	15,62	-	-	-	-	480
7 ^a	360	72,73	-	-	135	27,27	-	-	-	-	495
8 ^a	225	46,87	60	12,50	195	40,62	-	-	-	-	480
9 ^a	240	61,51	150	38,46	-	-	-	-	-	-	390
TOTAL	1740	41,73	240	5,75	720	17,27	1245	29,86	225	5,39	4170 ⁽⁴⁾

NOTAS:

(1) MB: Matérias básicas.

(2) Outros estilos de pensamento.

(3) CH: carga horária.

(4) A carga horária total do curso é de 4890 horas, sendo 4170 para disciplinas obrigatórias, 120 para disciplinas eletivas e 600 para estágio técnico-profissional obrigatório.

TABELA 17 – CARGA HORÁRIA MÉDIA DOS ESTILOS DE PENSAMENTO NAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DOS PRINCIPAIS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC ⁽¹⁾

FASE	ESTILO DE PENSAMENTO										CH TOTAL
	CV		MVSP		ZPA		MB ⁽²⁾		Outros ⁽³⁾		
	CH ⁽⁴⁾	%	CH	%	CH	%	CH	%	CH	%	
1 ^a	-	-	-	-	-	-	244,29	52,54	220,71	47,46	465,00
2 ^a	-	-	-	-	8,57	1,79	420,00	87,50	51,43	10,71	480,00
3 ^a	51,43	10,62	4,29	0,89	81,43	16,81	340,71	70,35	6,43	1,33	484,29
4 ^a	124,29	27,62	21,43	4,76	64,29	14,29	222,86	49,52	17,14	3,81	450,01
5 ^a	319,29	65,35	-	-	143,57	29,39	25,71	5,26	-	-	488,57
6 ^a	402,86	82,10	-	-	87,86	17,90	-	-	-	-	490,72
7 ^a	357,86	71,06	-	-	145,71	28,94	-	-	-	-	503,57
8 ^a	237,86	48,69	68,57	14,03	182,14	37,28	-	-	-	-	488,57
9 ^a	263,57	63,40	141,43	34,02	10,71	2,58	-	-	-	-	415,71
TOTAL	1757,16	41,19	235,72	5,52	724,28	16,98	1253,57	29,38	295,71	6,93	4266,44

NOTAS:

(1) Valores médios dos principais currículos com duração de cinco anos: 49/80; 020/84; 047/86; 105/92; 025/94; 030/98; 030/99.

(2) MB: Matérias básicas.

(3) Outros estilos de pensamento.

(4) CH: carga horária.

Somente no final do curso – a partir do 8º semestre – é que o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública começa realmente

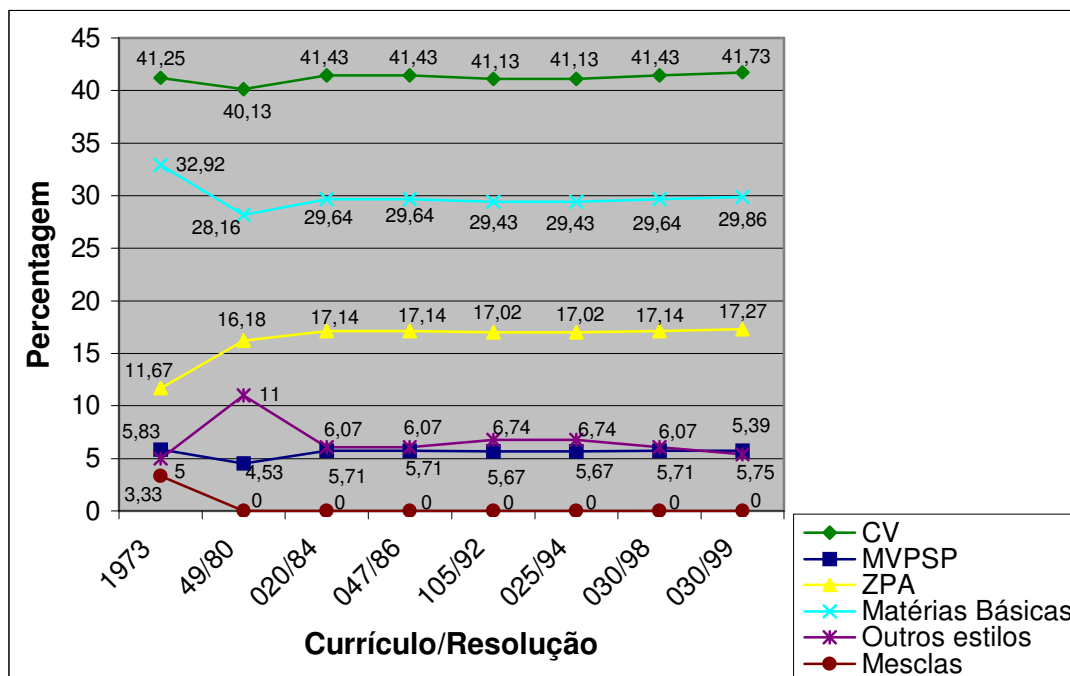
a ser apresentado para os alunos, quando todos os outros estilos já tiveram oportunidade de se desenvolver e de despertar o interesse dos estudantes. Isso faz com que o pensamento preventivo e populacional tenha sérias dificuldades para se instalar. Esta hipótese foi corroborada na análise das entrevistas com os formandos do curso.

O gráfico 1 confirma os dados apresentados nas tabelas 16 e 17 e mostra a gravidade do cenário apresentado quando se acompanha o comportamento de cada estilo de pensamento dentro do curso. A quantidade de tempo dedicada aos conteúdos pertinentes à saúde pública é muito mais baixa do que para os estilos de Clínica Veterinária e de Zootecnia e Produção Animal, sendo inclusive inferior às Matérias Básicas e aos outros estilos de pensamento. Isso mostra o sistema de valoração diferenciado que é dado às diversas formas de pensar dentro do curso. Pelo exame do gráfico pode-se observar que desde 1984 praticamente não aconteceram alterações nas percentagens destinadas aos estilos de pensamento nos currículos do curso.

Este contato tardio e a reduzida carga horária do estilo de pensamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública tornam quase inviável o oferecimento de disciplinas eletivas pelo campo de atuação. Se o objetivo das eletivas é fornecer elementos para especializar o aluno em algumas áreas, fica muito difícil oferecer oportunidade de especialização para quem nem tomou contato ainda com os fundamentos do assunto.

Ainda que o curso tenha um Projeto Pedagógico (Vaz et al., 1998) que inclui em seu arcabouço aspectos ligados à saúde pública em seus vários ramos de atividade como já visto no início deste capítulo, observa-se que o discurso não condiz com a prática. Nas entrevistas esse assunto ficará claro, quando for mostrado que o curso não enfatiza os aspectos ligados ao estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

GRÁFICO 1 – PERCENTAGEM DE CADA ESTILO DE PENSAMENTO DENTRO DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS NOS CURRÍCULOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC



FONTE: Universidade do Estado de Santa Catarina.

NOTA: Dados trabalhados pela autora.

Apesar da escassez de documentos relativos ao início do curso há alguns aspectos que marcaram profundamente e que se enraizaram no pensamento coletivo. Chama a atenção o número de profissionais das ciências da saúde (médicos, odontólogos e farmacêuticos/bioquímicos) que ministravam aulas quando de seu início. Quase todos eles exerciam atividades ligadas à medicina curativa fora da instituição como atendimento clínico, laboratorial e farmacêutico, imprimindo uma concepção própria ao curso. O único profissional ligado à saúde pública lecionava a disciplina de Bioquímica/Biofísica, que lida com aspectos distantes da promoção e prevenção da saúde, sem exercitar o pensamento preventivo e social.

A característica da UDESC de ter vários Centros de Ensino espalhados pelo estado favoreceu o isolamento do curso de Medicina Veterinária. Por muito tempo a escola permaneceu afastada e sem contato com outros cursos e outros estilos de pensamento. Somente em 1980 a instituição iniciou o ensino de Agronomia e ainda hoje há apenas estes dois cursos no campus de Lages. Isso dificulta a proximidade

com outras áreas e a troca de informações pela circulação inter-coletiva de idéias, o que favorece a permanência de um sistema antigo de pensamento com resistência a mudanças que impede a transformação das formas de pensar.

O currículo do curso está pautado pelo pensamento da Medicina Veterinária no início da década de 1980. Desde então, aconteceram modificações na maneira de pensar em todas as áreas do conhecimento humano. Mesmo assim, o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ainda se apresenta de maneira incipiente dentro do currículo, não refletindo os avanços sofridos pela área nos últimos anos e sua crescente importância para a sociedade.

6.5 OS ESTILOS DE PENSAMENTO NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DAS ESCOLAS PIONEIRAS E NO CURSO DA UDESC

Nesse tópico pretende-se examinar simultaneamente as grades curriculares atualmente seguidas pelos cursos de Medicina Veterinária da UDESC e pelos cursos pioneiros, procurando conhecer as semelhanças, diferenças ou relações entre elas, com especial atenção para o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Apesar da constatação de que nem sempre aquilo que está registrado nos conteúdos programáticos dos cursos é efetivamente praticado, a análise documental efetuada mostra as tendências apresentadas pelo coletivo escolar.

O curso de Medicina Veterinária da UDESC, quando comparado com os outros cursos estudados, está entre aqueles com maior carga horária (4890 horas), sendo inferior apenas à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (5.070 horas) e à Universidade de São Paulo (4995 horas). As escolas de ensino superior com menor carga horária pertencem à Universidade Federal de Minas Gerais, com 3870 horas e à Universidade Federal da Bahia com 3630. Entretanto, não há exigência de estágio curricular obrigatório para o curso da UFMG.

Em todos os cursos é observada maior representatividade para o estilo de pensamento de Clínica Veterinária, seguida pelo estilo da Zootecnia e Produção Animal, com a menor participação para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (tabela 18). A baixa representatividade deste último estilo indica que ele ainda não se firmou dentro da estrutura dos cursos, apesar da grande importância

dos conhecimentos que traz para a atividade profissional nas diferentes áreas de atuação profissional. Esse fato é denunciado nas entrevistas com os profissionais, como será visto mais adiante. A situação apresentada no curso da UDESC é grave e causa inquietação dado que a percentagem de carga horária destinada ao estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública representa menos da metade da média apresentada pelos demais cursos analisados.

TABELA 18 – CARGA HORÁRIA RELATIVA AOS ESTILOS DE PENSAMENTO DOS CURSOS DAS ESCOLAS PIONEIRAS E DO CURSO DA UDESC

CURSO	CV (%)	MVPSP (%)	ZPA (%)	MB (%)	OUTROS/ MESCLAS (%)
UFBA	34,55	10,47	23,04	26,18	5,76
UFF	35,04	12,77	14,23	31,75	6,20
UFMG	38,49	13,89	16,27	25,79	5,56
UFPR	35,18	13,04	19,76	31,23	0,79
UFRGS	42,62	10,06	21,48	21,14	4,70
UFRPE	37,20	13,20	19,60	24,40	5,60
UFRRJ	42,65	10,05	14,69	28,31	4,30
USP	42,47	9,70	15,38	30,77	1,67
UDESC	41,73	5,75	17,27	29,86	5,39
MÉDIA DOS CURSOS PIONEIROS	38,62	11,64	17,96	27,42	4,36
MÉDIA DE TODOS OS CURSOS	38,96	10,98	17,88	27,69	4,48

Nas descrições das características e objetivos dos cursos e dos campos de atuação na profissão, os estabelecimentos de ensino estudados, inclusive o curso da UDESC, colocam em destaque a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Entretanto, pela análise efetuada parece que na prática as outras áreas se sobressaem muito mais, mesmo naqueles cursos que estão localizados nos centros de ciências médicas e da saúde de suas instituições.

Em todas as escolas superiores estudadas os conteúdos do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública estão desarticulados dos outros estilos, sem inter-relação com os demais conhecimentos da profissão médico-veterinária. Mesmo dentro do próprio estilo de pensamento há necessidade de haver maior conexão entre os conteúdos das disciplinas. Um dos cursos em que há uma preocupação neste aspecto é o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como já foi comentado no capítulo anterior.

As cargas horárias dos conteúdos relativos às diversas atividades dentro do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública estão distribuídas sem uniformidade nas disciplinas (tabela 19). As disciplinas que tratam de conteúdos de Inspeção e Tecnologia de Alimentos – que apresentam uma visão higienista-preventivista – se destacam sobre as demais, enquanto que as disciplinas que lecionam conteúdos relacionados ao meio ambiente – que se caracterizam pela visão social – são as que apresentam menor carga horária. Os conteúdos ligados à epidemiologia, zoonoses, educação em saúde, administração e planejamento em saúde – que possuem tendências de natureza higienista-preventivista e também social – são os que possuem maior irregularidade em sua distribuição nos cursos, sinal de que não estão ainda bem firmados dentro do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

TABELA 19 – CARGA HORÁRIA RELATIVA ÀS ATIVIDADES DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA NOS CURSOS DAS ESCOLAS PIONEIRAS E NO CURSO DA UDESC

CURSO	INSPEÇÃO E TECNOLOGIA ⁽¹⁾ (%)	MEIO AMBIENTE ⁽²⁾ (%)	SAÚDE ⁽³⁾ (%)	MEIO AMBIENTE E SAÚDE (%)
UFBA	60,00	-	40,00	-
UFF	74,29	8,57	17,14	-
UFMG	62,86	8,57	28,57	-
UFPR	48,48	9,09	36,36	6,06
UFRGS	53,33	6,67	40,00	-
UFRPE	63,64	12,12	24,24	-
UFRRJ	71,43	14,28	14,28	-
USP	44,83	-	55,17	-
UDESC	62,50	12,5	25,00	-
MÉDIA DOS CURSOS PIONEIROS	59,86	7,41	31,97	-
MÉDIA DE TODOS OS CURSOS	60,15	7,98	31,20	-

Notas:

(1) Disciplinas com conteúdos relacionados à Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal.

(2) Disciplinas com conteúdos relacionados à Ecologia e Meio Ambiente.

(3) Disciplinas com conteúdos relacionados à Epidemiologia, Zoonoses, Educação em Saúde; Administração e Planejamento em Saúde.

Dentro do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, as atenções dos currículos estão mais concentradas sobre as disciplinas ligadas à Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal. Por conseguinte, há maior influência dos aspectos preventivistas-higienistas sobre esse estilo de

pensamento e em extensão sobre os outros estilos de pensamento dentro dos cursos. As concepções com preocupações sociais ainda estão em estado incipiente dentro do pensamento médico veterinário.

Uma observação da bibliografia utilizada nas disciplinas do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública revela³⁷ que há um pequeno número de referências relacionadas às ciências sociais aplicadas à saúde e quase ausência de bibliografias na área de educação e saúde. Esse fato indica que há necessidade de uma atenção maior para a saúde coletiva, para que os alunos passem a ter uma compreensão completa da saúde das populações levando em consideração os aspectos sociais, culturais e econômicos e passem a ter um grau maior de comprometimento com a saúde da população. A pequena aproximação da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública com as ciências humanas e sociais e com a educação em saúde é um reflexo da falta de interação dos cursos com as ciências humanas.

Um outro ponto que chama a atenção é que os alunos tomam contato com certos conteúdos de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública em períodos muito adiantados do curso. Um exemplo é a compreensão dos modelos de saúde e doença. Este assunto está inserido da metade para o final do curso, quando os alunos já tiveram outros conhecimentos que trataram especificamente do patológico, sem versar sobre a saúde, fazendo com que eles apresentem concepções próprias sobre o fenômeno, distantes dos conceitos estabelecidos pela saúde coletiva³⁸.

Dos programas das disciplinas do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública dos estabelecimentos de ensino analisados, três deles não especificaram se o conceito de saúde e doença é abordado (UFRPE, UFRRJ e USP). Dos outros cursos nos quais o tópico é ensinado, dois tratam do assunto no nono semestre (UDESC e UFF), três no quinto semestre (UFBA, UFMG

³⁷ Seria interessante que fosse realizado um exame cuidadoso a respeito das bibliografias utilizadas pelos diversos estilos de pensamento, a fim de estabelecer relações entre as abordagens dos autores utilizados e as condutas apresentadas pelos coletivos dos cursos.

³⁸ Como um exemplo dessa constatação, verificou-se que os formandos do curso de Medicina Veterinária da UDESC possuem uma representação de saúde e doença como aspectos antagônicos (Pfuetzenreiter et al., 2001). Como estes acadêmicos se encontram no final do curso e portanto, prestes a exercer a profissão, eles deveriam ter desenvolvido uma noção mais dinâmica do fenômeno, compreendendo-o de forma mais ampla, e não apresentar uma concepção de dualidade que é incompatível com a etapa em que se encontram de sua formação. Isto pode ter ocorrido por uma falta de embasamento na área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

e UFPR – este último no primeiro semestre do terceiro ano), e dois no quarto semestre (UFBA e UFRGS). Na UFBA duas disciplinas versam sobre o tema.

Na UFRGS as discussões sobre saúde e doença ocorrem antes que os conteúdos relativos às patologias sejam estudados. O enfoque utilizado neste curso privilegia o aspecto populacional, preventivo e ecológico. Esta forma de abordagem é fundamental para a formação e desenvolvimento do pensamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

Nos cursos da UFBA e UFPR, a abordagem do tema ocorre concomitantemente com as disciplinas que compreendem as doenças dos animais. Neste caso, ainda é possível trabalhar com os conceitos de saúde coletiva e procurar mostrar uma forma diferente de pensar para os alunos.

Já na UFMG, UFF e UDESC os estudantes se dedicam ao tema após terem estudado os processos patológicos. Nos dois últimos, o tópico aparece bem no final do curso, no nono semestre. Desnecessário dizer que se torna muito difícil produzir uma ruptura de noções já enraizadas nos alunos e que são contrárias às concepções de saúde coletiva, visto que um estilo de pensamento predominantemente reducionista já foi implantado e se estabeleceu.

Pelo exposto acima, se conclui que o foco principal das escolas estudadas é sobre uma formação tecnicista baseada no desenvolvimento de conhecimentos teóricos e práticos específicos da área de atuação da Medicina Veterinária, sem uma preocupação explícita com uma formação mais ampla que contemple outros domínios do conhecimento humano, como as ciências humanas e sociais. A maior parte dos cursos não concentra esforços sobre esse aspecto da formação dos estudantes, que seria fundamental para auxiliar no estabelecimento de um pensamento voltado para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

Todos os currículos analisados seguem um modelo de estrutura curricular fixa, seguindo os parâmetros propostos pelo currículo mínimo de 1984 que favorece que as disciplinas sejam compartimentadas e sem haver inter-relação de umas com as outras. Como consequência, percebe-se uma tendência de isolamento das mesmas, dos conteúdos e conseqüentemente das formas de pensamento dentro do curso, refletindo-se em uma forma de ensino fragmentado e desprovido de um sentido mais amplo para o aluno.

7 O CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES, PROFESSORES E MÉDICOS VETERINÁRIOS

Será que eu falei o que ninguém ouvia?
Será que eu escutei o que ninguém dizia?

Arnaldo Antunes

Para obtenção das percepções das pessoas envolvidas diretamente com o curso de Medicina Veterinária da UDESC e dos profissionais que atuam na carreira veterinária na região em que se encontra o curso, foram realizadas entrevistas com representantes desses segmentos. Foram feitas 80 entrevistas individuais com calouros, formandos e professores do curso, e também com médicos veterinários da região³⁹ totalizando uma duração aproximada de 42 horas e meia de interlocução. As entrevistas com os três primeiros grupos foram realizadas nas dependências da UDESC-Lages, enquanto que a maior parte das interlocuições do último segmento tiveram lugar no ambiente de trabalho do entrevistado.

7.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM CALOUROS DO CURSO

Foram entrevistados individualmente 20 calouros do curso de Medicina Veterinária da UDESC. A metade das entrevistas ocorreu no segundo semestre de 2001 e o restante no primeiro semestre de 2002. O tempo de duração das interlocuições foi de aproximadamente cinco horas e quarenta e cinco minutos, com um mínimo de 13 e máximo de 25 minutos.

O procedimento foi realizado logo nas primeiras semanas do semestre letivo, a tempo de que os alunos recém ingressados no curso não tivessem oportunidade de um contato maior com os outros estudantes e professores. O objetivo era captar as primeiras impressões que esta categoria tem de um curso de Medicina Veterinária e da profissão veterinária, especialmente relacionadas com as atividades no campo (estilo de pensamento) da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

³⁹ Os roteiros das entrevistas encontram-se nos anexos 1, 2, 3 e 4.

7.1.1 Dados Gerais dos Calouros

A listagem dos estudantes que tinham sido selecionados pelo concurso vestibular foi fornecida pela secretaria do curso. Nas primeiras semanas letivas do primeiro semestre de 2001 a lista era composta de 39 alunos e no segundo semestre por 40 alunos. De cada grupo foram sorteados dez calouros para entrevistas que foram realizadas em diversos locais nas dependências do campus da UDESC de Lages.

A faixa etária dos entrevistados variou entre 17 e 21 anos, com média de 18 anos. Três quartos dos estudantes residiam em cidades catarinenses: Campo Alegre, Capinzal, Criciúma, Doutor Pedrinho, Florianópolis, Joinville, Lages, Rio Negrinho, São José e Videira. Dois estudantes eram de Lages, dois de Joinville e quatro da capital. As outras cidades foram representadas por um estudante de cada. O restante dos calouros eram provenientes de outros estados (Curitiba, Palotina e Pato Branco – PR, Ijuí – RS e Ribeirão Preto – SP).

A atividade exercida pelo pai do estudante pode ter influenciado na escolha profissional dele, visto que em oito entrevistas observou-se que os pais desempenhavam atividades ligadas à agropecuária (engenheiro agrônomo, empresário terceirizado que presta serviços a uma grande empresa agropecuária, técnico agrícola, médico veterinário e quatro produtores rurais). Um dos pais era aposentado, tendo desempenhado a função de operador de sub-estação na Eletrosul e um era falecido tendo sido auditor em uma prefeitura. Metade dos pais têm outras profissões (administrador, psicólogo, dentista, atuação em comércio de medicamentos, representante comercial, coordenador de produção em uma empresa, trabalho em empresa de cobrança, e dois engenheiros). Abaixo está destacado um trecho no qual um aluno manifesta essa influência⁴⁰:

⁴⁰ Para destacar as transcrições literais das falas dos entrevistados no texto, os trechos foram dispostos na forma de citação direta longa – com parágrafo e alinhamento próprios – independentemente do número de linhas que apresentavam. Todos os fragmentos apresentados são registros verídicos das entrevistas e foi suprimida a expressão *sic* mesmo na presença de incorreções.

(...) Até dezembro eu vou fazer um estágio de quinze dias com o pessoal da Perdigão, com um amigo do meu pai, que ele me convidou, para conhecer as diversas áreas e para mim ir me situando no que eu quero e conhecendo as áreas. Porque eu ainda não conheço muito bem, sabe? (...) Ele me contava do trabalho dele, como ele vende também. Ele pedia para mim ajudar. Às vezes trabalhava com ele, fazia alguma coisa no computador, esse tipo de coisa. Então fui me apegando bastante. Ele começou a me contar bastante destas coisas que ele trabalhava... aves... tudo como era... cama de aviário, essas coisas. Mas daí eu fui me identificando bastante. (...) (C04)

Por outro lado, a atividade das mães parece não exercer influência sobre a escolha profissional dos filhos. Sete mães eram donas de casa, sendo que uma delas era professora e a outra contadora, mas não exerciam a profissão. Duas mães eram aposentadas, uma delas professora das séries iniciais e a outra exercia funções em uma fundação ligada à aposentadoria na Celesc. Das mães que tinham uma atividade remunerada, quatro eram professoras. As outras funções exercidas eram: costureira, enfermeira, instrutora de dança, produtora rural, representante comercial, e técnica em inspeção. Tanto a mãe que trabalhava no setor agropecuário como aquela que atuava como representante comercial exerciam suas atividades ao lado de seus maridos.

7.1.2 Motivos da Escolha do Curso de Medicina Veterinária pelos Calouros e Expectativas

a) Cursos para os quais os calouros já prestaram vestibular, além da Medicina Veterinária

Dos entrevistados, sete prestaram vestibular apenas para Medicina Veterinária, sendo que cinco deles tiveram seu ingresso no segundo semestre de 2001. Dos outros treze entrevistados, oito optaram por cursos ligados à área da saúde (medicina, farmácia, odontologia), dois pelo curso de ciências biológicas e dois por agronomia. Os outros cursos citados estão enumerados na tabela 20⁴¹.

⁴¹ Todas as tabelas referentes às análises das entrevistas encontram-se no anexo 21.

b) Motivação que levou os calouros a optarem pela Medicina Veterinária

Os principais motivos que os alunos alegaram para a escolha da profissão foram a convivência ou o contato com o meio rural ou com atividades relacionadas à pecuária (dez indicações) e o gosto pelos animais (quatro entrevistados), como pode ser notado pelas afirmações abaixo (tabela 21):

Porque foi um sonho, eu sempre quis ser veterinário. Um sonho que eu sempre vim buscando, né? (...) É por causa que os meus pais são do interior, nasceram e cresceram (...), eu acho que a partir dali começou haver essa vontade. (C01)

Acho que é porque eu sempre convivi assim lá no interior. Então, sempre teve assim lá em casa... Sempre eu gostei de animais assim, então... Sei lá, é uma coisa que eu sempre gostei desde pequena e foi a única coisa que eu quis fazer, uma coisa que eu gosto mesmo assim, que me interessa. (C19)

Quando indagados que tipo de contato já haviam tido com a profissão metade dos calouros afirmou que nunca teve um contato mais estreito com a área. Dos alunos restantes, cinco fizeram estágio ou trabalharam em alguma atividade relacionada à medicina veterinária por terem freqüentado curso técnico em agropecuária, sendo que um deles estagiou na propriedade dos pais e outro não concluiu o curso:

É, eu já trabalhei em casa ajudando meus pais, e já tenho algum conhecimento... medicamento também. E daí eu tenho curso técnico na escola agrotécnica, daí já... animais... a parte de manejo eu já conheço alguma coisa. (...) Fiz estágio no final do ano, agora em janeiro e fevereiro eu estava fazendo estágio só que eu fico em casa, para poder encaixar os horários se não eu ia ter que perder o ensino técnico. (C15)

Já, porque eu trabalhei em colégio agrícola. (...) fiz por um ano. Eu trabalhei em gado leiteiro. (...) Eu fiz só o primeiro ano. (...) Porque o técnico ele visa mais para quando termina, sair e procurar um emprego e quando eu estava terminando o primeiro ano lá, eu queria fazer uma faculdade, só que não sabia para quê. E se eu ia escolher... Naquela época não tinha me decidido por fazer veterinária ainda, por fim todo aquele curso técnico que eu fiz para a agricultura talvez não ia me servir. E mesmo agora também acho que não é tanta vantagem ser técnico e depois fazer uma faculdade ligada a essa área porque o diploma de técnico não vai valer nada em comparação ao diploma universitário. (C16)

Um entrevistado acompanhou atividades realizadas em uma clínica veterinária e quatro alunos relataram experiências resultantes do convívio com o meio rural pelos pais possuírem propriedade:

Olha, o que eu fiz é no sítio. Alguma coisa da prática eu já tenho, porque até hoje... Tenho dezessete anos... todo esse tempo a gente tem lá... a gente cria búfalos, alguma coisa eu já conheço já do sítio. (C02)

Pelas respostas obtidas nas questões anteriores, podem ser identificadas basicamente três tendências entre os calouros entrevistados. No primeiro grupo, composto por nove alunos (C01; C02; C05; C06; C09; C14; C15; C16; C19), todos os entrevistados tiveram contato estreito com propriedade rural, sendo que cinco deles são provenientes de um curso profissionalizante na área agrária (curso técnico agrícola). Os alunos com estas características procuraram a medicina veterinária como a única ou principal opção de curso superior. Três desses entrevistados prestaram vestibular também para outro curso (agronomia – que é da área de ciências agrárias, farmácia – que é da área da saúde, e ciências biológicas). Estes estudantes demonstraram maior convicção em relação à carreira escolhida:

Porque eu desde pequeno sempre tive contato com animais. Até os seis anos de idade morei no sítio, depois eu vim para a cidade estudar. Sempre gostei e não podia ser outra coisa. Nunca tive outra idéia na cabeça. (C02)

O segundo grupo, composto por seis alunos (C04; C07; C10; C12; C13; C20), é formado por estudantes que também haviam optado por outros cursos além da Medicina Veterinária quando prestaram concurso vestibular, principalmente àqueles ligados à área de ciências biológicas e da saúde como medicina, odontologia, farmácia e ciências biológicas. Observa-se que alguns deles optaram pelo curso de Medicina Veterinária por não terem conseguido classificação no curso pretendido ou por acreditarem que existe uma aproximação destes cursos com a Medicina Veterinária:

Olha, na verdade eu não sei assim. Mas eu acho que já mais pela... porque eu já não estava mais a fim de fazer para medicina. Na verdade, no início do ano eu ainda estava a fim, até para me preparar este ano todo para fazer vestibular de Medicina no final. Mas, comecei a perder a vontade e já comecei a me interessar mais pela Veterinária, também está na mesma área da saúde e tal... E foi isso. (C10)

Outras vezes, o aluno se inscreve em ambos os cursos, Medicina e Medicina Veterinária, mas com preferência maior para a primeira. A escolha pelo segundo curso, ocorre sem um motivo convincente. Um entrevistado revelou que optou veterinária porque outras pessoas como amigos e familiares haviam comentado que ele teria inclinações para a profissão, mas afirmou que ainda pretende se candidatar a novo processo seletivo para o curso de Medicina.

(...) eu tenho bastante afinidade com os animais. Eu gosto muito, e eu acho que... todo mundo também fala que eu me daria bem nesta profissão e tudo. Então até foi um pouco de influência. E eu resolvi experimentar. (...) Eu me inscrevi para Medicina e tentei Veterinária junto. Eu sempre adorei animais. Eu tive um monte de bichinhos, mas eu sempre gostei. Então sempre tive interesse também. Mas em primeiro lugar estava sempre a Medicina. (...) Eu não sei, acho que talvez por causa de mexer com pessoas, uma coisa assim com... Sei lá, eu acho a área de saúde eu também sempre gostei. (...) Vou tentar esse ano aí depois eu desisto também. (C07)

Um dos estudantes foi persuadido pelos pais para fazer medicina pelo problema da restrição do mercado de trabalho. Este calouro vê muita semelhança entre as duas atividades, relacionada principalmente com a medicina curativa, que tem uma característica reducionista mais acentuada:

Na verdade desde pequena eu sempre disse que ia fazer veterinária. Mas meus pais começaram: "Por que veterinária? Não tem mais campo de trabalho, se você vai fazer veterinária, então faz medicina." E começaram a fazer a minha cabeça. "Então vamos tentar." Só que eu nunca estudei assim com gosto para passar no vestibular de medicina (...) e eu sempre ficava me perguntando: "Mas será que é isso mesmo?" E quando eu me imaginava médica, eu me imaginava pegando um livro de veterinária e estudando para mim mesma só para eu saber assim, para ficar bem comigo, que era o que eu queria fazer. (...) Eu vejo semelhança porque é medicina, os dois são medicina, só que um lida com gente e outro lida com bicho. Se eu fosse médica, médica médica, eu tinha optado já por fazer pediatria porque eu acho também que é um pouco parecido com veterinária, pela questão dos bichos não responderem ou não dizerem o que eles estão sentindo, onde estão sentindo. (...) Eu acho que a veterinária, eu acho mais interessante que a medicina porque é uma pessoa que cuida de tudo. Por exemplo, no meu caso que eu penso em animais de pequeno porte, cachorro, gato, essas coisas, a gente que é o oculista, a gente que é tudo, clínico geral e tudo, absolutamente tudo. (...) (C20)

Um outro entrevistado optou, além de veterinária, por medicina, direito e administração, mas não conseguiu vaga em nenhum dos outros cursos pretendidos:

(...) Medicina foi sempre o que eu quis. E a veterinária. Na verdade medicina eu gosto, mas eu queria trabalhar na área de pesquisa, em laboratório, não clínica, não acho assim tão legal. Só que eu comecei a ver assim que além de não passar, a veterinária me dá toda essa oportunidade, de dar aula, que é uma coisa que eu gosto, e laboratório, e é mais fácil chegar nisso. Porque o médico acaba entrando no hospital e nunca mais sai. E aí como eu não passava em nada, eu falei assim para o meu pai ou eu vou fazer um curso que eu goste, mesmo que não dê em nada ou vou fazer um curso que me dê dinheiro, mas algum prazer eu vou ter. Aí eu fui para a ESAG, porque todo mundo diz que é uma escola ótima, aí eu fui tentar lá. (...). Aí fui fazer Administração, tinha certeza que eu ia entrar. (...) Aí eu botei Direito, mas Direito é alto também. (...) (C13)

Um último grupo, com cinco alunos (C03; C08; C11; C17; C18), é constituído por universitários que prestaram vestibular apenas para Medicina Veterinária ou para outros cursos não relacionados nem com ciências agrárias, nem com ciências biológicas ou da saúde, e não sabem exatamente o que os levou a escolherem esta carreira. Um desses acadêmicos prestou vestibular para Arquitetura e Urbanismo,

Engenharia Mecânica e Engenharia Mecânica e Industrial e justificou sua escolha pela veterinária da seguinte maneira:

(...) Eu fazia fazer um curso em cada universidade que eu fiz cada vestibular. Na UDESC era o que eu mais gostava que era veterinária. (...) (C18)

Um dos entrevistados declarou que escolheu Medicina Veterinária por gostar da parte de biologia. Parece que a visão que este aluno tem da Medicina Veterinária não é apenas relacionada ao cuidado direto com os animais, mas há um interesse pela biologia e também um interesse relacionado ao ser humano. Porém, ele admite que não tinha muitas informações sobre a profissão:

É como eu disse, eu acho que eu nunca fui tão ligada a bicho assim... eu nunca tive um... Como diferente do pessoal que vem para Medicina Veterinária que é fazendeiro, filho de fazendeiro. Eu nunca... sempre morei em cidade, nunca tive nem um cachorrinho, nada disso. Mas eu sempre gostei assim da genética, de descobrir diferentes formas de... sei lá..., alimentação... nutrição animal, que ajuda para o ser humano. Eu gosto mais disso. (...) Eu sempre... é engraçado que a gente sempre vê em Medicina Veterinária... só acha os pequenos... só vê aquele... clínica e tudo e eu nunca nem pensei assim. Nem conhecia sobre a Medicina Veterinária, só que aí alguém uma vez me falou assim é legal, tem sobre isso... Aí eu me interessei, comecei a ler na *internet* sobre... Aí eu gostei, a biologia eu gosto bastante. (C08)

c) Disciplinas ou temas que mais chamam a atenção dos calouros

Quando estimulados a opinarem sobre as disciplinas ou tópicos que acreditam que terão maior preferência durante o curso, os entrevistados se reportaram mais às matérias básicas – que seriam aquelas que estariam relacionadas às disciplinas cursadas no segundo grau ou àquelas que eles estariam começando freqüentar (tabela 22). Isso demonstra que os calouros não têm uma noção muito grande do que seriam as disciplinas que vão cursar. A tabela 23 registra a disposição dessas disciplinas ou assuntos citados dentro dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária⁴².

Dentro dos estilos de pensamento na profissão, foram mais lembradas as disciplinas da área de Clínica Veterinária, enquanto que para área Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública não houve qualquer citação. Um aluno

⁴² Os principais campos de atuação profissional em Medicina Veterinária que estão associados à categoria epistemológica fleckiana de estilos de pensamento foram descritas no capítulo três e são: Clínica Veterinária (CV), Zootecnia e Produção Animal (ZPA) e Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (MVPSP).

afirmou que chegou a ver a listagem das disciplinas, mas que não se lembrava muito bem. Entretanto, a disciplina de Clínica Médica chamou mais sua atenção e ele a associou com o termo Medicina:

Acho que eu não me lembro direito no... por causa que eu vi as cadeiras, as matérias. Acho que aquela parte de medicina ali acho que tem que começa na quarta fase, de medicina 1, 2, 3, 4. Acho que é. (...) A parte de mexer com os animais mais diretamente, acho que vai ser legal. (C01)

Três alunos afirmaram que não tinham muita noção do currículo do curso apesar de terem feito algumas tentativas para citar algumas áreas básicas ou as disciplinas que eles já estavam começando a manter contato.

Agora ficou difícil porque eu nem tive... Nem olhei muito as matérias lá. Mas acho que todo conteúdo relacionado à biologia que é a maioria ali. Eu gosto muito de biologia e química. Então, eu acho que as matérias ali, eu vou gostar da maioria, pelo menos. (C07)

Eu não sei, porque eu não tenho assim a... Eu estou ainda na primeira semana, estou tendo a idéia ainda da minha... Mas eu acho que vou gostar bastante de anatomia, essa parte assim... E até a histologia, olhar no microscópio. (C08)

Um aluno comentou que quando examinou a grade curricular, algumas disciplinas chamaram sua atenção por serem bastante específicas. É surpreendente que apesar da área de Clínica Veterinária receber destaque entre os universitários, de maneira geral, as pessoas não têm noção dos avanços ocorridos nesse campo.

No currículo normal, na grade obrigatória não vi nada assim... o que mais me chamou a atenção foi a parte de eletiva, como neurofisiologia, oftalmologia, coisa assim que eu não estou acostumado a ver um profissional da área de veterinária trabalhar com isso. (...) É, me chamou a atenção porque eu nunca soube, nunca ouvi nada de tratar talvez de doença em nível de cérebro ou coisa assim ou de oftalmologia. Porque geralmente o pessoal quando é clínica assim animal de pequeno porte, o pessoal não se preocupa muito, só se é muito de estimação. Agora quando o animal tem alguma fonte... se tiver uma fonte de lucro, alguma coisa assim, que não pode se perder então daí já se faz necessário utilizar essa... (C16)

d) Expectativas em relação às disciplinas que mais chamam a atenção dos calouros

As expectativas mencionadas pelos alunos para justificar a escolha das disciplinas das quais afirmaram que mais iriam gostar durante o curso estão na tabela 24. A preocupação maior ficou centrada na aquisição de conhecimentos práticos para o exercício futuro da profissão, o que reforça a importância da prática nas atividades relacionadas às ciências aplicadas:

Sei lá, já que está, que está aí para ser estudado... Porque se a gente não puder praticar, a gente não vai poder saber nada também. Mas então vai ser importante para poder aprimorar alguma técnica ou alguma coisa em alguma especialização que possa vir a fazer. Talvez possa até não servir de nada, de repente para a coisa que vai se seguir, para algum trabalho que vai se seguir. (C16)

Alguns alunos focalizam suas expectativas para o estudo das doenças e dos mecanismos de funcionamento dos organismos, revelando um caráter acentuadamente reducionista. Isso pode indicar que esse tipo de concepção, predominante do estilo de pensamento de Clínica Veterinária, já se encontra permeando as noções dos alunos, que já apresentam um certo direcionamento para a área. As declarações colocadas a seguir chamam a atenção para isso:

(...) Mas uma vez eu pensava em fazer medicina relacionada justamente com imunologia, eu não me lembro direito o nome, só tinha faculdade em São Paulo e no Rio de Janeiro. Essa faculdade é justamente relacionada com a descoberta de doenças, trabalhando em laboratório, justamente por causa disso né... descoberta de doenças, alguma coisa nesse sentido assim. (C04)

Principalmente a parte interna dos animais, função, tudo. Entender o que acontece por dentro também. (C05)

Primeiro genética, não sei por que, eu acho fantástico. Imunologia eu acho interessante descobrir como o teu corpo tem uma defesa tão perfeita. Não perfeita porque a doença te ataca. E o meu pai tem um livro de imunologia desse tamanho, grandão assim que eu namoro há anos aquele livro. Acho que é por isso que eu gosto de imunologia, para entender o livro. (...) Se eu for para laboratório mesmo a parte de genética e viroses é a que mais me interessa. (...) (C13)

7.1.3 Percepções dos Calouros sobre a Profissão

a) Noção dos calouros sobre a profissão baseada nas notícias veiculadas pela mídia

Das notícias veiculadas pela imprensa sobre a Medicina Veterinária, vários assuntos chamaram a atenção dos alunos, conforme pode ser conferido na tabela 25. Os temas abordados foram muito variados, mas se concentraram mais sobre os avanços da genética:

As notícias que mais chamam a atenção são das áreas relacionadas com genética, clonagem, transgênicos, essas coisas, eu acho bem massa. Até se eu tivesse oportunidade de estudar, me especializar numa coisa mais nessa área, só que eu sei que é meio difícil, mesmo porque essas coisas são caras, difíceis de se conseguir. Tem todas aquelas coisas, mas assim que eu gosto bastante e acho superinteressante. (...) Porque, sei lá, é uma coisa que ninguém conhece, é uma coisa que a gente está... todo mundo está querendo descobrir. Sei lá, que é difícil... ninguém tem conhecimento sobre isso exatamente, é polêmica assim, e seria legal estudar uma coisa assim. Você sairia na frente. (C15)

A disposição das notícias que os alunos mais fixaram dentro dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária pode ser encontrada pelo exame da tabela 26. Houve uma concentração maior de citações para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Isso ocorreu porque quando os estudantes narravam as informações sobre enfermidades que eles julgavam interessantes, era sempre explorado o aspecto populacional ou dos rebanhos ou da saúde humana, como pode ser observado a seguir:

O que me chamou a atenção é a última notícia aquela da vaca louca, e esses tempos atrás que saiu do tétano que teve no Rio Grande do Sul. Então são doenças que exterminaram várias criações. (...) Pelo extermínio mesmo porque foram muitos animais abatidos, então foi uma coisa assim muito grande. (C06)

Pelos relatos dos calouros, observa-se que a interpretação que eles têm das notícias conjuga elementos de medicina populacional permeada por uma concepção de fundo reducionista, já que eles colocam como ponto central a preocupação com as doenças e não com a saúde das populações.

Dois entrevistados perceberam, nas informações transmitidas pelos meios de comunicação, a relação entre a Medicina Veterinária e a Saúde Pública. Um deles citou a importância do médico veterinário para a sociedade colocando o exemplo da inspeção sanitária dos produtos de origem animal e completou afirmando que antes de ter lido na *internet* sobre a importância deste profissional para a sociedade, ele não havia feito esta relação.

Que o veterinário tem uma grande importância na sociedade como... sanitarista. Você tem grande controle de abatedouros. Esse negócio que tem controle sobre a Saúde Pública, ajuda na Saúde Pública. (...) Eu li uma... Na *internet*, acho que tinha alguma coisa sobre isso, eu acho. Agora eu não me lembro que *site* era, tinha sobre... que falava alguma coisas sobre o humano. Eu estava estudando para fazer a redação do vestibular e aí eu estava dando uma olhada, consultando a importância do veterinário na sociedade. Então quer dizer que como... vai ter uma grande importância como na saúde, porque todos vão precisar de inspecionados, os produtos de origem animal. Aí o médico veterinário pode entrar e ajudar na sociedade. (C09)

A citação anterior demonstra que, apesar dos alunos em pergunta anterior terem revelado um interesse em aprender mais a respeito da estrutura e funcionamento dos organismos animais – denotando uma concepção mais reducionista, ligada ao campo da Clínica Veterinária – eles mantêm uma preocupação com o coletivo e uma consciência social. Ao que parece, a imprensa consegue fazer o papel de despertar essa faculdade por parte da população em

relação às moléstias que atingem os rebanhos, mas resta saber se a importância do médico veterinário para a sociedade é reforçada nesse contexto. Esse atributo relacionado à atenção com o aspecto social poderia ser mais bem explorado ao longo do curso, ampliando e fortalecendo mais o estilo de pensamento ligado à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

b) Compreensão dos calouros sobre a área na qual está inserida a Medicina Veterinária

Quando questionados sobre a área a que pertence o curso de Medicina Veterinária, nenhum aluno o incluiu exclusivamente na área das ciências agrárias. A metade dos entrevistados o classificaram nas ciências biológicas, médicas e da saúde. Neste último caso, dois acadêmicos relacionaram somente com saúde animal, enquanto o restante percebeu a ligação tanto com a saúde animal quanto com a humana:

É porque o homem está interligado com os animais e tudo. Tanto com a saúde animal quanto com a saúde do homem, a alimentação, as doenças que podem ser transmitidas de um para outro, dessas novas que estão aparecendo agora, a vaca louca, o controle da febre aftosa, que teve a crise este ano. Acho que está mais ligado a esta área de saúde. (C05)

Dos oito entrevistados que compreendem a Medicina Veterinária pertencendo a ambas as áreas, três identificaram uma tendência maior para as ciências biológicas, médicas e da saúde, como mostra a citação a seguir:

Acho que seria as duas coisas. Mas se for analisar acho que cai mais para as ciências médicas relacionadas a isso. (...) Porque vai estar trabalhando direta... com cura de animais, com... está tudo relacionado, na verdade. Esse negócio de sanidade de problemas com doenças nos abatedouros que a gente precisa de inspeção veterinária que ela está relacionada com a saúde da população, todas essas coisas. (C15)

Quatro calouros que enquadraram em ambas as áreas não demonstraram tendência maior para qualquer uma delas:

Porque médico é porque cuida da saúde e coisa assim. Sei lá, e agrárias... que relaciona e vai para ter uma criação, um negócio assim você tem que ter. (...) Eu acho que é um conjunto, tudo é interligado. (C19)

A idéia que os estudantes têm, é de que o enquadramento da Medicina Veterinária na área de ciências biológicas, médicas e da saúde proporcionaria um enfoque para o cuidado da saúde tanto humana quanto animal. A contradição está

em que os estudantes falam de saúde, mas pensam na doença, ou seja, com uma concepção mais reducionista; não havendo uma atenção maior com a promoção da saúde. Nesse caso, há implicitamente uma mescla de concepção higienista-preventivista e reducionista, ou seja, há um marcado enfoque individualista ao mesmo tempo em que há a preocupação com a prevenção e higiene. Para os alunos, Percebe-se uma certa rejeição em relação à aceitação da Medicina Veterinária como ciências agrárias pela visão de que o direcionamento seria dado apenas para a produção animal, sem levar em conta o aspecto de saúde (ou doença) animal e humana.

c) Atividades consideradas mais interessantes pelos calouros dentro da Medicina Veterinária

Os calouros se interessam pelos mais diversos tipos de atividade dentro da Medicina Veterinária (tabela 27), como pode ser observado pelas citações a seguir:

Parte de clínica assim, animais pequenos, não sei ainda não tenho uma idéia a respeito disto, mas eu acho que a parte de clínica eu acho legal. Por causa que eu já passei uma semana com o pessoal lá em Joinville na clínica veterinária para ver como é que era. Achei legal, interessante e... Mas o que eu achei... por enquanto, o que eu acho mais legal assim, é a parte de animais grandes. (C01)

Acho que essa de melhoramento animal, alimentação, reprodução. (C10)

O laboratório e dar aula é o que mais me chama a atenção. (C14)

As atividades consideradas mais interessantes estão ligadas ao estilos de pensamento da Zootecnia e Produção Animal e também à Clínica Veterinária, havendo apenas uma referência à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (tabela 28). Esse último setor não chama muito a atenção dos alunos desde quando entram no curso. Pelo relato de um entrevistado, ele teve conhecimento desse tipo de atividade quando estudava para o vestibular:

Têm muitas interessantes. Até deixa eu colocar do médico veterinário estar envolvido com a parte de saúde pública. Eu acho que ele deve trabalhar muito em cima disso porque hoje ele... o que está mais envolvendo é a saúde. Eu estava até lendo estes dias sobre a saúde animal e a saúde humana, o relacionamento, animais domésticos, o convívio com as pessoas que traz senso de responsabilidade. Então acho que isso é muito interessante. É lógico que tem muitas outras coisas que eu não consigo me lembrar agora, mas uma coisa que eu achei interessante foi essa participação do médico veterinário na saúde pública. (...) Eu li muito nas revistas de... até da CIDASC, do CAV não li. Mas li muito daqueles livrinhos até por causa da minha redação, da minha dissertação no vestibular. A gente teve que se aproximar muito deste tipo de coisa, a gente teve que englobar este tipo de coisa. Quase todas as que eu lia.... participação do médico na saúde pública, então comentavam muito sobre isso.(...) Chamou porque, podia eu não ter me tocado, assim que ele podia se relacionar com esta parte, mas quando eu li assim sabe. Falei bah!... é uma coisa diferente que pode cair na minha redação e fiz várias assim.(...) Não que não me interessei em ler antes, mas tive procurar porque eu sabia que tinha possibilidade de cair na minha redação e achei interessante, porque em tudo o que eu lia aparecia isto, quase que todos. (C04)

Chama a atenção a compreensão de natureza reducionista que permeia o pensamento dos estudantes, observado por eles se referirem basicamente ao aspecto curativo. Os estudantes já ingressam no curso com a concepção reducionista muito mais forte do que a preventivista:

Que eu acho mais legal... Eu acho tudo no geral, acho tudo mais ou menos legal, a parte cirúrgica, essa parte de anatomia que a gente está tendo essas matérias. Eu gosto bastante de conhecer o organismo, conhecer como é que funciona as coisas. (C15)

Tratamento de animais doentes, mais para esse lado. (C18)

d) Áreas que os calouros pretendem acompanhar durante o curso

Quando perguntados sobre que áreas pretendem acompanhar ou fazer estágio durante o curso os alunos citaram mais as atividades econômicas ligadas à criação animal (tabela 29). Observou-se que um número significativo de alunos (cinco) não responderam a questão, um deles afirmou que gostaria de aproveitar as oportunidades para ter contato com todas as áreas por não conhecê-las bem:

Tudo o que tiver por aí, que eu tenha acesso eu quero sempre fazer. (...) Eu acho o que eu tiver uma oportunidade eu quero fazer, para conhecer, justamente para conhecer bem as áreas para mais tarde poder decidir bem o que eu quero. (C07)

Pelo elevado número de citações relacionadas com a bovinocultura, as escolhas dos alunos estão mais concentradas no estilo da Zootecnia e Produção Animal (tabela 30). Isso pode estar relacionado com a tendência do estado de Santa Catarina para a produção animal e mais especificamente a inclinação da região em que o curso está localizado – haja vista que houve dez citações para essa atividade.

Olha, eu tenho umas quantas idéias, eu vou ver até o final, mas eu penso bovino de corte, bovino de leite, eqüinos, por aí. (C02)

Apenas uma referência foi feita para o estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, relatando o trabalho realizado pela CIDASC, mas observa-se que há uma certa confusão sobre a importância do trabalho realizado pelo médico veterinário, confundindo com atividades que poderiam ser realizadas por outras pessoas:

(...) Eu já falei para o meu pai ir arrumando meu estágio na lá CIDASC, que nas férias eu quero estágio. É porque todo mundo diz que é serviço de peão, lidar com bovino e coisa assim, mas se não eu vou me formar em veterinária que tem medo de chegar perto de uma vaca porque ela pode morder, ou vai levar uma patada. Eu acho que no mínimo tem que saber chegar no bicho. Então essas coisas de peão vale a pena.(...) O que vier. De inspeção, captura, eles fazem captura de morcego para o controle de raiva, de tudo. O que aparecer é meu. (C13)

e) Área na qual os calouros pretendem se especializar no futuro

Um quarto dos entrevistados não tem muita noção da área na qual poderiam se especializar depois de formados (tabela 31). Alguns alunos acreditam que ao longo do curso poderão ter maiores esclarecimentos para poderem efetuar sua escolha.

É justamente isso que eu tenho dúvida, acho que por isso eu quero conhecer bem, para mais tarde decidir certo. (...) Por enquanto assim eu não tinha pensado nada. A gente sempre pensa em veterinária num sentido amplo assim. (...) (C07)

Ah, isso eu acho que é uma pergunta que até quem está na oitava, nona fase está se fazendo ainda hoje. Eu não faço idéia, eu estou aberta a descobrir novas coisas, e eu acho que no caminho do curso eu vou vendo assim o que eu vou me identificar melhor. (C08)

Alguns entrevistados relacionaram diversas atividades pertencentes ao mesmo tempo a áreas distintas, ficando divididos entre os estilos de pensamento na profissão, reforçando o clima de incertezas quanto aos caminhos a serem seguidos por eles no futuro.

Também não tenho uma área definida, mas talvez seja mais pela área de alimentos ou na área de genética, melhoramento animal, coisa assim. Sei lá. Não tenho nada definido ainda. (C10)

As áreas de genética e de melhoramento genético foram lembradas cinco vezes. Talvez isso se deva ao impacto produzido pelo amplo trabalho de divulgação

científica que vem sendo efetuado nesse âmbito ultimamente, como já foi visto anteriormente.

No momento eu ainda não sei, mas eu já estou começando a pensar porque daqui a quatro anos a gente já está procurando um emprego, vendo, tendo que ralar mais ainda. Então eu estou pensando mas genética, melhoramento genético seria uma área de preferência. Mas depende porque eu vou ver bastante coisa no curso, eu acho que ainda é cedo para decidir alguma coisa, porque também eu não tenho todo o conhecimento, toda a bagagem necessária. Mas acho que provavelmente vai ser por aí. (C15)

Quando as atividades foram ordenadas dentro dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária (tabela 32), todos os domínios foram igualmente lembrados, porém a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública somente foi mencionada por meio do trabalho com inspeção ou com a área de alimentos. Isso demonstra que o estilo de pensamento ligado a esse campo de atividade ainda se encontra de forma muito incipiente nos estudantes quando de seu ingresso no curso.

Pelo que eu vi de disciplina eletiva que tem, talvez para técnico de alimentos, alguma coisa assim que não tem muito, que se procura bastante. Alguma coisa ligada... alguma coisa que falte, que não tem em excesso, uma área que não esteja muito saturada de profissional. (C16)

f) Conhecimentos dos calouros sobre outras atividades da profissão

Os entrevistados foram estimulados a enumerarem outras atividades na Medicina Veterinária para que se pudesse ter uma idéia sobre a percepção completa que eles têm da profissão. As indicações dos alunos estão anunciadas na tabela 33. Ainda que tenham sido lembradas diversas atividades com destaque para algumas citações relativas ao ensino e à pesquisa, alguns alunos entram no curso com uma visão ainda um pouco estreita da profissão e não têm muito clara a multiplicidade do trabalho que pode ser desempenhado pelo médico veterinário. Isto pode ser visto pelo grau de hesitação nas respostas:

Além de sanidade, é... Cura e diagnóstico de doenças. Não sei. Eu acredito que seja isso. (C06)

Olha, além dessas eu não sei. Pode clinicar, fazer cirurgia tudo, mas o resto não tenho idéia. (C10)

Além do interesse de cuidar do bichinho, sei lá, acho que tem tantos veterinários que fazem tanta coisa. Não sei, além de... eu acho... eu posso fazer qualquer coisa daqui a pouco, quando eu sair daqui. Mas eu gosto de cuidar disso, de cuidar de bichos, de estar no meio disso. (C12)

Os estilos de pensamento dos quais as atividades mencionadas fazem parte estão listadas na tabela 34. Todos os estilos receberam atenção, com maior número de indicações para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Entretanto, alguns entrevistados já adiantaram que não gostariam de atuar nessa área, repelindo tais atividades antes mesmo de conhecê-las mais apropriadamente, o que poderia ser tornar em um obstáculo para a aprendizagem dos conteúdos relativos a esse âmbito, por dificultar a compreensão e a formação de um pensamento com características preventivas e coletivas.

Saúde pública... eu, sinceramente não é isso que eu quero. Mas eu creio que seja o papel mais gratificante para o médico veterinário, entendeu? Seria mais essa área, desenvolver um trabalho, alguma coisa sabe. (...) (C11)

Sem ser a clínica? (...) Tem várias coisas... alimentos, mas eu não gostaria muito não. (...) Depende do que vai trabalhar, não sei. (C14)

g) Opinião dos calouros sobre o mercado de trabalho

Quando perguntado aos calouros se eles conheciam as oportunidades de trabalho na profissão, a maior parte respondeu que conhece de maneira regular. As atividades citadas podem ser conferidas na tabela 35. Apesar dos estudantes terem mencionado várias atividades, quatro deles responderam de forma bastante superficial, o que indica que eles não têm muito conhecimento sobre a atuação profissional do médico veterinário.

Eu acho que não conheço tudo aquilo que existe de possibilidades, até seria uma coisa interessante de se saber, porque às vezes a gente entra também no curso, uma coisa assim, e não tem o conhecimento suficiente. Às vezes até tem uma área mais legal que a gente pode se colocar mais tarde. (...) (C15)

No entanto, alguns calouros demonstraram ter boa noção do número de possibilidades de atuação profissional:

Algumas. (...) Deixa eu ver... meio rural, assistência, toda a assistência técnica, a inspeção federal dentro de indústrias, toda o processo de produção sempre tem que ter vistoria, inspeção né. Aquele trabalho que eu já te falei antes de saúde pública, fiscalização em si. Deixa eu ver o que mais... Na própria área de produção mesmo, pesquisas desenvolvidas com genética, esse tipo de coisa, desenvolvimento e área de saúde. (C11)

Sim, sim tem bastante. Tanto ele pode trabalhar como autônomo montando uma clínica como eu falei também a parte de área pública ou área militar, como é que eu posso dizer... a nível de agroindústria e trabalho de extensão de campo mesmo montando uma agropecuária ou coisa desse tipo, autônomo. (C16)

Outros acadêmicos citam o trabalho em empresas públicas, mas um deles reconhece que o mercado de trabalho está bastante restrito, pelo pequeno número de vagas oferecidas nos concursos:

Acho que sim. (...) O que eu sei é que o campo é bem restrito. Meu pai mesmo que fala vai fazer outra coisa, não veterinária. Já está cheio. Que nem a CIDASC que tinha até agora um virologista, aí ele está lá desde 74. Agora, se Deus quiser, ele se aposenta em cinco anos, aí abre concurso. A Epagri está fazendo concurso agora, a EMATER⁴³ do Rio Grande do Sul também fez um ótimo concurso, sete mil de salário. (C13)

Algumas. (...) Clínicas. No governo, CIDASC ou trabalhar atendendo né. (...) Pode fiscalizar o transporte de animais, como acontece na fronteira, além disso fiscalizar exames e para transporte, ter guia de transporte. O que eu conheço é isso. (C18)

As áreas mencionadas foram compostas dentro dos estilos de pensamento na Medicina Veterinária como é mostrado na tabela 36. A Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública foi lembrada principalmente por meio da inspeção de produtos, ocasião em que os entrevistados mencionaram o trabalho em abatedouros. Um acadêmico manifestou espontaneamente desinteresse em se dedicar a este campo, o que indica mais uma vez que determinados estudantes já entram com uma certa predisposição contrária a esse setor:

Eu conheço poucas, eu conheço as que todo mundo conhece praticamente. A parte de verificação de carnes, essa parte se está tudo... Na saúde, esta parte eu também não me interessei muito por isso, mas acho que é uma parte interessante. (C03)

h) Áreas consideradas pelos calouros como promissoras dentro do mercado de trabalho

As áreas consideradas pelos calouros como mais promissoras em termos de oportunidade de trabalho estão descritas na tabela 37. O estilo de pensamento da Zootecnia e Produção Animal (tabela 38) foi alavancado pelas citações em torno das atividades ligadas à genética possivelmente pela influência exercida pela divulgação científica que vem sendo feita para esse tema pelos meios de comunicação em geral

⁴³ EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

e também pelas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas por professores do curso na área.

(...) E agora a questão genética eu acho que deve estar desenvolvendo mais porque inclusive tem projetos aqui fazendo clone, eu acho que indo por esse lado agora. (C20)

O trabalho dedicado à Clínica Veterinária foi citado em igual número que a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (cinco vezes). Um dos calouros que fez referência à clínica julga que seja uma atividade que ofereça, além boas oportunidades de trabalho, uma boa remuneração. Nas entrevistas com os professores será apresentada uma contraposição a esse argumento.

(...) O que eu ouço falar, na região norte do país, lá é bem remunerado o pessoal comenta. Mas aqui na região sul o que a gente vê e ouve falar é que a parte de clínica o pessoal está se dando bem, a gente não sabe se o pessoal gosta realmente disto ou só vai porque ganha dinheiro. (C01)

Dois entrevistados teceram críticas ao trabalho desenvolvido em clínicas e em loja de animais de estimação, assunto que será mais bem discutido nas análises das entrevistas com os formandos e professores.

(...) *Pet shop* assim... eu acho que é uma área que está crescendo muito. Mas eu não tenho vontade de fazer porque eu brinco com a minha colega que eu não estou estudando cinco anos para tosar *poodle*. Mas eu acho interessante no *pet shop* a parte de clínica mesmo, porque tem que ter... e cirurgia, se bem que eu não sou muito, muito da cirurgia. Mas é... (...) Você vai lá em São José, do lado de Florianópolis ali tem umas quantas *pet shop*, tem um monte de mãe de amiga minha procurando *pet shop*. Hoje se faz plano de saúde para cachorro, uma coisa que antes não tinha, então eu acho que está crescendo bastante. Uma clínica realmente boa com estrutura, com bom profissional e consegue alguns clientes fixos, mesmo tendo um plano de saúde ou coisa assim, eu acho que vai para frente. Eu não tenho muita vontade, mas acho que é um caminho bom. (C13)

O estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública foi lembrado principalmente por meio da inspeção de produtos de origem animal, pelo trabalho em empresas que atuam na parte de defesa sanitária animal (CIDASC) e também com relação às zoonoses. Possivelmente esta lembrança pode ter sido motivada pelas notícias que vêm sendo veiculadas ultimamente pela imprensa com relação à febre aftosa:

(...) Eu acho que a questão das zoonoses que são doenças transmissíveis ao homem. Acho que esta parte é o que mais... Porque agora com a febre aftosa são todas as que podem transmitir ao homem, acho que essa parte é mais.... Porque vão, vão... O homem investe no que tem ou economicamente favorece ele, ou que vai prejudicar ele que é a parte da saúde. Acho que vai abrir agora cada vez mais para parte das doenças transmitidas aos homens. (C03)

(...) Inspeção, agora tem aquele negócio da aftosa ali, trabalhar em empresas estaduais, CIDASC. Isto está aumentando bastante devido a... manter longe de doenças, os rebanhos. (C09)

7.1.4 Percepções dos Calouros sobre o Trabalho do Médico Veterinário no Campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública⁴⁴

a) Opinião dos calouros sobre o trabalho do médico veterinário na Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Quando perguntados se cogitavam que o médico veterinário pudesse trabalhar em saúde pública, apenas um dos acadêmicos não sabia que o veterinário pode desempenhar funções relacionadas a essa área, enquanto todos os outros responderam afirmativamente. Diversas justificativas foram apresentadas, desde a preocupação com a qualidade de vida, passando pela prevenção de doenças, a qualidade dos alimentos, até a importância do controle de zoonoses:

Com saúde pública? Eu acho que sim, eu acho que sim. Porque como eu já falei, quando você melhora o desenvolvimento animal, quando você cuida dos remédios que você faz, porque tem certos remédios aí que vão para o leite, vão para a carne. Quando a gente conseguir melhorar isto, vai melhorar a saúde pública com certeza. (C02)

Primeiramente você vê que há uma grande necessidade. Não só pelo reconhecimento como a precisão em todo o processo, sabe... você precisa, você precisa dessas condições para ter uma qualidade de vida melhor. Em alguns países o nível de consumo de carne é tido como um indicador sócio econômico. Então é a qualidade de vida, um monte de coisa... (C11)

Acho que pode trabalhar em saúde e até mesmo se for considerar, esse negócio de inspeção, essas coisas eu creio que já também seja uma parte que o veterinário está trabalhando com saúde pública, que está prevenindo doenças que poderão surgir para a população. (C20)

b) Conhecimentos dos calouros sobre as atividades desempenhadas pelo médico veterinário dentro da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Os entrevistados demonstraram conhecimentos variados sobre as atividades desempenhadas pelo médico veterinário dentro da saúde pública (tabela 39). Foram

⁴⁴ Em todos os grupos entrevistados, não foi mencionado o termo que designa o estilo de pensamento da “Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública” por haver uma disciplina com a mesma denominação no curso. Por este motivo, apenas foi feita referência durante as entrevistas ao estilo de pensamento como “saúde pública”, em alusão à “saúde pública veterinária”.

mencionadas as atividades mais conhecidas como: medicina veterinária preventiva, zoonoses, inspeção de produtos de origem animal, trabalhos em vigilância sanitária e educação em saúde. Dois acadêmicos não responderam à questão. Ações relacionadas à epidemiologia, saneamento do meio, planejamento, administração em saúde não foram mencionadas.

As atividades mais lembradas foram educação em saúde, zoonoses, prevenção de doenças e inspeção. O trabalho em inspeção em produtos de origem animal pode ter sido lembrado por ser, atualmente, um espaço de atuação em franca ascensão dentro da profissão pela concessão da realização desta atividade também pelos os órgãos estaduais e municipais além do Serviço de Inspeção Federal (Brasil, 1989).

Quando os entrevistados se reportavam à educação em saúde, eles se referiam aos trabalhos de orientação e conscientização da população:

(...) a conscientização. Digamos assim, todo mundo tem informação só que não sabe na realidade a importância dela, porque se soubesse iria praticar entendeu? Todo o processo de desenvolvimento no que diz respeito à fiscalização. Todo esse trabalho. Seria mais isso. (C11)

Eu acho que pode desempenhar a prevenção nos animais. Quer dizer nos animais não seria mais a prevenção, seria cuidado e a prevenção com as pessoas, conversar, explicar, deixar ciente das doenças. (C20)

Apesar de haver muitas citações relacionadas à saúde, algumas respostas enfatizavam o aspecto relativo à doença, reforçando a observação anterior de que os estudantes, ao iniciarem o curso, apresentam marcada concepção reducionista e de medicina curativa.

Na área sanitária, o controle de doença, a prevenção, toda essa área. O próprio controle de doenças numa região, a busca da cura para alguma doença, coisas desse tipo. (C16)

Está relacionado com doenças. Ele... são doenças que estão relacionadas com o animais juntamente com o homem ele poderia ajudar nessa relação. (C18)

c) Interesse dos calouros pela Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Apenas o acadêmico que não tinha conhecimento de que o médico veterinário poderia atuar em saúde pública não respondeu sobre a importância desse trabalho. A grande maioria dos acadêmicos entrevistados relataram os

benefícios desse tipo de atividade desenvolvida, salientando as funções desse profissional e seu papel para a sociedade:

Com certeza. (...) Eu acho que é importante porque ele estuda, ele está preparado para... distinguir as doenças. Para... também para prevenir as doenças e tudo. Então eu acho que ele é o profissional que está especializado nesta área então. (C07)

Sim porque se não tiver um médico veterinário para trabalhar nessa área já no começo, no animal, de repente uma doença que pode vir a dar no ser humano já podia ter sido eliminada antes, não precisava fazer todo um outro tratamento. Não há uma prevenção, vamos assim dizer. (C16)

Chama a atenção a resposta de três alunos, que relacionaram a saúde pública veterinária como um elo de ligação entre a medicina veterinária e a medicina humana. Eles ressaltaram que o médico veterinário possui conhecimentos que permitem o desempenho de determinadas tarefas que não podem ser realizadas por outro profissional.

Com certeza, eu não atuaria, mas eu acho importante.(...) Porque quando se fala em saúde tem que ter alguém que trabalhe por isso. Um médico humano não vai poder. Ele não vai poder trabalhar com isso se não tem conhecimento. Mas é muito importante alguém trabalhar pela saúde. (C02)

Acho. Se ele não fizer, não tem quem faça. Que eu acho que é o profissional que está mais ligado entre o animal e o homem. Porque a medicina veterinária... Embora muita gente também que queria fazer medicina humana e acaba fazendo veterinária, como tem gente que faz veterinária que queria fazer medicina humana. Acho que é o profissional mais próximo das duas. (...) Acho que é a ponte entre o animal e o homem. (C05)

Quando indagados se trabalhariam nesse campo de atividade, a metade dos calouros respondeu positivamente, seis manifestaram recusa, três exprimiram dúvida e um não soube responder. Entretanto, um aluno que respondeu afirmativamente, havia expressado espontaneamente em um momento anterior da entrevista seu desejo de não se dedicar a essa área profissionalmente:

Saúde pública... eu, sinceramente não é isso que eu quero. Mas eu creio que seja o papel mais gratificante para o médico veterinário, entendeu? Seria mais essa área, desenvolver um trabalho, alguma coisa sabe. (...)

(...) o meu objetivo não é essa área entendeu, é outro. Mas dependendo da opção não fica fora da expectativa, entendeu? (...) O objetivo é outro. (...) É como eu te falei, é gratificante, por você vai ver o teu trabalho ali. Não desmerecendo os outros, não falando que os outros não são gratificantes, entendeu? Mas seria mais por isso e outra você estaria mexendo com o povo, estaria mexendo com tudo, sabe; mais saúde humana em si. Mais ou menos isso. Qualidade de vida. (C11)

Com base nesse episódio, fica difícil avaliar se realmente os entrevistados poderiam se dedicar à saúde pública, ou se estariam se sentindo constrangidos em

admitir sua relutância em relação à área. Um outro calouro entrevistado, apesar de ter respondido de modo afirmativo, explicou que faria apenas em condições especiais e que esse não é seu centro maior de atenção:

Trabalharia. Trabalharia se fosse em inspeção, acho que eu faria. Até orientação no campo uma coisa assim eu acho que eu iria gostar de fazer. Não seria o foco principal. (...) (C13)

Os que afirmaram que poderiam se dispor a aplicar os conhecimentos aprendidos na área justificaram pela a importância da mesma na prevenção das doenças e também como uma forma de contribuir para a sociedade:

Sim. (...) Acho que eu gostaria bastante também dessa área porque prevenir doenças é sempre importante. É sempre... É o que a gente sempre quer. (C07)

Eu acho que trabalharia. (...) Eu estaria ajudando as pessoas. Eu acho isso aí... eu acho que cada um tem que... tem uma certa dívida com a sociedade. Isso porque a gente está estudando em uma universidade pública que isso hoje é muito difícil. (...) [Seria] uma forma de estar retribuindo. (C09)

Possivelmente um dos motivos de alguns entrevistados terem se mostrado contrários a trabalharem na área seja a falta de maiores informações sobre a forma como o profissional desempenha as atividades inerentes a este campo de abrangência. Uma causa de rejeição detectada foi a perspectiva da perda da oportunidade de trabalhar diretamente com os animais na prática, o distanciamento da própria Medicina Veterinária, ou o fato da área aparentar ser um tanto teórica:

Com certeza, eu não atuaria, mas eu acho importante. (...) É que eu já liguei saúde pública com gente. Eu prefiro trabalhar com animal e não com gente. Por isso. (C02)

Não, porque eu perco o contato com o animal, que é o que eu mais gosto, por isso eu entrei no curso de veterinária. Daí eu ficaria mais na parte... de parte teórica, eu perco um pouco de contato. (...) É, não sei se é muito teórico, porque eu também não vou querer ser que nem um computador que só executa. É interessante você pensar também. Que nem, um cirurgião ele só executa, ele não precisa falar nada ele lê uma ficha e executa. Essa parte eu perco contato direto como animal e essa parte que eu não gosto, mas a parte legal é de pesquisa, você vai ter que pesquisar, vai ter que ler bastante, tentar descobrir coisas novas. (C03)

Eu acho que não. (...) Porque não... meu negócio mais assim é mais a... esse... cuidar de animal que viva solto assim mais na propriedade, mais livre. Não trabalhar na... escritório, essas coisas assim. (...) (C18)

Um dos alunos que ficou em dúvida e outro que recusou a idéia de trabalhar na área apresentaram uma percepção muito curiosa para esse tipo de atividade, ligando-a a uma função meramente burocrática e rotineira, pouco estimulante:

(...) Não sei, é que eu não sei exatamente o que teria que fazer, como é que funcionaria, se é mais ficar trancado dentro de uma sala, aí eu acho que não me interessaria muito. Porque eu gosto mais é de estar no meio, de estar com a mão na massa, fazendo coisas. (...) Eu acho que eu preferiria estar mais mexendo com alguma coisa do que estar parada olhando, escondida. (...) (C12)

(...) É uma pessoa que tem um horário lá para trabalhar, tem que pegar de manhã e largar a tarde, tem que concluir algumas determinações lá. Tem que ser meio mandado, daí já eu não gostaria muito disso. (...) (C18)

A visão de que a veterinária seria como a medicina humana, porém voltada para a cura dos animais está bastante presente em algumas falas, quando os estudantes comparam as duas profissões:

Trabalharia. Acho que sim, porque é um negócio legal e está relacionando como o curso, está relacionado com as doenças. Pega a medicina um pouco de medicina, que todo mundo acho que tem uma queda quando vê um pouquinho, eu pelo menos tenho e seria legal associar as duas coisas. (...) É... é justamente essa digamos assim, a minha dúvida entre medicina veterinária e a medicina, apesar de ter as duas coisas a ver. Mas tem e não tem. Mas é que é difícil assim, envolve muita coisa, envolve estudar mais, envolve ter oportunidade, envolve ter condições sociais, nível social para tu poder continuar estudando e por isso assim. (...) Porque eu acho que está relacionado. Medicina todas as coisas são. Só que você lidando com animal e com ser humano tem a diferença, mas a parte de anatomia, essas coisas... bom, a parte de anatomia... mas a parte de medicamentos, os princípios ativos vai ser a mesma coisa até onde eu tenho conhecimento. (C15)

A rejeição dos acadêmicos para trabalharem na área parece significativa. Este grupo mostrou maior rejeição em relação a este questionamento do que o grupo de formandos, como será visto mais adiante no texto. Talvez, se houvesse maiores esclarecimentos da população sobre as atividades do médico veterinário na saúde pública e em consequência do papel desempenhado por este profissional para a sociedade, possivelmente pudesse haver maior aceitação. O fato de um médico veterinário desempenhar atividades relacionadas à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública não quer dizer que ele tenha que, necessariamente, deixar de executar tarefas que exijam o contato direto com os animais, ou mesmo que a atividade seja entediante e pouco atrativa.

7.1.5 Comentários Gerais dos Calouros

Ao final da entrevista, foi deixado um espaço livre para os calouros discorrerem livremente sobre os assuntos que considerassem relevantes e que não haviam sido comentados durante o questionamento. Apenas três formandos

manifestaram este desejo e discorreram sobre suas expectativas em relação ao curso:

A profissão assim eu não posso dizer nada porque o curso é uma coisa nova é muito recente. Eu entrei aqui, começou na quarta. Assim eu não tenho uma idéia bem formada sobre o curso, a profissão, mas pelo que andei vendo na parte de... das matérias aqui na faculdade tá bem assim, o curso é bom né? Perto das outras que a gente pode ver, e acho que vai ser legal. (C01)

Eu acho que... não sei talvez até seja comigo, eu é que estou meio perdida. É que eu acho difícil falar assim sobre uma coisa que eu não sei direito. Eu tenho uma idéia assim mas... que não estou tão... é meio complicado. (C17)

Como pôde ser observado pelas respostas nas entrevistas e pelos comentários acima transcritos, há necessidade de uma noção mais completa pelos calouros do que seja a profissão médico veterinária, bem como informações mais detalhadas sobre o curso que irão freqüentar – o que foi evidenciado quando a grande maioria dos respondentes não soube discriminar quais as disciplinas que iria cursar. Alguns deles chegaram a admitir que não se detiveram num exame mais minucioso da grade curricular do curso. Ou, pode até ser que tenham procurado verificar, mas não conseguiram compreender o sentido daquele emaranhado de disciplinas para sua formação. Na fala de um dos calouros há uma sugestão, que por sinal também foi apresentada por um formando e que pode contribuir para solucionar do problema, e que será discutida mais adiante.

A falta de maiores subsídios pelos estudantes sobre a profissão se evidencia quando o comentário se volta para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Apesar das atividades desempenhadas neste setor serem constantemente alvo de noticiários nos meios de comunicação e chamarem a atenção, inclusive pelas chances no mercado de trabalho, parece que os alunos não têm muito fascínio pela área. O que transparece é que, para eles, esse tipo de atividade está desarticulada do restante da profissão, haja vista o alto grau de rejeição pelo trabalho na área, com a justificativa de que haveria perda do contato com o animal. A Medicina Veterinária é vista estando estrita e exclusivamente ligada aos animais.

Essa constatação demonstra a falta de conhecimento da população sobre a atividade do médico veterinário. Isto pode levar a um direcionamento do aluno, logo que ingressa no curso, para outras áreas (ou estilos de pensamento) em detrimento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Tal situação, impede que ele tenha oportunidade de se interessar pela área a ponto de se dedicar a ela

profissionalmente quando do término do curso. Por outro lado, também é importante a análise do funcionamento do curso para observar outros fatores que poderiam contribuir para que esta visão fique sedimentada – o que será discutido na análise das entrevistas com os professores.

Quatro alunos que falaram espontaneamente durante a entrevista sobre as atividades dentro da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde pública tiveram este conhecimento enquanto pesquisavam sobre a profissão para se preparem para a redação do vestibular⁴⁵ (C04; C09; C11; C20). Um breve levantamento dos temas para a redação dos últimos vestibulares da UDESC (anexo 22) mostra que a Medicina Veterinária é enfocada essencialmente pela sua vocação para o combate às doenças dos animais. A questão do meio ambiente é freqüentemente abordada, sem, no entanto, evidenciar nitidamente a preocupação da proteção da saúde humana por meio da manutenção e do cuidado com a saúde animal. Apenas no concurso seletivo do primeiro semestre de 2000 houve referência à responsabilidade da profissão na oferta de alimentos saudáveis. Isto pode ser um indicativo do tipo de compreensão que o próprio curso tem do profissional que irá formar.

Um outro ponto interessante foi o fato de que nenhum acadêmico entrevistado cogitou a possibilidade da Medicina Veterinária pertencer basicamente às ciências agrárias, o que poderia induzir a um certo direcionamento do aluno quando ingressa no curso para o âmbito da clínica, muito relacionada ao campo médico. Entretanto, quando o entrevistado era estimulado a citar as oportunidades de trabalho para a profissão, a inspeção foi até mais lembrada que a própria clínica, talvez pelo aumento de oportunidade de trabalho para esta última, como já indicado anteriormente.

Um comentário feito por um dos acadêmicos após a entrevista diz respeito à baixa remuneração e valorização do médico veterinário em comparação ao profissional que se dedica à medicina humana. Ele salientou que as pessoas, de uma maneira geral, não têm noção de que o médico veterinário estuda tanto quanto um médico humano. Ambos cursam as mesmas disciplinas básicas e o estudante de veterinária ainda se defronta com o conhecimento voltado para as várias espécies animais. Apesar disso, falta reconhecimento da profissão pela população, talvez pelo

⁴⁵ O vestibular vocacionado da UDESC costuma exigir a elaboração de uma redação com tema versando sobre profissão pretendida pelo candidato.

desconhecimento sobre o tipo de trabalho que pode ser desenvolvido pelo médico veterinário.

7.2 ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS FORMANDOS DO CURSO

As entrevistas individuais com os formandos de Medicina Veterinária da UDESC foram realizadas aproximadamente na metade do semestre letivo, quando os alunos já incorporaram o sentido das disciplinas e do período em que se encontram no curso. O objetivo das entrevistas era obter a percepção que este segmento apresenta e observar o desenvolvimento das concepções relativas à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, além de examinar as mudanças que ocorrem no pensamento desses alunos desde que ingressaram no curso, pela comparação com as entrevistas efetuadas com os estudantes recém-ingressados.

Foram entrevistados 20 acadêmicos, sendo a metade no segundo semestre de 2001 (com previsão de formatura para o primeiro semestre de 2001) e a outra metade no primeiro semestre de 2002 (com previsão de formatura para o segundo semestre de 2002). As interlocuções tiveram um tempo de duração próximo a dez horas e meia, com um mínimo de 20 e máximo de 49 minutos.

7.2.1 Características Gerais dos Formandos

O período de ingresso dos alunos submetidos a sorteio para entrevista encontra-se na tabela 40. Vale ressaltar que quase metade dos estudantes perdeu pelo menos uma fase do curso, visto que o período de duração do mesmo é de dez semestres⁴⁶. Esse assunto será discutido mais adiante, pelos formandos e pelos próprios professores, quando comentam a respeito das avaliações.

A seleção dos entrevistados foi realizada mediante sorteio e um dos sorteados recusou-se a conceder a entrevista, sendo substituído por outra pessoa. A idade média dos alunos era de 23,55 anos, com variação entre 21 e 28 anos. Dos entrevistados, 16 estavam cursando a disciplina de “Medicina Veterinária Preventiva

⁴⁶ As informações gerais sobre o curso estão descritas no capítulo 6 da tese.

e Saúde Pública”, enquanto que o restante já a havia cursado em fases anteriores. O período de ingresso destes estudantes no curso está descrito na tabela 41.

A maior parte dos entrevistados (13) é proveniente das seguintes cidades do Estado de Santa Catarina: Biguaçu, Concórdia, Florianópolis, Joaçaba (dois), Joinville, Lages (três), Porto Belo, Rio do Sul, Tubarão e Videira. Três alunos são do Paraná (Londrina, São José dos Pinhais e Foz do Iguaçu), dois do Rio Grande do Sul (Canela e Caxias do Sul), um da cidade de São Paulo e um de Dourados (Mato Grosso do Sul).

As profissões dos pais dos formandos eram variadas, algumas vezes podendo exercer uma certa influência sobre a escolha profissional do filho (isso também foi observado nas entrevistas com os calouros), como no caso de um engenheiro agrônomo, um pecuarista, um aposentado que havia sido técnico em agropecuária, um que trabalha em uma empresa distribuidora de produtos veterinários e um que trabalha em uma multinacional do setor agropecuário. As outras ocupações citadas foram: dois pequenos empresários do ramo da construção, dois comerciantes, dois bancários (um deles aposentado), dois contadores, um professor de primeiro grau, um industrial do setor metalúrgico, um advogado, um procurador da justiça, um sociólogo professor universitário, um que trabalha no setor pesqueiro e um monitor da FUCABEM (Fundação de Amparo ao Menor).

Quanto às mães dos formandos, sete não exercem profissão remunerada e se ocupam dos afazeres domésticos, sendo uma delas advogada. Algumas exercem ou exerceram atividade na área a educação: quatro são professoras (duas das séries iniciais do ensino fundamental, uma do segundo e terceiro graus e outra exclusivamente do terceiro grau), e uma é diretora de um colégio estadual de 5^a a 8^a série. Há ainda duas comerciantes, uma bancária, uma estudante de secretariado – curso seqüencial. Duas mães são aposentadas, uma delas como bancária e a outra pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Uma das mães está aposentada como professora universitária na área de sociologia, mas trabalha atualmente no Programa de Saúde da Família, no Ministério da Saúde. Uma das mães estava sem emprego, mas permanecia trabalhando com artesanato.

7.2.2 Percepções dos Formandos sobre o Curso

a) Disciplinas que os entrevistados mais gostaram de cursar

As disciplinas que mais agradaram aos alunos estão descritas na tabela 42. A disciplina que pareceu mais agradável ao gosto dos alunos foi clínica médica, com 15 indicações, havendo muitas disciplinas com apenas uma citação por parte dos entrevistados.

A tabela 43 traz essas disciplinas dispostas dentro dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária. Quando indagados sobre quais as disciplinas que mais haviam gostado de estudar durante o curso, todos os alunos fizeram referência às disciplinas do estilo de pensamento da Clínica Veterinária, sendo o estilo mais citado com 50 indicações no total. O estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública foi lembrado apenas quatro vezes por meio da disciplina de Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal.

As razões da predileção dos alunos por determinadas disciplinas foram bastante variadas, mas poderiam ser classificadas em dois tipos: a) motivos relacionados ao próprio estudante; b) motivos ligados à disciplina (tabela 44). O que mais chamou a atenção dos alunos é a forma como o professor ensina os conteúdos.

A lembrança mais freqüente pela área de Clínica Veterinária e as explicações pela predileção pelas diversas disciplinas, especialmente a possibilidade de permitir maior contato com a profissão e a identificação com a área indicam que o estudante dá preferência para as disciplinas que mais irá utilizar na atividade prática na qual irá se especializar futuramente na profissão, como será visto posteriormente.

É porque eu via bastante coisa que a gente tinha na aula prática. Tiveram muitas aulas práticas. Na clínica principalmente a gente tinha mais contato com a nossa profissão mesmo, como que a gente ia atuar depois como veterinário. Foi mais assim porque teve mais aulas práticas. Na suinocultura porque eu gosto, eu pretendo trabalhar também, talvez trabalhar nessa área. (F07).

Chama a atenção o discurso de quatro alunos enfatizando que sua predileção era determinada por serem abordadas as doenças, o que os colocaria em maior contato com a clínica. Em contrapartida, apenas uma fala ressaltou a saúde e o bem estar dos animais, o que leva a crer que o estilo de pensamento ligado a uma

visão mais curativa é constantemente reforçado durante o curso, ganhando numerosos adeptos.

Porque é importante, né. Se você não tem uma noção anatômica, na hora do diagnóstico você não tem uma noção do que é normal no animal. Histologicamente, anatomicamente como é que você vai conseguir distinguir o que é patológico, o que é uma doença, o que você está... o que está de diferente? Se você não tiver essa base de anatomia e histologia você não consegue. Porque essa parte é frisada várias vezes durante a faculdade, anatomia, histologia. Em várias cadeiras a gente revisa anatomia, revisa histologia. (F11)

(...) Acho que seja o primeiro momento da faculdade que alguém fala: “Olha, você vai pegar um animal, ele vai ter essa doença, são esses os sinais clínicos, é esse o tratamento.” Então, é a primeira vez que você tem um contato assim mais direto. E a clínica, acho que é mais ou menos pelo mesmo motivo. Essas matérias eu acho que te tornam um pouco mais veterinário. Para quem sonha muito em ser veterinário, como é o meu caso, eu gosto muito do que eu faço, essa idéia de você poder pegar um bicho, você saber o que esse bicho tem, ou você poder estudar o que tem nessa população ou o que... sei lá... em cima de um estudo que algumas pessoas já fizeram, você ter esse conhecimento em função do trabalho de outras pessoas. Isso me atrai muito, poder ajudar, poder ser o que eu quero ser. (F14)

Um dos entrevistados percebeu que o curso privilegia de forma acentuada o aspecto curativo e explora pouco o lado de prevenção e higiene:

(...) Porque eu acho que a gente faz muito pouca prevenção, exceto vacinas que a gente sempre bate muito em cima, acho até porque muitos cachorros, no caso, morrem de parvovirose por inadimplência, às vezes nossa, às vezes dos donos. Mas, a gente mexe muito pouco com o ambiente dos bichos. A gente mexe muito pouco com alimentação, fica dando ração numa boa. Mas a gente está saindo pronto aqui para tratar, entendeu? Para pegar um bicho doente e descobrir o que ele tem e tratar. E acho que a faculdade em si ensina muito a gente a tratar da doença (...) A gente tem que tratar... a gente tem que buscar a saúde dos animais e não tratar a doença deles. E a gente trata muito a doença deles, a gente faz... acho que ninguém aqui ensina muito bem a gente a... a hora que você faz uma anamnese de um animal, qualquer que seja, você pode achar a causa (...). É uma coisa que é muito difícil para a gente. Porque a gente chega na nona fase e ninguém nunca mandou a gente mexer no ambiente, sempre mandaram a gente coletar sangue, fezes, urina, manda fazer exame, mas ninguém nunca falou: “Por que você não pergunta o que ele está comendo e recomende que ele coma outra coisa? Ou que aquele cobertorzinho pode ser causador de problemas porque está sujo, ou porque está...” Porque o ambiente dele não é ideal para ele viver (...) (F14)

b) Áreas mais enfatizadas durante o curso na opinião dos formandos

Os formandos foram indagados a respeito das áreas que mais haviam sido enfatizadas durante o curso desde que eles ingressaram e as respostas podem ser encontradas na tabela 45. A grande maioria das citações (19) girou em torno da clínica médica, havendo quatro menções para a produção animal, três para anatomia patológica e algumas outras disciplinas foram lembradas apenas uma vez.

A inclusão dessas disciplinas ou conteúdos dentro dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária pode ser vista na tabela 46. A grande maioria dos formandos declarou que as disciplinas relacionadas à Clínica Veterinária foram bastante enfatizadas durante o curso, levando até mesmo a um direcionamento pelos alunos:

Aqui para nós eu acho que a área de pequenos animais tem bastante coisa, talvez por a gente ter o hospital e ter uma sala cirúrgica e alojamento aqui mais voltado para pequenos animais. (...) Então aqui talvez meu interesse de trabalhar com pequenos é porque eu vi mais pequenos aqui, e procurei no início todos os professores, ficar junto dos professores que cuidam de pequenos. De grandes, fiz as matérias mas não fui atrás de mais, só a matéria assim. (...) (F12)

A clínica, sem dúvida. A clínica é muito enfatizada, tanto é que a gente tem quatro. (...) Pelo currículo mesmo que a gente tem, nós temos quatro cadeiras de clínica. Foi uma das disciplinas que foi mais enfatizada aqui. Avicultura, por exemplo, a gente tem uma cadeira só e daí se quiser tem a eletiva, para quem se interessar mais. Agora, clínica é meio na marra, tem gente que não gosta de clínica, tem gente que quer trabalhar com inspeção, quer trabalhar com outra coisa e a clínica está ali. É I, II, III e IV e tem que se lascar para estudar. Eu acho que ela é bem enfatizada. É lógico que tem que ter um pouco de dom, tem que gostar da coisa, mas pelo currículo é possível de formar bons clínicos aqui. (F13)

Clínica. (...) Eu acho... eu não sei se é... se é uma tendência. O pessoal, muita gente que entra e que sai trabalha com clínica. Eu não sei se por falta de... quem sabe da grade curricular, porque tem quatro clínicas e bastante clínica de pequenos também. E desde o começo, a gente começa... anatomia a gente tem pequenos, não tem... só de ossos que a gente tem de grandes, cavalo e tal. Mas o resto é só pequenos. É só o que difere, tipo aparelho digestivo de ruminantes você tem que ver. Eu acho que é muito, eu acho que é muito voltado para clínica. (F17)

Um dos relatos mostra que algumas disciplinas são muito enfatizadas devido ao elevado grau de dificuldade que é apresentado aos alunos:

(...) A patologia ela é enfatizada em função da dificuldade que ela... é um ponto pesadíssimo para a gente na faculdade. Ela ganha ênfase em função da dificuldade que é. (...) Ela é difícil, muito difícil. Quando você entra na sexta fase você já entra com a possibilidade de rodar em uma matéria. Ela roda 50% dos alunos todo o semestre. Então todo semestre, toda a sexta fase que você entra, todo mundo que entra na sexta fase já se considera de exame. Então de exame você já se considera. E grande parte já se considera reprovado depois da primeira prova. (...) Eu não quero colocar toda a culpa em professor, eu acho que o professor... eu tenho certeza que o professor tem uma grande culpa nisso, mas eu acho que a maneira que a disciplina é distribuída é muito complicada. É muita matéria, é muita coisa para você aprender em quatro meses de aula. E não só você aprender, é muita coisa para você ensinar, para você aprender e para você escrever. Eu acho, por exemplo, que o que é simples para um professor que dá aula vinte anos da mesma matéria pode ser completamente absurdo para mim e eles não enxergam isso. (F14)

Um entrevistado manifestou um certo descontentamento quando comentou que em algumas ocasiões os professores do ciclo básico poderiam ter chamado a

atenção para as disciplinas da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, principalmente a Inspeção de Produtos de Origem Animal, mas não o fizeram:

Eu acho que foi Clínica. A mais enfatizada foi Clínica porque desde o começo as primeiras disciplinas... Anatomia e tudo... Se a gente for pensar agora, no final do curso, a Anatomia tem tudo a ver com Inspeção. Quando a gente estuda Anatomia a gente estuda Anatomia pensando na Clínica. Os professores de Anatomia preparam a gente: “Vocês vão ter que canular tal vaso, vocês vão ter que na Cirurgia ver...” Então prepara para aquela área de Clínica... Não se a gente for ver com essa visão eu não me lembro pelo menos, talvez até eu possa estar enganada, mas eu não lembro nenhuma vez de eles ensinarem: “Tal músculo... na paleta é tal músculo... para Inspeção é chamado disso” Ou então... “O carimbo vai aqui, ali”. Não, jamais. Na Inspeção por ser muito rápido, daí eles não têm tempo, eles acham que a gente já veio preparado para isso e na verdade não. (F06)

O contato mais intenso com as disciplinas de clínica poderia ser um fator que favoreceria a maior predileção por este campo e também poderia induzir nos alunos idéias mais voltadas para um estilo de pensamento associado à Clínica Veterinária.

Por outro lado, as atividades relacionadas à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública foram citadas apenas uma vez como sendo bem exploradas no curso. Talvez isso ocorra porque as disciplinas que fazem parte desse estilo de pensamento estejam inseridas no final do curso na grade curricular e porque as outras disciplinas não chamam muito a atenção para a área. Além das disciplinas de Clínica Veterinária serem iniciadas antes da metade do curso, observa-se que as disciplinas básicas desde o começo já começam a preparar e direcionam os alunos para este estilo de pensamento, não havendo orientação para outras áreas da Medicina Veterinária. Apenas no final do curso é que o aluno toma um contato maior e consegue assimilar o trabalho desenvolvido em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, mas nesse ponto já é muito tarde para se tentar formar um pensamento voltado para a prevenção e para a consciência social.

c) Opinião dos formandos sobre o aprofundamento de conteúdos pelo curso

Quando perguntados se durante o curso houve conhecimentos que receberam um aprofundamento excessivo, um quarto dos entrevistados afirmou que isso não ocorreu (tabela 47). Entretanto, três destes entrevistados que julgaram que não houve conteúdos do curso que tivessem apresentado um aprofundamento excessivo, observaram que algumas disciplinas possuem uma carga horária muito

elevada. Foram citadas como exemplo a Anatomia, a Fisiologia, a Metodologia Científica, a Economia e a Sociologia e Extensão Rural.

Eu acredito que não. Não lembro agora se... não tenho uma... se é de menos ou de mais. Acho que não, acho que não. (...) Em compensação tem outras cadeiras que eu acredito que sejam um pouco maior que o necessário. (...) Economia é um exemplo, Economia. (...) Metodologia Científica desde o primeiro já achei bastante. Mas Anatomia eu acho que tem bastante tempo essa cadeira. Acho que poderia ser mais sucinta. Se diminuir isso aí ia ficar numa área que você mais... que você vai utilizar melhor. Que ninguém: sai "Vou sair anatomista", ninguém sai, eu acredito que ninguém sai. Então 10 aulas por semana é muito, eu acredito que seja muito. (F04)

(...) Como Sociologia também acho que é uma carga horária muito ampla e que até... Sociologia é uma das disciplinas que poderiam ser dadas numa primeira ou segunda fase, porque na oitava fase tomar uma carga horária de... são quatro aulas semanais, dois professores, eu vejo assim... Extensão Rural poderia ser dado isso na primeira fase que já abriria até a cabeça dos alunos para ver: "Tem esse lado, tem Extensão Rural". Então você veja, estar na faculdade ou fora daqui, aplicar isso desde o início, e daí ele é dado lá na oitava fase... perdido às vezes. (F06)

Algumas disciplinas foram citadas como tendo um aprofundamento excessivo, pela quantidade de detalhes que são tratados:

A Parasitologia eu acho que é uma matéria que poderia ser melhor aproveitada. Tem alguns... Por exemplo, alguma parte da matéria que é uma coisa assim, que o professor até fala que é um caso raríssimo que só foi visto uma vez. E eles levam uma aula para dar a mesma coisa que ele leva uma aula para dar *Haemonchus*, que é um bicho que você vai ver todo dia na sua profissão. Então poderia ser melhor dividido, algumas coisas que são mais corriqueiras dado uma ênfase melhor assim que eu acho seria melhor aproveitado. (F09)

(...) Eu acho que sociologia e extensão rural a gente tinha quatro aulas por semana e você... eu acabei saindo... eu terminei, passei na cadeira sem... se alguém falar assim: "Fale o que você aprendeu em sociologia e extensão rural." Eu não vou saber o que dizer, o que eu tirei daquilo ali para mim trabalhar com veterinária em extensão rural. Sabe, eu acho que isso, a gente teve muita carga horária para pouco conhecimento adquirido. Foi o que eu achei. (F17)

Anatomia, tem todo aqueles processos dos ossos. Eu acho que precisava enfatizar mais o que realmente a gente vai usar, a gente saber onde estão os principais vasos. Não precisa saber os capilares que tem no dedão do pé. As partes principais dos ossos, os órgãos em si, mas é muito detalhe. Acho que é muito detalhe. Podia ser feito junto eu acho, sempre a prática junto. A gente tem um ano e meio de anatomia, um ano dá para fazer anatomia (...). (F19)

Três alunos discorreram sobre a repetição de conteúdos nas disciplinas, um ponto importante apontado nas entrevistas dos professores, que será discutido mais adiante:

(...) É claro que existem algumas disciplinas com uma carga horária mais ampla que poderia até ser conciliada com outras. Muitas vezes a gente revê as coisas no final na faculdade e falta tempo para outras disciplinas. Por exemplo assim: Fisiologia eu acho que é uma carga horária ampla e depois a gente vê, revê muitas coisas em Semio [Semiologia]. Em Clínica mesmo a gente tem que rever muito disso... No começo a professora dá o aparelho renal, daí revê novamente a fisiologia então acho que isso poderia ser mais compacto, até para o aluno seria mais interessante. A Anatomia também a gente sempre vê...(...) revê isso. Essa parte de rever, não que não seja bom, é, mas tira às vezes de outras disciplinas de tomarem maior amplitude e até de abrir melhor o mercado para quem sai. (...) E tem coisas que poderiam ser mais compactas mesmo para não... ou serem dadas assim de uma forma . (...) (F06)

Com relação ainda à questão da repetição, alguns entrevistados apontaram que existem disciplinas que são desdobradas em dois semestres, mas que no segundo período não há muitos avanços, mas uma certa repetição dos mesmos conteúdos ministrados na fase anterior:

A gente chega em doenças parasitárias e eles dizem: “A morfologia do parasita...” Sendo que a gente já viu duas cadeiras disso. Então é uma coisa que eu acho que tem muita repetição no curso de conteúdos, eu acho. (F11)

Microbiologia. O que é dado na microbiologia I é dado tudo igual na microbiologia II. Por que fazer duas microbiologias se não vai mudar absolutamente nada? Eu já passei da I para ver de novo a mesma coisa na II? (F14)

Os conhecimentos citados pelos formandos que constam na tabela 47 foram agrupados de acordo com os estilos de pensamento em Medicina Veterinária na tabela 48. O estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública não foi lembrado, enquanto que cinco citações apontaram os conteúdos da área de Clínica Veterinária como tendo um aprofundamento excessivo. As disciplinas mais citadas deste último estilo de pensamento foram a Anatomia Patológica (com a maior parte das citações – sete) e a Clínica Médica (tabela 47). No caso da disciplina de Clínica, os alunos se queixam de que a parte de clínica de pequenos animais recebe a maior parte das atenções como já foi visto anteriormente.

Alguns comentários sobre a disciplina de Anatomia Patológica revelaram opiniões que se contrapõem em alguns aspectos. Enquanto cinco alunos julgaram que não haveria necessidade de um aprofundamento tão intenso com cobranças maiores do que o necessário, dois alunos entendem que o tempo dedicado ao assunto não é suficiente:

Eu acho que sim porque em muitas matérias você não precisa se aprofundar muito (...) Na especialização eu acho que a gente se aprofunda, mas agora como estudante eu acho que não precisava se aprofundar muito em algumas áreas. (...) Patologia eu acho que é muito aprofundada, até é cobrado a mais do que o necessário. Porque se o aluno tivesse uma idéia geral, acho que já teria... O que é mais importante que o veterinário vai atuar a campo, aquilo que é importante eu acho que seria abordado. Agora quando se aprofunda muito eu acho que daí a gente esquece o importante e vai naquilo que não teria necessidade de ver. (F07)

Eu acho que mais na cadeira de patologia, principalmente patologia II. Tem um monte... dá para contar nos dedos quem que vai trabalhar com patologia. A patologia é bem aprofundada aqui, tanto que o índice de reprovação historicamente sempre foi muito alto. Eu acho que a patologia é um pouco aprofundada, não que não tenha necessidade. Eu acho que o básico a gente tem que saber. Tem que saber como é que vai mandar material para o laboratório, como é que você vai fazer uma necropsia, que tipo de atitude tem que tomar com o animal que você vai necropsiar, se tem que jogar fora, se tem que queimar. Acho que isso tem que saber. Agora, exames microscópicos, é muito exigido e talvez seja um aprofundamento que talvez merecesse uma cadeira eletiva de patologia para quem quer trabalhar com isso. A patologia II eu repeti, mas é muito aprofundado para o que o pessoal está esperando, quem não vai trabalhar com patologia sofre bastante. (F13)

(...) mas a patologia é uma matéria muito difícil. Então, todo mundo acha que é difícil, difícil e joga muita matéria para pouco tempo. Realmente são dois semestres que deveriam ser três eu acho, no mínimo, porque é muita matéria em pouco tempo. Tem que ser dado tudo? Tem, precisa. Mas então deveria ser feito uma reformulação na grade de horário e botar, dividir em três patologias, porque eu acho que é muita matéria também. Aprofundado tem que ser, mas é muita matéria em pouco tempo. Daí complica para os alunos estudarem. Todo mundo vai mal, mal e ninguém sabe por quê? Porque tem muita matéria. (F12)

Certas disciplinas não conseguem sensibilizar os alunos, que acabam por não se interessar pelo conteúdo e não compreendem a importância das mesmas. Isso acontece particularmente com a disciplina de Sociologia e Extensão Rural que, apesar de pertencer ao estilo de pensamento da Zootecnia e Produção Animal é extremamente importante para consolidar um pensamento voltado para os aspectos sociais, importante para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Como pode ser observado, o curso como um todo não coloca em evidência a coletividade. Esse fator pode contribuir para que o estilo de pensamento preventivo e social não se fortaleça dentro do curso.

Deixe eu ver... No caso, sociologia. Eu não gosto muito, eu acho que não deveria ter quatro aulas de sociologia. Talvez a gente não saiba dar valor, não sabe o porquê. Mas se você ver, as pessoas não gostam muito, não levam muito a sério. Nem... porque eles não cobram tanto porque não tem prova. Eu não sei, eu acho que devia ser menos, a carga horária menor. (F16)

d) Áreas apontadas pelos formandos como as mais deficientes no curso

Foi indagado aos formandos se houve conhecimentos que não foram abordados ou que poderiam ter sido mais aprofundados durante o curso e que seriam importantes para a formação profissional. As respostas para essa questão estão registradas na tabela 49. Chama a atenção que a disciplina de Análises Clínicas foi citada por seis vezes. Os conteúdos relativos a animais silvestres apareceu por cinco vezes nas repostas, tendo sido citado apenas pela turma de formandos de dezembro de 2002.

(...) acho que tem matérias que faltam na faculdade, por exemplo uma matéria de animais silvestres. A gente sai sem noção nenhuma de silvestres, nenhuma. Não sabe nem pegar, nem conter um animal. E é uma coisa que hoje em dia não é só para quem quer trabalhar em zôo. Você tem que ter uma noção, se você trabalha em clínica você tem que saber. Se chega um cara com uma iguana, e aí?... Você diz: “Bonita sua iguana...” Então eu vejo isso, a gente não tem noção de silvestres nenhuma, nenhuma. Nem é citado. O pessoal nem cita... patologia, anatomia... (F11)

Um aspecto que recebeu algumas citações dos alunos, reproduzindo as falas de alguns professores – que também apontaram esta falta no curso –, é a parte de administração em clínicas veterinárias:

Eu acho que é isso, é faltar um pouco de visão administrativa para os veterinários. Não que a gente não tenha isso frisado na faculdade, mas acho que falta isso, falta ser frisado na área de clínica. Na área de ciências agrárias é muito frisado. Tanto é que tem matéria, economia, administração rural, tem sociologia. Na área a de clínica não existe nem eletiva, como você montaria uma clínica, qual o custo básico, não tem nada disto. Isso eu acho que é muito precário também. (F01)

Duas declarações merecem ser comentadas, pelo teor preocupante que contêm no que diz respeito à qualidade da formação dos alunos. Uma delas se pronuncia a respeito de conhecimentos novos que não chegam até a sala de aula. Fleck comenta que a circulação de idéias por meio da ciência de revista e da ciência de manual é própria da ciência especializada. Apesar da ciência de revista ter caráter provisório e fragmentar, ela representa a vanguarda e é imperativo que esses conhecimentos sejam colocados à disposição dos alunos, com as devidas ressalvas, já que se trata de uma área em que a utilização de novos recursos tecnológicos é fundamental para o desenvolvimento da prática profissional.

Podia. Para outras matérias, para coisas novas, para trabalhos científicos, para revisão de trabalhos científicos, para estudo de... “Surgiu, olha aconteceu um negócio lá que...” Mas a gente perde tempo com coisas já ultrapassadas e que poderiam te trazer conhecimentos novos para a gente que está saindo para o mercado. (...) Nossa, aqui dentro em várias disciplinas. A gente pega bibliografia de 50, 60. Que é coisa que você olha hoje em dia e você fala: “Espera aí, isso não é mais assim.” Aí você vai ver em revista, em jornal, a realidade não essa que a gente aprende aqui. (...) Tem muitas técnicas novas que a gente não aprende. Não é porque não dá para incluir no programa, dá mas não incluem. Às vezes a técnica que se ensina não é mais a mesma. (...) Mas a gente aprende isso aqui ainda. Você chega lá fora, chega um profissional e você fala: “Não, espera aí. Pega lá aquela revista de 1998 que você vai ler lá que está escrito que fizeram uma pesquisa lá nos Estados Unidos e que está dizendo que não é.” Acontece isso muito. (...) Eu acho que como eu falei também novidades que não são abordadas no currículo. Muitos professores, não todos, também não vamos generalizar, não se atualizam. Então a gente tem que correr atrás. O que não deixa de ser o interesse do aluno também. Mas acho que talvez na sala de aula se a gente conseguisse discutir e chegar a uma conclusão. Mas eu não sei. (F11)

Um registro que causa preocupação é uma denúncia de que alguns conteúdos durante o curso foram ministrados por pessoas não habilitadas e num tempo bastante restrito, podendo comprometer a formação dos alunos:

(...) mas assuntos que deixaram de dar eu acho que talvez tenha um período que professores saíam para mestrado ou licença, que nós ficamos sem professores de algumas matérias. (...) Farmacologia nós ficamos sem aula, uma parte da anatomia, na parte de genética. E tem umas aulas que eram professores que dão bovinocultura e daí está faltando professor de genética e vai dar genética. Então não é bem a área, mas fica um pouco devendo na questão, fica um pouco devendo por não ser especializado o professor que está na área. Daí ele sabe, sabe, mas não sabe tudo o que um professor especializado na área poderia passar para a gente. (...) De farmacologia, por exemplo, foi, daí teve um amigo nosso que pegou para dar aula, que ele já era bolsista aí, estava se formando e pegou e deu umas duas semanas tudo o que a gente não tinha quase em um semestre. A gente teve muita aula extra, muita matação e acabou que a gente venceu o conteúdo. No final de tudo a gente acaba vencendo o conteúdo. Na anatomia teve uma outra professora que assumiu e deu anatomia. Na genética a mesma coisa. Então a gente acabou vencendo o conteúdo, mas aí às vezes é muito... Que nem eu acabei de falar, em duas semanas foi o conteúdo de um semestre. É muita matéria para assimilar tudo também. Isso aí complica. Se for de pouquinho em pouquinho, mais devagar, é bem mais fácil para aprender. (F12)

A tabela 50 traz a disposição dos conteúdos citados pelos formandos que não foram abordados ou que poderiam ter sido mais aprofundados durante o curso, dentro dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária. Os conhecimentos pertinentes à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública não foram lembrados, talvez até por terem pouco destaque durante o curso. A declaração de um acadêmico em relação ao questionamento feito elucida bem este ponto:

Além disso, o que não tem aqui... É meio difícil, acho que quando a gente não vê alguma coisa, é difícil a gente dizer que não tem, se a gente nunca teve. (F14)

Por esse motivo, o argumento de que o aluno deve “aprender a aprender” não havendo necessidade de que todos os conteúdos sejam igualmente abordados

durante o curso é vazio e sem sentido. A falta de condições para que se estabeleça um pensamento preventivo e social ainda dentro do curso traz como conseqüências a falta de interesse do médico veterinário pela área e dificuldades para a atuação do profissional neste campo de atuação⁴⁷.

Os conteúdos apontados como mais deficientes estão enquadrados no estilo de pensamento da Clínica Veterinária, com um total de 16 citações. Ao mesmo tempo em que a área de Clínica Veterinária tem bastante destaque no curso, ela é apontada como a área que possui mais falhas. Essa aparente contradição pode ser explicada pelo fato deste estilo de pensamento ser mais prevalente e provocar maior lembrança pelos alunos, inclusive pelas falhas apresentadas por certas disciplinas que a compõe. Vários conteúdos do setor de Clínica Veterinária são citados, como a Cirurgia, Semiologia, Anestesiologia, Clínica de Grandes Animais, Farmacologia, Reprodução e Análises Clínicas – com maior número de citações para esta última. Muitos alunos salientaram a falta de aulas práticas para complementar os conhecimentos teóricos recebidos, o que demonstra a importância dada para a prática dentro da formação profissional.

Outro exemplo é Análises Clínicas, a aula que a gente tem é bem superficial e você usa Análises Clínicas para tudo. Você usa para grandes, para aves, para suínos, para a clínica de pequenos usa muito e a gente não tem. Tem laboratório lá no hospital que não funciona. A maioria dos alunos já foi atrás para ver isso e não conseguiu. Então, é uma disciplina que eu acho assim fundamental. Outra que eu acho muito importante é Semiologia que também não tem aquela ênfase toda, tem poucas práticas, é uma disciplina que é básica e não tem um aprofundamento bom. (F08)

A prática. As práticas que eu achei muito pouco. Devia ter mais práticas de Cirurgia, principalmente para grandes, também na área da Reprodução foram poucas práticas. Essas aí. Devia ter mais. (F10)

O problema da falta de práticas foi relatado especialmente com relação aos grandes animais. No entender de um dos entrevistados, isto pode ocorrer porque a maior parte dos professores das disciplinas de Clínica Médica se dedica mais ao atendimento de pequenos animais:

⁴⁷ Veja nas declarações dos médicos veterinários, no item relativo à ênfase dada à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública no curso freqüentado pelo entrevistado (alínea b da seção 7.4.5), especialmente o pronunciamento de V09.

Eu acho que é pela visão de cada professor porque, por exemplo, na Clínica... tem quatro ou cinco professores? Quatro professores e só um que é mais voltado para grandes, que trabalha com grandes (...). E daí os outros era só de pequenos. Na Cirurgia também, os professores de Cirurgia eles são mais voltados para a clínica de pequenos, eles têm clínica e tal... Um ou outro que faz de vez em quando alguma cirurgia de grandes, não aparece aqui para a gente ver. E eu não sei por que é que falta também caso aqui. Por que é que não aparece muita cirurgia aqui. Na Clínica aparece um pouco mais. Agora a cirurgia é bem pouca. (F09)

No entanto, é importante assinalar que na profissão, atualmente, a prática em grandes animais é mais direcionada para a produção animal que volta sua atenção para atividades mais preventivas do que curativas o que gera conflitos entre os diferentes tipos de ação da Medicina Veterinária, levando a uma certa desorientação pelos alunos como pode ser observado pela declaração de um formando:

E aqui tem uma coisa que me deixa nervoso. Os professores parece que fazem uma lavagem cerebral. Uns falam que clínica não pode, que não existe. Aí você fala com os caras da Clínica e eles falam tem que ser assim. Porque que te exigem tanto? E chega alguém e fala: "Isso aqui é tudo besteira" Você de repente sai de uma aula de Cirurgia e chega ali na aula de manejo, Bovino de Corte e o professor fala: "Você é maluco fazer cirurgia, isso não tem nada a ver, tem que ser manejo." Então por que tem que fazer cirurgia? Os professores não dobram a espinha. O que um fala o outro chega lá... até matérias que são iguais tipo Anatomia Patológica e DOIC [Doenças Infecto-Contagiosas] o que um fala para você fazer uma coisa... e você fala: "Mas se eu escrever isso aqui o cara me dá errado." Os professores não batem os pinos. Não tem... Uns estão mais atualizados, outros estão menos. Então você chega numa hora você, fica meio louco e fala: "O que está certo e o que está errado?" (...) Às vezes acho que é porque uns já estão há algum tempo trabalhando, cabeça dura, é difícil corrigir eles. Outros porque... muita ideologia também. Acho que é por causa disso. Às vezes você sai de uma aula de cirurgia de grandes animais... Claro que o professor de Cirurgia fala da prevenção, que é manejo, todos eles falam isso em primeiro lugar. Só que depois você chega na outra aula o cara fala: "Não, isso aí nunca, não pode é impossível e tal". Claro, você sempre vai filtrar o que é certo e o que é errado (...) Isso que me revoltou o curso de veterinária. Foi isso, foi o que mais me revoltou. (...) Perspectiva de professor, a visão... São diferentes, são bem diferentes. Claro, tem gente que é radical (...) Eu me lembro que eu fui... nas palestras que teve ali no último ano, e que o veterinário que é professor de Minas [Minas Gerais] ele falando do manejo que vaca doente não se trata, não se trata. Tem que matar ela. "Se for uma tristeza, você vai perder dinheiro. É impossível, não sei o que não sei o que lá..." Por que eu perco noite estudando isso? [risos] (...) É isso que mais me revoltou no curso, essas divergências assim, um radical demais o outro assim, assado. Claro que você vê e acaba ficando com o que é certo e o que é errado. O que não serve você faz a sua opinião aí. (F01)

Nos dois trechos transcritos anteriormente os acadêmicos falam de visões diferentes dentro do curso e até de ideologias. Na última transcrição podem ser percebidos tipos de visão ou de orientação diferenciadas, com uma tendência de praticar a medicina curativa e um pouco mais imediatista em termos de resultados concretos para o indivíduo, em contraposição com outro tipo de concepção guiada

por práticas preventivas, com a finalidade de trazerem respostas econômicas para levarem ao aumento da produção animal.

De acordo com a epistemologia de Fleck, haveria uma discordância entre dois coletivos de pensamento distintos, que neste caso está relacionado não só ao uso de práticas distintas para a resolução dos problemas, mas principalmente sobre a origem e significância das indagações. Este último ponto é que conduz a tipos diferenciados de tratamento para as questões (Fleck, 1986c). Entretanto, esta divergência pode dificultar, mas não impossibilita a comunicação entre os integrantes dos dois coletivos. Pela última transcrição, quando o aluno afirma que é feita uma verdadeira “lavagem cerebral”, serve como exemplo o que Fleck denomina de “suave coerção”. Cada grupo tenderá a atrair o maior número de adeptos possíveis com o propósito de fortalecer o coletivo e manter sua coesão.

e) Áreas que os formandos acompanharam durante o curso

As atividades nas quais os formandos estagiaram ou acompanharam durante o curso estão indicadas na tabela 51. Como um aluno poderia ter se dedicado a mais de uma atividade durante o curso, houve um grande número de citações, sendo que a atividade mais procurada pelos estudantes foi a clínica médica, com 14 referências. Entretanto quando essas atividades são distribuídas dentro dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária, o quadro vai se configurar de maneira um pouco diferente, como mostrado na tabela 52.

O campo de atividade mais procurado para acompanhamento ou estágio durante o curso foi o de Zootecnia e Produção Animal (mencionado 26 vezes), seguido de perto pela Clínica Veterinária (com 25 citações), enquanto que a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública teve um número bem reduzido de indicações (apenas cinco). A maior procura pela primeira opção poderia se justificar pela vocação do Estado de Santa Catarina para a produção de suínos e aves e também porque a produção de bovinos é uma importante atividade econômica no Planalto Serrano, local onde se situa o curso. Possivelmente a Clínica Veterinária aparece em segundo lugar pelo direcionamento que o curso dá para este setor, conforme já visto anteriormente.

Pela observação da grade curricular do curso de Medicina Veterinária da UDESC⁴⁸, percebe-se que tanto as disciplinas da área de Clínica Veterinária como aquelas pertencentes à Zootecnia e Produção Animal são lecionadas a partir da terceira fase do curso, enquanto que as disciplinas pertinentes à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública estão inseridas apenas a partir da oitava fase. A pequena demanda por esta última pode ser explicada pelo fato de que o aluno não teve a oportunidade de ter maior contato com estas disciplinas antes e por isso não pôde ser despertado para a área. Aparentemente, há alguns comentários sobre Medicina Preventiva nas outras disciplinas (como será constatado nas entrevistas com os professores), mas nada que possa contribuir para a formação de um estilo de pensamento associado à área. As declarações dos alunos que confirmam a argumentação acima são dadas a seguir:

Durante o curso eles direcionam muito para a clínica, eu acho que é muito direcionado. Falam muito em clínica, daí chega no final eles começam com a inspeção, muda um pouco. A epidemiologia, a medicina preventiva eles falam muito porque não quer só clínica, tem serviço com zoonose, tem serviço com extensão. Oitava e nona muda um pouco porque daí tem bovino de leite, tem suíno, avicultura, daí você tem mais alguma coisa. Só que quando já está ali, você já fez estágio só com clínica até. Devia ter sido antes, podia ter chance de fazer estágios diferentes. A maioria só faz estágio com clínica, mas é porque no começo só se fala de clínica. Depois quando chega no final é que me arrependi, seu eu tivesse... Eu podia ter feito estágio com suínos desde o começo, mas eu só fiz em inspeção. Se eu tivesse tido a idéia que eu tive agora na nona fase, eu podia ter feito estágio com suíno. (F02)

Se dá bastante, se dá mais valor à clínica ainda aqui dentro. Eu acho que a clínica, tudo bem, é uma área extensa, é o que a maioria vai fazer. Eu acho que está na quantidade certa, mas desde das primeiras fases você já é levado à clínica. Desde a anatomia: “A anatomia é bom você saber para a clínica, é bom você saber para a cirurgia”. Tem as áreas que ocupam laboratório, microbiologia, imunologia, doenças infecto-contagiosas, acho que elas já estão assim... duas, três cadeirinhas que acho que ainda é muito pouco. Não se tem incentivo para o aluno procurar isso. Duas ou três pessoas se interessam e às vezes continuam do começo do curso até o final do curso fazendo (...) estágio, bolsa e coisas assim. (F04)

f) Atividades que o aluno pretende desenvolver durante o estágio obrigatório

A atividades que os formandos optaram por se dedicar no estágio obrigatório ao final do curso estão expostas na tabela 53. A Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal foi mencionada em maior número, com cinco estudantes

⁴⁸ A análise detalhada da grade curricular do curso e a comparação entre as diferentes disciplinas e campos de atuação é apresentada no capítulo 6 da tese.

interessados em ocupar-se desse trabalho durante o estágio. Por outro lado, um aluno que já havia estagiado anteriormente nessa área optou por outra em seu estágio de final de curso por considerar a atividade muito repetitiva, não possibilitando liberdade de atuação. Essa impressão pela área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública já havia sido manifestada pelos calouros anteriormente, como um motivo de rejeição.

(...) então eu fiz no frigorífico também. Fiz daí agora os meus últimos estágios, como eu já tinha me direcionado para essa área de cirurgia eu fiz na parte de cirurgia e anestesiologia em dois hospitais veterinários diferentes. Fiz então mais nessa área que eu procurei, mais de pequenos como eu falei. (...) Se tivesse que fazer isso a minha vida toda eu não ia gostar porque eu não me sentia tão bem quanto eu me sinto aqui dentro do hospital trabalhando com pequenos animais na cirurgia, na sala cirúrgica. Então isso que... eu me sinto bem aqui. Lá eu me sentia bem mas eu me sinto melhor aqui, então preferi escolher essa área aí. (...) É uma coisa que eu não sei assim explicar. Eu gostei, mas não gostei. É uma coisa que é meio trabalhoso (...) Porque sempre você vai lá no frigorífico, acompanha o abate, vai lá fazer a inspeção, órgãos, carcaça e tal, e tudo dia é a mesma coisa, é a mesma coisa. Sei lá, aqui você tem... Trabalhando com cirurgia, anestesia chega num dia um cachorro atropelado, no outro um ovário para fazer uma castração, no outro chega um cachorro que perdeu duas patas. Sempre tem coisa diferentes e você vai usando protocolos diferentes para cada caso, cachorros mais idosos, mais... vários parâmetros de consideração. Você vai montando o seu método de trabalho, não é sempre assim. Lá eles pegam e te dizem o método de trabalho: "Tem que fazer assim: tem que ir aqui, aqui e aqui." Aqui não, aqui você molda o seu método de trabalho, que eu achei mais interessante. (F12)

Os principais motivos alegados para a escolha do estágio foram pela afinidade, predileção ou identificação com a atividade, tendo nove respostas.

A parte de anestesia [Anestesiologia] foi mais porque eu teria que fazer isso, porque eu gostava bastante da matéria e as práticas também eu sempre me senti bem fazendo aquilo. E clínica também porque é a parte que eu gosto. (F03)

Quatro alunos afirmaram que a escolha da área do estágio foi determinada pela pretensão em atuar no setor, enquanto outro respondeu que quando ingressou no curso já havia se decidido pelo ramo escolhido. Outros quatro formandos declararam que além da predileção pela área, o que os levou a se interessarem foi o mercado de trabalho em expansão e as oportunidades oferecidas. Dois dos acadêmicos que escolheram uma área por relacioná-la a oportunidades de trabalho optaram por estagiar em Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal.

(...) Essa parte eu gosto e acho que é um mercado que está em expansão na veterinária. Então eu achei que para começar na vida profissional eu optei por essa área, eu gosto dessa área, eu me interessei por essa área. (F07)

Dois acadêmicos argumentaram que sua escolha foi em decorrência de que o conhecimento que iriam adquirir não era abordado pelo curso, um deles na área

de animais silvestres e outro na área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

Inspeção, mais voltado para qualidade, produção industrial (...) Porque era uma coisa que eu via que durante a faculdade; a gente não tem essa atividade. (F06)

Com animais silvestres. (...) É uma coisa que já está definida para mim há muito tempo. Não definida, foi definida agora. Mas que eu já sentia necessidade em aprender e a faculdade não fornece isso para a gente. E daí eu acho que tem que fazer o estágio final... eu vou fazer todo com animais silvestres até pela falta de conhecimento que eu tenho. Se eu quiser para o mercado de trabalho e trabalhar com isso eu preciso ter algum embasamento. (F15)

O formando que se referiu à área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública reforça a observação de que os alunos somente terão contato com a área no final do curso e que antes de freqüentar a disciplina não tinha noção de que essa prática era realizada dentro da profissão.

(...) Porque a gente vai ter a inspeção na oitava fase, então nas primeiras fases a gente não... Talvez nem... Eu não sabia que tinha essa área que o médico veterinário podia se encaixar, neste contexto dentro da indústria. E desde as visitas, chamou muito a atenção. O interesse de gostar também da disciplina de inspeção, daí eu resolvi fazer. Como eu já tinha feito em todas as outras áreas, aproveitado um pouco... Porque eu acho que a gente tem que sair da universidade com uma visão ampla, podendo se encaixar em qualquer área. Não assim especializado, tem muitos aqui só vêem clínica e nem acompanham as aulas, faltam, essas coisas... Ou não se interessam mesmo por outras áreas só tiram a nota. E de repente, não é assim o mercado lá fora. Na realidade, eu acho que a gente sai daqui assim... Tem que sair com uma visão mais abrangente de tudo o que o médico veterinário pode desenvolver, não só assim: "Eu gosto mais disso, eu só vou ver isso". (F06)

Um formando fez sua escolha baseado na necessidade de se aprofundar na área:

Eu vou fazer com dermatologia veterinária, oftalmo e comportamento animal. (...) Porque são duas áreas dermato e oftalmo que eu tenho mais deficiência, que eu sinto mais necessidade de aprender mais. Que eu sinto que foi... que eu fiz eletiva aqui, mas acontece que eu não quero ter só a base, eu quero me aprofundar um pouco mais. E comportamento (...) é uma coisa que eu acho importante hoje em dia a pessoa passar para o proprietário. Muitas vezes ele está muito mais interessado naquela neurose que o cachorrinho está tendo e como ele está tratando do animal, como é que ele vai ensinar a fazer xixi do que às vezes a vacina. Muitas vezes você conquista o proprietário só nessas coisas do que tentando atochar vacinas ou vermífugos. Hoje em dia a mentalidade do proprietário está mudando. (F11)

A fala do entrevistado mostrada acima, demonstra uma visão de que certas medidas de prevenção seriam impostas ao proprietário, tornando-se até incômodas, não levando em conta que o médico veterinário desempenha um papel fundamental na conscientização da população. O pensamento preventivista e social não foi adequadamente desenvolvido neste futuro profissional.

A distribuição das atividades citadas na tabela 53 dentro dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária podem ser conferidas na tabela 54. A maior parte dos alunos cursará estágio obrigatório no setor de Clínica Veterinária. O estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública aparece em segundo lugar com todos os estágios marcados na área de Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal, disciplina que começa a ser lecionada na 8ª fase do curso. A procura razoável pela Inspeção pode ser explicada pelo aumento de oferta de trabalho nesta área, como já foi comentado nas análises das entrevistas dos calouros. Nenhum aluno escolheu outras atividades dentro do estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, como em Vigilância Sanitária ou em Zoonoses. Isso pode ter acontecido possivelmente porque a disciplina que trata destes assuntos está inserida muito mais tarde no curso, na 9ª fase, quando o aluno já teve que optar por algum local para estagiar:

Que às vezes quem pode imaginar trabalhar assim com saúde pública por exemplo? Então, a gente aprende só na nona fase, vê aquilo só na nona fase e muitas vezes o pedido de estágio já foi. Daí quando a gente começa a se interessar pela disciplina está acabando o semestre. Se for pensar, um semestre são quatro meses. Daí, logo na primeira semana da nona fase a gente já fica aflito para pedir o estágio final. Porque tem a coordenação de estágios, porque tem a reunião, a gente tem que decidir para aonde vai – porque tem o alojamento – onde vai ficar, se a empresa vai aceitar ou não, ou se o local do estágio vai aceitar ou não. E às vezes tem disciplinas que a gente até gosta mas não percebe que gosta, ou não chega a dar aquela atenção porque pensa assim: “Agora já estou terminando”. (F06)

É possível que se os estudantes tomassem contato mais cedo no curso com as disciplinas do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, pudesse haver uma procura maior dos alunos por essa área. Como foi visto, a ênfase do curso sobre determinados aspectos desempenha um papel fundamental na escolha da carreira a ser seguida pelos estudantes. Em apenas dois semestres no final do curso não se consegue mostrar para os estudantes que existem outros estilos de pensamento associados a outros campos de atuação dentro da profissão.

7.2.3 Percepções dos Formandos sobre a Profissão

a) Mudanças na maneira como os estudantes encaram a profissão desde que ingressaram no curso

De maneira geral, os alunos afirmaram que eles entram com uma determinada visão sobre a Medicina Veterinária e com o passar do tempo ocorrem alterações em sua maneira de encarar a profissão. Dos 14 entrevistados que asseguraram que sofreram essa mudança, sete ampliaram sua visão estendendo-a para outros campos da Medicina Veterinária e confirmaram as informações obtidas das entrevistas com os calouros na qual a população tem uma idéia incompleta a respeito da profissão.

Eu achava que o veterinário era só para cuidar dos animais, fazer tratamento, como se fosse médico mas dos pequenos animais. E hoje vejo que tem uma área muito grande, que pode trabalhar como na inspeção, como por exemplo até na medicina preventiva, trabalhar na área de saúde, trabalhar com médico nessa área de zoonoses. Então é um mercado muito amplo que ele tem. (F07)

Eu acho que você entra assim... Pelo menos é o que o povo tem na cabeça que o veterinário usa roupa branca, estetoscópio e lida com cachorro e gato. Eu entrei para faculdade querendo clínica de pequenos e depois a cabeça abre bastante. (F08)

Alguns alunos admitem terem entrado com uma visão dirigida para a clínica, mas comentam que o curso consolida essa orientação, o que nos leva à questão do direcionamento do curso, já discutida.

Eu acho que quando ele entra, ele tem mais uma visão voltada para clínica. Acho que desde o começo eu acho que ele é um pouco dirigido a pensar na clínica, porque é mais para o final que ele vai ter contato com essas outras áreas, por exemplo a Preventiva [Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública], mesmo Inspeção, todas essas áreas é mais para o final. Então às vezes o aluno chega no final... Que nem, é na oitava fase que a gente tem a primeira aula de Inspeção, daí ele não sabia que existia tudo aquilo. Então ele não vai estar direcionado para aquela área. (F07)

A grande ênfase para o estilo de pensamento de Clínica Veterinária pode ser justificada pelo atendimento às exigências dos próprios alunos, que já entram voltados para esta área. Entretanto, os cursos de Medicina Veterinária, além de atenderem as expectativas dos alunos, deveriam ter em vista as demandas da sociedade e do mercado de trabalho. Mas, acima de tudo deveriam consolidar as atividades já existentes, ampliando o espaço de atuação para seu egresso, além de

criar novas oportunidades para a profissão, incentivando atitude empreendedora pelo profissional.

O aumento do número de mulheres sendo aprovadas no vestibular para o curso, também poderia contribuir para esse direcionamento para a clínica, já que, segundo alguns entrevistados, elas teriam maiores inclinações para se dedicarem à clínica de pequenos animais. Esse assunto será discutido ao final desta seção.

(...) a grande maioria... principalmente por aqui na universidade... estarem entrando principalmente meninas, sexo feminino, eu acho que entram muito voltados para a clínica. E também pela nossa universidade preparar mais para a clínica eu acho. Por haver maior... em termos de hospital bem equipado, dos nossos professores das últimas fases também e até das primeiras. Se for pensar assim... a parasitologia é voltada para a clínica. As nossas matérias desde o início são voltadas para clínica. fisiologia...: "Vocês vão ver lá na clínica", semiologia... tudo preparando para a clínica. E essas matérias mais ... produção é no final do curso. O aluno entra com aquela visão e fica durante muitos semestres com aquela visão. E como aconteceu comigo... Na oitava fase a gente tem inspeção e olha aquele outro lado, que é outro lado. É uma coisa assim que se for pensar é muito restrito, fazer no final do curso para poder pensar, fazer estágio, ver isso. Agora quem já tem pai médico veterinário ou familiares ou amigos já sabem, ou que já trabalha na produção também a gente tem como fazer estágios, por exemplo na bovino de leite, na suíno [Suinocultura]. Aqui são muito poucos alunos que aproveitam, é muito restrito o número de alunos que têm acesso também a essa informação, que têm os estágios aqui, e também a própria universidade. (F06)

(...) tudo é voltado para pequenos. Até achei que aqui quando eu ia chegar ia ser um pouco mais para grandes, mas aqui tudo é voltado para pequenos. Pelo menos é assim que eu penso. (...) As próprias disciplinas porque o que é uma disciplina de grandes animais hoje tem poucas práticas, a gente não tem muita saída à campo. É pouco assim a gente vê pouca coisa, se não fizer estágio você não vê quase nada. (...) Eu acho... antigamente não era assim. Eu acho que depois que começou a entrar muita mulher, começou a mudar um pouco. (...) Mudou muito. Pelo menos o que eu fiquei sabendo de colegas que já saíram que antigamente aqui era bem mais voltado para grandes e agora na sala mais da metade é mulher, e mulher tende a ir para esse lado, para pequenos. (F08)

Um dos entrevistados que acreditou ter ocorrido modificações em sua compreensão da profissão, se direcionou mais ainda para a Clínica Veterinária guiado por informações recebidas durante o curso:

Eu acho que todo mundo tem uma mudança. Logo que eu entrei... Geralmente quando a gente entra, todo mundo fala: "Vai cuidar de animalzinho". Eu gostava muito de animais. (...) Quando eu entrei, eu queria trabalhar com animais silvestres. (...) Eu mudei porque eu fui atrás de informações sobre essa área e me disseram que para o veterinário é difícil trabalho nessa área. Até a gente vê, curso de especialização, essas coisas, é bem difícil de encontrar no Brasil e como eu gostava da clínica também eu achei que ia ser mais fácil. Não que... É que na verdade eu tinha aquela dúvida ou animais silvestres ou pequenos animais e aí com aquelas informações que era difícil, o mercado era mais para biólogos. Não que não tenha, mas tem que ter um esforço assim, nossa... Muita vontade mesmo para conseguir. (F03)

Outras vezes, pode ter ocorrido uma mudança na forma de encarar a profissão impulsionada pelas próprias limitações do curso ou pela visualização de oportunidade de trabalho em outras atividades:

Mudei, até com relação ao que eu queria fazer. Entrei pensando em trabalhar com equino antes de sair trabalhando com aves. (...) Primeiro pela dificuldade, acho que trabalhar com equinos a gente aqui não tem muito contato. Aqui na faculdade mais é com pequenos do que com grandes e daí eu fui mudando de opinião. (F05)

Houve muita mudança. (...) É porque antes eu achava que o médico veterinário era aquele médico que era da clínica, do *pet shop*. Eu não via assim tão amplo, tão ampla a atuação do médico veterinário. E agora saindo da universidade... Então todas as matérias que a gente passou, a gente vê que o médico veterinário pode trabalhar desde um laboratório, numa clínica, e conciliar a profissão em duas áreas. Como tem professores nossos que são professores e trabalham em clínica, são professores e trabalham em outras empresas. E a vantagem de ampliar mesmo... É um leque de oportunidades e pelo fato de ter conciliar essas duas coisas. De acordo com a preferência de cada pessoa. (F06)

Dos cinco formandos que não consideraram haver transformações em sua percepção sobre a profissão, dois já vinham mantendo contato com profissionais da área e os pais tinham propriedade rural. A noção da amplitude do trabalho em Medicina Veterinária é obtida quando ocorre um contato mais direto com a profissão, seja pelo acompanhamento de médicos veterinários, seja no defrontamento com as diversas áreas ao longo do curso:

Eu já tinha bastante dados, já conhecia bastante veterinária, já sabia o que era que eu ia fazer. (...) Eu pesquisei, eu tenho... meu pai tem vários amigos veterinários, antes de eu fazer vestibular eu ia com eles para atendimento, para ver o que era, o que eles faziam, e eu estava interessado em fazer o curso e fui vendo como é que era o curso e corri atrás para ver. (F09)

Dois alunos consideraram que ampliaram sua visão sobre a profissão, apesar de julgarem não ter havido uma modificação da mesma. Um deles percebeu a atuação do profissional sobre a prevenção voltada para a economia e produção, porém sem refletir mais atentamente sobre a saúde humana:

(...) Do curso, não mudou muito a minha opinião, abriu mais o meu horizonte que era mais direcionado... eu achava que a medicina veterinária era sempre direcionada mais a uma atuação curativa. Mas hoje eu vejo que a atividade preventiva até é muito mais interessante do que a atividade curativa. Abriu muito mais o horizonte das áreas que são possíveis do médico veterinário trabalhar. (...) Eu sempre... observando a evolução da medicina veterinária ao longo do tempo que no começo era sempre como uma atividade curativa, era sempre medicando, tratando. E foi se expandindo, foi aumentando a produção, principalmente a produção animal que é a de maior interesse econômico tanto para o povo, para os produtores e para o médico veterinário que atua nessa área. Então, a atividade preventiva é muito mais lucrativa, porque você vai gastar menos para prevenir uma coisa que pode às vezes sair caro. (...) Eu acho que leva o veterinário a pensar nessa, pensar na atividade preventiva como uma atividade que seja melhor, que vai ser economicamente mais eficaz prevenir do que remediar, independente do tamanho do seu rebanho. A atividade preventiva vai te trazer um retorno muito maior em termos financeiros do que você ficar tratando ali para... ou gastando sempre para curar o animal ao invés de... numa atividade preventiva você não vai deixar ele ficar doente. (F13)

b) Atividades consideradas mais interessantes pelos formandos, dentro da profissão

Quando os alunos eram estimulados a revelarem quais atividades consideram mais interessantes dentro da profissão, a produção animal e a clínica médica foram as mais citadas, com dez indicações cada uma, havendo vários registros para outras atividades (tabela 55).

A ordenação dessas atividades nos estilos de pensamento em Medicina Veterinária pode ser verificada na tabela 56. Nota-se que quando se distribui as atividades consideradas como mais interessantes dentro dos estilos de pensamento na profissão, ocorre uma preferência pela Clínica Veterinária, mas com um equilíbrio entre os dois outros estilos. Pelos discursos dos alunos, observa-se que eles têm uma idéia dos diversos setores da profissão e conseguem distinguir as diferentes formas de atuação do médico veterinário:

Essa área de medicina preventiva, acho interessante, que trabalha com a parte de zoonoses. (...) É uma área que eu acho interessante. E assim, fora da área de clínica e cirurgia, eu gosto de um pouco de... eu acho interessante o manejo e tudo. Mas eu acho que eu não seria tão bom nessa área, eu não tenho tanto interesse, por isso que eu não vou para essa área. Mas acho interessante a produção de alimentos, tudo. Eu gosto de aprender sobre isso, mas não pretendo seguir essa carreira. (F01)

Eu acho bem interessante essa parte de clínica, é a parte que eu gosto. Eu sei que tem bastante gente que faz até (...) Eu acho bem interessante essa parte. Eu acho interessante também esta parte de prevenção, inspeção, essas coisas, mesmo eu não gostando. Eu não gostaria de trabalhar nessa área, mas eu acho bem interessante, e todas as áreas assim (...) mas a gente acaba cuidando da saúde do ser humano. Mas todas as áreas são assim, até mesmo na clínica. (...) (F03)

Dos 12 formandos que citaram a área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, a maioria reconhece sua importância para os seres humanos e um deles aponta para a ligação entre a medicina preventiva e a produção:

(...) eu acho o que eu gosto mais é inspeção e saúde pública eu acho bem importante também.(...) Eu vejo por causa do lado humano da medicina veterinária porque às vezes, antes de entrar para a veterinária, você acha que só vai cuidar dos animais. Na verdade, quando você vai fazer veterinária você acaba descobrindo que você trabalha muito mais com humanos do que com animais. Você tem que saber lidar mais com pessoas do que com os animais. E é uma parte assim que parece que me dá uma importância na vida das pessoas também porque na inspeção você vai cuidar da alimentação das pessoas. É uma parte que eu considero fundamental, que as pessoas tenham uma alimentação de qualidade, uma alimentação boa. Saúde pública também pelo fato das zoonoses que são bem... que eu acho bem importantes e que tem a ver também com a veterinária. (F17)

Eu gosto mais dessa parte de produção, produção animal. (...) Avicultura, suinocultura. Eu gosto da parte de medicina preventiva também. (...) eu acho que me identifico mais com essa área, essas áreas e elas são interligadas, medicina preventiva com a produção. (F18)

Um dos entrevistados que considera a clínica uma atividade interessante na profissão alerta para o direcionamento do curso para a clínica de pequenos animais e sustenta que a área está bastante saturada em termos de mercado de trabalho. Ele também se pronunciou sobre a diminuição do número de atendimentos e de aulas práticas em clínica de grandes animais. Esses assuntos serão retomados com maior profundidade nas entrevistas com os professores do curso.

Eu gosto bastante da área de clínica, mas eu vejo hoje a área de clínica como uma área muito restrita como ocupada por muitos profissionais e acho que a medicina veterinária não deve ser só limitada à clínica e à produção. (...) Na verdade, quando a gente entra aqui que a gente vê que a nossa clínica da I até a IV, pelo menos as nossas aulas práticas, a experiência que a gente tem aqui, é clínica de pequenos. E a maioria das pessoas que saem daqui, boa parte, pode-se dizer tranquilamente 40% querem trabalhar com clínica de pequenos porque tem mais afinidade por essa área. Então, a demanda de profissionais nessa área é muito grande. As pessoas... esses 40% de cada turma que sai vão procurar trabalhar numa clínica, trabalhar numa agropecuária, então satura o mercado nessa área. Têm muitos lugares que não têm nem clínica veterinária, mal e mal têm uma agropecuária. Mas têm outros, por exemplo, Florianópolis e Joinville, grandes centros que têm trinta cinquenta clínicas em uma cidade só. Então é isso que eu estava me referindo da área de clínica estar tão saturada assim. (...) Mas como o interesse da maior parte da turma é pela área de pequenos animais, é lógico, cada um tem seu interesse, pergunta, tira a sua dúvida, mas o currículo... o nosso conteúdo das disciplinas fica um pouco direcionado para a área de pequenos animais. Eu acho que o nosso Centro aqui sempre teve, como eu tinha dito antes, sempre teve fama de ser um Centro que explora bastante a parte de grandes animais, tanto de cirurgia, como de clínica. (...) Às vezes vêm estagiários aqui e olham que... e chegam aqui e ficam decepcionados, pouco movimento... talvez pela conscientização do produtor da nossa região aqui ser... contribuir para poucos casos clínicos aparecerem aqui no hospital, é mais no campo assim. (...) Porque o nosso produtor... o produtor da nossa região serrana aqui ele não é muito... está doente vem um veterinário lá, ele não traz aqui. Fica ruim para ele também às vezes trazer aqui. Então até para registrar os casos, para fazer uma epidemiologia de alguma patologia a gente não tem dados, quase não chega aqui. (...) (F13)

- c) Atividades consideradas pelos formandos como mais promissoras em relação ao mercado de trabalho

As atividades relacionadas com a produção animal, especialmente a suinocultura e a avicultura foram consideradas as mais promissoras dentro do mercado de trabalho veterinário, como pode ser visto na tabela 57. Quando as atividades enumeradas na tabela são dispostas dentro dos estilos de pensamento na profissão, o domínio da Zootecnia e Produção Animal concentra a maioria das opiniões dos entrevistados (tabela 58).

Como já foi comentado, Santa Catarina é um grande produtor de suínos e aves e a maior parte dos entrevistados é proveniente deste estado. Estes fatores favoreceriam a lembrança do setor de produção de alimentos como um espaço profissional promissor, como pode ser visto a seguir:

Avicultura, suinocultura no nosso estado, sem dúvida, sem sombra de dúvida. A demanda... até agora deu um pouco uma diminuída, mas a procura por médicos veterinários para trabalhar na área de produção e fomento da avicultura e suinocultura em Santa Catarina é muito grande. (...) Toda a turma de formandos se tiver dez que querem trabalhar com suinocultura, tem dez empregados. Se querem trabalhar com avicultura, dez empregados também. Normalmente a área de produção animal. Nosso Estado é mais direcionado a avicultura e suinocultura. Mas a área da medicina veterinária que emprega mais eu acho que é a área de produção animal. (F13)

Dois discursos chamaram a atenção: Em primeiro lugar, dois entrevistados afirmaram que a área de Clínica Veterinária está saturada, tendo um número excessivo de profissionais que atualmente se dedicam a ela. Um deles se pronuncia a respeito de áreas escolhidas para estágio obrigatório pelos formandos:

Já na nossa área de clínica talvez esteja meio saturado já. Mas é questão de dedicar, de trabalhar com o que eu gosto. (...) Eu acho até como exemplo que a gente vê, que acontece aqui quando... cada final de semestre a gente vai ver as bancas que vão ser apresentadas dos alunos que estão se formando, a gente vê lá: clínica de pequenos animais, clínica de pequenos animais, cirurgia de pequenos animais. Aí de vez em quando tem suinocultura, bovinocultura de corte, aí vem clínica de pequenos animais. Eu não sei se é só a nossa faculdade assim, mas pelo menos os profissionais que saem daqui, a maioria é só para trabalhar com pequenos animais e com clínica ou cirurgia. Então...e a gente sabe por Floripa que tem mais de setenta clínicas, eu acho, só em Floripa. É muito saturada, a gente sabe de veterinários que trabalham em clínica, que ganham pouquíssimo em comparação a veterinários que trabalham com suínos. Então eu acho que essa saturação está fazendo com que caia o valor do médico que trabalha com pequenos e do valor do médico que trabalha com grandes animais. (...) médico veterinário para pequenos tem um monte, qualquer um serve. Tem o seu valor, como eu falei, os melhores vão ter lugar, o seu espaço. Se o cara não for bom, vai acabar falindo uma clínica que ele abriu e os caras que são melhores vão ter lugar no mercado. Valor remunerado também acaba influenciando. E para suínos mesmo tem um amigo nosso que se formou que ele falou que ele podia escolher onde trabalhar, que tinha três, quatro propostas de emprego e ele ia analisar a melhor para ele escolher para trabalhar. Então é uma área que está bem promissora, principalmente com exportações, aqui no estado mesmo é muito promissora. (F12)

Apesar da constatação acima, o setor de Clínica Veterinária continua sendo bastante enfatizado e o curso prossegue sendo direcionado porque este estilo de pensamento predomina sobre os demais estilos. A análise detalhada das entrevistas entre os professores e também o exame da grade curricular do curso evidencia essa constatação. Os profissionais que atuam nos outros dois segmentos da profissão devem procurar reforçar o estilo de pensamento do qual fazem parte, buscando apoio principalmente da população.

O outro ponto que se destaca é a declaração de um formando sobre a ocupação do espaço profissional pelas mulheres em alguns setores da Medicina Veterinária:

Hoje, eu acho que é mesmo a área de produção, tanto de produção industrial como na área de fomento. Porque é o que está, pelo menos em Santa Catarina é o que está oferecendo maior número de empregos. Apesar de ter a restrição de muitas empresas não aceitarem o sexo feminino na área de fomento, mas eu acho que é o que está oferecendo melhor em termos de mercado de trabalho. É o que está em maior desenvolvimento, também pelas exportações. Mas a clínica também é uma coisa que sempre é necessária então sempre haverá alguém disposto a pagar bem para ter o seu animal vivo e bem de saúde. Mas, eu acho que hoje em dia o que está em maior desenvolvimento é a produção mesmo. (F06)

Parece que ainda há dificuldades para o pleno exercício profissional pelas mulheres. Este é um assunto que merece um estudo mais aprofundado na região, com a análise detalhada da situação atual da atuação das mulheres na profissão, não apenas em termos de colocação no mercado de trabalho, mas também com relação à discussão sobre a forma como as médicas veterinárias encaram sua

profissão. Alguns depoimentos interessantes sobre isso serão mostrados na análise das entrevistas com os médicos veterinários mais adiante.

A Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, apesar de pouco citada, ainda se encontra à frente da Clínica Veterinária em termos de oportunidade de trabalho. A atividade que impulsionou esse resultado foi a Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal, reconhecida por alguns pela estabilidade financeira que proporciona:

Eu acho que a inspeção tem crescido bastante, pelo menos é o que todo mundo está falando ultimamente, que eles estão precisando de veterinários tanto que está saindo vários concursos, vai sair concurso do Ministério de novo para chamar veterinário. Eu acho que eles ficaram muito tempo sem contratar ninguém do Ministério, os veterinários estão ficando velhos e estão se aposentando. Agora eles estão precisando de veterinários. (...) (F17)

d) Opinião dos estudantes sobre a formação recebida no curso

Quase todos os entrevistados (14) confirmaram que o curso lhes forneceu uma base suficiente para competirem no mercado de trabalho. Porém, dois colocaram restrições principalmente relacionadas à experiência prática prévia na área de possível atuação profissional.

É assim... eu pelo menos que estou no final... Chega no final, eu não sei, todo mundo pensa assim: "Eu não sei nada". Então é estranho assim... A gente começa a pensar: "E depois, quando eu tiver com o animal na minha frente, o que é que eu vou fazer?" Dá medo, mas... eu noto até... eu faço plantão no hospital... Devagarinho a gente vai indo. Sabe, a gente consegue, se é a área que... Com clínica, vamos dizer assim, é a que eu consigo me virar, sabe. Eu não sei tudo, tenho certeza que eu não sei tudo. Eu me sinto insegura, mas eu vou atrás. Se é um caso que eu não sei, eu vou atrás, pego o livro. Eu sei onde buscar a informação. Agora se é uma área muito diferente, daí não dá mesmo. (F03)

Eu acho que fazendo algum estágio correlacionado, sim. Durante o curso se fizer algum estágio, eu acho que sim. (F05)

Quatro formandos não consideraram que o curso tenha lhes proporcionado um conhecimento básico para disputar com outros profissionais. Um deles acena para o problema já levantado anteriormente de que o curso não acompanha o desenvolvimento dos conhecimentos na Medicina Veterinária:

(...) Eu acho que se você quiser sair no mercado, num mercado de trabalho como um profissional competitivo, tem que correr atrás. (...) Porque aquele profissional que a veterinária tinha há quinze anos não é o mesmo profissional de hoje e quem não continua se atualizando fica para trás e não tem mercado para esse tipo de profissional. (...) Eu acho que o nosso currículo do curso de medicina veterinária tinha que ser atualizado. Pelo menos o nosso Centro aqui, eu acho que devia sofrer pelo menos uma nova análise. Algumas cadeiras... (...) pelo menos que sejam remodeladas, direcionar o conhecimento mais específico ou mais atual. Tem coisas assim que são... que nem são mais usadas hoje e são passadas para a gente como corretas. Às vezes a gente pode... a gente corre atrás e olha ali, procura em literatura, procura trabalhos e vê que não é bem assim. Procura com os profissionais que estão no campo, que já se formaram há dez, ou se formaram há quinze anos e que aprenderam isso no curso e hoje usam outras técnicas, ou desenvolveram outras técnicas e publicaram trabalhos e utilizam isso no seu dia a dia como manejos corriqueiros. (...) Alguns relutam um pouco em se atualizar. Está certo que cada um tem a sua mentalidade, personalidade, mas é para o bem do curso. É para beneficiar os alunos e formar profissionais mais bem preparados. (F13)

Um outro acadêmico que sustenta que o curso não fornece base suficiente, explicou que o curso prepara o aluno para buscar conhecimento:

Não. Eu acho que o curso ele te ensina a estudar, a procurar. O que você vai precisar para trabalhar é da prática mesmo, é da vida profissional. Então o curso ele só vai te abrir uma porta e você vai saber onde procurar, que tipo de... a literatura, a bibliografia, onde procurar, com quem. Te dá só uma noção.(...) porque tudo é muito superficial. (F15)

Dois formandos entendem que o curso lhes fornece uma base, porém ela não é suficiente para atuação na vida profissional. Um deles repete o discurso do entrevistado citado anteriormente:

Eu acho que nem um curso oferece totalmente a base. O que a gente vai aprender é no início, a gente se forma daí a gente vai trabalhar e a gente continua aprendendo. A base tem, assim. Mas você vê que não está pronto. Só que você vai ter que começar a trabalhar. (F16)

Sabe-se que uma das funções do processo educativo é proporcionar autonomia ao educando. Entretanto, certos cuidados devem ser tomados. Como já foi discutido anteriormente, se determinados conhecimentos sequer são colocados à disposição do aluno, ele não vai conseguir desenvolver uma visão completa e ao mesmo tempo crítica acerca de determinado assunto, tornando-se incapaz de ir em busca do que desconhece e de fazer escolhas. Certos conhecimentos fundamentais para o exercício profissional, especialmente aqueles ligados aos estilos de pensamento em Medicina Veterinária, devem ser trabalhados para que o estudante possa recorrer a maiores subsídios quando necessário.

e) Área na qual os formandos pretendem se especializar

As atividades nas quais os alunos pretendem se especializar depois de formados estão descritas na tabela 59. A lista é encabeçada pela Clínica Médica que foi mencionada quatro vezes, seguida pela Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal – relacionada três vezes. Alguns entrevistados principalmente os formandos do segundo semestre de 2002, demonstraram ter dúvidas com relação ao tipo de atividade que poderiam se especializar. A ordenação desses itens dentro dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária podem ser visualizados na tabela 60.

Alguns alunos indicaram tendência para executar atividades em mais de um estilo de pensamento como por exemplo, trabalhar com gado de leite (estilo da Zootecnia e Produção Animal) juntamente com reprodução (estilo da Clínica Veterinária), que estão bastante inter-relacionadas. Às vezes, é manifestada tendência para o estilo da Zootecnia e Produção Animal, mas também associada com a parte de doenças (Clínica Veterinária).

Eu acho que avicultura, nessa parte de patologia aviária. (F05)

O interesse por ocupações de diferentes estilos de pensamento demonstra a grande proximidade e integração entre os diversos setores de atividade a eles correlacionados. Apesar dos entrevistados terem efetuado diferentes escolhas, o estilo de pensamento predominante é o de Clínica Veterinária.

A atividade em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ainda não está muito difundida entre os alunos, talvez porque esteja relacionada a um trabalho que envolve o exercício da função em organismos governamentais, estando na dependência da abertura de vagas, enquanto que na clínica de pequenos animais, por exemplo, o profissional pode trabalhar como autônomo. Os dois entrevistados que demonstraram uma certa indecisão quando lhes foi perguntado a respeito da especialidade que pretendem seguir depois de formados citaram a atividade de Inspeção e Tecnologia de Alimentos (estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública), sendo que um deles revelou indecisão entre a Inspeção e a Cirurgia em pequenos animais, na dependência do local em que estivesse empregado.

Daí vai depender do emprego, em que área eu ficar empregada, porque eu não vou fazer de repente... ficar empregada em inspeção, resolver fazer uma especialização em pequenos, não tem nem cabimento. Mas dependendo da área eu pretendo fazer especialização com inspeção e tecnologia, mesmo que agora o estágio final seja com produção industrial voltada à qualidade, mas no estágio final voltado à inspeção e tecnologia que também entra esta parte de qualidade. E se eu ficar na área de pequenos, fazer alguma coisa voltada à cirurgia. (F06)

Talvez na inspeção, mas eu não tenho ainda um objetivo de especialização. Num futuro próximo talvez na inspeção mesmo. (F07)

f) Compreensão dos formandos sobre a área na qual está inserida a Medicina Veterinária

Quando interrogados sobre a área de conhecimento a que pertence a Medicina Veterinária apenas um dos entrevistados associou o curso à área de ciências agrárias.

Eu acho que devia ser das ciências agrárias. Pela situação do país agora, eu acho que a gente está... o médico veterinário é mais bem aproveitado na área de produção. Eu acho que ele vai fazer um trabalho muito melhor, um trabalho social muito melhor. (...) Ele atuando na área... na área de produção vai provendo mais o país de alimentos. E isso aí vai ser muito bom para o país. Aumentando a produção, a gente tem a capacidade de aumentar muito a produção em vários setores e isso aí vai com certeza, tendo um serviço nesta área, acho que vai ser melhor do que ficar numa clínica atendendo cachorro. (...) Eu acho que ele se enquadra em todas, mas o que eu acho mais importante é a área de produção, de saúde... de preventiva assim também na própria veterinária. (...) É porque nas ciências agrárias a gente trabalha em inspeção, trabalha em produção e eu acho que isso é bastante importante. (F09)

A metade dos entrevistados associou a Medicina Veterinária tanto às ciências agrárias quanto à área médica, biológica e da saúde. Na visão destes alunos, a atividade a ser executada pelo médico veterinário é que seria o indicativo da área, estabelecendo vínculos ora com as ciências biológicas, médicas e da saúde, ora com as ciências agrárias.

Uma noção aparece de forma bastante intensa nos discursos de alguns formandos. Para eles as atividades relacionadas à Clínica Veterinária – que envolveriam mais conhecimentos e atitudes médicas curativas pela sua concepção reducionista de saúde e doença – aproximariam a profissão das ciências biológicas, médicas e da saúde. Por outro lado, por desenvolverem ações ligadas à produção e prevenção, o componente higienista/preventivista da Zootecnia e Produção Animal e também da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública conduziram as atividades ligadas a esses campos para as ciências agrárias. Pelo fato da Zootecnia

e Produção Animal manter um forte componente econômico, as ações preventivas são efetuadas com o propósito de garantir a produtividade do rebanho:

Dependendo de que visão você tem da medicina veterinária. Se você é um clínico é da área da saúde, biológica. Agora, por exemplo, se você trabalha com extensão rural ou até mesmo com inspeção aí você é considerado como ciências agrárias. Depende de que... pela amplitude acho que deve ser considerado as duas coisas. Porque pela amplitude ele desempenha... o médico veterinário não tem como dizer é só da área biológica ou é só da área... Por exemplo, muitos veterinários trabalham com agrônomos em empresas, cooperativas. Como considerar profissional da área da saúde? Só da saúde não. (F06)

Poucos entrevistados deste grupo associaram as atividades profiláticas realizadas em favor dos seres humanos à área das ciências biológicas, médicas e da saúde:

Acho que das duas. (...) Porque... ciências agrárias é o profissional que está ligado ao campo, de melhoramento de campo nativo para produção de carne, para produção de alimento mesmo para o homem. Esse seria das ciências agrárias. E o das ciências médicas, biológicas está meio envolvido também, porque o profissional que trabalha na agrárias tem que fazer profilaxia de doenças, mesmo que seja zoonoses que vão ser transmitidas para o homem, então ele está atuando na ciência médica, ligado a agrárias. E além da ciência médica como o profissional que trabalha com pequenos animais, na prevenção de zoonoses para os humanos, ou controle de ratos, é uma ciência médica. O profissional que está mais para a preventiva, mesmo assim, medicina preventiva. Você está ligado às duas áreas. (F11)

Os outros nove acadêmicos escolheram a alternativa que estabelece a relação da profissão apenas com as ciências biológicas, médicas e da saúde. Nesse caso, as atividades ligadas ao estilo de pensamento associado à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública aproximariam a Medicina Veterinária das ações desenvolvidas por outros profissionais ligados à saúde. Para este último grupo de entrevistados, a concepção social de saúde e doença da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública é que desempenha um papel fundamental nessa associação, como pode ser observado:

Biológicas e da saúde eu acho. (...) Uma porque ele trabalha justamente com isso. Agrárias acho que é muito restrito, porque agrárias o pessoal, o profissional vai trabalhar só com o animal. Mas, na verdade você não trabalha só com o animal. Lá no campo você trabalha com animais, na cidade trabalha com pessoas que se envolvem com esses animais, sempre tem alguém pedindo uma orientação: "Olha, tem isso, será que eu vou pegar, será que não?" Você é responsável pela saúde. O veterinário é profissional de saúde como um médico é. Não é porque ele é veterinário que é de ciências agrárias. (...) Acho que é mais biológicas e saúde mesmo. Eu acredito que seria isso. (F04)

Eu acho que da segunda opção. (...) Como nas ciências agrárias tem muita gente que está ocupando o lugar do médico veterinário, eu acho que agora tem muita gente procurando esta parte de pastagens, eu acho importante também. Mas eu acho que mais importante ainda é o lado da produção animal, da saúde pública. Acho bem mais importante. (...) Eu acho assim que devia ter mais gente na população, porque ninguém sabe que o médico veterinário que cuida da inspeção, que é o médico veterinário que lida com zoonoses, com saúde pública. Então eu acho que devia ter mais... ser mais difundido isso que o veterinário faz, no caso. Então, esses dias teve uma propaganda que falava do médico veterinário que mostrou na clínica de jaleco, não mostra esse outro lado, que eu acho bem mais importante para a população do que a clínica de pequenos. (...) (F08)

Neste último grupo, que relacionou a Medicina Veterinária às ciências biológicas, médicas e da saúde, apenas um formando indicou o trabalho do médico veterinário exclusivamente relacionado com as atividades de Clínica Veterinária, explicando os procedimentos voltados para a cura de enfermidades. Nesse caso, a expressão “médicas” é bem marcada por atitudes que denotam uma concepção reducionista:

Biológicas e médicas. (...) Biológicas porque está ligado a biologia, ele tem que saber tudo. Acho que é o estudo ligado a parte da biologia e o médico veterinário tem que saber. (...) Médicas porque já está falando: médico veterinário. Ele tem que saber coisas sobre doenças, cirurgia, faz parte do currículo e do médico quando ele se formar vai aprender a fazer cirurgia, aplicar medicamento, nessa área de farmacologia saber os fármacos a serem aplicados. (...) Saúde porque se não souber, digamos assim, medicar o animal... vai ter que saber a partir dos sintomas que ele estiver sentindo...Você vai ter saber medicar... Qual o tipo de medicamento. (F10)

Por haver distintas concepções de saúde e doença permeando os estilos de pensamento associados à Medicina Veterinária, e por consequência, diferentes procedimentos, atitudes e visões dentro da profissão é difícil estabelecer uma idéia clara sobre a área na qual a profissão pertence. Os alunos conseguem perceber que na aproximação da medicina veterinária tanto com a área agrária quanto com a área da saúde, está subentendida a preocupação com a saúde da população. Mesmo quando as atividades estão voltadas para os animais, o alvo principal da Medicina Veterinária é a saúde humana.

7.2.4 Percepções dos formandos sobre o Trabalho do Médico Veterinário em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Todos os entrevistados, quando solicitados para discorrerem sobre o trabalho do médico veterinário em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, foram unânimes em enfatizar a importância desse tipo de atuação. Os acadêmicos

citaram principalmente as tarefas executadas em relação às zoonoses e à educação em saúde, ressaltando o valor deste profissional para a sociedade e o relacionamento com as outras atividades da medicina veterinária na prevenção de doenças. Vale destacar a importância de serem trabalhados com os alunos conteúdos de educação em saúde pelos conhecimentos que esse profissional apresenta e pela penetração que ele tem em determinados segmentos da sociedade, como foi explorado pelos entrevistados:

Eu acho que é importante no sentido de combater, de esclarecer as pessoas sobre as zoonoses. Sobre o que ele... sobre o que a pessoa está propensa, doenças que podem acontecer. Eu acho que ele é um meio de conscientização. (F07)

Eu acho um trabalho super importante para a população porque o veterinário tem conhecimento por exemplo das zoonoses, ele tem conhecimento do que pode causar no homem. Eu acho importante a gente chegar na comunidade, explicar (...) (F08)

Alguns estudantes apontaram a participação do médico veterinário nas equipes de saúde juntamente com outros profissionais. Mas, ao mesmo tempo, indicaram limitações em relação à não ocupação desse espaço na execução atividades que são pertinentes exclusivamente ao médico veterinário e que não podem ser desempenhadas por profissionais com outro tipo de formação.

Saúde pública eu acho que é essencial. Eu acho que é uma área que se não está crescendo, vai crescer bastante. E eu acho que o médico veterinário deveria trabalhar em equipes, com o médico humano. Eu acho que o médico veterinário é o profissional que mais conhece sobre zoonoses e ele é de fundamental importância mesmo nessas equipes. (F03)

Um formando declarou que o médico veterinário muitas vezes não conquista o lugar que lhe é reservado na saúde pública, por uma falta de orientação do curso de uma maneira geral para este tipo de atuação:

Eu acho fundamental. Mas geralmente acontece muito pouco na prática o médico veterinário estar associado. Geralmente quem faz isso são biólogos ou os próprios médicos. Eu acho que seria fundamental mesmo o veterinário pegar a área que realmente é dele, saúde pública. Junto com sanitaristas, assistentes sociais, médicos. (...) Porque ele é muito voltado para a clínica. Ele não tem essa visão de... ou ele é clínica, ou ele trabalha para a produção ou... só. Acho que é só isso que ele pensa. Acho que não tem... uma porque não tem mercado para sair direto para ser... para trabalhar na saúde pública. Ele não busca isso. Ele já é bastante orientado desde o começo do curso até o final para ser clínico, para ser cirurgião, para ser... (F04)

Quatro entrevistados são de opinião que há um número pequeno de médicos veterinários atuando em saúde pública, muitas vezes porque o próprio curso não prestou maiores esclarecimentos sobre este tópico. Um dos acadêmicos

resume algumas observações já feitas anteriormente sobre essa discussão, elucidando a teia de relações estabelecidas entre os estilos de pensamento.

(...) Pouco, tem muito pouco veterinário mexendo na saúde pública. (...) Então... acho que acaba que aqui dentro da faculdade, por exemplo, eles vão mostrar para a gente o que é saúde pública agora, entendeu, na hora que a gente está na porta de saída. E que até então a gente fica sabendo que existem as zoonoses, por exemplo. Mas o que ninguém fala para a gente... só fala assim: "Se cuida, porque aquilo é uma zoonose." Não fala, não conta para o seu vizinho que aquilo é uma zoonose. Ninguém fala para a gente passar essa informação tipo: "Isso pode acontecer, se você fizer isso ou fizer aquilo." E acho que a gente acaba descobrindo isso... Não que a gente não saiba, mas se alguém vier e cutucar a gente e falar: "Olha, gente tem que..." Então eu acho que tem muito pouco veterinário fazendo saúde pública. (...) Eu acho que porque ninguém estimula a gente a fazer saúde pública. Todo mundo estimula a gente a clinicar. Todo mundo estimula a gente a... sei lá, a trabalhar com bicho, a trabalhar ali no... entendeu. (...) Todo mundo quer que a gente trabalhe com bicho, com bicho, trabalhe com o bicho. (...) (F14)

a) Conhecimentos dos formandos sobre as atividades desempenhadas dentro da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Quando indagados sobre o tipo de trabalho realizado dentro da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, foram relacionadas inúmeras atividades (tabela 61). Dentre as áreas de atuação do médico veterinário na saúde pública mencionadas pelos formandos, o controle de zoonoses é a principal, seguida pela educação em saúde. O espaço dedicado a este último tópico deveria ser mais bem explorado dentro do curso. Chama atenção a forma como os alunos vêem a educação em saúde, pensando em ações comunitárias com uma abordagem preventiva.

Eu gosto de educação. Eu gosto... eu gosto de dizer para as pessoas que elas podem fazer bem para elas mesmas. Eu faço isso muito em casa assim, por exemplo, que existem muitas coisas que você não deve fazer porque vai ser pior para você. (...) Para mim tudo vai acabar girando em torno da educação. Porque independente do que você queira fazer você vai ter que acabar mostrando para alguém ou para outra pessoa como é que faz porque você sozinho não vai conseguir fazer. Então eu acho que tudo vai acabar girando em torno da educação. Acho que as pessoas que se envolvem com saúde pública, se envolvem bastante com a educação de populações inclusive porque você precisa da sociedade em geral para conseguir atingir um objetivo qualquer que seja ele dentro da saúde pública. (F14)

b) Interesse dos formandos em se dedicar à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Quando perguntados se trabalhariam em Saúde Pública, a grande maioria dos estudantes (16) respondeu afirmativamente, quatro alunos indicaram dúvida em trabalhar na área. Entretanto, quando indagados, em pergunta anterior, sobre quais as atividades da Medicina Veterinária consideravam mais interessantes, dois entrevistados haviam revelado espontaneamente que não trabalhariam na área (ver declarações de F01 e F03 na alínea b do item 7.2.3). Por estas declarações, fica difícil avaliar se realmente os entrevistados exerceriam atividade na Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ou não, e todos os motivos que os levariam a rejeitar ou aceitar atuar no setor.

É importante lembrar que para o exercício dessa atividade, o profissional normalmente se encontra vinculado ao serviço público, estando na dependência de abertura de vagas para concurso ou processo seletivo. Além disso, não é uma atividade com alta remuneração, mas representa uma fonte de renda garantida, se for comparada com a iniciativa particular. As circunstâncias ou condicionamentos relacionados à oportunidade de trabalho listados pelos entrevistados foram as seguintes: a) optaria pela área se não obtivesse colocação na atividade escolhida; b) escolheria se precisasse e se houvesse disponibilidade de emprego, c) trabalharia se tivesse oportunidade. As afirmações a seguir ilustram os condicionamentos feitos pelos formandos:

Eu trabalharia. Se fosse... Eu acho interessante... é que eu gosto mais de pequenos, então não adianta. Mas tipo assim numa equipe médica se precisasse e se eu não tivesse emprego eu trabalharia. (...) (F13)

Não sei, só se eu tivesse passando fome, como eu te disse. Eu acho que é capaz de o cara acabar gostando. Então não é uma coisa que eu falo: "Não, eu não trabalharia." Eu acho que se aparecesse uma oportunidade de eu trabalhar e eu tivesse precisando um emprego assim, com certeza trabalharia e acabaria, eu acho que acabaria gostando. Porque trabalhar com uma coisa que não gosta, eu acho que não rende, porque senão você não tem vontade de trabalhar, o teu trabalho vai sair mal feito, pode até ser bem remunerado, mas você vai fazer com má vontade. Então é uma coisa que se tiver gente para trabalhar com isso, eu prefiro deixar quem goste de trabalhar com isso. Eu trabalharia, mas não sei. (F12)

Em questão anterior, um entrevistado fez a contraposição com relação à disponibilidade de vagas pelos organismos públicos e chamou a atenção para o fato de que as prefeituras municipais contratam um número muito pequeno de médicos

veterinários para trabalharem na área e, desta forma, não haveria colocação para todos. Além do mais, alguns setores da saúde não abrem vagas para médicos veterinários em seu quadro funcional. Ainda assim, este aluno destacou a importância desta atividade para a sociedade:

Pena que é uma coisa que é.... que não é explorada, não tem área para todo mundo. Não adianta... Eu acho, pelo que eu ouço, acho que tem que se falar sobre isso. Eu acho que não tem área, as prefeituras contratam muito pouco. O veterinário poderia trabalhar em todos os hospitais que existem, eles poderiam acho que teria área para ele. Eu acho que seria interessante isso, pelo menos uma vez por semana o veterinário ir lá, trabalhar na parte de zoonoses, cuidar disso. (F01)

Por outro lado, enquanto comentavam sobre o trabalho do médico veterinário em saúde pública, ressaltando sua importância, dois formandos consideraram as vantagens de ser um servidor público. Eles reconheceram esse fato, possivelmente porque normalmente sendo uma atividade desempenhada em órgãos públicos, seria uma fonte de renda assegurada para quem trabalha na área.

Em saúde pública, essa área dá dinheiro e muito. (F02)

Se eu conseguisse trabalho, eu trabalharia. Porque isso é órgão público. É um trabalho garantido, se você entrar lá, ninguém te tira mais. Eu vejo também por esse lado, você tem que tentar também, de vento a gente não vive. Então, se aparecesse uma oportunidade, trabalharia sim. Eu faria de tudo para ser uma boa veterinária de saúde pública(...). Poderia fazer aquilo e uma outra coisa também, porque é oito horas por dia. (...) é um grande estímulo, você tem carteira assinada. Então o que você ganha... se você for autônomo você vai assinar por um salário mínimo, todo mundo faz isso. Tem mais férias, trinta dias de férias, um terço de férias mais décimo terceiro. Então é uma garantia para a sua vida. (F19)

Talvez a percepção que alguns formandos apresentam da atividade como algo rotineiro e entediante, a exemplo do que foi detectado nas entrevistas com os calouros, contribua para a rejeição a este tipo de atividade

Só que eu acho que é um trabalho muito burocrático também, o médico está trabalhando muito com papelada, queira ou não queira vira... mais se for uma prefeitura assim. Eu não gosto muito disso, eu prefiro mais ação assim. Eu não gosto muito de ficar... Se fosse uma coisa mais... voluntariada eu acho que trabalharia, sem medo. (...) Além de não trabalhar no campo fica muito tempo no escritório, preenchendo (...) várias papeladas. (...) Isso não me atrai também como eu acho legal a inspeção que não me atraiu para a inspeção também. É muito papel, muita coisa rotineira assim. Que queira ou não queira você tem uma rotina, você vai ter uma rotina de trabalho. E eu não gosto muito disso, preencher papel... (F11)

Dentro da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, as atenções estão voltadas mais para o aspecto preventivo e para a importância do médico veterinário para a sociedade. Mesmo atuando em Clínica Veterinária, os formandos estão conscientes de que além da concepção reducionista utilizada no atendimento

individualizado, em algumas situações ele deve colocar em prática a concepção social e a concepção higienista/preventivista provindas do estilo de pensamento associado à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

Eu acho que sim. (...) Porque eu acho que é uma área que também está sendo valorizada mais atualmente, antigamente não era dado muito valor, e tem se dado bastante importância para o veterinário. O papel dele na comunidade, está mais aberto. (...) Eu acho assim... que o veterinário era visto só para atender casos clínicos, era chamado só para atender uma vaca doente, um cachorro doente, hoje em dia não, ele já tem...o mercado dele já é diferente, ele trabalha já na prevenção, na orientação, em prefeituras. (F05)

Eu acho que como eu falei antes, como é para ajudar as pessoas, fazer com que elas aprendam, para que elas não venham a sofrer de doenças, a parte ligada a doença... parasitologia, acho importante essa parte. (F10)

Contudo, um acadêmico apontou que o trabalho voltado para populações está mais restrito a determinados tipos de atuação, e que de maneira geral, na Clínica Veterinária, mesmo efetuando uma prática higienista-preventivista, o trabalho continua sendo individualizado, sem o enfoque populacional.

O problema é que ninguém se dedica. Ninguém quer buscar a saúde pública. Quem quer buscar a saúde pública é justamente aquele que está querendo fazer inspeção, ele não tem aquela cultura de sair e ver problemas, solucionar esses problemas que envolvem uma comunidade. Não é típico de veterinário, é típico de procurar o animal que está doente. Acho que não teria problema de se trabalhar com saúde, só que o pessoal prefere trabalhar individual. Acho que tudo o que o veterinário pensa é salvar o animal, com exceção das pessoas que trabalham com produção, que não vão poder trabalhar com animal vão ter que trabalhar com o rebanho, trabalhar com população. Mas eu acho que a pessoa teria condições sim, de chegar numa prefeitura, de assumir um projeto, de assumir a saúde pública e tocar. (F04)

A declaração acima chama a atenção para o fato de que, dependendo da atividade exercida dentro da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, o médico veterinário pode não apresentar uma preocupação social tão acentuada. Isso ocorre porque muitas tarefas envolvem mais diretamente o aspecto da saúde animal, e indiretamente da saúde humana. Nesse caso, a concepção dominante de saúde e doença estaria mais próxima de uma visão higienista-preventivista, o que poderia dificultar a identificação do médico veterinário com as atividades de saúde pública.

c) Opinião dos formandos sobre a ênfase dada pelo curso para o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Quanto à ênfase dada pelo curso para o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, apenas dois formandos foram de opinião que a área recebeu um destaque adequado durante o curso, três explicaram que isso ocorreu em parte e um não respondeu. A grande maioria dos alunos (14) julgou que ela foi pouco explorada, sendo que 11 deles consideraram que ela foi enfocada apenas no final do curso, o que poderia ter condicionado a um direcionamento para outras áreas e também a uma falta de interesse dos estudantes pela saúde pública:

Eu acho que ela é pouco enfatizada no nosso curso aqui. O que a gente mais aprende mesmo é o que a gente está aprendendo agora e a gente está na nona fase já. Então a gente já está saindo praticamente. Então esses dias eu estava falando, agora no final é que se aprende isso. De repente se tivesse sido mais enfatizada desde o início a gente vai desenvolvendo, vai se interessando, vai pesquisando mais sobre a área. Quando chega no final geralmente a gente já está... já tem a área que a gente vai seguir. E é difícil você voltar atrás, agora começar tudo de novo: "Agora eu vou mudar". Eu acho que deveria ser mais no início. Não que no final não tivesse, mas que no início tivesse mais ênfase. (F03)

Olha, porque a saúde pública busca muito das outras cadeiras, e ela justamente está na nona fase, na última fase. Então quando você já vê quase tudo aquilo, ela está lá no final e ela não é enfatizada desde o começo. Porque como eu já falei há alguns minutos aqui, é muito voltado para clínica. (...) Então aqui você tem vago o negócio de saúde pública. Então você pega a saúde pública como realmente é, o conceito certo, como que é a visão da saúde pública, você já está quase saindo, cara, e aí você diz: "Ah, é isso mesmo, é isso daí". Sabe, falta isso daí. (F04)

(...) poucos se interessam em trabalhar nessa área talvez. Na nossa sala mesmo eu não sei se alguém quer trabalhar com isso, talvez um, se for muito trabalhar... Sair para trabalhar com essa área, estar decidido a fazer essa área, talvez por causa da pouca... porque não chama atenção essa matéria. Você não tem interesse talvez nela. (...) porque é uma fase que a gente já tem que estar praticamente definido com o que vai trabalhar. (...) Chega a oitava já sabe que vai trabalhar com tal área e a gente não viu tudo ainda. Essa área de preventiva, de saúde pública a gente não tinha visto ainda. (...) (F12)

(...) a gente só está tendo saúde pública lá no final. Quando está saindo da faculdade. você começa: "Puxa, tem mais isso que eu posso fazer (...)." (...) Você não pode ficar esperando, porque quando a gente tem na nona fase, você tem que estar pedindo seu estágio final, você tem que estar preocupado com quando sair daqui e trabalhar. Por isso você tem que se preparar antes, não pode deixar para o final. Acho que saúde pública tem que ser dado antes na faculdade (...) porque quando está no final você quer sair, então às vezes me parece que medicina preventiva, pelos colegas mesmo, comentário que eu ouço, que é uma matéria que está ali para cumprir tabela, que está ali porque... "Ah, porque tem aula de preventiva agora. Podia não ter essa aula de preventiva." Sabe, tem muita gente que fala isso. Tem gente que acha que é inútil, que está ali só para incomodar. (...) Não sei se é porque não gostam dessa área, eu não sei se é porque não tem estímulo, se porque não foi visto isso antes, não foi visto quem sabe por um outro enfoque. Eu não entendo. Eu acho mesmo que o principal motivo é porque é dado no final, quando está terminando o curso praticamente e por não ter sido nem sequer falado isso antes. (...) (F17)

Um entrevistado ponderou que o estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública poderia ter sido mais enfatizado durante o curso e que isso não ocorreu por falta de tempo e porque o assunto é tratado nas fases mais avançadas, o que poderia gerar um certo desinteresse pela área não só pelos estudantes, mas pelos próprios médicos veterinários.

(...) Eu acho que faltou tempo durante a disciplina mesmo. (...) Eu acho que também por isso faltam talvez médicos veterinários nessa área dando oportunidade para outros, para outras profissões atuarem e tomarem nosso lugar nesse contexto. Porque na realidade não é assim, falta também interesse, eu acho, do médico veterinário nessa área. (...) Por causa disso, por não ter... por ficar muito no final do curso daí, o aluno já pediu estágio final “Eu não vou para essa área mesmo”, muitas vezes a gente tinha palestra à noite, era metade da turma que vinha e a outra metade: “Eu vou trabalhar com clínica.” Alguns da clínica ainda vinham por se tratar de zoonose, ou porque tinha algum interesse. E o interesse por quê? Por causa da clínica, não por causa da medicina preventiva ou por causa da saúde pública em si. E o que eu percebi era isso, também uma falta de interesse nesse aspecto: “Já decidi a minha... o meu estágio final, por que eu vou ficar indo?” (F06)

Pelos discursos acima, fica claro que o assunto não é muito discutido em outros espaços dentro do curso. Um dos acadêmicos lembra da importância de se trabalhar os conteúdos de diversas disciplinas de maneira conjunta:

Eu acho que ela devia ser um pouco antes para ser mais batido, para ser uma disciplina que ela é muito importante, independente de qualquer área que você vai trabalhar. A medicina preventiva, você vai ocupar ela sempre, independente se você vai trabalhar com clínica de pequenos, você vai trabalhar com vacinação. (...) Não desperta muito interesse. Eu acho que não. Eu acho que devia ser, além de ser um pouquinho antes, para despertar o interesse, bater mais a matéria, fazer com que o currículo fosse mais dinâmico, o programa da matéria fosse mais dinâmico. (...) Então a gente devia trabalhar mais em cima da medicina preventiva, para quando sair daqui estar preparado para qualquer coisa na área de medicina preventiva e saúde pública. (...) Eu acho que a medicina preventiva não é uma cadeira isolada, eu acho que ela trabalha junto com todo o outro conhecimento que a gente traz do curso. Então, a gente vai aplicar todo o nosso conhecimento, fisiologia, clínica, etc, vai utilizar ela para fazer o teu diagnóstico ou fazer a tua... para você ver... para onde que você vai correr, a atitude que você vai tomar. Eu acho que tem que associar não só com a clínica, mas com as outras disciplinas que a gente já teve no curso. (F13)

Entretanto, cabe a advertência de que a articulação do assunto em outras disciplinas não implica em tratar o tema de modo superficial, mas de aplicar um modelo mais aberto mantendo ao mesmo tempo certas delimitações de área. A abordagem de temas de maneira integrada deve ser feita por professores que pertencem aos diferentes estilos de pensamento envolvidos.

Um dos formandos que avaliou que o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública está sendo focalizado de maneira apropriada durante o curso, assinalou que o tema é tratado diversas vezes. Entretanto, ele acena apenas para os conteúdos que estão inseridos em disciplinas do âmbito da

Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, sem se referir à abordagem deste tema por outras disciplinas:

Eu acho que sim. (...) A gente vê bastante coisa que trata sobre zoonoses, a gente aprende bastante sobre zoonoses. Então você se conscientiza e você aprende o controle de vacinação de rebanho, a gente aprende como faz, como deve ser feito. A gente vê em inspeção, a gente vê como você inspeciona... faz a parte de inspeção nas linhas de produção, o que vai aparecer. É sempre bem mostrado. A gente tem bastante viagem para abatedouro que eu acho muito importante, que foi muito bem dado a inspeção. Então você aprende a fazer uma inspeção, mesmo que depois você vai ter que aperfeiçoar na prática. A gente aprende em medicina preventiva a importância de trabalhar nessa área, eu acho que tem bastante matéria que trata sobre isso. (F09)

d) Opinião dos estudantes sobre a formação recebida no estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

As opiniões dos entrevistados ficaram divididas quando foram questionados se o curso havia fornecido uma base suficiente em saúde pública para que eles pudessem atuar na área. Metade dos alunos respondeu que foram proporcionados poucos conhecimentos, cinco julgaram que a base foi suficiente e o restante é de opinião que os conhecimentos fornecidos são insuficientes. As falhas apontadas foram: deficiência nas aulas práticas e falta de ligação com outros conteúdos e disciplinas. A falta de aulas práticas poderia ser explicada pela carga horária insuficiente nas disciplinas desta área, especialmente para a disciplina de “Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública” como será visto no próximo comentário feito por um dos formandos:

Eu não sei se suficiente seria a palavra certa. Forneceu uma base. Agora, suficiente acho que eu só saberia se fosse trabalhar com isso, se eu tivesse... no andamento eu iria refletir: “Isso eu aprendi, isso eu aprendi; ou, isso eu deixei de aprender, vou ter que aprender agora”. Acho que é cedo para eu poder dizer se é suficiente, forneceu uma base, foi ampla essa base. Mas se foi suficiente eu não sei. (F06)

Com relação à falta de conexão com outras disciplinas, este último ponto pode ser explicado porque as disciplinas de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública estão no final do curso. Apesar de muitos conhecimentos referentes a esse estilo de pensamento servirem de base para outras disciplinas de outros estilos, não é feita uma integração maior entre os estilos, nem estimulada uma visão interdisciplinar. Cada estilo de pensamento vai procurar encaminhar os alunos para um determinado tipo de atitude, direcionando a visão para seu campo de atuação

especificamente, ou seja, para o círculo esotérico correspondente. São feitas apenas vagas citações às medidas preventivas pelas outras disciplinas pertinentes aos outros estilos de pensamento, mas sem promover um envolvimento maior entre as áreas, como pode ser verificado pelas observações a seguir:

A prevenção ... acho que o curso de uma maneira geral ela é citada em tudo, na clínica mesmo ela é citada, na cirurgia ela é citada. (F01)

Eu acho muito pouco. (...) Pouco tempo sim. Ele te direciona pouco, eu acho que devia ser mais direcionado. (...) Falta uma ligação maior com as outras matérias, não tem uma sequência. (...). Existe um assunto aqui, outro ali. (...) (F02)

Que eu me lembre, não. Talvez eles citem assim: "Isso é importante se vocês forem trabalhar com saúde pública." No caso de doenças infecto-contagiosas ou de patologia eles falam: "Ah, se forem trabalhar com saúde pública vocês vão ter que lembrar, saber isso, lembrar disso." Talvez tenham citado isso, não me lembro agora, não me recordo. Se foi, foi só citado, não é enfatizado. (F12)

Pelo fato de apenas haver menção sobre alguns assuntos da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública por outras disciplinas durante o curso (como prevenção por exemplo) sem uma abordagem mais aprofundada, ocorre uma sensação de repetição pelos alunos. Quando o acadêmico vai frequentar, somente no final do curso, a disciplina que trata sobre as noções fundamentais da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, ele supõe que já domina o conteúdo, quando na verdade, às vezes, apresenta falsas noções⁴⁹.

Na realidade até interessa, mas fica uma coisa que quando você já está saindo da faculdade ele já quer ver aquela coisa mais prática, a teoria ligada à prática. E é uma matéria totalmente teórica. Você fala: "Puxa isso aí eu já sei". Eles ficam dando uma teoria que você já sabe. Às vezes é uma teoria mastigada, tem detalhes que você não sabe, mas em geral você já sabe. (...) Porque já teve em doenças... infecto [Doenças Infecto-Contagiosas], parasitárias [Doenças Parasitárias], em clínica, em bioquímica. Então você já sabe o que é o assunto. (F01)

Embora haja um certo corporativismo entre os professores, alguns deles deixam transparecer uma permeabilidade em direção a um outro modelo mais aberto, mas que mantém as delimitações das áreas, quando procuram chamar atenção para outros estilos dentro da profissão. Entretanto, o estilo de pensamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ainda é pouco difundido ao longo do curso. Esse estilo de pensamento não é cultivado entre os estudantes, não

⁴⁹ Este fato já foi discutido anteriormente com relação às concepções de saúde e doença pelos alunos do curso da UDESC no capítulo 6 da tese (Pfuetszenreiter et al., 2001).

oportunizando o desenvolvimento pleno de uma índole social e preventiva. Como consequência o formando sai sem uma noção clara das atividades dessa área.

Em um semestre ninguém consegue ser convencido a trabalhar com isso, a menos que você apresente um projeto ou você já tenha alguma idéia, se você já quer trabalhar com isso. Então, mas acho bem difícil, tanto que você acaba se envolvendo com isso. De repente você sai daqui e encontra uma outra pessoa que está num projeto em relação a isso e você poder vir a trabalhar com saúde pública. Mas sair daqui: “Eu vou trabalhar com saúde pública.” Eu acho bem pouco provável. (...) Exatamente por falta de ênfase, falta de... a gente acaba não sabendo o que é, o que fazer. Tipo: “Eu vou trabalhar com saúde pública.” Mas o que é mesmo? O que é trabalhar com saúde pública? Eu vou ter que trabalhar com gente, com bicho ou com os dois? É só zoonose que eu vou mexer? Ou eu tenho que mexer com educação dessa pessoa, ou desde o saneamento básico dela. A gente não consegue ter uma visão muito do que é a saúde pública. Onde eu posso trabalhar com saúde pública? Exatamente, onde eu posso trabalhar com saúde pública? Eu vou trabalhar na prefeitura? Eu vou trabalhar por conta própria? Eu posso ser profissional liberal trabalhando com saúde pública? Essa noção a gente não tem e ninguém passa (...) (F14)

e) Contribuições dos formandos quanto ao ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Os entrevistados forneceram algumas sugestões para a melhoria do ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. As sugestões pedidas aos entrevistados se aplicavam à abordagem do tema, tanto em relação ao curso de maneira geral quanto especificamente à disciplina de “Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública”⁵⁰. Entretanto, as orientações dos alunos se concentraram mais sobre a referida disciplina.

As principais sugestões foram: a) ser lecionada em períodos anteriores do curso (12 referências); b) desdobramento em duas ou mais disciplinas; c) aumento do número de aulas práticas; d) aumento de carga horária destinada aos conteúdos (tabela 62). A seguinte declaração resume a maior parte das contribuições apresentadas:

⁵⁰ O estudo detalhado das disciplinas contidas nos departamentos e sua relação com os estilos de pensamento pode ser encontrado no capítulo 6. Como um rápido esclarecimento, pode ser informado que currículo do curso conta com apenas quatro disciplinas obrigatórias no estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública que são: Ecologia, Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I, Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II, Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

Eu acho que poderia ser dada uma maior carga horária, podia se trabalhar não só um semestre, já fazer um trabalho de dois, três semestres em cima da saúde pública. Então um semestre eu acho que é muito pouco e também até você começa a trabalhar mais cedo, não só deixar para a nona fase. (...) Eu acho que, apesar da carga horária da sexta ser muito grande, a partir de quinta, sexta fase a gente começa a ver clínica, ver doenças infecciosas, patologia, então já dá para a gente ter uma comparação ou também discutir com o professor a parte da prevenção, e a parte do tratamento que é mais enfatizada ali nessas cadeiras. (...) Duas, eu acho que trabalhando um ano em cima de medicina preventiva eu acho que é o ideal. (...) Eu acho... vamos supor preventiva I aí a parte mais teórica, e depois ou já mesmo nesse primeiro semestre conciliar alguma coisa de prática. Depois a coisa ficasse mais prática porque fica até mais fácil para a gente assimilar essa prática aí. (...) (F20)

Um entrevistado observou que um tempo maior dedicado ao âmbito preventivo e de saúde pública proporcionaria maiores oportunidades para o trabalho prático, o que iria contribuir para o desenvolvimento do estilo de pensamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública pelos estudantes:

Eu acho que deveria ser, como é um assunto muito importante, para não falar importantíssimo, poderia ser abordado em mais um semestre pelo menos, deveria ser dado mais pausadamente, porque a gente está tendo meio corrido também, que é muita matéria para vencer. Então eu acho que se fosse maior o tempo, seria melhor. (...) Como eu falei, uma prática melhor seria bem legal porque qualquer aluno que você pegar aqui para falar, prefere uma aula prática do que uma aula teórica. Grava melhor, aprende fazendo, porque daí os professores dão a oportunidade para a gente fazer, você aprende quando faz e não fica aquela coisa decorada: “Tem que fazer isso, isso, isso. São esses passos aqui.” Chega na hora, talvez, não vai ser assim que você vai fazer, depende de cada situação. Você exposto a uma situação que você vai trabalhar, provavelmente, eu acho bem melhor do que ser dito só: “Vai ser assim a situação que você vai encontrar.” Talvez não vai ser assim. Então essa exposição da prática a essas situações eu acho que seria bem vinda para melhorar. Todas as disciplinas que pudessem ser feitas práticas seriam bem vindas. (...) Ter mais uma disciplina talvez a mesma disciplina, mesmo não tudo, mas, mais de um semestre, daí é porque falta essas práticas talvez por falta de carga horária. (...) E daí essas práticas que eu falei de sair, de fazer isso, nós teríamos tempo para fazer isso, mas não temos no momento porque a nossa carga horária é muito pequena para essa disciplina. Então se eles quisessem preparar o profissional melhor para trabalhar fora nessa área eles teriam que fazer mais essa parte prática que a gente tem pouco. Talvez seja por isso que poucos se interessam em trabalhar nessa área talvez. (...) (F12)

Uma forma de suprir a necessidade de melhorar os conhecimentos dos alunos e buscar maior integração com as outras áreas seria promover a articulação da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública com os outros estilos de pensamento. Por exemplo, poderia ser feita a abordagem de conteúdos básicos de epidemiologia juntamente com conteúdos do estilo de pensamento de Clínica Veterinária (como Clínica Médica, Anatomia Patológica, Doenças Infecto-Contagiosas e Doenças Parasitárias). Os conhecimentos de epidemiologia – que devem ser trabalhados por professores pertencentes ao estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública – são importantes para que os alunos possam se apropriar dos conceitos relativos ao processo saúde-doença e

solidificar as concepções higienista/preventivista e social em outros conteúdos associados a outros estilos de pensamento.

Ao mesmo tempo, deve ser incentivada a abordagem de conteúdos sob a forma de projetos interdisciplinares, o que possibilitaria a contextualização e aplicação dos conhecimentos obtidos nas diversas esferas da profissão, preparando o formando para iniciar sua vida profissional. Como já foi discutido anteriormente, não se pode prescindir da atuação de docentes pertencentes aos diferentes estilos de pensamento em atividades que envolvem diversos campos de atividade.

7.2.5 Comentários Adicionais dos Formandos

Ao final da entrevista, foi deixado um espaço para que os alunos fizessem comentários livres sobre os temas que considerassem necessários. Apenas quatro formandos utilizaram-se dessa prerrogativa. As observações versaram sobre o curso de maneira geral, porém os temas mais recorrentes foram: a defasagem do currículo em vigor no curso; a abordagem de conteúdos desatualizados; problemas relativos a técnicas de ensino empregadas; e, as avaliações aplicadas.

Aqui que o nosso currículo é defasado, deveria ser rearranjado mesmo (...) Acho que os professores... que aqui deveria ter uma reciclagem às vezes de... acho que isso só vai mudar a hora que reciclar o pessoal da faculdade. (...) E na metodologia de avaliação assim acho que vai de cada professor. (...) Eu acho que o professor pede coisa que não dá, você pode perguntar para a faculdade inteira, é verdade... Metodologia de aula, falta conteúdo ali, falta aquela sequência de como é que dá a matéria, às vezes falta isso. (...) Às vezes o professor está falando ali, às vezes dá uma aula prática, fala para uma turma e não fala para a outra e cobra para todo mundo. O aluno não tem obrigação de saber. E às vezes eles ferram. Muito aluno perde fase por causa disso, e é isso e aí vai de cada um pegar e ir atrás. Vai chegando no fim e você vai se cansando de ir atrás de tudo o que você não pega. (...) (F01)

Olha, não sei se é uma reclamação ou uma crítica que eu acho que é construtiva que eu queria fazer é com relação aos nossos professores. Tem professores aqui que estão sem fazer uma atualização há muito tempo e nós pegamos... eles dão uma matéria para a gente, às vezes falam que é assim, você vai procurar na *internet* ou num livro mais novo e já não é mais assim. As pessoas não têm o cuidado de se atualizar. Não estou falando, não estou generalizando, vários professores, nós temos professores ótimos aqui. Mas tem professores que não têm essa atualização e acaba sendo falho para gente, porque daí a gente vai ver de outro jeito e daí: “Bom, mas o professor falou que era assim e agora será como é que é?” E também didática falta muito aos nossos professores. (...) Às vezes a gente não entende o que o professor fala ou não entende porque ele não sabe se expressar. Às vezes em provas, em questões ele pede uma coisa e a gente não entende o que ele está querendo porque ele não sabe se expressar. Então ele diz para o aluno: “Não complica.” Daí fica aquela coisa... não sei o quê. (...) (F12)

Eu acho que em geral o problema aqui dentro da faculdade é que os professores em geral eles têm muita rixa entre eles. Então, em vez deles se ajudarem eles complicam. Então eu falo muito, meus pais são professores, apesar de minha mãe ter aposentado, mas eu falo, falo: “Mãe o professor não tem que ajudar a gente, eu não acho que o professor tem que ajudar aluno, mas basta não atrapalhar.” Eu falo sempre porque tem professor que faz questão de atrapalhar a gente. (F14)

Chamam a atenção os comentários feitos sobre o sistema de avaliação dos alunos que é adotado. Este tópico voltará à tona na análise das entrevistas com os professores, quando será feita uma interpretação à luz do referencial fleckiano.

Após o término da entrevista, alguns formandos fizeram algumas observações que devem ser destacadas. Uma deles diz respeito à falta de orientação aos calouros quanto às áreas e às disciplinas que irão freqüentar ao longo do curso. Uma sugestão apresentada seria promover um esclarecimento maior aos alunos sobre o curso e a profissão, logo na primeira fase. Porém, é importante que quando este assunto fosse tratado, houvesse a participação de representantes dos diversos estilos de pensamento para não haver direcionamento na abordagem.

Outro aspecto lembrado foi a respeito da falta de integração entre os professores, o que poderia gerar conflitos entre os estilos de pensamento distintos, assunto que já foi comentado aqui. Uma sugestão fornecida por um estudante seria a abertura de outros cursos de graduação que propiciaria a troca inter-coletiva de idéias, introduzindo novas informações aos estilos existentes e estimulando a transformação da forma de pensar existente, o que poderia minimizar disputas acirradas que poderiam haver entre os coletivos de pensamento que ora existem.

Finalmente, em relação à área da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, foi feita a observação de que, muitas vezes, o profissional busca desempenhar atividade nesta área quando não tem mais opções de trabalho. Essa importante informação será retomada na análise das entrevistas dos professores e profissionais.

7.2.6 Áreas Freqüentadas no Estágio Obrigatório pelos Formandos no Período de 1992 a 2001

As entrevistas realizadas com os formandos despertaram o interesse para a obtenção de informações sobre as áreas na quais os alunos do curso de Medicina Veterinária têm estagiado. Por este motivo, foi realizado um levantamento baseado

nos editais das “Bancas Examinadoras de Estágio” divulgados pela Secretaria Acadêmica da UDESC de Lages. Importante assinalar que pode haver pequenas incorreções nos dados fornecidos, visto que um aluno pode ter feito estágio em uma área diferente daquela que havia informado originalmente ao setor de Coordenação de Estágios.

Desde o segundo semestre de 1992 até o primeiro semestre de 2001, período do levantamento dos dados, 553 alunos se formaram, sendo 308 homens e 245 mulheres (tabela 63).

TABELA 63 – NÚMERO DE FORMANDOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – 1992-2001

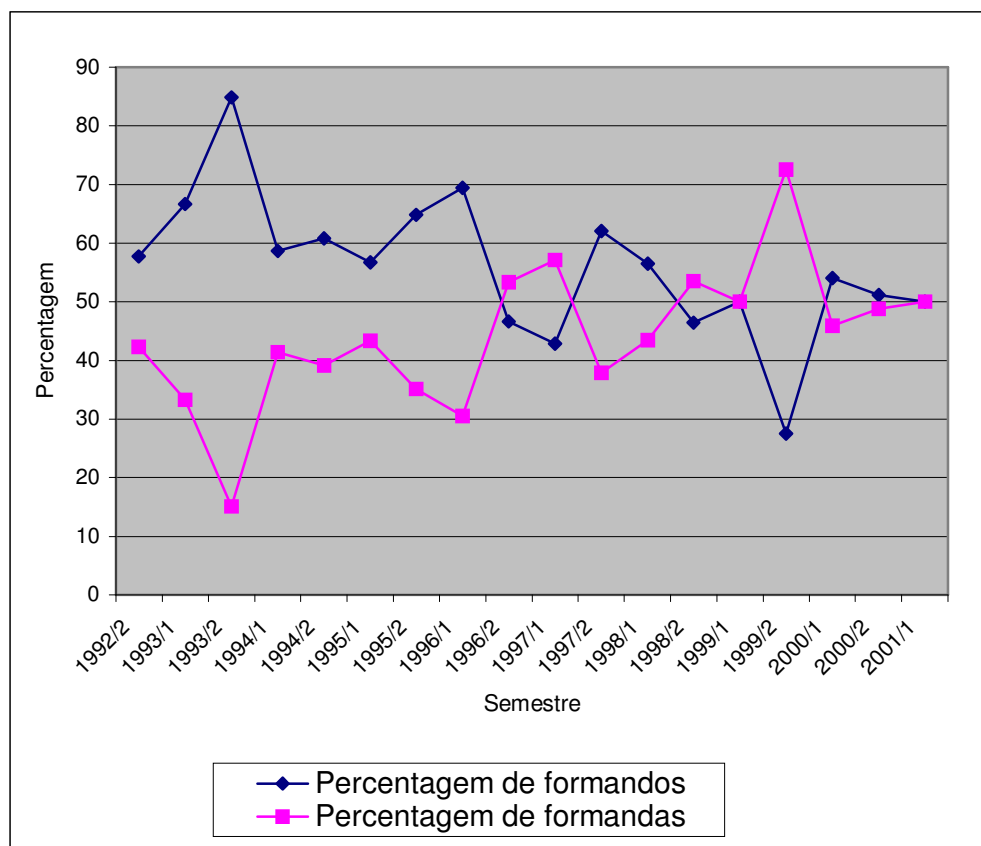
SEMESTRE	Nº DE FORMANDOS	Nº DE FORMANDAS	TOTAL
1992/2	15	11	26
1993/1	16	08	24
1993/2	28	05	33
1994/1	17	12	29
1994/2	14	09	23
1995/1	17	13	30
1995/2	24	13	37
1996/1	25	11	36
1996/2	14	16	30
1997/1	09	12	21
1997/2	18	11	29
1998/1	13	10	23
1998/2	13	15	28
1999/1	16	16	32
1999/2	11	29	40
2000/1	20	17	37
2000/2	22	21	43
2001/1	16	16	32
TOTAL	308	245	553

FONTE: UDESC, Centro de Ciências Agroveterinárias – Secretaria – Controle Acadêmico.

NOTA: Dados trabalhados pela autora.

Até o segundo semestre de 1996, o número de homens que se formavam no curso de Medicina Veterinária era bem superior ao número de mulheres formadas. A partir do segundo semestre de 1996 começou a haver um certo equilíbrio nesta relação, com exceção do segundo semestre de 1999 quando o número de mulheres superou o número de homens formados pelo curso (gráfico 2).

GRÁFICO 2 – PERCENTAGEM DE FORMANDOS DE ACORDO COM O GÊNERO
NO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – 1992-2001



FONTE: UDESC, Centro de Ciências Agroveterinárias – Secretaria – Controle Acadêmico.

NOTA: Dados trabalhados pela autora.

A tabela 64 mostra os estilos de pensamento nos quais os alunos formandos acompanharam durante o período de estágio obrigatório. Nota-se que há uma predominância maior pelas atividades desempenhadas pela Clínica Veterinária, com a Zootecnia e Produção Animal em segundo lugar. O estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública aparece em último lugar, em grande desvantagem em relação aos outros dois estilos de pensamento.

TABELA 64 – ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS REALIZADOS PELOS FORMANDOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA – 1992-2001

SEMESTRE	ESTILO DE PENSAMENTO					TOTAL
	CV	ZPA	MVPSP	Outro Estilo	Mesclas ⁽¹⁾	
1992/2	19	07	02	00	CV/ZPA 02	30
1993/1	15	11	02	00	00	28
1993/2	21	15	02	00	00	38
1994/1	19	09	01	AS ⁽²⁾ 01	CV/ZPA 01 ZPA/CV 02	33
1994/2	16	05	01	00	CV/ZPA 01 ZPA/MVPSP 01	24
1995/1	23	08	01	AS 01	00	33
1995/2	25	07	06	00	CV/ZPA 01 ZPA/CV 01 CV/MVPSP 01	41
1996/1	25	10	00	B ⁽³⁾ 01	ZPA/MVPSP 01 AS/CV 01	38
1996/2	24	06	01	00	00	31
1997/1	12	06	03	AS 01	AS/CV 01	23
1997/2	16	06	06	AS 03	ZPA/CV 01 ZPA/ CV 01	33
1998/1	13	06	03	00	CV/ZPA 02	24
1998/2	19	06	01	00	CV/ZPA 02 CV/ ZPA 01	29
1999/1	21	09	03	AS 02	CV/ZPA 01 ZPA/CV 02 ZPA/MVPSP 01	39
1999/2	34	09	00	AS 01	CV/ZPA 02	46
2000/1	24	12	04	AS 02	CV/ZPA 01 MVPSP/ZPA 01	44
2000/2	26	09	09	AS 02	CV/ZPA 01 ZPA/MVPSP 01	48
2001/1	21	10	06	00	00	37
Total	373	151	51	14	30	619

FONTE: UDESC/CAV – Secretaria – Controle Acadêmico.

NOTAS: Dados trabalhados pela autora.

(1) Quando o aluno estagiou em mais de um campo de atividade, as siglas em negrito indicam o setor predominante.

(2) AS: área de Animais Silvestres.

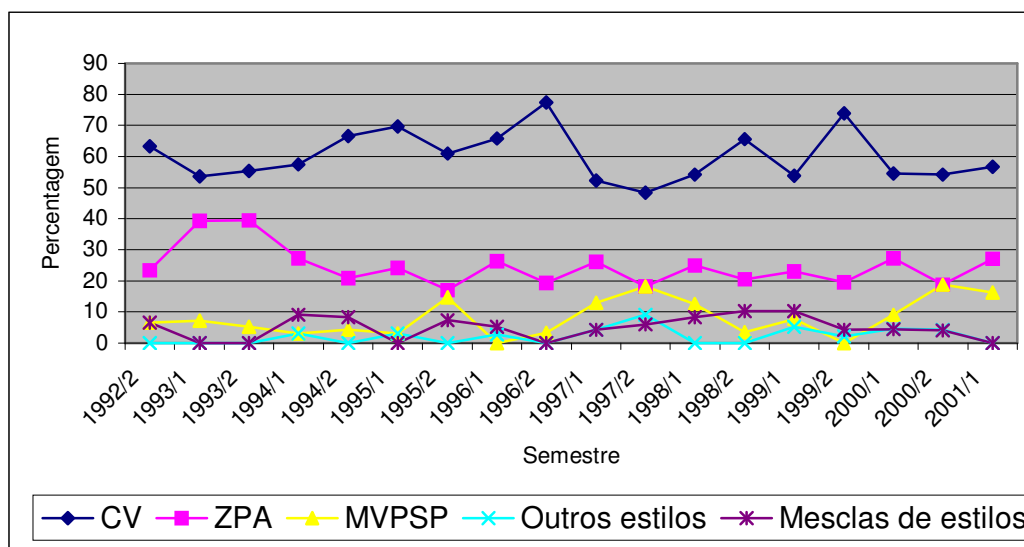
(3) B: Disciplinas básicas.

Em relação aos diferentes estilos de pensamento nos quais os acadêmicos fizeram estágio, é importante esclarecer que um aluno pode estagiar em locais diferentes e, portanto em setores diferentes durante o período. Portanto, pode haver

discrepâncias entre o número de formandos (tabela 63) e o número de estágios realizados nas diferentes áreas (tabela 64). Também deve ser explicado que pela grande circulação inter-coletiva de idéias nos diversos estilos de pensamento associados aos diversos campos de atuação em Medicina Veterinária, às vezes um estilo de pensamento não se manifesta de maneira “pura”, podendo haver mesclas de dois ou mais estilos de pensamento. Por exemplo, uma solicitação de estágio em “produção, clínica e cirurgia de bovinos” incorpora elementos da Zootecnia e Produção Animal aliados à prática da Clínica Veterinária, com predominância deste último estilo.

No gráfico 3 podem ser visualizados os estilos de pensamento nos quais os formandos estagiaram no último período do curso.

GRÁFICO 3 – ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS REALIZADOS PELOS FORMANDOS DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC NOS DIVERSOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA – 1992-2001



FONTE: UDESC, Centro de Ciências Agroveterinárias – Secretaria – Controle Acadêmico.

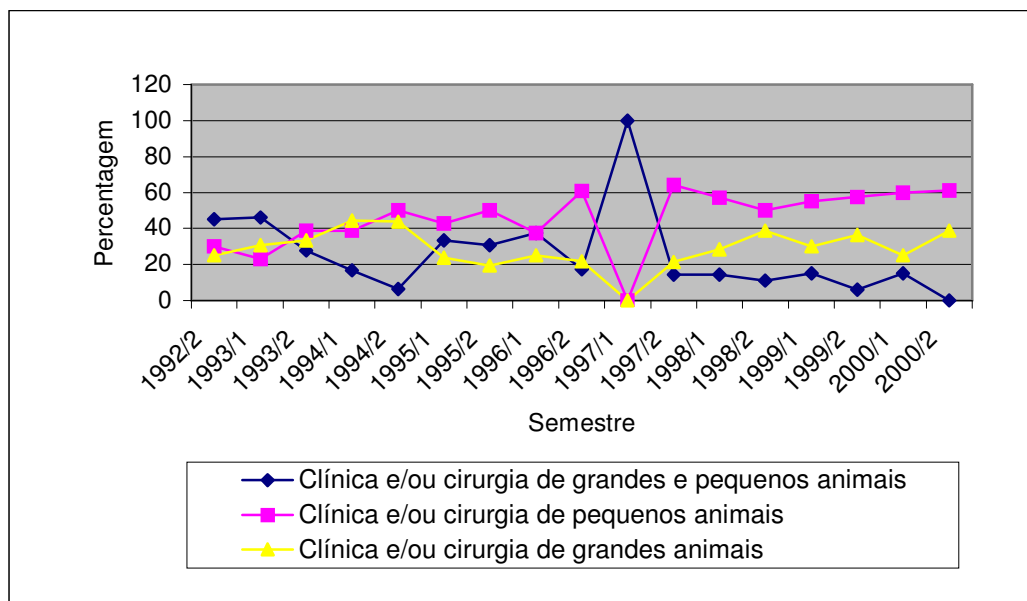
NOTA: Dados trabalhados pela autora.

As porcentagens de estágios nos diversos estilos de pensamento permaneceram praticamente constantes durante todo o período de levantamento (gráfico 3). O setor mais procurado pelos alunos foi o de Clínica Veterinária. É curioso observar que nosso Estado tem uma forte vocação para a produção animal,

especialmente suínos e aves e, no entanto, a quantidade de estágios obrigatórios realizados em Zootecnia e Produção Animal permaneceu baixa, mas ainda melhores se comparados com a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Esta última, se mostrou bastante pequena, algumas vezes nos níveis alcançados por outras atividades menos tradicionais dentro da Medicina Veterinária (como a área de animais silvestres), e mesmo pelas mesclas de estilos de pensamento. Esta constatação causa uma certa inquietação, uma vez que há um número considerável de profissionais que atuam nesta área como será visto no item referente às entrevistas com os profissionais.

O número de estágios realizados pelos formandos em clínica e cirurgia de grandes e pequenos animais pode ser visualizado no gráfico 4.

GRÁFICO 4 – ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS REALIZADOS EM CLÍNICA E/OU CIRURGIA PELOS FORMANDOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – 1992-2001



FONTE: UDESC, Centro de Ciências Agroveterinárias – Secretaria – Controle Acadêmico.
NOTA: Dados trabalhados pela autora.

Não se pode afirmar, como alguns entrevistados apontaram, que o incremento do número de mulheres no curso seja responsável pelo aumento de estágios em clínica médica e cirúrgica principalmente direcionados para pequenos

animais. A partir do segundo semestre de 1996, quando começou a haver um certo equilíbrio na relação entre homens e mulheres formados (tabela 63 e gráfico 2) houve um pequeno decréscimo no número de estágios em clínica e/ou cirurgia em pequenos e grandes animais, ao mesmo tempo em que houve leve aumento dos estágios feitos exclusivamente em pequenos animais (gráfico 4). A percentagem de estágios em grandes animais se mostrou praticamente inalterada. É possível que, com o tempo, tenha havido maior dedicação dos alunos para um dos dois segmentos especificamente, ao invés da prática simultânea em grandes e pequenos animais.

No segundo semestre de 1993 havia um número expressivo de formandos do sexo masculino se comparado ao número de mulheres (gráfico 2). Neste período, os estágios em clínica de pequenos e grandes animais, em clínica exclusivamente de pequenos e em clínica somente de grandes animais foi praticamente o mesmo (gráfico 4). Já no segundo semestre de 1999 havia um número de mulheres muito superior ao de homens (gráfico 2) e neste período, a percentagem de estágios em pequenos e grandes animais decresceu, enquanto o de pequenos exclusivamente aumentou e o número de estágios apenas em grandes animais permaneceu estável (gráfico 4). No entanto, no segundo semestre de 1997 também houve grande desequilíbrio entre o número de homens e mulheres formados, com nítida vantagem para o primeiro grupo (gráfico 2) e a percentagem de estágios em clínica de pequenos animais foi a maior já registrada (gráfico 4). Por outro lado, neste semestre houve o maior número de estágios em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (tabela 64 e gráfico 3).

A tabela 65 traz o número de estágios realizados em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública com as várias atividades ligadas a esse estilo de pensamento.

TABELA 65 – ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS REALIZADOS NAS ATIVIDADES DO ESTILO DE PENSAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA PELOS ALUNOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – 1992-2001

SEMESTRE	INSPEÇÃO E TECNOLOGIA DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL	MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA/ DEFESA SANITÁRIA ANIMAL	ZOONOSES E VIGILÂNCIA SANITÁRIA	TOTAL
1992/2	02	00	00	02
1993/1	00	02	00	02
1993/2	01	01	00	02
1994/1	00	01	00	01
1994/2	01	00	00	01
1995/1	00	00	01	01
1995/2	05	00	01	06
1996/1	00	00	00	00
1996/2	00	00	01	01
1997/1	03	00	00	03
1997/2	04	01	01	06
1998/1	03	00	00	03
1998/2	01	00	00	01
1999/1	02	01	00	03
1999/2	00	00	00	00
2000/1	02	00	02	04
2000/2	08	00	01	09
2001/1	06	00	00	06
TOTAL	38	06	07	51

FONTE: UDESC, Centro de Ciências Agroveterinárias – Secretaria – Controle Acadêmico.

NOTA: Dados trabalhados pela autora.

A atividade que mais se destacou foi a de Inspeção e Tecnologia de Origem Animal e um dos motivos desta maior concentração poderia estar no fato de que esse conteúdo começa a ser ministrado na oitava fase do curso. Uma outra razão, poderia estar na abertura de vagas para concurso pelas prefeituras municipais para médicos veterinários trabalharem como inspetores de alimentos, o que vem ocorrendo ultimamente.

Pelo exame dos dados expostos, percebe-se que o estilo de pensamento associado ao campo da Clínica e Cirurgia vem se mostrando preponderante no curso, enquanto os outros estilos, principalmente relacionados à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, não conseguem se sobressair, pelos motivos já apontados anteriormente.

7.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM PROFESSORES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC

O propósito das entrevistas com os professores do curso foi identificar as concepções que eles possuem a respeito da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública e a forma como eles tratam dos temas que dizem respeito ao estilo de pensamento associado a esse campo de atuação dentro do curso, e que possivelmente transmitem aos alunos. Ao mesmo tempo, foi observada a concordância do discurso do que os professores dizem que aplicam com a prática efetivamente executada, conforme referência feita pelos formandos.

Foram entrevistados individualmente 20 professores, sendo a metade no segundo semestre de 2001 e o restante no primeiro semestre do ano seguinte. As interlocuções tiveram uma duração de 14 horas e 18 minutos, com mínimo de 21 minutos e máximo de uma hora e onze minutos.

7.3.1 Dados Gerais dos Professores do Curso

A relação fornecida pela Secretaria da UDESC de Lages referente ao segundo semestre de 2001 indicou um total de 60 professores ativos no curso de Medicina Veterinária distribuídos em quatro Departamentos: Morfofisiologia, Clínica e Patologia, Zootecnia, e Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (tabela 66). O sorteio dos professores entrevistados foi realizado no segundo semestre de 2001 e o número de sorteados por departamento pode ser encontrado na tabela 67.

A divisão das disciplinas nos diversos Departamentos não reflete com exatidão a classificação proposta nesse trabalho para os campos de atuação em Medicina Veterinária⁵¹, visto que no Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia há apenas três disciplinas que representam o campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. O Departamento de Morfofisiologia é dedicado às disciplinas básicas, enquanto os departamentos de Clínica e Patologia, e de Zootecnia refletem, respectivamente, os estilos de pensamento associados a esses campos de atividade.

⁵¹ Veja o capítulo seis.

Os professores que lecionam disciplinas para o curso de Medicina Veterinária que pertencem a outros departamentos ligados ao curso de Agronomia não participaram do sorteio por compartilharem de estilos de pensamento diferentes daqueles descritos aqui em Medicina Veterinária.

Foram excluídos do sorteio os professores colaboradores, os professores que estão liberados de suas atividades para cursar pós-graduação e os professores em licença. Um integrante do Departamento de Morfofisiologia se recusou a conceder entrevista e foi substituído por outro sorteado do mesmo departamento.

A faixa etária dos entrevistados variou de 37 a 61 anos, com média de 48,7 anos e o período médio de admissão na UDESC como professor foi de 19,7 anos, com variação entre 4 e 28 anos. Um número significativo de professores é formado em Medicina Veterinária (dezoito) e a metade completou seu curso de graduação na própria UDESC. Em média, os entrevistados concluíram sua graduação há 23,8 anos, com mínimo de 8 e máximo de 35 anos.

Com relação ao grau de titulação acadêmica dos entrevistados, cinco têm o título de especialista, quatro concluíram o mestrado e nove terminaram o doutorado. Os especialistas concluíram seu curso há 15,4 anos em média, enquanto que os mestres há 12,5 anos e os doutores obtiveram sua titulação há nove anos em média. A maior parte dos entrevistados completou seu grau máximo de titulação no estilo de pensamento associado à Clínica Veterinária (tabela 68).

A maior parte dos professores (treze) desempenha ou já desempenhou outro tipo de trabalho profissional dentro da Medicina Veterinária além das atividades universitárias (cinco ainda desempenham trabalhos fora da Universidade). Cinco exerceram funções no estilo de pensamento de Clínica Veterinária, quatro em Zootecnia e Produção Animal e dois em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Dois entrevistados exerceram funções em estilos mistos (um deles em Clínica Veterinária associado à Zootecnia e Produção Animal e o outro em Zootecnia e Produção Animal juntamente com Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública). Do grupo que não desempenhou outro tipo de atividade profissional dentro da Medicina Veterinária, seis não tiveram experiência em outro lugar a não ser a Universidade, sempre cumprindo atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Pelos dados acima, percebe-se que muitos professores constituíram sua formação e adquiriram o modo de pensar na própria instituição em que lecionam e

não desenvolveram outro tipo de atividade que não fosse ligada à Universidade, ou a desempenharam por um período bastante curto de tempo, o que poderia levar a uma certa tendência a perpetuar o modelo estruturado. Por outro lado, 80% deles tiveram oportunidade de cursar pós-graduação em nível de mestrado e doutorado em outras Universidades, inclusive no exterior, o que os levou a conviver com várias organizações de coletivo diferentes daquelas presentes em seu curso de formação, permitindo que desenvolvessem uma reflexão crítica sobre o curso no qual lecionam.

7.3.2 Percepções dos Professores sobre o Curso

a) Opinião dos professores sobre a formação dada pelo curso aos alunos

Quando questionados se o curso fornece base suficiente para que seus alunos egressos possam ser competitivos no mercado de trabalho, doze entrevistados julgaram que sim, cinco afirmaram que a formação é razoável, um não respondeu diretamente e dois consideraram que não. Estes últimos apontaram falhas na formação dos alunos para o mercado atual e citaram problemas no currículo – tema que será tratado mais adiante.

Dependendo da definição de mercado de trabalho. Eu tenho a seguinte opinião, acho que nós temos a oportunidade de ter talvez o melhor curso de veterinária para prefeitura do Brasil. Mas se nós pensarmos num mercado mais evoluído, num mercado mais moderno aí vêm aquelas idéias bem típicas: “Mas isso é coisa para aluno da USP, não sei o quê... Isso não é coisa para nós. Nós, é a nossa realidade”. Que realidade é essa, sendo um dos estados mais evoluídos do país e brincando de ficar no fim do mundo? (...) Só que simplesmente nós estamos com um curso projetado no final dos anos 60 e tocando ficha até hoje, certo? Praticamente sem alterações. (...) (P04)

Dos entrevistados que são de opinião contrária, quatro deles fazem esta afirmação sem restrições:

Eu acho que sim porque eu acho que a gente tem que ter uma certa medida e essa medida eu acho que é a aceitação do nosso formando. E essa aceitação tem sido bastante boa. O que não quer dizer que isto não possa melhorar. Eu acho que a gente não pode deitar nos louros daquilo que conseguiu. Mas eu acho que é... Inclusive a aceitação do nosso formando melhorou nos últimos anos. Então eu acho que a gente tem conseguido uma formação razoável. (P05)

A gente fica meio suspeito em falar porque trabalha aqui. Mas com certeza eles têm uma base muito boa que pode concorrer com qualquer outro egresso de outra universidade. (P08)

Três professores condicionaram a qualidade do curso ao interesse dos próprios estudantes em buscar subsídios para melhorar sua própria formação. Essa opinião também foi expressa por um entrevistado que não respondeu diretamente à indagação.

Bom, isso é uma pergunta assim que depende não só do centro de formação, mas muito do aluno. O que a gente tem sentido é que aqui, mas... deve ser meio em outras disciplinas também, mas o que a gente observa lá com a gente, aqueles que têm o interesse voltado para essa área eles saem com uma noção boa para entrar no mercado de trabalho. Isso a gente tem observado também com o pessoal que dá estágio para eles. Então alguém que durante o curso já se interessou pela área, ele vai bem no estágio, o pessoal gosta, vê que eles são bem informados. E quem durante o curso assim nunca se interessou, esse já tem... apresenta certas dificuldades. (P14)

Eu acho que sim, Márcia. Porque isso tudo depende muito do aluno. Então aquele que realmente quer, ele vai. Acho que... claro que a escola tem muita importância, mas eu acho que o aluno também tem muita importância. Então aquele que não quer pode estar na melhor escola do mundo. Então eu acho que sim. (P16)

Alguns professores que julgam que o curso fornece base suficiente ou razoável fazem algum tipo de ressalva, referindo-se a alguns problemas que o curso apresenta, mas sem comprometer a formação dos estudantes. As principais deficiências do curso apontadas pelos professores estão na tabela 69. Os conteúdos apresentados como mais falhos estariam relacionados à área produção animal, especialmente em suínos e aves.

Existem, em determinados momentos, opiniões discordantes entre os professores. Enquanto alguns se pautam pelo mercado globalizado atual com todas as exigências que lhe são próprias – como o professor P04 expressou em trecho transcrito – outros visualizam as condições locais de trabalho na região, em detrimento de uma formação mais refinada, como o seguinte entrevistado:

Eu me refiro inclusive ao seguinte, o tipo de profissional que nós estamos formando aqui, ele continua tendo o mesmo mercado de trabalho, praticamente o mesmo mercado de trabalho no meu ponto de vista que tinha há vinte anos. Nós estamos continuando mandando para o mercado de trabalho profissionais de estetoscópio e termômetro. Então muitas vezes aquela formação eclética, aquela formação justa mas sofisticada, com tomografia computadorizada com raio X, com ultrassonografia, isto aqui é um sonho praticamente que se realiza dentro da universidade e quando nossos profissionais vão para a prática de campo, eles ficam prejudicados nesse sentido. E nas entrelinhas, então para não nominar, leia-se que a parte prática fica bastante prejudicada. (F04)

A restrição colocada por dois entrevistados se referem a deficiências em algumas áreas, mas eles atribuem isso mais ao fato de haver maior interesse dos estudantes por determinadas matérias ligadas à Clínica Veterinária. Eles afirmam

que o ingresso de um número elevado de mulheres poderia favorecer a maior atenção dos estudantes pela atividade:

Acho que sim.(...) Pela... pelo pouco conhecimento, conheço pouco das outras universidades, mas eu acho que ela está lançando profissional, pelo menos na área de pequenos animais, sem dúvida o pessoal está saindo muito bem. Talvez a área de produção, a área de grandes, a parte de gerenciamento, administração talvez não. Mas aí é porque o aluno também dentro da faculdade não tem muito interesse. Eu acho que ele não busca, infelizmente. (...) Eu não sei se é porque ele entra com uma coisa determinada que é a clínica de pequenos, que não sei precisar exatamente em que período. Talvez nos dez últimos anos, cinco últimos anos o pessoal que entra, ele já entra querendo clínica de pequenos. Já vem quase que direcionado. E daí no transcorrer do curso eles vão... eles se fecham. A impressão que me dá é que eles se fecham.(...) Talvez há grande número de mulheres que estejam entrando na faculdade, estejam influenciando isto. E talvez pelo receio de lá fora não arrumar nenhum emprego, principalmente as mulheres. (P10)

Porque eu acho que ainda tem assim... muita disciplina força o campo deles em detrimento de outras. Nossa escola está formando muito médico veterinário e devia formar mais veterinário. Você procura por exemplo, profissional na área de piscicultura você não encontra veterinário. Aqui só forma clínico, quando sai um pouquinho da clínica é na área de inspeção. Você não vê formação em avicultura, suinocultura, em bovinocultura, você não vê em piscicultura, não tem importância. Agora um pouquinho animais silvestres que é alguma coisa que as outras escolas estão trabalhando bastante em cima e nós não estamos. (...) A gente conta nos dedos os profissionais por exemplo da veterinária que trabalham em suinocultura, você não vê. Porque nós aqui, nós formamos veterinário para andar de branco, e estetoscópio pendurado no pescoço. Para mim é uma triste ilusão que está acontecendo. (...) Hoje está grande a clínica, por causa da clínica de pequenos e aqui virou só um colégio de menina praticamente. (...) Você pega cada turma que entra, entra quarenta, e entra trinta e cinco meninas e cinco rapazes. Essas meninas vão fazer o quê? Eu brigo para elas irem para a inspeção. (...) ele vai ser muito mais bem sucedido do que essa forma que sai daqui, com esperança de trabalhar na inspeção, com esperança de ter concurso público ou então cai numa clínica de empregado dos outros. (P20)

Contudo, o entrevistado da primeira citação (P10) percebe que mesmo os homens estão se interessando mais pela clínica e esclarece que os alunos já entram com uma certa predisposição para a área. Foi observado no item referente às entrevistas com os formandos que o curso reforça esta tendência oferecendo melhores condições de formação para a clínica, pela prática mais intensa desse tipo de atividade dentro do curso.

Mas os homens eu acho que também continuam com a mesma mentalidade. Muito raro eles saírem na área de produção e de grandes animais. (...) Mas eu tenho a impressão que eles já vêm muito, muito predispostos, eles já querem uma coisa e a escola oferece isso para eles. A escola tem a área de clínica, de cirurgia muito boa, excelente. Então tem o hospital que também facilita para eles. Então aquilo que está bem próximo, se você já vem com uma idéia e você tem aquilo que você possa visualizar, que você possa trabalhar, que você possa exercer. Não tem nada melhor do que isso. Porque aquilo que é muito teórico também fica muito distante. (P10)

Um outro professor levantou as mesmas questões em relação ao interesse dos alunos pela clínica. O fato de o curso dispor de um Hospital Veterinário poderia

permitir que os alunos tivessem um contato mais estreito com a área de Clínica Veterinária, o que os deixaria mais seguros para atuarem, além do enfoque grande no começo do curso. Ele acredita que isso ocorre devido ao grande número de mulheres que têm freqüentado o curso, mas pondera que não existe uma discriminação tão grande quanto a que havia em épocas anteriores em relação a gênero. Ele ponderou que um outro aspecto que poderia exercer influência seria o local de origem dos alunos que estejam ingressando no curso, que conduziria à maior procura pela clínica.

(...) Talvez porque tem o hospital, não sei se é por isso. Não sei se há um enfoque muito grande no começo para a área. Eu vejo que essa é uma área que está bastante saturada como eu falei primeiro. Não sei por quê. Tem bastante mulheres entrando para fazer veterinária hoje, mas isso não seria uma justificativa porque hoje não tem mais aquela discriminação. A produção está contratando mulheres; alguns anos atrás não contratavam. Então, não sei. (...) Talvez esteja relacionado com a própria... o esquema de vestibular que é feito pela UDESC, talvez, não sei. Também, muita gente da cidade... Que depois que foi feito o vestibular vocacionado aumentou muito o número de pessoas dos centros grandes e diminuiu o pessoal do interior. Talvez esse pessoal tenha mais vocação para a área de pequenos, porque não tem contato com produção. Não sei. (P01)

Dois professores que consideram que o curso forma suficientemente bem os estudantes, fazem algumas reservas condicionadas a fatores ligados a problemas de conteúdos ministrados pelo curso. Um deles considera que os alunos saem com um bom conhecimento técnico (teórico e prático), mas com deficiências em alguns aspectos:

Eu acho que de maneira geral sim, mas eu acho que tem mais coisas a serem oferecidas. (...) Principalmente na área... Não na área técnica, eu acho que tecnicamente os alunos saem com uma formação boa, mas eu acho que falta um pouco de conhecimento nas áreas de gestão do negócio. Administração, relacionamento humano eu acho que falta bastante. A parte de relacionamento humano principalmente. Essa parte de extensão, como chegar aos produtores, falar com os produtores e a parte de economia que eu acho que deixa, principalmente alunos de veterinária deixam a desejar. (...) (P01)

Há um outro entendimento entre os professores semelhante à opinião dos formandos. Um dos professores julga que a prática em clínica de grandes animais está restrita no curso por implicar em problemas econômicos, o que torna esta prática inviável, por envolver gastos com honorários médico-veterinários, medicamentos e principalmente a perda da produção. O que pode estar ocorrendo, é que o produtor pode estar se conscientizando de que o exercício da prática médica curativa é mais oneroso do que a prevenção e por este motivo, prefere optar por ações preventivas ao invés de curativas.

(...) E eu acho que a parte de prática particularmente de grandes animais caiu. (...) Não sei, eu acho que... um pouco tem influência a questão econômica, porque bovinos pouca gente vai atrás para levar um animal lá para escola veterinária porque o custo é muito alto. Mas acho que há outros problemas de interesse, eu acho que um pouco de falta de interesse.(...) E eu acho que a faculdade está deixando muito a desejar. Talvez melhore um pouco a parte de pequenos em detrimento à parte de grandes. Essa parte de grandes eu acho que piorou bastante. E outra coisa que eu vejo é a parte de suínos e aves. Não que tenha decaído a qualidade, mas o interesse pela procura por suínos e aves. Houve acho que um estímulo a essa questão de clínica particular, cães e gatos, cães e gatos. E hoje tu procura, tem vaga sobrando para trabalhar com suínos e aves, tu não acha alguém. Todo mundo parece que só quer cães e gatos, cães e gatos. (P06)

No trecho apresentado acima, há ainda algumas observações sobre o desinteresse dos acadêmicos pela Zootecnia e Produção Animal e o direcionamento para a área de clínica de pequenos animais, marcadamente quando ingressam no curso. O entrevistado aponta a importância do papel da mídia, especialmente a televisão para essa predileção.

(...) Mas a gente conversa com os alunos das primeiras fases. Eles vêm com uma idéia... Isso eu sinceramente acho que é influência da novela da Globo. Tem uma participação nisso. Eu posso estar errado, mas... enquanto você vê... agora pararam. Mas três, quatro novelas seguidas, sempre tinha um veterinário, que é aquela artista bonita, sempre bem apresentada, que era veterinária. Quer dizer que isso chama, então eu acho que muita gente se influencia por isso, quer ser veterinário de cães e gatos ou cavalo. Que agora veio a fase do cavalo. Daqui alguns dias mais... e acho que a novela da Globo influencia. A gente às vezes não dá valor a essas coisas, mas tem uma influência muito grande. (P06)

Um dos problemas denunciados por um dos formandos foi confirmado por um dos professores, que acrescenta haver problemas em relação à auto-avaliação pelo curso:

Pelo que a gente sabe, teve semestre que a disciplina de farmacologia teve pouquíssimas aulas. Então eu acho que enquanto o curso não conhecer as deficiências gerais que ele tem... Tem setores que vão continuar sendo penalizados pela desinformação dos alunos. Então é a isso que eu me refiro. Vamos conhecer o que é que está sendo ministrado aqui, lá, lá, e assim por diante. (...) O interessante realmente para mim é a formação profissional do aluno que é lógico, tem relação com o Provão, claro que tem. Quer dizer o seguinte, então vamos pegar primeiro a disciplina... as questões do Provão estão no programa de veterinária? Se estão no programa, foram ministradas? Se foram ministradas a contento? Se tudo isso coincidir, na questão estiver tudo correto, por que é que o aluno não teve uma captação, não teve um aprendizado daquilo ali. É ele o problema? É ele a causa desse conceito aqui? Então eu vejo que teria uma série de etapas. Agora, conscientes, honestas... e até doa a quem doer. Nós temos que corrigir as deficiências que a gente tem. Essa é a minha preocupação. Por outro lado, a gente conversa muito com alunos até porque acaba tendo um envolvimento muito profissional no fim do curso. O que é que vocês me apontam: “Ah, não sei o que... que eu tenho a preocupação de repente de falar, abrir a boca, qualquer coisa aí.” (...) (P18)

b) Opinião dos professores sobre a existência de deficiências na abordagem de determinados conhecimentos pelo curso

Quando indagados sobre a existência de deficiências na abordagem de alguns conhecimentos no curso três professores não souberam responder à questão justificando que não possuem conhecimento dos conteúdos ministrados pelas outras áreas. Isso demonstra que os integrantes dos estilos de pensamento se enclausuram criando uma barreira à troca intercoletiva de idéias, o que leva à consolidação de certas formas de pensar.

(...) Eu não sei porque eu não conheço, eu estou muito na minha área, só. Eu não saio daquilo ali. Então essa eu não sei, realmente não vou poder te responder. (P16)

Um dos entrevistados respondeu que o conteúdo básico é ministrado e os assuntos são abordados pelas disciplinas, cabendo ao aluno a busca por um aprofundamento maior:

Eu acho que... Não saberia te dizer se é uma coisa geral, mas eu acho que um conhecimento prévio o aluno tem. Então eu acho que o aluno tem que buscar mais. Ele não pode ficar só naquilo que o professor dá em sala de aula porque o professor em sala de aula, ele está orientando o aluno. Ele pelo menos está dando a base e o aluno tem que buscar. (...) Você nunca vai passar tudo para o aluno, até porque não tem um horário, você tem uma carga horária que é limitada. (...) Eu sinto pelo seguinte, você mostra o caminho, você ensina para ele onde buscar e como que ele vai buscar, e como que ele vai reagir. Mas ele também tem que pegar e buscar, se ele tem mais interesse. Porque senão na profissão ninguém mais vai ensinar ele, ele vai ter que trabalhar por ele próprio. (P10)

A maioria dos professores (dezesseis) que considera que o curso não abordou alguns conhecimentos ou o fez de forma insuficiente assinalaram conteúdos bastante diversificados que estão ordenados na tabela 70.

Dentro dos estilos de pensamento na profissão (tabela 71) dez se enquadram no estilo da Zootecnia e Produção Animal, principalmente suinocultura e avicultura:

(...) Eu acho também voltando naquela pergunta anterior que essa parte de suinocultura e avicultura. Eu acredito que os professores que aí estão, eles são capacitados, mas se pegarmos hoje aqui no CAV não tem uma ave aqui dentro, então não é possível uma Universidade no Estado onde Santa Catarina é o, digamos assim, um dos maiores produtores de aves. E nós não temos nenhuma área assim de aprofundamento, que o aluno pudesse acompanhar num aviário, um projeto aqui dentro. (...) (P02)

Um ponto presente no discurso tanto de professores quanto de formandos diz respeito à carência de abordagens em administração de clínicas e relacionamento interpessoal:

(...) Primeira coisa, eu acho que em termos de ética a nossa faculdade precisaria abordar mais, relacionamento interpessoal, relacionamento... o proprietário, o médico veterinário. Teria que ter uma disciplina ou algo desse tipo aí... marketing... E dentro dos conteúdos programáticos há muitas coisas que não se aborda e que deveriam ser abordadas. Não se aborda, porque esse currículo está fechado, encarcerado e a gente não tem como falar a respeito dessas coisas.(...) (P07)

Houve cinco citações para o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Quando dois dos professores expuseram sua opinião sobre as carências existentes nessa área, eles assinalaram a importância de uma concepção mais voltada para a prevenção e declararam que o curso está muito voltado para uma visão reducionista, que se preocupa apenas com o indivíduo, havendo necessidade de mudar esse enfoque:

Eu vejo o seguinte, há uma tendência, não é só da nossa escola. Houve e há continuamente uma tendência de muitas vezes tentar se preocupar muito em... numa propriedade quando é chamado para tratar um animal doente. (...) Você tem que ir numa propriedade, você visualizar o que está de errado, a questão de manejo, a questão...Tudo entra em profilaxia, em evitar que a coisa... Em vez de nós irmos lá tratar um animal individual, fazer a profilaxia no conjunto como um todo, que entra manejo, alimentação, toda essa parte. Tem que ter uma noção disso e não só um individual. Essa coisa de fazer tratamento clínico e cirúrgico individual, praticamente cada vez vai ficando mais distanciado. O que vale, que eu vejo que falta para nós, é o indivíduo ter uma idéia global da coisa. A propriedade por exemplo, se você englobar a propriedade, você tem uma noção geral... e não ir lá fazer.... não precisa. Tem horas que precisa. Mas essa visão de clínica e cirurgia tem que mudar um pouco. (...) (P06)

O pensamento reducionista também foi combatido por outro entrevistado que explicou a origem desta idéia. Nas primeiras Escolas de Veterinária, as concepções reducionista e higienista-preventivista estavam presentes lado a lado, pautando os estilos de pensamento associados à Medicina Veterinária. A primeira concepção teve sua gênese na criação das primeiras escolas de veterinária da França, com forte influência do pensamento médico humano que focaliza o indivíduo. Ao passo que, simultaneamente, a segunda concepção também se fazia presente porque eram necessários conhecimentos para o combate a enzootias e epizootias que se propagavam nos rebanhos. No Brasil, as primeiras escolas fundadas seguiam os padrões da Escola Francesa e moldaram certas noções que passaram a se manifestar dentro dos cursos e da profissão, com uma concepção marcadamente

reducionista. O entrevistado deixa claro que o estilo de pensamento associado à Clínica Veterinária é essencial e deve continuar existindo, mas é importante que outras idéias ligadas a outros estilos também se sobressaíam, para que o profissional se torne completo. O que transparece é que, às vezes, o primeiro estilo procura subjugar os demais:

(...) Eu acho que precisamos de um perfil, eu não diria menos “clínicista”, mas que envolva fatores como sanidade e produção, saúde pública, etc... Então um profissional completo. Hoje se fala... os americanos chamam de *Production Veterinary*. Nós temos um conceito aqui da escola francesa, de paciente. Que é um conceito bem humano, um conceito bem da medicina humana. E é um conceito da escola francesa e nós simplesmente, nós temos que... A minha opinião é que nós temos que mudar o perfil nosso, como o produtor rural o nosso cliente. E esse produtor rural nós temos que ajudar a ter lucro. Aí nós temos que logicamente dentro de ética e etc. e tal. E de outro lado o outro cliente, o consumidor. (...) (P04)

Dois professores entrevistados pronunciaram-se sobre um item já discutido entre os formandos que é a respeito da transmissão de conhecimentos novos. Um deles comentou que muitos professores ficam presos à estrutura engessada dos programas curriculares e não conseguem se flexibilizar a ponto de permitir a inclusão de novos conteúdos às suas aulas:

Nós professores procurando melhorar, aprimorar nossas aulas, a gente descobre coisas novas e nem sempre nós temos condição de levar à sala de aula essas novidades. Então eu acredito que existem esses assuntos sim. A gente sabe que tem, mas nós estamos quase que bitolados a seguir um programa, um programa já estruturado, não por nós, já vem estruturado por nossas bases. Então a gente foge um pouco, mas existem novas coisas que nós poderíamos trazer à aula sim, de grande interesse.(...) Depende muito do professor no meu modo de ver. Existem certos professores capazes de fugir daquele programa fundamental. Outros conseguem levar o programa fundamental e elucidar, dar mais ênfase a novidades. Mas, ele inibe sim um pouco o professor. O professor fica meio bitolado naquela função didática fundamental da disciplina. (P15)

Outro professor declarou que há problemas na atualização de alguns conteúdos no curso e aponta desequilíbrios em relação ao tempo dedicado a algumas matérias, havendo omissão de determinados tópicos por falta de carga horária em algumas disciplinas:

(...) Mas em algumas outras áreas eu acho que ainda falta se preocupar mais com o que realmente está acontecendo lá fora. (...) Algumas coisas, até algumas coisas básicas a gente sente alguma carência aqui dentro. (...) Eu acho que mesmo pelo tempo e pelo excesso, pela carga horária com relação a parte teórica eu acho que é muito pesada. E dentro disso sobrecarrega muito os alunos, sobrecarrega. Então, o que é que acontece, tem umas disciplinas que eu acho que têm horas demais, em contrapartida têm disciplinas que está faltando horas para se cumprir essa disciplina em si. E sendo assim, o professor tem que escolher isso que na ótica dele, na visão dele, no conhecimento dele e com relação a parte externa, aquilo que o aluno mais vai precisar lá fora. Porque realmente estão exigindo mais dentro daquilo. Então ele faz uma seleção e não, lógico, não vai seguir tudo aquilo que a ementa da disciplina manda e tal. Ele procura escolher alguns assuntos que acha mais importantes para tentar suprir isso aí. Mas eu volto novamente a enfatizar o seguinte, que eu acho que a parte teórica, eu acho que está dentro daquilo que a gente pensa e o que se precisa mais realmente é se saber o que é que se faz mais lá fora hoje. Que muitos companheiros que estão aqui dentro, claro, não vou dizer de maneira geral, mas têm companheiros que desconhecem o que é que ocorre lá fora no dia a dia, com relação aos profissionais, e o que se necessita desses profissionais lá fora. E essa informação eu acho que não está chegando muito bem aqui. (...). (P17)

c) Conteúdos abordados de forma excessiva pelo curso, na opinião dos professores

A grande maioria dos professores (em número de 14) concordou que existem determinados conhecimentos que são abordados excessivamente pelo curso, enquanto três discordaram disso e outros três não souberam responder ao questionamento.

A declaração de um dos entrevistados mostra como existe um aprisionamento dos integrantes dos grupos em seus próprios estilos de pensamento dentro do curso, criando um isolamento e incomunicabilidade com os membros de outros agrupamentos. Esse afastamento produzido não permite avanços em termos de trocas intercoletivas, provoca incompatibilidade e falta de integração entre as áreas, como já foi registrado pelos formandos.

Não sei falar de outras disciplinas, mas a não ser da área do meu departamento. Eu acredito que no meu departamento está tudo muito bem dividido. (P15)

Os conteúdos mencionados foram variados e se encontram descritos na tabela 72. As disciplinas da área básica lideram a lista dos conhecimentos mais enfatizados durante o curso, com a Anatomia ocupando a dianteira com cinco indicações.

Eu acredito que sim. Começando... a gente começa a perceber tem disciplinas com... se nós formos comparar com outros cursos similares é uma carga horária muito alta. A própria anatomia, por exemplo. Nós temos, parece-me que são quase quinhentas e poucas horas de aula, então eu tenho a impressão que é muita coisa, ela acaba no fim ocupando um espaço que uma outra disciplina tipo saúde pública, por exemplo, que tem pouca carga horária.(...) (P02)

Acho que tem algumas áreas que estão com peso muito elevado, tem outras coisas que algumas... De um lado eu sou, apesar de não trabalhar em área básica, eu acho que o básico é importante. Mas no nosso currículo tem algumas áreas que realmente tem peso, eu posso até citar umas. O nosso curso parece um curso de anatomia, eu não sou da área, mas eu tenho a impressão que deve ter pós-graduação com menos horas em anatomia que nós temos. (P04)

Os conteúdos relacionados como excessivos dentro do curso estão registrados na tabela 73 posicionados dentro dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária. O domínio da Clínica Veterinária foi o mais lembrado, por meio das disciplinas de Clínica e de Anatomia Patológica. Um dos professores busca explicações analisando as características dos alunos que entram no curso e que foram comprovadas aqui pelas análises das entrevistas com os calouros. Ele notou que uma parcela dos classificados no vestibular para medicina veterinária é formada por aspirantes ao curso de medicina que não obtiveram êxito no concurso vestibular e que já entram direcionados para a clínica. Por outro lado, ele mostra que pode haver uma reorientação para outra forma de pensamento:

Eu acho que não são assuntos, mas eu acredito que... acredito não, minha opinião que alguns assuntos tratados aqui dentro como se fosse a nível de pós-graduação, como se fosse a coisa mais importante para um veterinário, aquele assunto. (...) E isso aí dificulta em parte a vida dos alunos porque o aluno ele sai um pouco direcionado aqui dentro do que ele gosta. Então ele vai ter que dar um duro danado para uma disciplina que ele às vezes não é aquilo que ele vai seguir, não tem interesse, enquanto isso ele deixa de aproveitar assuntos que são... aos quais ele podia se dedicar mais. (...) Eu acho tipo assim, patologia animal, clínica. Clínica eu acho que não dá para se queixar porque se nós olharmos os relatórios, (...) se você pegar o relatório 80% faz estágio em clínica. Então aí eu até concebo que isso pode ser mais exigido. Agora também não é nada assim muito complicado. Agora tipo uma patologia animal, então eu acho que eles dão uma importância muito grande. Na área deles, eu acho que eles estão certos, mas isso não deve ser transmitido assim de um modo geral para o aluno. (...) Bom, uma é... clínica e principalmente de pequenos. Eu acho que o perfil do aluno que faz vestibular hoje... são em grande maioria pessoas criadas em cidade e alguns deles até elementos que gostaria de fazer medicina e por falta de sorte ou outros fatores, não conseguem passar no vestibular de medicina numa escola gratuita, e pagar está difícil. E eles acabam optando por uma veterinária que acham que é algo parecido e quando fala em medicina veterinária, quando se faz vestibular 90% pensa em medicina, a parte clínica da veterinária. E claro que aqui dentro, se for observar, muitos ou alguns assim acabam mudando a... entram com um pensamento e depois se acham em outra coisa, até em tecnologia de alimentos, ou coisa assim. Mas eu noto que é um número muito pequeno.(...) (P14)

Os simpatizantes de outros estilos de pensamento não concordam com a profundidade com que a Zootecnia é abordada no curso:

(...) eu acho desnecessário três semestres de Anatomia. Voltando de novo, eu acho desnecessário 60 horas de Sociologia. O aluno não tem interesse por essa disciplina. Eu acho que ele deveria ter 30 horas bem dadas da disciplina e ter um conhecimento geral de Sociologia. As próprias Zootecnia. Lembrar que o nosso curso não é um curso de Zootecnia, ele é um curso de Medicina Veterinária. Acho que o aluno deveria ter conhecimento apenas de... noções básicas de Zootecnia e deixar para o zootecnista... Eu acho que o veterinário como o agrônomo interferem demais na profissão do zootecnista. Se você observar qualquer país fora, o curso de Medicina Veterinária é de Medicina Veterinária, Zootecnia é *Animal Science* que eles chamam. (...) Agora aqui no Brasil não, ele tem noções de Zootecnia 1, 2, 3, depois Avicultura, Suinocultura. Eu acho que tem muito "cultura" no curso de Medicina Veterinária e nós estamos deixando o outro lado. Está certo que o mercado de trabalho do brasileiro ainda é diferente. Não podemos comparar, existe mercado nessas áreas também. (...) (P09)

Foi levantado o problema do sobreposição que ocorre no curso, ou seja, o mesmo assunto é abordado diversas vezes em várias disciplinas. Esta observação havia sido colocada em discussão por um dos formandos.

Eu acho que tem algumas coisas que a gente peca dentro do curso, tem alguns assuntos que são... o mesmo assunto é ministrado em várias disciplinas. (...) Por exemplo, você pega algumas doenças, principalmente na parte de doenças, às vezes a mesma doença é dada na DOIC [disciplina de Doenças Infecto-Contagiosas], depois é dada na Clínica, depois é dada na Patologia ou Suína, ou na Patologia Aviária. Às vezes a mesma doença ela é ministrada quatro vezes por diferentes professores e cada um... não acrescenta muita coisa entre um e outro. Então eu acho que deveria dar uma vez só e pronto. (...) A sugestão é que todos os professores que estejam envolvidos nessas... com esses conteúdos cheguem a uma conclusão. Um dá uma coisa e outro dá outra. Uma vez ministrado um assunto, acho que tem que dar por esgotado. Pode se voltar a tirar dúvidas, alguma coisa, pode ser, mas a gente repete bastante coisa. (P01)

Interessante é que o sobreposição é sempre referido em relação à abordagem das doenças, ou seja, dentro do estilo de pensamento associado à Clínica Veterinária, que seria uma outra forma de tentar incutir nos alunos uma forma dirigida de percepção. O reforço de alguns conteúdos em detrimento de outros poderia implicar em conceder prerrogativas para determinado estilo de pensamento, que poderia se destacar em relação aos demais. Fleck (1986d) indica que na educação, o aluno é levado a observar aquilo que o professor vê, ao mesmo tempo em que perde a aptidão para ver as coisas sob outros pontos de vista.

Um dos entrevistados enxerga benefícios no sobreposição e afirma que esse procedimento teria a vantagem de reforçar os conteúdos para os alunos. Entretanto, ele confirma que algumas disciplinas seriam prejudicadas com essa prática:

Eu acredito que uma das coisas boas que acontecem inclusive no nosso curso é que certas disciplinas são dadas com uma intensidade tão grande, a formação dos profissionais é tão boa que acabam sendo prejudiciais para outras. Então se cria aquilo que a gente diz: sobreamento na formação profissional, e isso a gente nota que aquelas disciplinas que são em regra geral mais exigentes, monopolizam a formação do profissional e algumas outras disciplinas de grande significado ficam prejudicadas (...). (P03)

É importante esclarecer que o sobreamento ou sobreposição de conteúdos é diferente da abordagem interdisciplinar. No primeiro caso ocorre uma repetição dos mesmos aspectos de um tópico, enquanto que na forma de projeto interdisciplinar um assunto é focado sob diferentes pontos de vista, trazendo novos tipos de abordagem com diferentes perspectivas para os alunos.

Um outro ponto suscitado por quatro professores diz respeito ao aprofundamento excessivo de conteúdos tratados dentro de certas disciplinas, com uma cobrança excessiva. Isto chega a influenciar o rendimento dos estudantes para o aprendizado de outras matérias prejudicando sua formação geral. Também pode haver prejuízos para o aprendizado da própria matéria, já que os acadêmicos acabam por se preocupar em apenas serem aprovados e não dão atenção para os conhecimentos que vão levar para a vida profissional.

(...) Outra área assim que eu vejo também, não que a gente ache que está sendo demais, mas os alunos pelo menos eles acabam comentando com a gente, a área da patologia, anatomia patológica. Eles estão assim muito... com um aprofundamento muito grande e há uma sobre... os alunos se queixam que chega na hora de uma prova eles se atrapalham porque há muita... um aprofundamento acho que quase igual a cursos de mestrado na área. Então talvez deveria ser dado assim mais um geral, não um aprofundamento tão intenso. (P02)

(...) Eu diria especificamente na veterinária as áreas de clínica e patologia. Eu não tenho como discutir a questão da carga horária, não tenho elementos para isso. Mas pela excessiva exigência que se dá para os alunos, eles acabam tendo um peso absurdamente maior do que na prática que é em termos de carga horária. Acontece com a gente mesmo. (...) Os alunos te dizem: "Amanhã tem prova de clínica". O que qualquer professor faz? Qualquer um sabe que isso é um tormento na vida deles, e que se você fizer uma atividade a mais, você acaba prejudicando, podendo alguém perder um semestre em outra disciplina. Então acaba todo mudo amolecendo um pouquinho para os alunos poderem estudar clínica e patologia. E que é realmente um excesso especialmente quando se entra em detalhes típicos de pós-graduação etc e tal, e que eu acho que acaba sendo... acaba logicamente sendo ótimo para área, porque todo mundo sabe bem a área. Mas com aquela idéia de formar um profissional que conheça... que tenha uma idéia como um todo dentro do curso, acho que acaba prejudicando o curso como um todo. (P04)

(...) A própria patologia, eu particularmente acho que uma das patologias está sendo jogado uma coisa assim que não há necessidade em detrimento de outras. No fim o aluno se preocupa porque tem muita matéria, tem que estudar, estudar para tirar nota, porque ele tem que tirar nota e na verdade ele não aprende, acaba se apavorando. Ele só estuda aquilo para passar e não aprende o básico, o que ele precisaria. Então eu acho que existem disciplinas que deixam a desejar nesse aspecto. (...) (P06)

Esse problema foi apontado por alguns formandos, principalmente em relação à avaliação. Uma das queixas era com relação à cobrança exagerada nas provas de determinadas matérias, muitas vezes levando o aluno até à reprovação. Um dos professores fala a respeito do elevado índice de reprovação em algumas disciplinas do curso:

(...) às vezes quando você sobrecarrega demais com carga horária, com tempo, e mesmo com exigência e até com repetência, que chega alcançar em certas disciplinas até 50%, você está indiretamente exagerando na carga de conhecimentos que o aluno está recebendo e trazendo como consequência o prejuízo para outras. (P03)

Um entrevistado ponderou que na disciplina de Clínica é fundamental que exista um elevado nível de exigência pela sua importância no curso:

(...) Muita gente reclama às vezes que a disciplina Clínica que é mais exigida, eu acho, nessa área da veterinária. Que a pessoa, por exemplo tem que fazer, se mata, e às vezes não quer trabalhar na área. Então é isso que às vezes o pessoal comenta comigo, os alunos. Só que eu acho que tudo é válido. (...) Só que a clínica eu já acho diferente porque a clínica já é uma disciplina que o médico veterinário tem que saber. É uma das essenciais no caso desse curso. (P13)

Foram mencionadas exclusivamente as disciplinas do estilo de pensamento da Clínica Veterinária, que executam avaliações extremamente severas sobre os estudantes. Parece que a necessidade de manutenção de um estilo de pensamento é tão intensa que se chega a estabelecer uma rigidez exagerada para garantir que os alunos apreendam os princípios que regem determinado estilo de pensamento. Fleck (1986e) explica que o ingresso em um coletivo é feito após um período de aprendizagem no qual o poder de autoridade e da sugestão desempenham papel fundamental.

Nesse bloco de perguntas que versa sobre a percepção geral que os professores têm do curso, sete entrevistados falaram espontaneamente sobre o currículo, apontando problemas no mesmo. Três deles observaram que a estrutura curricular que está em vigor é muito antiga dentro do curso e apontaram o crescimento de algumas áreas utilizando a estratégia de subdividir as disciplinas para ganhar mais espaço. Os interesses não estavam voltados para o curso, mas para o fortalecimento de determinados agrupamentos. A observação da evolução curricular mostra isso com clareza no capítulo 6.

Eu acho que aí foi poder de vamos dizer assim... poder de fogo do professor (...) Nós tínhamos até mil e novecentos... o curso começou em 73, acho que foi em 81, 82 parece-me, o curso passou em 80 a ter... Eram 8 semestres e passou a ter 10 em 80 e o que aconteceu foi o seguinte: É que muitas disciplinas, elas renderam filhotes. Você pegava na época uma disciplina de microbiologia, por exemplo, ela abrangia microorganismos, então via vírus, alguma coisa de fungos e bactérias. Daqui a pouco se achou que era interessante a microbiologia ficar só com bactérias; fungos e vírus passa a ser outra disciplina. Daqui a pouco, nós tínhamos também a parte de patologias que eram vistas dentro da doenças infecto-contagiosas, daí se criou uma patologia de suínos, patologia de aves, patologia de ovinos. Então cada professor... Eu acredito que o detalhe aí foi o seguinte: Até 1979, 80 nós tínhamos aqui professores que eles diziam que eram titular, mas nas verdade não tinha titular. Era o seguinte, tinha que ter um responsável pela disciplina. Os professores mais novos que iam chegando eles tinham que ficar subordinado àqueles mais antigos que... de forma assim erroneamente se chamavam de titular. E estes então para serem também titulares eles achavam que deveriam criar uma disciplina então aquela era a área dele e isso foi... Então quem teve essa oportunidade, foram encaixando essas disciplinas e a saúde pública, na oportunidade, eu tenho a impressão que a pessoa responsável, talvez não se deu conta que poderia ter aproveitado a oportunidade para ampliar um pouco a carga horária. Eu acredito que foi nesse sentido aí. (P02)

(...) E acredito, no meu ponto de vista, que tem que retomar esse documento à discussão. (...) O que levou a acontecer isso aí foi exatamente a defesa de território. Você chegava lá numa determinada disciplina, quando havia um pouquinho mais de liberdade, você chegava e botava uma carga horária de vamos dizer 180 horas, para uma disciplina que normalmente que nos outros cursos seriam 80 no máximo 120. Teve uma disciplina inclusive que não me recordo aqui, parece que estava até com 220 com os penduricalhos. Então, muitas vezes a disciplina... a mãe como se diz, o nascedouro era pequeno. Mas os penduricalhos que foram sendo criados aumentando em 30, em 60. (P03)

(...) só que simplesmente nós estamos com um curso projetado no final dos anos 60 e tocando ficha até hoje, certo? Praticamente sem alterações. O meu departamento, por exemplo, até hoje a estrutura de disciplinas não tem muito a ver com a lógica. Ela tem a ver com as pessoas que estavam aqui à disposição no momento da montagem do curso. Então as áreas que tinham mais pessoas disponíveis estão com carga horária maior. Enfim, toda a distribuição é voltada para essa lógica. Quando você olha você chega a ter que rir. A distribuição... e assim ela continua até hoje. Áreas novas estão com muita dificuldade de ser inseridas. (P04)

Pelas falas, percebe-se que o currículo foi montado não em função do curso, mas antes, dirigido para os grupos de pessoas que estavam lecionando no momento. A “defesa de território” que ocorre parece ser bem antiga, podendo estar ligada a uma busca pela manutenção de um estilo de pensamento até então predominante.

Houve a criação de diversas disciplinas suplementares às primordiais, o que contribuiu para ampliar exageradamente a carga horária do curso, um dos principais problemas apresentados por quatro entrevistados:

(...) Então nosso curso de medicina veterinária talvez seja do país um dos cursos que tem a maior carga horária, principalmente com exagero em determinadas disciplinas. (...) (P03)

Quando foi feito o estudo do currículo tinha... se somar... associado com os currículos de outras universidades, tinha que abaixar no mínimo 500 horas. Dava de abaixar no mínimo 500 horas, mesmo com a criação de outras disciplinas. (P10)

Um entrevistado explicou que existe um número excessivo de disciplinas, com muitas subdivisões, o que faz com que o currículo torne-se “inchado”. Esta fragmentação desnecessária produz inúmeros problemas, dentre eles a dificuldade de contratação de novos profissionais, que poderiam trazer novas contribuições e concepções distintas, que seria uma oportunidade para trazer idéias diferentes para o curso:

Primeiro, eu acho que as nossas disciplinas estão muito subdivididas. Então isso criou um monte de disciplinas com pequeno número de carga horária. Isso dificulta a coordenação entre essas disciplinas e dificulta a contratação de professores, inclusive. Porque isso aí impede que tu contrates um professor de uma área que é muito necessária, mas que tem 5 horas aula por semana. Não dá para contratar, mas essa disciplina é indispensável às vezes. Não tem outro para fazer isso. Então, isso nos tira a flexibilidade, nos impede de contratar um professor numa área emergente, por exemplo. Então eu acho que nós deveríamos pensar em voltar em aglutinar as disciplinas. (...) (P05)

Alguns professores (cinco) relataram uma tentativa fracassada de reforma curricular. Foram feitos vários estudos por diversas comissões que analisaram a grade curricular e a compararam com outros cursos. Foram percebidas distorções na distribuição de carga horária em algumas disciplinas com sugestões de modificação:

Até se fez aqui há algum tempo alguma tentativa de modificação de currículo com redução de carga horária, umas seriam aumentadas outras diminuídas. Mas aquilo ficou só naquela tentativa e não foi em frente. (...) Essa tentativa tenho a impressão que foi a partir... entre 96 a 98. (...) Pois olha, essa tentativa ela começou com um projeto pedagógico que tinha sido implantado na universidade, com uma avaliação de professores e ela ia culminar com essa reforma curricular. Eu assim o motivo exato que ela não entrou em prática eu não sei te dizer por que. Inclusive tinha comissões, que fizeram estudos, compararam, digamos assim, a carga horária do nosso curso com os outros. Hoje nós temos um curso com cinco mil e duzentas horas. Uma época alguém fez um levantamento dizendo que haveria uma ocupação mais ou menos... o aluno teria em torno médio de umas trinta e quatro horas aula por semana e isso ocupa de forma... que ele não tem tempo para mais nada, mesmo que às vezes ele queira participar de um projeto de extensão e pesquisa (...) (P02)

(...) Esse documento foi feito ali naquela época de se definir aqui que tipo de curso nós queríamos. Se queríamos aquele... o seqüencial ou... me fuge o nome... o seriado. (...) e nesse levantamento então foi proposto um enxugamento de determinadas disciplinas e ampliação de carga horária em outras (...) E este documento lamentavelmente se encontra adormecido. As razões que levam a isso eu não sei. (...) Eu acredito que a tendência é de voltar às disciplinas mães. (...) O que seriam as disciplinas mães? Anatomia, só Anatomia. Fisiologia, só Fisiologia. Clínica Médica só Clínica Médica. E retirar uma série de penduricalhos que deveriam ser obrigatoriamente jogados na pós-graduação ou para as eletivas. E hoje nós vamos ver aqui, nós temos até para uma defesa de território, pessoas que estão vinculadas única e exclusivamente a disciplinas que são consideradas do contexto da medicina veterinária, penduricalhos. (...) Eu não tenho bem certeza, mas isso aqui deve ter sido há uns 3 ou 4 anos. (...) (P03)

Bem, primeiro nós temos que fazer uma longa discussão de... eu diria... não sei se o termo correto é revisão curricular como um ponto. Eu quero dizer retomar esse processo. Esse processo foi feito há... foi em 93, 94 não sei mais exatamente. Eu participei de uma comissão dolorosa de muito trabalho, que foi parar tudo numa gaveta. Quer dizer, nem sei em qual gaveta. Em alguma gaveta. Nem sei se está em alguma gaveta, mas enfim... pode estar. (P04)

Quando indagados sobre os motivos que levaram esta tentativa a não ser bem sucedida, um dos entrevistados explicou que a reforma aprovada ia de encontro a um sistema que pretendia ser implantado em toda a UDESC e por este motivo seria melhor aguardar uma definição melhor para que quando fossem implantadas as mudanças locais, estas fossem de ordem permanente:

(...) Quando foi feito este estudo a UDESC estava passando por aquela reforma de crédito para seriado. E depois como não foi implantado, não foi mudado o sistema, ficou com crédito daí... Tem mais detalhes porque acho que a UDESC está tentando fazer, pelo menos na época, que se comentou eles estavam tentando fazer um sistema único. E a experiência de Joinville com o seriado parece que não foi... no esquema que Joinville estava fazendo parece que não foi aprovado 100%. Então ter que implantar uma coisa aqui e depois ter que voltar, e voltar a crédito era complicado. Então o pensamento do pessoal era fazer um estudo melhor para adquirir alguma coisa... não ir e voltar. Aquela história de implantar e depois ter que fazer um novo currículo, depois voltar para o outro currículo. (...) (P10)

Nos procedimentos de busca do documento que apresentava o estudo sobre a reforma curricular pretendida (anexo 23), a indagação a vários professores que haviam estado ou estavam na Coordenação do Curso foi infrutífera. Nos arquivos do setor não constavam tais estudos e a cópia do documento foi obtida por meio um professor que havia recebido o documento na época e o guardou. O relato da comissão é um estudo incipiente, e não são apresentados com detalhes os argumentos que a levaram a sugerir alterações em algumas disciplinas. Também não foram apresentados dados quantitativos relativos a tais sugestões. O relatório foi encaminhado pela Coordenação do Curso para discussão pelos departamentos, mas tais estudos não avançaram e a reforma curricular não foi efetivada.

Três professores justificaram o insucesso da reforma a dificuldades ligadas principalmente à não aceitação pelos professores pela implantação de uma estrutura modificada e destituída dos excessos até então identificados. Esta resistência poderia estar ligada a um temor pela redução da carga horária do próprio professor e

conseqüente redução salarial⁵² e aparece de forma bastante intensa nos discursos do professores⁵³:

(...) As pessoas, os professores sempre estão com aquele pé atrás pensando que eles têm uma determinada carga horária para ser cumprida e que todos os semestres eles têm que preencher uma planilha de ocupação docente. E daqui a pouco, se a carga horária dele for reduzida, porque a disciplina teve a carga diminuída ele vai ter pouca aula e daí ele vai ter problema de salário; que é uma grande besteira. Porque o salário, ele não pode ser reduzido. Na constituição não pode haver redutibilidade de salário, só se o funcionário pedir (...)(P02)

(...) Se não, é a tal história, você começa a abrir mão da tua carga horária, quando outros de disciplinas menos significativas no meu ponto de vista não querem abrir mão. (...) Eu acredito inclusive no seguinte, lamentavelmente na instituição, na própria instituição leva a esse vício, porque são as questões de justificativa de plano de ocupação e de carga horária. Como nos nossos regimes, a maioria dos professores são do regime de 40, e possivelmente de DE [dedicação exclusiva], muitas vezes a pessoa se... um grande número muitas vezes de professores de uma disciplina só, criam um problema violento de justificar. Nós tivemos naquela época da 039, ali, aquela resolução, uma fase de vacas magras aqui dentro e que o pessoal tinha que justificar com hora aula mesmo. Então no meu ponto de vista acho que o medo maior é esse de amanhã ou depois o pessoal não ter como justificar sua carga horária. (P03)

Essa reforma curricular já faz alguns anos, eu não sei quantos anos que foi feita uma proposta inclusive de aumento de cargas horárias de algumas disciplinas, diminuição de outras. Mas a coisa não vingou, não sei por que, a coisa não foi para a frente. Eu acho que de repente nós, nós que eu estou falando, eu estou falando por mim. De repente a gente também não quis abrir mão da carga horária da gente, então a coisa já está muito complicada para resolver isso, aumentar a carga horária do outro se alguém não ceder. Então, de repente eu, por exemplo, acho a minha disciplina extremamente importante e não quero abrir mão da minha carga horária porque eu já acho que de repente eu já não está... eu já estou meio correndo demais com ela. Então já não seria aquilo que eu gostaria, dar com mais tranquilidade, com mais tempo. (...) Lógico né, a gente sempre acha que ainda não é o suficiente. (...) Então de repente não tem mais como você ampliar mais essa carga excessiva que nós já temos. (...) Isso aí é uma coisa complicada. (...) hoje a gente é obrigada a ter aquela... se obrigar a cumprir aquele x de horas-aula. Daí se você não fechar aquele x de horas-aula você vai acabar sendo prejudicado. Então eu acho que a coisa também assusta um pouco por esse ângulo. De repente eu até poderia fazer um esforço e reduzir a minha carga horária, mas e depois, no futuro como é que vai ficar isso? Vai haver carga horária para todos, de repente essas coisas estão sempre mudando, de vez em quando mudam, há uma mudança. (...) Uma preocupação né, porque não deixa de ser, Márcia, uma preocupação séria. De repente... quer dizer hoje está fechando todas as cargas horárias, de repente se você reduz, daqui a pouco não fecha. E daí? (...) Eu acho que seria interessante se de repente a universidade se preocupasse com isso aí. (...) para tentar resolver da melhor forma possível para todo o mundo. (...) (P16)

⁵² As Resoluções nº 031/99, 035/99, 036/99 e 038/99-CONSUNI estabeleceram um conjunto de medidas para a contenção de gastos financeiros na UDESC. A deliberação fixava critérios para alocação de carga horária docente em atividades de ensino, pesquisa e extensão. O não cumprimento das normas estabelecidas implicaria em perda do adicional de produtividade ao salário (CONSUNI, 2002).

⁵³ Em uma entrevista, o Coordenador de Curso afirmou que a estrutura curricular do curso de Medicina Veterinária da UDESC não mudou e as disciplinas praticamente são as mesmas desde sua implantação, com alterações curriculares mínimas. Ele também observou que os professores não estão preparados para uma mudança curricular e apontou que um dos motivos pelos quais há resistências a modificações desta natureza é o problema relacionado com a carga horária dos professores.

Foi lembrado muito apropriadamente que a função do professor extrapola a sala de aula e o receio em ter o salário reduzido pode refletir negativamente não só em sua produtividade como também cria problemas para o próprio curso, como o que está sendo observado com relação ao excesso de carga horária em algumas disciplinas.

(...) Nós deveríamos desassociar a atividade do professor da carga horária porque isto não tem nada a ver. Eu acho que a atividade do professor é muito mais do que simplesmente dar aulas (...) (P05)

Contudo, a tentativa fracassada de reforma curricular é anterior às resoluções que fixavam carga horária mínima para as atividades docentes, não podendo se constituir em justificativa para a não modificação curricular. O enxugamento do currículo poderia levar a problemas de carga horária de alguns professores por uma diminuição drástica do número de horas de certas disciplinas. Entretanto, isso se constitui em um transtorno se os professores não se dispuserem a lecionar outras disciplinas além daquelas que estão acostumados a se dedicar para completar sua carga horária. Parece que, além do problema de manutenção de um estilo de pensamento associado a um campo de atuação, há também a formação de sub-grupos ou nichos dentro desses estilos formando uma intrincada rede de inter-relações. Esses sub-grupos teriam interesses semelhantes, provocando uma inércia em relação a alterações que poderiam, porventura, ocorrer no curso.

Um entrevistado detectou uma certa acomodação, uma resistência à mudança, ou seja, a tentativa irredutível à persistência de um sistema de idéias, conforme Fleck aponta quando um coletivo deseja manter seu estilo de pensamento:

Eu acho que essa reforma curricular não sai por falta de vontade do corpo docente. (...) Não tem vontade que mexa, porque para muita gente assim como está, está bom. Então passar 20, 30, 40, 50 anos com o mesmo currículo pode ser uma coisa cômoda para o pessoal que dá aula com folha amarelada de 10, 12, 14 anos atrás. Então para muitos não há interesse de que se mexa nisso. Porque eu não acredito que se a comunidade universitária se movimentasse e quisesse uma renovação de currículo, tanto por parte de acadêmicos, que eles querem mais do que nós, do que por parte dos professores que isso não saísse. Porque isso não é nem um bicho de sete cabeças. (P07)

Se for utilizado o sistema de pensamento de Fleck, a explicação para esse “encarceramento” do currículo pode estar ligada à tentativa de manutenção de uma determinada estrutura de coletivo, procurando conservar o espaço até então ocupado. Alguns ou integrantes de determinados coletivos podem ter contribuído

para que a estrutura permanecesse cristalizada, atendendo aos interesses dos estilos de pensamento associados aos campos de atuação ou às sub-áreas ao qual faziam parte desde a criação do curso.

De acordo com as fases de desenvolvimento de um coletivo de pensamento sistematizadas por Schäfer & Schnelle (1986) – de instauração, extensão e transformação de um estilo de pensamento – houve a instauração de alguns coletivos quando da criação do curso, que passou pela fase de extensão, quando o estilo de pensamento associado se ampliou e se firmou. Entretanto, parece que há uma certa resistência à passagem para uma terceira fase que é a da transformação em que deveria haver, inclusive, abertura para a plena subsistência de outros estilos de pensamento. Essa resistência poderia estar também associada à concepção predominante de saúde e doença que alguns coletivos insistem em manter.

Um dos professores revelou a existência de uma “concorrência entre áreas”, o que poderia sugerir a ocorrência de uma certa rivalidade entre integrantes de coletivos distintos:

(...) Mas uma outra coisa que eu vejo... isso é uma coisa típica nossa de professor, uma certa concorrência de áreas que não leva a nada. E para mim eu coloco essa concorrência... lógico a concorrência que eu digo não no sentido da concorrência do fazer melhor que o outro, isso eu acho salutar. A concorrência no sentido de um dizer que o veterinário bom é o que eu estou falando, e outro dizer que é contrário, que aquele que não se incomoda em perder tempo com coisas de produção, que não é coisa de veterinário. Este tipo de concorrência. E para mim esta desarmonia... para mim esta concorrência pode ser voltada basicamente à falta de um colegiado de curso, que é um órgão que realmente discute o curso (...) até para os colegas saberem o que está acontecendo nas áreas. Nós temos ainda dificuldade nesse sentido até dentro do próprio departamento, de nunca ter feito um trabalho realmente de levantamento de continuidade, que é uma culpa nossa realmente de... “amanhã a gente faz... no mês que vem nós vamos fazer”, e vai ficando. (...) (P04)

Pela transcrição do trecho acima se pode novamente recorrer à explicação de Fleck que afirma que os coletivos procuram fazer com que os aspirantes a determinado círculo esotérico sejam conduzidos a observar as coisas de determinada forma, trazendo como contrapartida a incapacidade de percepção de outras, para a aquisição de um modo de pensamento próprio e comum. Neste período de aprendizagem a disposição coletiva conduz a uma forma de percepção dirigida, levando a uma união entre seus membros e adoção de uma atitude compartilhada (cf. Fleck, 1986d; 1986e). Esse preceito traz como consequência a

tendência a tentar sufocar outras formas de pensamento não concordantes com aquela forma que se quer fazer predominar.

Entretanto, um entrevistado percebeu haver competição entre setores pertencentes ao mesmo estilo de pensamento, o que sugere que a teia de relações estabelecidas pelos estilos de pensamento seria algo mais complexo ainda do que aquilo que Fleck explica ao elaborar sua teoria:

Aí tinha que ter... eu acredito que deveria assim haver uma espécie de uma comissão de consenso exatamente para verificar e mostrar para os professores. Por exemplo, para a turma da clínica, que a clínica não é a mais importante do mundo, mostrar para a turma da patológica que não adianta eles ficarem competindo com a turma da clínica para dizer quem que é mais... ferra mais, ferra menos, tudo isso. Enquanto esses dois grupos, principalmente esses dois grupos não tiver consciência disso, a escola vai continuar assim por muito tempo eu acho. (...) Porque nós aqui, nós formamos veterinário para andar de branco, e estetoscópio pendurado no pescoço. Para mim é uma triste ilusão que está acontecendo. (...) A grande briga, a grande batalha é da... que prejudica muito os alunos. Porque começa aquela concorrência por causa de projeção uma maior que a outra. Então você está de fora, mas só para você ter uma idéia... quer dizer eles têm pavor quando chega na época que eu marco uma... a gente tem um calendário de prova e eles são irredutíveis e eles parece que adoram quando coincide da prova dos dois caírem no mesmo dia. Como o semestre passado teve uma turma que fez uma prova de clínica de manhã e uma de patológica à tarde. Simplesmente porque não houve uma maneira que eles pudessem pelo menos dizer: "Não, vamos fazer um dia depois, um dia..." Nenhum dos dois quis abrir mão, nenhum. Eu estou falando não dos professores, eu estou falando das disciplinas. (...) (P20)

Para alguns dos entrevistados, uma reforma curricular se revela como uma solução para os problemas apresentados, dentre eles o de sobreamento:

(...) Porque às vezes a gente está repetindo em diversas disciplinas a mesma coisa, quando poderia sentar, enxugar esse currículo e dar mais tempo para o estudante ir para a biblioteca, praticar esportes e todo tipo de coisa.(...) Eu acho que as pessoas precisam se reunir com paciência e com tempo, fazer um estudo aprofundado, não por pessoas que não tenham a ver com as disciplinas, e discutir e rediscutir o conteúdo programático e que enfoque cada um dará. Certamente vai diminuir o número, a carga horária por disciplina. (P07)

Além da tentativa descrita anteriormente de reforma curricular, houve mais uma tentativa para resolver o problema de sobreamento, com a nomeação de uma outra comissão, mas novamente o intento fracassou. O principal motivo alegado foi, como da outra vez, o problema gerado pela diminuição de carga horária por alguns professores, como pode ser observado pelas declarações abaixo:

(...) Eu soube nessa época nessa oportunidade da tentativa de reduzir carga horária do curso que existe aqui também um problema de sobreamento de disciplinas. Um determinado assunto é visto numa fase anterior; depois na outra, uma outra disciplina aborda; depois lá na frente uma outra, uma outra. E houve então, a tentativa de um coordenador de curso reunir os professores para ver o que poderia ser feito. Na primeira reunião que ele fez ninguém queria abrir mão da sua carga horária então só teve aquela tentativa e acabaram desistindo. E aí eu acredito que nesse caso se houvesse a redução de algumas que tem muita, poderíamos enxugar essa grade, esse currículo aí... (...) (P02)

A comissão ela trabalhou exatamente para ver sobreamento, aqueles conteúdos que estavam sendo dúbios e feito esse levantamento em todas as disciplinas. Foi feito um relatório acerca desses assuntos e eu acredito que após isso ele não teve um encaminhamento como deveria ter. Acho que deve ter mais ou menos parado. (...) Olha, isso realmente não é fácil, não é fácil porque a gente tentou fazer alguma coisa nesse sentido mas... Você esbarra no próprio profissional, principalmente o profissional que as vezes não aceita ou acha que vai ser prejudicado em tirar aquele assunto, ou ele acha que aquele assunto é exclusivo dele e não do outro professor, então fica nesse jogo de empurra, empurra. (...) Porque, também não sei, não sei se houveram... alguma tentativa de tentar acertar com os professores... esbarraram naquele problema que eu citei anteriormente, que ficaria difícil. “Estão tentando tirar a nossa carga horária, vai faltar carga horária” e assim por diante... Eu acredito que seja isso. (P08)

Por outro lado, parece que os estudos dos problemas curriculares, muitas vezes, ficam restritos apenas a algumas pessoas e os interessados não são chamados para opinar a respeito e também não são informados sobre os resultados. O que se depreende dos relatos abaixo é que para haver a manutenção de um estilo de pensamento, o coletivo se vale de determinadas estratégias como no caso a obstrução de informações. Um entrevistado comenta que não sabe o que aconteceu com o resultado da discussão sobre a reforma curricular:

Sumiu. Desapareceu, não sei o que houve com ela. (...) Ah, isso já faz uns quatro anos mais ou menos. Ah, com certeza já faz uns quatro anos. Não sei o que houve com ela. (...) Sei que teve uma proposta que saiu aqui do Centro, que seria a serialização do currículo na época. E uma alteração com redução de carga horária do curso, mais ou menos contemplaria esse aspecto de diminuir um pouco as disciplinas básicas e pelos menos manter as disciplinas profissionalizantes. E isso aí desapareceu, não sei o que foi feito disso. Não sei em que pé está isso aí. (P05)

(...) eu estou há 16 anos aqui e já ouvi muitas vezes alguém falar: “Vamos estudar currículo, vamos fazer não sei o quê...” e nunca ninguém ficou sabendo de nada. Eu acredito até que essas comissões tenham estudado, tenham se empenhado, mas os interessados nunca ficaram sabendo. Então eu acho que os professores afetos a essas disciplinas que têm esse sobreamento tinham que conversar. (P07)

Um dos problemas citados foi a falta de integração entre as disciplinas, mas isso pode estar relacionado à tentativa de manutenção de um estilo de pensamento, em que um coletivo teria resistência a conviver com outros coletivos associados a outros estilos. Alguém poderia pensar que a questão estaria solucionada por meio de um estudo cuidadoso do currículo para efetuar modificações e integrar melhor as

áreas. Mas um entrevistado lembra que apenas uma reforma curricular não é suficiente, é necessário que sejam tomadas outras medidas visando modificar a atitude dos professores:

Porque, eu acho que nós teríamos que passar por uma reformulação curricular. (...) A outra coisa importante, lembrar também é que algumas disciplinas no CAV precisariam passar uma reestruturação, principalmente. Não só o conteúdo programático, mas também dos próprios professores, passarem por um processo de aprendizado, reciclagem de conhecimentos, e isso é válido para todas as disciplinas não só para uma ou outra disciplina. (...) Bom, o que eu mais observo é o seguinte, a falta de interação entre as disciplinas. (...) Eu acho que nós deveríamos pensar e digamos, no momento em que a gente estiver aprendendo clínica do sistema digestivo ele deveria estar aprendendo a patologia do sistema digestivo. E assim sucessivamente, existindo interação entre essas disciplinas. Dessa forma você vai conseguir melhorar até o interesse do próprio aluno. (...) (P09)

Seria importante a realização de um trabalho conjunto com os professores para que eles se conscientizem de seu papel na formação dos futuros profissionais e passem a se preocupar em proporcionar uma visão mais ampla e completa da profissão. Deve ser feita não apenas a interação entre disciplinas pertencentes à mesma área como foi sugerido pelo entrevistado citado acima, mas uma integração com o envolvimento de todas as áreas da Medicina Veterinária em uma ação articulada, buscando um equilíbrio para a formação de um profissional completo.

Um outro assunto que foi levantando diz respeito à capacidade de análise e discussão dos problemas que surgem no curso. Um entrevistado fez uma crítica à forma como o curso reage quando se defronta com as avaliações providas do Exame Nacional de Cursos (Provão):

(...) Por exemplo, eu tive uma discussão no Colegiado no ano passado, há um ano atrás em relação ao tal do Provão. Nós fomos para o conceito C na veterinária. O que é que eu argumentei? Por que é que nós fomos para o conceito C? Primeiro, vamos fazer uma reunião só para tratar desse assunto. E até que o conceito A, B, C ou D, para mim não é tão interessante. O interessante realmente para mim é a formação profissional do aluno que é lógico, tem relação com o Provão, claro que tem. (...) as questões do Provão estão no programa de veterinária? Se estão no programa, foram ministradas? Se foram ministradas a contento? Se tudo isso coincidir, na questão estiver tudo correto, por que é que o aluno não teve uma captação, não teve um aprendizado daquilo ali. É ele o problema? É ele a causa desse conceito aqui? Então eu vejo que teria uma série de etapas. Agora, conscientes, honestas... e até doa a quem doer. Nós temos que corrigir as deficiências que a gente tem. Essa é a minha preocupação. (...) Mas agora, primeiro: gostaria que quando o conceito fosse A, se enche de cartaz na parede, e quando for do C também se enche de cartaz na parede para a gente acordar. Acorda quando foi para o A. E quando foi para o C, não acorda? Acho que tem que ser o mesmo procedimento. Porque fomos para o C? (...) Vamos chacoalhar o pessoal para saber que o conceito tem que ir para cima. Essa reunião Márcia, infelizmente não aconteceu, e aí você fica imaginando que possibilidades teriam aí. (...) Só que eu vejo que tudo o que acontece, você tem que ter avaliação, tudo o que gente faz... avaliação... O que é que poderia melhorar, o que é que eu posso melhorar. (...) (P18)

Nota-se uma certa dificuldade em reconhecer situações menos favoráveis, em examinar os fatos de maneira desapassionada e em exercitar a capacidade de reação, avaliação e tomada de decisões.

7.3.3 Percepções dos Professores sobre a Profissão

a) Compreensão dos professores sobre a área na qual está inserida a Medicina Veterinária

Para 12 entrevistados o médico veterinário é um profissional das ciências biológicas, médicas e da saúde, sendo que cinco relacionaram mais à área da saúde com o discurso pontuado pelas zoonoses:

Porque o médico veterinário ele trabalha com todas as outras áreas da saúde, ele está relacionado com biologia, porque ele tem que entender de biologia, porque ele tem que estar envolvido com as zoonoses. Eu acho que não é com agrárias. (P01)

Dos professores que indicaram que o médico veterinário pertence à área biológica, médica e da saúde, três deles pautaram seu discurso com a visão de medicina curativa:

Eu considero das ciências biológicas e da saúde. Eu não considero das ciências agrárias. Isso é a minha postura, que eu sou da área... mais da área de clínica e cirurgia. Eu gosto de ser chamado de médico veterinário. Sou médico veterinário. Se eu fosse ligado a área de ciências rurais eu seria veterinário. Eu sou médico, eu faço medicina. Agora, de repente, se você entrevistar alguém que faça área de produção animal, ele vai dizer que é área das ciências agrárias. (P09)

Das ciências biológicas. (...) Olha, eu acho que só se o médico veterinário é mais especializado na área de nutrição, aí eu acho que seria maior nas ciências agrárias. Mas, senão eu acredito que o papel dele é maior na parte de cura de doenças, de estudo de doenças, na parte biológica mesmo, microbiológica. Eu acho que tem mais a ver com isso. (P13)

Um dos professores assume que enxerga seus alunos e os prepara como se fossem estudantes de medicina humana, com uma visão mais reducionista:

Eu acho que é das ciências médicas, biológicas e da saúde. (...) Eu assim vejo o meu aluno, né. Eu preparo ele para isso. Eu não sei como ele se sente, mas ele quando está escutando o professor falar, eu estou preparando ele para as ciências médicas, biológicas porque eu sou dessa disciplina, dessa área e eu assim transmito os meus pensamentos. (...) Para mim isso daí são ciências médicas, a vida em si. Então eu trago muito o aluno nosso, da medicina veterinária, ligado à parte médica. (...) Não vejo o médico veterinário como ligado às áreas das ciências agrárias. (...) (P15)

Apenas três entrevistados enquadraram a Medicina Veterinária na área das ciências agrárias. Um deles defende a idéia – citada também por um dos formandos – de haver dois cursos: um de medicina animal, que estaria mais ligado à Clínica Veterinária e outro de veterinária, que enfocaria os aspectos relativos à Zootecnia e Produção Animal:

Bem eu já respondi, eu acho que é das agrárias. Apesar de que nós não podemos esquecer também das biológicas que eu citei o trabalho até da parte de genética molecular, de informática e etc... Então todas as partes.... até podemos estar competindo com o biólogo em todas as áreas. Mas assim, o maior peso dela... para mim o maior peso... A veterinária é uma ciência econômica das agrárias. Esse é o peso maior, servindo ao produtor rural e ao consumidor. Eu sinceramente, se houvesse uma condição de haver dois cursos, um veterinário agrário e um veterinário urbano eu seria a favor dessa pulverização, que acho que realmente são áreas bastante distintas. (P04)

Pelo discurso acima, nota-se que há claramente dois estilos de pensamento completamente opostos: o da Clínica Veterinária e o da Zootecnia e Produção Animal. A Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ocuparia uma posição intermediária, eclipsada pelos dois estilos de pensamento mais prevalentes.

Um quarto dos professores respondeu que a Medicina Veterinária estaria compreendida em ambas as áreas, dependendo da atividade a ser desempenhada pelo profissional:

No fundo as duas coisas. (...) Ficaria difícil separar. É que eu acho que... é como eu te disse, ele... na parte agrária está diretamente relacionado à parte de produção. Enquanto a parte do clínico é praticamente muito mais para as ciências biológicas do que qualquer outra coisa. Então, se a gente olhasse o interesse do pessoal que se forma é mais pela área biológica dentro da medicina veterinária. Agora, pelo que o curso oferece, oferece muita coisa na área agrária. (P14)

É importante assinalar que poucos entrevistados enfatizaram a saúde propriamente dita e a preocupação com a promoção da saúde humana. Muitas vezes quando eles falavam de saúde, na verdade, estavam dando destaque para o aspecto relacionado à doença.

Um dos entrevistados explicou o motivo de haver alguma confusão no sentido de que a profissão é enquadrada nas ciências agrárias, mas as pessoas que ensinam nos curso de formação destes profissionais não se sentem educando um profissional para tal área. Nesse trecho também pode haver alguma explicação para o problema do estilo de pensamento associado à Medicina Veterinária Preventiva e

Saúde Pública não ser muito difundido e a confusão com a identificação da profissão ora com a área médica, ora com a saúde:

(...) Eu acho que é uma mistura, não dá para a gente dizer, olha... Tanto que as próprias agências do governo que financiam, algumas colocam a veterinária na área das ciências agrárias, e outras de ciências da saúde. Não é uma coisa clara. (...) Eu acho que não é claro porque a área de atuação do médico veterinário é muito grande e a parte de saúde pública é uma atribuição do médico veterinário, mas ao mesmo tempo ele não pode abandonar a parte de produção animal que é claramente ciências agrárias. Então eu acho que faz essa confusão é o fato de que nossa área de atuação é muito ampla. Tanto que isso é uma coisa que praticamente só existe no Brasil. Na maioria dos países o profissional veterinário ele é claramente ciências agrárias e clínica de pequenos animais. Ele tem muito pouco a ver com medicina preventiva propriamente dita; se faz pouca inspeção através de veterinário. Eu até acho que nós estamos na frente neste aspecto, que nós temos um profissional que é treinado para isso, e em outras áreas a inspeção é uma coisa muito... em outros países a inspeção é uma coisa muito secundária dentro do curso de Medicina Veterinária. (...) Mas esse cara, mesmo o veterinário ele tem que fazer uma pós-graduação, ele tem que fazer um curso de treinamento depois de formado para ele poder se dedicar à saúde pública propriamente dita, à medicina preventiva. Então nos outros países, o médico veterinário é claramente ciências agrárias. (P05)

b) Compreensão dos professores sobre os campos de atuação da Medicina Veterinária

Foi pedido para que os entrevistados identificassem as principais áreas que compõem a Medicina Veterinária ou os principais campos de atuação (que foram associados na tese aos estilos de pensamento). Na tabela 74 estão listadas as áreas citadas e agrupadas de acordo com os termos referidos pelos entrevistados para denominá-las. Apenas um entrevistado identificou claramente os principais âmbitos de atuação da profissão:

Olha, eu vejo que o que tem se colocado aí... você pega o que... hoje você pega uma área grande que é clínica, você pega uma outra área que é produção animal e você pega uma outra área que é a tua inclusive, que é a área de saúde. Eu vejo essas três grandes áreas dentro da veterinária. Eu consigo identificar dentro dessas três áreas aí, uma de clínica, que seria clínica e cirurgia, a outra produção e a outra área saúde, que a saúde hoje tem evoluído bastante. Hoje com relação à questão de ambiência e etc. está muito vinculado dentro de uma área dentro da veterinária. E que está dentro da própria saúde animal a questão da segurança alimentar também que é uma área muito desenvolvida (...) (P18)

O estilo de pensamento da Clínica Veterinária foi delimitado com maior clareza, obtendo 17 citações. Porém, o setor da reprodução que faz parte da Clínica Veterinária, é muitas vezes concebido com estando separado formando um campo próprio, já que foi citado por seis entrevistados. Em segundo lugar nas referências aparece a Zootecnia e Produção Animal com 13 citações, sendo que 11 delas sob a

denominação de “produção animal”. A área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, dentro dos estilos de pensamento na profissão é a que se mostra menos nítida, sendo a menos mencionada (apenas oito vezes). Segue um trecho transcrito para demonstrar como foram as respostas dos entrevistados:

(...) Você vai encontrar aí a área da fisiopatologia da reprodução, das clínicas médicas, das ciências básicas, me esqueci... da saúde pública. E esses segmentos. Você obrigatoriamente você tem que fazer mesmo porque, mesmo que não haja uma especialização, uma super especialização em Medicina Veterinária, que lá no campo de trabalho isso é difícil, você tem que ter essas áreas definidas e estanques. Isso existe, e no meu ponto de vista deve existir. (P03)

Um dos professores incluiu na Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública elementos da Clínica Veterinária como o estudo das doenças infecciosas e parasitárias, como aparece qualificada no currículo mínimo de 1984⁵⁴:

Com certeza, como outras ciências, hoje não existe mais aquele profissional totalmente generalista. Hoje em dia a gente se concentra em grandes áreas, sem dúvida. (...) Eu diria que nós temos por exemplo a área de inspeção de produtos de origem animal; clínica de grandes e pequenos animais, clínica e cirurgia; medicina veterinária preventiva, e aí eu coloco o trabalho de doenças infecciosas, de parasitologia, de saúde pública. E uma coisa que a gente tem notado é que existe um interesse da especialização por espécie animal. Por exemplo assim o veterinário que saiba trabalhar com suínos, ou com aves, ou com gado de leite. Então não é uma área assim... ele trabalha com doenças infecciosas, ou com clínica. Não. Ele é capaz de dar uma assistência geral naquela área. Isso é uma coisa que o mercado procura. (...) Eu acho que essas subdivisões de espécie caberiam dentro da medicina veterinária de produção. (P05)

O fato de haver certa confusão na delimitação precisa dos campos de atuação demonstra que existe uma dificuldade de estabelecimento de limites fixos e definidos para as áreas ou para os estilos de pensamento a elas associados. O que existe são “bandas ou faixas de interconexão” entre os diferentes estilos que os mantém ligados e permite troca de informações. Isto torna possível a existência maior flexibilidade dos coletivos, auxiliando a comunicação entre integrantes de coletivos distintos, facilitando a circulação inter-coletiva de idéias e impedindo que a estrutura formada pelos diversos coletivos se torne engessada. Isso ocorre porque os estilos de pensamento fazem parte de uma estrutura mais ampla de pensamento e, conseqüentemente, mantêm uma forte inter-relação que garante certa afinidade entre eles.

⁵⁴ Veja seção 5.5.1.

Um dos professores relacionou as áreas com os conhecimentos enfatizados por determinadas escolas de veterinária, que enfocariam determinados setores dentro dos estilos de pensamento.

(...) o que a gente observa no Brasil, principalmente, é que existem áreas, determinadas escolas que dão ênfase para determinadas áreas. Por exemplo, se for algumas escolas do Mato Grosso, por exemplo, a ênfase maior para eles é para a área de gado de corte onde existem mais especialistas nessa área. Se for na USP, em São Paulo, é mais ligada a área de medicina veterinária, área de clínica, área de cirurgia. Se você vai no Rio de Janeiro por exemplo, você pega a Fluminense está mais ligada, ênfase maior a área de tecnologia de alimentos e sanidade animal. No Rio de Janeiro, bastante ênfase para a área de parasitologia e doenças parasitárias. A razão é muito simples, é que nessas escolas existem grupos que formaram um nicho de pesquisa muito grande e envolvem muitas pessoas. Então há uma tendência, mas existe, não tenha dúvida. Mas todas as escolas de veterinária têm que cumprir um programa mínimo, aquele que é determinado pelo MEC, de maneira geral, mas existe. Se você pegar existem situações dessas sem dúvida. (P09)

É interessante notar a influência da medicina humana e das concepções associadas a ela dentro da Medicina Veterinária, que se fez presente quando um dos entrevistados comparou as áreas da Medicina Veterinária com as especialidades da medicina humana:

Talvez essa pergunta seja relacionada com o tipo da área humana, que tem aquele especialista em uma determinada área e outra não. Então eu acho que a medicina veterinária já está tendendo um pouco para este lado. Nós temos colegas que saem da universidade, eles praticamente vão trabalhar em cima de um determinado assunto, eles procuram se especializar e ficam com aquilo. Se de repente amanhã ou depois ele precisa qualquer outro assunto dentro da veterinária que não seja aquele que ele está atuando, ele manda procurar um outro colega. Então, eu acho que está dentro dessa tendência das pessoas se especializarem em um determinado assunto. (P08)

A informação obtida pelo trecho colocado acima reforça ainda mais a preponderância da concepção reducionista em alguns profissionais da Medicina Veterinária e a predominância de estilos de pensamento associados a essa concepção na prática veterinária.

c) Opinião dos professores sobre as áreas que mais se destacam na profissão

Das áreas ou campos de atuação citados pelos professores na questão anterior, foi solicitado que eles enumerassem quais teriam maior destaque dentro da profissão. As respostas a essa pergunta encontram-se na tabela 75. Segundo os entrevistados, todas as áreas ganham destaque dentro da profissão, havendo um

certo equilíbrio entre os estilos de pensamento (tabela 76), como uma leve vantagem para a Clínica Veterinária, seguida pela Zootecnia e Produção Animal:

Mas não dá para dizer uma área assim que hoje se destaque sobre todas as outras. É difícil isso acontecer. (P05)

Eu penso que basicamente esses dois. Que seria um da parte mais de produção e outra de... como é que eu vou chamar isso? Fica difícil chamar, vou chamar assim de medicina veterinária. Não que o outro não seja, mas eu vejo mais como uma área de produção e a outra como uma medicina mesmo. (...) Eu acho que as duas se destacam da mesma forma. (P07)

Possivelmente, a grande difusão de idéias entre os diferentes campos dentro da profissão possa gerar confusões na delimitação dos estilos de pensamento e seja responsável por esse aparente equilíbrio. Essa difusão de idéias também pode proporcionar a busca por um pensamento de caráter interdisciplinar, como pode ser observado pela afirmação abaixo:

(...) Mas a clínica você não pode separar da produção. (...) Eu acho difícil trabalhar com uma disciplina ou com um assunto isolado, acho que não dá. Essa tendência de cada um querer trabalhar por si não dá. Não dá porque você precisa das outras áreas, não tem como. Mesmo clínica, produção; produção isolado, também não adianta nada. Tem que ter o aporte das outras, então eu acho que é um conjunto. O importante é inter-relacionamento entre o conjunto. (...) Eu acho que a clínica, a produção, não podem ser separadas. Porque hoje quem trabalha com produção tem que trabalhar com um pouco de clínica (...) Se um animal ficou doente, não interessa animal doente, interessa porque ele ficou doente. Então eu tenho que saber onde está a origem e aí já vem outras coisas além da clínica. (...) Aí entra essa parte de epidemiologia, os fatores de risco, essas coisas. Então normalmente o trabalho de clínica é um trabalho muito bonito, legal. Mas você trabalhar com o animal doente não vai te levar a nada. Se ele ficou doente ele tem uma causa e aí onde que entram as outras disciplinas da parte básica ou não, que vão fazer a identificação desses fatores e aí produção entra nisso. Você está com a produção, está com o animal doente e entra toda a cadeia de novo. Eu acho que tem que trabalhar por aí. (...) (P01)

Apesar da aparente harmonia entre os estilos de pensamento indicada pelos professores, existem queixas de que os conhecimentos relativos aos estilos da Zootecnia e Produção Animal e da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública continuam à margem na formação dos alunos. Porém, as concepções que permeiam tais áreas são imprescindíveis para o pensamento interdisciplinar na atuação do profissional:

(...) ainda existe o problema, na verdade eu já falei, que hoje a produção e a sanidade ainda estão como sub-seguimentos, e que não deveriam ser. Lógico que as pessoas podem se especializar, mas em termos de formação ainda estão como sub-áreas. E a grande maioria dos veterinários, um pouco diferente dos agrônomos, no caso os veterinários que trabalham no campo, acabam fazendo produção e sanidade. E esse que eu acho que é aquela idéia do veterinário de produção, que tem uma idéia muito geral da propriedade com aspectos de economia e etc. (P04)

d) Atividades mais promissoras para o mercado de trabalho, na opinião dos professores

Quando os professores foram convidados a apontar as atividades mais promissoras e que oferecem melhores oportunidades de trabalho, a Clínica Veterinária ocupa o último lugar, enquanto a Zootecnia e Produção Animal passou à liderança. A Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública conquistou a segunda posição, com destaque para as atividades de saúde pública e também para a inspeção de alimentos (tabelas 77 e 78).

Essa aparente contradição com a Medicina Veterinária Preventiva sendo a área menos lembrada como um dos campos de atuação dentro da profissão pelo professores, ao mesmo tempo em que é o segundo âmbito identificado como mais promissor no mercado de trabalho pode ocorrer porque esse estilo de pensamento ainda é muito recente e está aos poucos se estabelecendo e ampliando, inclusive em outros setores fora da Medicina Veterinária. Um outro motivo, já apontado na análise das entrevistas com os calouros é o número de ofertas de emprego que têm sido oferecidos, principalmente no ramo da inspeção de alimentos.

Chama a atenção o fato de que apesar dessas constatações, o curso continua sendo direcionado para a Clínica Veterinária, conforme relataram os formandos do curso. Os professores se dão conta de que a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública é um campo importante, mas continuam defendendo o território do estilo de pensamento no qual estão ligados, para poder perpetuá-lo.

Um aspecto levantado por dois professores e já apontado em relação à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública por alguns formandos, diz respeito à forma de prestação de serviços desta atividade, ligada principalmente aos organismos públicos. Enquanto um dos entrevistados examina um aspecto negativo, o outro se contrapõe e percebe uma oportunidade de trabalho na área:

Se for pensar em órgãos públicos que já foi o grande empregador de médicos veterinários, que hoje já deixa a desejar mas que está voltando alguma coisa de novo, ainda continua e há uma necessidade bastante grande. Porque nós necessitamos de uma reposição desse pessoal, a grande maioria do pessoal que trabalha hoje na área pública está de 45 para frente, a grande maioria e não houve mais a reposição desse pessoal. Acho que há uma necessidade muito grande. Eu tenho a impressão que isso aí deverá voltar com bastante ênfase novamente. Já está começando de novo. Então tanto a área de defesa, como a área de inspeção, a área da própria saúde pública, a área de vigilância deverá voltar bastante forte. Já está voltando bastante forte. Sanitarismo... não sei onde ele está inserido aí, mas acho que está, não sei se dentro da saúde pública também. A parte de sanitário isso aí tem que voltar com força e o profissional deve estar lá dentro, deve estar lá dentro. E outro aspecto é meio ambiente que eu acho que é uma coisa nova, coisa nova não, mas coisa que todo mundo fala hoje: meio ambiente, meio ambiente, meio ambiente. Então eu acho que isso tem que ser trabalhado. Acho que tem um campo na parte pública aí bastante grande em cima disso aí. (P17)

Por exemplo na área de saúde, uma outra área que eu falei para você primeiro, ela depende muito da vontade política dos órgãos oficiais de abrir vagas, ter dinheiro para pagar essa remuneração. (P18)

Oito professores alertaram para a perda de espaço que tem ocorrido na atuação em clínica de pequenos animais, apesar de ainda haver muita procura por esta área pelos estudantes. É preocupante o relato dos entrevistados sobre as condições de trabalho e de remuneração que os médicos veterinários, muitas vezes, vêm se submetendo no exercício desta atividade, como pode ser visto nas declarações a seguir:

Atualmente está se destacando, que o pessoal está dando uma preferência muito grande é a área de clínica de pequenos animais. O pessoal se ilude muito com isso, acha que como tem profissionais que começaram há mais tempo, bem sucedidos, eles acham que eles também vão ser bem sucedidos. Hoje esses grandes... os profissionais mais antigos, grandes proprietários de clínicas, eles estão fazendo assim: eles pegam contratam um recém formado na forma de comissões, então você faz uma... Você vai trabalhar lá, você não tem vínculo empregatício, nem tem nada. Eles te pagam pela comissão do serviço que você faz, se faz uma consulta e ganha um percentual, vende uma coleirinha, ganha um percentual, faz uma vacina, ganha um percentual, faz uma tosa... E eles acabam às vezes até por uma situação de necessidade de ganhar, se sujeitam a esses salários que no fim do mês não chega, sei lá, a mil reais. É ilusório. Mas então, acho que imaginam que o campo estaria aberto, e tão promissor como já esteve. Então eu não sei, eu tenho informações que Florianópolis hoje nós temos mais que 60 clínicas aí trabalhando assim.(...) (P02)

(...) Hoje basicamente nós temos todas as áreas boas exceto a clínica e pequenos animais. Infelizmente não é culpa... acho que nós temos uma equipe fantástica trabalhando nisso, mas o mercado não é promissor. Não é promissor e por outro lado a expectativa dos calouros... Você deve ter um levantamento melhor, mas a minha impressão é que é cada vez mais voltada ao mercado bastante saturado. Inclusive com problemas profissionais sérios, porque eu vejo muitos profissionais nossos que não têm carteira assinada. A maior parte... Eu fiquei sabendo esta semana que tem uma colega de turma minha com 15 anos, até bem remunerada, mas 15 anos de firma sem carteira assinada. (P04)

E pelo que eu ouço o pessoal comentar, por exemplo clínica tem gente que sai e vai ganhar quinhentos reais ali de auxiliar de uma clínica, mora nos fundos da clínica em condições meio sub-humanas. Por opção, claro, por opção. E até porque dentro da universidade ou já não ofereceu uma oportunidade de ter uma visão do que é a profissão lá no começo, ou até mesmo por comodismo. A clínica aqui, o pessoal vai lá atender, etc, etc, até pode ser isso aí. (P18)

Um entrevistado explorou o aspecto relacionado às condições do trabalho oferecido em muitas clínicas, que muitas vezes não estão bem equipadas e os profissionais também não estão habilitados para executar determinados procedimentos:

Eu vejo como um mercado praticamente saturado, onde não existe mais qualidade de trabalho, qualidade de serviço, os consultórios que não eram para fazer, e fazem clínica, fazem cirurgia. A gente sabe, isso é uma realidade, embora o Conselho [Conselho Federal de Medicina Veterinária] não permita, mas é uma realidade e a qualidade do serviço oferecido está muito precária. São poucas as clínicas de pequenos que têm os equipamentos necessários, e que o profissional está capacitado, qualificado para trabalhar. (P07)

Um professor pronunciou-se a respeito da falta de esclarecimento aos alunos sobre todas atividades que podem ser desempenhadas na profissão e que os estudantes, às vezes, não fazem uma escolha consciente por falta de conhecimento. Esta declaração lembra o que os formandos disseram sobre o direcionamento do curso:

(...) Eu acho que o nosso curso tem uma situação bastante privilegiada hoje, a grande maioria dos alunos saem empregados, conseguem emprego. Mas eu acho que mais em função de falta de profissionais do que da própria orientação da universidade. Acho que falta, acho que falta um pouco mais de esclarecimento principalmente do pessoal que está entrando na faculdade, acho que não é direcionamento, acho que tem que ter um esclarecimento para os acadêmicos, para eles decidirem que rumo eles querem tomar. Eu acho que nós não podemos exigir que a maioria vá trabalhar com produção ou com clínica, mas ele tem que estar bem consciente do que ele vai fazer e isso não está acontecendo. A gente pega alunos da nona fase que nunca fizeram um estágio ou que estão iniciando a nona fase e não sabem o que vão fazer. Então isso é falta de orientação. Às vezes esses caras conseguem um emprego por um certo... uma série de outros fatores. Mas falta orientação. (P01)

Um depoimento que chama a atenção e vai ao encontro do que foi observado nas análises das entrevistas com os calouros é a respeito da visão que os alunos entram e que é consolidada ao longo do curso:

(...) Hoje a maioria ou a grande maioria que entra na faculdade de veterinária é por opção, opção negativa. É o que não passou na medicina, não passou na odontologia, não passou para fisioterapia, não passou na farmácia e veio fazer veterinária. Ainda existe, você vai ficar até assustada, eu sei de alunos aqui que largaram outras faculdades para vir fazer veterinária. Mas é um número bem menor. (...) Você não está conseguindo forjar o aluno porque ele entrou aqui para ser veterinário de clínica porque ele não quer sair de Florianópolis. Então não adianta, você pode jurar para ele que ele vai ganhar quatrocentos reais na clínica, mas se ele fizesse o que eu acabei de citar do... vir trabalhar numa indústria de laticínios a produzir, produzir economicamente ele ia ganhar cinco vezes mais. Ele não quer porque ele... Então você não molda mais, a maioria você não molda mais. Já entrou na primeira fase para se formar para trabalhar com cachorro. Ele deveria fazer isso entrando na primeira fase para trabalhar com suinocultura, piscicultura, etc, etc. (P20)

A área de clínica e cirurgia foi considerada por quatro entrevistados como uma área ainda de destaque no mercado de trabalho, pelo número de estudantes que se interessam por ela. Um dos professores adverte que num futuro próximo a tendência é ocorrer uma retração desta atividade e expõe praticamente os mesmos entraves já apontados anteriormente em relação à questão salarial:

Bom, do ponto de vista de mercado de trabalho eu ainda acho que clínica e cirurgia de pequenos animais é a área que mais se destaca.(...) Porque a maioria dos profissionais do mercado de trabalho vai para a área de clínica... Se você pegar e fizer um levantamento das escolas de veterinária, 60 a 70% dos profissionais, esse é um dado... imaginando, não é nada científico, 60 a 70% dos profissionais vão trabalhar na área de clínica e cirurgia de pequenos animais. Eu acho que é a área que tem bastante ênfase. (...) De oportunidade de trabalho, eu acho que é a área que mais oferece emprego. (...) É bem promissor, por enquanto, não sei por quanto tempo. Dado ao grande número de escolas de veterinária, a tendência desse mercado é desabar. Já está acontecendo isso. (...) Desabar no sentido seguinte: Vai existir mais profissionais no mercado disponível do que vagas. O que vai acontecer? Já está acontecendo o que nós chamamos de substituição da profissão. Ou seja, há pessoas que estão oferecendo salários de quinhentos reais por mês para você trabalhar, seiscentos reais, para você trabalhar o dia inteiro. Esse é um salário de um balconista, não é de médico veterinário, mas existe isso em grandes centros. Em São Paulo por exemplo, há clínicas veterinárias oferecendo para veterinário esse tipo de salário. Então porque já está começando a aparecer... Tem mais oferta de profissionais no mercado do que vagas. Então no momento que acontecer isso a tendência é uma substituição da profissão. Os preços... os salários que seriam pagos são cada vez menores por isso que a gente tem que ter uma responsabilidade de alertar os alunos para que pensem nisso, e talvez pensem numa outra área. (P09)

Contudo, um dos deles considera essa área de clínica bastante forte por associar a prática veterinária à cura de enfermidades e acreditar que a função do médico veterinário é tratar os animais para restabelecer a saúde, o que confirma mais uma vez a forte concepção reducionista que permeia a profissão:

Hoje o que as pessoas buscam é clínica e cirurgia. É uma das grandes áreas. (...) Mas ainda o que predomina é a parte de clínica, cirurgia e a parte de reprodução. (...) Porque clínica está relacionada com doenças, e é muito difícil que não tenha pelas condições sanitárias que são criados determinados rebanhos. É muito difícil você chegar e dizer que não vai ter um caso clínico, nunca vai ter uma cirurgia, acho muito difícil. (...) (P10)

A clínica foi considerada por dois entrevistados como uma atividade “curinga” dentro da Medicina Veterinária, podendo ser executada por qualquer veterinário em qualquer circunstância. Mais adiante, outro professor tecerá crítica a esse tipo de compreensão:

(...) Mas por mais que a gente pense parece que sempre tem lugar para o veterinário. Por mais que seja, quando não arruma um emprego, ou alguma coisa, ele monta uma clínica, ele vai fazer o seu atendimento particular ou coisa assim. (...) (P12)

(...) E uma das coisas que a gente nota aí, que talvez tenha contribuído é o mercado de trabalho também. Porque o clínico hoje ainda está naquela situação que se ele alugar um imóvel e botar uma placa lá de médico veterinário ele vai ter a chance de sobrevivência praticamente em qualquer lugar do país, não vamos dizer, não vai ficar rico mas para sobreviver dá. (...) (P14)

e) Conhecimentos que os professores julgam importantes para o médico veterinário

Os conhecimentos de todos os estilos de pensamento em Medicina Veterinária foram considerados importantes pelos entrevistados para a atuação do profissional de maneira geral (tabela 79), mas eles também declaram que a cultura geral e o relacionamento interpessoal são essenciais para o desempenho das atividades na profissão:

O veterinário eu acho que ele tem que ter conhecimentos em todas as áreas. Ele vai ter que ter um conhecimento técnico bom, um conhecimento técnico razoavelmente bom, mas não é o suficiente. Conhecimento técnico, tecnicamente você não tem muita diferença entre os diferentes profissionais, agora o que vai fazer a diferença é a parte... O complemento que é a parte de relacionamento, a parte de conversar com o cliente, essa parte mais... que o pessoal deixa um pouco de lado, mas ela é tão importante quanto a parte técnica. (P01)

Bom, os conhecimentos básicos ele tem que ter. Não sei... Enfim, eu penso que todos os conhecimentos da faculdade são... (...) Claro, tem que ter uma parte de recursos humanos, de relacionamento humano, aí não seria recursos. Relacionamento humano porque eu sempre comento com eles que jamais a gente vai tratar diretamente com o animal, sempre, sempre vai tratar com o povo em qualquer coisa e se vai trabalhar em uma empresa tem que se relacionar, se vai trabalhar com o produtor diretamente tem que se relacionar com o produtor. Se vai atender clinicamente um animal, tem que ter uma correlação com o proprietário, porque o animal não vai dizer o que comeu o que não comeu. Você não consegue tirar do cara o que é que ele deu mas onde que o animal estava exposto, que tipo de ambiente e coisa e tal. Que ele nunca vai conseguir fazer uma boa anamnese. Eu acho que a parte de psicologia, sociologia é extremamente importante. (P19)

Um entrevistado também é de opinião que é importante a parte de relacionamento pessoal, mas ressaltou de maneira incisiva que a Medicina Veterinária está inteiramente relacionada às doenças. Essa declaração mostra

claramente o pensamento reducionista e curativo que permeia a visão dos professores do curso:

Eu acho que é o conhecimento da parte de patologia, não a patologia... mas o conhecimento que envolve que é a medicina veterinária na verdade de doenças de uma maneira geral. É uma área que eu acho... Se indivíduo opta para trabalhar digamos em nutrição, se ele tem conhecimento... na própria nutrição se ele tem conhecimento da parte de doenças. (...) Se ele for trabalhar com parasito [parasitologia], tem que ter uma noçãozinha dessas. Então envolve, isso eu acho que envolve bastante este aspecto. E o outro é o lado social. Acho que não é só técnico não. (...) Eu acho que ele tem saber conviver na sociedade em que ele faz parte e acho que ele tem muito a contribuir. (...) Eu acho que tem que ser um pouco além. (P06)

Na declaração do primeiro entrevistado acima (P01) observa-se que ele julga que a técnica, ou seja, os conhecimentos práticos adquiridos pela experiência, embora não sejam suficientes, desempenham um papel muito importante na profissão. Entretanto, um outro professor tem uma opinião diferente, quase contraditória sobre esse assunto. Ele concebe todo o tipo de conhecimento como um processo dinâmico:

Bom, eu acho que o veterinário, como outras profissões hoje ele tem que aprender a aprender, porque a coisa é muito dinâmica; e dar muita ênfase a decorar técnicas ou coisa parecida, isso está ultrapassado. Isto não funciona mais. Porque se ele aprendeu uma determinada técnica e amanhã essa técnica for abandonada, se tornar obsoleta, ele não vai ter como aprender outra. Isso é muito importante e essa é a mudança de enfoque de todas as profissões. Um veterinário e outras profissões estão hoje na universidade para aprender a pensar e não para aprender técnicas. Técnica qualquer auxiliar aprende, mas racionar em cima disso é a coisa mais difícil. (P05)

Este último trecho transcrito conduz a uma reflexão do papel desempenhado pela universidade e por extensão também dos professores na formação dos estudantes, particularmente naquelas profissões nas quais o conhecimento prático é preponderante e está na dependência dos avanços tecnológicos. É importante que o estudante adquira a capacidade de auto-aprendizado para, depois de formado, acompanhar o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Mas, ele também deve desenvolver uma consciência crítica sobre a utilização destes recursos e o impacto social que poderão produzir.

Os integrantes dos diversos estilos de pensamento devem experimentar muitas novas influências e informações nas trocas providas de outros coletivos e mostrar-se flexíveis para as mudanças que ocorrem constantemente. A capacidade de um coletivo em permitir um canal de abertura a novas idéias de outros coletivos produz o desenvolvimento de uma consciência crítica e proporciona o discernimento

necessário para avaliar que tipo de conhecimento pode ser aproveitado de outros coletivos. Isto mostra mais uma vez que um estilo de pensamento não é algo estático e rígido e que deve se mostrar permeável à difusão de visões provenientes de outros integrantes de diferentes coletivos. O espaço universitário deveria permitir a manifestação de vários estilos de pensamento concomitantes, o que iria contribuir para o avanço na formação dos estudantes.

- f) Conteúdos das disciplinas lecionadas pelos professores que foram considerados importantes para a atuação profissional

Foi perguntado aos professores sobre os conhecimentos da(s) disciplina(s) que lecionam que seriam importantes para a atuação do profissional e eles citaram um sem-número de conteúdos ligados às suas disciplinas, sendo que 12 deles responderam a finalidade para a qual esses conteúdos teriam importância e destes, nove disseram que os conteúdos que ministram têm como propósito a preparação para a atuação em clínica (tabela 80).

A distribuição dos conhecimentos relacionados para essa questão dentro dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária está na tabela 81. Os conteúdos ligados à Clínica Veterinária foram considerados como mais importantes pelos professores para a prática veterinária.

Apenas um entrevistado lembrou a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública nomeando a prevenção de doenças. A maior parte relacionou sua disciplina à prática clínica e não aos conhecimentos que seriam utilizados como um todo pelo profissional, o que recorda o relato dos formandos para o direcionamento e a ênfase dada ao curso para a Clínica Veterinária. O contraditório é que a área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública foi apontada como uma das mais promissoras em termos de mercado de trabalho, mas mesmo assim o curso continua formando clínicos, deixando transparecer que para o corpo docente, a Medicina Veterinária se resumiria à prática clínica.

Apesar das mudanças ocorridas na profissão e no mercado de trabalho, a transformação de um pensamento curativo para uma idéia mais abrangente de saúde e doença com incorporação de elementos de outros estilos de pensamento é muito difícil e gera resistências. Ao que parece, os professores têm consciência de

que a profissão está tomando novos rumos, mas ao mesmo tempo resistem em adotar outras concepções na tentativa de consolidar um estilo de pensamento hegemônico. Por esse motivo, as reformas curriculares não vingam e provocam forte resistência. Essa preservação e dominação de um estilo de pensamento sobre outros pode ter como conseqüências a deficiência na formação dos alunos nos outros campos de atuação (estilos de pensamento).

No final da próxima citação é transcrita a declaração de um professor que procura de uma forma dissimulada infundir o pensamento da Clínica Veterinária para seus alunos. Isto lembra a “suave coerção” mencionada por Fleck (1986) quando do processo de admissão de um indivíduo em uma comunidade de pensamento, em uma profissão ou campo de atividade:

Minha disciplina é básica. Então ela vai dar embasamento para disciplinas que vão ser profissionalizantes. Eu procuro colocar aquilo que o aluno vai utilizar na outra disciplina profissionalizante. Então aí o que acontece, eu procuro não entrar muito na parte da outra disciplina que vai ser profissionalizante, porque senão você começa a entrar em choque, o aluno começa a receber muitas informações e ele não consegue captar aquilo. Então, eu posso estar errada, mas eu acho que quando você trabalha com a básica você tem que direcionar o aluno, mostrar para o aluno que ele vai ter uma seqüência, ele vai ter na profissionalizante, que aquilo é um conhecimento básico que a outra vai te ensinar. Vamos dizer assim, a tratar aquilo que você está dando e que ele está associado a outras disciplinas porque a área que eu trabalho ela está relacionada à clínica. Então, você não pode chegar e dizer para o aluno “vai fazer clínica”, a clínica está relacionada com a minha área. “Eu não vou trabalhar, vou ser veterinário, mas vou só fazer isso”. Eu não falo isso. Se você pega um quadro clínico, você tem n coisas para trabalhar, você não pega um quadro isolado, só, só aquilo. Tem n coisas que levam aquele quadro clínico. Então eu procuro trabalhar. Agora eu sempre mostro para eles a importância do que vem para frente, de uma forma mais suave, “Você tem que estudar clínica, você tem que estudar isso, você tem que trabalhar com isso, vocês tem que ter um manejo”. Eu mostro para eles, mas não dou muito enfoque porque se não você sobrecarrega. (P10)

Ainda dentro dos conhecimentos oferecidos pelas disciplinas ministradas pelos entrevistados e que seriam necessários para os alunos utilizarem depois de formados em sua atuação, o estilo da Zootecnia e Produção Animal foi citado por três entrevistados e em uma das vezes, associado à Clínica Veterinária, como pode ser visto a seguir:

A minha disciplina ela é uma disciplina básica e eu tenho assim sem muita pretensão dizer que a minha seria das mais importantes se o nosso futuro profissional for trabalhar com reprodução ele precisa da nossa disciplina. Se ele for trabalhar com clínica, precisa. Se for trabalhar com patologia, precisa. Se for trabalhar com a área da produção, precisa da base da disciplina que eu ministro. Então para a gente resumir, eu acho que é uma disciplina muito importante que dá uma visão bastante, assim, ampla e que ele vai ter, com certeza, lá na frente, que lembrar dos conhecimentos que adquiriu aqui para ele poder chegar à conclusão ou tirar algumas dúvidas que vão surgir na atividade que ele está exercendo. (P02)

7.3.4 Percepções dos Professores sobre o Estilo de Pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

a) Utilização de conhecimentos de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública pelos professores do curso

Apesar da maioria dos entrevistados ter revelado que prepara seus alunos para as disciplinas da área de Clínica Veterinária, a metade deles declarou que utiliza conhecimentos de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública em sua disciplina, oito consideraram que utilizam pouco e apenas dois disseram que não fazem uso desses conhecimentos em suas aulas. Um professor do último grupo utilizou em sua justificativa uma atitude pautada por modelo curricular rígido, sem interconexão de conteúdos de diferentes áreas:

Os aspectos de saúde pública? (...) Muito dificilmente. (...) Porque têm disciplinas... algumas disciplinas que são exatamente desenhadas ou específicas para esta área. Então, por conhecer as outras... o conteúdo das outras disciplinas eu deixei de abordar na minha. (P11)

Quando foram estimulados a especificarem o tipo de conhecimento que empregam, oito mencionaram as zoonoses, sete indicaram o conhecimento sobre as doenças (referindo-se à transmissão e profilaxia de enfermidades), seis citaram as noções de higiene, dois se referiram à inspeção de produtos de origem animal, um falou sobre segurança alimentar e um lembrou a saúde animal. A forma como os entrevistados responderam à questão pode ser vista abaixo:

Eu acho que parte, nessa parte de doenças. (...) A gente sabe é fazer diagnóstico. E diagnóstico para quê? Então aí você diz, fazer diagnóstico para a questão própria do animal, para diminuir a perda econômica, para evitar... a parte de profilaxia e outras tantas. A gente fala muito naquela parte de saúde pública, quer dizer aquelas doenças que tem relação... (...) Quer dizer com um mundo de doenças que tem, você é obrigado a falar nisso. Nós falamos muito nesse aspecto. (...) Eu trabalho com animal... (...) Então eu acho que dentro da nossa profissão, dentro da nossa área especificamente você não pode separar. (P06)

São usados porque toda vez que se aborda alguma enfermidade, se fala sobre as consequências, se ela é uma zoonose ou não, e sempre se faz alusão de que aquele tema provavelmente tenha sido visto na área de saúde pública. Nós não entramos com o enfoque de saúde pública, a gente dá o enfoque da clínica, e sempre pergunta se já foi visto, se já foi abordado, mas sempre é dado. Sempre, sempre. (P07)

Eu converso alguma coisa... saúde pública. Seria o meio de... como se transmite, como você faz o controle. Mas de uma forma superficial, porque na minha disciplina eu costumo dizer assim, ela é básica. Então eu dou, eu explico toda... vamos dizer assim o agente, biologia e para ilustrar o aluno, para estimular, para incentivar, sei lá, despertar um pouco o interesse do aluno, eu coloco alguma coisa de doença. E quando eu falo em doença eu procuro sempre trabalhar com prevenção, procuro trabalhar com o diagnóstico e alguma coisa de tratamento, mas tratamento seria controle, não tratamento químico, coloco mais a nível de evitar que acontecesse isso, mais ou menos assim, mas é mais ilustrativa. Nada que exige em prova do aluno aquele conhecimento porque eu acho que senão vai dar sombreamento com uma outra disciplina que é específica. (P10)

Pelas declarações acima, mesmo quando o professor procura trabalhar com o aluno o aspecto relacionado à prevenção, o destaque é dado para a doença, seu diagnóstico e tratamento, ou seja, a doença é evidenciada, em detrimento da saúde. Neste caso, o tipo de abordagem utilizada se aproxima mais de uma concepção reducionista, ligada a uma medicina curativa. Na verdade, quando os professores supõem que falam de saúde pública, eles estão enfocando um outro estilo de pensamento.

Aqui se observa outra contradição entre os objetivos e as atividades desenvolvidas pela Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública e a concepção que os professores têm de saúde e doença e que se reflete na noção que apresentam sobre esse campo de atuação. O que se observa é que os professores vêem a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública com uma concepção reducionista que enfoca o individualismo da medicina curativa. Eles apresentam uma visão distorcida desse estilo de pensamento, destituindo-lhe o caráter preventivo e social, “marca registrada” desse estilo de pensamento.

b) Opinião dos professores sobre a ênfase dada pelo curso à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Na questão referente à ênfase dada para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública durante o curso, nove entrevistados manifestaram que não poderiam avaliar se o assunto é tratado de forma conveniente, enquanto três disseram que sim, sete consideraram que não e um não respondeu diretamente ao questionamento.

Dois professores que são de opinião que a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública não é bem enfatizada, declaram que determinados segmentos

defendem seus interesses orientando a formação dos alunos para alguns estilos de pensamento específicos.

(...) Não é enfocada porque aí pessoal começa muito dentro da sua área e às vezes não tem tempo e o profissional às vezes esquece aquele momento, às vezes de focar isso aí e você parte mais para a parte de diagnóstico, de sintomatologia, de tratamento de uma enfermidade e você não vê o conjunto. É aquilo que eu falei, entende. Ou como realmente essa enfermidade deve ser tratada. Eu acho que com relação... eu acho que cada profissional então... refazendo o que eu disse às vezes quer correr um pouco, porque ele tem que dar conta da sua disciplina, principalmente na parte teórica. E lá... sei eu, às vezes com culpa ou sem culpa ele esquece de focar a área preventiva de uma certa enfermidade ou de um animal, ou de um rebanho como um todo. Ele deveria focar isso aí e dar uma ênfase bastante grande em cima disso. Eu acho que isso a gente peca bastante, peca bastante (...) Eu acho ainda... eu acho ainda cada um defende um pouquinho o seu lado. Aí entra o... como é que se diz... o patriotismo de cada segmento. Eu acho ainda que a parte clínica, isso não é... a qual eu me incluo, eu acho que deixa um pouquinho a desejar em relação ao aspecto preventivo. Eu acho que sim. Claro que o clínico ele prefere sempre o quê? Que venha casos clínicos, quanto mais casos clínicos... Se você reforçar a parte preventiva, vai diminuir os casos clínicos, isso é óbvio. Então até... faz questão que venha para ele se... (...) Não sei se é repassada em parte mas acho que não é enfocada, é esquecida, não é que não seja repassada ou que não se deseja repassar. O que se tem na área clínica preventiva são aquelas... você vê assim aquelas vacinas que são de rotinas, acho que isso são enfocadas, isso é óbvio que é focado. Mas o conjunto geral de higiene, de uma série de coisas, eu acho que isso deixa um pouquinho a desejar. (P17)

Márcia, pelo que eu vejo até em conversas com o pessoal de nona fase e alunos aqui, não me dá essa impressão. Não dá essa impressão que o pessoal tem assim uma formação, uma... até digo uma doutrina em cima dessas disciplinas de saúde pública. Não me parece. (P18)

Fleck comenta sobre o aprendizado dentro de determinado estilo de pensamento e explica que o ver formativo direto e desenvolvido exige o desenvolvimento da capacidade para adquirir uma visão direcionada para determinada perspectiva, reduzindo drasticamente a habilidade para outras formas de percepção. Pelas transcrições acima isso é observado com bastante clareza.

O trecho abaixo denota que certos entrevistados conseguem visualizar os assuntos abordados dentro do curso de maneira global.

Dentro da disciplina eu não teria como responder porque eu não sei como é que é abordada lá. Mas eu acho que no geral não, porque tem muita gente que ainda não dá a devida importância para a saúde pública. Às vezes é uma luta, a gente... que nem nós comentamos antes de conteúdos que não tem tempo para ser colocados... Às vezes a gente sabe por exemplo de uma nova doença que surgiu ou que não tinha sido diagnosticada até então, e que passou a ser diagnosticada em nosso meio e que se trata de uma zoonose por exemplo. E tu não tens como introduzir, e ninguém fala sobre isso. (...) Então a gente tem que estar brigando por um espaço para poder, pelo menos, a abordagem clínica. Porque a abordagem daí da saúde pública é com saúde pública. Mas a gente precisa no mínimo dizer que isso é importante, que seria isso... Eu acho que não é dada a importância, não na disciplina em si porque eu não sei como é dado lá, mas as outras que cercam a disciplina eu acho que não. (...) Eu acho que muitas vezes é falta de conhecimento da importância daquela enfermidade na saúde pública. (P07)

A Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública não é compreendida por um número significativo de professores como uma área dentro do curso, mas como uma disciplina separada. Eles não conseguem perceber o curso como um todo, mas o visualizam sob a forma de disciplinas isoladamente. As preocupações destes docentes se limitam, normalmente, sobre sua própria disciplina ou área, como pode ser percebido pelo próximo trecho:

Fica difícil da gente falar se a saúde pública é enfocada da maneira que deveria ser, porque a gente não acompanha o dia a dia do professor. A gente não tem aquele contato diário com o conteúdo programático, mas eu acredito que ele dever ser oferecido adequadamente cobrindo todos aqueles, aquelas partes do conteúdo programático que o aluno deva conhecer. (P08)

c) Conhecimentos dos professores sobre as atividades desempenhadas dentro da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Na opinião unânime dos entrevistados a atuação do médico veterinário na saúde pública é importante e alguns deles foram estimulados a registrar as atividades desempenhadas pelo profissional dentro desta área, que podem ser encontradas na tabela 82.

É curioso que não foram mencionadas de maneira direta a epidemiologia e a administração e planejamento em saúde, dois pilares fundamentais da saúde pública. Dentre as citações, o controle de zoonoses ocupa a primeira posição. Foi manifestada a importância do conhecimento e da formação do médico veterinário para o combate às zoonoses, a exemplo do que os formandos também se pronunciaram:

Ah, com certeza porque é o que tem uma visão melhor de zoonoses. Inclusive a gente vê que existe uma carência de conhecimento de médicos em muitas zoonoses. Tem falta de conhecimento nessa área. Então... e além do mais tem o aspecto vamos dizer... de inspeção de produtos de origem animal que é muito importante na prevenção de zoonoses. Então o veterinário tem que atuar nessa área, é uma área privativa do médico veterinário. (...) Eu acho que hoje tem muita coisa relacionada à qualidade de produtos de origem animal, porque hoje o público não quer mais só saber se o animal estava doente ou não, ele quer saber se a carne é macia, se o leite é bom, se o ovo é fresco, se não tem salmonela. Então eu acho que hoje, mais do que simplesmente a exigência de um alimento saudável, existe a exigência de um alimento de boa qualidade. E essa é uma coisa que o veterinário deve fazer também, e que se enquadra dentro da saúde pública. (P05)

(...) E além disso que a gente pode cooperar muito com algumas enfermidades humanas se trabalhando com a parte veterinária e apoiando, dando apoio para a parte de medicina humana. Eu acho que a inter-relação aí é muito grande e acho que pode-se trabalhar muito bem aí, tranquilamente. (P17)

(...) Porque veja o seguinte... e é quem tem o conhecimento muito... ou deveria ter o conhecimento muito de todas as outras áreas. É o que tem o maior conhecimento... você pega a saúde aí relacionada as zoonoses e etc. Bem, bem a verdade, é quem tem a melhor formação ou deveria ter. Agora no deveria ter – bota todas as outras profissões que poderiam atuar nisso aí – é o veterinário. Eu não tenho dúvida disso que ele tem a melhor formação nem que seja até dentro do programa dentro de formação curricular, sem dúvida nenhuma é o nosso. (...) (P18)

Em relação ao trabalho do médico veterinário em saúde pública, um entrevistado observou a limitação que existe em termos de campo de trabalho para o profissional que quer se dedicar à saúde pública, já comentado anteriormente:

(...) Você sabe que é um campo um pouco limitado, parece, mas hoje nós sabemos de profissionais que se dedicam única e exclusivamente a isso. E que bom seria se dentro de cada prefeitura ou de cada órgão público tivesse um profissional dentro dessa área. (...) Limitado porque parece que as oportunidades de emprego não são muitas e por isso eu disse que se cada prefeitura, se cada órgão público tivesse, ampliaria o leque de atuação do nosso colega. (P12)

Em algumas entrevistas, os professores observaram que há pouca valorização do profissional que se dedica à saúde pública e talvez este seja um dos motivos da pouca procura pela área. Um professor assinalou problemas relativos ao tipo de atuação desempenhada, em que os médicos veterinários se submeteriam a executar tarefas que poderiam ser realizadas por outras pessoas com outras funções dentro do setor.

(...) Inclusive eu vou falar também por uma questão de ética, não vou mencionar, mas nesse momento que eu estou com uma imagem do profissional ou da profissional... Os nossos colegas que trabalham em saúde pública, principalmente na área sanitária eles se sujeitam passivamente a determinadas circunstâncias de subserviência. Estão executando determinados tipos de trabalhos que não seriam do profissional médico veterinário e não seriam de saúde pública. Isso já constatei na prática. (P03)

Um professor, além de anotar que os médicos veterinários não estariam cumprindo na totalidade com sua função na saúde pública, manifestou repúdio pela forma de contratação de alguns destes profissionais. Talvez algum mau exemplo tenha exercido uma influência muito negativa sobre a imagem que esse entrevistado tem da saúde pública veterinária.

Eu vou ser realista. Eu acho... que não é o seu caso. Vou deixar bem claro. Mas às vezes... eu vou dizer pelo nosso estado particularmente. As pessoas que eu conheci, a maior parte, não todos, muitas vezes é emprego político e com isso com o cara não vai para a saúde pública porque ele tem amor a fazer aquele trabalho. Ele vai porque arrumaram um emprego para ele, ele não quer sair da cidade, tem uma vaga lá. (...) Eu vou citar aqui na nossa região mais especificamente, tinha alguns veterinários, uns dois acho nessa área de saúde pública, três. E quando tinha um caso, dois por ano, lá de um animal suspeito de raiva eles, o máximo que eles faziam era coletar a cabeça (...) Isso não é trabalho de saúde pública, quer dizer é trabalho de saúde pública, mas muito mais além que... então eu acho que saúde pública pelo menos do que eu conheço em Santa Catarina, como em Lages, geralmente não sei por que, é emprego político. (P06)

Um professor ponderou que a visão que as pessoas têm do sanitarista veterinário é muito negativa. Isto pode ser devido ao fato de que os problemas de saúde a serem enfrentados são muitos e as soluções não são imediatas. O entrevistado também observou que muitos médicos veterinários se dedicam a esse tipo de atividade por não terem tido sucesso em outras áreas. Mas acrescentou que isso também pode acontecer em outros campos como a Clínica Veterinária, por exemplo, o que contribui para a baixa qualidade do serviço oferecido pelo profissional.

Acho que não existe muito estímulo. (...) Eu acho que não, porque o que a gente nota é assim: Como é que a gente aborda os profissionais que trabalham fora da equipe da saúde pública? Geralmente... a idéia que se tem... – eu não tenho muito essa idéia porque eu convivo mais com eles e eu sei que a coisa não é bem assim. É que são pessoas, muitas vezes, que não tiveram um outro local de colocação, então foram trabalhar com saúde pública; que são pessoas muito desiludidas, que são pessoas que só enfrentam problemas. Ninguém se lembra de falar das soluções que eles apresentam, das qualidades que eles têm naquela área. Eu vejo assim, até com um certo desdém o profissional de saúde pública. E eu não entendo o porquê. Mas eu tenho essa sensação, sabe? Que eles são vistos até talvez porque não façam clínica, porque não façam cirurgia, porque não trabalham na produção animal. Eles são vistos de uma forma diferente. Uma forma que não me agrada. (...) Pois eu não sei se é porque quando saem daqui, já saem com essa auto-estima contra essa área meio baixa: “Se eu não conseguir nada, então eu vou para saúde pública”. Eu não sei se é exatamente isto, ou aquilo assim, “Eu não dei para isso, não dei para aquilo, então vou para a saúde pública”. Mas não é bem assim porque para a saúde pública a pessoa tem que ter muito conhecimento. Aliás, tem que ter conhecimento de todas as áreas. (...) Acho que a gente poderia reverter trabalhando mais em conjunto com esses profissionais, tendo mais um *feed-back* deles, quais são os problemas, fazer uma interação melhor, estimulando o acadêmico ainda quando ele está aqui dentro e mostrando largamente para ele da importância. Quem for trabalhar com saúde pública é extremamente importante. (P07)

Eu vejo assim, a área de atuação existe. Teria campo para o profissional, mas por causa talvez dessa baixa auto-estima ele procura como... Claro, não são todos, que a gente não pode generalizar, quase como um último recurso. E isso também acontece numa outra área, que é a área de clínica, clínica médica. Às vezes uma pessoa que tentou outras coisas: "Não deu para nada, então eu vou abrir uma clínica". Por isso que as clínicas de uma forma geral estão com uma qualidade de serviço péssima. A gente é da área e sabe disso. Então talvez com a saúde pública aconteça algo parecido. Tem mercado de trabalho? Tem, mas a pessoa vai para lá meio que arrasada. Eu não sei se precisaria de uma injeção de ânimo, ou de uma nova abordagem, de uma nova perspectiva para isso aí. Mas isso é uma sensação que eu tenho com as pessoas que eu conheço. (P07)

O desinteresse pela saúde pública também poderia ser gerado pelo temor que os formandos poderiam ter de não conseguirem colocação no mercado de trabalho. Entretanto, a falta de motivação não se restringiria apenas à saúde pública, mas também a outros campos de atividade (estilos de pensamento).

Porque eles não sabem a importância que tem hoje. Porque eu acho que saúde pública você não pode deixar. Não é uma coisa separada, acho que ela faz parte de um todo também. Talvez por falta de interesse dos próprios alunos, medo de não conseguir mercado e um pouco por falta de interesse mesmo, mas isso não é só em saúde pública, é em todas. Eu posso falar de cadeira porque (...) no meu caso às vezes há necessidade de três, quatro veterinários e não tem. Então não é uma questão só da saúde pública. (P01)

d) Opinião dos professores sobre os conhecimentos fornecidos aos alunos no estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

No quesito que pedia aos entrevistados para que se pronunciassem sobre o fornecimento de conhecimentos em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública pelo curso, as opiniões foram diversificadas. Um número significativo de entrevistados (doze) não soube dizer se o curso proporciona boa formação nesta área, dois avaliaram que é conferido o conhecimento básico, cinco declararam que são ministrados conhecimentos suficientes e um comentou que em determinados assuntos há deficiências, conforme pode ser conferido a seguir:

Eu acho que se ele tiver vontade sim, eu acho que ele tem conhecimentos básicos e aí depende muito de cada um. Se ele tiver vontade ele tem um conhecimento básico e aí ele tem como buscar isso. Ele tem que ter vontade para fazer.(...) (P01)

Eu acho que sim. A gente... pelo menos eu tive uma informação que tinha alunos nossos aqui que estavam atuando, parece que o Paraná estava contratando alguém. Alguém me falou também que iria trabalhar parece que em Criciúma, na Secretaria da Saúde lá do município nessa área de saúde pública. Eu tenho a impressão que ele dá uma base boa. (P02)

Nessa de qualidade [qualidade de produtos de origem animal] eu acho que não. Eu acho que esse é um conceito bastante recente. É... por exemplo, eu não sei como é que isso seria, mas nós temos hoje produção orgânica de alimentos e como ela é orgânica ela tem que ser muito bem controlada em termos de doenças. Porque como não se usam antibióticos, não se usam desinfetantes, tu precisas de animais extremamente saudáveis e eu não sei se isso aí está sendo levado em conta. É uma coisa que evoluiu muito recentemente. (P05)

Os professores que não souberam manifestar sua opinião referiram-se praticamente à disciplina de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública e destes, sete declararam que não têm conhecimento do conteúdo ministrado pela matéria e por este motivo não poderiam dar seu parecer:

Como eu já falei, eu realmente desconheço totalmente o programa da disciplina, todos os tópicos que são abordados quanto à disciplina. (P08)

Não sei te dizer. Eu não sei te dizer porque eu não sei qual é o conteúdo da disciplina. Mas sei que é só uma disciplina de saúde pública, não sei qual é a carga horária que tem. Acho que não é tão grande assim. (P19)

Um dos professores reconheceu que não há troca de informações entre os docentes das diversas áreas, o que poderia caracterizar uma dificuldade de comunicação entre os membros dos diferentes estilos, por não haver completa afinidade entre os pensamentos:

Quer dizer, isso aí eu não sei te responder. É assim... muito específico por área e às vezes a gente tem uma certa noção do que é abordado em outras disciplinas quando existe assim um diálogo entre a gente e o aluno com relação a esse assunto. E como saúde pública está mais longe da minha área, daí não existe essa troca de informação. (P14)

Por outro lado, um professor pertencente a outro estilo emitiu sua opinião baseado na observação do comportamento dos alunos em relação aos conteúdos de medicina preventiva:

Márcia, Pelo que eu vejo do programa de saúde pública... eu falei não estou vendo agora, mas vi há algum tempo exercícios e etc e conteúdo de disciplina de alguns alunos. Pelo que eu vi ali eu acredito que teria condições de atuar. Exercícios e etc, eu vi não sei quando tempo atrás quando é que foi isso aqui. Quando eu falei ultimamente aqui que eu não tenho ouvido falar nada de aula e etc, como eu falei para você. Mas há um tempo atrás eu lembro de ter visto o pessoal com caderno com exercício, discutindo alguma coisa de saúde pública que até me pareceu... e até surpreso primeiro para ver eles conhecerem e depois estar verificando aí o tipo de exercício etc, para avaliações e controle, essa questão toda aí. Então me pareceu que por aquele programa e por exercício e a disciplina que eu vi... anotação me parece ser... dando condições de desempenhar. É lógico sempre partindo que se está bom hoje, tem que melhorar cada vez mais porque o desafio é cada vez maior também. (P18)

Segundo dois entrevistados, os alunos poderiam estar preparados de maneira razoável na parte teórica, mas estariam apresentando deficiências em relação à prática:

Acho muito difícil de responder. Porque eu não... eu acho que até uma boa, uma noção razoável eles têm. Eu talvez esteja falando bobagem, porque eu não sei te dizer nesse aspecto os alunos que estão saindo atualmente se conseguem... Eu acredito que em algumas doenças pelo menos sim. O que eu vejo é justamente isso, que talvez na parte teórica eles têm uma noção razoável. Mas na parte prática, de lidar com isso, de mexer com isso, de entender, não sei se eles estão preparados. (...) Porque eu me refiro ao seguinte, quantos alunos viram realmente uma tuberculose, não no sentido de ver animal (...) mas de sentir o problema, ter tuberculose naquela propriedade e tentar envolver o ser humano junto? "Porque é que tem tuberculose? É só nos animais ou tem também no homem?" E outras doenças. O envolvimento das pessoas nessas áreas. Isso nos parece que há um hiato no meio, uma falha de envolver não só a parte teórica. Até a parte teórica ela... eu não sei, não tenho acompanhado. Mas eu acho que é uma falha justamente isso, se colocar o aluno dentro da teoria com a realidade. Envolver... Tem um problema lá, ir numa propriedade ou num bairro, ou qualquer lugar que seja e tentar colocá-lo a par disso. (...) (P06)

(...) Eu não sei do conteúdo como um todo, o que é que está sendo repassado. Só que o que eu gostaria realmente de enfatizar mesmo é que se fosse mais... mostrasse mais a realidade, o que acontece lá fora, do que é que está acontecendo lá fora, o que é que se pode fazer para solucionar o que está acontecendo lá fora. Ao menos dar esse enfoque. E começar a mostrar esse tipo de coisa lá fora, não só aqui em sala de aula. Mas mostrar aqui e levar para a prática. É contextualizar o ensino. Eu acho que isso é uma coisa que nós não podemos esquecer, é contextualizar. É você mostrar alguma coisa na teoria mas que seja extrapolada para a prática, o que esteja acontecendo. Acho que isso é fundamental, esse conhecimento. (P17)

Com relação às manifestações acima, os professores lecionam em períodos em que os alunos não cursaram ainda a disciplina de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública e não puderam ter um contato completo com esse estilo de pensamento. Talvez haja desconhecimento por parte destes docentes sobre as estratégias de ensino empregadas na disciplina com aulas práticas e participação dos acadêmicos em projetos de pesquisa e extensão da área. É claro, que pela carga horária reduzida da disciplina, há grandes limitações em relação à forma como as atividades podem ser programadas. Foi pedido a um dos entrevistados que se aprofundasse um pouco mais no assunto, mas ele apenas pontuou a situação para o encaminhamento dos alunos que quisessem se dedicar à área especificamente, e não se aprofundou na questão da formação das turmas de maneira geral.

(...) Uma sugestão de colocar ele diretamente. Talvez não é possível com a turma inteira, mas alguns porque, eu acho que nós não podemos pensar que todo mundo tem uma ... sai muito bem em saúde pública, como sai em patologia, como sai em clínica. Eu acho que a nossa contribuição como professor ou docente é dar o básico e fazer o essencial. E se você puder envolver uma, duas, três ou quatro pessoas dentro de um determinado período e que se aprofunde naquilo ali, esse é um trabalho que eu acho fundamental. Porque você não pode largar todo mundo em condições de conhecimento ideais. Mas se você largar algumas pessoas a multiplicação dessas pessoas... Então isso eu acho que é trabalho de professor, às vezes se conseguir largar um... No ano 2000 saiu alguém que quer trabalhar com saúde pública, gosta de saúde pública, se aprofundou ele vai, sai dali, e vai trabalhar. Esse vai multiplicar um, dois ou três e assim vai. Acho que aí é possível. Porque é impossível você levar a turma inteira. Mas eu acho que nós podemos trabalhar com algumas pessoas, vamos dizer no meio de um grupo que se sobressai e você jogar elas na frente. (P06)

Em uma pergunta anterior, um professor teceu críticas ao segmento de Meio Ambiente, mas sem relacioná-lo ao estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Por este motivo, esta resposta não foi contabilizada dentro desta questão, mas sua transcrição nesse espaço foi julgada relevante:

Têm algumas coisas, por exemplo, uma coisa que nós precisamos começar urgentemente a explorar aqui dentro a parte de meio ambiente, a parte ambiental que é o enfoque hoje do momento, que outros cursos já se estão preocupando bastante com isso aí. O que é que nós temos aqui de meio ambiente? Não sei. Talvez eu até esteja chovendo no molhado, não tenho conhecimento do que está sendo dado em meio ambiente. Mas eu acho que é muito fraco com relação a meio ambiente aí. Não sei. Não sei quem é que dá, não quero fazer crítica a ninguém aí. Não tenho conhecimento. E é um campo extraordinário, haja vista você pega a parte de suinocultura, algumas regiões está terrível, contaminação aí do lençol freático. Está terrível. Quem é que faz um trabalho bom em cima disso aí? Esses tratamentos desses dejetos todos aí, como é que está acontecendo aí. Quem que realmente manja disso aí bem? Será que esse enfoque está sendo bem colocado aqui? Não sei. Acho que o pessoal da suinocultura coloca, não sei. Mas acho que poderia ter alguém específico por dentro do meio ambiente. (P17)

e) Sugestões dos professores quanto ao ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Finalmente, foi solicitado aos entrevistados que fornecessem contribuições para melhorar o ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública no curso de maneira geral e também especificamente para a disciplina de mesma denominação. Quatro entrevistados disseram não saber como colaborar com sugestões e um entrevistado é de opinião que deve continuar da mesma maneira, mas acrescenta que deveria haver maior conscientização para a área.

Eu acho que assim está bom. Se existe uma disciplina, se é dado o enfoque que deve ser dado, o conteúdo... Nós sabemos que o nosso... não só o nosso aluno, talvez o nosso profissional não dê a devida importância a isso e pode até que os alunos na hora não dêem a devida importância. Mas se algum profissionalmente se direcionar para a área ele vai saber da importância, ele vai saber. (...) Ah, não sei se é por uma tendência que às vezes a gente esquece que existe esse lado entende. Eu acho que é extremamente importante durante o curso que tenha isso para se enfatizar para conscientizar que até aquele que não está trabalhando com saúde pública, mas principalmente o que trabalha com produção ele tem que estar preocupado com esse lado também. E não sei se é uma tendência, a gente fica mais preocupado com a produção e com a cura da doença do que as consequências que podem advir depois. Eu acho que aí tem que usar de técnicas de conscientização maior para esse sentido. Não só preparar o veterinário para a saúde pública, para trabalhar em saúde pública, mas também preparar os outros, saber quais os reflexos pode ter em qualquer coisa que ele esteja fazendo na área. (...) A sugestão seria essa. Quando a oportunidade se apresenta citar quais as consequências que podem acontecer, que podem trazer. E eu não diria assim sugestão para melhorar porque talvez isso venha sendo feito e eu não saiba. Então não... Agora se não é dado esse enfoque, acho que seria interessante conscientizar de que devemos... abrir os olhos dos nossos alunos de que esse problema pode acontecer. (P12)

As idéias apresentadas que se relacionavam ao ensino dentro do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública encontram-se na tabela 83. Uma das sugestões apresentadas propõe o trabalho correlato com outras disciplinas no curso:

Dentro da disciplina de saúde pública eu não sei, porque foi aquilo que eu falei, eu não sei como é que é tratada, mas nas outras eu teria uma sugestão. De que os professores que trabalham com áreas correlatas pudessem trabalhar junto com os professores dessa disciplina de saúde pública, ver o que está sendo tratado e cada um dentro da sua disciplina enfatizar. A todo o momento, as oportunidades sempre surgem para enfatizar a questão da saúde pública, que eu acho que isso falta. E também de falar em conjunto para esses acadêmicos da importância da saúde pública, [que] eu entendo como uma coisa crucial dentro da medicina veterinária. Não é minha área mas é uma área que eu respeito muito, eu acho que é extremamente importante e que está um pouco amortecida. (P07)

As sugestões dos professores visando, especificamente, a melhoria do ensino da disciplina de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública estão contidas na tabela 84. Três professores se pronunciaram sobre o aumento de carga horária da disciplina e um professor lançou a idéia de criar disciplinas eletivas:

(...) Aumentar a carga horária, mudar... (...) A opinião que eu tenho é de repente puxar a disciplina mais próxima daquelas que estão correlacionadas, que estão afetas a ela. Talvez aí você trabalhe, porque pelo que eu sei, eu acho que não sei se desmembrar alguma coisa no sentido de colocar, talvez uma eletiva, alguma coisa nesse sentido. Uma eletiva no sentido mais, eu posso errar a palavra... mais profissionalizante, mais direcionada para determinadas áreas de atuação. Talvez hoje está sendo uma maneira quase para resolver problemas de currículo só porque você não pode ficar colocando mais nada. Porque mexer em currículo você não pode mexer em disciplina nenhuma. Mas você pode puxar de fase, você pode alterar, puxar de uma fase para a outra. Então talvez agora numa primeira instância seria tentar puxar para cá e depois tentar mudar alguma coisa no sentido de que o aluno... (...) Não sei, de repente uma disciplina eletiva. Se me perguntar que nome de disciplina eu não saberia citar. (...) (P10)

A proposta apresentada pelo entrevistado do trecho acima não atende às necessidades de formação dos alunos e está pautada em um modelo curricular engessado em que as disciplinas são rigidamente dispostas em uma estrutura fixa e hierarquizada. É necessário que se pense em opções que garantam a formação de um pensamento de natureza preventiva e social pelos alunos, com integração e troca de informações entre as diversas áreas da Medicina Veterinária.

Os entrevistados que assinalaram que deveria ser despertado o interesse para a disciplina (motivação) manifestaram que isso poderia ser feito em forma de palestras durante o curso, ou também por meio de orientação em projetos de pesquisa especificamente pela disciplina de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

(...) Eu vou te dizer uma coisa, eu acho que esta questão de bolsista do CNPq da UDESC é uma forma de... muito boa de você orientar (...) Quando abre, quando eles ouvem falar que tem bolsa, tem vinte, trinta pedidos às vezes. (...) Aparece no final um, dois dentro dos vinte. (...) Então eu acho que aquele que realmente gosta, começar a acompanhar durante o tempo todo. Você abre o caminho para ele, ele vai ver se realmente é aquilo que ele quer fazer. (...) Porque uma vez me disseram que aluno dá trabalho, só incomoda, eu acho que dá trabalho se você tem bolsista, dá um trabalho desgraçado. Você tem que fazer um projeto, mas você tem que fazer alguma coisa. (...) Se você não... por exemplo não promove o ensino dentro da tua área os alunos não têm noção. Então eles acabam procurando uma outra coisa. (...) Acho que a bolsa é uma forma de você abrir oportunidade para aquele que está ali, quer dizer você tem uma condição de você melhor. Mas eu acho que estágio, você abrir estágio voluntário dentro do seu setor e acompanhar o pessoal. Você vê aquele que realmente quer trabalhar com aquilo e ele fica. O cara que só queria a bolsa foi embora. A bolsa é um motivo para ele acordar, mas se não houver estímulo de nós professores eles não procuram. (P06)

Com relação a esta colocação, a área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública conta com a participação de bolsistas nos vários projetos de pesquisa e extensão. Como há poucas disciplinas desta área na grade curricular e conseqüentemente poucos professores, o número de projetos e de bolsistas é bastante reduzido se for comparado às outras áreas do curso. Entretanto, esta solução apontada privilegia apenas os alunos interessados em atuar na área e não atinge as turmas em sua totalidade, que é o objetivo principal do ensino.

No que diz respeito à sugestão para a realização de palestras e seminários durante o curso, a dificuldade está em que a área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública só passa a ser conhecida pelos alunos no final do curso, sendo difícil despertar o interesse em períodos anteriores para assuntos que eles desconhecem. Nas entrevistas com os formando, alguns reportaram que poucos

alunos freqüentavam e assistiam às palestras de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, e quando freqüentavam, iam mais por haver assuntos ligados a atividades em outros setores de interesse para eles.

Houve queixas por parte de um entrevistado que revelou não haver troca de informações entre os integrantes das diversas áreas. Ele afirmou que a estrutura da universidade e as características dos membros dos grupos contribuem para o problema:

(...) Porque eu acho que isso já devia de começar mais de base. Vamos dizer, o pessoal que trabalha no hospital tinha que sentar periodicamente e discutir as coisas que estão acontecendo dentro dessa área. Depois disso teria que vir o pessoal do departamento. (...) Isso deveria de acontecer já... para isso existe inclusive reuniões de departamento. Mas a única coisa que não se discute é isso nas reuniões de departamento. Reunião de departamento é só para decidir assuntos burocráticos. (...) Mais difícil reunir em áreas distintas. Como seria, vamos fazer uma reunião para debater o assunto aí com o pessoal do departamento de morfofisiologia, um outro departamento e tal... E um pouco porque o próprio profissional não se preocupa com isso. Ele não vai achar o tempo. A gente sempre diz que tempo é questão de prioridade, eles não acham isso prioridade. Acham que têm outra coisa para fazer, um vai fazer aquilo, um vai fazer aquilo outro. (...) Podia se interar inclusive em conhecimentos e a gente vê que o profissional de ensino ele às vezes não tem interesse em saber o assunto de outras disciplinas. (...) Mas eu acho que algumas coisas iriam melhorar com relação ao ênfase que se dá às coisas aqui dentro para o aluno. Porque é um vício de todo professor achar que a disciplina mais importante é a dele e na verdade não é assim. Você tem que enxergar isso de um ponto de vista diferente. (...) (P14)

7.3.5 Comentários Adicionais dos Professores

No espaço da entrevista reservado para os comentários feitos livremente pelos professores foram feitas as seguintes observações:

- P01: Propiciar maior integração dos calouros no curso; fornecer apoio psicológico aos alunos para acompanhamento em diversos aspectos, inclusive em relação ao jubramento de alunos.
- P02: Mudanças no currículo, com enxugamento de carga horária e maior flexibilidade para efetuar modificações, principalmente relacionadas às disciplinas eletivas.
- P03: Elogiou o curso e apontou como um problema do curso a não observação das exigências do mercado de trabalho.
- P04: Necessidade de retomada do processo de avaliação de professores e do curso.

- P06: Críticas ao vestibular vocacionado da UDESC em que a maior parte dos aprovados seria proveniente da capital do estado.
- P07: Necessidade de retomar o estudo do currículo; disponibilizar cursos de didática para aprimoramento dos professores.
- P09: Implementar um sistema de avaliação para os professores; oferecer cursos de metodologia de ensino.
- P10: Fornecimento de apoio psicológico aos alunos; comentários sobre a imaturidade dos acadêmicos, que quando optam pelo curso ainda não têm muita clareza da profissão que querem seguir.
- P11: Incrementar a formação voltada para a produção animal com a disponibilização de espaço físico específico para a pesquisa na área.
- P12: Melhorar no sistema de avaliação dos alunos para conscientizá-los da importância do aprendizado para a vida profissional.
- P13: Promover integração entre os cursos de Agronomia e Medicina Veterinária.
- P15: Teceu considerações sobre as aulas que ministra.
- P17: Promover integração entre os professores do curso de Medicina Veterinária e troca de informações sobre as atividades desenvolvidas em cada setor.
- P18: Fez comentários sobre a profissão e o curso.
- P20: Necessidade de implantação de um sistema de atendimento ao aluno.

Foram recebidas muitas sugestões com relação ao curso, algumas delas centradas na atenção aos alunos. Percebe-se que há um desejo de mudança por parte de alguns docentes para melhorar o curso, mas parece que há uma certa imobilidade que impede que isto aconteça, talvez relacionado à tentativa de preservação de um estilo de pensamento prevalente aos demais, que tem se consolidado desde a criação do curso. Os professores ainda se encontram muito presos à sua disciplina e à sua área especificamente, não permitindo que haja uma integração maior entre as idéias dos componentes dos diversos coletivos. Esta falta de integração não permite a incorporação de visões de outros coletivos e a promoção da expressão plena de outros estilos de pensamento. A expressão restrita a um tipo de específico de pensamento dentro de um campo profissional amplo como a Medicina Veterinária, que é composta por vários coletivos, torna-se prejudicial para o desenvolvimento da profissão, que passa a não se beneficiar das vantagens da troca inter-coletiva de idéias.

7.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM MÉDICOS VETERINÁRIOS DA REGIÃO SERRANA DE SANTA CATARINA

As entrevistas realizadas com os médicos veterinários visaram obter a opinião desses profissionais sobre o curso de Medicina Veterinária da UDESC, sobre a forma como concebem a profissão, e também sobre as modificações ocorridas na Medicina Veterinária desde que se formaram. As informações obtidas forneceram subsídios para interpretar as perspectivas que os profissionais vislumbram para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública no contexto da prática profissional. As interlocuções individuais tiveram uma duração mínima próxima de 20 minutos e máxima de 49 minutos, beirando 12 horas de gravação.

7.4.1 Forma de Seleção dos Médicos Veterinários Entrevistados

O universo pesquisado foi constituído por médicos veterinários inscritos no Conselho Regional de Medicina Veterinária de Santa Catarina (CRMV/SC) sediados na Assessoria de Lages que pertence à Delegacia Regional de Lages. Os municípios cobertos por esse órgão estão descritos na tabela 85, juntamente com a distribuição dos profissionais por local de residência informado pelo Conselho.

A distribuição geográfica utilizada pelo CRMV/SC abrange todos os municípios da Microrregião dos Campos de Lages e a maior parte da Microrregião de Curitiba (com exceção de Campos Novos e Santa Cecília), que pertencem à Mesorregião Geográfica Serrana do Estado de Santa Catarina (IBGE, 1991).

Os médicos veterinários inscritos na Assessoria de Lages do CRMV/SC no segundo semestre de 2001 foram agrupados de acordo com a atividade desempenhada e a seguir, dispostos nas categorias dos estilos de pensamento em Medicina Veterinária (tabela 86).

A inclusão dos médicos veterinários que trabalham na Epagri no estilo de pensamento da Zootecnia e Produção Animal se deve ao fato de que eles desenvolvem atividades de pesquisa e extensão que os aproximam desse estilo. A missão da empresa, de acordo com seu projeto institucional consiste no “conhecimento, tecnologia e extensão para o desenvolvimento sustentável do meio

rural, em benefício da sociedade” (Epagri, 2002). As diretrizes traçadas que fundamentam o Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável estão essencialmente centradas nas dimensões econômica, ecológico/ambiental, social e política utilizando o enfoque das cadeias produtivas para visar o desenvolvimento de sistemas de produção competitivos, ecologicamente adequados e socialmente viáveis.

A CIDASC (2002) tem como missão melhorar a qualidade de vida da sociedade catarinense, promovendo a saúde pública e o desenvolvimento integrado e sustentável dos setores agropecuário, florestal e pesqueiro, por meio de ações voltadas à produção e comercialização, controle de qualidade e saneamento ambiental. Na área animal a atuação na pecuária abrange três eixos principais:

- Promoção da saúde animal: desenvolve ações de controle e combate às principais doenças que atacam os rebanhos catarinenses em convênio com o Ministério da Agricultura e Abastecimento:
- Inspeção de produtos de origem animal: executa serviços de inspeção com a finalidade de permitir a comercialização desses produtos.
- Fomento da produção animal: promove o desenvolvimento da pecuária.

Apesar de haver uma pequena vertente na CIDASC direcionada para a produção animal, as ações voltadas para a saúde são mais numerosas e envolvem a maior parte dos profissionais da região. O carro-chefe da CIDASC é a Defesa Sanitária Animal que é constituída por um grupo de atividades dirigidas para a promoção da saúde e visam, portanto, a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Por esse motivo, os médicos veterinários que atuam nessa empresa, foram considerados como pertencentes ao estilo de pensamento associado à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

Para a realização do sorteio dos entrevistados foram adotados como critérios de exclusão: 1) o médico veterinário ser docente da UDESC; 2) ser formado há um período inferior a cinco anos; 3) atuar fora da Região de Lages. O primeiro critério foi estabelecido pelo fato de já haver um grupo de entrevistados constituído exclusivamente por professores para este trabalho. O segundo critério foi adotado em virtude de que as opiniões dos recém-formados (que em sua grande maioria são provenientes da UDESC) possivelmente sejam semelhantes àquelas expressadas pelos formandos do curso de Medicina Veterinária (que também compõem um

segmento de entrevistados), e também porque eles ainda não estariam estabelecidos profissionalmente. O terceiro critério foi adotado em função da dificuldade em realizar as entrevistas.

Para efetuar o sorteio, realizado no segundo semestre de 2001, os médicos veterinários foram dispostos em cinco grupos principais constituídos pelos três campos de atuação em Medicina Veterinária associados aos correspondentes estilos de pensamento, mais um grupo relacionado a estilos mistos, e outro composto por médicos veterinários que não atuam dentro da Medicina Veterinária (tabela 87). Metade dos médicos veterinários concederam entrevista no segundo semestre de 2001 e as interlocuções com o restante dos profissionais selecionados ocorreu no primeiro semestre do ano seguinte.

7.4.2 Dados Gerais dos Médicos Veterinários Entrevistados

Mais da metade dos entrevistados (treze) concluiu seu curso de graduação pela UDESC, enquanto dois eram provenientes da Universidade Federal do Paraná, um da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dois da Universidade Federal de Pelotas e um da Universidade da Região da Campanha. O tempo decorrido da conclusão do curso foi de, no mínimo de 5 anos e no máximo 27 anos, com média de 16,3.

Onze entrevistados não possuem pós-graduação, oito concluíram especialização e um tem o grau de mestre. As áreas de concentração nas quais os entrevistados concluíram seu grau máximo de pós-graduação podem ser encontradas na tabela 88.

Houve um grande número de profissionais que concluíram cursos de pós-graduação em um estilo de pensamento misto composto tanto pela Clínica Veterinária quanto pela Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, com predominância da primeira (tabela 89). O curso por eles freqüentado foi o de especialização em Sanidade Animal, promovido diversas vezes pela UDESC de Lages para atender aos profissionais da região. Apesar da denominação de “sanidade animal”, o curso tem um enfoque voltado para a Clínica Veterinária. Pelo exame das matérias oferecidas nas diversas edições, houve uma orientação muito maior para a Clínica Veterinária, que dispunha de um número superior de disciplinas,

do que para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Isto indica que o curso de Medicina Veterinária da UDESC projeta suas atenções mais para a área curativa tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Os médicos veterinários entrevistados exercem atuação em diversas atividades (tabela 90), distribuídas nos diversos estilos de pensamento (tabela 91). A disposição dos médicos veterinários dentro dos estilos após as entrevistas foi um pouco diferente do previsto (tabela 87). Dois entrevistados que trabalham na CIDASC e que haviam sido enquadrados a princípio no estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública declararam que atuam em defesa sanitária animal, mas que também prestam assistência técnica executando atividades relacionadas à clínica. Essas ações descritas compreendem um estilo misto (Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública associada com a Clínica Veterinária), conforme o pronunciamento a seguir:

Defesa sanitária animal. (...) O nosso carro chefe da CIDASC primeiro era a febre aftosa, daí agora que paramos de vacinar, então nós estamos fazendo mais é controle de trânsito. E a gente continua os atendimentos clínicos e aproveita já para visitar as propriedades nesse atendimento clínico para ver como é que estão. (V20)

Cumprir destacar que todas as vezes que os entrevistados afirmavam atuar em mais de um campo, eles executavam tarefas relacionadas à Clínica Veterinária, sugerindo que a forma de pensar orientada por esta atividade exerce presença marcante na profissão.

Ainda conforme a tabela 87, pode-se perceber que há profissionais que transitam em mais de um estilo de pensamento, associando funções na área de Clínica Veterinária com a atividade como produtor rural, enquadrada dentro da Zootecnia e Produção Rural.

Observou-se que essa mescla de diferentes estilos presentes no mesmo indivíduo é mais freqüente entre os profissionais que atuam fora da Universidade do que entre os professores do curso. No meio acadêmico, as características dos estilos são mais acentuadas nas pessoas, e elas se mostram menos permeáveis a estilos diferentes do seu. Possivelmente, a estrutura departamental rígida colabore para que isso ocorra.

7.4.3 Percepções dos Veterinários sobre os Cursos de Medicina Veterinária

a) Atividades mais enfatizadas no curso freqüentado pelo veterinário entrevistado

As atividades que o entrevistado julgou que receberam maior destaque, enquanto freqüentava o curso de Medicina Veterinária estão contidas na tabela 92. De acordo com os entrevistados, a clínica foi a área mais enfatizada enquanto freqüentavam o curso de Medicina Veterinária.

As atividades citadas foram organizadas de acordo com os estilos pensamento em Medicina Veterinária (tabela 93). O estilo da Clínica Veterinária obteve o maior número de registros. Os motivos apresentados como explicação para esse destaque foram: a disponibilidade de estrutura física do curso que facilitava o acesso dos alunos ao hospital; a exigência maior dos professores das disciplinas ligadas à área ou o interesse por alguma disciplina especificamente; a carga horária elevada destinada à área pelo curso; e finalmente, o direcionamento do próprio estudante. As próximas citações transmitem uma noção das respostas dos entrevistados:

A parte de clínica. (...) Eu achei que foi sempre muito dirigido para a clínica, principalmente para pequenos animais. Até pelo fato de ter o hospital na época, a gente tinha mais contato ali. As outras áreas ficou meio assim, tinha que buscar fora quando precisava. (...) Não sei se é por causa dos laboratórios, ficava difícil ter acesso, fora do horário. No hospital não, a gente chegava a hora que quisesse, acompanhava, estava sempre de portas abertas para a gente. Então eu achei bem interessante essa parte aí. Mas desde o início eu achei que o curso foi dirigido para a parte de clínica. (V01)

As áreas enfatizadas no meu ver, na minha época foram... a parte de clínica foi a área mais enfatizada mesmo porque havia muitos créditos e foi importante assim. A área de clínica principalmente foi. (V19)

Pela próxima fala transcrita, parece que o profissional entrou já direcionado para a parte de clínica e continuou encaminhando seu curso nesse sentido, o que lembra as entrevistas com os calouros. Mais tarde, este médico veterinário percebeu que havia outros setores nos quais ele poderia se inserir dentro da profissão, mas na época em que estava cursando a Medicina Veterinária não conseguiu enxergar outras perspectivas:

Eu acho assim, eu quando entrei tinha essa visão. Então, por exemplo... Não é isso... quer dizer, se eu tivesse me formando agora eu daria um outro enfoque no meu trabalho. E na época a gente não... eu só fiz em cima de clínica e cirurgia. Era o que eu gostava e foi assim que eu dirigi meu curso. Mas, acho que erradamente porque depois na prática não foi bem o que ocorreu. (...) (V09)

Para um médico veterinário que mencionou as áreas de reprodução animal, melhoramento e zootecnia, a ênfase dada ocorreu em virtude da estrutura sobre a qual o curso foi montado:

Na minha época, como a nossa faculdade lá era nova também em Pelotas. Eu fui da terceira turma que se formou, estava em fase de implementação ainda. Mas eu lembro assim, que em Pelotas na época, foi enfatizado mais a parte de reprodução animal e tinha alguma coisa com melhoramento animal. Mais especificamente, como era no Rio Grande do Sul, jogando para a área de zootecnia principalmente em ovinocultura e bovinos de origem européia, naquela ocasião. Mas, mais assim que a gente enfatizava um pouco mais, era na área de melhoramento animal e reprodução animal. (V04)

Enquanto refletiam sobre a indagação feita, dois médicos veterinários consideraram que outras áreas poderiam ter recebido maior atenção pelo curso:

Clínica, clínica e cirurgia, isso não tinha dúvida. Clínica e cirurgia, patológica também. Mas era clínica e a cirurgia que foi, não tem o que... (...) Mais assim, a parte preventiva, né Márcia, agora que a gente foi aprender. Eu achei super interessante, mas só que a gente também já estava bem no final. Senti de não ter sido despertada antes porque depois me fez falta. Eu tive que buscar. (...) Muito tarde no curso. Porque daí até despertar, já é muito tarde, então você já está indo para fazer o seu estágio, você já está com tudo definido, montado, pelo menos na idéia. Eu acho que a gente vai aprender depois com a prática tudo, mas faz falta. Faz falta ter uma visão de saúde pública antes, da medicina preventiva tanto na parte animal quanto humana. Faz falta. Ela está muito direcionada, pelo menos na época, à medicina animal curativa. (V11)

Na minha época, como eu fui uma das primeiras turmas e até pela época se dava muita importância em clínica. Então, realmente, a ênfase naquela época era clínica. E isso eu achei que hoje, por exemplo, fazendo um pós julgamento eu acho que é errado. Errado no outro sentido, porque é claro que a medicina veterinária também é clínica e é muito importante. Só que o curso na época deveria também abrir novos horizontes para o médico veterinário. Porque o médico veterinário naquela época, ele saía propenso a fazer clínica. E eu acho que não é só isso, ele tem muitas áreas para atuar. Então eu acho que teria que ser enfatizado também outras áreas no curso. Claro, a clínica, a cirurgia acho que também podia enfatizar a extensão rural, enfatizar por exemplo, o momento político. Eu acho que tudo isso é importante porque... e na verdade o profissional seja de qual área for, ele precisa estar preparado para enfrentar todo, quase todo tipo de problema. Então por isso é que eu acho que a orientação, o curso... ele na verdade... você está falando assim... não sei se é isso o que está acontecendo, mas pode até estar acontecendo e eu estou por fora. Mas eu acho que o curso realmente, ele tem que preparar melhor a pessoa para enfrentar as diversas situações do momento. (V12)

b) Opinião dos médicos veterinários sobre o tipo de formação que receberam

As opiniões ficaram divididas quando foi perguntado se o curso havia fornecido base suficiente para que o entrevistado pudesse competir no mercado de trabalho. Um entrevistado não respondeu diretamente à questão, enquanto seis veterinários concordaram que para a época eles foram bem preparados, como pode ser observado a seguir:

Acho que na época era suficiente. Talvez hoje não se concorra com quem está saindo, digamos, agora do curso. Mas na época era o que tinha de... era o único curso no estado. (V02)

Sem dúvida nenhuma. Eu acho que foi... o curso foi muito bom. Embora era no início da universidade, mas o curso foi bom. Houve, vamos dizer assim, houve um esforço de ambas as partes, da época dos professores que talvez não estivessem tão preparados como estão hoje, com doutorado e tal. Mas houve esforço da parte dele e da parte também dos acadêmicos. Eu acho que eu saí preparado. Eu tentei três concursos. Na época existia muito mais chances de trabalhar na profissão e nos três eu passei e escolhi onde eu queria trabalhar. (V12)

Outros cinco veterinários responderam afirmativamente à questão, mas observaram que o profissional tem que buscar mais conhecimentos:

Dá uma boa base. Dá, mas tem que estar correndo atrás. (...) Tem que buscar... Tipo assim... livros, simpósio, congresso. Tem que ir atrás. Ele dá uma boa base, mas tem que correr atrás. (V01)

A formação recebida foi regular na opinião de seis veterinários. As próximas transcrições indicam que o curso não preparou totalmente o profissional para o mercado de trabalho em todas os campos que poderiam ser ocupados. Uma das respostas fala especificamente do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública:

Olha, na época como eu te falei anteriormente, que na parte de clínica e cirurgia aliado a estágios que eu fiz, eu saí da faculdade, eu posso dizer, que saí bem. Aí, quando eu fiz o concurso para a CIDASC realmente ali eu senti que nessa parte mais especificamente de defesa sanitária animal me faltou muito. (...) (V09)

Sim. (...) Poderia sim. Eu acho... eu fiz estágio em pequenos com homeopatia que era uma coisa que a gente não teve na faculdade e fiz estágio na área de produção animal na EMBRAPA em Campo Grande, mas o que eu notava assim é que clínica a gente estava muito bem preparado. Não sei se é porque o aluno também tinha muito medo quando chegava nessas disciplinas se preparava mais, mas o que eu senti é que a gente não era muito preparado para estudar, para pesquisa, para ir atrás de trabalhos. Inclusive na EMBRAPA em Campo Grande, eu procurei trabalhos da nossa universidade na época, e não encontrei. Tinha de tudo quanto é que é lugar e não tinha da nossa faculdade. Hoje eu já sei que mudou bastante, não tenho acompanhado muito, mas mudou bastante e a gente fica contente com isso. Mas na época eu acho que foi clínica que a gente assim estava mais preparado, estava mais preparado quando terminou o curso. (V16)

Alguns entrevistados que também acharam que o curso não lhes proporcionou plenas condições para enfrentar o mercado chamam a atenção para a questão da prática:

Em termos, em termos. Agora eu não sei porque faz tanto tempo, dez anos, mas na época o que eu estudei eu achei que faltou muito assim. Tanto em embasamento para quando você chegar lá fora porque é muito mais teórico. Então você chega lá fora você e dá de frente, é muito diferente. Você dá de frente com um problema você sozinho para resolver do que ter um livro, um caderno ali para procurar. Então eu acho que faltou, que faltou alguma coisa. (...) (V07)

A faculdade de Pelotas é muito teórica, muito teórica. A carga horária é muito grande. Eu tinha aula de manhã e de tarde e pelo menos duas vezes por semana eu tinha aula à noite. Muito teórica e a parte prática ela pecava bastante. Então pequenos animais era muito bom, sabe, mas a parte que eu queria... para quem queria laboratório era muito bom. Mas a parte que eu queria não era bom para... naquela tanto. Daí eu fiz bastante estágio. Quando eu saí eu fiz estágio antes de começar a trabalhar. (V17)

A abordagem prática foi um item lembrado pelos dois entrevistados que disseram que o curso não os preparou suficientemente.

Não, na época que eu formei não. (...) E até como eu já tinha dito ali, eu fui a terceira turma naquela faculdade, então a faculdade estava assim formando um corpo de professores ainda na ocasião. Na ocasião vinham professores de Porto Alegre, Santa Maria auxiliar na faculdade de Pelotas. E alguns professores já que eu peguei, eram alguns colegas formados na primeira turma. Então faltou um pouco na parte prática. Na teoria foi bem, foi muito bom, mas na parte prática deixou muito a desejar naquela ocasião. A gente sabe que hoje a faculdade mudou muito, mas naquela ocasião, eu saí da faculdade com um pouco de dificuldade na parte prática. Até porque também naquela ocasião não se exigia muito estágio, a gente não tinha que defender tese nenhuma, então na ocasião a gente sentiu um pouco de dificuldade para trabalhar no campo. (V04)

A preocupação com a experiência prática detectada nos formandos também acompanhou os profissionais quando estavam no início da carreira. Fleck ressalta a importância da teoria aliada à prática para a admissão de um indivíduo em um determinado coletivo. Mas não é apenas essa questão que causa inquietação nos recém-formados, mas a distância que separa o ensino intramuros dos cursos de graduação da realidade a ser enfrentada no campo. A idéia transmitida pelos

entrevistados é que há um abismo entre duas realidades totalmente distintas e incompatíveis: a realidade apresentada pelos cursos e a realidade do dia-a-dia da prática profissional. Um entrevistado expôs o problema da seguinte forma:

Então, de uma maneira geral os alunos eles não têm essa inquietude ou essa paixão, essa procura, ou tentar justificar. Eles querem muita aula prática, porque estudam muito na parte inicial. Mas quando você expõe eles à prática, vê que eles precisam revisar mais coisas, as coisas mais bem amarradas para eles. Eles têm uma certa... É meio distorcida até, porque também muito dos professores eles estão envolvidos basicamente em lecionar e exercem mais pesquisa. Lecionar e administração, então não estão muito envolvidos com alguns problemas da realidade. Então fica muito separada. A gente encontra: “o que interessa é a prática, o que interessa é a técnica [teoria]”. Acho que interessa é um ponto entre os dois adequado, mais para um lado, mais para o outro, dependendo do estágio do paciente, do cliente. (V06).

Um outro ponto que chama a atenção é sobre a reflexão sobre a prática. Os cursos não proporcionam isso aos alunos, e como consequência, os profissionais não apresentam o hábito de refletir sobre suas atividades como profissionais. Os cursos estão falhando em um aspecto fundamental da formação, já que deveriam não apenas ensinar a “fazer”, mas acima de tudo ensinar a “pensar sobre o fazer”, dotando os alunos de uma atitude mais crítica. Desta forma, seriam formados profissionais mais conscientes do seu papel na sociedade. Como foi colocado anteriormente por um professor, as técnicas sofrem mudanças freqüentes e os profissionais devem estar preparados para se adaptarem a essas transformações. Tais modificações poderão causar alterações nas atividades e por conseguinte nas atitudes de um coletivo, culminando com a transformação de um estilo de pensamento. Um entrevistado expõe a dicotomia teoria e prática do ponto de vista da prática reflexiva:

Não. (...) Porque eu acho assim que ele foi um curso muito teórico de pouca prática. Nem prática, práxis mesmo. Não teve aquela coisa de você teorizar, executar, praticar e teorizar novamente. Eles foram uns cursos eminentemente teóricos. Eu acho que isso preparou pouco. Eu vi uma cesariana durante todo o meu curso em bovino, só uma, junto com uns trinta colegas. Não só nesse aspecto, como também eu acho que ele poderia ser melhor, ter sido melhor. (...) Eu acho que ele poderia... aquilo que a gente viu na faculdade não bateu muito com o que se encontrou depois. Até porque na faculdade você aprende muito nas condições da faculdade e quando você vai para o campo você tem que executar aquilo que você aprendeu nas condições da faculdade em condições de propriedades agrícolas desestruturadas sem aquele apoio necessário para... É só você e as pessoas da fazenda. Eu acho que a faculdade, ela não proporcionou isso para mim. (V05)

c) Opinião dos entrevistados sobre a formação recebida atualmente pelos veterinários

Esta discussão da teoria e prática volta à cena quando os médicos veterinários foram indagados se o curso fornece base suficiente para os alunos que estão se formando. Com relação a essa questão, nove entrevistados consideraram que sim, um pensa que não, enquanto que quatro não souberam responder. Outros seis entrevistados entenderam que a formação que receberam foi regular:

Olha, é uma pergunta difícil de responder. Eu gostaria de vê-los melhor preparados. (...) São muito acadêmicos, são muito acadêmicos. Eles teriam que ter mais informações sobre a situação atual da pecuária, da produção animal. (...) Deixa eu fazer uma comparação: Um médico ele vai para a aula, sai da aula ele vai para o hospital, para um ambulatório, para uma clínica, para um pronto socorro. O veterinário vai para casa. Então as faculdades de veterinária, elas deveriam proporcionar mais oportunidades de exercer já a profissão durante o curso, de uma maneira mais próxima possível da realidade. Acho que isso ela não proporciona. Não sei se nem hoje, não sei se proporciona. Pode ser que determinada faculdade proporcione mais, outra menos, mas não é uma marca do veterinário. (...) Quando o aluno de veterinária vai a campo é um acontecimento, um evento. E como eu acho que deveria ser rotina. A partir do momento que ele entrou na faculdade, ela deveria começar a proporcionar essa vivência. (V05)

Pela afirmação acima, depreende-se que a prática fornecida pelo curso tem uma dimensão diferente da prática profissional. Os cursos procuram fornecer elementos para que os futuros profissionais desenvolvam seu potencial e possam exercer a atividade profissional inserindo-se no estilo de pensamento que encontrou maior afinidade ou oportunidade.

O estilo de pensamento da Clínica Veterinária teria maiores condições de incutir nos alunos a visão do estilo de pensamento a ela associado pelo fato de preocupar-se mais com o aspecto individual e por efetuar ações mais pontuais. É mais simples de proporcionar práticas nas atividades ligadas a esse campo, pela facilidade de acesso a um hospital veterinário que normalmente faz parte da estrutura dos cursos. No caso de estilos de pensamento como a Zootecnia a Produção Animal e a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, há maiores dificuldades em proporcionar ao aluno um contato com uma estrutura mais complexa como uma propriedade rural ou uma comunidade que exigem um acompanhamento com um prazo mais prolongado de tempo.

Alguns veterinários ponderaram que há deficiências em outros setores que extrapolam a formação técnica, como por exemplo a parte administrativa:

Uma das questões que eu acho que depois de você entrar no mercado e há dez anos já trabalhando, depois de você entrar nesse mercado, uma das deficiências que eu acho é que o veterinário ele sai da universidade muito acadêmico demais. Querendo trabalhar com clínica, querendo saber fazer cirurgia, querendo saber, vamos dizer... como é que eu posso te dizer, prescrever medicamentos aos animais. E hoje a carência que eu vejo (...) é que a gente sai muito mal preparado na questão administrativa. E as empresas e o mercado de trabalho hoje não quer mais veterinário que prescreva medicamento. Claro que essa parte é importante, é importante você ser um bom clínico, um bom cirurgião. Isso é importante, faz parte da nossa profissão, mas ela não prepara administrativamente. Tipo... empresas hoje buscam qualidade total dos seus produtos, buscam barreiras sanitárias, buscam informações gerais sobre administração. E isso aí que eu acho que é super deficiente. Inclusive a minha faculdade foi deficiente nessa parte; me preparei para ser um médico clínico e atuar na área reprodutiva. (...) e como eu caí na área de administração, sofri bastante até pegar os macetes. Até recursos humanos, você saber tratar com a pessoa, você saber mandar, você saber acatar idéias para desenvolver trabalhos. Então nessa parte eu acho que as faculdades são deficientes. Eu conheço muito a minha, não conheço as outras. Mas, eu acredito que seja assim pelos estagiários inclusive de Lages que eu recebo aqui. Não são preparados para administrar. (V18)

Dos entrevistados que confirmaram que os profissionais que estão saindo dos cursos têm uma boa base, alguns citaram o curso da UDESC. Entretanto, foi apontada deficiência que diz respeito ao relacionamento do profissional com o produtor rural. Para ele, esse problema poderia ser corrigido com o tempo no exercício profissional:

(...) eu tenho notado que principalmente aqui da faculdade de Lages o pessoal tem saído com mais base para o mercado de trabalho. (...) Um pouco que eu posso notar assim que muitas vezes, talvez a deficiência não seja nem por culpa deles, é pelo contato maior com o pessoal do meio do interior. O contato que eu digo é na hora de você abordar as pessoas, de você conversar com o pessoal do interior. Pela minha experiência, a gente tem que quase que se colocar a nível deles para conseguir trabalhar com eles. Então, os alunos saem mais com a tecnologia, falando muito em termos técnicos e isso aí eu tenho visto que às vezes o relacionamento com o produtor rural fica mais difícil. Mas com o tempo eu tenho visto também que isso aí leva... supera, porque com a experiência eles vão vendo que têm que se adaptar ao meio onde ele vai trabalhar para que tudo dê certo. Então eu tenho... é a única restrição. A única coisa que eu tenho visto é isso aí. (...) (V04)

Quando lembrou do curso da UDESC, um veterinário comentou a respeito da formação na área de defesa sanitária animal (estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública) ter melhorado nos últimos anos, juntamente com uma visão um pouco diferente e não apenas voltada para a clínica e cirurgia:

Olha, eu tenho notado... porque eu tenho mais convívio especialmente com o pessoal de Lages, da faculdade de Lages. Eu tenho notado que está havendo progresso, uma melhora. Eu faço essa afirmação porque logo que eu voltei para Lages em 82, e pegava muito estagiário, o pessoal naquela época realmente tinha um enfoque só para também, me parece, mais para a clínica e cirurgia. O que eu tenho notado que agora nos últimos anos o pessoal já tem uma outra visão. Então não só clínica e cirurgia, mas também outras coisas especialmente nessa área de defesa [defesa sanitária animal] está havendo, eu acho que está havendo um avanço. (V09)

Por outro lado, ao mesmo tempo em que foram mencionadas melhorias alcançadas na estrutura física, foram manifestadas expectativas de melhoria no estilo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública:

(...) Agora eu vejo bem mais estruturada, em termos de estrutura física. Isso anima o aluno, não é. Porque você tem um ambiente melhor, um ambiente de sala de aula, laboratórios equipados. É uma outra coisa. Tem o hospital veterinário lá, um hospital com espaço físico melhor, e tudo isso. Isso tudo anima. A organização é outra. A gente vê que mudou para melhor, cem por cento do que eu estava na faculdade. Então isso, eu vejo que saí bem melhor preparado. Tomara que melhore na questão de saúde pública né, Márcia. Que seja dada essa idéia um pouco antes, colocado um pouco antes que não seja em si na nona fase, que aí você vai conhecer uma coisa que é maravilhosa, mas que você já está na reta final e para voltar atrás fica difícil. Não tem como. (V11)

Pode ser que haja um esforço para despontar um estilo de pensamento preventivo que esteja ainda em estado embrionário, necessitando atingir a fase de desenvolvimento, para finalmente alcançar sua consolidação. Essa mobilização deve estar relacionada à maior exigência do mercado de trabalho – como já foi comentado, especialmente no ramo da inspeção – e dos próprios profissionais que se ressentem de uma formação mais completa nessa área e passam a exercer pressão para que haja uma atenção maior para o setor.

d) Atividades apontadas pelos veterinários como mais deficientes quando estavam freqüentando o curso

A tabela 94 traz os conhecimentos que os entrevistados julgaram que não foram abordados ou que poderiam ter sido mais enfatizados pelo curso que freqüentaram. Diversos conteúdos foram citados e apenas um médico veterinário considerou que o curso tratou de todos os aspectos:

Eu acho que foram abordadas todas... todos os aspectos, vamos dizer, do curso ali. Não se dedicou mais quem não quis, como podia se dedicar. (V20)

A Clínica Veterinária concentrou a opinião da maior parte dos entrevistados como uma área que poderia ter sido mais bem abordada durante o período em que freqüentaram o curso de Medicina Veterinária, sendo seguida de perto pela Zootecnia e Produção Animal (tabela 95). Um dos entrevistados se referiu a ambas as áreas:

(...) a parte de veterinária odontológica, parte de gado leiteiro, gado de corte, foi muito rápido. Eu acho que as matérias eletivas... Se a pessoa já sabe o que vai fazer, ela teria que ter essas matérias um pouco mais aprofundadas para que a pessoa que já está direcionada ela já saia mais firme naquilo que ela se propôs. Então essas poderiam ser um pouquinho mais. (V08)

Na área de Clínica Veterinária uma das preocupações esteve relacionada com as condições oferecidas para o desenvolvimento de habilidades pelos alunos:

Eu acho que o que mais me fez falta no meu curso foi a parte de cirurgia. Mais me fez, principalmente cirurgia de grandes. Fez muita falta mesmo. A gente tinha assim uma vaca para quarenta alunos fazer uma cesariana. Isso aí não existe. Uma descorna, daí um... dois alunos ou três fazem e os outros todos ficam olhando. Quando você não faz você não aprende, não adianta. (V17)

Um dos veterinários entrevistados teceu comentários sobre a Clínica Veterinária e também sobre a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Apesar de afirmar que seu curso apresentava deficiências em clínica, havia um certo direcionamento para a clínica de grandes animais em virtude das características dos alunos que freqüentavam o curso e que não tinham muito interesse pela a área preventiva.

Quando eu fiz, eu me lembro que na área de vigilância sanitária principalmente, que na época não era assim... Era meio pincelado também. (...) Na ocasião quando eu formei a parte de clínica, clínica em geral, clínica de pequenos animais, também não era tão assim... (...) Na minha turma era mais direcionado a grandes animais e mais no sentido de clínica e não de uma vigilância sanitária, de um controle. Era mais na parte de clínica.(...) Um pouco na ocasião enfatizado era, mas na ocasião que nós nos formamos, eu me lembro, a nossa turma era quase que exclusivamente de pessoas do meio rural no curso de medicina veterinária. Tinha alguma relação já com os pais que tinham terreno, era cabanheiro, tudo isso aí. Então eles direcionavam mais já de acordo com a turma que já era mais específica daquela área. Então talvez por isso é que não foi abordado tanto esses assuntos. Preparava-se mais as pessoas para já saírem ali trabalhando a campo, praticamente. E pouca gente dos nossos colegas lá que depois a gente soube que partiram para esse outro lado de medicina preventiva. Mas talvez por... mais pelo fato das pessoas daquela época e daquela turma, já estarem mais habituadas a trabalharem nesse tipo de trabalho mais a campo, uma coisa assim. (V04)

Foram apontadas falhas no campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, especificamente na parte de Defesa Sanitária Animal e Educação em Saúde, conhecimentos que o profissional necessitou mais tarde, na atividade prática que passou a desempenhar:

(...) Aí, quando eu fiz o concurso para a CIDASC realmente ali eu senti que nessa parte mais especificamente de defesa sanitária animal me faltou muito. Então, lógico que quando eu fui fazer o concurso eu já estava com 4 anos de formado, muita coisa peguei depois. Mas eu, especialmente na minha faculdade lá, nessa área de defesa sanitária animal especificamente, na área por exemplo de educação sanitária, havia uma defasagem muito grande na época. Eu não sei hoje como é que está. Na minha época você realmente, você estava preparado para fazer clínica e cirurgia. Especialmente por exemplo nessa área de defesa sanitária animal, na área de educação sanitária, tinha muita falha. (V09)

Essa mesma queixa foi apresentada por outro profissional em ocasião anterior e mostra com clareza a dificuldade que se apresenta para aluno em conceber os fatos de outra forma, quando sua percepção para as coisas são direcionadas para determinada forma de pensar como Fleck exemplifica com a Gestalt em relação ao olhar dirigido.

(...) E o que eu achei que ficou faltando, depois com a pós-graduação eu consegui me adaptar e na área de saúde pública dentro da vigilância sanitária e epidemiológica eu tive que buscar. Eu tive que buscar até contigo muita coisa que... Na época, digamos quanto a gente já está voltada. Dentro da própria faculdade você não tem porque a gente é um pouco obrigado a ir, a se voltar para a parte de clínica, cirurgia. Daí você acaba não valorizando. Sem querer, você valoriza mais aquilo que você está sendo cobrado, e não tem como sair da regra. (...) (V11)

e) Conhecimentos que receberam um aprofundamento excessivo no curso freqüentado pelos veterinários

Os conhecimentos citados pelos entrevistados como excessivamente aprofundados quando eles estavam cursando a graduação em Medicina Veterinária estão na tabela 96. Sete veterinários entrevistados julgaram que não houve conhecimentos que tivessem sido abordados com muita minúcia durante o curso.

Dentro dos estilos de pensamento, o mais citado e com enorme vantagem em relação aos demais foi o da Clínica Veterinária (tabela 97), mas chama a atenção o grande número de referências para as Matérias Básicas. Nas entrevistas realizadas junto aos outros segmentos, o estilo da Clínica Veterinária foi o mais registrado nas entrevistas realizadas com os formandos, enquanto que as Matérias Básicas encabeçaram a lista dos professores. Um entrevistado explicou que havia em seu curso um certo direcionamento para que os alunos tivessem uma visão voltada para a clínica.

Eu acho que esta tua pergunta reforça a anterior. No meu tempo lá era clínica e cirurgia e o resto. Quer dizer... Então nós, de repente, se você tivesse tido alguns conhecimentos nessa área teria sido bastante importante porque a gente não tinha essa visão. E o aluno, no caso, ele vai na onda né? Então, mesmo porque nessa área tinha poucos profissionais. A gente achava enjoado, não gostava e tal. E mesmo na minha na faculdade lá também uma área que tinha assim bastante envolvimento que é a área de inspeção, inspeção animal. A gente também... houve algum trabalho nesse sentido. Mas na época a gente só via clínica e cirurgia. Então faltou alguém dizer: “não pessoal, não é assim. Tem outras coisas. Tem a própria inspeção, tem uma série de outras atividades dentro da veterinária que são importantes também”. E nós não. Nós só víamos clínica e cirurgia na frente. O restante das áreas, para quem depois de formado teve que trilhar aquela área, eu quero crer que sofreram. (...) (V09)

Houve apenas uma referência à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública por meio da área de inspeção como sendo bem enfatizada, mas não de modo excessivo ou que pudesse comprometer a dinâmica do curso:

Acho que excessivo não. A parte excessiva não. Tiveram algumas coisas que poderiam ser mais enfatizadas, mas excessivamente eu não lembro. Como eu disse, como era a faculdade em Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul, eles direcionavam mais à região, àquela região deles. Então tinha naquela ocasião, nós éramos mais ou menos uma turma de sessenta, tinha uns quinze a vinte alunos que eram de Santa Catarina, Paraná, alguns até do sul do Mato Grosso. Então, a gente tinha um pouco de dificuldade e restrição até sobre... que eles não direcionavam tanto, por exemplo na zootecnia, os zebuínos já ficaram mais fora. Direcionavam mais àquela região deles. Mais no sentido assim de por exemplo clínica no geral, reprodução, inspeção de produtos, isso aí acho que foi bem enfatizado. Na ocasião até, Márcia, a parte de inspeção no nosso curso foi bem enfatizada. Eu não digo em excesso, mas foi uma das áreas. Porque Pelotas na época tinham três frigoríficos de bovinos e um de eqüinos. Então a gente tinha uma atividade muito grande nesse sentido, com tantos frigoríficos assim, de renome, a Anglo, a Swift, tudo isso aí que... Então eles... Alguns professores davam aula e trabalhavam nesse frigorífico na inspeção. Então a gente tinha uma oportunidade muito grande de... Mas eu não acho que foi em excesso não, foi tudo aproveitado. (V04)

Um médico veterinário explicou que quando freqüentou seu curso, o aprofundamento e a cobrança excessiva de algumas matérias, especialmente relacionadas ao estilo de pensamento da Clínica Veterinária, dificultava a dedicação dos alunos para outras matérias, confirmando o que alguns professores comentaram em suas entrevistas em relação à avaliação:

(...) Só essa parte que continua na clínica, que foram coisas assim que eu acho que poderia... muito ser restringido e depois lá na especialização... que daí você acaba ficando com tudo aquilo. O próprio provão de clínica que tinha na época, todo mundo... você tinha que se dedicar, não tinha como. Aí você captar tanta coisa em um pequeno espaço de tempo, você vai claro, no momento, você vai se dedicar só àquilo ali. Não adianta você dizer que as outras matérias... Não, a prioridade é aquela. E depois acaba passando porque é muito pouco tempo para muita matéria, que acaba tendo detalhes nesse todo. (V11)

Dois entrevistados manifestaram haver aprofundamento excessivo em determinados aspectos, reforçando o que alguns formandos haviam comentado anteriormente.

Eu acho que sim. (...) Tem matérias que eles se detêm muito em determinados assuntos que acontecem lá nos Estados Unidos, lá do outro lado do mundo, lá na África, que é de literatura. É um caso que você nunca vai ver e que nem existe mais e que é só literatura. Eu acho que esses casos eles tinham que enfatizar só para conhecimento, para você saber que existiu ou que existe lá e eu acho que dar mais ênfase para casos mais comuns, nossos aqui, do Brasil, da nossa região que é onde a gente vai atuar. Porque é raríssimo quem vai sair daqui para ir lá para a África. (V07)

Eu acho que sim. (...) Teve, por exemplo, um... Quando você dentro da cadeira de parasitologia, que tem coisas de você conhecer... Aquelas coisas de... a morfologia, uma coisa assim (...) A não ser que você dispusesse de equipamentos para que você olhasse, averiguasse. E ao passo que na prática foi pouco, pouco enfatizado isso. Bem dizer, na prática você olhando, o tipo de animal, a localização, o histórico da região. Você “dizia, esse aqui tem o problema tal, esse tipo de parasitose”. Enquanto que seria assim muita morfologia parasitária no meio. Eu acho assim, que ficou uma coisa muito maçante. (V10)

Praticamente as mesmas queixas colocadas acima foram registradas pelos formandos como eventos que vêm ocorrendo no presente. Como um grande número de médicos veterinários entrevistados é egresso da UDESC – desde profissionais formados nas primeiras turmas até veterinários graduados há cinco anos – percebe-se que o curso continua apresentando os mesmos problemas que ocorreram no passado.

Em uma das citações, fica evidente a influência do modo de pensar da medicina humana dentro da Medicina Veterinária, por meio de docentes que pertencem à área médica humana e ministram, principalmente as matérias básicas.

Olha, naquelas fases iniciais a gente também não sabe, mas a gente se prendeu tanto... nós tínhamos como fisiologista um médico humano. Eu não sei, ele se prendia muito a detalhes talvez humanos. Quem sabe se fosse direcionado mais para a parte veterinária nós teríamos um aproveitamento maior. A gente não tem conhecimento, quem sabe se era aquilo. A bioquímica é um outro exemplo. (...) (V02)

O estilo de pensamento propagado por esses professores pode exercer uma certa ação e direcionar determinadas concepções ao longo do curso. Cutolo (2001) examinando as concepções presentes em um curso de medicina mostra que o biologicismo⁵⁵ é a visão dominante. Esta concepção, apesar de hegemônica, não é a única e convive com outros estilos de pensamento caracterizados pelas concepções preventivista e médico-social. Da mesma forma, a forte concepção reducionista

⁵⁵ No capítulo 3 foi comentado que seria melhor substituir os termos biologicista e biologicismo utilizados por Cutolo (2001) pelas palavras reducionista e reducionismo.

presente no estilo de pensamento associado à Clínica Veterinária poderia ter suas origens na interação da Medicina Veterinária com a medicina humana. No início do curso de Medicina Veterinária da UDESC havia a participação de muitos médicos e outros profissionais da área médica humana, como bioquímicos que lecionavam disciplinas básicas e até pré-profissionalizantes como histologia, fisiologia, bioquímica, microbiologia e farmacologia. Ainda hoje o curso conta com alguns destes profissionais em seu quadro de docentes.

7.4.4 Percepções dos Médicos Veterinários sobre a Profissão

a) Compreensão dos médicos veterinários sobre os estilos de pensamento da Medicina Veterinária

Quando foi solicitado aos entrevistados que citassem as áreas ou subdivisões da Medicina Veterinária (tabela 98), apenas um entrevistado apresentou uma noção mais clara das áreas de atuação na profissão:

(...) Acho que medicina preventiva, a parte de clínica e patologia, a parte de zootecnia, e uma parte básica onde entraria aí algumas áreas de administração e a parte de sociologia. Mais ou menos daria esses quatro grandes campos. (V06)

As respostas dos demais entrevistados a essa pergunta foram bastante variadas, sendo a clínica a área de mais fácil caracterização, semelhante ao que foi observado nas interlocuções com os professores. Pode ser que os profissionais não identifiquem de forma consciente as distintas visões apresentadas pelos profissionais que se dedicam a diferentes tipos de prática.

Os médicos veterinários conseguiram observar melhor os setores associados ao seu próprio estilo de pensamento, e não os diversos estilos dentro da Medicina Veterinária como um todo. Um entrevistado apenas conseguiu distinguir as atividades presentes dentro do estilo de pensamento relacionado à Clínica Veterinária, evidenciando a fragmentação manifestada por essa área. Entretanto, há uma preocupação de que deve haver uma mudança nesse tipo de concepção:

O que a gente vê desde o início é que como, o que ocorreu na parte de medicina está ocorrendo agora na parte da veterinária, que é o direcionamento. Então, tem igual aos humanos: tem o médico que direciona para gastro, tem médico que direcionada para pneumologia, outro para pediatria, outro para órgãos, como se fosse dividir o corpo humano, aqueles órgãos. Só que o que está ocorrendo agora? (...) Direciona muito, então a pessoa vai naquele médico: “Eu só entendo do estômago, a parte de intestino delgado e grosso eu te direciono para outro colega”. Então, tem o lado bom do direcionamento e tem o lado ruim. Para o interior do Brasil, digamos assim, não caberia esse direcionamento. Caberia para grandes capitais que daí a pessoa pode, na mesma cidade, aplicar ou ter as condições de escolher ou ser mandada para lá e para cá. Agora, interior do Brasil é médico de família. (...) Digamos, claro que a medicina veterinária evolui muito nesse tempo todo. Hoje, nós estamos engatinhando, hoje nós estamos direcionando. Mas vai chegar um momento que nós vamos ter que voltar a saber de tudo, não só o direcionamento. (V08)

b) Compreensão dos médicos veterinários sobre a área na qual está inserida a Medicina Veterinária

Para doze entrevistados, o médico veterinário é um profissional da área das ciências biológicas, médicas e da saúde. Alguns relacionam à saúde humana e ao ambiente:

Biológicas, médicas e da saúde. (...) Como eu falei no início que ele é um conjunto, ele trata inicialmente o ser irracional, mas não é a finalidade básica. A finalidade básica é manter esse animal sadio para como consequência a saúde humana, do ambiente. (...) (V02)

Um dos veterinários justificou a escolha da área pelo direcionamento dado pelo curso, especialmente dado pela clínica:

Acho que biológicas, médicas e da saúde. (...) Porque prepara... Primeiro, que prepara muito mais dentro dessas áreas. A faculdade toda prepara muito mais dentro da área de biologia, de saúde e medicina em si por causa da parte clínica. E depois mesmo que você sai daqui... que nem eu trabalho praticamente biologia e fisiologia dentro da... Quem trabalha com clínica, só praticamente a área médica, a parte de saúde, zoonoses, a parte de saúde. Eu acho que é bem mais. Agrárias pega bem mais a parte da agronomia. (V07)

A próxima transcrição revela que o entrevistado, apesar de ter escolhido a opção da área biológica, médica e da saúde, admite a importância dos conhecimentos agrários para o profissional:

Eu acho que ele é dessa segunda colocação. (...) Porque apesar de que ele tem que conviver com as duas, tanto com a agrária como com a outra. Porque se ele não tem o conhecimento um pouco da agrária, como é que ele vai exercer a contento a sua profissão a da algum respaldo para o criador ou alguma coisa assim. Então ele teria que ter um conhecimento. (...) Muitas vezes não se consegue você ter os dois técnicos atuando na mesma região como auxiliar, vamos dizer, agrária com a veterinária. (V10)

Sete entrevistados preferiram optar pelas duas áreas simultaneamente, alguns deles fundamentando-se na importância do profissional para a saúde da população e também para a produção de alimentos:

As duas coisas. (...) Porque o médico veterinário por exemplo, ele não está sendo utilizado como deveria ser utilizado. Porque ele pode ser nas ciências agrárias porque ele estará junto com o produtor e junto com a educação sanitária ele pode também estar dando alguns conselhos sobre pastagens ou sobre... porque esse é um conhecimento inerente da profissão. Então ele pode ser realmente das ciências agrárias, assim como pode e aí é também das ciências biológicas porque ele pode estar ajudando na saúde pública através de algumas zoonoses que existem. Ele pode colaborar perfeitamente na parte de ambos. (V12)

O único entrevistado que optou exclusivamente pela área agrária definiu com muita propriedade o papel do médico veterinário e alertou que quando apenas os conhecimentos biológicos, médicos e da saúde são utilizados, sua função se torna muito limitada.

Agrárias. (...) Porque – eu estou falando com base na minha experiência – quando você chega lá na propriedade, no estabelecimento com a visão de que você é um médico veterinário, das ciências biológicas, médicas, a tua visão do estabelecimento ela fica reduzida, você se atém ao problema para o qual você foi acionado. Se está havendo doenças, se está havendo problemas sanitários, você está ali para resolver aquilo. Quando você se coloca na posição de um profissional das ciências agrárias, com conhecimento na área médica, você vai olhar o estabelecimento todo, inclusive a família desses agricultores. (...) (V05)

c) Atividades mais promissoras no mercado de trabalho, segundo os médicos veterinários

Segundo os entrevistados, as atividades mais promissoras e que oferecem melhores oportunidades de trabalho estão relacionadas na tabela 99. Chama a atenção o fato de que cinco entrevistados não responderam diretamente à indagação com respostas bastante vagas. Talvez eles não estejam bem informados sobre a matéria. Um deles ponderou sobre as dificuldades que existem em relação à oferta de emprego:

Olha, hoje em dia está tão difícil o mercado. Pelo que eu vejo fora e que eu converso com o pessoal está muito difícil o mercado de trabalho. (...) Porque para você sobreviver de uma clínica não é fácil. Para você fazer concurso, são muito poucos. É muito difícil. A parte de didática mesmo já está quase totalmente preenchida. (V07)

A atividade que foi lembrada mais vezes foi a clínica de pequenos animais:

Hoje, pequenos animais e a avicultura. Pequenos animais, clínica de cachorrinho de madame. Isso aí o pessoal investe nisso aí mesmo. A gente tem visto, eu tenho um monte de amigas que têm cachorro, é toda semana sagradinho, não interessa quanto é que custa. E a avicultura que está crescendo porque é um investimento que não é muito alto e o retorno é rápido, cinqüenta dias, né. (...) Pelo que eu tenho conversado, eu acho que a suinocultura também, acho que está remunerando bem. Mas é que a suíno está um pouquinho em baixa no estado, principalmente no estado. Agora, a avicultura não é que remunere tão bem, mas é quem remunera melhor. E cães e gatos a gente vê pela ampliação das clínicas. Está todo mundo melhorando a sua clínica, ampliando e colocando aparelhos modernos lá dentro. (V17)

As atividades citadas na tabela 99 foram adaptadas aos estilos de pensamento em Medicina Veterinária e podem ser visualizadas na tabela 100. Segundo os entrevistados, as atividades mais promissoras e que oferecem melhores oportunidades de trabalho estão concentradas no estilo de pensamento da Zootecnia e Produção Animal e em segundo lugar aparece a Clínica Veterinária.

Acho que a área de produção, a área de suinocultura, avicultura, tanto na área de nutrição como na área de doenças infecciosas, tanto como clínico, ou tanto... Eu vejo essas áreas... Dentro da área de leite também eu acho que tem uma posição bastante importante dentro do estado de Santa Catarina e daí teria que ver a questão das outras áreas. Mesmo de ruminantes ou bovinos de corte só que ela estaria num outro eixo, mais no eixo Brasil central. Teria que haver mais uma preocupação do deslocamento desses profissionais para interagir ou trabalhar, ou preparar para eles para trabalharem naquele tipo de mercado. Essa fronteira já subiu. (V06)

Apenas quatro citações estavam ligadas à área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, relatando a importância da inspeção de produtos de origem animal ou mostrando as oportunidades oferecidas com a municipalização dos serviços de saúde:

(...) Eu vejo uma área que vai ter o maior crescimento dentro da veterinária, posso estar enganado, a área de inspeção animal. Que é uma área que está aberta para o trabalho. Nós dentro da CIDASC estamos vendo isso. Hoje nós temos uma defasagem muito grande e a CIDASC hoje, eu tenho certeza, precisaria para trabalhar nessa área em torno de 100 a 150 veterinários. Seria... teria tranquilamente... e é uma área que está aí. Está se abrindo na frente do veterinário. Então, hoje a curto prazo eu digo que, sem medo de errar, a área de inspeção animal é a área a ser trabalhada. (...) E o poder público está apertando as prefeituras nesse sentido. Então, um exemplo, na região de Anita Garibaldi não tem nada. Assim, para dizer, aqui na nossa Regional só Lages que tem esse serviço. Está abrindo agora em São Joaquim, alguma coisa em Ponte Alta e alguma coisa em Bom Retiro, mas o profissional de Lages tem que ir lá fazer. Então, na frente... Eu tenho uma idéia assim: na frente, cinco ou dez anos, acho que cada município vai ter que ter o seu matadouro municipal, vai ter que ter o seu veterinário contratado (...) Então aí veja a demanda que vai dar. E isso vai ter que ser feito. Não adianta. É uma coisa que a lei está pedindo, está exigindo. Quer dizer, vai chegar num ponto que não tem como. Cada município vai ter que ter seu veterinário para fazer inspeção. Hoje, os municípios estão contratando veterinário, e os veterinários estão mais engajados em clínica e cirurgia. Mas esse pessoal vai ter que se direcionar para a inspeção. E cada município, eu vejo, que vai ter que ter veterinário para clínica e cirurgia e veterinário para a inspeção. Que não tem como se fazer as duas coisas. (...) (V09)

É que são tantas. Digamos assim, o serviço público está oferecendo bastante. A municipalização está oferecendo só que eu acho que tem que haver mais preparo para o médico veterinário chegar a isso. Porque antes esse processo de mudança às vezes ele perde a oportunidade da própria não adaptação. A falta de preparo para ele chegar a trabalhar com a comunidade e tudo isso. O bloqueio pode fazer ele desistir no meio caminho ou desistir no começo já. Foi o que aconteceu comigo, mas eu me adaptei. Mas muitas vezes essa falta de preparo... as pessoas em volta podem não ter toda a paciência que de repente eu tive dos meus colegas e tal. Às vezes a pessoa pode não ter acesso... por exemplo, municipalizou um município mais do interior e esse veterinário não tem um acesso como eu tive, aí ele vai ter bastante dificuldade para se adaptar. (V11)

Pela segunda transcrição, percebe-se que os médicos veterinários não são preparados para atuar de acordo com o modo de pensar exigido pelas atividades preventivas e de saúde, o que pode levar a um desânimo e insegurança pelo profissional por não se sentir preparado para executar as tarefas que o desempenho da função requer. Este tema será retomado em um interessante depoimento dado no item referente à opinião dos entrevistados sobre o trabalho do médico veterinário em saúde pública.

A Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, que entre os médicos veterinários foi muito pouco lembrada, foi identificada como bastante promissora pelos calouros e professores do curso da UDESC. Possivelmente, poucos profissionais que estão atuando estão entrosados com as exigências do mercado de trabalho, por já terem uma ocupação garantida e não sentirem a necessidade de se informarem melhor a respeito, mantendo impressões antigas sobre o assunto. O que confirma essa observação é o fato de que um quarto dos entrevistados não soube responder à indagação, como já foi colocado.

Houve um comentário sobre a importância cada vez maior da medicina preventiva e sua ligação com a produção animal:

(...) Creio que essa parte curativa de atender indivíduos tende a desaparecer, não vou dizer desaparecer totalmente, mas se reduzir dia após dia e para isso há necessidade dos profissionais direcionarem o seu estudo, o seu esforço para a produção e conseqüentemente vai estar se fazendo menos clínica curativa, mais preventiva em cima de melhor produção e melhor resultado. (V15)

Essa questão referente às oportunidades de trabalho gerou algumas considerações dos entrevistados sobre a remuneração do profissional e valorização dos serviços prestados. Ao mesmo em que foi o estilo mais citado, o campo que vem sendo apontado como o que tem maiores problemas neste aspecto é o da Clínica

Veterinária. Um dos entraves estaria no próprio profissional que não respeita as tabelas de preço que são preconizadas:

(...) Eu tenho essa tabela que é passada para as clínicas aqui. Se pegar um telefone hoje e ligar para um outro, ninguém cobra isso aí. E foi feito através de uma reunião dos clínicos de pequenos animais. Chegaram a uma tabela, mas ninguém... (...) Ninguém cumpre a tabela. Apesar de já ter a tabela de clínica de pequenos animais que é da ANCLIVEPA. Aquela é pior ainda, se chegar a puxar para um cliente ele corre. (...) Que... sei lá... No tempo da faculdade aquilo era exigindo para quem não tinha condições de pagar, só que quem chega lá é atendido e paga o mesmo preço. Independente se você chegar a pé ou de carrão, você paga a mesma coisa. E isso influencia um monte. (...) (V01)

Em nível de Santa Catarina... não tenho um conhecimento maior, estou falando mais aqui. Você vai tentar que o governo abra um concurso, uns em nível de Brasil, a CIDASC paga muito bem, paga bem mesmo se pensar. Tem veterinário no Rio Grande do Sul que está ganhando 600,00, 700,00 reais. Então, saiu disso aí... se você vê, Mato Grosso tudo bem, a coisa é totalmente diferente. Você vê aquele sub-profissional até não querer mais. Aqui tem campo. Aos poucos, clínica de pequenos animais, e qualquer atividade que o veterinário desenvolva aqui na Região Serrana vai cair no problema do reconhecimento, que eu vou chamar de reconhecimento financeiro, fazer o trabalho tudo bem, é o que o público quer. Mas pagar... (...) Ele não foi preparado dentro da faculdade para cobrar os serviços. Ele sabe, sai empolgado, quer trabalhar, chega na hora ele não sabe... ele não foi ensinado ainda. Cai no mercado de trabalho, ele não valoriza como deveria o serviço dele. Então, se tem uma tabela que é 500,00 vamos dizer, ele vai lá e diz “não, quinhentos”, cobra duzentos, “agora estou começando”. E a partir daí ele se acostuma e cai naquele marasmo, naquele “mesmismo” de realmente não saber valorizar o serviço dele. (...) Ele não é valorizado. Como é que é? Se um veterinário atender uma rês, sarou, beleza, fez a obrigação. Morreu a rês, esse cara é um burro. E se ele fez a obrigação tudo bem, muito obrigado. Se morrer ele é burro, não recebeu e ainda vai passar por burro. É mais ou menos assim. É bem drástico este comentário. Mas é uma realidade. E a culpa maior é nossa. Porque funciona assim e também é questão de cultura. A cultura tradicionalista do eterno fazendeiro serrano. (V03)

Um dos entrevistados que não exerce a profissão reconheceu que um dos motivos que o levou a abandonar a Medicina Veterinária foi a questão financeira, pelo campo estar ficando restrito.

Cheguei a exercer a profissão até o ano de 92. (...) Eu trabalhei como médico veterinário autônomo e tinha uma casa agropecuária. (...) Por uma... Em primeiro lugar por uma questão financeira e além disso, laços familiares me trouxeram para esse ramo que eu estou hoje. Então foram as duas coisas, laços familiares e questão financeira. (...) Eu acho que está um campo um pouco restrito. (V10)

A divulgação do trabalho do médico veterinário para a população foi alvo de comentário dos entrevistados, sugerindo que os órgãos representantes da profissão e a própria universidade deveriam se encarregar de difundir as atividades deste profissional para que as pessoas pudessem compreender melhor.

Na verdade, os campos deveriam ser melhor explorados. Quando eu falo nessa exploração deveria ter por exemplo, a participação da Sociedade de Medicina Veterinária, do sindicato, da... enfim, desses órgãos representantes de classe que pudessem realmente fazer um trabalho de divulgação junto às autoridades competentes para que o médico veterinário possa atuar não só em algumas situações específicas como realmente um profissional liberal. Ele pode estar presente em qualquer que seja a atividade inerente à sociedade. (...) Eu tenho acompanhado, não tanto quanto deveria, mas tenho acompanhado um pouco da atividade do CAV. No CAV houve um desenvolvimento expressivo como aqui já foi citado antes, mas eu ainda acho que o CAV tem um papel fundamental nesse projeto que eu estava falando. A universidade geralmente ela deveria estar mais presente em todas as atividades públicas e políticas da... É fundamental que o CAV tem todo o cabedal de conhecimento que tem, a capacidade dos docentes, da estrutura do campus. Ela tem que chamar muito mais as autoridades e a sociedade para conhecer que outros trabalhos estão sendo desenvolvidos e o que pode ainda se desenvolver. O CAV é fundamental nesse processo. O CAV especificamente na universidade. (V12)

(...) Apesar de que, eu acho que é uma falha nossa como veterinários a questão de... a gente não educa. Muitos veterinários eles se... Eu vejo isso até por mim, que a gente nem sempre está explicando para eles o porquê do nosso trabalho. É onde às vezes entrava a questão com a CIDASC, por exemplo, de que as coisas vêm de cima para baixo. A lei vem lá de cima e você se pegar o pequeno produtor, a pessoa que é leiga, que não entende e começar a explicar para ele e mostrar o porquê das coisas. Ele vai entender o teu trabalho, vai te aceitar melhor e vai abrir mais campos para você. (...) É a importância do seu trabalho. Onde que ele pode melhorar a vida do ser humano, que não é só do animal que a gente... a gente tem que se colocar. Muita gente olha assim: "O veterinário cuida de bicho só." E na verdade não é isso. Nós somos profissionais da área de saúde e da área animal, como eu falei, eu acho que ela está ligada às duas coisas. E com isso a gente pode melhorar muito as condições de vida. Inclusive a parte econômica, quanto na saúde a gente poderia economizar para governo e para o país em si se a gente fosse... se o nosso trabalho fosse melhor compreendido e mais valorizado no caso. (V16)

d) Conhecimentos considerados importantes para o desempenho da profissão, de acordo com os médicos veterinários

Quando perguntados sobre que tipo de conhecimentos seriam importantes para o desempenho da profissão de médico veterinário, os entrevistados deram diversas respostas que se encontram registradas na tabela 101. É interessante que alguns médicos veterinários, a exemplo dos professores, entendem que os conhecimentos gerais também são importantes para o sucesso do profissional:

(...) Aí não tem limite. (...) No mundo de hoje, se você não se instruir, não tiver conhecimento, ele te engole. Você tenta acompanhar o processo mas assim mesmo não tem... não tem limite. Todas as áreas. (V03)

Os conhecimentos citados na tabela anterior ajustados aos estilos de pensamento em Medicina Veterinária estão na tabela 102. Dos conhecimentos que seriam considerados importantes para o médico veterinário de maneira geral, diversas respostas foram apresentadas enfatizando várias áreas:

Acho que conhecimentos básicos sólidos, tem que ter noções de fisiologia, de microbiologia. Um bom entendimento das zootecnia, da área de produção em geral e acho que de medicina preventiva. Eu ficaria com essas áreas, que eu acho que seria essas. (V06)

Apesar de em pergunta anterior apenas um entrevistado ter enquadrado a Medicina Veterinária nas ciências agrárias, as respostas a essa questão concentraram-se mais na área agrária:

Ele precisa... deixa eu pensar... precisa, Márcia, ele precisa entender mais de... um pouco mais de economia. Ele precisa entender um pouco mais de planejamento. Ele precisa entender um pouquinho mais de política agrícola e política agrária. Ele precisa entender um pouquinho mais de sociologia. Ele precisa pegar um pouco mais... É claro que quando o aluno chega na faculdade ele já é um produto quase pronto, só vai fazer o acabamento. E talvez algumas dessas disciplinas aí que eu te falei ele já deveria vir trazendo lá do ensino fundamental, do ensino médio. Mas eu acho que o profissional que tem um pouco mais de conhecimento nessas áreas... filosofia, ele vai ser mais crítico. (V05)

Dois entrevistados apontaram a importância da habilidade que o médico veterinário deve ter para se comunicar com o produtor rural ou a comunidade. Este aspecto foi apresentado como um ponto falho nos médicos veterinários que estão sendo formados atualmente. Isto pode estar ocorrendo pela pouca ênfase dada no curso às matérias relacionadas às ciências humanas e também à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública que possui um forte componente deste âmbito em seu corpo de conhecimentos.

Nós só... nós saímos da escola, mas inibidos, não tendo desenvoltura para falar, para fazer uma reunião. E eles aprendem muito isso, os agrônomos. Nesse aspecto nós estamos perdendo. (...) Falha, falha, não é porque nós não... eu pelo menos, na minha época nunca tivemos uma reunião para ver como é que se faz uma reunião no campo. Então a gente não aprende isso, a gente fica só bitolado, só estudando aquilo ali. Eu tenho muita dificuldade até hoje, faz vinte anos que me formei, de organizar... de organizar nem tanto, mas de fazer andar uma reunião. Se precisar fazer uma reunião de quatro horas aí, é brabo. Nós não temos experiência. (V20)

Um depoimento interessante, mas bastante preocupante, dizia respeito aos conhecimentos que alguns médicos veterinários têm em saúde pública. Algumas vezes parece que o profissional ao sair do curso apresenta ainda algumas concepções próprias do senso comum em relação a alguns aspectos essenciais de saúde, como por exemplo, a falta de consciência sobre o risco de consumir carne não inspecionada:

Acho que o veterinário tem que saber um pouco de saúde pública por causa das doenças transmissíveis, que os veterinários não dão muita bola, não querem saber. Eu conheço veterinários que compram carne sem inspeção porque é mais barato. Veterinário, né. Eu comprava antes de começar a ir nos abates e ver o tamanho do índice de cisticercose aqui (...) Eu não sei porque é que acontece isso. Eu acho que é até um pouco de acomodação porque o veterinário de campo, principalmente que nem eu convivo com um monte de veterinário de campo, ele ainda acha que aquele porco ou aquele boi morto na propriedade está limpo de todas as doenças. Limpo entre aspas. (...) Ou ele já esqueceu daquilo, sabe. (...) (V17)

e) Conhecimentos considerados importantes dentro do campo de atuação do entrevistado

Os conhecimentos que os médicos veterinários julgam importantes para atuação em seu campo de atividade estão listados na tabela 103. Esses conhecimentos estão distribuídos por todas os estilos de pensamento (tabela 104), com maior concentração em Clínica Veterinária e também em Zootecnia e Produção Animal, com leve vantagem para o primeiro estilo:

Eu acho que ele tem que ter os conhecimentos básicos mesmo na área da clínica, começando desde a semiologia, para fazer um bom exame clínico, uma boa anamnese, isso vai trabalhar com o que ele for. Porque sempre ele vai bater nisso aí. (V07)

Contudo, área básica foi bastante lembrada, como pode ser notado pelos trechos abaixo, o que poderia justificar o aprofundamento excessivo dado às disciplinas básicas no curso da UDESC, como foi visto nas entrevistas com os professores.

Conhecimentos... o estudo do comportamento dos animais. Aí cabe o direcionamento, depende... a base de tudo é dada na faculdade. Anatomia, a parte de anatomia você tem que entender da onde que vem esse nervo, essa artéria, a própria anatomia dos órgãos. A fisiologia é muito importante. Sem a anatomia, sem a fisiologia você não vai saber fazer nada. A parte fisiológica é muito importante. (V08)

7.4.5 Percepções dos Veterinários sobre a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

a) Utilização de conhecimentos de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública no estilo de pensamento do entrevistado

Quase todos os entrevistados declararam que utilizam conhecimentos ligados à saúde pública no exercício de sua atividade profissional. Apenas um

entrevistado reconheceu não utilizar tais conteúdos e outro afirmou que utiliza apenas ocasionalmente. Dos entrevistados que empregam esses conhecimentos (tabela 105), quase todos se lembraram prontamente de citar o controle de zoonoses, e nove lembraram o trabalho de educação em saúde por meio de orientação das pessoas:

Explicando o porquê da prevenção ou como você pode fazer, o que você deve fazer. (...). Mas tentar prevenir explicando para a pessoa o que deve ser feito. (...) Eu sou contra aquele monte de medicamento, aquela coisa assim. A gente olha muito também na prevenção e com a prevenção a gente evitar a pessoa de gastar muito porque a gente sabe da dificuldade econômica que está hoje e a gente sabe também que a prevenção evita isso e o quanto vai trazer de lucro para o produtor. Eu penso muito nisso. Então é explicando o que você deve fazer na hora de ordenhar um animal, na hora... ou porque você deve exigir uma inspeção, porque você... o porquê do nosso trabalho e no que é que vai melhorar a vida deles com a prevenção e não só com a parte de médico, médico veterinário curando, clinicando. (V16)

Eu procuro orientá-los sobre... nós vamos vender aquelas vacas ali para abater, trinta ou sessenta dias antes do abate eu faço um vermífugo bem bom, para evitar a cisticercose. Colheu moranga, ótimo... tem uma lavoura de moranga, faça uma casinha, um banheiro ou casinha para o pessoal fazer suas necessidades na casinha. Tem duas pessoas só que tem, mas fui eu que orientei. Todos teriam que ter isso, porque senão as pessoas fazem suas necessidades no meio da lavoura e depois os animais vão lá e comem, fecha o ciclo. E muito assim... entre eles eu gosto que eles... a gente faz as reuniões no interior, eles discutam entre eles, trocam opiniões entre eles para gente poder depois não impor a opinião da gente. Pegar a opinião deles e dar uma melhorada naquilo ali. Fica mais fácil de trabalhar com eles assim. Porque o produtor rural... e bastante produtor rural não é fácil de trabalhar e pequeno produtor rural não tem dinheiro para investir imediatamente nunca. (V17)

Apesar da importância da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública na atuação profissional, um entrevistado registrou que não havia se lembrado de tocar nesse assunto anteriormente durante toda a entrevista.

Importantíssimo, e eu esqueci de falar. Saúde pública, sim. (...) Em saúde pública as zoonoses, doenças que podem ser transmitidas dos animais para os homens. E isso aí, você vê que vem as pessoas de bairros, que não têm conhecimento nenhum, o que é raiva, o que é leptospirose, a parvovirose, cinomose, se pode passar para nós. A própria sarna, problemas dermatológicos, micoses. Então, eu trabalhando direto com as pessoas, eu sinto que elas não sabem nada. As pessoas que vêm aqui tem um animalzinho de estimação, na sua casa estão procurando ter conhecimento, mas se o técnico não passar isso para ela... Digamos que se cada veterinário não passar o que conhece para ela, para ela saber o que é e o que não é, claro que elas não vão ter esse conhecimento, não vão ter acesso ao conhecimento. A importância do médico veterinário como técnico e sabedor do conhecimento passar para os clientes e a partir daí é um meio de difusão. (V08)

Interessante é que os médicos veterinários, apesar de se referirem à profilaxia, enfocavam mais o aspecto da doença do que da saúde, o que confirma a presença de uma concepção reducionista marcante. Os entrevistados, de maneira geral, demonstram ter um direcionamento na forma de perceber os problemas de

saúde para um estilo de pensamento mais associado à visão curativa e reducionista. Isso pode ser consequência de uma formação inadequada na área preventiva (como será visto na questão seguinte). A exceção a esse aspecto foi um profissional que ressaltou a importância do trabalho do médico veterinário para garantir a qualidade de vida das pessoas:

(...) De epidemiologia, das doenças. Toda a vez que você faz uma recomendação para um produtor, uma família, ela tem que entender o porquê daquilo, qual é a razão daquilo. E a recomendação que você der, o resultado daquilo tem que melhorar a qualidade de vida dessas pessoas, gerando mais renda, humanizando mais o trabalho, esse tipo de coisa. Então quando você tem ali um conhecimento de uma área mais humana, com um conhecimento da área mais técnica, um conhecimento da epidemiologia, da patologia, da patogenia das doenças, das zoonoses, do perigo, aí você tem um resultado desejável. (V05)

b) Ênfase que o curso freqüentado pelo veterinário entrevistado deu para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Mais da metade dos entrevistados (treze) é de opinião que a saúde pública não foi adequadamente enfatizada no curso que freqüentaram. As principais falhas apontadas foram:

- V01: Direcionamento do curso para a clínica.
- V02: Curso não chamou a atenção para a área; atividade é recente dentro da Medicina Veterinária.
- V03: Faltou aprofundamento.
- V05: Alunos não dão importância para a matéria; é considerada matéria fácil; é ministrada por outros profissionais que não são médicos veterinários.
- V08: Carga horária reduzida.
- V10: Foi pouco aprofundada; não despertou interesse.
- V11: A matéria é tratada no final do curso; aluno não consegue modificar sua concepção de saúde e doença formada durante o curso.
- V12: Faltou conteúdo; curso era novo e não havia noção sobre a importância da área.
- V13: Havia pouco tempo para tratar do assunto; aprofundamento foi pequeno.
- V14: A saúde pública era muito incipiente dentro da Medicina Veterinária.
- V15: O assunto foi enfatizado apenas no final do curso; curso não chamava atenção para a área.

- V16: O assunto foi enfatizado apenas no final do curso; Havia pouco tempo para abordar o tema; direcionamento do curso para a clínica.
- V20: O tema não era enfatizado; curso não chamava atenção para a área.

O relato a seguir mostra que os alunos naquela época já não davam muita atenção para determinadas disciplinas, não compreendendo sua importância para a sociedade. Pelas declarações nas entrevistas com os formandos, observa-se que este fato continua ocorrendo até hoje. A próxima transcrição denota a existência de um sistema de valoração às diferentes áreas dentro dos cursos, que resulta como consequência em um direcionamento dos estudantes:

Não. (...) Essas disciplinas: saúde pública, extensão rural, economia rural, planejamento rural, na medicina veterinária são frias. São aquelas que todo mundo passa, é uma carga horária reduzida, na sexta-feira, às vezes. Então ela não tem aquele... o aluno não vê aquela... Ele não se sente seduzido por estas disciplinas durante o curso de medicina veterinária.(...) Porque o que atrai mais os jovens acadêmicos são aquelas mais finalísticas. Ele quer o quê? Ele quer trabalhar com os animais, ele quer fazer uma ruminotomia em um bovino, ele quer examinar um cavalo. Ele quer enfim... Ele quer trabalhar com o produto final. Eles esquecem às vezes do... aquilo seduz mais, ela empolga mais. É também ali, por exemplo, que a sociedade valoriza, que ela o reconhece como tal. (...) O que eu digo é que ela visualiza mesmo é quando ele atua na clínica médica cirúrgica. (...) Eu acho que tem que insistir nisso. Ter bons projetos. Na metodologia de trabalho dos teus projetos estar lá descrito que você vai atuar também nessas áreas, obter resultados, resolução de problemas, onde fique demonstrado que sem o auxílio dessas áreas, dessas disciplinas você não chegaria lá. (...) Até essas disciplinas nas faculdades elas na maioria das vezes elas são ministradas por profissionais que não são veterinários. Então isso já cria no aluno um certo distanciamento, uma certa rejeição. Quem tem o conhecimento não é um veterinário, é um outro profissional. (V05)

O trecho acima mostra que são dados valores diferentes às disciplinas dos cursos e adiciona um elemento que é o reconhecimento do trabalho do médico veterinário pela sociedade apenas pela função mais finalística de curar os animais, talvez por um desconhecimento das outras atribuições que este profissional apresenta. Um agravante exposto nesta citação diz respeito à formação original dos professores que lecionam as disciplinas do estilo de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, que nem sempre são médicos veterinários (um ponto importante a ser investigado para os cursos na atualidade).

O próximo trecho relata que na época em que frequentou o curso não se dava muita importância para os conteúdos pertinentes à saúde pública porque a própria sociedade por meio dos órgãos governamentais também não o fazia. Esse quadro tem uma certa tendência a ser revertido:

Não. (...) Porque ela deveria ser um tanto quanto mais... abordada mais profundamente e talvez porque eu não tenha até dado certos valores aos fatos na época, que hoje eu estou te respondendo dessa maneira, que ela não foi enfatizada. Talvez no meu modo de ver ela foi pouco enfatizada. (...) Ela não me despertou o interesse na época talvez por uma falta de orientação, de que a atuação do médico veterinário está intimamente ligada à saúde pública. Porém, nós temos assim uma grande, como eu vou te dizer... nós temos... Não seria um problema, ou talvez até problema estrutural de que não se dava... A gente via que não se dava um valor, um valor que se devesse à saúde, da prevenção então da saúde humana através do médico veterinário pelos órgãos competentes. Agora de um tempo para cá, é que a gente está vendo que eles estão se dando esse... estão fazendo algum trabalho nesse sentido para que... fazendo uma atuação mais junto, do médico veterinário na saúde pública. (...) (V10)

No fragmento a seguir, o entrevistado anuncia de forma explícita o conceito que os alunos fazem de determinadas disciplinas, com uma representação de que certos conteúdos que não estão estritamente relacionados às ciências biológicas são fáceis e sem importância:

Eu não sei se os professores tinham menos preparo, ou eram aquelas matérias que, vamos supor, o cara não precisa estudar e passa. Aí você também não dá muito enfoque, mas hoje... E agora você me perguntando eu me lembro, tinha muitas matérias que depois a gente viu que era importante e no fim fez mal feita na faculdade. (V09)

A importância dispensada à área durante o curso é tão pequena, que um médico veterinário não se recorda se freqüentou as disciplinas da área durante seu curso de graduação⁵⁶:

Eu não tive saúde pública. (...) Nada, não, na época que eu fiz o curso não. Eu fui aprender depois na prática mesmo, na aula. (...) Nem se falava quase em saúde pública naquela época. Não tive essa... fez falta. Fez falta, mas não tive. (V07)

Três médicos veterinários manifestaram que a ênfase dada para a saúde pública em seu curso foi razoável e três afirmaram que houve destaque para a área. Nesta última categoria de resposta, foi obtido um interessante depoimento que chama a atenção para o “olhar dirigido” que os acadêmicos adquirem ao longo do curso e para as atenções centradas em termos de carga horária para o estilo da Clínica Veterinária e a manutenção da hegemonia de uma determinada concepção:

⁵⁶ A secretaria do curso freqüentado pelo entrevistado examinou seu histórico escolar e confirmou que ele cursou todas as disciplinas da área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

Ela foi... Na época nós tínhamos um professor que ele era veterinário e era médico, e hoje é uma grande autoridade em cisticercose, que é o Natal Jataí. E esse cara levantava uma bandeira sozinho, sabe. Naquela época ele já levantava essa área aí e a gente não dava muita importância. Isso a gente achava chato, achava ruim, achava que... E eu, até hoje me arrependo, de não ter me aprofundado nessa área aí. Ele falava muito nas campanhas de raiva, falava sobre a raiva, falava sobre a cisticercose. E eu te digo que eu e meus colegas, com poucas exceções, passamos batido nisso aí. (...) Olha, realmente eu não sei se é a sombra muito forte da clínica, da cirurgia, que na época os melhores professores, as maiores cargas horárias estavam centradas em cima da clínica e cirurgia. Então você não tinha olho para o outro lado. E hoje, agora você me falando, me lembrou isso aí. Eu lamento profundamente, eu não ter mirado, me voltado para essa área aí, sabe. Porque o que aconteceu comigo? Eu me voltei só para a clínica e cirurgia, não dei importância para essa área aí, para a área de zoonose, para a área de saúde pública e hoje meu maior trabalho é em cima disso aí. Quer dizer, eu me preparei para uma coisa e no fim fui trabalhar em outra. E sinto, mas sinto mesmo que me fez muita falta, muita falha, que talvez até hoje eu tenha ainda em cima de saúde pública foi causada pela minha má formação, por eu não ter essa visão, por alguém ter me orientado, me chamado mais a atenção e me puxado pelo braço. Eu ia tendendo só para clínica e cirurgia. Ninguém me pegou pelo braço e disse: "Não, não é por aí o negócio". Entende, ninguém me falou. (V09)

Ele continua sua exposição lembrando dos estágios que fez durante o curso dirigidos apenas para a clínica e cirurgia e lamentou o fato de não ter se despertado para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ainda dentro do curso, o que muito lhe custou. Entretanto, apesar de ter sido guiado por uma estrutura dominante de estilo de pensamento para adquirir determinada visão, ele se sente culpado por só ter percebido a existência de outras áreas depois de formado:

E outra coisa também que eu lembrei agora. Como eu falhei nos meus estágios. Como eu falhei, eu falhei redondamente, só fiz clínica e cirurgia. Então faltou alguém me dizer: "Não é só isso aí que tem na veterinária, tem saúde pública". Eu nunca fiz estágio em saúde pública. Entende? Tudo isso aí eu fui descobrir depois de formado, depois que eu já estava trabalhando nessa área. Então talvez... não sei como dizer isso aí, como fazer, mas dentro da faculdade alguém tem que orientar os alunos para eles não fazer só um tipo de estágio. Eu fiz só um tipo de estágio, só clínica e cirurgia o tempo todo. Nunca fiz um estágio em saúde pública, nunca fiz um estágio, por exemplo, em aves, em suínos. Nunca fiz isso aí eu só fiz clínica e cirurgia de grandes e pequenos e acabou. Então o meu mundo foi errado, talvez por falta de algum profissional chegar e me pegar pelo braço e dizer: "Não, pare com isso aí, vá para esse outro lado, faça isso aqui que também é importante". Infelizmente foi isso que aconteceu comigo. Depois, eu volto a dizer, tive que carregar pedra, tive que descobrir o outro lado muito mais difícil. Porque daí você já é um profissional, aí você vai dar uma palestra e não sabe dar uma palestra, você tem que ir atrás de conhecimentos que estavam na sua mão e você desprezou. Então, eu não sei se continua esse problema nas faculdades ainda. Mas eu, para mim, foi muito claro. Eu virei as costas para uma área que depois me fez muita falta. E eu não vou culpar ninguém, porque talvez o maior culpado fui eu mesmo, eu só queria olhar aquilo. E hoje clínica e cirurgia para mim, eu tenho bastante conhecimento porque foi onde eu bati bastante, mas eu... Todos os veterinários que trabalham comigo e eu, estão mais para esse outro lado, saúde pública, educação sanitária, defesa sanitária animal que na faculdade nós passamos batido completamente. (V09)

Um médico veterinário contou sua trajetória no âmbito da saúde pública, apontando os mesmos problemas detectados pelos formandos. Um deles seria o direcionamento do curso para a medicina curativa e o outro se refere ao fato de que

o conteúdo de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública é abordado no final do curso, quando os estudantes já têm definida a área na qual pretendem atuar. Essas duas situações não permitem o desenvolvimento de uma forma de pensar diferente pelos alunos, criando dificuldades mais tarde na vida profissional:

Mais assim, a parte preventiva, né Márcia, agora que a gente foi aprender. Eu achei super interessante, mas só que a gente também já estava bem no final. Sentir de não ter sido despertada antes porque depois me fez falta. Eu tive que buscar. (...) Muito tarde no curso. Porque daí até despertar, já é muito tarde, então você já está indo para fazer o seu estágio, você já está com tudo definido, montado, pelo menos na idéia. Eu acho que a gente vai aprender depois com a prática tudo, mas faz falta. Faz falta ter uma visão de saúde pública antes, da medicina preventiva tanto na parte animal quanto humana. Faz falta. Ela está muito direcionada, pelo menos na época, à medicina animal curativa. (...) E o que eu achei que ficou faltando, depois com a pós-graduação eu consegui me adaptar (...) Eu tive que buscar até contigo muita coisa que... Na época, digamos quanto a gente já está voltada. Dentro da própria faculdade você não tem porque a gente é um pouco obrigado a ir, a se voltar para a parte de clínica, cirurgia. Daí você acaba não valorizando. Sem querer, você valoriza mais aquilo que você está sendo cobrado, e não tem como sair da regra. (...) Tomara que melhore na questão de saúde pública né, Márcia. Que seja dada essa idéia um pouco antes, colocado um pouco antes que não seja em si na nona fase; que aí você vai conhecer uma coisa que é maravilhosa, mas que você já está na reta final e para voltar atrás fica difícil, não tem como. (V11)

c) Opinião dos médicos veterinários sobre a importância da atuação em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Houve unanimidade entre os entrevistados sobre a importância da atuação do médico veterinário em atividades de saúde pública. Alguns médicos veterinários ressaltaram os aspectos positivos deste trabalho em relação à saúde da população:

Ah, bastante. Hoje a gente lida... você cuida do animal pensando na saúde do povo. Então tem que estar vendo que saúde pública é essencial. Não tem... (V13)

Foi apontado o problema enfrentado por quem atua na área que seria a baixa remuneração desse profissional. Esse fator pode ser limitante para atrair profissionais para se dedicarem ao campo de atuação:

(...) Porque hoje tem que se ocupar esse espaço onde? Na prefeitura. E hoje o veterinário de prefeitura na questão salarial... (...) Porque eu acho que você vai passar a faculdade inteira vendo muito pouco essa parte aí. Você tem que sair da faculdade e procurar um curso de especialização, vai ter que investir em cima para depois não ter retorno, ou o retorno ser muito baixo. (...) (V01)

Também foi levantado o problema das atribuições que seriam exclusivas do médico veterinário e que muitos campos de atividade poderiam estar sendo ocupadas por profissionais de outras áreas:

Em relação às zoonoses em geral. A gente vê pouco, mais prefeituras... Eu vejo Porto Alegre lá que emprega, que tem parques, sítios e coisa assim... Mas eu acho que teria que ter hoje uma maior valorização, uma maior utilização. A gente vê muito biólogo, muito médico, acho que teria que ter mais veterinários trabalhando direcionado para essa área também. Sem dúvida nenhuma. (V06)

Um ponto a ser explorado é a concepção que o médico veterinário apresenta de si mesmo, muitas vezes se depreciando em relação ao médico humano e duvidando de sua própria capacidade. Um entrevistado que pretende começar a atuar em saúde pública exterioriza sua insegurança, julgando não estar preparado para desempenhar determinadas funções, sem ter um motivo aparente. É importante que os cursos de Medicina Veterinária e os órgãos representativos dos profissionais trabalhem a auto-imagem do médico veterinário. Muitas vezes a idéia negativa que ele tem de si mesmo pode se projetar para a população, sendo prejudicial para a profissão e criando uma barreira para a sua aceitação no desempenho das atividades de saúde pública:

Agora até os municípios estão precisando aprimorar a vigilância sanitária e eu que vou trabalhar aqui nessa área. Vai ser bem difícil porque vou bater de frente com o público em geral. Só que assim... no caso de vigilância sanitária geral, que nem eu vou ter que entrar no mercado, tudo, deveria ser um médico ou enfermeiro formado. Mas o veterinário tem que estar junto por causa dos produtos de origem animal. Tem que estar junto porque uma pessoa que não tem conhecimento assim de animais não tem condição de fazer isso. (...) Porque no nosso município aqui mesmo, o que vai ter de... onde vende produtos de origem animal são dois supermercados, mais umas quatro ou cinco mercearias e o resto é barzinho que daí só vende produtos que já vêm... cerveja, cachaça e outras coisas, produtos que já vêm prontos. E hospital, eu vou ter que verificar hospital, vou ter que verificar dentistas, esse tipo de coisa que eu não me sinto capaz de entrar num hospital e dizer para o médico que isso aqui está errado. Eu vou ter que fazer um curso. (...) Porque eu acho que um hospital é área deles, eles têm obrigação de saber mais sobre a gente. E eles não vão aceitar se eu for lá me meter. Então vai ter um curso de capacitação, tudo, mas eu acho que é mais fácil... tipo assim, se fosse um enfermeiro padrão, vamos dizer, um enfermeiro formado e eu fosse com eles na parte animal, vegetal, da pecuária, esse tipo de coisa. (...) (V17)

d) Conhecimentos dos médicos veterinários sobre as atividades desempenhadas dentro da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

As outras atividades desempenhadas pelo médico veterinário em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública além das anteriormente mencionadas pelos entrevistados, estão contidas na tabela 106.

O trabalho com educação em saúde foi novamente o mais lembrado juntamente com a inspeção de produtos de origem animal. É importante assinalar o

valor dado à educação em saúde da população pelos médicos veterinários, independente da área na qual atuam. Um entrevistado definiu o papel que o médico veterinário desempenha quando as medidas de prevenção e promoção da saúde não são tomadas e enfatiza a importância dele como educador em saúde:

(...) Ele vai atuar, se pensar na cisticercose, e principalmente o trabalho de palestras. Esse aí de educação sanitária é uma coisa que precisava ser mais... e é muito pouco explorado e é o tipo da coisa... Eu sempre dou o exemplo do problema de raiva, não tem doença, se convive com o morcego, convive com o cachorro e etc. O dia que aparecer a doença é um desespero, todo mundo vai à luta. Mas enquanto não tiver, não tem importância nenhuma, não tem importância nenhuma. Isso aí é importante a partir do momento que a casa pegou fogo daí se chama os bombeiros e aí o veterinário faz o papel de bombeiro. (V03)

Alguns profissionais mantêm a imagem do veterinário sanitarista semelhante àquela apresentada pelos calouros do curso, ou seja, de alguém que executa essencialmente um trabalho burocrático e enfadonho:

(...) tem que tirar o veterinário dos escritórios. Tem que colocar o veterinário na produção, entende. Não adianta porque o veterinário lá tem uma família tradicional na política, que ele não vai para o campo. O veterinário ele tem que ir lá no produtor. (...) Ele se liga muito ao computador, ele fica muito aos numerozinhos, de gravatinha, bonitinho. Eu sou sincero eu acho que ele tem que ir lá no interior mesmo. A pessoa que está na área ele fica mesmo. Daí tem uma reunião em Florianópolis, ele tem que ir na reunião, tem uma reunião em Brasília ele quer ir na reunião, e ele esquece que o produtor dele ali está usando coisas que ele não deve usar. (...) (V14)

e) Conhecimentos fornecidos pelo curso freqüentado pelo entrevistado em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, para atuação na profissão

Para dez entrevistados, o curso freqüentado por eles não forneceu conhecimentos suficientes no estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública para que pudessem atuar na profissão de uma maneira geral. Um dos entrevistados explica que uma das razões pelas quais esta área não se mostre tão atraente para os alunos seria pela dificuldade em mostrar na prática os trabalhos desenvolvidos na área:

Não. (...) Faltou conteúdo, faltou conteúdo. Isso é o que faltou. (...) Além daquilo, que são cursos teóricos, você aprender saúde pública dentro de sala de aula. Nunca fomos visitar por exemplo, nunca fui ver uma situação: “Olha aqui está sendo exercitada, está sendo praticada uma ação de saúde pública. Nesse município ou nessa localidade está sendo feito isso. Vamos ver? Vamos”. Isso nunca foi feito. Então a impressão que o aluno tem e talvez por isso ela também não é tão sedutora é que ele vê essas ações como umas coisas muito distantes. É interessante mas é uma coisa distante, não é uma coisa que está aqui na minha frente para eu fazer agora. (V05)

Com relação à declaração acima deve ser ponderado que o maior problema está no fato de que os resultados obtidos das ações de saúde praticadas não são imediatos e levam um certo período de tempo para que sejam percebidos de forma concreta, o que dificulta o acompanhamento deste tipo de atividade por uma turma de estudantes. Como já foi explicado, isso dificulta o desenvolvimento e a consolidação do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

No próximo trecho transcrito, o entrevistado se culpa por não ter conseguido, durante o curso, desenvolver uma visão voltada para o estilo de pensamento relacionado à Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Fleck explica, por meio da Gestalt, que o preparo dos aprendizes em um determinado estilo de pensamento implica na percepção apenas de determinados aspectos, enquanto outros sequer conseguem ser cogitados.

Não. É como eu te falei o nosso curso lá na época, ele não oferecia esse tipo de conhecimento. E como a gente estava centrado muito em clínica e cirurgia, na época lá foi inaugurado o hospital, então o enfoque era todo para clínica e cirurgia. As outras coisas foram deixadas de lado. Agora também fazendo a *mea culpa*, a gente também não pode só culpar a universidade, a faculdade. Acho que a gente também tem culpa e eu não quis olhar. (...) Eu acho que... eu vou falar do meu tempo. Eu acho que talvez, eu não sei se... Eu acho que dá para dividir essa culpa aí entre o estabelecimento e o próprio aluno. Porque muitas vezes você não quer enxergar uma coisa e, como eu disse, nós tínhamos um profissional muito bom lá que era o Natal Jataí, que trabalhava nessa área aí, que tentava puxar o pessoal. Ele conseguiu puxar alguns colegas, mas a maioria não foi para o lado dele e eu fui um desses e agora eu lamento porque eu poderia ter ido por esse outro lado. Se agora tem campo, imagina naquela época. Então era um campo totalmente aberto que a gente insistiu em não olhar. (V09)

Os cursos formam profissionais mais direcionados para a medicina curativa do que preventiva, por isso os conhecimentos de medicina populacional são relegados dificultando a formação de um pensamento voltado para a promoção da saúde.

(...) Ele foi muito... nessa parte eles nem tocavam muito assim. A parte da saúde pública dava muito a desejar. Eles eram mais curativos do que preventivos. Porque a pessoa... eles imaginavam só você curar, curar e eu acho que você tem é que prevenir. Por isso que você tem que ir lá consultar o que você vai fazer para prevenir porque a prevenção é fundamental. (...) Então era muito mais curativo, você ir lá em vez de você fazer uma seleção do animal que não viesse a trazer problema de parto só, não, você ia lá e fazia a cesariana. Então chegar lá e dizer: “Olha criador, os seus animais não tem condições, a propensão é de ter parto com problemas, então você descarta essas fêmeas e coloca outras melhores.” Então o veterinário era mais de... como diz o outro ir lá curar e fazer a medicação. (V14)

Nesta mesma questão, seis entrevistado consideraram que o curso lhes forneceu os conhecimentos básicos:

Eu achei que eu fui aprendendo mais com o tempo. Mas a gente teve uma basezinha, teve uma base, teve uma noção. A gente teve uma noção na universidade, mas aprendi mais com o tempo, mesmo a necessidade das coisas, mais no dia a dia. (V18)

Quatro médicos veterinários responderam que o curso lhes forneceu os conhecimentos suficientes para que pudessem atuar na profissão, como pode ser visto em seguida:

(...) Mas nós tínhamos uma boa... tivemos uma boa noção de saúde pública, naquela ocasião e tivemos uma cadeira até que foi uma das cadeiras que mais se sobressaía na faculdade em vista dos professores que a gente tinha, que já eram daquela área, trabalhavam naquela área. Então eles passavam conhecimento suficiente para isso. (V04)

Dois depoimentos mostram claramente o problema enfrentado pelo sanitarista veterinário, que muitas vezes está sujeito a pressões políticas no desempenho de suas funções. Esse fator teve um peso importante na rejeição pela área por alguns alunos entrevistados. Este é um outro ponto a ser considerado com atenção para ser severamente combatido:

Ah, aqui (...) é brabo, e aí eles vão ter que me engolir como diz aquele ditado. Mas aqui é... o pessoal aqui é movido por política. Então tudo o que você vai fazer contra, é contra. Vai ser contra fiscalizar, vai ser contra. Eles vão ver que eu estou me metendo, que não é minha área, o que é que eu estou fazendo lá, que eu não entendo nada, e eu vou estar fazendo o meu serviço que eu fui designada para fazer. (...) Só eu acho que a gente tinha que se unir mais a classe veterinária e exigir isso do poder público. Que nem aqui a gente já tem há dois meses a lei da inspeção e o abatedouro está abatendo sozinho. Então não interessa se tem política, se não tem política. Vai lá, conversa com ele, dá um prazo para ele começar a construir. Se não quer construir, feche. Porque para uma pessoa se queimar com aquele açougueiro, uma população inteira está... é 22% o índice de cisticercose aqui. É muito alto. (...) Se a população fosse consciente, não comprasse aqui, seria uma grande saída. Conversasse com o supermercado: "Supermercado compre lá do frigorífico tal, cobre um real mais caro." Só que todo mundo... mas você sabe como é que é o povo, para economizar um real ele põe a vida dele fora. (V17)

(...) a gente bate de frente com a política. Tudo o que você pode fazer vai depender se é conveniente ou não para o prefeito, o partido que está mandando ou coisa assim. Eu sofri muito com isso. Então, profissionalmente eu tinha condições de fazer um trabalho, mas era impedido e daí a gente acaba se desgostando, acaba ficando triste com aquilo: “Ah, não quero mais ver porque isso aqui eu só vou sofrer com isso.” Então eu fiquei um tempo assim, eu cheguei a dizer que eu não queria mais nem ser veterinária por causa disso. (...) Por exemplo, quando eu trabalhava na vigilância eu encontrei um senhor, eu estava numa farmácia fazendo uma visita fiscal, fazendo uma... eu fui lá verificar uns medicamentos que a secretaria pediu para recolher. Quando eu cheguei, um senhor chegou vendendo salame. Aí eu não falei nada porque era uma cidade bem pequena assim. Então eu aguardei ele terminar, aí ele saiu, eu expliquei para o farmacêutico porque que ele não deveria comprar daquele jeito. Saí e fui atrás da pessoa. (...) Expliquei tudo certinho (...) o que ele poderia melhorar para ele poder estar vendendo daquele jeito. Que o município tinha inspeção. Aí ele foi para o prefeito, aí o prefeito foi para cima de mim e ali foi a questão. Até que foi indo e eu ganhei a conta não só por aquele motivo (...) Aí o prefeito achou melhor eu sair. Ligou para mim, se desculpou, que não tinha nada contra mim, que me achava uma excelente profissional. Eu falei: “Olha, só que excelente profissional não é com essa forma que se trabalha.” Eu ainda fui muito paciente, explicava tudo, mantive sempre a par de tudo o que tinha que acontecer e não teve jeito. Então eu me frustrei muito nessa época aí. (...) Eu não imaginava essa área quando eu entrei na faculdade. Mas, quando eu comecei a estudar isso, a ver os problemas que a gente pode ter, aí eu comecei a gostar daquilo assim. (...) A minha experiência negativa fez eu gostar mais da área, brigar mais, mas não brigar por trabalhar nisso, brigar para defender o meu trabalho nesse sentido, mostrar para as pessoas que é importante isso. Pode ser que agora eu volte a gostar de trabalhar nisso porque eu sempre disse depois que eu saí da prefeitura lá: “Eu juro que eu vou fazer meu trabalho de pessoa a pessoa, corpo a corpo conversando, mas voltar a trabalhar numa prefeitura para ser sujeita a ficar escutando político, não vou.” (...) O médico na família por exemplo, eu participei de um grupo desses lá onde eu trabalhava. A gente ia no interior onde nem carro ia, a gente ia. Era eu como veterinária, a assistente social, enfermeiro, o médico, que nem sempre vai porque também ele nem tem condições, mais a psicóloga. E a gente ia a campo conversar com as pessoas e passar cada um, um pouquinho da sua experiência e para conscientizar a pessoa do que está acontecendo (...) dá uma qualidade de vida excelente para uma pessoa em pequenos detalhes. (...) Aliás quando eu saí, dois anos depois voltou o prefeito que me contratou na época. Aí ele ligou para mim aqui e queria que eu voltasse a trabalhar, voltasse para o setor que eu tinha sido mandado embora para mostrar o meu trabalho. Então isso é gratificante. Tem altos e baixos mas acho que se a gente souber mostrar, souber ir conversando. (...) (V16)

f) Opinião dos entrevistados sobre a formação dada em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública pelos cursos, na atualidade

Onze entrevistados não souberam opinar se o curso fornece base suficiente em saúde pública para a atuação dos recém-formados na profissão de maneira geral. Eles alegaram que não têm contato com os recém-formados:

Isso eu não vou poder te responder, porque eu não tenho contato com os alunos, nem tenho alunos conhecidos e daí eu não sei como é... que está funcionando. Eu sei que tem a disciplina, eu sei que eles fazem, mas não sei, não sei como é que funciona. (V07)

Foi comentado que se não aconteceram mudanças na forma como o assunto era abordado no curso, a formação dos estudantes possivelmente deva continuar a mesma:

Sinceramente não saberia responder porque eu não sei se houve incremento das cadeiras de saúde pública; se começou a trabalhar em cima de saúde pública antes do final do período; se isso se abriu mais ou não. Eu não teria como responder isso, se houve mudanças. Se houve mudanças, se se abriu mais trabalhar em saúde pública certamente sim. Se permaneceu igual está nas mesmas condições. (V15)

Foi relatada a experiência de um colega recém-formado que começou a atuar na vigilância sanitária de um município, e não se sentiu preparado para executar tal atividade. Pelo que foi narrado, percebe-se que esse médico veterinário, enquanto era estudante, havia se dedicado mais a uma outra área e isto pode ter contribuído, além das deficiências próprias do curso, para que ele não tivesse um preparo adequado para executar tal tarefa:

(...) Eu até tenho o exemplo de um colega que formou-se agora em Lages e como ele tinha feito estágio conosco (...) E outro dia precisava-se de uma pessoa a nível de posto de saúde humano um técnico e nível superior para atuar em vigilância sanitária. Podia ser um dentista, podia ser um... tinha que se na área da saúde e (...) hoje ele está meio período como veterinário e meio período na saúde pública, na vigilância sanitária. Então ele se enquadrou perfeitamente na região, é um ramo que a veterinária não está ocupando ainda e ele já fez uns dois meses de curso e está atuando muito bem nessa área, então eu acho muito importante. (...) Pelo que ele me falou até pela experiência, ele disse que não, não estava preparado. (...) Porque... ele... até porque ele... conhecendo a pessoa dele, que ele já até feito estágio comigo. Até na cabeça dele ele estava mais direcionado a trabalho também com grandes animais e não direcionado mais especificamente à área de saúde pública. Então ele me disse que com os conhecimentos que ele adquiriu agora, mais específicos nessa área, ele viu que não estava bem preparado para atuar naquilo ali. Eu acredito que, até em qualquer curso hoje, como existe vários ramos, várias opções a pessoa que saísse em saúde pública, é lógico que ele vai ter que fazer uma especialização, um conhecimento maior naquela área. Dizer especificamente numa área que ele tenha mais dificuldade, eu não posso te dizer porque eu não... nós falamos de um modo geral. Mas ele disse que de uma maneira geral deixou alguma coisa a desejar dentro dessa... dentro da faculdade, para ele atuar específico nessa área. (V04)

Três médicos veterinários julgaram que, em parte, o curso forneceu os conhecimentos necessários, mas que poderia ser melhorado, enquanto outros três consideraram que os estudantes saem com muitas deficiências. Os problemas relacionados poderiam ser dos próprios professores ou da carga horária dedicada às disciplinas do campo de atuação:

Olha, eu acho que ainda tem muita deficiência. Tem deficiência. Porque eu acho que nessa área aí, eu não sei se tem também deficiência de pessoal para ensinar, ou se não têm carga horária suficiente. (V09)

Uma outra discussão levantada foi a disposição dos alunos para algumas atividades quando entram no curso. Algumas destas inclinações tendem a consolidar-se durante o curso, fazendo com que eles não dêem tanta importância para o pensamento preventivo.

(...) O que eu acho é que é dada pouca importância, hoje no momento para essa área. O pessoal está mais preocupado em conseguir um trabalho clínico ou montar uma clínica, ou ir trabalhar com cirurgia, ou até mesmo lecionar, trabalhar na universidade, mas menos... Eu acho que sai pouco preocupado com a saúde pública. (...) Talvez o pessoal não... já quando a gente vai estudar veterinária, você já não vai com essa ideia de trabalhar com isso. Você vai com a ideia de por realmente a mão na massa, você quer ser um médico, você quer prescrever, você quer dar receita, você quer trabalhar assim, com clínica, né, uma vez que é uma área médica. E essa área de saúde pública é uma área que sempre existiu mas que era dada pouca importância. Hoje, tem necessidade, e hoje a gente vê a importância que ela tem. E eu acho que o nosso pessoal que está saindo hoje das universidades eles têm é... não que sejam mal preparados, eles só... eles só não dão tanta importância assim. Eles são acadêmicos saindo da universidade, eles não dão aquela importância que hoje eu dou, que tenho dez anos de profissão, que sei como é que é as dificuldades, como é que aparecem as coisas por aí. (V18)

g) Sugestões dos Médicos Veterinários em relação ao ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

As sugestões apresentadas pelos entrevistados para a melhoria da área concentraram-se mais especificamente nas disciplinas que tratam de conteúdos que abrangem a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (tabela 107).

Foi levantado um aspecto já suscitado anteriormente pelos formandos de que no curso da UDESC a disciplina de “Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública” está colocada muito no final do curso, o que prejudica a atenção dos estudantes para os conteúdos abordados. Também foi mencionada a falta de interação entre as disciplinas, ponto discutido nas entrevistas com os professores:

O trabalho em conjunto dentro das disciplinas, a saúde pública participando da clínica e da cirurgia, a saúde pública participando da patologia, participando dessa parte de nutrição. Porque tudo ela faz parte. Então... e antes, sendo mais cedo. Dentro da própria anatomia, da própria fisiologia, se você conseguir... porque ali você já está vendo o organismo, o funcionamento. Então ali você já pode começar a aplicar, não tem porque ser... Então eu vejo que seria antes e uma carga horária maior. (V11)

Eu não me lembro muito da disciplina em si. (...) Até porque eu acho que estava no final do curso, pessoal todo preocupado em fazer estágio, em arrumar emprego. E aí vem uma cadeira assim que você olha assim: “Eu vou fazer isso aonde? Em que eu vou usar isso?”. Só depois que a gente sai, a gente vê que vai ocupar. (...) Ali o pessoal está com a cabeça só para fazer estágio. Em procurar estágio, em fazer estágio, acho que seria bem mais interessante a cadeira assim... porque depois você já passou, repensou e se precisar procurar alguma coisa você vai na cadeira. Muitas vezes você precisa e você já está no estágio. Daí fica mais complicado ter que ligar, voltar, procurar nos cadernos “Como eram boas aquelas aulas”. Então eu acho que seria bem interessante se fosse entre sexta e sétima [fases do curso]. Seria bem mais aproveitável. (...) O que eu percebi na faculdade é que cada professor acha que só existe a matéria dele, ele não procura dar ênfase com os outros, encaixar. A não ser aquelas matérias que são bem relacionadas tipo clínica e terapêutica que é uma coisa assim bem... mas as outras não, cada um é para seu assado. Quer vai perguntar para o outro, vai procurar na outra cadeira, espera que você vai ter mais na frente. Eles não procuram entrar muito em detalhes de outras matérias, nada. Isso eu percebi durante o curso. (...) (V01)

Um entrevistado sugeriu um acompanhamento mais intenso dos alunos nas atividades de vigilância sanitária do município:

Eu vejo assim, Márcia, não sei se é possível de haver um acompanhamento melhor por parte tanto da universidade, uma maior integração com a vigilância sanitária municipal e estadual. Uma integração maior e os alunos pudessem acompanhar até em forma de estágio, na forma de aula, nesses casos em que a saúde pública, que a vigilância sanitária fosse atuar diretamente em alguma, em algum setor. Porque ali vai a parte da medicina veterinária e vai a parte de medicina humana, prevenção tudo junto. Eu acho interessante isso, colocar toda essa... somar a parte da veterinária com a humana porque está muito relacionada. Então se pudesse... nós tínhamos naquela ocasião, mais na parte teórica, mas na parte prática foi uma das coisas que falhou um pouquinho. Mas assim, um maior entrosamento com a saúde pública em nível de estado, em nível de município é que tivessem assim os alunos mais umas aulas práticas junto com aqueles setores, para eles verem a realidade, porque a gente pega um bairro, pega uma favela, você encontra lá além das... as privadas, você encontra lá o porquinho, você encontra cachorro com sarna e tudo isso aí às vezes... para eles verem a realidade e ali tem uma ampliação da parte de medicina veterinária. (...) (V04)

Com relação à afirmação acima, deve ser esclarecido que já existe um intercâmbio da disciplina de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública do curso da UDESC com os profissionais da Vigilância Sanitária, em que são promovidos seminários e debates. Porém, o acompanhamento dessas atividades por toda a turma é inviável, sendo apenas permitido na forma de estágio por alguns poucos estudantes por semestre.

Uma sugestão interessante seria o desenvolvimento de projetos conjuntos com a comunidade com participação ativa dos acadêmicos. Mais adiante o entrevistado sugere a redução do número de alunos que ingressam no curso para que estes projetos possam ser executados:

Uma coisa que as faculdades poderiam ter por exemplo no município ou na região na qual ela trabalha, é ela ter um projeto de saúde pública com os moradores ou com a população ou com um segmento da cadeia produtiva. Ela poderia ter projetos e os alunos acompanharem além do necessário conteúdo para embasar muito bem, dar uma base muito boa. Eles poderiam trabalhar em projetos. Aquilo que eu te falei, o médico sai da aula e vai para o hospital, para o ambulatório, para não sei aonde, para o pronto socorro e o de veterinária vai para casa ou fica por lá. Comigo foi assim. De vez em quando enche um ônibus e passa uma tarde em qualquer lugar. (V05)

(...) uma coisa que poderia melhorar a qualidade seria ter menos alunos por turma para proporcionar a estes que entram uma oportunidade de se engajar em projetos e executar porque para grandes números isso fica impossível, é muito difícil. Então uma das coisas que se poderia fazer seria isso, ter menos alunos e mais atividades, mais projetos em todas as áreas da medicina veterinária. (V05)

Para que estas sugestões apresentadas possam ser efetivamente realizadas e para que os acadêmicos sejam sensibilizados para a área, é fundamental que a carga horária seja compatível com os conteúdos a serem abordados e com as atividades a serem acompanhadas pelos alunos. Desta forma poderá realmente ser consolidado um estilo de pensamento em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, como suscitado pelo entrevistado que fez as seguintes declarações:

(...) Talvez as nossas faculdades tivessem que olhar essa parte e aumentar a carga horária na área de saúde pública. Aumentar consideravelmente para poder sensibilizar. Porque não adianta você dar uma carga horária violenta como é dada para a clínica, cirurgia e outras matérias aí e daí na saúde pública uma carga horária pequena. Como é que você vai sensibilizar o aluno? Então eu acho que talvez o caminho era aumentar a carga horária nessa área aí, para você poder também envolver mais professores, mais profissionais e diversificar de repente, essas cargas horárias, essas matérias, ou fazer assim... subdividir dentro da saúde pública. De repente a saúde pública é dado assim como um geral e de repente você pode subdividir em algumas áreas mais específicas para aumentar esse conhecimento. E eu acho que a universidade deveria olhar com mais carinho essa área. Aumentar e melhorar os conhecimentos desse pessoal. Não é que eles tenham saído sem conhecimento, mas eu acho que ainda há defasagem. (...) Colocar mais profissionais para trabalhar nessa área, dentro da faculdade, para você procurar sensibilizar mais. Porque como é que você quer que saia dentro da faculdade pessoal trabalhando em saúde pública se você dá uma carga horária mínima? Às vezes aluno dá pouca atenção. Então se você aumentar a carga horária, se você aumentar o número de professores e fazer, subdividir, sei lá como fazer para sensibilizar mais, evidentemente que o nosso aluno vai sair mais bem preparado. Quer dizer, existe defasagem porque é dada pouca atenção. Eu acho que está na hora de a própria instituição dar mais atenção para essa área. (...) Eu digo, eu falo mais na nossa área, na área de defesa sanitária animal. Então o pessoal ter assim uma formação mais voltada para a atual situação nossa. Por exemplo, hoje no caso, teria a própria febre aftosa. Nós estamos... dar um enfoque mais de erradicação da doença e não no combate da doença em si. É mais nessa visão, a visão mais real. Então a faculdade estar mais perto do que está acontecendo, ser mais dinâmica nessa área aí. Agora, como fazer isso aí eu também tenho dificuldade em te explicar, mas eu acho que os próprios professores estarem mais em contato com a atual situação. (V09)

Mas eu acho que de uma maneira geral tem que ser dado no curso de veterinária um enfoque especial para a saúde pública, para a defesa sanitária animal e para educação sanitária. Ser olhado com mais carinho essas três áreas e ser aprofundado. Porque apesar de continuar um enfoque forte em clínica e cirurgia, essas outras áreas têm que ser olhadas com muito carinho. E também a área de inspeção animal. Eu acho que a área de inspeção animal eu vejo assim... mais uma vez eu vou reforçar, tem que ser olhada com muito carinho, que é um campo muito promissor para o nosso profissional. (V09)

Além da necessidade de um tempo maior dedicado aos conteúdos de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, o tema deve ser focado desde os períodos iniciais para que os alunos possam formar um pensamento de natureza social e preventiva:

Eu acho que seria de se pensar em colocar em dois semestres ou coisa assim, porque é na metade do curso que há formação da opinião e ao seguimento que vai... que pensa-se em atuar. Talvez seria interessante regredir para a quinta fase, talvez quarta fase, quinta fase, que é a fase de definição das áreas. Então, relacionado ali a doenças infecto-contagiosas, relacionado a inspeção, primeiro a inspeção. Eu acho que aí cai também alguns pré-requisitos que eu não sei agora como é que é. Mas talvez seria interessante essa ênfase maior e com certeza, aumentar o número de créditos visando essa parte de cadeia produtiva dos alimentos. (...) (V19)

Em um comentário feito por um entrevistado que tem ligações com o curso da UDESC houve confirmação de uma afirmação feita nas entrevistas com os professores sobre a estrutura do curso que continua a mesma desde sua fundação, o que mostra a resistência à mudança e à abertura para outros estilos de pensamento:

Acho que tem que ser... dar a partir da parte intermediária do curso. Imediatamente após a parte básica começar a ter uma cadeira de ligação para depois... (...) Mas aí teria que ser uma reforma geral do currículo que já feita e aqui acho que nem dá o perfil. Os médicos veterinários que fundaram o curso é o perfil do exame, mais de indivíduo, da valorização de algumas áreas, da clínica dos animais, enquanto que hoje o mercado quer são perfis um pouco diferentes desses que eram formados. Aqui eu acho que em 74 o curso começou. O professor (...) comentou que o perfil é o mesmo até hoje. (...) que o mesmo perfil do técnico com as cadeiras, como estavam organizadas naquela época é mais ou menos o que está havendo hoje. (...) (V06)

7.4.6 Comentários Adicionais dos Médicos Veterinários

No espaço destinado aos comentários finais pelos entrevistados, seis deles não se pronunciaram. Alguns médicos veterinários apenas reforçaram o que já haviam comentado anteriormente na entrevista e elogiaram os cursos de graduação e pós-graduação da UDESC, enquanto outros se pronunciaram sobre a profissão e

o curso, um deles apontando a necessidade de mudança de visão do médico veterinário e em consequência do curso.

Um assunto que surgiu em algumas entrevistas foi sobre a atuação da mulher como profissional de medicina veterinária. Os professores e formandos chamaram a atenção para o incremento na procura pela área de clínica acompanhada pelo aumento no número de mulheres nos cursos. Esse tema foi suscitado, mas sendo explorado o aspecto relacionado à remuneração recebida pelas mulheres neste setor:

Hoje até... por sinal é uma das que se formou há pouco tempo, (...) em São Joaquim. Se formou... por ser mulher é uma questão de trabalhar mais com pequenos animais. São Joaquim é uma cultura tradicionalista onde o veterinário trabalha e não recebe. É difícil trabalhar com isso. Diz que por ela não... "Eu vou parar de atender pequenos animais porque eu faço um, faço dez e recebo meio". Ela por exemplo já tinha falado que queria trabalhar neste ponto, São Joaquim está precisando, mas já se decepcionou por questão financeira. (V03)

Nos discursos de algumas médicas veterinárias foram observadas as dificuldades enfrentadas pelo gênero em um universo que até pouco tempo era essencialmente masculino. Valeria uma investigação cuidadosa a respeito da atuação da mulher na profissão:

(...) Daí o pessoal chegava: "Eu quero falar com o veterinário." Eu falei: "Sou eu." Eles falavam: "Mas o (...) não está aí?" Até inclusive de ter pessoas assim... ter o meu funcionário ali trabalhando comigo, eles falavam com ele, como se ele fosse o veterinário. Aí... eu já não fico mais sem graça com isso porque eu já aprendi. São cinco anos trabalhando com pessoas mais simples e que não aceitam tão fácil uma veterinária. Então, a gente vai indo e tira de letra. (...) Aí às vezes a gente tinha que se impor como pessoa, de ter fazendeiro que não respeita a gente. Até cantada levar ou coisa assim. (...) Um dia um produtor me ligou que... ele falou para o motorista nosso da empresa que ele me chamava porque eu era bonitinha. Aí eu ainda fiz uma brincadeira: "Bonitinha, é uma feia arrumadinha." Mas, passou. Depois um dia ele me ligou para mim atender uma vaca com febre vitular. Aí eu falei assim: "Eu vou atender porque eu gosto muito da tua esposa, eu gosto muito dos animais que eu atendo, mas se você não estiver em casa." Isso porque eu não fiquei na faculdade tanto tempo para escutar um comentário que você fez com o motorista nosso. Então agora o pai tem parentes lá nessa região e dizem que eles falavam que eu era boa veterinária, mas eu era muito brava. Mas tem pessoas que você tem que ser assim e outras não, a gente vai conversando, vai conquistando. Tem pessoas que chegam aqui: "Eu quero aquele medicamento." E você sabe que não funciona, mas alguém disse para ele que funcionava. Aí você tem que ir explicando. Na primeira vez, às vezes não dá certo. Aí já têm outras pessoas que só chegam aqui e só compram se eu estiver aqui dentro. Então vai conquistando o espaço da gente, é bem gostoso isso também. (V16)

Agora já está bem menos pior. Mas quando eu vim para aqui, tinha dois veterinários homens e tinha eu, eles eram tudo senhores e eu tinha vinte e quatro anos. Ah, mas foi brabo. Hoje, os agricultores vêm muito mais me procurar do que procurar os outros dois. Até por disponibilidade deles mas... E também eu faço assim: eu consegui conquistá-los porque eu vou lá atendo a tua vaca, daí a semana que vem você passa aqui e eu me lembro como é que está a tua vaca. "Morreu." "Ah, mas eu te disse que ela não estava boa, que ela estava com febre muito alta e tal." Ou senão: "Não, ela está boa." "Que bom que deu certo." Então eu me interesso, sabe. E daí eu ganhei eles assim. (...) Existe, preconceito existe. Nossa senhora! Semana passada eu fui fazer toque nas vacas de um homem, eu vi que ele me olhava assim com uma cara de espanto. Chovendo, barro pelo meu joelho e eu fazendo toque. Primeira coisa que ele me disse: "Achei que a senhora não vinha." Eu disse: "Não, mas eu tinha combinado com o senhor, a estrada está passando, vamos fazer." Daí ele ficou super indignado. Eles acham que a gente vai achar sujo e fedorento. Você está acostumada, nem liga. (V17)

8 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

8.1 PRINCIPAIS PONTOS OBSERVADOS NA PESQUISA DOCUMENTAL E NAS ENTREVISTAS

Nesta seção procura-se detectar as divergências, conflitos, vazios e pontos coincidentes presentes nas entrevistas dos três segmentos – estudantes e professores do curso de Medicina Veterinária da UDESC e também médicos veterinários da região de Lages –, cruzando com as informações obtidas na pesquisa documental. O comportamento dos estilos de pensamento (campos de atuação) da Medicina Veterinária no currículo do curso associado às análises das entrevistas com os diversos grupos auxiliou o estabelecimento de relações com o pensamento sistematizado por Fleck e a compreensão dos motivos pelos quais o curso se apresenta como é na atualidade, permitindo algumas conclusões.

Antes de iniciar a discussão propriamente dita, é importante comentar que os cursos nem sempre dispõem de determinados documentos, ou os registros escritos são inexatos, o que causa entraves nas investigações realizadas. Na UDESC, o curso de Medicina Veterinária não dispunha de cópia do projeto pedagógico e também de um relatório elaborado para estudos relativos a alteração do currículo vigente. Além disso, observaram-se discrepâncias entre informações contidas em documentos referentes às grades curriculares⁵⁷. Em duas Universidades consultadas, a carga horária total indicada na grade curricular não coincidia com o somatório das cargas das disciplinas, o que demonstra que os cursos deveriam estar mais atentos às questões pertinentes à sua organização. Isto também indica que muitas informações registradas pelos cursos podem não corresponder à realidade. Esse fato mostra que as pesquisas na área de educação devem se basear não apenas em um tipo de análise, mas estar acompanhadas, sempre que possível, de outras modalidades de coleta de dados para corroborar as informações obtidas – a exemplo do que foi realizado nesta tese com pesquisa documental aliada a entrevistas.

⁵⁷ A divergência de informações foi observada nos documentos referentes à grade curricular 020/84. Explicações mais detalhadas podem ser encontradas na alínea c do item 6.2.

O primeiro ponto a ser discutido na análise das entrevistas diz respeito à concepção que os estudantes abrigam quando ingressam no curso. Os calouros do curso de Medicina Veterinária da UDESC sempre enfatizaram mais o campo da Clínica Veterinária e manifestaram uma concepção mais voltada para a medicina curativa. Isto ocorreu com maior intensidade quando esses alunos foram estimulados nas entrevistas a comentarem sobre as disciplinas que acreditam que terão sua preferência, e também quando falaram sobre a área do conhecimento na qual a Medicina Veterinária está inserida.

No entanto, quando os calouros foram questionados sobre a atividade na qual pretendiam se especializar depois de formados, os três campos de atuação foram igualmente lembrados. Informações diferentes em relação a este último ponto de discussão foram obtidas por Larsson et al. (1990) em um estudo feito com ingressantes de um curso de Medicina Veterinária. Os autores relatam que mais de 70% dos alunos pretendiam exercer atividades de clínica médica cirúrgica de distintas espécies animais.

Nas entrevistas com os formandos, observou-se que o estilo de pensamento de Clínica Veterinária se sobressai aos demais no momento dos alunos freqüentarem seu estágio obrigatório. A opção pela área de clínica também despertou maior interesse neste segmento de entrevistados quando eles revelaram sua escolha para atuação profissional.

A mesma tendência acima foi observada em um estudo dos egressos da Faculdade de Ciências Veterinárias da Universidade de Buenos Aires. Tellechea et al. (1999) observaram que no período de 1991 a 1998, a maior parte dos ex-alunos optou pela clínica médica (38,8% pela Medicina em Pequenos Animais e 19,6% pela Medicina em Grandes Animais). A Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ocupou a última posição com 14%, enquanto 27,6% dos egressos se dedicaram à Produção Animal.

É evidente que os números acima podem sofrer modificações com o rearranjo dos médicos veterinários nas áreas de atuação, de acordo com a maturidade profissional que vão adquirindo. Da mesma forma que o fato dos alunos da UDESC optarem por uma determinada área não significa que irão obrigatoriamente se dedicar profissionalmente a ela. Mas, em ambos os casos, permanece a tendência maior para o estilo de pensamento de Clínica Veterinária,

seguido pela Zootecnia e Produção Animal, com a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública em último lugar. Esta constatação é bastante sintomática e indica a forma como os estudantes direcionam seu curso.

Foram observadas discrepâncias entre o discurso divulgado pelas publicações relativas ao curso de Medicina Veterinária da UDESC, com a prática do ensino. Os conhecimentos e habilidades relacionados à Medicina Preventiva e Saúde Pública são enfatizados nos objetivos e na descrição das características dos alunos formados (Heizen & Rabelo, 1994; Vaz et al., 1998)⁵⁸, mas quando essas informações são confrontadas com as falas dos formandos e professores e também com a análise da grade curricular, observa-se que não há uma preocupação tão marcante com a área.

Pelos dados obtidos, verifica-se que os estudantes ingressam no curso de Medicina Veterinária com uma visão e uma expectativa mais voltadas para a medicina curativa. Por sua vez, o próprio currículo e os coletivos da instituição procedem de modo a fortalecer essa tendência. Conseqüentemente, estes alunos continuam a encaminhar seu curso nessa direção e passam a adotar atitudes compatíveis com concepções de saúde e doença harmonizadas com o estilo de pensamento de Clínica Veterinária.

Cutolo (2001) mostra que há três concepções de saúde – a preventivista, a médico-social e a biologicista⁵⁹ – nos cursos de graduação em medicina, que seriam elementos caracterizadores dos estilos de pensamento. No ciclo básico do curso de medicina estudado pelo autor, a carga horária destinada às disciplinas que oferecem uma visão reducionista é muito superior em comparação com as atividades voltadas à área de ciências humanas. O ciclo clínico ou profissionalizante segue a mesma tendência, com reforço desse tipo de visão que apresenta como um dos elementos fundamentais da estrutura do estilo de pensamento uma concepção reducionista de saúde/doença. No modelo de ensino criticado pelo autor, essa visão é dominante e, apesar de hegemônica, não é a única e convive com as demais.

Na Medicina Veterinária, o grupo representado pelo campo da Clínica Veterinária, que apresenta marcada tendência reducionista, pode estar direcionando

⁵⁸ Os conteúdos do manual do aluno (Heizen & Rabelo, 1994) e do Projeto Pedagógico (Vaz et al., 1998) foram expostos no capítulo 6 (análise documental do curso).

⁵⁹ O termo biologicista foi substituído nesta tese por reducionista, conforme explicação apresentada no capítulo 3.

os alunos para uma visão mais curativa, com diminuição da manifestação da concepção social e preventiva.

Essa forma de ensino dentro da Medicina Veterinária poderia contribuir para o estabelecimento de uma percepção dirigida por parte dos estudantes que impediria a compreensão da importância da medicina veterinária para a saúde pública e a apreensão dos conteúdos pertinentes a esse campo. Esse tipo de visão impossibilitaria o reconhecimento da influência dos fatores sociais sobre a saúde, levando a um desinteresse pelo campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

Como já foi esclarecido, a origem dessa concepção poderia estar em antigas idéias que baseavam o estudo da medicina veterinária única e exclusivamente sobre o tratamento das doenças de animais, sem atribuir maior importância e ocupação para a saúde humana. Pelo exposto, depreende-se que a forma de pensamento praticada nos primórdios da medicina veterinária seria equivalente às protoidéias ou pré-idéias dentro do pensamento elaborado por L. Fleck. Mas, algumas vezes velhas idéias que ficaram incutidas emergem. Esses pensamentos recorrentes que persistem, impedem a plena transformação do pensamento na profissão.

A afirmação acima de que o curso de Medicina Veterinária é mais orientado para um pensamento de fundo reducionista está baseada nas declarações dos alunos e dos médicos veterinários. Ambos os grupos consideraram que o campo de atuação mais enfatizado no curso é o de Clínica Veterinária, ao mesmo tempo em que também afirmaram ser esta área a que apresentaria maiores deficiências, principalmente relacionadas às atividades práticas. Aliás, os profissionais entrevistados notaram que há grande distância entre a teoria que é ensinada na sala de aula e a prática do dia-a-dia da profissão.

Em um estudo longitudinal Heath et al. (1996) verificaram, por meio de questionários em estudantes de Medicina Veterinária, que a maior parte dos graduados não acredita que está bem preparado para a prática da profissão. Eles são de opinião que poderiam ser mostradas outras facetas da educação profissional, e também afirmaram que há muitos conteúdos no currículo que não são necessários para a prática veterinária. O autor não especificou que conteúdos seriam esses, mas é importante que haja um equilíbrio entre a teoria e a prática, com o oferecimento de

conhecimentos que auxiliam na formação cultural na profissão ao lado da orientação para o exercício profissional.

Quase todos os entrevistados, a exemplo do que foi encontrado nas entrevistas com os alunos da UDESC, ressaltaram o valor do treinamento prático com um profissional da área. Em outra pesquisa com estudantes e recém-formados, Heath (1998) observou que a maior parte dos graduados procura trabalhar em atividades associadas com a prática. Esse dado reforça o argumento já defendido anteriormente sobre a importância da prática nas ciências aplicadas como um poderoso recurso de agregação entre os integrantes de um coletivo para a consolidação de um estilo de pensamento.

Existe uma aparente contradição, registrada anteriormente, no fato de o campo de atuação da Clínica Veterinária ter recebido maior destaque ao mesmo tempo em que foi apontado como tendo as maiores deficiências. Vale lembrar que na UDESC a Clínica Veterinária apresenta um dos maiores percentuais de carga horária, com índice um pouco acima da média dos outros cursos analisados. O contato intenso com a área favorece a maior predileção dos alunos pelo estilo de pensamento, facilitando sua instalação e desenvolvimento, ao mesmo tempo em que também o coloca em evidência, tornando-o mais vulnerável a críticas por se conservar mais na memória e evocar mais as lembranças dos estudantes. O aspecto negativo de problemas associados com o aprendizado prático é bastante marcante e por esse motivo chamou a atenção.

A tendência de situar o campo de atuação Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ocupando uma posição inferior na profissão em relação às demais áreas não é recente. Em 1979 foi realizada a Primeira Reunião do Comitê do Programa de Livros Texto da Organização Panamericana de Saúde para o Ensino de Medicina Veterinária (Organização Panamerica de Saúde, 1981). No informe, os campos da patologia, biologia e zootecnia foram considerados como áreas prioritárias no ensino veterinário. As matérias de higiene e tecnologia dos alimentos; nutrição animal; epidemiologia e medicina preventiva; reprodução; e, genética foram classificadas em segundo nível.

No exame dos currículos dos cursos pioneiros também foi observado que o campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública é o que possui menor carga horária, fato que já era observado no passado. Cruz e Acha (1972) fizeram um

levantamento em 40 das 53 escolas de medicina veterinária nos países da América Latina. Os autores comentam que a área sofreu um grande incremento na década de 1960, com um elevado número de cursos passando a contar com departamentos de saúde pública e com o ensino de epidemiologia, ecologia e medicina preventiva. Ainda assim, na análise que os autores fizeram dos cursos, o campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública apresentava a menor carga horária. Apesar desses avanços, a área passa despercebida quando os autores enumeram as principais matérias dos cursos de veterinária da América Latina. Eles citam as matérias tradicionais de ciências básicas; a medicina e clínicas; e a parte de tecnologia, produção e indústria animal (descrita como zootecnia). A Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública nem sequer foi mencionada.

Em comentários sobre o trabalho de Cruz & Acha, Gimeno (1972) exterioriza suas inquietações quando questiona qual o tipo de conhecimento que o médico veterinário dispõe. O autor relembra que quando Bourgelat e outros ilustres biólogos da França, Inglaterra e Alemanha concederam nível acadêmico à profissão veterinária, seu valor principal estava orientado para salvaguardar a saúde do indivíduo animal. O destaque era dado para o cavalo – base do transporte e tração dos exércitos – ou a outros animais como a vaca, o porco ou a ovelha – utilizados para a manutenção de uma família ou de uma pequena comunidade. Mais tarde, o crescimento das populações humanas levou a profissão a ser pensada em função da saúde animal para que se produzisse mais e melhor, o que levou ao desenvolvimento da tecnologia da produção de alimentos para os seres humanos.

A preocupação demonstrada por Gimeno (1972) é bastante atual e ele coloca de forma apropriada que não se pode pensar sobre educação observando unicamente o passado como quem dirige um automóvel olhando para o retrovisor, mas voltado para frente, contemplando o futuro. Ele acrescenta que os campos do médico veterinário são muito complexos e que é necessário que as áreas profissionais sejam mais bem estudadas para que possam ser elaborados objetivos concretos dentro do ensino das mesmas. Nas diversas áreas profissionais deverão ser estabelecidos os objetivos a serem alcançados com base nos conteúdos das matérias, para que os veterinários possam aplicar seus conhecimentos de forma adequada.

Em todos os currículos examinados a carga horária do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública está concentrada sobre os conteúdos relacionados à Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal, que tem uma concepção mais higienista-preventivista. Os conteúdos relacionados a concepções sociais ainda não têm muita penetração dentro dos currículos, o que sugere que o tema da saúde pública veterinária deva ser tratado de maneira mais ampla pelo próprio estilo de pensamento ligado à área.

Para os professores da UDESC o campo da Zootecnia e Produção Animal é o que apresenta maiores deficiências no curso. No entanto, esta área foi considerada a mais promissora em termos de mercado de trabalho por professores, médicos veterinários e formandos. O motivo desta preferência está associado ao fato de que a produção de alimentos constitui uma das principais atividades econômicas do estado de Santa Catarina, com especial atenção para a criação de suínos e aves.

Todos os segmentos entrevistados reconheceram a importância do trabalho desenvolvido pela saúde pública veterinária. Muitos deles ressaltaram o valor da educação em saúde e outros identificaram o serviço de inspeção sanitária como sendo bastante promissor. Contudo, houve rejeição, por desconhecimento sobre a área, entre os calouros e alguns formandos por associarem as atividades desenvolvidas na Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública à execução de tarefas rotineiras e enfadonhas. Os outros grupos de entrevistados relataram problemas relacionados à dificuldade do profissional que atua em saúde em agir de maneira independente em certos tipos de serviço prestados pelo poder público. O fato de órgãos públicos serem os principais empregadores para a área foi vista por alguns como vantagem pela estabilidade financeira, mas também como desvantagem por depender da abertura de vagas para concurso.

Há mais de 30 anos, Gimeno (1972) já tecia comentários sobre a depreciada imagem social da profissão e que muitos médicos veterinários dependem de cargos estatais que os faz cumprir, em sua maioria, tarefas de rotina mais ou menos burocratizadas. Ele conclui que a profissão não está suficientemente orientada para tudo o que pode representar.

Pelas respostas dos calouros aos questionamentos efetuados nas entrevistas, percebe-se que eles vêem o médico veterinário do ponto de vista

curativo. De uma certa forma, esse segmento representa a opinião da população em geral, porque ainda não frequentou o curso e, portanto, não foi submetido a nenhum sistema de educação conduzido pela escola. Por sua vez, a própria escola reforça essa tendência para a clínica, como será comentado mais adiante.

Ottmann et al. (1999) elaboraram um estudo na Argentina sobre a dificuldade de inserção laboral do veterinário na área de produção animal. Eles obtiveram uma percepção da população sobre a Medicina Veterinária semelhante à obtida por esta tese. O trabalho se propôs a indagar as razões pelas quais os produtores e as cooperativas percebem a necessidade ou não de incorporar esses profissionais nas tarefas ligadas à produção animal. Produtores e veterinários não coincidiram nas percepções sobre os conhecimentos profissionais para resolverem problemas de produção. Os produtores declaravam que o capital informacional do veterinário é válido fundamentalmente para a sanidade dizendo que “o veterinário é um médico”. Por sua vez, os profissionais atribuíam a falta de demanda de trabalho no setor a problemas sócio-econômicos.

A imagem mais difundida que a população consegue assimilar a respeito da atuação do médico veterinário é a de “um médico de animais”, pelo fato de muitas pessoas possuírem animais de estimação e necessitarem, na maioria das vezes, de uma ação mais curativa. As pessoas com esta percepção formariam o que Fleck denominou de “círculo exotérico”. Este grupo, de maior nível de alcance na população que os demais, ofereceria grande legitimidade ao campo de atuação em Clínica Veterinária e o tornaria mais evidente e predominante em relação aos outros campos.

É menos freqüente o público relacionar a Medicina Veterinária à produção de alimentos e à economia (Zootecnia e Produção Animal) e poucas pessoas percebem que o médico veterinário é o profissional que tem presença marcante na produção de alimentos de origem animal em quantidade e qualidade. O círculo exotérico mantido por este estilo de pensamento é um pouco mais restrito, limitando-se aos produtores rurais e à agroindústria.

No caso do estilo de pensamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, pode-se afirmar que é muito mais difícil a associação do médico veterinário com a saúde humana. A idéia que se difunde é que esta profissão está ligada direta e exclusivamente com os animais, como pôde ser verificado nas

entrevistas com os calouros. O círculo exotérico mantido por este estilo de pensamento é muito limitado porque a atuação deste campo se restringe ao trabalho em organismos públicos, muitas vezes em conjunto com outros profissionais, o que pode dificultar a identificação do médico veterinário com esse tipo de ocupação. Schwabe (1986) cita o desconhecimento tanto da população em geral quanto da classe médica sobre a importância do médico veterinário para a saúde humana.

Como pode ser observado, os dois últimos estilos de pensamento são menos difundidos entre a população que o de Clínica Veterinária. Como consequência, eles também são menos prevalentes. Por esse motivo se faz necessário promover mudança nas impressões dos círculos esotérico e exotérico sobre a profissão veterinária. A percepção da população sobre o trabalho do médico veterinário é um tema que merece maiores investigações, inclusive para observação da relação entre os círculos esotérico e exotérico nos diferentes estilos de pensamento associados à profissão.

É importante mencionar que o campo de trabalho na área de clínica mereceu comentários contraditórios por parte dos entrevistados. Alguns consideraram o setor pouco promissor em termos de oferta de emprego, condições de trabalho e de remuneração adequada. Ao mesmo tempo, outros ponderaram que é uma atividade que pode ser executada por qualquer médico veterinário porque a formação recebida no curso habilita o profissional a executar este tipo de trabalho de forma autônoma.

Houve dificuldades por todos os grupos de entrevistados em classificar a Medicina Veterinária dentro das áreas do conhecimento. A Medicina Veterinária ora está enquadrada dentro das ciências biológicas, da saúde e afins (Ministério do Trabalho e Emprego, 2003), ora dentro da área de conhecimento das Ciências Agrárias (CNPq, 2003), o que pode gerar confusões⁶⁰. Os entrevistados também não conseguiram identificar os principais campos de atuação dentro da profissão. Isso ocorre porque os coletivos não têm clareza das concepções que permeiam suas atividades. O campo (ou estilo) mais bem delimitado foi o de Clínica Veterinária, que por ser o mais prevalente é alvo de maiores atenções.

⁶⁰ Ver seção 5.4 da tese.

O estilo de pensamento menos difundido entre os alunos (tanto calouros quanto formandos) foi o de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. Durante as entrevistas em todos os grupos, as atividades deste campo foram as menos citadas, sendo pouco mencionadas de forma espontânea pelos entrevistados. A explicação para este fato está na estrutura curricular que faz com que o pensamento desse estilo seja apresentado de forma sistemática somente no final do curso, quando os outros estilos já se firmaram, dificultando a penetração de suas concepções entre os alunos. Os formandos confirmaram essa constatação afirmando que este campo é pouco enfatizado durante o curso, sendo apresentado aos alunos apenas nos últimos semestres e por um período curto de tempo.

As concepções preventivas e coletivas do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública perdem seu poder de impacto porque são filtradas pela visão curativa e reducionista infundidas aos alunos ao longo do curso. Como consequência, os alunos não são orientados pela escola para atuarem nesse tipo de atividade. A carga horária do campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública do curso da UDESC é inferior à metade da média dos outros cursos analisados. A carga horária destinada aos estilos de pensamento na grade curricular produz reflexos sobre o interesse despertado nos alunos, sendo portanto, proporcional à procura pelos correspondentes campos de atuação dentro da profissão. A constatação disso está na pequena procura pela área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública para estágio curricular obrigatório pelos formandos do curso.

Tanto os formandos como os médicos veterinários e também os professores declararam que a visão curativa e individual é mais reforçada durante o curso do que o aspecto preventivo. Todos reconhecem a necessidade de mudança deste tipo de enfoque. Arámbulo (1991) sugere a mudança de perspectiva dos currículos dos cursos de Medicina Veterinária para uma formação mais voltada para os aspectos de saúde pública.

Um ponto interessante a ser discutido foi o relato pelos estudantes de demonstrações de conflitos de opinião estabelecidos entre tendências opostas no curso. Essas divergências traduzem o embate entre concepções curativas de um lado e visões preventivas de outro, cada qual tentando infundir sua maneira de pensar entre os alunos. Esse comportamento é evidenciado no momento em que

diferentes tipos de visões são apresentadas pelos docentes, especialmente relacionadas a atitudes a serem tomadas que ora privilegiam os aspectos curativos, ora os preventivos. Enquanto alguns professores indicam o tratamento curativo (próprio da visão reducionista), outros indicam, para o mesmo caso, procedimentos ligados à profilaxia (próprios da medicina preventiva e saúde coletiva). Essas atitudes geram dissonância entre os diferentes tipos de ação e de concepção dentro do curso e produzem certa desorientação pelos estudantes.

Um outro assunto levantado pelos alunos foi a falta de articulação entre os conteúdos das disciplinas. Segundo os formandos, as disciplinas básicas chamariam mais a atenção e preparariam os estudantes para os conteúdos a serem estudados no estilo de pensamento de Clínica Veterinária. Esta tendência foi observada nas declarações de alguns professores. As implicações disso na formação do pensamento dos estudantes será vista em parágrafo posterior.

A falta de articulação entre os docentes que compõem os diversos coletivos de pensamento e mesmo dentro do mesmo coletivo foi relatada tanto por professores quanto por formandos quando discutiram sobre o sobreamento ou sobreposição de alguns conteúdos ministrados. Os alunos manifestaram descontentamento com a repetição de forma desnecessária em algumas disciplinas que sofreram desdobramentos na grade curricular. Acrescenta-se a isso, a demonstração de desconhecimento por alguns professores sobre os conteúdos de disciplinas de outros estilos de pensamento que não seja daquele que compartilham, ou mesmo de conteúdos lecionados por outras disciplinas que não sejam aquelas que estão acostumados a ministrar.

Os formandos emitiram uma apreciação desfavorável sobre a abordagem pouco atualizada de determinados conteúdos e sentiram falta da inserção de conhecimentos mais atualizados. Este último problema apontado e também o anterior (da falta de articulação entre os conteúdos dos diferentes estilos de pensamento) ocorrem devido à cristalização do currículo – que não sofre modificações substanciais há quase 20 anos – e ao isolamento do curso⁶¹. Estes dois fatores contribuem para o fortalecimento dos estilos de pensamento

⁶¹ No capítulo 6 foi explicado que a característica da UDESC em manter diversos Centros de Ensino espalhados pelo estado de Santa Catarina produziu a segregação do CAV, que permanece há mais de vinte anos com apenas dois cursos.

hegemônicos, produzindo uma acomodação dos integrantes dos coletivos, que passam a apresentar desinteresse pelos outros estilos e também apresentam resistência em estabelecer trocas inter e intra-coletivas, o que conseqüentemente dificulta a transformação do pensamento⁶².

No Brasil, a tradição da escola superior isolada e independente, de tipo profissional, vem do tempo do Império. Mesmo depois da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP na década de 1930, persistiu a particularidade da universidade brasileira constituir mais uma confederação de escolas do que uma integração universitária (Teixeira, 1976). Essa tradição perdura na UDESC, com a circunstância agravante de que o curso de Medicina Veterinária se encontra geograficamente isolado dos demais.

Percebe-se que certas atitudes dos coletivos de pensamento tendem a se perpetuar, caracterizando uma forte resistência a mudanças para comportamentos que seriam compatíveis com a transformação do pensamento ao longo do tempo. Fleck (1986a) alerta que existe uma tendência à persistência das idéias e quem não concorda com a estrutura organizada é tratado como exceção. O autor sustenta que “(...) quanto mais elaborado e mais desenvolvido está um campo do saber, menores são as diferenças de opinião.” (Fleck, 1986a, p. 130). Pelo comportamento adotado pelos coletivos de pensamento no curso da UDESC, observa-se que cada campo de conhecimento (estilo de pensamento) vai se tornando uma estrutura cada vez mais rígida e que deixa pouco espaço para o desenvolvimento de outras formas de pensamento.

De maneira geral, os professores concordaram que o curso fornece boa base aos estudantes. Porém, muitos deles apontaram falhas na formação para o mercado atual e reconheceram problemas no currículo do curso, alegando haver desequilíbrio entre as cargas horárias de algumas disciplinas.

A multiplicação e as distorções nas cargas-horárias de determinadas disciplinas foram apontadas nas entrevistas com os professores e também foram detectadas na análise cronológica dos currículos da UDESC. A distribuição nas cargas horárias dos campos de atuação indicam o grau de ampliação que os coletivos de pensamento atingiram.

⁶² Schäfer & Schnelle (1986) sistematizaram as fases de desenvolvimento de um coletivo de pensamento em instauração, extensão e transformação.

A forma como estão configurados os estilos de pensamento no curso da UDESC tem razões históricas. As circunstâncias ocorridas no período da criação do curso, com influência de alguns professores que eram profissionais de outras áreas da saúde e pertencentes a estilos de pensamento que possuem concepções próprias de saúde e doença, favoreceram a instalação e extensão de formas de pensamento mais voltadas para a medicina individual e curativa ocasionando a hipertrofia do estilo de pensamento associado a esse tipo de concepção.

Para Fleck (1996d) a principal forma de conversão das pessoas a determinadas idéias é por meio da educação. O autor conclui que a forma como as pessoas pensam ou percebem as coisas está condicionada pelo coletivo de pensamento ao qual pertencem, inseridos em um quadro de gênese histórica que é o estilo de pensamento. Fleck (1986e) explica que o estilo de pensamento é transmitido por iniciação, treinamento e educação. Um estilo de pensamento é constituído por sua própria tradição e educação, socialmente condicionadas. A diferença entre estilos de pensamento estaria no valor atribuído às questões instauradas e à forma de examinar essas questões. A escolha dos problemas é diferenciada nos vários estilos de pensamento e as soluções encontradas também são díspares (Fleck, 1986c).

O estilo de pensamento da prática científica nasce da tradição e deve preservar as regularidades (Fleck, 1986c). Por esse motivo haveria a tentativa de manutenção de um determinado estilo de pensamento associado a um campo de atividade específica dentro da Medicina Veterinária.

Os coletivos de pensamento dominantes procuram manter sua posição dentro da profissão por meio de cooptação dos novos adeptos ao círculo esotérico. Pela concepção fleckiana, a iniciação a uma determinada forma de pensamento inclui o direcionamento da percepção do aprendiz para conceber os fatos de determinada forma – olhar dirigido – enquanto as impressões para outros fatos se tornam pouco claras. Dentre as estratégias utilizadas para arrebanhar maior número de adeptos é utilizada a “suave coerção” ao pensamento predominante, utilizada reconhecidamente por alguns professores do curso, conforme revelam seus discursos.

Os alunos são submetidos a longo treinamento para aquisição de certas habilidades para perceber determinadas formas (Fleck, 1986d). Eles olham com

seus próprios olhos, mas aprendem a ver com os olhos do coletivo (Fleck, 1986f). Nos cursos de Medicina Veterinária os estudantes são levados a observar precisamente o que os professores de determinadas disciplinas com maior ênfase percebem, ao mesmo tempo em que perdem a aptidão para ver outras formas (por exemplo, a concepção preventivista e social). Pelas entrevistas, ficou evidenciado que os alunos aprendem a ver com o olhar do estilo de pensamento associado à medicina curativa e individual, de caráter reducionista.

O ingresso em um coletivo é feito após um período de aprendizagem no qual o poder de autoridade e da sugestão desempenham papel fundamental (Fleck, 1986e). Isso poderia explicar o descontentamento dos alunos sobre as formas de avaliação praticadas pelos professores e também o elevado índice de reprovações observado no curso.

Os profissionais que partilham dos estilos de pensamento associados aos campos de atuação da Medicina Veterinária poderiam, de acordo com Fleck, pertencer a coletivos de pensamento que seriam perpetuados por intermédio de um sistema de educação e formação específicas. Helman (1994), em seu livro “Cultura, Saúde e Doença” explora o aspecto da formação profissional na área da saúde e caracteriza os diversos grupos formados pelos vários tipos de profissionais. O autor percebe que durante a educação, os alunos passam por um processo de “endoculturação” que faz com que adquiram uma perspectiva particular frente aos problemas de saúde.

Podemos observar ainda outra subdivisão da cultura dentro de uma sociedade complexa nas várias subculturas profissionais existentes – tais como os grupos de médicos, enfermeiros, militares e profissionais da lei. Em cada caso, formam um grupo à parte, com seus próprios conceitos, regras e organização social. Embora cada subcultura seja desenvolvida a partir de uma cultura maior, e compartilhe muitos de seus conceitos e valores, esta também possui feições características únicas. Os estudantes das profissões citadas também sofrem uma espécie de endoculturação ao adquirir gradualmente a cultura da carreira escolhida. Nesse processo, adquirem uma perspectiva na vida diferente daquela de quem está fora desse contexto profissional. No caso da profissão médica, sua subcultura reflete muitas das divisões sociais e preconceitos da sociedade maior (...), o que pode interferir tanto na atenção à saúde como na comunicação médico-paciente. (Helman, 1994, p. 23-24)

O autor examina questões interessantes que dizem respeito ao processo cultural com o objetivo de compreender as limitações da biomedicina, do próprio sistema de saúde com seus altos custos, da superespecialização e da dependência da alta tecnologia e com ênfase em curas em curto prazo ao invés de estratégias

preventivas de longo prazo. Essa visão, que perdura ao longo da carreira, enfatiza a quantificação das informações sobre o paciente em detrimento das características sociais, que são menos mensuráveis. A saúde passa a ser determinada na forma de parâmetros numéricos definidos e a enfermidade passa a ser considerada como um desvio dos valores normais.

Se os grupos sociais compostos por profissionais, conforme indicado por Helman (1994), forem examinados sob a ótica do pensamento fleckiano, pode-se dizer que o círculo esotérico seria formado por esse tipo de agrupamento. Esse coletivo exhibe determinados valores, teorias sobre a enfermidade, regras de comportamento e organização hierárquica baseada na especificidade das funções exercidas. Para Helman (1994) os profissionais das ciências médicas – correspondente ao estilo de pensamento de Clínica dentro da Medicina Veterinária – apresentam uma compreensão própria sobre os problemas de saúde baseados em algumas premissas particulares. A forma de raciocínio da perspectiva médica releva, dentre outras premissas básicas, a racionalidade científica, a mensuração objetiva e numérica dos fenômenos, a ênfase sobre o paciente individual e não sobre o coletivo. Há uma aproximação entre a forma como os coletivos de pensamento atuam (segundo o pensamento de Fleck) e o comportamento dos profissionais descritos por Helman:

Os fenômenos relacionados à saúde e doença só se tornam “reais” quando observados e medidos objetivamente (...) Uma vez observados – e, por vezes, quantificados – passam a ser considerados “fatos” clínicos, cujas causas e efeitos devem, então, ser investigadas (...) Por conseguinte, tais fatos nascem de um *consenso* entre os observadores, cujas mensurações são realizadas de acordo com determinados princípios preestabelecidos. As proposições subjacentes a estes princípios – que determinam quais fenômenos devem ser investigados, e como devem ser verificados e medidos – são denominados de *modelos conceituais*. (...) O “modelo” da Medicina moderna está orientado principalmente para a descoberta e a quantificação das informações psicoquímicas sobre o paciente, e não para fatores menos mensuráveis, como os sociais e emocionais. (...) (Helman, 1994, p. 101)

A medicina moderna valoriza mais as dimensões físicas da doença e presume que os aspectos biológicos sejam mais significativos e de maior interesse que os aspectos psicológicos e sócio-culturais. Esse tipo de abordagem é visto como evidência de uma forma médica de pensamento que enfatiza a identificação de anormalidades físicas e reduz o paciente a um conjunto de parâmetros fisiológicos anormais. A definição médica de um problema de saúde é, em sua maior parte, fundamentada nas mudanças físicas de estrutura e funcionamento do organismo

que possam ser demonstradas objetivamente e quantificadas com base nas mensurações fisiológicas “normais” (Helman, 1994).

Esse tipo de concepção tem suas origens no século XVII, com o advento da filosofia mecanicista cartesiana. Descartes em seu dualismo distingue o corpo (a ser estudado pela ciência) e o espírito (a ser estudado pela filosofia e pela religião). Essa forma de pensamento conduziu à fragmentação dos conceitos por meio de um universo inteiramente mensurável, banindo as qualidades, pela visão matemática e mecânica do mundo. Essa perspectiva leva a uma idéia de quantificação nos conceitos de saúde e doença e o corpo passa a ser visto como uma “máquina animada”. O modelo do organismo como máquina tem suas dificuldades e limitações. O grande problema está em explicar as perturbações que podem ser sofridas pela máquina sem considerar suas interações com o meio exterior. No ensino de conceitos relacionados à saúde, essa maneira de perceber o mundo e as coisas se transforma em obstáculo para a aprendizagem de determinados conteúdos pelos estudantes (Pfuetzenreiter et al., 2001).

Rosenberg & Olascoaga (1991) afirmam que o conceito de saúde-enfermidade da Medicina Veterinária tem sido determinado pelo paradigma médico-clínico da medicina humana. A Medicina Veterinária tem aplicado para os indivíduos animais enfermos a mesma metodologia e instrumental que são utilizados para os indivíduos humanos enfermos.

Desde seu início, a prática veterinária, além da visão epidemiológica, também objetivava a proteção individual da saúde dos animais produtivos e de trabalho. A clientela principal do veterinário era constituída pelas forças armadas, pelas pessoas ligadas às atividades de transporte e pelas famílias rurais que possuíam animais de produção e de tração. A atenção clínica da espécie eqüina ocupava a maior proporção da prática profissional veterinária. À medida que a cavalaria militar e a tropa comercial foram sendo substituídas por meios mecânicos e o poder aquisitivo dos proprietários de pequenos animais se ampliou, o ensino veterinário mudou a espécie principal de estudo, mas não seus princípios conceituais e metodológicos (Rosenberg & Olascoaga, 1991). No momento em que o estudo clínico individual ampliou suas bases dentro da profissão sobreveio o “nascimento da clínica veterinária”.

Para os autores, a formação acadêmica das atividades ligadas ao sanitarismo (representadas nesse trabalho pelo estilo de pensamento Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública) ocupa lugar de pequeno destaque do ponto de vista doutrinário. Além disso, há uma limitada carga de dedicação prática à área e a capacidade instrumental está geralmente desvinculada com o restante da carreira. Por outro lado, a área de clínica preenche a maior carga curricular das escolas de veterinária, tanto pela orientação das disciplinas básicas como pelo peso relativo das práticas especializadas.

A forma como as matérias básicas estão dispostas nos cursos de Medicina Veterinária – sem articulação com outros conteúdos de outras áreas – contribui para que o estudante apresente uma visão fragmentada e reducionista. Isso ocorre porque normalmente as matérias básicas se ocupam em ensinar sobre a constituição física dos animais de interesse veterinário, dividindo-os em partes. Os alunos estudam o indivíduo – as estruturas anatômicas, as estruturas microscópicas, o metabolismo – sem visualizar o organismo como um todo, com suas inter-relações com outros indivíduos e com o meio que o circunda, deixando de considerar os aspectos sociais e culturais.

O motivo da forte vinculação mantida entre as matérias básicas e o estilo de pensamento de Clínica Veterinária no curso da UDESC – em que as primeiras preparam e direcionam o estudante para o estudo das doenças – ocorre porque ambos os grupos vêem as doenças sob o ponto de vista individual, sem considerar a perspectiva social e suas implicações para a coletividade.

Contandriopoulos (1998) observando a complexidade das relações entre os contextos sócio-econômico, ambiental e a saúde da população adverte que as disciplinas que se ocupam em analisar e compreender a saúde estão ligadas às ciências sociais, que visam compreender o homem na sociedade, enquanto que para o entendimento das diversas doenças concorre a biologia, que se ocupa em compreender os mecanismos fisiológicos e patológicos, decompondo o organismo em partes menores. Como os cursos da área da saúde impõem aos estudantes que mergulhem profundamente sobre os conhecimentos da biologia, os alunos não estão habituados e familiarizados a uma reflexão mais criteriosa sobre os indivíduos e suas relações no contexto social, temas tratados na esfera das ciências humanas.

Os problemas relacionados à saúde envolvem diversos aspectos, que abrangem o campo biológico, psicológico, social e cultural. Em um artigo sobre a utilização do conhecimento científico em saúde demonstrei minha inquietação em relação à formação dos profissionais que trabalham com a saúde da população (Pfuetzenreiter, 2001). Ponderei que a apropriação das idéias de caráter preventivo e social deve ser feita ainda no período de graduação, quando os estudantes incorporam em seus conhecimentos a compreensão dos fatores sociais e culturais da população e sua inter-relação com a saúde.

As entrevistas com os diversos setores do curso de Medicina Veterinária da UDESC confirmam as tendências que haviam sido observadas na análise curricular efetuada. Não se pode deixar de mencionar que o currículo tem um significado cultural. Sacristán (2000) sublinha que a prática escolar que podemos observar num momento histórico está relacionada com os usos, as tradições e as perspectivas dominantes em torno da realidade do currículo num sistema educativo determinado. O projeto cultural que a escola tem não é neutro e de alguma forma o currículo reflete o conflito de interesses dentro de uma sociedade. O autor sintetiza suas idéias da seguinte maneira:

Os currículos são a expressão do equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, enquanto que através deles se realizam os fins da educação no ensino escolarizado. Por isso, querer reduzir os problemas relevantes do ensino à problemática técnica de instrumentar o currículo supõe uma redução que desconsidera os conflitos de interesses que estão presentes no mesmo. O currículo, em seu conteúdo e nas formas através das quais se nos apresenta e se apresenta aos professores e aos alunos, é uma opção historicamente configurada, que se sedimentou dentro de uma determinada trama cultural, política, social e escolar; está carregado, portanto, de valores e pressupostos que é preciso decifrar. Tarefa a cumprir tanto a partir de um nível de análise político-social quanto a partir do ponto de vista de sua instrumentação “mais técnica”, descobrindo os mecanismos que operam em seu desenvolvimento dentro dos campos escolares. (Sacristán, 2000, p. 17)

Segundo o autor, a prescrição de currículos mínimos e de diretrizes curriculares para um sistema educativo ou para um determinado nível supõe um projeto de cultura comum para os membros de uma determinada comunidade. A idéia de um currículo mínimo comum está ligada à pretensão de uma escola também comum. Qualquer que seja o modelo a ser seguido, há influência de fatores sociais e culturais na elaboração dos currículos.

A educação e o ensino estão relacionados com o tipo de cultura que se desenvolve em seu entorno e o currículo descreve um determinado momento

histórico e social. No ensino superior, observa-se que além das forças sociais a que o autor se refere, o currículo também poderia sofrer influências internas, de grupos que comungam de determinadas formas de pensar. Além do contexto cultural em um sentido mais amplo, existiriam também pressões de grupos internos que seriam representadas pelos coletivos de pensamento dentro da epistemologia proposta por Fleck. Os coletivos mais prevalentes poderiam procurar estruturar a grade curricular de acordo com sua forma de pensar (currículo prescrito) e também orientariam sua prática pedagógica para determinados tipos de percepção, transmitindo um currículo oculto.

As concepções epistemológicas dos professores, que irão refletir sua “visão de mundo”, também desempenham papel importante na transmissão do currículo oculto. Sacristán (2000) assinala que o professor transforma o conteúdo de acordo com suas concepções epistemológicas, organizando e acondicionando os conteúdos da matéria, adequando-os para os alunos, o que resulta em um conhecimento pedagogicamente elaborado. As perspectivas epistemológicas dos professores são dependentes de concepções mais amplas – da cultura geral exterior –, mas também representam elaborações pessoais dentro de contextos culturais e de tradições dominantes dos quais recebem influências. Se for adicionado a essa explicação o pensamento fleckiano, pode-se dizer que vinculadas a essas concepções epistemológicas são transmitidas aos alunos as percepções ligadas aos coletivos aos quais os professores pertencem na intenção de manutenção de uma estrutura existente. Os círculos esotéricos exercem e, ao mesmo tempo, sofrem ação dos correspondentes círculos exotéricos.

A educação não é um processo neutro, já que o próprio educador, consciente ou inconscientemente, está implicado nele (Apple, 1982). O currículo é um importante instrumento de manutenção de uma forma de pensamento. Pode-se concluir que um estilo de pensamento dominante molda o currículo para que este estilo permaneça predominante. Há uma intencionalidade nos currículos, independentemente da forma como são estruturados, pois sua discussão e implantação perpassam os canais universitários, que é formado por pessoas pertencentes a diferentes coletivos de pensamento. Evidentemente, irá haver disputas acirradas entre os coletivos e cada um irá defender energicamente seu próprio estilo de pensamento para que ele permaneça hegemônico sobre os demais.

A Medicina Veterinária abrange uma gama muito ampla de atividades, entretanto, o ensino se limita aos campos tradicionais, negligenciando novas áreas de elevada importância. Este direcionamento é reforçado pelo enfoque dado pelo currículo, que encoraja a carreira para as práticas tradicionais em detrimento de mudanças substanciais e relevantes para a sociedade atual (Nielsen, 1997).

É preciso que a Medicina Veterinária se conscientize de que a amplitude imposta pelo leque de atividades que podem ser desempenhados pela profissão supõe que o modelo médico veterinário não deve ser visto como homogêneo, consistente e delimitado dentro de preceitos arraigados, mas pelo contrário, as diferenças é que irão enriquecer o grupo social. É importante que o profissional comungue com as idéias do coletivo ao qual pertence dentro de sua especialidade (estilo de pensamento). No entanto, ele deve estar consciente de que existem outras formas de pensamento e de que há modelos múltiplos para a explicação dos agravos à saúde, que contemplam as diversas perspectivas de saúde e doença e conseqüentemente os diferentes estilos de pensamento dentro da profissão.

8.2 NOVOS RUMOS PARA A EDUCAÇÃO VETERINÁRIA: REFORMA OU MUDANÇA?

Na seção anterior foram vistos os principais elementos de discussão encontrados no estudo de caso do curso de Medicina Veterinária da UDESC. Concluiu-se que a estrutura de pensamento da instituição está calcada em um arcabouço rígido no qual o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública não consegue ocupar seu devido espaço dentro do curso. Se essa estrutura permanecer da forma como se encontra no momento, o campo não terá oportunidade de manifestar todo seu potencial como uma importante área de atuação profissional.

O currículo do curso é como um instrumento de manutenção de uma organização previamente implantada, com direcionamento dos estudantes para determinadas formas de percepção que privilegiam o pensamento curativo em detrimento das concepções sociais e preventivas. Para reverter esse quadro é necessário que se instaure um verdadeiro processo de transformação na estrutura

do pensamento coletivo. Para tanto, são apresentadas sugestões, que podem ser úteis também para outros cursos que apresentem situações semelhantes.

A discussão suscitada por este trabalho reveste-se de importância, na medida em que desafia a coletividade para um amplo debate em torno do ensino da Medicina Veterinária, estimulando a reflexão pela revisão de conceitos e pela criação e refinamento de idéias. O propósito é estimular a ação sobre uma realidade para transformá-la, evitando o dogmatismo de determinadas formas de pensamento. A introdução de mudanças implica em uma atitude reflexiva e de cooperação entre as partes envolvidas, que lhes permita conceber uma maneira comum de ver a profissão para pensar conjuntamente a educação veterinária.

Inicialmente, é preciso registrar que todos os estilos de pensamento em Medicina Veterinária devem conviver harmonicamente e são igualmente importantes para a formação de um profissional completo e consciente de sua função na sociedade. Deve ser enfatizado que é inegável que alguns médicos veterinários estejam mais sintonizados com certos tipos de visão inerentes às atividades por eles executadas. Mas, o profissional deve ter consciência de que existem outras concepções que permeiam campos de atividade distintos formando coletivos com visões diferenciadas e que devem conviver harmonicamente. A predominância de um determinado tipo de estilo de pensamento sobre os demais na educação veterinária se torna prejudicial, na medida em que o médico veterinário perde o vínculo com o objetivo final de sua profissão que é o bem estar das populações humanas – obtido por intermédio do cuidado com a saúde animal.

8.2.1 Os Desafios para o Ensino da Medicina Veterinária

Como foi visto durante toda a tese, a Medicina Veterinária é muito ampla e sua prática envolve a ação em diversos campos de atividade. Foram identificados três principais campos dentro da profissão – Clínica Veterinária (CV); Zootecnia e Produção Animal (ZPA); e, Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública (MVPSP) – que foram relacionados com a categoria fleckiana de estilo de pensamento. Cada estilo de pensamento foi caracterizado com base nas atividades práticas exercidas pelos respectivos coletivos – pautadas pelos instrumentos,

linguagem, atividades e concepções de saúde e doença de cada agrupamento – e serviram de orientação para a análise das entrevistas e do estudo documental.

Nas declarações dos diversos segmentos de entrevistados observou-se que o trabalho prático representa um papel importantíssimo dentro da profissão. Nas incursões sobre os escritos de Fleck, fica muito claro o papel que a atividade prática representa para consolidação e manutenção de um estilo de pensamento.

Contudo, tão importante quanto ensinar, aprender e executar atividades práticas que são transmitidas aos membros do círculo esotérico para sua perpetuação, é necessário “pensar sobre” essa prática. A reflexão sobre a Medicina Veterinária e sua prática é essencial para se ter uma compreensão mais ampla da profissão, e sobretudo (re) definir suas linhas norteadoras. Antes de qualquer coisa, devem ser respondidas questões básicas como: “o que”, “como”, “por quem”, “por que” e para quem” é feita essa prática.

A Medicina Veterinária deve primeiramente mergulhar em sua essência e conhecer sua índole para poder se compreender e também compreender a função de cada campo de atuação (estilo de pensamento) e sua importância no contexto social atual. Ao mesmo tempo, deve buscar sua identidade e definir, de acordo com a concepção que possui de saúde e doença, sua posição dentro das ciências agrárias e seu papel frente às ciências da saúde⁶³.

Somente a partir do momento que a Medicina Veterinária tiver plena consciência de sua verdadeira índole e focar sua práxis – habilidade de reflexão e ação sobre uma realidade para transformá-la – ela poderá estabelecer os propósitos da profissão e conseqüentemente enunciar os objetivos para a educação veterinária.

Cabe à escola de Medicina Veterinária tomar a dianteira e comandar essa tarefa, já que uma de suas funções é a formação profissional. Caso contrário, estará na retaguarda e sofrerá da síndrome de Salamanca descrita por Critovam Buarque:

⁶³ A condução deste processo está na dependência da forma de pensar existente entre as lideranças da Medicina Veterinária.

Em maio de 1486, os reis Fernando e Isabel de Espanha decidiram fazer uma consulta a professores da Universidade de Salamanca. Queriam saber a opinião dos sábios sobre o inusitado projeto de um certo Cristóvão Colombo, que se propunha a chegar às Índias navegando pelo Ocidente.

A comissão encarregada de analisar o projeto reuniu-se em Salamanca, perto do Natal daquele ano, sob a coordenação do dominicano Hernando de Talavera. Abrão Zacuto, o grande astrônomo da universidade, não comprovou a possibilidade da viagem proposta por Colombo (...)

Com seus cálculos, ainda imperfeitos, Salamanca acertou na impossibilidade de ir à Índia pelo Ocidente, mas Colombo acertou, com seus sonhos, ao descobrir um novo mundo, que até o final de sua vida ele insistiu que era a Índia. Mesmo acertando, a Comissão de Tavalera teria sido um instrumento de freio no avanço do conhecimento, não fosse o fato de um grupo de aventureiros e uma rainha ambiciosa terem decidido correr o risco.

O que fez Salamanca incompetente não foram os erros de conhecimento, mas o pavor ao erro e o apego aos dogmas da época: o medo da aventura de navegar em direção ao novo. (Buarque, 1994, p. 13-14)

Os professores do curso de Medicina Veterinária são muito mais do que médicos veterinários que ministram aulas, eles são “educadores” e como tal devem manter seu compromisso com o ensino, com a formação dos futuros profissionais e, sobretudo, se conscientizar de que a principal razão de ser da universidade é o estudante. A responsabilidade do professor é repensar sua prática e refletir sobre o que ensina e como ensina aos seus alunos. Para tanto, ele precisa se desencastelar e se desprender das antigas concepções cristalizadas que criam obstáculos ao ensino e impedem a abertura de perspectivas para novas maneiras de pensar e de ver a profissão. A Medicina Veterinária deve vislumbrar um novo modelo de ensino para a formação de profissionais com uma visão mais ampla e completa.

É importante que os professores reflitam sobre o papel que representam para a formação dos estudantes, particularmente naquelas profissões nas quais o conhecimento prático é preponderante e está na dependência dos avanços tecnológicos – que exige constante revisão de conceitos e transformação do pensamento. O espaço universitário deveria permitir a manifestação de vários estilos de pensamento concomitantes, o que iria contribuir para o avanço na condição dos profissionais formados.

A transformação do pensamento médico veterinário requer a ocorrência de dois tipos de movimento dos círculos de pensamento⁶⁴: um movimento interno e um externo. A primeira condição, produzida pelos círculos esotéricos, é dada pela reflexão sobre a índole e os desígnios da profissão – tema já tratado nos parágrafos

⁶⁴ Na estrutura geral dos coletivos de pensamento, Fleck distingue os círculos exotérico e esotérico. O primeiro, maior, é constituído pelo público em geral, ou seja, pelos componentes do coletivo que se reúnem em torno do núcleo central que abriga os especialistas que formam o círculo esotérico.

anteriores – e também pela circulação inter e intra-coletiva de idéias. O segundo movimento é impulsionado pela ação do círculo exotérico.

O movimento de idéias entre coletivos diferentes e dentro do próprio coletivo é essencial para oxigenar, trazer concepções diferentes e estimular o aparecimento de novas formas de pensar. Os integrantes dos diversos estilos de pensamento devem experimentar muitas novas influências e informações nas trocas providas de outros coletivos e mostrar-se flexíveis para as mudanças que ocorrem constantemente.

A capacidade de um coletivo em permitir um canal de abertura a novas idéias de outros coletivos produz o desenvolvimento de uma consciência crítica e proporciona o discernimento necessário para avaliar que tipo de conhecimento pode ser aproveitado de outros coletivos. Isso mostra que um estilo de pensamento não é algo estático e rígido, mas que deve se mostrar permeável à difusão de visões provenientes de outros integrantes de diferentes coletivos.

Uma intensa circulação de idéias pode ser obtida por meio de contato com outros profissionais de outras áreas. A abertura de novos cursos no Centro de Ciências Agroveterinárias da UDESC seria uma boa oportunidade para concretizar essa troca de idéias.

Uma outra forma de trazer novas concepções para os coletivos já instalados seria a formação de um **“Núcleo de Estudos Interdisciplinares”** o qual agregaria pessoas de diversas áreas/pensamentos. Esse núcleo seria responsável pela elaboração e execução de projetos interdisciplinares integrando a Universidade e a população na busca de resolução de problemas da comunidade⁶⁵. A entrada de outros profissionais de outras áreas, proporcionada pela abertura de novos cursos, incrementaria a formação do núcleo trazendo subsídios para a ampliação da visão existente.

Esse “Núcleo de Estudos Interdisciplinares” corresponde às atividades ligadas à extensão universitária. A extensão é o processo que articula o ensino e a pesquisa, oportunizando a elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico para o estudo de problemas das comunidades por meio da aplicação dos conhecimentos de pesquisa. A prática acadêmica da extensão vai além da

⁶⁵ O papel da interdisciplinaridade no currículo do curso será tratado mais adiante.

compreensão tradicional dada por alguns os órgãos universitários que incluem outras atividades como a assistência técnica, prestação de serviços, difusão cultural e disseminação de conhecimentos dentro de um único arcabouço.

O segundo movimento, o movimento externo para a transformação do pensamento, citado nos parágrafos anteriores, deve ser estimulado pelos representantes dos círculos de cada estilo de pensamento. Cabe aos círculos internos (esotéricos) prestarem esclarecimentos aos segmentos da população (círculos exotéricos) sobre as diversas atividades realizadas pelo médico veterinário. Após esse tipo de trabalho, a população poderá mudar sua concepção sobre a profissão e sua representação sobre o profissional veterinário.

Assim, os círculos exotéricos poderão legitimar, reconhecer e fortalecer seus círculos esotéricos correspondentes, em todos os estilos de pensamento existentes dentro da carreira. Conscientes de sua importância no contexto da Medicina Veterinária, esses círculos externos poderão exercer pressão sobre as instituições de ensino superior veterinário e influenciar no tipo de formação dada aos profissionais.

No caso específico do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, devem ser levados ao conhecimento da população a natureza do trabalho desenvolvido na área e o tipo de atividade que é desempenhado, a fim de conscientizá-la da importância desse campo profissional para a proteção da saúde humana. Esse trabalho de conscientização deve ser estendido para a comunidade universitária. Com uma noção diferente da área, a população poderá requerer dos médicos veterinários uma visão mais voltada para a promoção da saúde. Uma outra consequência dessa mudança de percepção é que os alunos irão ingressar no curso com um direcionamento um pouco maior para a saúde e a prevenção, ao invés de estarem se voltando unicamente para a medicina curativa como vem acontecendo até então.

8.2.2 As Transformações no Âmbito da Composição Curricular

A dimensão das proposições apresentadas pelos parâmetros curriculares (Lei 9.394/96) traz amplas possibilidades de transformação no ensino da Medicina

Veterinária. É preciso saber utilizar essa oportunidade favoravelmente para proceder a uma mudança verdadeira do pensamento coletivo.

A orientação dada pelas diretrizes curriculares (Lei 9394/96) merece reflexão. Mesmo que as diretrizes para o curso de graduação em Medicina Veterinária recomendem que os cursos, ao definirem suas propostas pedagógicas, devem assegurar a formação de profissionais no âmbito dos campos específicos de atuação da profissão, não há garantias de que os estudantes recebam esses conteúdos, ou que eles sejam trabalhados de maneira adequada e satisfatória. Não há indicativos de que deva haver um equilíbrio na abordagem dos conteúdos essenciais que envolvem as diversas esferas da atividade profissional. Esses conteúdos poderão ser dispostos livremente nos currículos das instituições, o que poderá afetar negativamente algumas áreas, principalmente a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

É importante que o curso proporcione ao aluno o desafio de reconhecer e desenvolver habilidades específicas por meio de ampla oferta de atividades acadêmicas. Entretanto, devem ser asseguradas a afinidade e coerência com o trabalho a ser desenvolvido na futura profissão, oportunizando ao estudante sua integração com as diversas áreas da Medicina Veterinária. O fato de um conteúdo poder ser abordado dentro de diversas atividades, não garante que o mesmo seja enfatizado e aprofundado adequadamente. Seria importante a presença de um profissional da medicina veterinária dotado de conhecimentos e experiência em Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública que se responsabilize pelo ensino dos conteúdos específicos deste campo do saber e também pelas atividades de complementação curricular que envolvem esse âmbito, a fim de contribuir para a formação de um profissional comprometido com a saúde da população.

Mesmo com toda a plasticidade permitida pelas diretrizes curriculares (Lei 9.394/96), que incentivam as abordagens dos aspectos da região onde está inserida a instituição de ensino superior, é necessário que seja mantido um núcleo comum aos cursos de Medicina Veterinária para garantir uniformidade aos cursos e reforçar a identidade da profissão. A adoção de critérios comuns aos cursos é sugerida em algumas discussões que têm sido encaminhadas (Rista et al., 1998; Rista & Bastos Santos, 2001).

Cabe destacar que a organização dos cursos de Medicina Veterinária deverá valorizar a formação generalista e humanista. Entretanto, para que isto ocorra, é necessário romper não apenas uma estrutura curricular mas, sobretudo romper a barreira criada pelos próprios educadores.

Além de uma mudança curricular é necessário que ocorram profundas transformações na forma com que os docentes e dirigentes vêem e pensam a formação de seus alunos. Caso contrário, os currículos poderão ser alterados, mas a forma fragmentada e compartimentada como os conteúdos eram ministrados continuará inalterada, visto que há discrepâncias entre o pensamento dos educadores e a filosofia proposta pelas diretrizes curriculares. Para que ocorra realmente uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva dos estudantes de Medicina Veterinária, os professores precisam ampliar, transformar sua visão e aprofundar seus conhecimentos em ciências humanas, desenvolvendo um pensamento interdisciplinar.

Em um panorama da teoria curricular, Domingues (1986) realça alguns pontos fundamentais: o de pensar o currículo, ler o currículo, fazer o currículo, e o de sentir o currículo. No primeiro ponto é destacado que o estudo dos conteúdos programáticos e do modo de apresentá-los aos alunos não pode ser dissociado do contexto histórico-social em que se efetivará a proposta de currículo. Em segundo lugar, deve-se ter clareza da pluralidade de concepções, de funções e de focos que são veiculados pelos diversos paradigmas curriculares. A terceira proposição anuncia que os problemas curriculares são únicos porque estão situados em um contexto de tempo e espaço próprios e por este motivo exigem análises particulares, próprias para cada tipo de situação. Finalmente, deve-se ter noção de que não há soluções fáceis nem mecânicas para resolver os problemas curriculares e que nenhum paradigma de currículo vê o todo com clareza.

Com base nas conclusões do autor, depreende-se que cada currículo é único e como uma atividade socialmente construída parte-se do pressuposto que todas as formas de pensamento devem estar igualmente representadas para participar do processo de elaboração do currículo da unidade de ensino superior à qual pertencem. Essa ação coletiva irá garantir que os conteúdos sejam trabalhados com os alunos sob todas as perspectivas de pensamento. As diretrizes curriculares (baseadas na Lei 9394/96) adotam, como um de seus eixos ordenadores, a

flexibilidade e autonomia, permitindo que cada escola crie alternativas próprias a partir de uma base comum.

A estrutura curricular rígida preconizada pelo currículo mínimo contribui para a transmissão de imagens recortadas do conhecimento. O currículo do curso de Medicina Veterinária deve ser elaborado de tal forma a estimular a integração, articulação e envolvimento entre os diversos campos de atividade da profissão (estilos de pensamento) para promover um equilíbrio entre eles. Ao mesmo tempo, deve assegurar a manutenção da identidade dos mesmos, caso contrário, será propiciado novamente o predomínio de um estilo de pensamento sobre os demais.

A organização curricular deve considerar os desdobramentos e interações entre os conteúdos de diversas áreas e compreender a existência de diferentes níveis de complexidade. A composição curricular formulada a partir da Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy, 1975) auxilia no enfoque sistêmico e fornece uma reorientação para a organização em vários níveis. Segundo esta teoria:

É necessário estudar não somente as partes e processos isoladamente, mas também resolver os decisivos problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação dinâmica das partes, tornando o comportamento das partes diferente quando estudado isoladamente e quando tratado no todo. (Bertalanffy, 1975, p. 53)

Um estilo de pensamento é pautado por um coletivo de pensamento. Portanto, o estilo de pensamento é vivo, dotado de uma plasticidade que permite que se adapte às mudanças e se submeta às constantes transformações desencadeadas pelo ritmo dos avanços tecnológicos. Como consequência, é admitida a convivência de inúmeros estilos de pensamento simultaneamente, que trazem como marca a participação de diversos grupos de indivíduos que se relacionam mutuamente, permitindo o livre trânsito de idéias inter-coletivas. A imagem evocada a partir desta propriedade de interação de grupos de indivíduos é a de um sistema composto por vários níveis que se intercomunicam, à semelhança do que foi descrito por Bertalanffy (1975) em sua “Teoria Geral dos Sistemas”. Esse tema foi muito bem trabalhado pelo autor, justificando uma incursão um pouco mais aprofundada em suas idéias.

Os primeiros enunciados de Bertalanffy datam de 1925-1926 e foram escritos em alemão e possivelmente Fleck poderia ter tido conhecimento desta teoria. As idéias de Fleck de que a produção coletiva não se restringe ao simples

somatório dos resultados obtidos individualmente, pode ser encontrada na teoria das propriedades emergentes de Bertalanffy, para quem:

os acontecimentos parecem implicar mais do que unicamente as decisões e ações individuais, sendo determinado mais por “sistemas” sócio-culturais, quer sejam preconceitos, ideologias, grupos de pressão, tendências sociais, crescimento e declínio de civilizações ou seja lá o que for. (Bertalanffy, 1975, p. 24).

Podem ser identificadas algumas conexões entre o pensamento de Fleck (1986) e os estudos elaborados por Bertalanffy (1975) especialmente relacionados aos diversos níveis de complexidade. Os diversos níveis de complexidade sugeridos por Fleck – em relação aos círculos esotérico e exotérico – são reconhecidos em Bertalanffy (1975). Este último autor é aceito como um dos fundadores da Teoria Geral dos Sistemas, que oferece uma reorientação do pensamento científico a uma larga escala que vai desde a física e a biologia, passando pelas ciências sociais, comportamentais, e chegando à filosofia. O autor advoga uma concepção “organísmica” da biologia e sua teoria surge em reação ao mecanicismo, procurando direcionar a compreensão das coisas para a interação dinâmica das partes na formação da totalidade em uma complexidade organizada.

A Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanffy (1975) surgiu em antagonismo ao reducionismo. A necessidade do enfoque sistêmico resultou do fato de que o pensamento mecanicista, com o isolamento das partes, se tornou insuficiente para atender aos problemas teóricos, especialmente das ciências bio-sociais, e aos problemas práticos propostos pela moderna tecnologia. O enfoque mecanicista parecia desprezar ou negar exatamente o que é essencial aos fenômenos da vida. O autor defende uma concepção na biologia que considere o organismo como uma totalidade ou sistema e compreenda o principal objetivo das ciências biológicas na descoberta de princípios de organização em seus vários níveis.

A resolução de problemas utilizando o pensamento sistêmico entende a interação das partes em uma complexidade organizada por forte conexão entre essas partes. A Teoria Geral dos Sistemas é um instrumento útil, capaz de fornecer modelos a serem usados em diferentes campos – inclusive para a construção de uma estrutura curricular, como está sendo proposto aqui. Essa teoria trabalha com a totalidade, com problemas de organização. O autor resume os propósitos da teoria da seguinte maneira:

Enquanto no passado a ciência procurava explicar os fenômenos observáveis reduzindo-os à interação de unidades elementares investigáveis independentemente umas das outras, na ciência contemporânea aparecem concepções que se referem ao que é chamado um tanto vagamente “totalidade”, isto é, problemas de organização, fenômenos que não se resolvem em acontecimentos locais, interações dinâmicas manifestadas na diferença de comportamento das partes quando isoladas ou quando em configuração superior, etc. Em resumo, aparecem “sistemas” de várias ordens, que não são inteligíveis mediante a investigação de suas respectivas partes isoladamente. Concepções e problemas desta natureza surgiram em todos os planos da ciência quer o objeto de estudo fossem coisas inanimadas quer fossem organismos vivos ou fenômenos sociais. (Bertalanffy, 1975, p. 60-61)

Segundo a teoria, não basta apenas o conhecimento das partes, mas é imprescindível o estabelecimento de relações entre as mesmas. A expressão “o todo é mais que a soma das partes” implica em dizer que as características constitutivas de um sistema não são explicáveis a partir das características das partes isoladas. Um sistema pode ser definido como um complexo de elementos em interação e comporta-se como um todo, no qual as variações de qualquer elemento exercem influências sobre os outros. O comportamento das partes só pode ser estabelecido considerando sua função no todo. Portanto, o todo não se reduz ao simples somatório das partes, pois o comportamento de um elemento difere quando considerado fazendo parte do todo e quando é estudado isoladamente – o que é denominado de propriedade emergente⁶⁶.

Se for feita uma analogia entre os componentes curriculares e a Teoria Geral dos Sistemas, a unidade elementar do sistema é formada pelos conteúdos de cada estilo de pensamento. A partir daí, o nível formado pelos estilos de pensamento formariam graus mais elevados de complexidade. O desafio consiste em construir uma estrutura curricular em que se estabeleçam relações entre os diversos níveis e também que garanta a interação com o meio externo – formando um sistema aberto passível de receber influências do círculo exotérico.

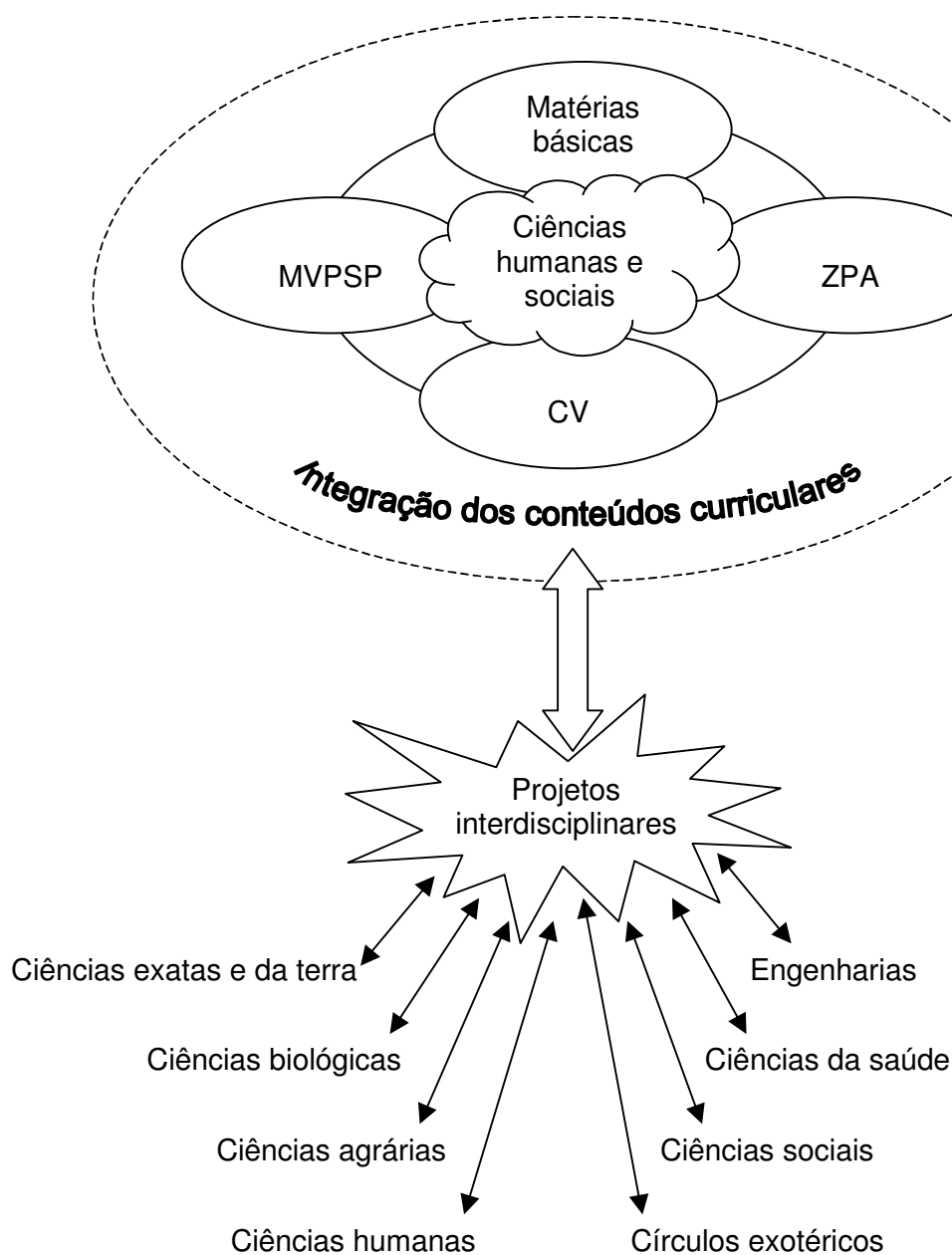
Uma maneira de organizar o currículo seguindo essa teoria, seria trabalhar na forma de núcleos integrados⁶⁷ (figura 1). A composição curricular disporia de núcleos correspondentes a cada campo de atuação profissional (ou a cada estilo de

⁶⁶ A visão que estabelece que o estudo de algo complexo deve ser realizado por intermédio do exame de suas partes constitutivas é denominada de reducionista, enquanto que o procedimento que advoga que o posicionamento contrário de que “o todo é mais que a soma das partes”, é emergentista.

⁶⁷ Foi utilizada palavra **núcleo** para indicar a existência de interfaces entre os componentes do sistema.

pensamento), um núcleo básico e um núcleo representado pelas ciências humanas e sociais.

FIGURA 1 – REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA COMPOSIÇÃO CURRICULAR PARA O CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DISPOSTA SOB A FORMA DE UM SISTEMA ABERTO



Em cada núcleo seriam abordados os conteúdos próprios de cada área, evitando a sobreposição e permitindo a inclusão de conhecimentos novos. Sempre que houver conteúdos que abordem temas relacionados a outros estilos de pensamento, deverão ser planejadas atividades que favoreçam a interação entre as distintas formas de pensar.

A proposição de compor um currículo baseando o estudo de conteúdos fundamentais de cada estilo de pensamento separadamente em núcleos não tem a finalidade de segregá-los, mas de fazer com que o estudante consiga distinguir diferentes concepções e conseqüentemente diversas formas de pensar dentro da profissão. A Teoria Geral dos Sistemas prevê que o todo é formado por partes, e, se essa premissa não for respeitada, o todo passa a se constituir em uma massa amorfa, sem características definidas.

Na elaboração do sistema curricular os conteúdos podem estar dispostos no interior dos núcleos sob a forma de disciplinas. Um núcleo básico deverá anteceder os núcleos referentes aos campos de atuação da profissão, com a finalidade de dar aporte para os conteúdos a serem tratados na etapa seguinte. Sempre que possível devem ser problematizadas para os alunos situações que demonstrem a importância e necessidade do conhecimento básico para a resolução de problemas nos diversos estilos de pensamento.

Em períodos subseqüentes, os estudantes terão contato com os núcleos relativos a cada estilo de pensamento. Cada núcleo deverá trabalhar primeiramente os conceitos fundamentais do estilo de pensamento ao qual pertence, para mais tarde haver um aprofundamento maior. Por exemplo, no caso da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública os primeiros conteúdos a serem abordados poderiam ser de ecologia e de epidemiologia geral. Mais adiante, seriam abordados os outros conteúdos da área referentes à inspeção e tecnologia de produtos de origem animal, saneamento do meio e zoonoses, associados aos conhecimentos de educação em saúde, planejamento em saúde animal e saúde pública, e, administração em saúde.

Os temas tratados, tanto pelo núcleo básico quanto pelos demais núcleos, deverão ser permeados pelos conhecimentos das ciências humanas e sociais lançando discussões contemporâneas e contextuais à área de abrangência do curso. A integração dos animais ao meio ambiente e sua inter-relação com os seres

humanos devem representar preocupações centrais dentro dos cursos. Além disso, assuntos relativos à formação cultural dentro da profissão devem ser contemplados, como por exemplo, aspectos históricos da Medicina Veterinária. A disposição da composição curricular sob a forma de um sistema aberto permite a introdução de novos conhecimentos, ou de estilos de pensamento emergentes como, por exemplo, o campo de animais silvestres.

A **integração entre os níveis do sistema curricular** pode ser produzida por meio de **atividades complementares** com a utilização de estratégias de ensino que promovam a articulação entre os núcleos. Podem ser citados como exemplo a organização de **seminários** e **estudos de caso**⁶⁸, e também as **problematizações**⁶⁹. As atividades complementares devem ser realizadas periodicamente, com pequenos grupos de estudantes pertencentes a vários períodos do curso, devendo ser coordenadas por um ou vários professores, com a participação de pelos menos um docente representante de cada núcleo. Os temas escolhidos para debate, análise e síntese dos conhecimentos nessas atividades devem contemplar aspectos relacionados aos vários núcleos, buscando interconexão entre os conteúdos, incluindo o básico.

As fronteiras entre os estilos de pensamento (núcleos) serão traspassadas através de atividades complementares que utilizem em seus exemplos elementos de ciências humanas e sociais como um ponto de ligação. Pode ser estudado um tema retirado de uma situação cotidiana dos alunos⁷⁰ como por exemplo, a ocorrência de uma determinada zoonose na região. Além da análise dos aspectos de saúde animal e saúde pública, podem ser examinados os desdobramentos no cenário social, cultural, ético, jurídico, econômico e político⁷¹.

A utilização dessas atividades complementares não dispensa o estudo dos princípios fundamentais de cada núcleo individualmente, visto que o propósito é

⁶⁸ Para maior detalhamento sobre as técnicas de seminário e estudo de caso ver Bordenave & Pereira (1995) e também Masetto (2003).

⁶⁹ A proposta de Freire (1987) na educação problematizadora busca uma constante reflexão do educador e do educando sobre a práxis. Delizoicov (1991) desenvolveu uma fundamentação sobre o processo de codificação-problematização-descodificação com o auxílio do que foi denominado como *momentos pedagógicos*.

⁷⁰ São necessários estudos sobre o leque temático que pode ser trabalhado nas atividades complementares nos cursos de Medicina Veterinária, que utilizem exemplos concretos e familiares aos alunos dentro das peculiaridades da região a que pertencem.

⁷¹ A educação problematizadora apresenta caráter interdisciplinar.

manter preservado o “núcleo duro” de cada âmbito. A aquisição de uma base sólida de conhecimentos em todos os campos de atuação (estilos de pensamento) pelo estudante permite que ele identifique os problemas presentes em uma situação e os analise para posteriormente interpretar, agir e refletir sobre a realidade para transformá-la.

Para alcançar com êxito a proposta de um sistema aberto, a **ligação entre os diversos componentes do sistema com o meio externo** ocorre por meio de atividades nas quais se busca a resolução de problemas concretos que necessitam de um **raciocínio interdisciplinar**. Um projeto desenvolvido pela universidade na comunidade e que trate de temas relacionados ao desenvolvimento sustentável é um bom exemplo de projeto interdisciplinar. É importante que esses projetos tenham a participação de acadêmicos de diversos cursos, para facilitar a interação dos alunos com as diversas áreas.

A interdisciplinaridade é uma característica da Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanffy, na medida em que as construções de modelos conceituais ampliados e generalizados resultam da interação entre diversas áreas do conhecimento dentro do sistema. Este tipo de atividade beneficia o trabalho conjunto entre ensino, pesquisa e extensão, aspectos indissociáveis da universidade.

É importante explicar que integração curricular é diferente de interdisciplinaridade. Algumas vezes, as atividades integradoras apenas agregam conteúdos pertencentes a diferentes campos do saber, dentro de uma área maior. Pode ser dada como exemplo a conexão entre conteúdos básicos como Anatomia, Fisiologia, Histologia e Bioquímica quando trabalhados de maneira conjunta dentro do núcleo básico. Outro exemplo seria o auxílio prestado pelo campo (estilo de pensamento) da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ao campo (estilo) de Clínica Veterinária no estudo da epidemiologia e da profilaxia de determinada enfermidade. Do mesmo modo, a Clínica poderia auxiliar na descrição do quadro clínico em animais no estudo de determinada zoonose. Inúmeros outros exemplos podem ser retirados desse tipo de interação.

Na interdisciplinaridade o que se procura é estabelecer articulações entre as grandes áreas do conhecimento. É preciso destacar que os limites de uma área do conhecimento para outras áreas só podem ser ultrapassados no interior do cérebro do indivíduo (Moles, 1995). A atuação de comitês de especialistas para a resolução

de problemas emergentes não deve ser entendida como interdisciplinaridade, mas como multidisciplinaridade. Portanto, deve ser esclarecido que apenas a participação de profissionais de diversas áreas por si só não constitui em interdisciplinaridade.

O surgimento do pensamento interdisciplinar é propiciado pela articulação de conhecimentos provenientes de diversas áreas por oportunizar a troca de idéias e permitir o contato com outros tipos de conhecimento e de percepção. O desenvolvimento do pensamento interdisciplinar induz a busca de conhecimento de outras áreas, além do campo de formação do profissional, e abre um caminho sólido para o estudo de problemas e busca de soluções. A utilização de um modelo de ensino veterinário que estimule os alunos a pensar de maneira não fragmentária supõe uma profunda reflexão sobre a profissão e sobre o tipo de profissional que se pretende formar.

O trabalho interdisciplinar proposto visa o inter-relacionamento do conhecimento trazido pela Medicina Veterinária – com interação entre seus campos de atuação – com os outros âmbitos do conhecimento pertencentes às ciências humanas, sociais, agrárias, biológicas, da saúde, engenharias e exatas. A habilidade para a resolução de problemas coletivos requer o uso de uma visão interdisciplinar. O estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública pode fornecer valiosa contribuição para o grupo interdisciplinar por dispor de uma forma de raciocínio no qual a visão global predomina sobre o pensamento reducionista. A dimensão dada pelas ciências humanas a esse estilo de pensamento contribui para uma concepção mais voltada para o coletivo.

No ensino, a conexão entre os diversos conteúdos proporcionada pelo trabalho interdisciplinar facilita a contextualização do conteúdo e a aprendizagem significativa, propiciando uma relação de reciprocidade entre o estudante e o objeto do conhecimento a ponto dele ser capaz de estabelecer relações com a prática profissional e conseqüentemente adquirir as habilidades para identificação e resolução de problemas em saúde animal e saúde pública. A formação de pontes entre a teoria e a prática e a criação de relações entre ambas oportuniza ao estudante estabelecer uma relação ativa com o objeto do conhecimento, fazendo com que desenvolva a capacidade de associar a teoria e as aplicações práticas na atividade dos diversos campos de atuação. A ligação do sistema curricular com o meio externo por meio de projetos interdisciplinares torna o currículo dinâmico e

propicia a inserção da universidade no contexto sócio-histórico e cultural ao qual ela pertence.

A utilização de um modelo de ensino que estimule os estudantes a pensarem de maneira não fragmentária, mas com uma visão integrada e interdisciplinar (característica da saúde pública veterinária) representaria um avanço na formação dos futuros profissionais. Esse ponto de vista é evidenciado por dois autores: Follari (1995) argumenta que o acesso dos acadêmicos a projetos e trabalhos de núcleos de pesquisa interdisciplinar, voltados para a resolução de problemas concretos, facilita o aprendizado e auxilia a formação interdisciplinar. Bögel (1992) explica que a expansão da saúde pública dentro da Medicina Veterinária deve ser acompanhada de uma profunda modificação na forma de orientação dada ao ensino, que deve ser centrado na interdisciplinaridade.

Como um sistema aberto, o currículo deve estar atento às necessidades dos círculos exotéricos e se adaptar constantemente aos avanços do conhecimento científico e tecnológico, fazendo com que os cursos estejam sempre na vanguarda como um agente de transformação da sociedade. A manutenção através dos anos de uma estrutura curricular e de pensamento rígida e sem modificação se constitui em um anacronismo indesejável.

Enquanto o curso organiza a nova composição curricular, a transição da grade curricular antiga para o sistema proposto pode ser feita inicialmente com a participação dos estudantes em atividades complementares e em projetos interdisciplinares, descritos anteriormente.

A proposição acima representa linhas gerais que podem ser trabalhadas dentro de cada curso e adaptadas à realidade de cada instituição, levando em conta as características de cada coletivo e suas inter-relações. Alguns cuidados devem ser observados na implantação de um novo sistema curricular:

- Mobilização envolvendo todos os segmentos universitários, estimulando o amplo debate para estabelecimento de uma proposta curricular de consenso alicerçada sobre um projeto político pedagógico construído coletivamente.
- Explicitar os pressupostos teóricos que orientam o projeto político pedagógico e o modelo curricular a ser seguido pelo curso.
- Preparo dos professores para trabalhar pedagogicamente com a nova proposta curricular, de maneira coerente com as linhas teóricas conceituais estabelecidas.

- Avaliação contínua do processo, oportunizando aberturas para a implementação de ajustes ao currículo, em todos os momentos que se julgue necessário.

8.2.3 Proposições para o Ensino da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública

Dentro do modelo proposto, é preciso estabelecer a identidade da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública e traçar os objetivos do ensino desse estilo de pensamento. Frente ao ritmo de crescimento dos conhecimentos na área, deve ser proporcionado aos estudantes o desenvolvimento da capacidade de pensar e elaborar juízos baseados em um núcleo de conhecimentos. Esse núcleo deve incorporar os diversos conteúdos do estilo de pensamento e articulá-los junto aos conteúdos dos demais estilos. Desta forma, e também mediante um sistema de educação continuada durante a vida, o profissional estará preparado para resolver os problemas de saúde que poderão surgir.

Um plano de ensino para a Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública deve proporcionar aos estudantes a aquisição de conhecimentos e prepará-los por meio de oportunidades e experiências de aprendizado para solucionarem os problemas de comunidades. No entanto, além do papel de transmissão do conhecimento, cabe à Universidade a busca pelo saber. A função primordial da Universidade é de iniciar o estudante na vida intelectual para ampliar sua visão na busca pelo saber, e também de elaborar o próprio conhecimento por meio da pesquisa. Esses dois aspectos – a busca e a elaboração do saber – aliados à extensão, devem permear a construção curricular da área de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública e das demais áreas do curso de Medicina Veterinária.

Dentro da tríade ensino, pesquisa e extensão, alguns temas atuais que necessitam de uma abordagem sanitária poderiam ser mais intensamente trabalhados nos cursos, como:

- Biossegurança.
- Produção de alimentos dentro dos princípios do desenvolvimento sustentável incluindo a micropecuária.

- Questões ligadas à alimentação (alimentos transgênicos, seleção e melhoramento de alimentos de origem animal e vegetal, alimentos funcionais), que abrangem conhecimentos de saúde pública, ética e legislação.
- Controle de doenças epizooticas (como por exemplo a febre aftosa), que exigem visão integrada de saúde pública, economia e política.
- Estudos sobre enfermidades cujos agentes “saltam” de uma espécie animal para outra (por exemplo, agentes que se transmitem de galinhas para suínos, ou enfermidades originadas em espécies de animais silvestres) formando cadeias que podem atingir os seres humanos e levar ao aparecimento de doenças emergentes e epidêmicas.
- Produção de medicamentos de origem animal para uso humano (por exemplo insulina) e xenotransplante (transplante de órgãos e tecidos de uma espécie para outra com alteração da carga genética dos animais por processo transgênico), que envolvem discussões no campo da saúde e da ética.

Para compreensão e discussão dos temas acima, além de outros assuntos de relevância que já foram comentados na seção 3.2.3, é importante o desenvolvimento de uma visão sanitária integrada ao conhecimento de outras áreas. É importante que a população seja incentivada a participar dessas discussões, para ser mais bem esclarecida sobre as atividades do sanitário veterinário, e também para atrair pessoas interessadas em estudar essas questões e participar do círculo esotérico da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública.

Muitas estratégias podem ser adotadas em relação ao ensino dos conteúdos de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública conforme apresentadas por Lima Jr. (2001). Além da integração entre a teoria e a prática por meio do contato dos estudantes com os profissionais que trabalham na área, o autor coloca em destaque uma abordagem que privilegie as coletividades – em especial as populações animais – dentro do contexto de saúde e meio ambiente. Os problemas de saúde passam então a ser enfocados como questões associadas às populações e não como aspectos isolados, devendo ser favorecida a interação com conteúdos correlatos na busca do desenvolvimento de uma visão sistêmica.

Além do âmbito da atividade profissional, é preciso que seja determinado o espaço em que são executadas as ações do campo de atuação da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. A elucidação dessa questão poderá facilitar

a relação desse campo de atividade com os organismos de agricultura e saúde. Sabe-se que algumas ações da Saúde Pública Veterinária se dão fora da esfera da saúde, mas ligadas aos órgãos de agricultura, o que gera um distanciamento de algumas práticas da Saúde Pública Veterinária com a saúde da população – principalmente no que diz respeito ao controle de zoonoses ligadas ao meio rural como por exemplo, a raiva dos herbívoros, a tuberculose e a brucelose bovinas. Cabe à Medicina Veterinária canalizar suas ações de saúde para um organismo intermediário que envolva simultaneamente a agricultura, a saúde e o ambiente, tal como é sugerido pela OMS (World Health Organization, 2002).

Cripps (2000) sugere que deve ser estimulada a conscientização dos profissionais de saúde sobre o papel do médico veterinário para a saúde pública, principalmente em relação ao controle de zoonoses. O autor afirma que a comunicação entre os médicos veterinários e os profissionais de saúde é feita de forma inadequada. Os cursos de graduação e de pós-graduação devem fornecer uma compreensão maior sobre as zoonoses, para facilitar as discussões de caráter interdisciplinar e promover a colaboração entre os profissionais dos setores da saúde e de agricultura, para melhorar a eficiência e a eficácia dos programas de controle dessas enfermidades.

A Medicina Veterinária tem uma vocação para o cuidado com a saúde do coletivo, seja ele um rebanho ou uma população humana, enquanto que as outras profissões de saúde, especialmente a medicina, apresentam uma forma de pensamento mais voltada para o indivíduo e a cura das enfermidades. As características do campo da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública que apresentam uma compreensão dos fenômenos de saúde voltada para a prevenção e para a coletividade podem fazer com que a profissão veterinária exerça influências positivas sobre as outras carreiras da saúde, fortalecendo e ampliando a visão das mesmas.

No caso específico do curso de Medicina Veterinária da UDESC, dada a pequena representatividade que o estilo de pensamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública apresenta dentro do curso em termos de número de professores, é essencial que haja um incremento com a participação profissionais habilitados na área para a docência em graduação e pós-graduação e também para a execução de atividades de pesquisa e extensão. A ampliação das atividades no

estilo de pensamento contribuiria para seu fortalecimento e para o desenvolvimento de uma concepção mais preventiva e social pela instituição.

É importante que a implementação do estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública atinja todas as esferas de ação desse estilo como os conteúdos relacionados à Ecologia e Meio Ambiente; os conteúdos relativos à Epidemiologia, Zoonoses, Educação em Saúde, Administração e Planejamento em Saúde; e os conteúdos ligados à Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal.

8.2.4 Perspectivas para o Ensino da Medicina Veterinária

Os desafios que envolvem as atuais modificações curriculares (baseadas na LDB 9.394/96) se apresentam como uma oportunidade única para reflexão sobre o funcionamento de uma estrutura de pensamento resistente a mudanças, mas que apresenta potencial para sofrer transformações em direção a um modelo mais flexível de concepções, valores e práticas. Este momento, de ruptura e transição, pode fazer com que os cursos privilegiem igualmente todos os aspectos da profissão, com integração de todas as áreas, para a formação de um profissional com pensamento crítico e mais consciente de seu papel na sociedade.

O quadro revelado pelo estudo de caso apresentado sofrerá modificações apenas se os vários segmentos da Universidade se conscientizarem da importância de se consolidar uma formação integral ao estudante, que atenda de maneira equilibrada todos os domínios da atuação profissional e favoreça o desenvolvimento completo das potencialidades do futuro médico veterinário.

As diretrizes curriculares correspondem a indicação de linhas, de ações a serem seguidas. Sua formulação constitui em orientações para uma reforma no ensino. No entanto, as alterações formais de estrutura não garantem que ocorram mudanças na maneira de pensar das pessoas. Uma simples reforma se caracteriza pela ação em estruturas antigas já existentes anteriormente. No caso de alterações curriculares, corre-se o risco de realizarem-se apenas algumas modificações, mas fundamentadas sobre premissas antigas. Uma “reforma curricular” pode ter um sentido de aprimoramento, mas também pode ter o sentido de retificar algo que apresenta deficiências necessitando de algumas correções por não condizer mais

com as necessidades prementes do ensino. De qualquer modo, o sentido é sempre voltado para a ação sobre uma estrutura já existente e consolidada, sem qualquer modificação significativa dos princípios já alicerçados.

A transformação de um estilo de pensamento é lenta e gradual. Qualquer mudança no pensamento veterinário deve seguir passo a passo por caminhos trilhados pelo próprio coletivo. Tanto os movimentos internos quanto os externos são importantes para determinar os rumos a serem seguidos pela profissão e preparam o terreno para as alterações curriculares. Um pequeno grupo de professores não pode realizar uma grande modificação; uma mudança verdadeira deve afetar todos os segmentos.

Não é simplesmente com a implantação de um novo modelo de currículo, com sua particular flexibilização, que o problema da falta de harmonização entre diferentes concepções irá ser solucionado, e também que o estilo de pensamento da Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública irá deixar de ficar à margem dos cursos e seja devidamente focado.

É necessário que sejam dadas condições para que a alteração se concretize. Para isso, é preciso haver uma remodelação também do pensamento das pessoas envolvidas no processo, o que ocorre vagarosamente. É inegável que algumas dificuldades irão surgir, mas não devem servir de motivo para a inércia e obstinação à inovação. Por esse motivo, é importante que docentes, alunos e dirigentes estejam preparados para um novo modelo de educação veterinária.

Os cursos devem estar atentos para que as proposições apresentadas pelas Diretrizes Curriculares ou por qualquer outra proposta não se convertam em mais uma reforma curricular, que dissimula uma mudança sem representar uma verdadeira transformação de mentalidade, atitude, comportamento e aceitação de outras formas de pensamento. É melhor produzir mudanças menos ambiciosas, mas que levem a transformações profundas do pensamento e da ação, do que intensas reformas que apenas mantêm a estrutura antiga sob uma roupagem nova. Pois, como bem observou Edson Marques:

Mude, mas comece devagar,
porque a direção é mais importante que a
velocidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHA, P. N.; CRUZ, H. M. Algunos aspectos de la enseñanza de la medicina veterinaria en la América Latina. **Educación Médica y Salud**, v. 6, n. 3-4, p. 199-250, jul./dic. 1972.

APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARÁMBULO, P. V. III. Veterinary public health: perspectives at the threshold of the 21st century. **Revue Scientific Technique**, v. 11, n. 1, p. 255-262, Mar. 1991.

ARÁMBULO, P. III; RUÍZ, A. Situación actual y futura de la Medicina Veterinaria. **Educación Médica y Salud**, v. 26, n. 2, p. 263-276, abr./jun. 1992.

AVILA-PIRES, F. D.; MIOR, L. C.; AGUIAR, V. P.; SCHEMPER, S. M. The concept of sustainable development revisited. **Foundations of Science**, v. 5, p. 261-268, 2000.

BACKES, V. M. S. **Estilos de pensamento e práxis na enfermagem: a contribuição do estágio pré-profissional**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2000.

BARATA, R. B. Tendências no ensino da epidemiologia no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Publica**, v. 2, n. 5, p. 334-341, nov. 1997.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

BLENDEN, D. C.; DORN, C. R.; PARRISH, H. M. Los objetivos de la educación en la salud pública veterinaria: pasado, presente y futuro. **Educación Médica y Salud**. v. 5, n. 3, p. 200-210, jul./sep. 1971.

BLENDEN, D. C. Enseñanza de la epidemiología a estudiantes universitarios de medicina veterinaria. In: ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **Enseñanza de la epidemiología em la educación en medicina veterinaria en América Latina**. OPAS/OMS: Washington, 1980.

BÖGEL, K. Veterinary public health perspectives: trend assessment and recommendations. **Revue Scientific Technique**, v. 11, n. 1, p. 219-239, Mar. 1992.

BOLETIM DE LA OFICINA SANITARIA PANAMERICANA. **La salud pública veterinaria**, v. 113, n. 5-6, p. 494-501, 1992.

BOMBASSARO, L. C. **As fronteiras da epistemologia: uma introdução ao problema da racionalidade e historicidade do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1992.

BOMBASSARO, L. C. **Ciência e mudança conceitual**: notas sobre epistemologia e história da ciência: Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BRANCO GERMINIANI, C. L. A história da Medicina Veterinária no Brasil. **Arch. Vet. Scienc.** v. 3, n. 1, p. 1-8, 1998.

BRANCO GERMINIANI, C. L. Congresso mundial de veterinária em Lyon: volta às origens. **Arch. Vet. Scienc.** v. 4, n. 1, p. 1-3, 1999a.

BRANCO GERMINIANI, C. L. Congresso mundial de veterinária em Lyon: um reencontro com as origens. **A Hora Veterinária**. V. 19, n. 109, p. 12, mai./jun. 1999b.

BRANCO GERMINIANI, C. L. A contribuição de Dom Pedro II para a criação da Escola de Veterinária do Exército. **Jornal Brasileiro de História da Medicina**, v. 1, n. 2, p. 30-31, dez. 1999c.

BRASIL. Decreto-lei nº 79.851, de 23 de junho de 1977. Concede reconhecimento ao cursos de Medicina Veterinária da Escola Superior de Medicina Veterinária, com sede na cidade de Lages, Estado de Santa Catarina. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, p. 7937, 24 junho de 1977. Seção I. Parte I.

BRASIL. Resolução nº 10/84– Conselho Federal de Educação (CFE). Caracteriza o curso de medicina veterinária e fixa os mínimos de conteúdo e duração do currículo. **Diário Oficial**. Brasília, 30 abr. 1984.

BRASIL. Atos do Poder Legislativo. Lei nº 7889, de 23 de novembro de 1989. Dispõe sobre a inspeção sanitária e industrial dos produtos de origem animal, e dá outras providências. **Diário Oficial da república Federativa do Brasil**. Brasília, v. 127, nº 224, p. 21529-21530, 24 nov. 1989. Seção 1.

BRASIL. Comissão Nacional de Ensino de Medicina Veterinária do CFMV. **O ensino de graduação em Medicina Veterinária no Brasil**: situação atual e perspectivas. Brasília: Conselho Federal de Medicina Veterinária, 1996a.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, dez. 1996b, Disponível em <<http://www.mp.sc.gov.br>> Acesso em: 28 dez. 2001.

BRASIL. Resolução nº 1/03– Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária. **Diário Oficial da União**. Brasília, nº 37, p. 15-16, 20 fev. 2003.

BUARQUE, C. **A aventura da universidade**. São Paulo: Unesp, 1994.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 3. ed. (rev. e aumen.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAPDEVILLE, G. A formação profissional de nível superior. In: SEMINÁRIO SOBRE REVISÃO DE CURRÍCULOS DO ENSINO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS NA AMÉRICA LATINA (1982: Viçosa). **Anais...** Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1982, p. 108-113.

CAPDEVILLE, G. **O ensino superior agrícola no Brasil**. Viçosa: UFV Impr. Univ. 1991.

CASTILHO, N.; DELIZOICOV, D. Trajeto do sangue no corpo humano: instauração – extensão – transformação de um estilo de pensamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (1999: Valinhos). **Atas...** Valinhos: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 1999, 1 CD-ROM.

CENTRO DE CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS. **Secretaria** – Controle Acadêmico – Sigmaweb. Disponível em <<http://www.sigmaweb.cav.udesc.br/sw/sigmaweb.php>> Acesso em: 29 nov. 2002.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CIDASC. **Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.cidasc.org.br>> Acesso em: 04 fev. 2002.

CIFUENTES, E. E. Protección del medio ambiente y actividades de salud pública veterinaria. **Revue Scientific Technique**. v. 11, nº 1, p. 191-203, 1992.

CNPQ. **Áreas do conhecimento**. Disponível em : <<http://www.cnpq.br/areas/tabconhecimento>> Acesso em: 06 fev. 2003.

COHEN, L.; MANION, L. **Research methods in education**. London: Croom Helm, 1982.

COHEN, R. S.; SCHNELLE, T. (Eds.) **Cognition & Fact**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1986.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Resolução de 18 de outubro de 1962. In: CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. **Currículos mínimos dos cursos de nível superior**. 2. ed. Brasília: MEC/DDD, 1975, p. 282-283.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. Comissão Nacional de Ensino de Medicina Veterinária. **O ensino de Medicina Veterinária no Brasil**. Brasília CFMV, 1992.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. **Exame nacional de certificação profissional**. Disponível em: <<http://www.cfmv.org.br/edexame.htm>> Acesso em: 10 jun. 2002.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. **Cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia por região**. Disponível em: <<http://www.cfmv.org.br>> Acesso em: 6 fev. 2003.

CONSELHO UNIVERSITÁRIO – CONSUNI. **Resoluções**. Disponível em: <<http://www.secon.udesc.br>> Acesso em: 15 abr. 2002.

CONTANDRIOPOULOS, A. P. Pode-se construir modelos baseados na relação entre contextos sociais e saúde? **Cad. Saúde Coletiva**, v. 14, nº 1, p. 199-204, jan./mar. 1998.

COSTA, L. **O continente das Lagens** – sua história e influência no sertão da terra firme. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

CRIPS, P. J. Veterinary education, zoonoses and public health: a personal perspective. **Acta Tropica**, v. 76, p. 77-80, 2000.

CRUZ, H. M.; ACHA, P. N. La función del médico veterinario en la salud de la comunidade en la América Latina. **Educación Médica y Salud**, v. 6, nº 3-4, p. 256-280, jul./dic. 1972.

CUTOLO, L. R. A. **Estilo de pensamento em educação médica** – um estudo do currículo do curso de graduação em medicina da UFSC. Florianópolis, 2001. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

CUTOLO, L. R. A.; DELOZOICOV, D. O currículo do curso de graduação em medicina da ufsc: análise a partir das categorias fleckianas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (1999: Valinhos). **Atas...** Valinhos: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 1999, 1 CD-ROM.

DA ROS, M. A. **Estilos de pensamento em saúde pública** – um estudo da produção da FSP-USP e ENSP-FIOCRUZ, entre 1948 e 1994, a partir da epistemologia de Ludwik Fleck. Florianópolis, 2000. 207 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

DA ROS, M. A.; DELIZOICOV, D. Estilos de pensamento em saúde pública. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (1999: Valinhos). **Atas...** Valinhos: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 1999, 1 CD-ROM.

DELIZOICOV, N. C. **O professor de ciências naturais e o livro didático** (no ensino de programas de saúde). Florianópolis, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

DELIZOICOV, N. C. **O movimento do sangue no corpo humano**. Florianópolis, 2002. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

DELIZOICOV, D.; CASTILHO, N.; CUTOLO, L. R. A.; DA ROS, M. A.; LIMA, A. Sociogênese do conhecimento e pesquisa em ensino: contribuições a partir do referencial fleckiano. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (1999: Valinhos). **Atas...** Valinhos: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 1999, 1 CD-ROM.

DELIZOICOV, D.; CASTILHO, N.; CUTOLO, L. R. A.; DA ROS, M. A.; LIMA, A. M. C. Sociogênese do conhecimento e pesquisa em ensino: contribuições a partir do referencial fleckiano. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física** v. 19, p. 52-69, jun. 2002.

DOMINGUES, J. L. Interesses humanos e paradigmas curriculares. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 67, nº 156, p. 351-366, mai./ago. 1986.

EDUCACIÓN MÉDICA Y SALUD. **Segundo seminario sobre educación en Medicina Veterinaria en la América Latina**. Washington: Oficina Sanitaria Panamericana, v. 6, nº 3-4, p. 193-451, jul./dic. 1972.

ESTADO DE SANTA CATARINA. Conselho Estadual de Educação. Comissão de Ensino Superior. **Processo nº 987/79**. Florianópolis, 27 nov. 1979.

EPAGRI. **Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.epagri.rct-sc.br>> Acesso em: 04 fev. 2002.

FLECK, L. **Genesis and development of a scientific fact**. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

FLECK, L. **La génesis y el desarrollo de un hecho científico**. Madrid: Alianza Editorial, 1986a.

FLECK, L. Some specific features of the medical way of thinking [1927]. In: COHEN, R. S.; SCHNELLE, T. (Eds.) **Cognition & Fact**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1986b, p. 39-46.

FLECK, L. On the crisis of 'reality' [1929]. In: COHEN, R. S.; SCHNELLE, T. (Eds.) **Cognition & Fact**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1986c, p. 47-57.

FLECK, L. Scientific observation and perception in general [1935]. In: COHEN, R. S.; SCHNELLE, T. (Eds.) **Cognition & Fact**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1986d, p. 59-78.

FLECK, L. The problem of epistemology [1936]. In: COHEN, R. S.; SCHNELLE, T. (Eds.) **Cognition & Fact**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1986e, p. 79-112.

FLECK, L. To look, to see, to know [1947]. In: COHEN, R. S.; SCHNELLE, T. (Eds.) **Cognition & Fact**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1986f, p. 129-151.

FOLARI, R. Algumas considerações práticas sobre interdisciplinaridade. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Orgs.) **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERMANO, P. M. Saúde pública em medicina veterinária. **Higiene Alimentar**, v. 2, nº 3, p. 116-122, 1983.

GIMENO, E. J. Comentários. **Educación Médica y Salud**, v. 6, nº 3-4, p. 251-255, jul./dic. 1972.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HARWOOD, J. Ludwik Fleck and the sociology of knowledge. **Social Studies of Science**, v. 16, p. 173-187, 1986.

HATSCHBACH, P. I. Primórdios da Escola Superior de Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco. **A Hora Veterinária**, v. 6, nº 34, p. 63, nov./dez. 1986.

HATSCHBACH, P. I. Primeiras escolas de Medicina Veterinária na Europa: séculos XVII e XIX – cronologia de fundação e extinção. **A Hora Veterinária**, v. 12, nº 69, p. 40, set./out. 1992.

HATSCHBACH, P. I. Dionísio Meilli: Primeiro médico veterinário diplomado no Brasil. **A Hora Veterinária**, v. 12, nº 72, p. 34, mar./abr. 1993.

HATSCHBACH, P. I. A Escola de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte: 1914-1943. **A Hora Veterinária**, v. 15, nº 85, p. 37, mai./jun. 1995.

HATSCHBACH, P. I. Medicina Veterinária: da mitologia ao Prêmio Nobel. **A Hora Veterinária**, v. 19, nº 111, p. 30-33, set./out. 1999a.

HATSCHBACH, P. I. “École Nationale Vétérinaire de Lyon” – berço da Medicina Veterinária mundial. **A Hora Veterinária**, v. 18, nº 108, p. 36, mar./abr. 1999b.

HATSCHBACH, P. I. Claude Bourgelat (1712-1799) e o XXVI Congresso Mundial de Veterinária: Lyon/França: 1762-1999. **A Hora Veterinária**, v. 18, nº 107, p. 72, jan./fev. 1999c.

HEATH, T. J.; LANYON, A.; LYNCH-BLOSSE, M. A longitudinal study of veterinary students and recent graduates – 3. Perceptions of veterinary education. **Aust. Vet. J.**, v. 74, nº 4, p. 301-303, Oct. 1996.

HEATH, T. J. Longitudinal study of career plans and directions of veterinary students and recent graduates during the first five years after graduation. **Aust. Vet. J.**, v. 76, nº 3, p. 181-186, March. 1998.

HEIZEN, J. L.; RABELO, M. A. **Conheça a UDESC**. Florianópolis: UDESC, 1994, v. 1: para o aluno.

HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Manual de avaliação do curso de Medicina Veterinária**. Brasília: Ministério da Educação, 2002. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/condicoesdeensino/manuais.htm>> Acesso em: 24 jun. 2002.

KOIFMAN, L. O modelo biomédico e a reformulação do currículo médico da Universidade Federal Fluminense. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 8, nº 1, p. 48-70, mar./jun. 2001.

KUHN, T. Foreword. In: FLECK, L. **Genesis and development of a scientific fact**. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LARSSON, C. E.; D'ANGELINO, J. L.; LARSSON JR., C. E. Perfil e anseios dos ingressantes no curso de Medicina Veterinária da FMVZ/USP no ano de 1990. In: CONFERÊNCIA ANUAL DA SOCIEDADE PAULISTA DE MEDICINA VETERINÁRIA, 45, 1990, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FMVZ/USP, 1990, p. 217.

LIMA, A. M. C. Estilos de pensamento em atenção primária à saúde. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (1999: Valinhos). **Atas...** Valinhos: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 1999, ! CD_ROM.

LIMA, L. C. **A formação de professores de ciências**: uma abordagem epistemológica. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

LIMA JR, A. D. O ensino de saúde pública em Medicina Veterinária – sugestões para um debate sobre a formação profissional do médico veterinário que irá atuar nos serviços de saúde coletiva. **Revista CFMV**, v. 7, nº 22, p. 59-64, jan./fev./mar./abr. 2001.

LINDENMANN, J. Siegel, Schaudin, Fleck and the etiology of syphilis. **Studies in History and Philosophy of Science** – Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences, v. 32, nº 3, p. 435-455, Sep. 2001.

LÖWY, I. **The polish school of philosophy of medicine** – from Tytus Chalubinski (1820-1889) to Ludwik Fleck (1896-1961). Dordrecht Academic Publishers, 1990.

LÖWY, I. Ludwik Fleck e a presente história das ciências. **História, Ciência, Saúde**. Mangueiras, v. 1, nº 1, p. 7-18, jul./out. 1994a.

LÖWY, I. Fleck e a historiografia recente da pesquisa biomédica. In: PORTOCARRERO, V. (Org.) **Filosofia, história e sociologia das ciências**: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994b.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MASTERMAN, M. A. A natureza do paradigma. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1979.

MATOS, A. M. **Universidade do Estado de Santa Catarina** – UDESC presente. Florianópolis: UDESC, 1991.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº CE/CES 583/2001, de 04 abr. 2001. **Orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne/ftp/ces/CES0583.doc>> Acesso em: 17 jun. 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº CNE/CES 775/97 de 03 dez. 1997. **Orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne/ftp/ces/CES0776.doc>> Acesso em: 12 jun. 2002.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO. **CBO** – Classificação Brasileira de Ocupação. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br>> Acesso em: 05 ago. 2003.

MOHR, A. **A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências**. Florianópolis, 2002. 409 f. (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

MOLES, A. A. **As ciências do impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MOREIRA, A. F. B. Estudos de currículo no Brasil: abordagens históricas. In: PACHECO, J. A.; MORGADO, J. C.; VIANA, I. C. (Orgs.) **Políticas curriculares**: caminhos da flexibilização e integração. Atas do IV Colóquio sobre Questões Curriculares. Centro de Investigação em Educação. Universidade do Minho, 2002.

NIELSEN, N. Reshaping the veterinary medical profession for the next century. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v. 20, nº 9, p. 1272-1274, May, 1997.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Grupo consultivo sobre veterinaria de salud publica. Informe Técnico nº 111, Geneva: WHO, 1957.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **A competency-based curriculum for veterinary public health and preventive medicine**. Publicación Científica nº 313. Washington: PAHO/WHO, 1975.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. Informe del comité del programa de libros de texto de la OPS para enseñanza de la medicina veterinaria. **Educación Médica y Salud**, v. 5, nº 2, p. 176-184, 1981.

OSBURN, B I. Emerging diseases with a worldwide impact and the consequences for veterinary curricula. **The Veterinary Quarterly**, v. 18, nº 3, p. 124-126, Oct. 1996.

OTTMANN, G.; BIOLATTO, R.; CARRARA, D.; ROSENSTEIN, S. Las percepciones dominantes de productores y veterinários. Un estudio del campo profesional. In: CONGRESSO ESTADUAL DE MEDICINA VETERINÁRIA, 14, 1999, Gramado, RS. **Anais...** Porto Alegre: SOVERGS, 1999, p. 67.

PALERMO-NETO, J. "Winds of change". Some directions for veterinary medical education as it moves toward the 21st century. **Ciência e cultura**, v. 47, nº 1-2, p. 10-12, jan./abr. 1995.

PFUETZENREITER, M. R. A ruptura entre o conhecimento popular e o científico em saúde. **Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 3, nº 2, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.coltec.ufmg.br/~ensaio/portugues/indice/v03n2/htpm03n2.htm>> Acesso em: 06 ago. 2002.

PFUETZENREITER, M. R. A epistemologia de Ludwik Fleck como referencial para a pesquisa no ensino na área da saúde. **Ciência & Educação**, v. 8, nº 2, p. 147-159, 2002.

PFUETZENREITER, M. R. A epistemologia de Ludwik Fleck como referencial para a pesquisa nas ciências aplicadas. **Episteme**, nº 16, jan./jul. 2003. No prelo.

PFUETZENREITER, M. R.; CUSTÓDIO F. J. F.; KOEPESEL, R. Concepções sobre o conceito de saúde e doença por estudantes de saúde pública. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE CIENCIAS, 3, 2001, Atibaia. **Atas...** Porto Alegre: [s. n.], 2001, 1 CD-ROM.

PFUETZENREITER, M. R.; ZYLBERSZTAJN, A. Evolução dos currículos nos cursos de Medicina Veterinária e o ensino de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública. **Educação Agrícola Superior**, v. 20, nº 1, 2002.

POWNEY, J.; WATTS, M. **Interviewing in educational research**. London: Rotledge & Kegan Paul, 1987.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

RISTA, A.; BASTOS SANTOS, E.; CABALLERO, E.; ROVIRA, M. T.; OHI, M. **Reuniões de diretores de escolas de ciências veterinárias do MERCOSUL: 1993-1998**. Associação de Faculdades e Escolas de Ciências Veterinárias do Mercosul, 1998.

RISTA, A.; BASTOS SANTOS, E. **Reuniões da Associação de Faculdades e Escolas de Ciências Veterinárias do MERCOSUL: 1999-2001**. Associação de Faculdades e Escolas de Ciências Veterinárias do MERCOSUL, 2001.

RITTER, W.; SORRENSON, W.J. Produção de bovinos no Planalto de Santa Catarina, Brasil. Eschborn: GTZ, 1985.

ROSEN, G. **Uma história da saúde pública**. São Paulo: Hucitec, 1994.

ROSENBERG, F. J.; OLASCOAGA, R. C. Ciencias veterinarias y sociedad: reflexiones sobre el paradigma profesional. **Educación Médica y Salud**, v. 25, nº 3, p. 333-354, jul./sep., 1991.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SCHÄFER, L.; SCHNELLE, T. Introducción – Los fundamentos de la visión sociológica de Ludwik Fleck de la teoría de la ciencia. In: **La génesis y el desarrollo de un hecho científico**. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

SCHWABE, C. W. **Veterinary medicine and human health**. 3. ed. Baltimore: Williams & Wilkins, 1984.

SILVA, J. C. P. Avaliação dos cursos de Medicina Veterinária no Brasil. In: SEMINÁRIO PREPARATÓRIO PARA O EXAME NACIONAL DE SUFICIÊNCIA, 1, 2001, Brasília. **Anais...** Brasília: Conselho Federal de Medicina Veterinária, 2001, p. 83-103.

SILVA, P. R. A formação do profissional de nível superior na área das ciências agrárias – proposta de currículo mínimo. In: SEMINÁRIO SOBRE REVISÃO DE CURRÍCULOS DO ENSINO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS NA AMÉRICA LATINA, 1982, Viçosa. **Anais...** Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1982, p. 82-107.

SEMINÁRIO NACIONAL DO ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA, 5, 1996, Canela. **Anais...** Brasília: Conselho Federal de Medicina Veterinária, 1996, 227 p.

SEMINÁRIO NACIONAL DO ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA, 6, 1997, Olinda. **Anais...** Brasília: Conselho Federal de Medicina Veterinária, 1997, 108 p.

STEELE, J. H. International and world developments in veterinary public health with a comment on historical developments. **Int. J. Zoon.** v. 6, nº 1, p. 1-32, Jun. 1979.

STÖHR, K. MESLIN, F. X. The role of veterinary public health in the prevention of zoonoses. **Arch. Virol.** v. 13, suppl. 1, p. 207-218, 1997.

TEIXEIRA, A. **Educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

TELLECHEA, D. M.; DEGREGORIO, O. J.; HEVIA, I.; FRANCO, A. J. Caracterización del profesional veterinario egresado de la Universidad de Buenos Aires, Argentina. In: CONGRESSO ESTADUAL DE MEDICINA VETERINÁRIA, 14, 1999, Gramado, RS. **Anais...** Porto Alegre: SOVERGS, 1999, p. 65.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Históricos escolares digitalizados do original** – Medicina Veterinária: 1/1973-1/1992; Agronomia: 1/1980-1/1992, 1999, 1 CD-ROM.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Centro de Ciências Agroveterinárias. Conselho de Centro, Lages. **Ata da reunião realizada no dia 10 out. 1990**.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Pró-Reitoria de Ensino. **Grades curriculares e ementário das disciplinas** – Centro de Ciências Agroveterinárias. Lages, 2000.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão** – CONSEPE – Resoluções. Disponível em: <<http://www.secon.udesc.br>> Acesso em: 10 dez. 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Escola de Medicina Veterinária**. Disponível em: <<http://www.medicinaveterinaria.ufba.br>> Acesso em: 22 jan. 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Escola de Veterinária**. Disponível em: <http://www.ufmg.br/prograd/cursos/2600/2600_c.htm> Acesso em: 01 fev. 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Faculdade de Veterinária**. Disponível em: <http://www.uff.br/MTA/fac_veterinaria.htm> Acesso em: 23 jan. 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Curso de Medicina Veterinária**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br>> Acesso em: 30 jan. 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Medicina Veterinária**. Disponível em: <<http://www.prograd.ufpr.br/catalogo/cursos/cmedvet.htm>> Acesso em: 04 fev. 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Medicina Veterinária**. Disponível em: <<http://www.ufrpe.br>> Acesso em: 01 fev. 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. **Medicina Veterinária**. Disponível em: <<http://www.ufrj.br>> Acesso em: 02 fev. 2003.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia**. Disponível em: <<http://www.fmvz.usp.br>> Acesso em: 30 jan. 2003.

VAZ, A., K.; MORAES, A. N.; BARCOS, F. A.; GOMES, I. P.; PFUETZENREITER, M. R.; BÜRGER, P. J. **Projeto pedagógico do curso de Medicina Veterinária**. Lages: CAV/UDESC, 1998.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIANNA PAIM, G.; CAVALCANTE DE QUEIROZ, J. Uma definição para saúde pública veterinária. **Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana**, v. 69, nº 2, p. 166-168, Ago. 1970.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Joint WHO/FAO Expert Group on Zoonoses** – Report on the First Session. Technical Report Series nº 40, Geneva, 1951.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Joint WHO/FAO Expert Committee on Zoonoses** – Second Report. Technical Report Series nº 169, Geneva, 1959.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The veterinary contribution to public health practice**. Report of a joint FAO/WHO Expert Committee on Veterinary Public Health. Technical Report Series nº 573, Geneva, 1975.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Qualitative research methods**: teaching materials from TDR workshop. Kikwawila Study Group. Social and Economic Research in Tropical Diseases. Resource Paper nº 3. WHO, 1994.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Future trends in veterinary public health**. Report of a WHO Study Group. WHO Technical Report Series nº 907, Geneva, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1	– ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM CALOUROS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA.....	377
ANEXO 2	– ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM FORMANDOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA.....	378
ANEXO 3	– ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROFESSORES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA.....	380
ANEXO 4	– ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM MÉDICOS VETERINÁRIOS.....	381
ANEXO 5	– GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFBA – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS.....	383
ANEXO 6	– GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFF – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS.....	384
ANEXO 7	– GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFMG – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS.....	386
ANEXO 8	– GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFPR – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS.....	388
ANEXO 9	– GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRGS – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS...	390
ANEXO 10	– GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRPE – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS....	392
ANEXO 11	– GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRRJ – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS....	394
ANEXO 12	– GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA USP – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS.....	396
ANEXO 13	– DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – 1973.....	398
ANEXO 14	– DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO CEE 49/80) – 1980.....	400
ANEXO 15	– DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 020/84 - CONSEPE) – 1984.....	402
ANEXO 16	– DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 047/86 - CONSEPE) – 1986.....	404
ANEXO 17	– DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 105/92 - CONSEPE) – 1992.....	406
ANEXO 18	– DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 025/94 - CONSEPE) – 1994.....	408
ANEXO 19	– DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 030/98 - CONSEPE) – 1998.....	410

ANEXO 20	– DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 030/99 - CONSEPE) – 1999.....	412
ANEXO 21	– TABELAS ORIGINADAS DAS ANÁLISES DAS ENTREVISTAS.....	414
ANEXO 22	– PROVAS DE REDAÇÃO DO VESTIBULAR VOCACIONADO UDESC PARA O CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA.....	455
ANEXO 23	– OFÍCIO CIRCULAR 019/96 – CMV.....	457

ANEXO 1

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM CALOUROS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Código: C...

1. Qual sua idade?
2. De onde você vem?
3. Qual a profissão do seu pai?
4. Qual a profissão da sua mãe?
5. Já prestou vestibular para outros cursos além de medicina veterinária?
6. Por que escolheu prestar vestibular para medicina veterinária?
7. Desde quando apresentou interesse pela medicina veterinária? O que despertou este interesse?
8. Você já fez estágio ou trabalhou em alguma atividade relacionada à medicina veterinária? Qual área? Onde foi? Por quanto tempo?
9. Que disciplinas ou temas você acha que mais vai gostar de estudar durante o curso?
10. Das notícias relacionadas com a medicina veterinária que vêm sendo veiculadas pela imprensa (TV, jornal, rádio), o que mais lhe chama a atenção?
11. Você considera que o médico veterinário é um profissional da área das ciências agrárias ou da área de ciências biológicas, médicas e da saúde?
12. Que atividades dentro da medicina veterinária você acha mais interessantes?
13. Em que área ou áreas você pretende fazer estágio ou acompanhar durante o curso?
14. Que área ou áreas você pretende se especializar quando se formar?
15. Que outras atividades você acha que o médico veterinário pode desempenhar em sua profissão?
16. Você conhece as oportunidades de trabalho para o médico veterinário?
17. Que áreas você julga mais promissoras e que oferecem melhores oportunidades de trabalho para o médico veterinário atualmente?
18. Você acha que o médico veterinário pode trabalhar em saúde pública?
19. Dentro da saúde pública, que atividades o médico veterinário pode desempenhar?
20. Você acha importante o médico veterinário atuar em saúde pública?
21. Você trabalharia em saúde pública?
22. Você gostaria de comentar algum assunto que não foi abordado durante a entrevista ou se aprofundar mais em algum tema?

ANEXO 2

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM FORMANDOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Código: F...

- 1 Qual sua idade?
- 2 De onde você vem?
- 3 Qual a profissão do seu pai?
- 4 Qual a profissão da sua mãe?
- 5 Que disciplinas você mais gostou de estudar durante o curso? O que mais lhe chamou a atenção nesta (s) disciplina (s) para que você manifestasse esta (s) preferência (s)?
- 6 Que atividades dentro da medicina veterinária você acha mais interessantes?
- 7 Em que área (s) você fez estágio ou acompanhou durante o curso?
- 8 Em que área (s) você cursará o estágio obrigatório? Qual o motivo desta escolha?
- 9 Que área você pretende se especializar quando se formar?
- 10 Desde que você entrou no curso, houve alguma mudança na sua maneira de ver a profissão?
- 11 De maneira geral, desde que você iniciou o curso, que áreas foram mais enfatizadas?
- 12 Durante o curso houve conhecimentos que receberam um aprofundamento excessivo e que poderiam ser menos enfatizados? Quais?
- 13 Durante o curso, você acredita que há conhecimentos que não foram abordados ou poderiam ter sido mais aprofundados, mas que você julga que seriam importantes para a sua formação profissional? Quais?
- 14 Você acha que o curso lhe forneceu uma base suficiente para você competir no mercado de trabalho?
- 15 Você considera que o médico veterinário é um profissional da área das ciências agrárias ou da área de ciências biológicas e da saúde? Por quê?
- 16 Que áreas você julga mais promissoras e que oferecem melhores oportunidades de trabalho para o médico veterinário?
- 17 Qual sua opinião sobre o trabalho do médico veterinário em saúde pública? Você acha importante o médico veterinário atuar em saúde pública? Por quê?
- 18 Haveria alguma atividade do médico veterinário dentro da saúde pública que você pudesse considerar interessante? Qual? Por quê? Dentro da saúde pública, que outras atividades o médico veterinário pode desempenhar?
- 19 Você trabalharia em saúde pública? Por quê?
- 20 Você acha que a saúde pública foi enfatizada de maneira adequada durante o curso?
- 21 O curso forneceu base suficiente para que os alunos possam atuar na área de saúde pública de maneira satisfatória depois de formados?

- 22 Você teria alguma sugestão com relação à forma como este tema é tratado tanto com relação ao curso de maneira geral, como em relação à disciplina?
- 23 Você gostaria de comentar algum assunto que não foi abordado durante a entrevista?

ANEXO 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROFESSORES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Código: P...

1. Você desempenha ou desempenhou outra atividade além do ensino dentro da medicina veterinária? Qual? Quando ocorreu?
2. Você acha que o curso de medicina veterinária do CAV fornece uma base suficiente para os alunos egressos competirem no mercado de trabalho? Por quê?
3. Durante o curso, você acredita que há conhecimentos que não foram abordados ou poderiam ter sido mais aprofundados, mas que você julga que seriam importantes para a formação profissional dos alunos? Quais?
4. Durante o curso houve conhecimentos que receberam um aprofundamento excessivo e que poderiam ser menos enfatizados? Quais?
5. Nós poderíamos dizer que a medicina veterinária é composta por grandes áreas ou subdivisões ou campos de atuação? Como você caracterizaria cada uma destas áreas que compõem a medicina veterinária? Qual destas áreas mais se destaca na profissão?
6. Você considera que o médico veterinário é um profissional da área das ciências agrárias ou da área de ciências biológicas, médicas e da saúde?
7. Que áreas você julga mais promissoras e que oferecem melhores oportunidades de trabalho para o médico veterinário na atualidade?
8. Que tipo de conhecimentos você julga importantes que o médico veterinário tenha de uma maneira geral?
9. Em sua disciplina, especificamente, que conhecimentos são importantes para a atuação do profissional?
10. Na sua disciplina são utilizados conhecimentos em saúde pública? Que tipo de conhecimentos? (especificar)
11. Caso positivo, você costuma abordar estes aspectos? Em que grau de profundidade?
12. Você acha que a saúde pública foi enfatizada de maneira adequada durante o curso?
13. Você acha importante o médico veterinário atuar em saúde pública? Por quê?
14. O curso forneceu conhecimentos suficientes na área de saúde pública para a atuação profissional do aluno egresso de maneira geral? Se houve falta ou excesso de conteúdo no curso, especificar.
15. Você teria alguma sugestão com relação à forma como este tema é tratado tanto com relação ao curso de maneira geral, como em relação à disciplina de saúde pública especificamente?
16. Você gostaria de comentar algum assunto que não foi abordado durante a entrevista?

ANEXO 4

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM MÉDICOS VETERINÁRIOS

Código: V...

1. Em qual instituição você foi diplomado e em que ano?
2. Você cursou pós-graduação? Em caso positivo em que área e em que ano?
3. Qual sua área de atuação? Se não está atuando na Medicina Veterinária, qual o motivo?
4. De maneira geral, quando você cursou medicina veterinária, que áreas foram mais enfatizadas?
5. Você acha que o curso de medicina veterinária que você fez lhe forneceu uma base suficiente para você competir no mercado de trabalho? Por quê?
6. E hoje os veterinários que você vê saindo dos cursos, você acha que os cursos de veterinária preparam bem estes profissionais?
7. Durante seu curso houve conhecimentos que não foram abordados ou poderiam ter sido mais aprofundados, mas que você julga que seriam importantes para sua formação profissional? Quais?
8. Durante seu curso houve conhecimentos que receberam um aprofundamento excessivo e que poderiam ser menos enfatizados? Quais?
9. Na sua opinião a medicina veterinária poderia ser constituída por grandes áreas ou subdivisões ou campos de atuação? Como você caracterizaria cada uma destas áreas que compõem a medicina veterinária? Qual delas se destaca na profissão?
10. Você considera que o médico veterinário é um profissional da área das ciências agrárias ou da área de ciências biológicas, médicas e da saúde?
11. Que áreas você julga mais promissoras e que oferecem melhores oportunidades de trabalho para o médico veterinário na atualidade?
12. Que tipo de conhecimentos você julga importantes que o médico veterinário tenha de uma maneira geral?
13. Em sua área de atuação, especificamente, que conhecimentos são importantes para a atuação do profissional?
14. Na sua área de atuação são utilizados conhecimentos em saúde pública? Que tipo de conhecimentos? (especificar)
15. Você acha que a saúde pública foi enfatizada de maneira adequada durante seu curso?
16. Você acha importante o médico veterinário atuar em saúde pública? Por quê?
17. Dentro da saúde pública, que atividades você acredita que o médico veterinário pode desempenhar?
18. Quando você se formou o curso forneceu conhecimentos suficientes na área de saúde pública para a atuação profissional do veterinário de maneira geral? Se houve falta ou excesso de conteúdo no curso, especificar.
19. O curso fornece base suficiente na área de saúde pública para que os profissionais que se formam atualmente possam atuar de maneira satisfatória na profissão de maneira geral? Se houve falta ou excesso de conteúdo no curso, especificar.

20. Você teria alguma sugestão com relação à forma como este tema é tratado tanto com relação ao curso de maneira geral, como em relação à (s) disciplina (s) de saúde pública especificamente nos cursos de medicina veterinária?
21. Você gostaria de comentar algum assunto que não foi abordado durante a entrevista?

ANEXO 5

GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFBA – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

PERÍODO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
1º Semestre	Biologia Celular e Molecular	75
1º Semestre	Biofísica II	60
1º Semestre	Microbiologia I	60
1º Semestre	Bioquímica Veterinária I	75
1º Semestre	Anatomia dos Animais Domésticos I	90
2º Semestre	Sociologia Rural	45
2º Semestre	Histologia e Embriologia dos Animais Domésticos	60
2º Semestre	Bioquímica Veterinária II	75
2º Semestre	Estatística IV	75
2º Semestre	Anatomia dos Animais Domésticos II	90
3º Semestre	Economia Rural	45
3º Semestre	Parasitologia Veterinária	60
3º Semestre	Fisiologia dos Animais Domésticos	90
3º Semestre	Microbiologia Veterinária	75
3º Semestre	Introdução à Zootecnia	45
3º Semestre	Genética e Melhoramento Animal	60
4º Semestre	Farmacologia II	60
4º Semestre	Nutrição Animal	90
4º Semestre	Agrostologia	75
4º Semestre	Bioclimatologia e Preservação Ambiental	45
4º Semestre	Patologia Animal I	60
4º Semestre	Epidemiologia e Administração Sanitária	60
5º Semestre	Bovinocultura	60
5º Semestre	Métodos de Pesquisa em Produção Animal	45
5º Semestre	Propedêutica e Patologia Clínica II	90
5º Semestre	Fisiopatologia da Reprodução	60
5º Semestre	Patologia Animal II	90
5º Semestre	Toxicologia Veterinária	60
5º Semestre	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	60
6º Semestre	Avicultura e Suinocultura	75
6º Semestre	Extensão Rural	60
6º Semestre	Inspeção e Tecnologia de Leite e Derivados	90
6º Semestre	Inspeção e Tecnologia de Carne e Derivados	90
7º Semestre	Doenças Infecciosas II	75
7º Semestre	Doenças Parasitárias II	75
7º Semestre	Deontologia e Legislação	45
7º Semestre	Administração Rural	60
7º Semestre	Clínica Médica Veterinária I	90
7º Semestre	Clínica Médica Veterinária II	90
8º Semestre	Técnica Cirúrgica e Obstetrícia	120
8º Semestre	Doenças das Aves	60
TOTAL		2865

FONTE: Universidade Federal da Bahia, Escola de Medicina Veterinária – Coordenação de Curso. O currículo é aquele praticado em 2002 e está disponível na *internet* (Universidade Federal da Bahia, 2003).

ANEXO 6

GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFF – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

PERÍODO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
1º Período	Anatomia dos Animais Domésticos I	150
1º Período	Histologia IV	150
1º Período	Citologia I	45
1º Período	Elementos de Química Analítica	60
1º Período	Elementos de Química Analítica Experimental	60
2º Período	Anatomia dos Animais Domésticos II	135
2º Período	Biofísica II	120
2º Período	Bioquímica I	120
2º Período	Imunologia III	60
2º Período	Introdução à Biostatística	45
3º Período	Bioestatística I	30
3º Período	Fisiologia V	180
3º Período	Farmacologia II	120
3º Período	Anatomia dos Animais Domésticos III	60
3º Período	Embriologia III	45
3º Período	Deontologia e Legislação Médico Veterinário	30
3º Período	Informática para Ciências da Saúde	60
3º Período	Sociologia das Sociedades Agrárias	30
4º Período	Patologia Geral I	30
4º Período	Parasitologia V	90
4º Período	Bacteriologia III	90
4º Período	Virologia III	60
4º Período	Micologia IV	60
4º Período	Genética Animal	30
5º Período	Genética e Melhoramento Animal	60
5º Período	Toxicologia Veterinária e Plantas Tóxicas	30
5º Período	Ezoognózia	60
5º Período	Nutrição e Alimentação Animal	60
5º Período	Zootecnia Especial	135
5º Período	Ecologia Animal	45
5º Período	Forragicultura	60
6º Período	Clínica Médica de Pequenos Animais	45
6º Período	Semiologia Veterinária	60
6º Período	Radiologia Veterinária	45
6º Período	Laboratório Clínico Veterinário I	60
6º Período	Anatomia Patológica Veterinária I	75
6º Período	Administração Rural	45
6º Período	Extensão Rural	30
6º Período	Economia Rural	30
6º Período	Aqüicultura e Pesca	45
7º Período	Clínica Médica de Pequenos Animais II	60
7º Período	Técnica Cirúrgica e Anestesiologia Veterinária	60
7º Período	Doenças Infecciosas dos Animais Domésticos	105
7º Período	Laboratório Clínico Veterinário II	60
7º Período	Doenças Parasitárias de Animais Domésticos	90

7º Período	Anatomia Patológica Veterinária II	75
8º Período	Ornitopatologia	60
8º Período	Zoonoses	30
8º Período	Fisiopatologia da Reprodução I	75
8º Período	Fisiopatologia da Reprodução II	90
8º Período	Patologia e Clínica Cirúrgica Veterinária	105
8º Período	Clínica Médica de Grandes Animais	105
9º Período	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	60
9º Período	Inspeção Sanitária de Produtos de Origem Animal	90
9º Período	Controle Microbiológico de Produtos de Origem Animal	60
9º Período	Tecnologia de Carnes e Derivados	60
9º Período	Tecnologia de Leite e Produtos Lácteos	60
9º Período	Tecnologia de Aves, Coelhos, Ovos, Mel, Cera de Abelhas e Derivados	30
9º Período	Tecnologia de Pescados e Derivados	45
9º Período	Controle Químico de Produtos de Origem Animal	45
<i>TOTAL</i>		4110

FONTE: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Veterinária – Coordenação de Curso. O currículo é de 1999 e está disponível na *internet* (Universidade Federal Fluminense, 2003).

ANEXO 7

GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFMG – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

PERÍODO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
1º Período	Ecologia Geral	45
1º Período	Genética e Evolução	60
1º Período	Bioquímica Celular	90
1º Período	Educação Física A	30
1º Período	Introdução à Bioestatística	60
1º Período	Biofísica	45
1º Período	Citologia e Histologia Geral	75
2º Período	Imunologia Básica	45
2º Período	Anatomia dos Animais Domésticos	225
2º Período	Embriologia Geral	30
2º Período	Histologia Especial Veterinária	90
3º Período	Fisiologia Veterinária	150
3º Período	Microbiologia Veterinária	105
3º Período	Patologia Geral I	60
3º Período	Parasitologia Veterinária	105
4º Período	Química Fisiológica Veterinária	60
4º Período	Patologia Veterinária	165
4º Período	Economia Rural	45
4º Período	Farmacologia Veterinária	90
4º Período	Normalização Bibliográfica	15
4º Período	Introdução à Zootecnia	60
5º Período	Semiologia Veterinária	90
5º Período	Patologia Clínica	45
5º Período	Terapêutica Veterinária	60
5º Período	Epidemiologia	60
5º Período	Sociologia e Antropologia	30
5º Período	Nutrição Animal	75
5º Período	Melhoramento Animal	60
6º Período	Técnica Cirúrgica e Anestesiologia Veterinárias	75
6º Período	Doenças Bacterianas	90
6º Período	Doenças por Vírus, Clamídias e Micoplasmas	90
6º Período	Doenças Parasitárias e Micóticas	60
6º Período	Forragicultura	45
6º Período	Extensão Rural	45
7º Período	Administração Rural	45
7º Período	Patologia e Clínica Cirúrgica Veterinárias	75
7º Período	Radiodiagnóstico	45
7º Período	Clínica de Caninos e Felinos	60
7º Período	Saneamento	45
7º Período	Tecnologia de Leite e Produtos Derivados	60
7º Período	Suinocultura	45
8º Período	Clínica de Ruminantes I	60
8º Período	Toxicologia e Plantas Tóxicas	45
8º Período	Inspeção de Leite e Produtos Derivados	60
8º Período	Inspeção de Carnes e Produtos Derivados	90

8º Período	Avicultura	45
8º Período	Bovinocultura de Leite	45
9º Período	Clínica de Ruminantes II	60
9º Período	Fisiopatologia da Reprodução das Fêmeas e Inseminação Artificial	75
9º Período	Doenças das Aves	60
9º Período	Tecnologia de Carnes e Produtos Derivados	90
9º Período	Inspeção de Aves, Ovos, Pescado, Mel	30
9º Período	Bovinocultura de Corte	45
10º Período	Deontologia e Medicina Veterinária Legal	30
10º Período	Obstetrícia Veterinária	60
10º Período	Fisiopatologia da Reprodução do Macho e Tecnologia de Sêmen	60
10º Período	Clínica de Eqüídeos	60
10º Período	Planificação em Saúde Animal	45
<i>TOTAL</i>		3780

FONTE: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Veterinária – Coordenação de Curso. O currículo está disponível na *internet* e a página foi atualizada em 2000 (Universidade Federal da Bahia, 2003).

ANEXO 8

GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFPR – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

PERÍODO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
1º Ano	Anatomia Veterinária A	180
1º Ano	Biologia Celular, Embriologia e Histologia Veterinária	210
1º Ano	Bioquímica e Biofísica Veterinária	180
1º Ano	Genética Animal	90
1º Ano	Bioestatística (1º semestre)	60
1º Ano	Ciências do Ambiente (2º semestre)	45
1º Ano	Introdução à Medicina Veterinária (1º semestre)	15
2º Ano	Fisiologia Veterinária	150
2º Ano	Microbiologia Veterinária	150
2º Ano	Parasitologia Veterinária	90
2º Ano	Imunologia Básica (1º semestre)	15
2º Ano	Imunologia Veterinária (2º semestre)	45
2º Ano	Nutrição Animal (1º semestre)	60
2º Ano	Zootecnia Geral (1º semestre)	60
2º Ano	Anatomia Topográfica (2º semestre)	45
2º Ano	Semiologia Geral Veterinária (1º semestre)	60
2º Ano	Farmacologia Veterinária	150
3º Ano	Patologia Veterinária A	150
3º Ano	Técnica Cirúrgica Veterinária	120
3º Ano	Doenças Infecciosas dos Animais Domésticos (2º semestre)	60
3º Ano	Doenças Parasitárias dos Animais Silvestres (1º semestre)	60
3º Ano	Patologia Clínica Veterinária (2º semestre)	60
3º Ano	Epidemiologia Veterinária (1º semestre)	60
3º Ano	Vigilância Sanitária e Higiene de Alimentos (2º semestre)	60
3º Ano	Forragicultura II (1º semestre)	60
3º Ano	Bovinocultura de Corte (1º semestre)	60
3º Ano	Bovinocultura de Leite (1º semestre)	60
3º Ano	Suinocultura (1º semestre)	60
3º Ano	Avicultura (2º semestre)	60
3º Ano	Economia Rural (2º semestre)	45
4º Ano	Anestesiologia Veterinária (1º semestre)	60
4º Ano	Fisiopatologia da Reprodução Animal (1º semestre)	45
4º Ano	Biotechnology da Reprodução Animal (2º semestre)	45
4º Ano	Diagnóstico por Imagens em Medicina Veterinária (1º semestre)	60
4º Ano	Clínica Médica de Pequenos Animais	120
4º Ano	Clínica Médica de Equídeos (2º semestre)	60
4º Ano	Clínica Médica de Ruminantes (1º semestre)	60
4º Ano	Obstetrícia Veterinária (2º semestre)	60
4º Ano	Tecnologia de Produtos de Origem Animal	120
4º Ano	Doenças das Aves Domésticas (2º semestre)	60
4º Ano	Doenças dos Suínos (2º semestre)	45
4º Ano	Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais (1º semestre)	60
4º Ano	Clínica Cirúrgica de Grandes Animais (2º semestre)	45
4º Ano	Melhoramento Animal (1º semestre)	60
5º Ano	Inspeção dos Produtos de Origem Animal (1º semestre)	120

5º Ano	Toxicologia Veterinária e Plantas Tóxicas (1º semestre)	60
5º Ano	Extensão Rural (1º semestre)	45
5º Ano	Planejamento e Administração Rural (1º semestre)	45
5º Ano	Saneamento Ambiental e Desenvolvimento Sustentável (1º semestre)	30
5º Ano	Deontologia Veterinária e Sociologia (1º semestre)	15
5º Ano	Zoonoses (1º semestre)	60
<i>TOTAL</i>		3.795

FONTE: Universidade Federal do Paraná, Curso de Medicina Veterinária, Secretaria do Curso. O currículo é de 2002 (Resolução nº 25/02 – CEPE, UFPR) e está disponível na *internet* (Universidade Federal do Paraná, 2003).

ANEXO 9

GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRGS – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

PERÍODO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
Etapa 1	Bioquímica Aplicada à Veterinária	120
Etapa 1	Anatomia dos Animais Domésticos I	120
Etapa 1	Biofísica Veterinária	90
Etapa 1	Introdução à Informática	60
Etapa 1	Introdução à Medicina Veterinária	30
Etapa 2	Anatomia dos Animais Domésticos II	120
Etapa 2	Histologia Veterinária Geral e Embriologia	90
Etapa 2	Introdução à Teoria Econômica	60
Etapa 2	Métodos Estatísticos V	60
Etapa 2	Ecologia Aplicada à Veterinária	30
Etapa 3	Introdução à Zootecnia	30
Etapa 3	Fisiologia Veterinária I	90
Etapa 3	Histologia Veterinária Especial	90
Etapa 3	Microbiologia Veterinária Geral	75
Etapa 3	Parasitologia Veterinária	90
Etapa 3	Genética Veterinária	75
Etapa 4	Bioclimatologia e Etologia	30
Etapa 4	Melhoramento Animal	45
Etapa 4	Fisiologia Veterinária II	90
Etapa 4	Sociologia Rural – Veterinária	60
Etapa 4	Medicina Veterinária Preventiva	90
Etapa 4	Imunologia Veterinária	60
Etapa 5	Nutrição Animal	45
Etapa 5	Farmacologia Veterinária I	60
Etapa 5	Bioquímica e Hematologia Clínica	90
Etapa 5	Microbiologia Clínica	90
Etapa 5	Parasitologia Clínica	75
Etapa 5	Patologia Geral Veterinária	90
Etapa 6	Alimentos e Alimentação dos Animais	45
Etapa 6	Semiologia Veterinária	120
Etapa 6	Técnica Cirúrgica	120
Etapa 6	Patologia Veterinária Especial	135
Etapa 6	Inseminação Artificial	60
Etapa 7	Produção e Manejo de Equinos	30
Etapa 7	Farmacologia Veterinária II	90
Etapa 7	Medicina de Equídeos	120
Etapa 7	Medicina de Cães e Gatos	180
Etapa 7	Criação de Cães e Gatos	30
Etapa 7	Toxicologia Veterinária	75
Etapa 8	Produção e Manejo de Bovinos de Corte	45
Etapa 8	Produção e Manejo de Bovinos de Leite	45
Etapa 8	Produção e Manejo de Ovinos	45
Etapa 8	Produção e Manejo de Caprinos	30
Etapa 8	Forrageiras	60
Etapa 8	Medicina de Pequenos Ruminantes	75

Etapa 8	Medicina de Grandes Ruminantes	105
Etapa 8	Inspeção e Tecnologia de Leite e Derivados, Ovos e Mel	120
Etapa 9	Produção e Manejo de Aves	45
Etapa 9	Produção e Manejo de Suínos	30
Etapa 9	Produção e Manejo de Coelhos	30
Etapa 9	Aqüicultura	60
Etapa 9	Apicultura	45
Etapa 9	Medicina de Aves	90
Etapa 9	Medicina de Suínos	90
Etapa 9	Medicina de Animais de Biotério e de Pequenas Criações	30
Etapa 10	Programação Agrícola	60
Etapa 10	Política Econômica para a Agricultura	45
Etapa 10	Medicina de Animais Silvestres e de Cativeiro I	30
Etapa 10	Inspeção e Tecnologia de Carnes, Pescados e Produtos Derivados	120
Etapa 10	Veterinária em Saúde Pública	90
Etapa 10	Extensão Rural V	90
Etapa 10	Deontologia, Legislação e Marketing	30
<i>TOTAL</i>		4.470

FONTE: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), Curso de Medicina Veterinária. O currículo é de 1985/86 e está disponível na *internet*, sendo válido para o primeiro semestre de 2001 (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003).

ANEXO 10

GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRPE – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

PERÍODO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
1º Semestre	Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos	120
1º Semestre	Bioestatística Básica	45
1º Semestre	Química Biológica I	60
1º Semestre	Análise Química Veterinária	45
1º Semestre	Filosofia da Ciência e Ética	45
1º Semestre	Introdução à Economia	60
2º Semestre	Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos	120
2º Semestre	Bioestatística Experimental	60
2º Semestre	Bioquímica IV	90
2º Semestre	Biofísica	60
2º Semestre	Fundamentos de Economia Rural	45
3º Semestre	Fisiologia Veterinária Básica	60
3º Semestre	Parasitologia Veterinária	60
3º Semestre	Microbiologia Geral	75
3º Semestre	Histologia e Embriologia Veterinária I	60
3º Semestre	Agrostologia	60
3º Semestre	Administração e Planejamento Rural	60
4º Semestre	Fisiologia Especial dos Animais Domésticos	75
4º Semestre	Imunologia Veterinária	45
4º Semestre	Nutrição Animal	60
4º Semestre	Histologia e embriologia Veterinária II	60
4º Semestre	Genética Básica e Bioecnologia	75
4º Semestre	Zootecnia Geral	60
5º Semestre	Patologia Geral e Técnica de Necropsia dos Animais Domésticos	90
5º Semestre	Patologia Clínica Veterinária	75
5º Semestre	Semiologia Veterinária	60
5º Semestre	Anestesiologia	30
5º Semestre	Zootecnia Especial I	60
5º Semestre	Farmacologia	60
6º Semestre	Patologia Especial dos Animais Domésticos	105
6º Semestre	Técnica Cirúrgica Veterinária	75
6º Semestre	Ecologia Básica e Conservacionismo	60
6º Semestre	Terapêutica Veterinária	75
6º Semestre	Zootecnia Especial II	60
7º Semestre	Andrologia e Biotecnologia da Reprodução	60
7º Semestre	Clínica Cirúrgica Veterinária	75
7º Semestre	Epidemiologia e Planejamento em Saúde Animal	60
7º Semestre	Ginecologia Veterinária	60
7º Semestre	Melhoramento Animal	60
7º Semestre	Sociologia Rural	60
8º Semestre	Víroses dos Animais Domésticos	75
8º Semestre	Radiologia Veterinária	30
8º Semestre	Bacterioses dos Animais Domésticos	75
8º Semestre	Microbiologia dos Alimentos de Origem Animal	60
8º Semestre	Doenças Parasitárias dos Animais Domésticos	75

8º Semestre	Obstetrícia Veterinária	60
9º Semestre	Higiene Veterinária e Saúde Pública	60
9º Semestre	Ornitopatologia Veterinária	60
9º Semestre	Clínica Médica dos Ruminantes	75
9º Semestre	Tecnologia de Leite e Produtos Derivados	60
9º Semestre	Tecnologia da Carne e Produtos Derivados	60
9º Semestre	Clínica Médica de Caninos e Felinos	60
10º Semestre	Deontologia e Medicina Legal Veterinária	45
10º Semestre	Doenças Carenciais Metabólicas e Intoxicação dos Ruminantes	60
10º Semestre	Clínica Médica de Equídeos e Suínos	60
10º Semestre	Inspeção de Leite e Produtos Derivados	60
10º Semestre	Inspeção de Carne e Produtos Derivados	75
10º Semestre	Extensão Rural	75
<i>TOTAL</i>		3750

FONTE: Universidade Federal Rural de Pernambuco, Curso de Medicina Veterinária – Coordenação de Curso. Não consta no currículo o período no qual ele foi implantado.

ANEXO 11

GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFRRJ – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

PERÍODO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
1º Período	Anatomia Animal I	120
1º Período	Histologia Animal I	60
1º Período	Biofísica	60
1º Período	Introdução à Bioestatística	60
1º Período	Introdução à Computação	30
1º Período	Fundamentos em Química	60
1º Período	Introdução à Filosofia das Ciências Biológicas	30
1º Período	Deontologia e Legislação Médico Veterinária	30
2º Período	Anatomia Animal II	120
2º Período	Histologia Animal II	75
2º Período	Bioestatística	60
2º Período	Bioquímica Geral	120
2º Período	Microbiologia Geral	60
2º Período	Exterior e Raças	30
3º Período	Embriologia	30
3º Período	Fisiologia Animal I	60
3º Período	Química Fisiológica	60
3º Período	Genética Básica	60
3º Período	Zoologia Médica e Parasitologia I	90
3º Período	Ecologia Geral	30
3º Período	Direito Agrário e Legislação	30
3º Período	Imunologia Veterinária	60
3º Período	Plantas Forrageiras	30
4º Período	Farmacologia I	60
4º Período	Fisiologia Animal II	60
4º Período	Introdução à Genética e Melhoramento Animal	45
4º Período	Parasitologia II	90
4º Período	Conservação de Recursos Naturais	30
4º Período	Bacteriologia Veterinária	60
4º Período	Virologia Veterinária	60
5º Período	Farmacologia II	60
5º Período	Anatomia Patológica Geral	90
5º Período	Micologia Veterinária	60
5º Período	Patologia Clínica	90
5º Período	Produção Animal I	60
5º Período	Bioclimatologia Animal	45
6º Período	Ornitopatologia	45
6º Período	Anatomia Patológica Especial	90
6º Período	Propedêutica Clínica	90
6º Período	Terapêutica Clínica	45
6º Período	Anestesiologia e Técnica Cirúrgica I	45
6º Período	Plantas Tóxicas	30
6º Período	Produção Animal II	60
7º Período	Tecnologia de Carnes, Óleos e Gorduras Animal	60
7º Período	Doenças Infecciosas	90
7º Período	Doenças Parasitárias	90

7º Período	Prática Hospitalar I	30
7º Período	Radiodiagnóstico	45
7º Período	Clínica Médica I	90
7º Período	Anestesiologia e Técnica Cirúrgica II	45
8º Período	Economia Agrária	60
8º Período	Tecnologia de Leite, Derivados, Mel e Cera de Abelha	60
8º Período	Tecnologia de Pescado, Ovos e Derivados	60
8º Período	Clínica Médica II	90
8º Período	Patologia e Clínica Cirúrgica I	90
8º Período	Fisiopatologia da Reprodução I	60
8º Período	Inseminação Artificial	45
9º Período	Introdução à Sociologia das Sociedades Agrárias	30
9º Período	Inspeção Higiênica Sanitária e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	60
9º Período	Higiene e Saúde Pública	60
9º Período	Clínica Médica III	90
9º Período	Patologia e Clínica Cirúrgica II	90
9º Período	Nutrição Animal	90
10º Período	Extensão Rural	30
10º Período	Medicina Veterinária Legal	30
10º Período	Inspeção Higiênica Sanitária e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	60
10º Período	Clínica Médica IV	90
10º Período	Obstetrícia	60
<i>TOTAL</i>		4185

FONTE: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2003), Curso de Medicina Veterinária. O currículo está disponível na internet (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2003), mas não consta o período no qual ele foi implantado.

ANEXO 12

GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA USP – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

PERÍODO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
1º Semestre	Introdução ao Estudo da Medicina Veterinária	45
1º Semestre	Noções de Estatística I	60
1º Semestre	Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos I	120
1º Semestre	Biologia Celular, Biologia Tecidual e Embriologia	120
1º Semestre	Bioquímica: Estrutura de Biomoléculas e Metabolismo	120
1º Semestre	Genética e Evolução	60
2º Semestre	Histologia e Embriologia Especiais	120
2º Semestre	Métodos Quantitativos em Saúde Animal	60
2º Semestre	Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos II	60
2º Semestre	Microbiologia Básica	90
2º Semestre	Biologia molecular do Gene	90
2º Semestre	Fisiologia I	120
3º Semestre	Fisiologia II	120
3º Semestre	Imunologia	90
3º Semestre	Farmacologia	105
3º Semestre	Parasitologia Veterinária Básica	105
3º Semestre	Fisiologia a Reprodução e da Lactação	75
4º Semestre	Nutrição a Alimentação Animal	120
4º Semestre	Criação de Animais Ruminantes	120
4º Semestre	Tecnologia de Produtos de Origem Animal	75
4º Semestre	Produção de Aves	45
4º Semestre	Produção de Suínos	45
4º Semestre	Bioclimatologia Animal	30
4º Semestre	Produção de Equinos	30
4º Semestre	Bromatologia para Veterinária	30
5º Semestre	Patologia Geral	120
5º Semestre	Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária	60
5º Semestre	Epidemiologia Veterinária I	30
5º Semestre	Higiene e Segurança Alimentar	30
5º Semestre	Melhoramento Animal	30
5º Semestre	Sociologia e Extensão Rural	30
5º Semestre	Economia Rural	30
5º Semestre	Agrostologia	30
5º Semestre	Microbiologia Aplicada à Medicina Veterinária	45
5º Semestre	Anatomia Aplicada	90
6º Semestre	Semiologia	90
6º Semestre	Patologia Animal	120
6º Semestre	Toxicologia	60
6º Semestre	Patologia Clínica Veterinária	60
6º Semestre	Patologia e Clínica da Reprodução	90
6º Semestre	Biotecnologia da Reprodução	60
7º Semestre	Deontologia em Medicina Veterinária	30
7º Semestre	Patologia Médica	75
7º Semestre	Clínica Médica de Ruminantes	90
7º Semestre	Clínica Médica de Pequenos Animais	105

7º Semestre	Anestesiologia e Técnicas de Terapia Intensiva no Paciente Cirúrgico	75
7º Semestre	Ornitopatologia	60
7º Semestre	Epidemiologia Veterinária II	60
8º Semestre	Técnica Cirúrgica	90
8º Semestre	Epidemiologia das Doenças Infecciosas dos Animais Domésticos	90
8º Semestre	Epidemiologia das Doenças Parasitárias dos Animais Domésticos	90
8º Semestre	Zoonoses (Saúde Pública Veterinária)	90
8º Semestre	Gerenciamento em Saúde Animal e Saúde Pública	60
8º Semestre	Radiologia	75
9º Semestre	Clínica Médica de Eqüídeos	60
9º Semestre	Clínica das Doenças Nutricionais e Metabólicas	90
9º Semestre	Obstetrícia	90
9º Semestre	Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais	60
9º Semestre	Clínica Cirúrgica de Grandes Animais	45
9º Semestre	Inspeção Sanitária de Produtos de Origem Animal	90
<i>TOTAL</i>		4485

FONTE: Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – Coordenação de Curso. O currículo é referente ao primeiro semestre de 2003.

ANEXO 13

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC – 1973

PERÍODO	DISCIPLINA	DEPARTAMENTO	CARGA HORÁRIA
1ª Fase	Anatomia I	MOR ⁽¹⁾	180
1ª Fase	Biofísica/Bioquímica I	CF ⁽²⁾	150
1ª Fase	Histologia e Embriologia	MOR	60
1ª Fase	Genética	ZOO ⁽³⁾	60
1ª Fase	Estudos de Problemas Brasileiros	-	30
1ª Fase	Educação Física	-	30
2ª Fase	Estudos de Problemas Brasileiros II	-	30
2ª Fase	Educação Física II	-	30
2ª Fase	Anatomia II	MOR	180
2ª Fase	Biofísica/Bioquímica II	CF	105
2ª Fase	Histologia	MOR	90
2ª Fase	Bioestatística	ZOO	60
3ª Fase	Estudos de Problemas Brasileiros III	-	30
3ª Fase	Educação Física III	-	30
3ª Fase	Fisiologia I	CF	90
3ª Fase	Patologia Clínica e Semiologia I	PC ⁽⁴⁾	90
3ª Fase	Parasitologia I	MSP ⁽⁵⁾	60
3ª Fase	Microbiologia e Imunologia I	MSP	90
3ª Fase	Zootecnia I	ZOO	60
4ª Fase	Fisiologia II	CF	90
4ª Fase	Patologia Clínica e Semiologia II	PC	90
4ª Fase	Parasitologia II	MSP	60
4ª Fase	Microbiologia e Imunologia II	MSP	90
4ª Fase	Farmacologia Geral	CF	60
4ª Fase	Zootecnia II	ZOO	60
5ª Fase	Farmacodinâmica e Toxicologia	CF	90
5ª Fase	Doenças Parasitárias	MSP	60
5ª Fase	Melhoramento Animal	ZOO	60
5ª Fase	Anatomia Patológica I	PC	120
5ª Fase	Zootecnia III	ZOO	30
5ª Fase	Clínica Médica I	PC	90
6ª Fase	Clínica Médica II	PC	90
6ª Fase	Doenças Infecto-Contagiosas	MSP	120
6ª Fase	Técnica Cirúrgica	PC	90
6ª Fase	Economia e Administração Rural	ZOO	30
6ª Fase	Anatomia Patológica II	PC	60
6ª Fase	Agrostologia e Plantas Tóxicas	ZOO	60
6ª Fase	Sociologia e Extensão Rural	ZOO	30
7ª Fase	Clínica Médica III	PC	60
7ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal	TEC ⁽⁶⁾	60
7ª Fase	Patologia e Clínica Cirúrgica	PC	120
7ª Fase	Nutrição Animal	ZOO	90
7ª Fase	Terapêutica	CF	30
7ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução	PC	90

8ª Fase	Clínica Médica IV	PC	60
8ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução e Inseminação Artificial	PC	60
8ª Fase	Obstetrícia e Ginecologia	PC	45
8ª Fase	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	MSP	60
8ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal	TEC	90
<i>TOTAL</i>			3600

FONTE: Universidade do Estado de Santa Catarina (199-).

NOTAS:

- (1) MOR: Departamento de Morfologia.
- (2) CF: Departamento de Ciências Fisiológicas.
- (3) ZOO: Departamento de Zootecnia.
- (4) PC: Departamento de Patologia Clínica.
- (5) MSP: Departamento de Microbiologia e Saúde Pública.
- (6) TEC: Departamento de Tecnologia e Inspeção.

ANEXO 14

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO CEE 49/80) – 1980

PERÍODO	DISCIPLINA	DEPARTAMENTO	CARGA HORÁRIA
1ª Fase	Educação Física I	MRF ⁽¹⁾	30
1ª Fase	Estudo de Problemas Brasileiros I	SLS ⁽²⁾	30
1ª Fase	Português	ENR ⁽³⁾	60
1ª Fase	Metodologia Científica	MVT ⁽⁴⁾	60
1ª Fase	Inglês	FIT ⁽⁵⁾	60
1ª Fase	Matemática	ENR	60
1ª Fase	Química	ZOO ⁽⁶⁾	60
1ª Fase	Biologia	FIT	60
2ª Fase	Educação Física II	MRF	30
2ª Fase	Estudo de Problemas Brasileiros II	SLS	30
2ª Fase	Genética	ZOO	60
2ª Fase	Anatomia I	MRF	180
2ª Fase	Histologia e Embriologia	MRF	90
2ª Fase	Bioquímica e Biofísica	CLP ⁽⁷⁾	150
3ª Fase	Educação Física III	MRF	30
3ª Fase	Bioestatística	ENR	60
3ª Fase	Zootecnia I	ZOO	30
3ª Fase	Anatomia II	MRF	180
3ª Fase	Histologia	MRF	120
3ª Fase	Bioquímica e Biofísica II	CLP	105
4ª Fase	Zootecnia II	ZOO	90
4ª Fase	Anatomia Topográfica	MRF	60
4ª Fase	Fisiologia I	MRF	90
4ª Fase	Patologia Clínica e Semiologia I	CLP	90
4ª Fase	Parasitologia I	MVT	60
4ª Fase	Microbiologia e Imunologia I	MVT	90
5ª Fase	Zootecnia III	ZOO	90
5ª Fase	Fisiologia II	MRF	90
5ª Fase	Patologia Clínica e Semiologia II	CLP	90
5ª Fase	Parasitologia II	MVT	60
5ª Fase	Microbiologia e Imunologia II	MVT	90
5ª Fase	Farmacologia Geral	MRF	60
6ª Fase	Zootecnia IV	ZOO	90
6ª Fase	Farmacodinâmica	MRF	90
6ª Fase	Doenças Parasitárias	MVT	75
6ª Fase	Anatomia Patológica I	CLP	120
6ª Fase	Clínica Médica I	CLP	90
6ª Fase	Anestesiologia	CLP	60
7ª Fase	Melhoramento Animal	ZOO	60
7ª Fase	Clínica Médica II	CLP	90
7ª Fase	Doenças Infecto-Contagiosas	MVT	120
7ª Fase	Técnica Cirúrgica	CLP	105
7ª Fase	Anatomia Patológica II	CLP	105
7ª Fase	Economia e Administração Rural	SLS	60

8ª Fase	Nutrição Animal I	ZOO	45
8ª Fase	Agrostologia	ZOO	60
8ª Fase	Clínica Médica III	CLP	60
8ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	MVT	60
8ª Fase	Patologia e Clínica Cirúrgica	CLP	120
8ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução I	CLP	90
8ª Fase	Terapêutica	CLP	30
8ª Fase	Sociologia e Extensão Rural	SLS	60
9ª Fase	Nutrição Animal II	ZOO	75
9ª Fase	Clínica Médica IV	CLP	60
9ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução II	CLP	60
9ª Fase	Ginecologia e Obstetrícia	CLP	60
9ª Fase	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	MVT	60
9ª Fase	Toxicologia e Plantas Tóxicas	CLP	45
9ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	MVT	90
9ª Fase	Ornitopatologia	CLP	60
9ª Fase	Patologia de Suínos	CLP	60
<i>TOTAL</i>			4635

FONTE: Centro de Ciências Agroveterinárias, (2002).

NOTAS:

- (1) MRF: Departamento de Morfofisiologia.
- (2) SLS: Departamento de Solos.
- (3) ENR: Departamento de Engenharia Rural.
- (4) MVT: Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia.
- (5) FIT: Departamento de Fitotecnia.
- (6) ZOO: Departamento de Zootecnia.
- (7) CLP: Departamento de Clínica e Patologia.

ANEXO 15

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 020/84 - CONSEPE) – 1984

PERÍODO	DISCIPLINA	DEPARTAMENTO	CARGA HORÁRIA
1ª Fase	Educação Física I	MRF ⁽¹⁾	30
1ª Fase	Estudo de Problemas Brasileiros I	SLS ⁽²⁾	30
1ª Fase	Português	ENR ⁽³⁾	30
1ª Fase	Metodologia Científica	MVT ⁽⁴⁾	30
1ª Fase	Estatística I	ENR	45
1ª Fase	Histologia I	MRF	90
1ª Fase	Química Geral e Orgânica	ZOO ⁽⁵⁾	60
1ª Fase	Anatomia I	MRF	150
2ª Fase	Educação Física II	MRF	30
2ª Fase	Estudo de Problemas Brasileiros II	SLS	30
2ª Fase	Estatística II	ENR	30
2ª Fase	Embriologia	MRF	30
2ª Fase	Histologia II	MRF	90
2ª Fase	Bioquímica e Biofísica I	CLP ⁽⁶⁾	120
2ª Fase	Anatomia II	MRF	150
3ª Fase	Deontologia	MRF	15
3ª Fase	Ecologia	FIT	30
3ª Fase	Genética	ZOO	90
3ª Fase	Bioquímica	CLP	90
3ª Fase	Microbiologia I	MVT	60
3ª Fase	Imunologia	MVT	45
3ª Fase	Parasitologia I	MVT	60
3ª Fase	Anatomia Topográfica	MRF	75
4ª Fase	Fisiologia	MRF	150
4ª Fase	Microbiologia II	MVT	60
4ª Fase	Virologia e Micologia	MVT	60
4ª Fase	Parasitologia II	MVT	60
4ª Fase	Farmacologia Geral	MRF	60
4ª Fase	Zootecnia Geral e Melhoramento Animal	ZOO	60
5ª Fase	Farmacodinâmica	MRF	60
5ª Fase	Doenças Parasitárias	MVT	75
5ª Fase	Patologia Clínica e Semiologia	CLP	120
5ª Fase	Anatomia Patológica I	CLP	120
5ª Fase	Apicultura e Piscicultura	ZOO	30
5ª Fase	Eqüinocultura e Cunicultura	ZOO	30
5ª Fase	Ovinocultura	ZOO	30
6ª Fase	Clínica Médica I	CLP	90
6ª Fase	Anatomia Patológica II	CLP	120
6ª Fase	Doenças Infecto-Contagiosas	MVT	120
6ª Fase	Agrostologia	ZOO	60
6ª Fase	Bovinocultura de Leite	ZOO	45
6ª Fase	Bovinocultura de Corte	ZOO	45
6ª Fase	Análises Clínicas	CLP	30
7ª Fase	Clínica Médica II	CLP	90

7ª Fase	Técnica Cirúrgica	CLP	90
7ª Fase	Anestesiologia	CLP	30
7ª Fase	Toxicologia e Plantas Tóxicas	CLP	45
7ª Fase	Terapêutica	CLP	30
7ª Fase	Nutrição Animal I	ZOO	45
7ª Fase	Economia e Administração Rural	SLS	60
7ª Fase	Avicultura	ZOO	45
7ª Fase	Suínocultura	ZOO	45
8ª Fase	Clínica Médica III	CLP	60
8ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	MVT	60
8ª Fase	Patologia e Clínica Cirúrgica	CLP	105
8ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução I	CLP	75
8ª Fase	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	MVT	60
8ª Fase	Nutrição Animal II	ZOO	75
8ª Fase	Sociologia e Extensão Rural	SLS	60
9ª Fase	Clínica Médica IV	CLP	60
9ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução II	CLP	60
9ª Fase	Ginecologia e Obstetrícia	CLP	60
9ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	MVT	90
9ª Fase	Patologia Aviária	CLP	60
9ª Fase	Patologia Suína	CLP	60
<i>TOTAL</i>			4200

FONTE: Universidade do Estado de Santa Catarina (2000).

NOTAS:

(1)MRF: Departamento de Morfofisiologia.

(2) SLS: Departamento de Solos.

(3)ENR: Departamento de Engenharia Rural.

(4) MVT: Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia.

(5) ZOO: Departamento de Zootecnia.

(6) CLP: Departamento de Clínica e Patologia.

ANEXO 16

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 047/86 - CONSEPE) – 1986

PERÍODO	DISCIPLINA	DEPARTAMENTO	CARGA HORÁRIA
1ª Fase	Educação Física I	MRF ⁽¹⁾	30
1ª Fase	Estudo de Problemas Brasileiros I	SLS ⁽²⁾	30
1ª Fase	Português	ENR ⁽³⁾	30
1ª Fase	Metodologia Científica	MVT ⁽⁴⁾	30
1ª Fase	Estatística I	ENR	45
1ª Fase	Histologia I	MRF	90
1ª Fase	Química Geral e Orgânica	ZOO ⁽⁵⁾	60
1ª Fase	Anatomia I	MRF	150
2ª Fase	Educação Física II	MRF	30
2ª Fase	Estudo de Problemas Brasileiros II	SLS	30
2ª Fase	Estatística II	ENR	30
2ª Fase	Embriologia	MRF	30
2ª Fase	Histologia II	MRF	90
2ª Fase	Bioquímica e Biofísica I	CLP ⁽⁶⁾	120
2ª Fase	Anatomia II	MRF	150
3ª Fase	Genética	ZOO	90
3ª Fase	Bioquímica II	CLP	90
3ª Fase	Microbiologia I	MVT	60
3ª Fase	Imunologia	MVT	45
3ª Fase	Parasitologia I	MVT	60
3ª Fase	Anatomia Topográfica	MRF	75
3ª Fase	Fisiologia I	MRF	60
4ª Fase	Microbiologia II	MVT	60
4ª Fase	Virologia e Micologia	MVT	60
4ª Fase	Parasitologia II	MVT	60
4ª Fase	Farmacologia Geral	MRF	60
4ª Fase	Zootecnia Geral	ZOO	30
4ª Fase	Melhoramento Animal	ZOO	30
4ª Fase	Fisiologia II	MRF	90
4ª Fase	Deontologia	MRF	15
4ª Fase	Ecologia	ENR	30
5ª Fase	Farmacodinâmica	MRF	60
5ª Fase	Patologia Clínica e Semiologia	CLP	120
5ª Fase	Anatomia Patológica I	CLP	120
5ª Fase	Apicultura e Piscicultura	ZOO	30
5ª Fase	Equinocultura e Cunicultura	ZOO	30
5ª Fase	Agrostologia	ZOO	60
5ª Fase	Análises Clínicas	CLP	30
5ª Fase	Nutrição Animal I	ZOO	45
6ª Fase	Clínica Médica I	CLP	90
6ª Fase	Anatomia Patológica II	CLP	120
6ª Fase	Doenças Infecto-Contagiosas	MVT	120
6ª Fase	Doenças Parasitárias	MVT	75
6ª Fase	Nutrição Animal II	ZOO	75

7ª Fase	Clínica Médica II	CLP	90
7ª Fase	Técnica Cirúrgica	CLP	90
7ª Fase	Anestesiologia	CLP	30
7ª Fase	Toxicologia e Plantas Tóxicas	CLP	45
7ª Fase	Terapêutica	CLP	30
7ª Fase	Economia e Administração Rural	SLS	60
7ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução I	CLP	75
7ª Fase	Bovinocultura de Corte	ZOO	45
7ª Fase	Ovinocultura	ZOO	30
8ª Fase	Clínica Médica III	CLP	60
8ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	MVT	60
8ª Fase	Patologia e Clínica Cirúrgica	CLP	105
8ª Fase	Sociologia e Extensão Rural	SLS	60
8ª Fase	Bovinocultura de Leite	ZOO	45
8ª Fase	Avicultura	ZOO	45
8ª Fase	Suinocultura	ZOO	45
8ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução II	CLP	60
9ª Fase	Clínica Médica IV	CLP	60
9ª Fase	Ginecologia e Obstetrícia	CLP	60
9ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	MVT	90
9ª Fase	Patologia Aviária	CLP	60
9ª Fase	Patologia Suína	CLP	60
9ª Fase	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	MVT	60
<i>TOTAL</i>			4200

FONTE: Universidade do Estado de Santa Catarina (2000).

NOTAS:

(1) MRF: Departamento de Morfofisiologia.

(2) SLS: Departamento de Solos.

(3) ENR: Departamento de Engenharia Rural.

(4) MVT: Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia.

(5) ZOO: Departamento de Zootecnia.

(6) CLP: Departamento de Clínica e Patologia.

ANEXO 17

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 105/92 - CONSEPE) – 1992

PERÍODO	DISCIPLINA	DEPARTAMENTO	CARGA HORÁRIA
1ª Fase	Educação Física Curricular I	MRF ⁽¹⁾	45
1ª Fase	Estudo de Problemas Brasileiros I	SLS ⁽²⁾	30
1ª Fase	Português	ENR ⁽³⁾	30
1ª Fase	Metodologia Científica	MVT ⁽⁴⁾	30
1ª Fase	Estatística I	ENR	45
1ª Fase	Histologia I	MRF	90
1ª Fase	Química Geral e Orgânica	MRF	60
1ª Fase	Anatomia I	MRF	150
2ª Fase	Educação Física Curricular II	MRF	45
2ª Fase	Estudo de Problemas Brasileiros II	SLS	30
2ª Fase	Estatística II	ENR	30
2ª Fase	Embriologia	MRF	30
2ª Fase	Histologia II	MRF	90
2ª Fase	Bioquímica e Biofísica I	MRF	120
2ª Fase	Anatomia II	MRF	150
3ª Fase	Genética	ZOO ⁽⁵⁾	90
3ª Fase	Bioquímica II	MRF	90
3ª Fase	Microbiologia I	MVT	60
3ª Fase	Imunologia	MVT	45
3ª Fase	Parasitologia I	MVT	60
3ª Fase	Anatomia Topográfica	MRF	75
3ª Fase	Fisiologia I	MRF	60
4ª Fase	Microbiologia II	MVT	60
4ª Fase	Virologia e Micologia	MVT	60
4ª Fase	Parasitologia II	MVT	60
4ª Fase	Farmacologia Geral	MRF	60
4ª Fase	Zootecnia Geral	ZOO	30
4ª Fase	Melhoramento Animal	ZOO	30
4ª Fase	Fisiologia II	MRF	90
4ª Fase	Deontologia	MRF	15
4ª Fase	Ecologia	ZOO	30
5ª Fase	Farmacodinâmica	MRF	60
5ª Fase	Patologia Clínica e Semiologia	CLP ⁽⁶⁾	120
5ª Fase	Anatomia Patológica I	CLP	120
5ª Fase	Apicultura e Piscicultura	ZOO	30
5ª Fase	Equinocultura e Cunicultura	ZOO	30
5ª Fase	Agrostologia	ZOO	60
5ª Fase	Análises Clínicas	CLP	30
5ª Fase	Nutrição Animal I	ZOO	45
6ª Fase	Clínica Médica I	CLP	90
6ª Fase	Anatomia Patológica II	CLP	120
6ª Fase	Doenças Infecto-Contagiosas	MVT	120
6ª Fase	Doenças Parasitárias	MVT	75
6ª Fase	Nutrição Animal II	ZOO	75

7ª Fase	Clínica Médica II	CLP	90
7ª Fase	Técnica Cirúrgica	CLP	90
7ª Fase	Anestesiologia	CLP	30
7ª Fase	Toxicologia e Plantas Tóxicas	CLP	45
7ª Fase	Terapêutica	CLP	30
7ª Fase	Economia e Administração Rural	SLS	60
7ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução I	CLP	75
7ª Fase	Bovinocultura de Corte	ZOO	45
7ª Fase	Ovinocultura	ZOO	30
8ª Fase	Clínica Médica III	CLP	60
8ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	MVT	60
8ª Fase	Patologia e Clínica Cirúrgica	CLP	105
8ª Fase	Sociologia e Extensão Rural	SLS	60
8ª Fase	Bovinocultura de Leite	ZOO	45
8ª Fase	Avicultura	ZOO	45
8ª Fase	Suinocultura	ZOO	45
8ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução II	CLP	60
9ª Fase	Clínica Médica IV	CLP	60
9ª Fase	Ginecologia e Obstetrícia	CLP	60
9ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	MVT	90
9ª Fase	Patologia Aviária	CLP	60
9ª Fase	Patologia Suína	CLP	60
9ª Fase	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	MVT	60
<i>TOTAL</i>			4200

FONTE: Universidade do Estado de Santa Catarina (2000).

NOTAS:

(1) MRF: Departamento de Morfofisiologia.

(2) SLS: Departamento de Solos.

(3) ENR: Departamento de Engenharia Rural.

(4) MVT: Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia.

(5) ZOO: Departamento de Zootecnia.

(6) CLP: Departamento de Clínica e Patologia.

ANEXO 18

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 025/94 - CONSEPE) – 1994

PERÍODO	DISCIPLINA	DEPARTAMENTO	CARGA HORÁRIA
1ª Fase	Educação Física Curricular I	MRF ⁽¹⁾	45
1ª Fase	Realidade Brasileira	SLS ⁽²⁾	45
1ª Fase	Português	ENR ⁽³⁾	30
1ª Fase	Metodologia Científica	MVT ⁽⁴⁾	30
1ª Fase	Estatística I	ENR	45
1ª Fase	Histologia I	MRF	90
1ª Fase	Química Geral e Orgânica	MRF	60
1ª Fase	Anatomia I	MRF	150
2ª Fase	Educação Física Curricular II	MRF	45
2ª Fase	Estudo de Problemas Brasileiros II	ENR	30
2ª Fase	Estatística II	MRF	30
2ª Fase	Embriologia	MRF	30
2ª Fase	Histologia II	MRF	90
2ª Fase	Bioquímica e Biofísica I	MRF	120
2ª Fase	Anatomia II	MRF	150
3ª Fase	Genética	ZOO ⁽⁵⁾	90
3ª Fase	Bioquímica II	MRF	90
3ª Fase	Microbiologia I	MVT	60
3ª Fase	Imunologia	MVT	45
3ª Fase	Parasitologia I	MVT	60
3ª Fase	Anatomia Topográfica	MRF	75
3ª Fase	Fisiologia I	MRF	60
4ª Fase	Microbiologia II	MVT	60
4ª Fase	Virologia e Micologia	MVT	60
4ª Fase	Parasitologia II	MVT	60
4ª Fase	Farmacologia Geral	MRF	60
4ª Fase	Zootecnia Geral	ZOO	30
4ª Fase	Melhoramento Animal	ZOO	30
4ª Fase	Fisiologia II	MRF	90
4ª Fase	Deontologia	MRF	30
4ª Fase	Ecologia	ZOO	30
5ª Fase	Farmacodinâmica	MRF	60
5ª Fase	Patologia Clínica e Semiologia	CLP ⁽⁶⁾	120
5ª Fase	Anatomia Patológica I	CLP	120
5ª Fase	Apicultura e Piscicultura	ZOO	30
5ª Fase	Equinocultura e Cunicultura	ZOO	30
5ª Fase	Agrostologia	ZOO	60
5ª Fase	Análises Clínicas	CLP	30
5ª Fase	Nutrição Animal I	ZOO	45
6ª Fase	Clínica Médica I	CLP	90
6ª Fase	Anatomia Patológica II	CLP	120
6ª Fase	Doenças Infecto-Contagiosas	MVT	120
6ª Fase	Doenças Parasitárias	MVT	75
6ª Fase	Nutrição Animal II	ZOO	75

7ª Fase	Clínica Médica II	CLP	90
7ª Fase	Técnica Cirúrgica	CLP	90
7ª Fase	Anestesiologia	CLP	30
7ª Fase	Toxicologia e Plantas Tóxicas	CLP	45
7ª Fase	Terapêutica	CLP	30
7ª Fase	Economia e Administração Rural	SLS	60
7ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução I	CLP	75
7ª Fase	Bovinocultura de Corte	ZOO	45
7ª Fase	Ovinocultura	ZOO	30
8ª Fase	Clínica Médica III	CLP	60
8ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	MVT	60
8ª Fase	Patologia e Clínica Cirúrgica	CLP	105
8ª Fase	Sociologia e Extensão Rural	SLS	60
8ª Fase	Bovinocultura de Leite	ZOO	45
8ª Fase	Avicultura	ZOO	45
8ª Fase	Suinocultura	ZOO	45
8ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução II	CLP	60
9ª Fase	Clínica Médica IV	CLP	60
9ª Fase	Ginecologia e Obstetrícia	CLP	60
9ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	MVT	90
9ª Fase	Patologia Aviária	CLP	60
9ª Fase	Patologia Suína	CLP	60
9ª Fase	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	MVT	60
<i>TOTAL</i>			4230

FONTE: Universidade do Estado de Santa Catarina (2000).

NOTAS:

(1) MRF: Departamento de Morfofisiologia.

(2) SLS: Departamento de Solos.

(3) ENR: Departamento de Engenharia Rural.

(4) MVT: Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia.

(5) ZOO: Departamento de Zootecnia.

(6) CLP: Departamento de Clínica e Patologia.

ANEXO 19

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 030/98 - CONSEPE) – 1998

PERÍODO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
1ª Fase	Educação Física Curricular I	30
1ª Fase	Realidade Brasileira	45
1ª Fase	Português	30
1ª Fase	Metodologia Científica	30
1ª Fase	Estatística I	45
1ª Fase	Histologia I	90
1ª Fase	Química Geral e Orgânica	60
1ª Fase	Anatomia I	150
2ª Fase	Educação Física Curricular II	30
2ª Fase	Estudo de Problemas Brasileiros II	30
2ª Fase	Estatística II	30
2ª Fase	Embriologia	30
2ª Fase	Histologia II	90
2ª Fase	Bioquímica e Biofísica I	120
2ª Fase	Anatomia II	150
3ª Fase	Genética	90
3ª Fase	Bioquímica II	90
3ª Fase	Microbiologia I	60
3ª Fase	Imunologia	45
3ª Fase	Parasitologia I	60
3ª Fase	Anatomia Topográfica	75
3ª Fase	Fisiologia I	60
4ª Fase	Microbiologia II	60
4ª Fase	Virologia e Micologia	60
4ª Fase	Parasitologia II	60
4ª Fase	Farmacologia Geral	60
4ª Fase	Zootecnia Geral	30
4ª Fase	Melhoramento Animal	30
4ª Fase	Fisiologia II	90
4ª Fase	Deontologia	30
4ª Fase	Ecologia	30
5ª Fase	Farmacodinâmica	60
5ª Fase	Patologia Clínica e Semiologia	120
5ª Fase	Anatomia Patológica I	120
5ª Fase	Apicultura e Piscicultura	30
5ª Fase	Eqüinocultura e Cunicultura	30
5ª Fase	Agrostologia	60
5ª Fase	Análises Clínicas	30
5ª Fase	Nutrição Animal I	45
6ª Fase	Clínica Médica I	90
6ª Fase	Anatomia Patológica II	120
6ª Fase	Doenças Infecto-Contagiosas	120
6ª Fase	Doenças Parasitárias	75
6ª Fase	Nutrição Animal II	75
7ª Fase	Clínica Médica II	90

7ª Fase	Técnica Cirúrgica	90
7ª Fase	Anestesiologia	30
7ª Fase	Toxicologia e Plantas Tóxicas	45
7ª Fase	Terapêutica	30
7ª Fase	Economia e Administração Rural	60
7ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução I	75
7ª Fase	Bovinocultura de Corte	45
7ª Fase	Ovinocultura	30
8ª Fase	Clínica Médica III	60
8ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	60
8ª Fase	Patologia e Clínica Cirúrgica	105
8ª Fase	Sociologia e Extensão Rural	60
8ª Fase	Bovinocultura de Leite	45
8ª Fase	Avicultura	45
8ª Fase	Suinocultura	45
8ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução II	60
9ª Fase	Clínica Médica IV	60
9ª Fase	Ginecologia e Obstetrícia	60
9ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	90
9ª Fase	Patologia Aviária	60
9ª Fase	Patologia Suína	60
9ª Fase	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	60
<i>TOTAL</i>		4200

FONTE: Universidade do Estado de Santa Catarina (2000).

ANEXO 20

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC (RESOLUÇÃO 030/99 - CONSEPE) – 1999

PERÍODO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
1ª Fase	Educação Física Curricular I	45
1ª Fase	Realidade Brasileira	45
1ª Fase	Metodologia Científica	30
1ª Fase	Estatística I	45
1ª Fase	Histologia I	90
1ª Fase	Química Geral e Orgânica	60
1ª Fase	Anatomia I	150
2ª Fase	Educação Física Curricular II	45
2ª Fase	Estudo de Problemas Brasileiros II	30
2ª Fase	Estatística II	30
2ª Fase	Embriologia	30
2ª Fase	Histologia II	90
2ª Fase	Bioquímica e Biofísica I	120
2ª Fase	Anatomia II	150
3ª Fase	Genética	90
3ª Fase	Bioquímica II	90
3ª Fase	Microbiologia I	60
3ª Fase	Imunologia	45
3ª Fase	Parasitologia I	60
3ª Fase	Anatomia Topográfica	75
3ª Fase	Fisiologia I	60
4ª Fase	Microbiologia II	60
4ª Fase	Virologia e Micologia	60
4ª Fase	Parasitologia II	60
4ª Fase	Farmacologia Geral	60
4ª Fase	Zootecnia Geral	30
4ª Fase	Melhoramento Animal	30
4ª Fase	Fisiologia II	90
4ª Fase	Deontologia	30
4ª Fase	Ecologia	30
5ª Fase	Farmacodinâmica	60
5ª Fase	Patologia Clínica e Semiologia	120
5ª Fase	Anatomia Patológica I	120
5ª Fase	Apicultura e Piscicultura	30
5ª Fase	Equinocultura e Cunicultura	30
5ª Fase	Agrostologia	60
5ª Fase	Análises Clínicas	30
5ª Fase	Nutrição Animal I	45
6ª Fase	Clínica Médica I	90
6ª Fase	Anatomia Patológica II	120
6ª Fase	Doenças Infecto-Contagiosas	120
6ª Fase	Doenças Parasitárias	75
6ª Fase	Nutrição Animal II	75
7ª Fase	Clínica Médica II	90
7ª Fase	Técnica Cirúrgica	90

7ª Fase	Anestesiologia	30
7ª Fase	Toxicologia e Plantas Tóxicas	45
7ª Fase	Terapêutica	30
7ª Fase	Economia e Administração Rural	60
7ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução I	75
7ª Fase	Bovinocultura de Corte	45
7ª Fase	Ovinocultura	30
8ª Fase	Clínica Médica III	60
8ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	60
8ª Fase	Patologia e Clínica Cirúrgica	105
8ª Fase	Sociologia e Extensão Rural	60
8ª Fase	Bovinocultura de Leite	45
8ª Fase	Avicultura	45
8ª Fase	Suinocultura	45
8ª Fase	Fisiopatologia da Reprodução II	60
9ª Fase	Clínica Médica IV	60
9ª Fase	Ginecologia e Obstetrícia	60
9ª Fase	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	90
9ª Fase	Patologia Aviária	60
9ª Fase	Patologia Suína	60
9ª Fase	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	60
<i>TOTAL</i>		4170

FONTE: Universidade do Estado de Santa Catarina (2000).

ANEXO 21

TABELAS ORIGINADAS DAS ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

TABELA 20 – CURSOS PARA OS QUAIS OS CALOUROS JÁ PRESTARAM VESTIBULAR, ALÉM DE MEDICINA VETERINÁRIA⁷²

CURSO	Nº DE CITAÇÕES
Medicina	04
Agronomia	02
Ciências biológicas	02
Farmácia	02
Odontologia	02
Administração	01
Arquitetura e urbanismo	01
Direito	01
Engenharia de automação	01
Engenharia Elétrica	01
TOTAL	17

TABELA 21 – MOTIVOS DA ESCOLHA DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA PELOS CALOUROS

MOTIVOS	Nº DE CITAÇÕES
Pela convivência com o meio rural ou com atividades correlatas	10
Por gostar de animais	04
Por gostar de biologia/por gostar da área médica	02
Porque outras pessoas disseram que se daria bem na profissão	01
Por influência da família	01
Por não conseguir cursar medicina e a veterinária ser da área da saúde	01
Pela ampla gama de oportunidades oferecidas para a profissão	01
TOTAL	20

⁷² Nas entrevistas realizadas em todos os grupos, um entrevistado poderia ter citado mais de um item em cada resposta.

TABELA 22 – DISCIPLINAS OU ASSUNTOS QUE OS CALOUROS JULGAM QUE TERIAM MAIOR PREFERÊNCIA DURANTE O CURSO⁷³

DISCIPLINAS/ ASSUNTOS	Nº DE CITAÇÕES
Anatomia	09
Clínica	04
Cirurgia	03
Imunologia	03
Patologia	03
Química	03
Biologia; Genética; Histologia; parte prática	02
Genética	02
Histologia	02
Parte prática	02
Agrostologia	01
Biologia celular	01
Bioquímica	01
Bovinocultura	01
Bovinocultura de corte	01
Fisiologia	01
Laboratório	01
Parasitologia	01
TOTAL	41

TABELA 23 – DISPOSIÇÃO DAS DISCIPLINAS OU ASSUNTOS QUE OS CALOUROS JULGAM QUE TERIAM MAIOR PREFERÊNCIA, DENTRO DOS ESTILOS PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	12
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	-
Zootecnia e Produção Animal	05
Total	17

NOTA: As disciplinas básicas receberam 22 citações e a atividade prática foi mencionada duas vezes.

⁷³ O trabalho em laboratório foi classificado dentro do campo da Clínica Veterinária pelo fato dos entrevistados se referirem mais à realização de exames diagnósticos.

TABELA 24 – EXPECTATIVAS DOS CALOUROS COM RELAÇÃO AOS ASSUNTOS OU DISCIPLINAS QUE ELES SUPÕEM QUE MAIS IRIAM LHESS INTERESSAR

EXPECTATIVAS	Nº DE CITAÇÕES
Aquisição de conhecimentos práticos para o exercício da profissão	07
Interesse em aprender coisas novas	05
Não sabe/Não respondeu	03
Porque fornece base para o desempenho das atividades profissionais	02
Aprender sobre doenças	01
Aprender sobre a parte interna dos organismos e seu funcionamento	01
Porque gosta do assunto	01
TOTAL	20

TABELA 25 – NOTÍCIAS RELACIONADAS À MEDICINA VETERINÁRIA QUE MAIS CHAMARAM A ATENÇÃO DOS CALOUROS

TEMAS DO NOTICIÁRIO	Nº DE CITAÇÕES
Avanços da genética (clonagem, transgênicos)	05
Febre aftosa	03
Melhoramento animal	02
Síndrome da vaca louca	02
Bloqueio de fronteiras	01
Cuidados com os alimentos	01
Cura de doenças	01
Doenças sem cura	01
Epidemias	01
Inseminação artificial	01
Inspeção de produtos de origem animal	01
Notícias sobre eqüinos	01
Pesquisa	01
Reprodução	01
Sanidade animal	01
Surtos de doenças emergentes	01
Transferência de embriões	01
Tétano nos animais	01
Não respondeu	01
TOTAL	27

TABELA 26 – DISPOSIÇÃO DOS ASSUNTOS VEICULADOS PELA IMPRENSA QUE CHAMARAM A ATENÇÃO DOS ALUNOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO MEDICINA VETERINÁRIA⁷⁴

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	03
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	12
Zootecnia e Produção Animal	10
TOTAL	25

NOTA: A parte de pesquisa teve uma citação e um entrevistados não soube responder à indagação.

TABELA 27 – ATIVIDADES DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA QUE DESPERTARAM MAIOR INTERESSE PELOS CALOUROS

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Clínica (pequenos e grandes animais)	07
Melhoramento animal	02
Reprodução	02
Trabalho com eqüinos	02
Produção animal	02
Anatomia	01
Atividade em laboratório	01
Cirurgia	01
Clonagem	01
Ensino	01
Nutrição animal	01
Obstetrícia	01
Parte prática	01
Pesquisa para cura de doenças	01
Produção de grandes animais	01
Saúde pública	01
TOTAL	26

⁷⁴ Em todos os grupos de entrevistados, a categorização das atividades dentro dos campos de atuação da Medicina Veterinária seguiu o seguinte critério: quando era mencionada apenas o trabalho em reprodução animal, este era enquadrado dentro do campo da Clínica Veterinária, já na citação ao uso de tecnologias como inseminação artificial e transferência de embriões, a atividade foi compreendida dentro do campo da Zootecnia e Produção Animal.

TABELA 28 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES CITADAS PELOS CALOUROS COMO AS MAIS INTERESSANTES DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária ⁽¹⁾	13
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	08
Zootecnia e Produção Animal	01
TOTAL	22

NOTAS: Houve uma citação para cada uma das seguintes áreas/atividades: anatomia, ensino, parte prática, pesquisa para cura de doenças.

(1) A atividade com eqüinos foi considerada dentro da área de CV por ter sido relacionada ao exercício da cura de enfermidades.

TABELA 29 – ATIVIDADES QUE OS CALOUROS PRETENDIAM ACOMPANHAR DURANTE O CURSO

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Eqüinocultura	05
Não sabe/não respondeu/não especificou	05
Bovinocultura	03
Bovinocultura de corte	03
Gado de leite	03
Clínica de pequenos animais	02
Acompanhamento de atividades na CIDASC	01
Avicultura	01
Clínica de grandes animais	01
Cunicultura	01
Inseminação artificial	01
Melhoramento genético	01
Ovinocultura	01
Produção de grandes animais	01
Reprodução animal	01
Suinocultura	01
TOTAL	31

TABELA 30 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES QUE OS CALOUROS PRETENDIAM ACOMPANHAR, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	04
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	01
Zootecnia e Produção Animal	21
TOTAL	26

NOTA: Cinco alunos não souberam responder ao questionamento ou não especificaram as áreas.

TABELA 31 – ATIVIDADES NAS QUAIS OS CALOUROS PRETENDIAM SE ESPECIALIZAR DEPOIS DE FORMADOS

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Não sabe	05
Bovinocultura	03
Clínica de grandes animais	03
Clínica de pequenos animais	03
Eqüinocultura	03
Genética	03
Cirurgia; inspeção	02
Inspeção de produtos de origem animal	02
Melhoramento genético	02
Tecnologia de alimentos	02
Animais silvestres	01
Avicultura	01
Suinocultura	01
TOTAL	31

TABELA 32 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES NAS QUAIS OS CALOUROS PRETENDIAM SE ESPECIALIZAR DEPOIS DE FORMADOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	08
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	04
Zootecnia e Produção Animal	13
TOTAL	25

NOTAS: A área de animais silvestres foi citada uma vez.

Cinco entrevistados não souberam responder à pergunta.

TABELA 33 – ATIVIDADES QUE PODEM SER DESEMPENHADAS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS, NA OPINIÃO DOS CALOUROS

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Clínica/clínica de pequenos animais	05
Não sabe	04
pesquisa	04
Ensino	03
Inspeção/trabalho em frigorífico	02
Melhoramento animal	02
Saúde pública	02
Trabalho em fazendas	02
Cirurgia	01
Diagnóstico e cura de enfermidades	01
Empresa de rações	01
Inspeção de aeroportos	01
Laboratório	01
Marketing	01
Meio ambiente	01
Produção animal	01
Sanidade	01
Saúde (controle de doenças – zoonoses)	01
Trabalhar com alimentos	01
Trabalhar na CIDASC	01
Trabalho em indústrias	01
Venda de medicamentos	01
TOTAL	38

TABELA 34 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES APONTADAS PELOS CALOUROS QUE PODEM SER DESEMPENHADAS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	08
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	10
Zootecnia e Produção Animal	06
TOTAL	24

Notas: As atividades de pesquisa foram citadas quatro vezes e de ensino três vezes.

Quatro estudantes não souberam responder à pergunta.

Houve três citações para outras atividades (trabalho em empresa de rações; marketing; venda de medicamentos).

TABELA 35 – OPORTUNIDADES DE TRABALHO RECONHECIDAS PELOS CALOUROS DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Clínica	07
Inspeção	05
Extensão rural	03
Não conhece/não sabe/não respondeu	03
Produção animal	02
Saúde pública	02
Trabalho na CIDASC	02
Venda de medicamentos/trabalho em casa agropecuária	02
Agroindústria	01
Área militar	01
Assistência técnica	01
Cooperativa	01
EMATER ⁽²⁾	01
Ensino	01
Epagri	01
Empresa de ração	01
Haras	01
Laboratório	01
Marketing	01
Melhoramento animal	01
Pesquisa	01
Trabalho com vacinas e medicamentos	01
TOTAL	40

NOTA:

(1) EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

TABELA 36 – DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS IDENTIFICADAS COMO OPORTUNIDADES DE TRABALHO PELOS CALOUROS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	12
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	10
Zootecnia e Produção Animal	11
TOTAL	33

NOTAS: Três alunos não conhecem ou não responderam.

As atividades de pesquisa, ensino, trabalho em empresa de ração e marketing tiveram uma menção cada.

TABELA 37 – ÁREAS CONSIDERADAS PELOS CALOUROS COMO MAIS PROMISSORAS EM TERMOS DE MERCADO DE TRABALHO, DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Clínica; genética	03
Genética	03
Agroindústria	02
Inspeção de produtos de origem animal	02
Pesquisa	02
Não sabe/não respondeu	02
Biotecnologia	01
Clínica e cirurgia	01
Cooperativa	01
Empresas de alimentos	01
Empresas públicas (CIDASC)	01
Ensino	01
Extensão	01
Loja de animais de estimação	01
Melhoramento animal	01
Nutrição	01
Produção animal	01
Saúde pública	01
Venda de medicamentos e ração	01
Zoonoses	01
TOTAL	28

TABELA 38 – DISPOSIÇÃO DAS ÁREAS CITADAS PELOS CALOUROS COMO MAIS PROMISSORAS NO MERCADO DE TRABALHO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	05
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	05
Zootecnia e Produção Animal ⁽¹⁾	12
TOTAL	22

NOTAS: Houve uma citação para as disciplinas básicas, duas para pesquisa, uma para ensino, uma para venda de medicamentos e rações e um aluno não soube responder.

(1) A biotecnologia foi enquadrada dentro do campo de atuação de Zootecnia e Produção Animal.

TABELA 39 – CONHECIMENTOS DOS CALOUROS SOBRE AS ATIVIDADES DESEMPENHADAS PELO MÉDICO VETERINÁRIO EM MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Educação em saúde (orientação da população)	04
Zoonoses (prevenção e controle)	04
Prevenção de doenças	04
Inspeção (trabalho em abatedouros)	04
Controle de doenças	03
Controle de animais abandonados	02
Não respondeu/não sabe	02
Busca de cura para doenças	01
Fiscalização	01
Pesquisa	01
Trabalho relacionado com alimentação	01
Trabalho relacionado com doenças	01
Vacinação	01
Vigilância sanitária	01
TOTAL	30

TABELA 40 – PERÍODO DE INGRESSO DOS FORMANDOS SUBMETIDOS A SORTEIO PARA ENTREVISTA DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC

ANO/SEMESTRE	Nº DE ALUNOS			PERCENTAGEM		
	2002/1	2002/2	Total	2002/1	2002/2	Total
1992/2	-	02	02	-	4,65	2,41
1993/1	01	01	02	2,5	2,33	2,41
1993/2	-	-	-	-	-	-
1994/1	-	-	-	-	-	-
1994/2	01	-	01	2,5	-	1,20
1995/1	02	-	02	5,0	-	2,41
1995/2	02	02	04	5,0	4,65	4,82
1996/1	02 ⁽¹⁾	02	04	5,0	4,65	4,82
1996/2	05	02	07	12,5	4,65	8,43
1997/1	06 ⁽²⁾	06	12	15,0	13,95	14,46
1997/2	21	08	29	52,5	18,61	34,94
1998/1	-	20	20	-	46,51	24,10
TOTAL	40	43	83	100,00	100,00	100,00

FONTE: UDESC/Lages – Secretaria – Controle Acadêmico.

NOTAS:

- (1) Um aluno havia ingressado no curso no primeiro semestre de 1996 e prestou novo vestibular, dando entrada novamente no segundo semestre de 1998.
- (2) Um acadêmico havia prestado vestibular no primeiro semestre de 1997 em outra instituição para o curso de Medicina Veterinária e foi transferido para o curso da UDESC no segundo semestre de 1998.

TABELA 41 – PERÍODO DE INGRESSO DOS FORMANDOS ENTREVISTADOS
NO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC

ANO/SEMESTRE	Nº DE ALUNOS		
	2002/1	2002/2	Total
1992/2	-	01	01
1993/1	01	-	01
1993/2	-	-	-
1994/1	-	-	-
1994/2	01	-	01
1995/1	-	-	-
1995/2	-	-	-
1996/1	01 ⁽¹⁾	-	01
1996/2	02	-	02
1997/1	02	-	02
1997/2	03	02	05
1998/1	-	07	07
TOTAL	10	10	20

FONTE: UDESC/CAV – Secretaria – Controle Acadêmico.

NOTA:

(1) Aluno transferido de outro curso.

TABELA 42 – DISCIPLINAS QUE OS FORMANDOS MAIS GOSTARAM DE
CURSAR

DISCIPLINA	Nº DE CITAÇÕES
Clínica médica	15
Doenças infecto-contagiosas	08
Fisiologia	08
Avicultura	06
Patologia aviária	05
Suinocultura	05
Anatomia patológica	04
Anestesiologia	04
Inspeção e tecnologia de produtos de origem animal	04
Anatomia	03
Bovinocultura de leite	03
Patologia e clínica cirúrgica	03
Técnica cirúrgica	03
Bioquímica	02
Farmacologia	02
Fisiopatologia da reprodução	02
Histologia	02
Bovinocultura de corte	01
Deontologia	01
Doenças parasitárias	01
Economia e administração rural	01
Ginecologia e obstetrícia	01
Imunologia	01
Microbiologia	01
Oftalmologia	01
Ovinocultura	01
Patologia saína	01
Radiologia	01
Sociologia e extensão rural	01
TOTAL	91

TABELA 43 – DISPOSIÇÃO DAS DISCIPLINAS CITADAS COMO AS PREFERIDAS PELOS FORMANDOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	51
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	04
Zootecnia e Produção Animal	18
TOTAL	73

NOTA: As disciplinas básicas tiveram 17 citações, enquanto que um entrevistado fez menção à deontologia.

TABELA 44 – MOTIVOS DA PREDILEÇÃO DOS FORMANDOS PELAS DISCIPLINAS CITADAS COMO PREFERIDAS

RAZÕES DA PREDILEÇÃO POR DETERMINADAS DISCIPLINAS	Nº DE CITAÇÕES
<i>Motivos relacionados ao próprio aluno</i>	
Pretensão de trabalhar na área	06
Contato prévio com a área	04
Identificação com a disciplina	03
Inclinação pela área	01
<i>Motivos ligados à disciplina</i>	
Método de ensino empregado na disciplina	07
Por abordar temas relacionados às doenças	04
Possibilidade de maior contato com a profissão	04
Pelo conteúdo da disciplina facilitar o aprendizado	03
Amplitude da disciplina	02
Importância para a aprendizagem de outras disciplinas	02
Pela importância para a atuação na profissão	01
Por abordar a saúde e o bem estar dos animais	01
TOTAL	38

TABELA 45 – CONTEÚDOS QUE MAIS FORAM ENFATIZADOS DURANTE O CURSO, NA OPINIÃO DOS FORMANDOS

DISCIPLINA/CONTEÚDO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica médica ⁽¹⁾	19
Produção animal	04
Anatomia patológica	03
Anatomia	01
Doenças infecto-contagiosas	01
Inspeção e tecnologia de produtos de origem animal	01
Matérias básicas	01
Semiologia	01
TOTAL	31

NOTA:

(1) Cinco alunos especificaram a clínica de pequenos animais, enquanto um indicou a clínica de grandes.

TABELA 46 – DISPOSIÇÃO DAS DISCIPLINAS MAIS ENFATIZADAS NA OPINIÃO DOS FORMANDOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	24
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	01
Zootecnia e Produção Animal	04
TOTAL	29

NOTA: As matérias básicas foram lembradas duas vezes pelos entrevistados.

TABELA 47 – CONTEÚDOS QUE RECEBERAM UM APROFUNDAMENTO EXCESSIVO DURANTE O CURSO, NA OPINIÃO DOS FORMANDOS

DISCIPLINA/CONHECIMENTOS	Nº DE CITAÇÕES
Anatomia patológica	07
Anatomia; não houve	05
Sociologia e extensão rural	03
Clínica médica/clínica de pequenos animais	02
Microbiologia	02
Parasitologia	02
Economia e administração rural	01
Estatística	01
Melhoramento genético	01
Química	01
Não respondeu	01
TOTAL	26

TABELA 48 – DISPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS CITADOS PELOS FORMANDOS COMO EXCESSIVAMENTE APROFUNDADOS DURANTE O CURSO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	11
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	-
Zootecnia e Produção Animal	05
TOTAL	16

NOTA: Nove entrevistados se referiram às disciplinas básicas (sendo cinco para anatomia, dois para microbiologia, um para estatística e um para química). Um aluno não respondeu à indagação.

TABELA 49 – CONHECIMENTOS CONSIDERADOS PELOS FORMANDOS COMO MAIS DEFICIENTES DENTRO DO CURSO

CONTEÚDOS	Nº DE CITAÇÕES
Análises clínicas	06
Animais silvestres	05
Administração em clínicas/gerenciamento	04
Semiologia	03
Cirurgia	02
Clínica de grandes animais	02
Equinocultura	02
Não houve	02
Anatomia	01
Anestesiologia	01
Apicultura	01
Bovinocultura de corte	01
Conhecimentos novos	01
Farmacologia	01
Genética	01
Piscicultura	01
Reprodução	01
Não especificou	01
TOTAL	36

TABELA 50 – DISPOSIÇÃO DOS CONHECIMENTOS CONSIDERADOS PELOS FORMANDOS COMO MAIS DEFICIENTES NO CURSO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	16
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	-
Zootecnia e Produção Animal	06
TOTAL	22

NOTA: Houve cinco citações para animais silvestres, quatro para administração de clínicas/gerenciamento, uma para anatomia, uma para conhecimentos novos. Dois alunos julgaram que não houve conhecimentos deficientes, enquanto um formando não especificou o tipo de conhecimento que teria deficiências no curso.

TABELA 51 – ATIVIDADES QUE OS FORMANDOS ACOMPANHARAM OU FIZERAM ESTÁGIO DURANTE O CURSO

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Clínica/clínica de pequenos animais	14
Bovinocultura de leite	07
Animais silvestres	05
Eqüinocultura	05
Inspeção e tecnologia de produtos de origem animal	05
Suinocultura	05
Cirurgia	04
Avicultura	03
Bovinocultura de corte; inseminação artificial; parasitologia	02
Inseminação artificial	02
Parasitologia	02
Anestesiologia	01
Doenças infecto-contagiosas	01
Extensão rural	01
Imunologia	01
Laboratório	01
Patologia aviária	01
Piscicultura	01
Reprodução animal	01
TOTAL	62

TABELA 52 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES QUE OS FORMANDOS ACOMPANHARAM DURANTE O CURSO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	25
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	05
Zootecnia e Produção Animal	26
TOTAL	56

NOTA: Cinco estudantes acompanharam atividades junto à área de animais silvestres e um na área básica.

TABELA 53 – ATIVIDADES ESCOLHIDAS PELOS FORMANDOS PARA REALIZAREM O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Inspeção e tecnologia de produtos de origem animal	05
Clínica e/ou cirurgia	04
Animais silvestres	03
Avicultura; diagnóstico laboratorial; reprodução animal	02
Diagnóstico laboratorial	02
Reprodução animal	02
Anestesiologia	01
Bovinocultura de leite	01
Comportamento animal	01
Dermatologia	01
Oftalmologia	01
Patologia	01
Suinocultura	01
TOTAL	25

TABELA 54 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES ESCOLHIDAS PELOS FORMANDOS PARA CURSAR ESTÁGIO OBRIGATÓRIO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	13
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	05
Zootecnia e Produção Animal	04
TOTAL	22⁽¹⁾

NOTAS: Três alunos vão estagiar na área de animais silvestres.

(1) Como é permitido ao aluno estagiar em mais de um local e em mais de uma área, o mesmo estudante poderá cumprir seu estágio obrigatório em campos distintos de atuação dentro da profissão.

TABELA 55 – ATIVIDADES CONSIDERADAS MAIS INTERESSANTES PELOS FORMANDOS DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Clínica médica; produção animal	10
Produção animal	10
Inspeção e tecnologia de produtos de origem animal	06
Animais silvestres	04
Cirurgia	03
Anestesia	02
Reprodução animal	02
Saúde pública	02
Zoonoses	02
Diagnóstico laboratorial	01
Eqüinocultura	01
Imunologia	01
Inseminação artificial	01
Microbiologia	01
Pesquisa	01
Medicina preventiva	01
Vigilância sanitária	01
TOTAL	49

TABELA 56 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES CONSIDERADAS MAIS INTERESSANTES PELOS FORMANDOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	18
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	12
Zootecnia e Produção Animal	12
TOTAL	42

NOTA: As disciplinas básicas foram mencionadas duas vezes, enquanto que a atividade relacionada a animais silvestres foi citada quatro vezes e a pesquisa uma vez.

TABELA 57 – ATIVIDADES CONSIDERADAS MAIS PROMISSORAS DENTRO DO MERCADO DE TRABALHO PELOS FORMANDOS

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Suinocultura	12
Avicultura	11
Produção animal	07
Inspeção e tecnologia de produtos de origem animal	06
Animais silvestres	02
Laboratório (diagnóstico)	02
Bovinocultura de corte	01
Bovinocultura de leite	01
Clínica	01
Ensino	01
Marketing	01
Medicina veterinária preventiva	01
Pesquisa	01
Representação comercial	01
Reprodução animal	01
TOTAL	49

TABELA 58 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES CONSIDERADAS MAIS PROMISSORAS NO MERCADO DE TRABALHO PELOS FORMANDOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	04
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	07
Zootecnia e Produção Animal	32
TOTAL	43

NOTA: Houve duas referências para a área de animais silvestres. As atividades de ensino, pesquisa, marketing e representação comercial tiveram uma indicação cada.

TABELA 59 – ATIVIDADES NAS QUAIS OS FORMANDOS PRETENDEM SE ESPECIALIZAR NA PROFISSÃO

ATIVIDADE	Nº DE ENTREVISTADOS QUE CITARAM
Clínica médica	04
Inspeção e tecnologia de produtos de origem animal	03
Animais silvestres; avicultura	02
Avicultura	02
Anestesiologia	01
Bovinocultura de leite	01
Patologia aviária	01
Produção animal	01
Reprodução animal	01
Não sabe	01
Gado de leite e reprodução animal	01
Inspeção e tecnologia de produtos de origem animal ou cirurgia	01
Produção de suínos ou patologia suína ou genética	01
TOTAL	20

TABELA 60 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES NAS QUAIS OS ENTREVISTADOS PRETENDEM SE ESPECIALIZAR DEPOIS DE FORMADOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica veterinária	07
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	03
Zootecnia e Produção Animal	04
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ou Clínica Veterinária	01
Zootecnia e Produção Animal ou Clínica Veterinária	01
Zootecnia e Produção Animal e Clínica Veterinária	01
TOTAL	17

NOTA: Dois alunos optaram por animais silvestres e um não soube responder à indagação.

TABELA 61 – PRINCIPAIS ATIVIDADES DO MÉDICO VETERINÁRIO EM MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA CITADAS PELOS FORMANDOS

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Controle de zoonoses	13
Educação em saúde	10
Inspeção e tecnologia de produtos de origem animal	03
Epidemiologia	02
Profilaxia de doenças	02
Vigilância sanitária	02
Defesa sanitária animal	01
Campanhas de vacinação	01
Educação ambiental	01
Extensão	01
Higiene	01
Trabalho em equipe de saúde	01
TOTAL	38

TABELA 62 – SUGESTÕES APRESENTADAS PELOS FORMANDOS EM RELAÇÃO AO ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA

SUGESTÕES	Nº DE CITAÇÕES
Ser lecionada em períodos anteriores do curso	12
Desdobramento em duas ou mais disciplinas	09
Aumento do número de aulas práticas	09
Aumento da carga horária destinada aos conteúdos pertinentes à área	07
Abordagem de conteúdos em outras disciplinas	01
Disponibilizar o acesso a bolsas em projetos de extensão	01
Sem sugestões	01
TOTAL	40

TABELA 66 – PROFESSORES DOS DEPARTAMENTOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC⁷⁵

DEPARTAMENTO	CLP ⁽¹⁾	MRF ⁽²⁾	MVT ⁽³⁾	ZOO ⁽⁴⁾	TOTAL
Professores colaboradores	02	02	01	01	04
Professores em pós-graduação	01	-	01	02	04
Professores em licença	01	01	01	01	04
Professores em atividade	17	13	08	08	48
TOTAL	21	16	11	12	60

FONTE: UDESC/Lages – Secretaria.

NOTAS:

(1) Departamento de Clínica e Patologia

(2) Departamento de Morfofisiologia

(3) Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia

(4) Departamento de Zootecnia

TABELA 67 – NÚMERO DE PROFESSORES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC SORTEADOS

DEPARTAMENTO	Nº DE SORTEADOS	Nº DE ENTREVISTADOS
CLP ⁽¹⁾	05	02
MRF ⁽²⁾	07	04
MVT ⁽³⁾	04	02
ZOO ⁽⁴⁾	04	02
TOTAL	20	10

FONTE: UDESC/Lages – Secretaria.

NOTAS:

(1) Departamento de Clínica e Patologia

(2) Departamento de Morfofisiologia

(3) Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Tecnologia

(4) Departamento de Zootecnia

⁷⁵ Dados fornecidos em 01 de agosto de 2001 pela secretaria do curso, quando foi efetuado o sorteio para as entrevistas.

TABELA 68 – ESTILOS DE PENSAMENTO NOS QUAIS OS PROFESSORES ENTREVISTADOS CONCLUÍRAM SEU GRAU MÁXIMO DE TITULAÇÃO ACADÊMICA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE ENTREVISTADOS
Clínica Veterinária	06
Medicina Veterinária	-
Preventiva e Saúde Pública	
Zootecnia e Produção	05
Animal	
Clínica Veterinária +	04
Medicina Veterinária	
Preventiva e Saúde	
Pública ⁽¹⁾	
TOTAL	15

NOTAS: Quatro entrevistados fizeram pós-graduação na área básica.

(1) Estilo misto composto pela variedade de CV mesclada com MVPSP.

TABELA 69 – DEFICIÊNCIAS APONTADAS PELOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC

ÁREAS QUE APRESENTARIAM DEFICIÊNCIAS	Nº DE CITAÇÕES
Produção animal	05
Prática em grandes animais	03
Administração/gerenciamento	03
Problemas com o currículo (deficiências para o mercado moderno)	02
Extensão rural	01
Economia	01
Relações humanas	01
Visão do campo de trabalho do profissional	01
TOTAL	17

TABELA 70 – CONTEÚDOS NÃO ABORDADOS OU ABORDADOS DE MANEIRA INSUFICIENTE PELO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC, DE ACORDO COM OS PROFESSORES

CONTEÚDOS	Nº DE CITAÇÕES
Produção animal	02
Conhecimentos novos	02
Profilaxia/prevenção	02
Administração e recursos humanos	01
Administração e marketing em clínicas	01
Análises clínicas	01
Animais silvestres	01
Associação entre os conteúdos das disciplinas	01
Avicultura	01
Comportamento animal	01
Doenças infecto-contagiosas	01
Ecologia	01
Economia rural	01
Estatística experimental	01
Ética	01
Grandes animais (produção, clínica e reprodução)	01
Inglês	01
Informática	01
Manejo	01
Melhoramento animal	01
Neurologia clínica	01
Parte prática em geral	01
Parte prática em grandes animais	01
Piscicultura	01
Relações humanas	01
Sanidade animal	01
Saúde pública	01
Sociologia e extensão rural	01
Suinocultura	01
TOTAL	32

TABELA 71 – DISPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS CITADOS COMO INSUFICIENTES NO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC PELOS PROFESSORES, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	04
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	05
Zootecnia e Produção Animal	10
TOTAL	19

NOTA: Houve 12 referências para atividades não enquadradas nos campos de atuação da profissão e uma para a área básica.

TABELA 72 – CONTEÚDOS ABORDADOS DE FORMA EXCESSIVA PELO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC, NA OPINIÃO DOS PROFESSORES

CONHECIMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Anatomia	06
Clínica	04
Anatomia patológica	03
Sociologia	02
Bioquímica	01
Microbiologia	01
Zootecnia	01
TOTAL	18

TABELA 73 – DISPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS ABORDADOS DE FORMA EXCESSIVA PELO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UDESC NA OPINIÃO DOS PROFESSORES, DENTRO DOS CAMPOS DE ATUAÇÃO DA MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	07
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	-
Zootecnia e Produção Animal	03
TOTAL	10

NOTA: A área básica foi citada **oito** vezes.

TABELA 74 – IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA PELOS PROFESSORES

ÁREA CITADA	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária ⁽¹⁾	17
Zootecnia e Produção Animal ⁽²⁾	13
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ⁽³⁾	08
Reprodução	06
Fisiopatologia da reprodução	06
Matérias básicas/ ciências básicas	04
Diagnóstico laboratorial	03
Inspeção de produtos de origem animal	03
Animais silvestres	02
Meio ambiente	02
Avicultura e suinocultura	01
Comportamento animal	01
Epidemiologia	01
Estudo de plantas	01
Genética	01
Gado de corte	01
Parasitologia e doenças parasitárias	01
Especialidades da medicina humana	01
TOTAL	72

Notas:

- (1) Citada como: clínica; clínica de grandes e pequenos animais; clínica médica; clínica de pequenos animais; clínica, cirurgia e patologia; clínica e cirurgia; medicina veterinária.
 (2) Citada como: produção animal; medicina por espécie animal; medicina rural.
 (3) Citada como: saúde pública; saúde pública e inspeção; medicina veterinária preventiva incluindo doenças infecto-contagiosas, parasitologia e saúde pública; tecnologia de alimentos e sanidade animal; saúde.

TABELA 75 – ÁREAS QUE MAIS SE DESTACAM NA PROFISSÃO, SEGUNDO OS PROFESSORES

ÁREAS	Nº DE CITAÇÕES
Produção	09
Clínica	07
Não respondeu	03
Saúde pública	03
Avicultura	02
Suinocultura	02
Inspeção	02
Reprodução	02
Engenharia genética	01
Epidemiologia	01
Extensão rural	01
Melhoramento animal	01
Parasitologia e doenças parasitárias	01
Patologia (incluindo clínica, cirurgia e anestesia)	01
Representante de laboratório para venda de medicamentos	01
Sanidade	01
Tecnologia de alimentos	01
TOTAL	39

TABELA 76 – DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS QUE MAIS SE DESTACAM NA PROFISSÃO CONFORME OS PROFESSORES, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	12
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	08
Zootecnia e Produção Animal	16
TOTAL	36

NOTA: Três entrevistados não responderam.

TABELA 77 – ATIVIDADES MAIS PROMISSORAS COMO OPORTUNIDADE DE TRABALHO DENTRO DA PROFISSÃO, DE ACORDO COM OS PROFESSORES

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Produção animal/zootecnia	08
Saúde pública	07
Clínica e cirurgia de pequenos animais/clínica	04
Inspeção de produtos de origem animal	04
Atividade em empresas públicas	02
Administração rural	02
Avicultura	02
Genética/engenharia genética	02
Reprodução animal	02
Sanidade/sanitarismo	02
Suinocultura	02
Tecnologia de alimentos	02
Agroindústria	01
Diagnóstico de doenças	01
Epidemiologia	01
Eqüinocultura	01
Extensão rural	01
Gado de leite	01
Gerenciamento agropecuário	01
Meio ambiente	01
Piscicultura	01
Representante de laboratório	01
Trabalho em cooperativa	01
TOTAL	50

TABELA 78 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES MAIS PROMISSORAS COMO OPORTUNIDADE DE TRABALHO NA OPINIÃO DOS PROFESSORES, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	08
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	17
Zootecnia e Produção Animal	23
TOTAL	48

NOTA: Houve duas citações para o trabalho em empresas públicas.

TABELA 79 – CONHECIMENTOS QUE OS PROFESSORES CONSIDERAM IMPORTANTES PARA O MÉDICO VETERINÁRIO

TIPO DE CONHECIMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Conhecimento geral nas diversas áreas da Medicina Veterinária	07
Cultura geral	05
Relacionamento interpessoal	05
Conhecimentos nas matérias básicas	04
Informática	04
Língua estrangeira/inglês	03
Capacidade de auto-aprendizado	01
Conhecimento sobre doenças	01
Conhecimento técnico (prático)	01
Legislação sanitária e ambiental	01
Manejo	01
Nutrição animal	01
Prevenção	01
Produção animal	01
Reprodução animal	01
Saber interpretar resultados de pesquisa	01
Não soube responder	01
TOTAL	39

TABELA 80 – ATIVIDADES DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA ABORDADAS NOS CONTEÚDOS MINISTRADOS PELOS PROFESSORES

TIPO DE ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Clínica	09
Anatomia patológica	03
Cirurgia	03
Produção animal	02
Reprodução animal	02
Diagnóstico de doenças	01
Melhoramento animal	01
Prevenção	01
TOTAL	22

TABELA 81 – DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES ABORDADAS PELOS PROFESSORES DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	18
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	01
Zootecnia e Produção Animal	03
TOTAL	22

TABELA 82 – ATIVIDADES DO MÉDICO VETERINÁRIO EM MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA LEMBRADAS PELOS PROFESSORES

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Controle de zoonoses	07
Profilaxia de doenças/prevenção	06
Educação em saúde	05
Inspeção de produtos de origem animal	05
Saneamento do meio	05
Vigilância sanitária	04
Atuação em equipe multiprofissional	02
Qualidade dos produtos de origem animal/segurança alimentar	02
Conhecimentos sobre doenças	01
Higiene	01
Meio ambiente	01
Total	39

TABELA 83 – SUGESTÕES APRESENTADAS PELOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA

SUGESTÕES	Nº DE CITAÇÕES
Conteúdos serem ministrados em períodos anteriores	04
Promoção de palestras e seminários para os alunos durante o curso	02
Trabalhar em intercâmbio com outras disciplinas	02
Criação de disciplina eletiva	01
Total	09

TABELA 84 – SUGESTÕES DOS PROFESSORES QUANTO À DISCIPLINA DE MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA

SUGESTÕES	Nº DE CITAÇÕES
Aumento da carga horária da disciplina	03
Melhoria das aulas práticas	03
Criação de disciplina eletiva	01
Implementar programa de bolsa de pesquisa para dar motivação	01
Mostrar opções de atuação do médico veterinário em saúde pública	01
Trabalhar com planejamento sanitário	01
Total	10

TABELA 85 – MÉDICOS VETERINÁRIOS INSCRITOS NA ASSESSORIA DA DELEGACIA REGIONAL DE LAGES DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA DE SANTA CATARINA – 2001⁽¹⁾

MUNICÍPIO	Nº DE MÉDICOS VETERINÁRIOS	PERCENTAGEM (%)
Abdon Batista	01	0,52
Anita Garibaldi	02	1,05
Bocaina do Sul	00	0,00
Bom Jardim da Serra	02	1,05
Bom Retiro	04	2,09
Campo Belo do Sul	03	1,57
Capão Alto	00	0,00
Celso Ramos	01	0,52
Cerro Negro	00	0,00
Correia Pinto	01	0,52
Curitibanos	13	6,81
Frei Rogério	00	0,00
Lages	138	72,25
Otacílio Costa	02	1,05
Painel	00	0,00
Palmeira	00	0,00
Ponte Alta	05	2,62
Ponte Alta do Norte	00	0,00
Rio Rufino	02	1,05
São Cristóvão do Sul	00	0,00
São Joaquim	10	5,23
São José do Cerrito	02	1,05
Urubici	03	1,57
Urupema	02	1,05
TOTAL	191	100,00

NOTA:

(1) Na listagem fornecida pelo Conselho Regional de Medicina Veterinária de Santa Catarina no segundo semestre de 2001 havia 193 nomes, porém dois profissionais são zootecnistas e, portanto, foram excluídos da relação.

TABELA 86 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES DOS MÉDICOS VETERINÁRIOS DE LAGES NOS ESTILOS E PENSAMENTO NA MEDICINA VETERINÁRIA – 2001

ESTILO DE PENSAMENTO/ PRINCIPAL ATIVIDADE DESEMPENHADA	TOTAL
<i>Clínica Veterinária</i>	57
Clínica e cirurgia	23
Venda de produtos veterinários + assistência técnica	04
Representante de laboratório	06
Sindicato rural	02
Docente da UDESC	22
<i>Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública</i>	35
CIDASC	20
Prefeitura Municipal em convênio com a CIDASC	03
Vigilância sanitária e epidemiológica (Prefeitura Municipal)	03
Inspeção de produtos de origem animal	03
Outros	02
Docente da UDESC	04
<i>Zootecnia e Produção Animal</i>	38
Epagri	11
Agroindústria	08
Produtor rural	08
Outros	03
Docente da UDESC	08
<i>Clínica Veterinária + Zootecnia e Produção Animal</i>	06
Clínica + Extensão rural (Prefeitura Municipal)	06
Outros estilos mistos	04
Área básica	05
Docente da UDESC	05
Atuação fora da Medicina Veterinária	21
Trabalha fora da Região Serrana	16
Não encontrado/Atividade ignorada	06
TOTAL	191

NOTA: Os dados da tabela estão sujeitos a erros porque foi elaborada baseada nas informações fornecidas por colegas da área. O Conselho Regional de Medicina Veterinária de Santa Catarina não dispõe de informações sobre as atividades desempenhadas pelos médicos veterinários.

TABELA 87 – MÉDICOS VETERINÁRIOS QUE FORAM SORTEADOS E SUBMETIDOS À ENTREVISTA

ESTILO DE PENSAMENTO/ PRINCIPAL ATIVIDADE DESEMPENHADA	TOTAL	SORTEADOS
<i>Clínica Veterinária</i>	28	07
Clínica e cirurgia	16	04
Venda de produtos veterinários + assistência técnica	04	01
Representante de laboratório	06	01
Sindicato rural	02	01
<i>Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública</i>	31	06
CIDASC	20	05
Prefeitura Municipal em convênio com a CIDASC	03	-
Vigilância sanitária e epidemiológica (Prefeitura Municipal)	03	01
Inspeção de produtos de origem animal	03	-
Outros	02	-
<i>Zootecnia e Produção Animal</i>	28	05
Epagri	11	02
Agroindústria	07	01
Produtor rural	07	01
Outros	03	01
<i>Clínica Veterinária + Zootecnia e Produção Animal</i>	05	01
Clínica + Extensão rural (Prefeitura Municipal)	05	01
Estilo misto (Clínica Veterinária+Zootecnia e Produção Animal) ⁽¹⁾	03	00
Atuação fora da Medicina Veterinária	13	02
TOTAL	108	20

NOTAS: Dentro do estilo de pensamento de Clínica Veterinária um profissional não foi encontrado e outro se recusou a conceder entrevista. No estilo de Zootecnia e Produção Animal um médico veterinário não foi encontrado. Todos foram substituídos por outros sorteados pertencentes ao mesmo estilo de pensamento.

Os dados da tabela estão sujeitos a erros conforme nota explicativa da tabela 86 deste apêndice.

(1) Os entrevistados exercem atividades no setor de clínica e possuem propriedade rural.

TABELA 88 – ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO FREQUENTADOS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS

ÁREA	Nº DE ENTREVISTADOS
Sanidade animal	05
Clínica e cirurgia	01
Defesa Sanitária Animal	01
Desenvolvimento Rural Sustentável	01
Nutrição em bovinos de leite	01
Transferência de embriões	01
Zootecnia	01
TOTAL	11⁽¹⁾

NOTA:

(1) Dois entrevistados concluíram mais de um curso de especialização.

TABELA 89 – DISPOSIÇÃO DAS ÁREAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DOS VETERINÁRIOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CURSOS FREQUENTADOS NA ÁREA
Clínica Veterinária	01
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	01
Zootecnia e Produção Animal	04
Clínica Veterinária + Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública ⁽¹⁾	05
TOTAL	11⁽²⁾

NOTAS:

(1) O curso frequentado foi especialização em Sanidade Animal, constituído por um grande número de matérias ligadas à CV e apenas algumas à MVPSP.

(2) Dois entrevistados concluíram mais do que um curso de especialização.

TABELA 90 – ATIVIDADES EXERCIDAS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS

ATIVIDADE	Nº DE ENTREVISTADOS
Casa agropecuária + clínica	02
Clínica de pequenos e/ou grandes animais	02
Defesa sanitária animal	02
Defesa sanitária animal + clínica	02
Assistência e promoção técnica de produtos veterinários	01
Atividade empresarial (fora da Medicina Veterinária)	01
Atividade empresarial (fora da veterinária) + propriedade rural	01
Defesa sanitária animal + saúde pública	01
Ensino de matérias básicas + clínica de pequenos animais	01
Extensão rural	01
Extensão rural/Desenvolvimento sustentável	01
Extensão rural + clínica	01
Produção animal (Agroindústria)	01
Reprodução animal (biotecnologia da reprodução animal)	01
Saúde pública	01
Sistema de produção de bovinos + forragicultura	01
TOTAL	20

TABELA 91 – DISPOSIÇÃO DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES EXERCIDAS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE ENTREVISTADOS
Clínica Veterinária	05
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	04
Zootecnia e Produção Animal	05
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública + Clínica Veterinária	02
Zootecnia e Produção Animal + Clínica Veterinária	01
Outros estilos (Clínica Veterinária + ensino de matérias básicas)	01
Atuação fora da Medicina Veterinária	02
TOTAL	20

TABELA 92 – ATIVIDADES MAIS ENFATIZADAS NO CURSO FREQUENTADO PELO MÉDICO VETERINÁRIO

ÁREA	Nº DE CITAÇÕES
Clínica	14
Cirurgia	03
Zootecnia	03
Reprodução animal	03
Doenças infecto-contagiosas	02
Farmacologia	02
Patologia	02
Anatomia	01
Bioquímica	01
Doenças parasitárias	01
Eqüinocultura	01
Medicina preventiva	01
Melhoramento animal	01
Microbiologia	01
Não lembra	01
Não houve ênfase em uma área especificamente	01
TOTAL	38

TABELA 93 – DISPOSIÇÃO DAS ÁREAS MAIS ENFATIZADAS QUANDO O VETERINÁRIO FREQUENTOU A GRADUAÇÃO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	27
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	01
Zootecnia e Produção Animal	05
TOTAL	33

NOTA: A área básica foi mencionada três vezes, um entrevistado disse que não se lembrava e outro afirmou não ter havido ênfase em uma área especificamente.

TABELA 94 – CONTEÚDOS QUE PODERIAM TER SIDO MAIS APROFUNDADOS NO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA FREQUENTADO PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS

ÁREA	Nº DE CITAÇÕES
Clínica	04
Cirurgia	03
Equinocultura	02
Informática	02
Administração rural	01
Agronegócio	01
Agrostologia	01
Anestesiologia	01
Avicultura	01
Cenário político	01
Comportamento animal	01
Comunicação	01
Diagnóstico laboratorial	01
Doenças de baixa ocorrência na época	01
Economia e administração rural	01
Estatística experimental	01
Extensão rural	01
Gado de corte	01
Gado leiteiro	01
Inspeção de produtos de origem animal	01
Marketing do profissional	01
Mercado de trabalho	01
Nutrição animal	01
Prática	01
Odontologia veterinária	01
Piscicultura	01
Segurança alimentar	01
Toxicologia e plantas tóxicas	01
Vigilância sanitária	01
Zoonoses	01
Não houve	01
TOTAL	38

TABELA 95 – DISPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS QUE PODERIAM TER SIDO MAIS APROFUNDADOS NO CURSO FREQUENTADO PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILOS DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	13
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	04
Zootecnia e Produção Animal	12
Total	29

NOTAS: Houve uma citação para as disciplinas básicas e oito referências para outros itens.

Um entrevistado afirmou que não houve conteúdos pouco aprofundados no curso que frequentou.

TABELA 96 – CONHECIMENTOS QUE RECEBERAM UM APROFUNDAMENTO EXCESSIVO DURANTE O CURSO FREQUENTADO PELOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS

CONHECIMENTOS	Nº DE CITAÇÕES
Não houve	07
Clínica	03
Cirurgia	02
Estatística	02
Não lembra	02
Bioquímica	01
Doenças de baixa ocorrência	01
Educação física	01
Farmacologia	01
Fisiologia	01
Manejo de grandes animais	01
Metodologia científica	01
Parasitologia	01
Reprodução	01
Não respondeu	01
TOTAL	26

TABELA 97 – DISPOSIÇÃO DOS CONHECIMENTOS QUE RECEBERAM UM APROFUNDAMENTO EXCESSIVO DURANTE O CURSO FREQUENTADO PELOS VETERINÁRIOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	09
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	-
Zootecnia e Produção Animal	01
TOTAL	10

NOTAS: Houve quatro citações para as disciplinas básicas e duas para outros conhecimentos (educação física e metodologia científica).

Sete entrevistados afirmaram que não houve conteúdos abordados de forma excessiva, dois não lembram e um não respondeu.

TABELA 98 – CLASSIFICAÇÃO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA, CONFORME OS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS

ÁREAS CITADAS	Nº DE CITAÇÕES
Clínica ⁽¹⁾	19
Inspeção de produtos de origem animal	05
Medicina preventiva	04
Produção animal	04
Suinocultura	04
Avicultura	03
Eqüinocultura	03
Laboratório de diagnóstico	03
Alimentação/nutrição animal	02
Animais silvestres	02
Bovinocultura	02
Cirurgia	02
Defesa sanitária animal	02
Grandes animais	02
Reprodução animal	02
Saúde pública	02
Administração rural	01
Administração rural e nutrição	01
Bovinocultura e suinocultura	01
Matérias básicas	01
Doenças infecto-contagiosas	01
Ecoturismo	01
Educação sanitária	01
Extensão rural	01
Patologia	01
Piscicultura	01
Representante de laboratório (venda de produtos)	01
Reprodução animal	01
Ruminantes	01
Vigilância sanitária	01
Zoonoses	01
Zootecnia	01
Não sabe	01
TOTAL	78

NOTA:

(1) Citada como clínica, clínica de pequenos animais; clínica e patologia; clínica de grandes e pequenos animais; clínica e cirurgia.

TABELA 99 – ATIVIDADES QUE OFERECEM MELHORES OPORTUNIDADES DE TRABALHO, DE ACORDO COM OS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Clínica de pequenos animais	06
Avicultura	03
Produção animal	03
Suinocultura	03
Inspeção e tecnologia de produtos de origem animal	02
Transferência de embriões	02
Administração rural	01
Agroindústria	01
Biotecnologia da reprodução	01
Bovinocultura	01
Bovinocultura de leite	01
Cirurgia	01
Defesa sanitária animal	01
Doenças infecto-contagiosas	01
Eqüinocultura	01
Inseminação artificial	01
Marketing	01
Nutrição animal	01
Pecuária	01
Reprodução animal	01
Serviço público (municipalização da saúde)	01
Representação comercial (venda de produtos veterinários)	01
Não respondeu diretamente a questão	05
TOTAL	40

TABELA 100 – DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES QUE OFERECEM MELHORES OPORTUNIDADES DE TRABALHO SEGUNDO OS MÉDICOS VETERINÁRIOS, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	10
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	04
Zootecnia e Produção Animal	20
TOTAL	34

NOTA: Cinco entrevistados não souberam responder ao questionamento e um citou a parte de marketing.

TABELA 101 – CONHECIMENTOS QUE OS MÉDICOS VETERINÁRIOS JULGAM SER IMPORTANTES PARA O PROFISSIONAL

TIPO DE CONHECIMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Cultura geral	07
Conhecimentos gerais na profissão	03
Administração rural	02
Agrostologia	02
Conhecimentos atualizados em Medicina Veterinária	02
Extensão rural/sociologia rural	02
Habilidade em dialogar com o produtor rural/comunidade	02
Informática	02
Língua estrangeira (inglês/espanhol)	02
Política agrícola/política agrária	02
Zootecnia e produção animal	02
Agronegócio	01
Anatomia	01
Bioquímica	01
Clínica	01
Comportamento animal	01
Economia rural	01
Filosofia	01
Fisiologia	01
Inspeção de alimentos	01
Manejo de animais	01
Matérias básicas	01
Medicina preventiva	01
Nutrição	01
Patologia	01
Planejamento	01
Política	01
Saúde pública	01
Semiologia	01
TOTAL	46

TABELA 102 – DISPOSIÇÃO DOS CONHECIMENTOS QUE OS MÉDICOS VETERINÁRIOS JULGAM SER IMPORTANTES PARA O PROFISSIONAL, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILO DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	04
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	04
Zootecnia e Produção Animal	14
TOTAL	22

NOTA: As disciplinas básicas receberam quatro citações, enquanto que outros tipos de conhecimento foram mencionados vinte vezes.

TABELA 103 – CONHECIMENTOS CONSIDERADOS IMPORTANTES DENTRO DO ESTILO DE PENSAMENTO DO MÉDICO VETERINÁRIO ENTREVISTADO

TIPO DE CONHECIMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica	03
Doenças infecto-contagiosas	03
Reprodução animal	03
Sociologia rural	03
Anatomia	02
Economia rural	02
Melhoramento animal	02
Patologia	02
Relações humanas	02
Zoonoses	02
Biologia	01
Comportamento animal	01
Conhecimentos atualizados em produção animal	01
Cultura geral	01
Defesa sanitária animal	01
Doenças parasitárias	01
Educação em saúde	01
Fisiologia	01
Genética	01
Imunologia	01
Informática	01
Inspeção de alimentos	01
Língua estrangeira	01
Manejo em bovinos de corte	01
Manejo em bovinos de leite	01
Manejo sanitário	01
Microbiologia	01
Nutrição animal	01
Planejamento	01
Sanidade animal	01
Saúde pública	01
Semiologia	01
Terapêutica	01
Zootecnia	01
Não respondeu	01
TOTAL	49

TABELA 104 – DISPOSIÇÃO DOS CONHECIMENTOS CONSIDERADOS IMPORTANTES NO ESTILO DE PENSAMENTO DO MÉDICO VETERINÁRIO ENTREVISTADO, DENTRO DOS ESTILOS DE PENSAMENTO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ESTILOS DE PENSAMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Clínica Veterinária	15
Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	08
Zootecnia e Produção Animal	14
TOTAL	37

NOTA: As disciplinas básicas foram lembradas seis vezes, outros conhecimentos foram citados cinco vezes e um entrevistado não respondeu.

TABELA 105 – CONHECIMENTOS DE MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA UTILIZADOS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS

TIPO DE CONHECIMENTO	Nº DE CITAÇÕES
Zoonoses	14
Educação em saúde	09
Meio ambiente (saneamento do meio)	03
Medidas preventivas	03
Resíduos de medicamentos nos alimentos	02
Contaminação dos alimentos	01
Epidemiologia das doenças	01
TOTAL	33

TABELA 106 – ATIVIDADES QUE PODEM SER DESEMPENHADAS PELO VETERINÁRIO EM MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA, DE ACORDO COM OS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS

ATIVIDADE	Nº DE CITAÇÕES
Educação em saúde (orientação da população)	10
Inspeção de produtos de origem animal	10
Controle de zoonoses	06
Prevenção de doenças	04
Vigilância sanitária	03
Defesa sanitária animal	01
Agroecologia	01
Resíduos químicos em produtos de origem animal	01
Saneamento do meio (destino de resíduos sólidos)	01
Saneamento do meio (controle de artrópodes)	01
Vacinação	01
TOTAL	39

TABELA 107 – SUGESTÕES APRESENTADAS PELOS MÉDICOS VETERINÁRIOS ENTREVISTADOS EM RELAÇÃO AO ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA

SUGESTÕES	Nº DE CITAÇÕES
Proporcionar aos estudantes contato com a realidade de saúde da comunidade	06
Aumentar a carga horária destinada aos conteúdos/disciplinas da área	05
Aumentar o número de aulas práticas	04
Conteúdos/disciplinas serem ministrados em períodos intermediários do curso	03
Conteúdos/disciplinas comecem a ser ministrados no início do curso	02
Trabalho conjunto com conteúdos de outras áreas	02
Área de MVPSP ser mais enfatizada durante o curso	01
Desenvolvimento de trabalho conjunto com o setor de saúde estadual e municipal	01
Elaboração de projetos na área da saúde pelos alunos	01
Enfatizar conteúdos de educação em saúde	01
Oportunizar aos alunos trabalharem na forma de projetos com a comunidade	01
Realização de seminários sobre o tema dentro do curso	01
Subdivisão m disciplinas que tratem de tópicos específicos de MVPSP	01
Sem sugestões	03
TOTAL	32

ANEXO 22

PROVAS DE REDAÇÃO DO VESTIBULAR VOCACIONADO UDESC PARA O CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

– PRIMEIRO SEMESTRE DE 1999

Com base no trecho da música abaixo, elabore uma **DISSERTAÇÃO**, enfocando o papel do médico veterinário com a questão do meio ambiente.

"Não

Eu não consigo entender

Não

Eu não consigo compreender

Como podem os animais

Manter o equilíbrio ecológico do Planeta Terra

Se eles são simplesmente

Iracionais...

Irracionais..."

(JOM)

– SEGUNDO SEMESTRE DE 1999

Com base no texto abaixo, elabore uma **dissertação**.

A partir do anúncio abaixo, muito comum em jornais, elabore uma dissertação, enfocando o mercado de trabalho para o médico veterinário nos dias de hoje.

"Médico veterinário graduado por renomada Universidade, ofereço-me para trabalhar em qualquer parte do Brasil. Além de boas referências, tenho vários cursos técnicos, como: administração rural, manejo de pastagens, manejo e sanidade animal, reprodução e clínica de pequenos animais e outros. Meu endereço é..."

– **SEGUNDO SEMESTRE DE 2000**

Com base no texto a seguir, elabore uma **dissertação**.

O Médico Veterinário é responsável pelas transformações pelas quais passa a pesquisa, o uso sustentado do meio ambiente, a produção animal e a oferta de alimentos saudáveis.

– **PRIMEIRO SEMESTRE DE 2001**

Com base no texto a seguir, elabore uma **dissertação**.

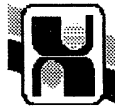
A sanidade é um fator fundamental na produção pecuária. Ela também é importante para o país conquistar novos mercados pois, atualmente, com os acordos de livre comércio, as barreiras não são mais tarifárias, mas sanitárias. A notificação de casos de aftosa no Sul, zona livre da doença, alerta para o fato de que a fiscalização deve ser constante. O vírus está muito presente e próximo e não se pode baixar a guarda em relação a ele.

– **SEGUNDO SEMESTRE DE 2001**

A partir do tema abaixo, elabore uma dissertação.

O papel do médico veterinário no controle e no combate de doenças animais.

ANEXO 23



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS - CAV
Secretaria Geral - CAV - Ramais 210 e 214
Av. Luiz de Camões, 2090 - CP 281 - CEP 88520-000 - ☎ (0492) 25-2866 Fax: (0492) 25-3401 - LAGES - SC

Ilmo(a). Sr(a).
Prof(a). **AURY NUNES DE MORAES**

Of. Circular 019/96 - CMV

Lages, 11/03/96.

Prezado Professor,

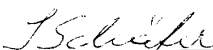
Pelo presente estamos enviando o relatório preliminar elaborado pela Comissão de Estudos para a Reforma Curricular do Curso de Medicina Veterinária, no qual constam as disciplinas que por sugestão da Comissão poderão ter suas cargas horárias reduzidas, ampliadas ou suprimidas (extinção de disciplinas).

Outrossim, informamos que solicitamos aos chefes dos diversos departamentos, para que colham subsídios de seus pares e auxiliem na continuidade dos estudos de aprimoramento curricular e que, aguardamos um pronunciamento dos departamentos até o dia 15/04/96.

Em anexo estamos encaminhando o relatório da Comissão e cópias de currículos de outras Faculdades de Medicina Veterinária.

Sendo o que tínhamos para o momento, aguardamos sua real e efetiva participação.

Respeitosamente,


Ingelore Schäfer
Coord. Col. Curso de Med. Veterinária

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA-UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS-CAV
COMISSÃO DE ESTUDOS PARA A REFORMA CURRICULAR**

Lages, 02 de Dezembro de 1.995

Senhora coordenadora :

A Comissão reuniu-se para analisar e avaliar várias grades curriculares de Universidades Brasileiras que adotam o sistema seriado, em seguida confrontou com a grade adotada no curso de Med. Veterinária do CAV, e entendeu que existem amplas possibilidades de alterações, sem contudo, implicar em algum tipo de prejuízo .
Assim sendo, a comissão optou em dividir da seguinte forma, quanto aos destinos das disciplinas:

- 1. SUPRESSÃO ou INCORPORAÇÃO À OUTRAS DISCIPLINAS.**
- 2. REDUÇÃO DA CARGA HORÁRIA.**
- 3. AUMENTO DA CARGA HORÁRIA.**

• **CADEIRAS QUE PODERÃO SER SUPRIMIDAS:**

- 1.1. Estudo da Realidade Brasileira.
- 1.2. Química Geral e Inorgânica.
- 1.3. Português

CADEIRAS QUE PODERÃO TER SUAS CARGAS HORÁRIAS REDUZIDAS:

- 2.1. Anatomia
- 2.2. Histologia / embriologia
- 2.3. Bioquímica
- 2.4. Microbiologia / Micologia / virologia
- 2.5. Sociologia
- 2.6. Anatomia Patológica
- 2.7. Farmacologia
- 2.8. Semiologia
- 2.9. Clínica Médica
- 2.10. Genética
- 2.11. Doenças Infecto-Contagiosas

• **CADEIRAS QUE PODERÃO TER SUAS CARGAS HORÁRIAS AUMENTADAS:**

- 3.1. Medicina Preventiva e Saúde Pública
- 3.2. Fisiologia
- 3.3. Administração e Economia Rural



A comissão não pretendeu com esse estudo e levantamento de dados preliminares esgotar o assunto, ou torná-los definitivos, nem tampouco fazer prevalecer a vontade daqueles que a compõem, mas sim, contribuir para o início das discussões no que diz respeito a possíveis alterações de cargas horárias e/ou disciplinas, sempre baseadas no princípio de que, trazendo dados, e ouvindo as partes interessadas, poderemos corrigir algumas distorções que todos sabemos existirem, e que vem dificultando a vida escolar de acadêmicos, professores e dirigentes.

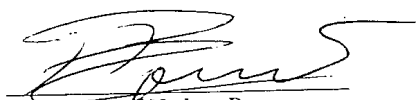
Vale lembrar, que a comissão, se propõe através de seu presidente, ou na impossibilidade deste, qualquer um de seus membros, apresentar outros dados, caso parem dúvidas ou questionamentos sobre as propostas aqui sugeridas.

Também é oportuno lembrar que as discordâncias, ou alterações que não estão aqui contempladas, poderão, após as discussões nos departamentos, retornarem a comissão para que esta se pronuncie, e encaminhe ao colegiado

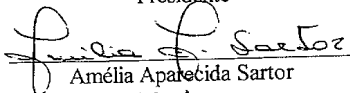
Esperando ter contribuído de alguma forma para este passo inicial, queremos manifestar nossa disposição de continuar colaborando com esse colegiado, e dizer, que estaremos trabalhando neste processo sempre desprovidos de interesses pessoais, quer prejudicando ou acobertando pessoas, e /ou disciplinas.

Atenciosamente

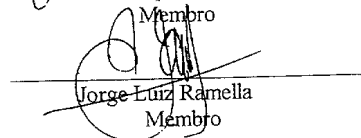
A comissão



Hernani Nerbass Borges
Presidente



Amélia Aparecida Sartor
Membro



Jorge Luiz Ramella
Membro